

CLARA MIGUEL ASPERTI

BILAC E A REURBANIZAÇÃO DO RIO DE JANEIRO:

Estudo da “Crônica” dominical da Gazeta de Notícias (1897-1908)

Volume I

ASSIS

2007

CLARA MIGUEL ASPERTI

BILAC E A REURBANIZAÇÃO DO RIO DE JANEIRO:

Estudo da “Crônica” dominical da Gazeta de Notícias (1897-1908)

Volume I

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social.

Orientador: Dr. Alvaro Santos Simões Jr.

ASSIS

2007

TERMO DE APROVAÇÃO

CLARA MIGUEL ASPERTI

BILAC E A REURBANIZAÇÃO DO RIO DE JANEIRO: *ESTUDO DA “CRÔNICA” DOMINICAL DA GAZETA DE NOTÍCIAS (1897-1908)*

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Dr. Alvaro Santos Simões Jr.
Departamento de Literatura Brasileira,
UNESP-Assis.

Dr. Luiz Roberto Velloso Cairo
Departamento de Literatura
Brasileira, UNESP – Assis.

Dr. Luiz Carlos Santos Simon
Departamento de Literatura
Brasileira, UEL – Londrina.

Assis, 2 de fevereiro de 2007.

Ao meu esposo Lucas,
Ombro que ampara minhas alegrias e
minhas angústias, e com quem para
sempre dividirei minha vida...
Para você, por seu amor sem limites...

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, ao meu orientador, Dr. Alvaro Santos Simões Jr., por sua orientação coerente, constante e fundamental; um exemplo a ser seguido.

Aos meus pais, Dante e Cristina Asperti, pelo apoio e pelo amor de sempre e por me ensinarem que o estudo sempre será o melhor caminho a trilhar. Faltam palavras para explicar todo o meu amor por vocês.

Ao meu querido irmão, Dr. Pedro Asperti, que mesmo de longe, torceu pelo meu sucesso (e eu pelo dele).

Ao Lucas Nogueira, pelo seu constante incentivo e compreensão pelos meus momentos de ausência, de fraqueza, de impaciência e de tensão.

Aos meus sogros, professores Lázaro e Márcia Nogueira, pelas incontáveis vezes que me acolheram em seu lar, fazendo dele o meu.

À Kátia e Juliana, ombros amigos nos quais me amparava nas incertezas e dificuldades do caminho.

Aos professores Dr. Luiz Roberto Velloso Cairo e Dra. Maria Lídia Lichtscheidl Maretti, pelas leituras críticas durante o Exame de Qualificação.

Aos amigos e familiares de Rancharia e Assis, sem vocês meus dias e noites entre livros teriam sido muito mais difíceis.

À minha eterna professora, D. Elisa, por me mostrar como as letras encantam.

Aos funcionários e estagiários do CEDAP, pelo apoio à coleta de dados.

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação, pela solicitude com que sempre me atenderam.

Às funcionárias da Biblioteca Central da UNESP/Assis, pela gentileza e rapidez no atendimento.

À CAPES, por me proporcionar respaldo financeiro para a conclusão do Mestrado.

A Deus, por me dotar de saúde e perseverança para a conclusão de minhas pesquisas.

Minha gratidão a todos que me apoiaram!

É impossível deixar de misturar, nesta resenha da semana, o profano com o sagrado. Os cronistas são como os bufarinheiros, que levam dentro de suas caixas, rosários e alfinetes, fazendas e botões, sabonetes e sapatos, louças e agulhas, imagens de santos e baralhos de cartas, remédio para a alma e remédios para os calos, breves e pomadas, elixires e dedais. De tudo há de conter um pouco, esta caixa da Crônica: sortimento para gente séria e sortimento para gente fútil, um pouco de política para quem só lê os resumos dos debates no Congresso, e um pouco de carnaval para quem só acha prazer na leitura das seções carnavalescas.

Aqui está a caixa do bufarinheiro, leitor amigo: mete dentro dela a tua mão e serve-te à vontade. Não fui eu quem a encheu de tantas coisas desconstruídas e opostas. Eu sou apenas o retalhista, o varejista dos assuntos. Quem me enche a caixa é a Vida, a fornecedora dos cronistas, — a Vida que nunca foi coerente nem metódica, — a Vida que tem sempre um milhão de contradições em um só minuto do seu curso acidentado e contraditório [...].

Olavo Bilac in Gazeta de Notícias, 4 de fevereiro de 1904.

RESUMO

A crônica ganhou importância no Brasil a partir da expansão e da modernização da imprensa em meados do século XIX. Este gênero popularizou-se principalmente na então Capital Federal do país, o Rio de Janeiro, concomitantemente à criação de importantes jornais diários, que passaram a permitir a publicação de textos heterogêneos como a crônica. Observando a consolidação deste gênero nos periódicos finisseculares e sua aceitação principalmente entre os leitores da sociedade carioca no limiar do século XX, a presente dissertação tem por objetivo analisar a coluna semanal “Crônica” publicada pelo poeta e jornalista Olavo Bilac na *Gazeta de Notícias*, de março de 1897 a novembro de 1908. Através da leitura de toda a colaboração bilaquiana na citada coluna, selecionaram-se sessenta textos representativos em que o jornalista abordou aspectos vários do Rio de Janeiro à época da Regeneração promovida pelo então prefeito Pereira Passos. Os estudos também apontam para uma abordagem, pela apreciação crítica desta produção, da relevância literária da modalidade “crônica” na literatura nacional da época. Por meio da análise da escrita bilaquiana, procurou-se trazer à luz mecanismos retóricos, lingüísticos e literários manuseados pelo jornalista na tentativa de convencer seus leitores sobre os benefícios sociais e culturais oriundos das reformas urbanísticas e sanitárias capitaneadas pela municipalidade carioca. Com esse estudo, descortinou-se também um panorama da sociedade brasileira do fim do século. Bilac foi uma das figuras mais marcantes e representativas da chamada *Belle Époque* nacional e, deste modo, abordar sua trajetória como jornalista, principalmente nas páginas da *Gazeta de Notícias*, é meio fecundo de se avaliar, pelas suas crônicas, seu comprometimento com a modernização do Rio de Janeiro, processo que seguia de perto a reformulação de Paris executada por Haussmann. Através dos textos dominicais da *Gazeta*, Bilac mostrou a importância dos jornais não só como veículo de propagação de um novo gênero literário, mas também como instrumento de persuasão e eficaz instrumento para a consagração de muitos escritores-jornalistas.

Palavras-chave: Olavo Bilac, “Crônica”, *Gazeta de Notícias*, literatura e jornalismo, Rio de Janeiro, *Belle Époque*.

ABSTRACT

The chronicle earned its importance in Brazil since the press modernization and expansion in the middle of the 19th century. This genre became popular mainly in the so called Federal Capital Rio de Janeiro, in a concomitant way to the creation of some important daily newspapers that started to allow the edition of heterogeneous texts such as the chronicle. Watching that genre consolidation in the end-of-the-century issues and its acceptance, mainly among the *carioca* society readers at the 20th century beginning, this essay aims to analyze “*Crônica*” a weekly column, edited by the poet and journalist Olavo Bilac in *Gazeta de Notícias*, from March 1897 to November 1908. Through the reading of all his collaboration in the cited column, we selected 60 representative texts in which this journalist has dealt with several aspects of Rio de Janeiro in the “Regeneração” period promoted by Pereira Passos, mayor at that time. The studies also point out to an approach, by that production critical appreciation, of the literary relevance of the chronicle style in that national literature period. Through the *bilaquiana* writing analysis, we tried to bring out some rhetorical, linguistic and literary mechanisms used by the journalist in the attempt to convince his readers about the social and cultural benefits that come from sanitary and urbanistic reformations captained by *carioca* municipality. With this study, the end-of-the-century Brazilian society view was also revealed. Bilac was one of the most notable and representative figures of the so called national *Belle Époque* and, that way, approaching his course as a journalist, mainly on the *Gazeta de Notícias* pages, is a lot productive to evaluate, through his chronicles, his commitment to Rio de Janeiro modernization, a process that followed closely Paris reformulation done by Haussmann. Through *Gazeta* Sunday texts, Bilac showed the newspapers importance not only as a means of new literary genre diffusion, but also as a persuasion and effective instrument for a lot of writers-journalists fame.

Key words: Olavo Bilac, “*Crônica*”, *Gazeta de Notícias*, literature and journalism, Rio de Janeiro, *Belle Époque*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Teatro Municipal e a Avenida Central.....	32
Ilustração 2: Teatro Municipal e a Escola de Belas Artes.....	33
Ilustração 3: Rua do Ouvidor.....	38
Ilustração 4: Rua Uruguaiana.....	46
Ilustração 5: Jornal <i>Cidade do Rio</i> de 31 de julho de 1889.....	52
Ilustração 6: Jornal <i>Novidades</i> de 9 de maio de 1889.....	53
Ilustração 7: Jornal <i>A Notícia</i> de 3 de setembro de 1901.....	61
Ilustração 8: 1º texto de Bilac na seção “Crônica” de 7 de março de 1897.....	64
Ilustração 9: Capa da primeira edição de <i>A Cigarra</i> de 9 de maio de 1895.....	68
Ilustração 10: Jornal <i>O Estado de São Paulo</i> de 3 de outubro de 1897.....	71
Ilustração 11: Editorial da primeira edição de <i>Kosmos</i>.....	72
Ilustração 12: Crônica de abertura de Bilac na primeira edição de <i>Kosmos</i>.....	75
Ilustração 13: Prospecto da edição inaugural da <i>Gazeta de Notícias</i>.....	82
Ilustração 14: Jornal <i>Gazeta de Notícias</i> de 2 de agosto de 1875.....	83
Ilustração 15: O saudoso bonde carioca.....	102
Ilustração 16: Prefeito Pereira Passos.....	109
Ilustração 17: Cais Pharoux (1917).....	112
Ilustração 18: Avenida Central.....	113
Ilustração 19: Avenida Beira-Mar.....	114
Ilustração 20: Cortiço da Rua dos Inválidos.....	116
Ilustração 21: Morro do Castelo.....	116
Ilustração 22: Quiosque.....	119

SUMÁRIO

Introdução.....	12
1. Jornal: apenas valor documental?.....	20
2. As crônicas mostram...: Bilac politizado ou alienado?.....	27
Capítulo Primeiro: O universo carioca: a contribuição brasileira à <i>Belle Époque</i>.....	30
Capítulo II: Bilac entre folhas: <i>Novidades</i>, <i>A Rua</i>, <i>Cidade do Rio</i>, <i>A Notícia</i>, <i>A Cigarra</i>, <i>Kosmos</i>, <i>O Estado de São Paulo</i>.....	45
1. As primeiras contribuições de Bilac no periodismo paulista e carioca.....	49
2. A conquista das grandes estrelas: <i>A Notícia</i>, <i>Gazeta de Notícias</i>, <i>A Cigarra</i> e <i>Kosmos</i>.....	58
Capítulo III: A crônica e sua fixação na <i>Gazeta de Notícias</i>.....	77
1. O despertar da grande estrela.....	79
2. Crônica: do folhetim à primeira página da <i>Gazeta de Notícias</i>.....	91
Capítulo IV: O Rio de Janeiro através da pena de Bilac.....	98
1. Crônica carioca: o século XIX nas páginas dos jornais.....	103
2. “Crônica”: as artimanhas bilaquianas a serviço da Regeneração.....	124
2.1. O clichê: o Rio de Janeiro como mote principal.....	125
2.2. Paródia: a literatura como força persuasiva.....	130
2.3. A ironia mansa bilaquiana: humor, sarcasmo e perversidade.....	140
2.4. Alegoria: personificações, metáforas, ficção e fantasia em prol da Regeneração.....	150
2.5. Imagens Hiperbólicas: a grandiosidade carioca sob o olhar bilaquiano.....	160

Considerações Finais.....	169

Referências.....	175

Introdução

... nosso mal tem sido este: quisemos ter estátuas, academias, ciência e arte, antes de ter cidades, esgotos, higiene, conforto. Olavo Bilac in Gazeta de Notícias, 19 de abril de 1903.

Cidade Maravilhosa.

A cidade do Rio de Janeiro da *Belle Époque* nacional nunca mereceu tão adequadamente o epíteto criado pelo poeta e jornalista Coelho Neto (1864-1934) em 1908, nas páginas do jornal *A Notícia*, quanto na virada do século XIX para o XX. Pelos olhos da maioria dos intelectuais que escrevia sobre e para a cidade, a ânsia pela modernização, pela salubridade e pela beleza da nova metrópole republicana constituía o discurso predominante. Para os homens da política era o meio de se alcançar prestígio e respeitabilidade nas altas rodas nacionais e internacionais. E foi o governo de Rodrigues Alves, considerado por muitos o “grande prefeito municipal” da Capital Federal, a alavanca para a revolução nacional ocasionada pelas reformas de modernização que se concentraram principalmente na conjunção de planos e medidas urbanísticas, sanitárias e portuárias executadas na então Capital Federal da República.¹

¹ ARINOS, Afonso. *Rodrigues Alves: apogeu e declínio do presidencialismo*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001. p. 401.

Nos anos iniciais da República era este o projeto oficial: transformar a antiga cidade monarquista na grande metrópole republicana. A ideologia latente, mesmo que altamente hierarquizante, era a do “Rio civiliza-se”, a qualquer preço. O mote criado pelo cronista mundano Figueiredo Pimentel (1869-1914) na sua afamada coluna “O Binóculo”, na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, nunca fora tão pertinente.

A euforia era contagiante e Paris estava em todas as mentes como o ideal supremo de modernidade e supremacia em todos os campos. Modas, comportamentos, educação e posturas vinham da França para serem assimilados na América. Nosso espelho, de modo geral, era o Velho Continente com sua arquitetura grandiosa, monumentos imponentes, ruas salubres, praças arborizadas e, principalmente, população condizente com o ambiente.

Era necessário e urgente varrer, pelo menos do centro da cidade, o passado medíocre e atrasado da colônia e da escravidão. Esquecer os idos coloniais e estabelecer os novos padrões sociais, estéticos e culturais europeus na nova metrópole era viável, para os intelectuais e políticos envolvidos na profilaxia da urbe, através da remodelação da cidade que denunciava os flagelos da nossa antiga condição. Mudar o traçado das ruas alimentava a esperança de se mudar a alma da cidade e do povo. A burguesia, através da intervenção no espaço urbano da Capital Federal, desejava expurgar dos arredores do centro financeiro e social da metrópole em transformação os cidadãos não harmoniosos com a nova situação urbanística. Simbolicamente, os pobres foram, juntamente com a sujeira e os tempos remotos, varridos para fora da ebulição cosmopolita carioca. Começou a brotar a metrópole dos opostos. Nasceram os morros e favelas e nasceu também o Rio de Janeiro de cartão-postal.

A *Belle Époque* carioca não combinava com mulatos, capoeiras, vendedores ambulantes, crianças de pé no chão, quiosques, cortiços, casas de cômodos, lavadeiras, caixeiros e homens em mangas de camisa. Era preciso esconder o feio e atrasado e mostrar apenas as belas mulheres dos bairros elegantes das Laranjeiras e Botafogo em trajes europeus e homens elegantemente vestidos na porta da imponente livraria Garnier na elegantíssima Rua do Ouvidor.

O Rio fora a grande corte imperial e era então o maior pólo republicano da nação que se esperava moderna, cidade de maior contingente populacional, centro econômico, financeiro e comercial do país, núcleo da sociedade emergente pós-Império. A reforma urbanística desejada e sem precedentes seria a prova de que a República implantada

havia pouco mais de uma década havia se consolidado e, principalmente, dado resultados. Era, então, indispensável redesenhar a cidade com régua e esquadro europeus. As medidas urbanísticas e sanitárias remodelaram não somente as ruas da jovem república tupiniquim; vieram também delinear a nova vida, os costumes e principalmente a ideologia da cidade e de seus moradores.

Derrubar faces de morros, mas principalmente demolir velhos hábitos era a meta do projeto encabeçado pelo engenheiro e arquiteto Pereira Passos quando nomeado prefeito por Rodrigues Alves em 1903. O anseio das elites cariocas começou a tomar feição verdadeiramente no encontro das energias necessárias para transformar em realidade o sonho urbano: juntamente com o prefeito Passos, o ministro da Viação, Indústria e Obras Públicas Lauro Müller, o engenheiro Paulo de Frontin e o médico higienista e futuro Diretor de Saúde Pública Osvaldo Cruz formaram a aliança entre administração política, engenharia e ciência indispensável para o início do processo de reurbanização.

Era preciso fazer do Rio de Janeiro a versão brasileira da Paris remodelada por Haussmann e da Buenos Aires de Alvear. Para isso era mister transformar a acanhada Capital Federal em centro cosmopolita. As grandes melhorias urbanas e sociais geradas por Rodrigues Alves e seus auxiliares foram a contribuição para a inserção brasileira na *Belle Époque* internacional. Apesar de Haussmann, de acordo com Brito Broca, ter remodelado Paris,

[...] tendo em vista objetivos político-militares, dando aos bulevares um traçado estratégico, a fim de evitar as barricadas das revoluções liberais de 1830 e 48; enquanto o plano de Pereira Passos se orientava pelos fins exclusivamente progressistas de emprestar ao Rio uma fisionomia parisiense, um aspecto de cidade européia.²

Foi este, sem dúvida, o momento da euforia republicana claramente palpável no contexto brasileiro. Através do surto modernizador do país, a República se firmava como a alavanca do progresso dos novos tempos.

Rasgar ruas, abrir vultosas avenidas, criar bulevares, praças e fachadas imponentes faziam parte do conjunto de estratégias para se desenvolver a civilização brasileira nos moldes da França e Inglaterra, pois desde a época colonial era nos dois países

² BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975 (Documentos Brasileiros, v 108). p. 3.

que procurávamos o que houvesse de melhor.³ Através do novo traçado das ruas e bairros delineava-se simultaneamente o novo pensamento social da metrópole. Não foi exclusivamente a Avenida Central ou a Beira Mar que surgiu no coração do Rio de Janeiro. A população pobre, mesmo que involuntariamente ou muitas vezes à revelia, também mudou. Mudou para o subúrbio. Escondida, envergonhada, hostilizada pela metrópole na qual não cabiam seus hábitos populares e rústicos, mas brasileiros. Os anos iniciais da República não foram calmos, muito menos tão promissores como queriam os propagandistas da nova ordem. Revoltas diversas eclodiram, e o povo, certamente sempre a camada mais prejudicada, era usado como massa de manobra por grupos políticos que tentaram, em vão, tomar o poder. Assim foi, em linhas gerais, a Revolta da Vacina, em novembro de 1904.

As reformas urbanas colocaram em voga o ideal tecnocrático imperativo para a moderna república; contudo fomentaram aquilo que a abolição não conseguiu aplacar: a segregação social. No novo centro urbano remodelado passeavam apenas aqueles que facilmente se adaptaram ao recente contexto: a burguesia. A população carente, a grande maioria dos moradores cariocas, se refugiava nos morros e bairros insalubres distantes, bairros estes que a sede embelezadora de Passos não alcançou. Se, em 1860, 27 morros já eram habitados, na passagem do século XIX para o XX esse número alcança índices impressionantes. E o núcleo da cidade e os bairros nobres como Catete, Laranjeiras e Botafogo ficavam resguardados para a elite carioca, que pouco superava 5 mil pessoas. O sonho dourado brasileiro estava arquitetado. Luís Martins corrobora essa afirmação:

O “Rio civiliza-se” era a frase do momento. Realmente, o Rio começava a civilizar-se, a urbanizar-se, a adotar uma aparência e uma sensibilidade de metrópole moderna, uma trepidação de “cidade tentacular”, com as grandes obras de Pereira Passos. A transformação urbanística influía na estrutura da sociedade. Esse é um dos momentos mais empolgantes, sedutores e dramáticos na história da velha cidade. Por ela perpassa, como um furacão, um frêmito novo de energia, de trabalho, de dinamismo, de luxo e de prazeres... É a nossa *belle époque*.⁴

É certo que as reformas urbanas e sanitárias foram importantes no contexto político e social da nação. A cidade, que crescia vertiginosamente, abarcava já em 1903 uma população de mais de 750 mil habitantes. E a falta de higiene e de medidas sanitárias fazia do Rio o ambiente perfeito para a eclosão das mais diversas epidemias. Em 1900 a cidade estava

³ NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. [A *tropical Belle Époque: elite culture and society in turn-of-the-century Rio de Janeiro*]. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p. 49.

⁴ MARTINS, Luís. *João do Rio: uma antologia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, s/d. p. 13.

tomada pelos surtos de febre amarela, varíola e peste bubônica. As medidas tomadas foram condizentes com a necessidade urgente de adequação da urbe aos novos tempos. Já os métodos adotados para sanar os flagelos da população geraram opiniões divergentes, mesmo porque apenas uma fração da população foi beneficiada com essas melhorias.

Neste contexto de beneficiados e excluídos do processo urbanizador do Rio de Janeiro da *Belle Époque* é que se inseriu o material jornalístico produzido por incontáveis literatos do momento, entre os quais se destacou Olavo Bilac (1865-1918), como um dos principais responsáveis pela euforia civilizatória que eclodiria na Capital Federal.

Confessadamente Bilac tinha como objetivo um plano ideológico altamente doutrinário a propor através da manufatura de suas crônicas. Seus ideais modernizadores foram continuamente transpostos para seus textos. Sendo assim, considerar o impacto social da literatura criada por Olavo Bilac nas páginas da *Gazeta de Notícias* é pertinente.

Todavia, dissecar a relação entre sociologia e literatura é por diversas vezes tarefa arriscada. Pensar numa abordagem literária pelo viés da análise sociológica acarreta no perigo de fugirmos do texto literário e afundarmos no estudo apenas histórico de dado momento social. Porém, ao propor pesquisar a contribuição de Olavo Bilac, através do uso da literatura, para a conscientização da necessidade imperativa de reurbanização carioca, a análise literária desse material se encontra, muitas vezes, com a análise sociológica da cidade do Rio de Janeiro como um todo; seus habitantes, seus costumes, seus modos de vida e de sobrevivência estão intrinsecamente relacionados com o material proposto por Bilac. A crônica bilaquiana tentou fazer o retrato da cidade e esta, por sua vez, o retrato da sociedade. Então, se tornam indissociáveis literatura e sociedade e suas amplas interpretações.

Apesar da busca pela literariedade latente nas crônicas do mestre parnasiano, é fatal cairmos, eventualmente, na análise do cotidiano carioca, pois a própria essência do gênero crônica nos orienta por esse caminho.

As relações entre cidade e crônica não são fonte inesgotável de matéria apenas para estudiosos de literatura. Historiadores, geógrafos, sociólogos e arquitetos buscam, nas crônicas, conteúdo ímpar de pesquisa, gerando discursos incontáveis e novos sobre as influências múltiplas desempenhadas por cada elemento. Entretanto, a convergência destes dois fatores, cidade–crônica, nas primeiras décadas da República gerou grandes alterações no cenário nacional.

Juntamente com as modificações pelas quais passava a paisagem urbana carioca e por consequência o cidadão comum, a literatura, principalmente através da crônica, retratou e apoiou implacavelmente os novos rumos urbanos que tomava a cidade do Rio de Janeiro. Os textos bilaquianos, certamente, foram um dos grandes responsáveis pela bandeira da modernização carioca nos mais variados prismas.

Elegendo como fonte primária de pesquisas, na íntegra, a coluna dominical “Crônica” comandada por Olavo Bilac no periódico *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, entre 1897 e 1908, pretender-se-á dissertar sobre essas citadas transformações físicas, morais e culturais que o projeto de profilaxia urbana acarretou para a República em formação e para a população multifacetada da urbe e, principalmente, sobre a tomada de posição do jornalista Bilac, através de sua crônica, frente a esse turbilhão de novidades. As visões do mestre parnasiano, exibidas através de sua escrita elitista e corrosiva, serão a mola-mestra deste trabalho.

Bilac foi ativo participante dos movimentos que culminaram com a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889. Além de lutar nas fileiras abolicionistas em 1888 pelo direito de liberdade dos negros cativos, foi opositor público da ditadura imposta pelo Marechal Floriano Peixoto, chegando a se exilar em terras mineiras em 1893, para se proteger da opressão do governo. Porém, no momento em que aderiu, ao lado do governo e das elites, ao plano regenerador do Rio de Janeiro, Bilac expôs, de certo modo, uma nova faceta de sua personalidade: a intransigência. Por meio da *Gazeta*, Bilac “ajudou a formar na opinião pública, ou seja, entre os que liam, o consenso a respeito da necessidade imperiosa do saneamento, em nome do qual tudo deveria ser tolerado”.⁵ O intelectual sempre apaixonado pelas causas populares optou por se aliar às elites em função do furor progressista.

Alguns motivos influenciaram a escolha pela pesquisa, baseada no trabalho literário das crônicas bilaquianas em prol da ação regeneradora carioca na primeira década do século XX.

Em primeiro plano temos a grandeza do projeto de Regeneração orquestrado por Pereira Passos. A grandiosidade das reformas urbanas na Capital Federal foi um marco da engenharia e da administração pública brasileira. O Rio de Janeiro renasceu, extasiado, após os trabalhos da primeira década do século XX.

⁵ SIMÕES JR., Alvaro. *A sátira do Parnaso*: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904. Assis, 2001. Tese de Doutorado em Letras. FCL, UNESP. p. 163.

Em outro aspecto, é importante entender as razões que levaram Bilac a aderir, de forma tão intensa e apaixonada, ao projeto regenerador. Bilac foi um dos principais formuladores e um dos mais ardorosos defensores de um movimento que foi muito mais claramente benéfico às classes mais abastadas. De modo geral, as ações sanitárias alcançaram e proporcionaram melhores condições de vida também às classes mais humildes. Todavia, as formas agressivas pelas quais essas mesmas providências e melhorias foram implantadas forjaram na visão dos populares uma idéia confusa de que a imposição da reforma superava sempre algumas de suas boas conseqüências.

Bilac era carioca, republicano, abolicionista e profundamente apaixonado pela França. Como conseqüência dessa paixão absoluta adveio certamente a ânsia por ver a cidade natal urbanizada como Paris.

O projeto urbanístico orquestrado pelo governo republicano entre 1902 e 1906, privilegiado e defendido pela concepção estética e ideológica desenvolvida por Bilac em seus textos dominicais, percorrerá todo o trabalho de pesquisa, culminando na tentativa, através do estudo das crônicas, de afirmação da indispensável ajuda bilaquiana para o triunfo, em diversas estâncias, dos projetos urbanísticos e para a materialização do novo cenário carioca, que se propunha moderno e civilizado.

Nesse compasso, a seleção e inclusão de diversas crônicas bilaquianas que retrataram episódios referentes ao contexto modernizador do período é fundamental para a apreciação proposta.

Bilac, durante mais de 20 anos de vida jornalística, publicou aproximadamente 900 crônicas no mais diversos jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Somente na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, jornal que abertamente prezava a literatura pelos mais diversos motivos, foram mais de 500,⁶ sendo esses textos dos mais variados temas: política, sociedade, cultura, mundanismo. Bilac se renovava com a cidade; era um ensaísta cosmopolita, escrevia freneticamente sobre tudo e todos. Todavia, sobre a temática de nossa pesquisa, Bilac publicou, apenas na *Gazeta*, cerca de 160 textos que, de modo geral, retratavam os vastos aspectos modernizantes da metrópole carioca.

⁶ Olavo Bilac, durante sua colaboração fixa e mais prolongada na *Gazeta de Notícias*, permaneceu exatas 560 semanas (entre 7 de março de 1897 e 1 de novembro de 1908) na função de principal cronista dominical. Porém, durante esse mesmo tempo, Bilac se ausentou, por motivos de saúde ou viagens, 14 semanas, período este em que não localizamos sua publicação no domingo. Sendo assim, perfizeram 546 crônicas publicadas durante a estabilidade de Bilac na *Gazeta de Notícias*.

Desse montante foram coletadas, transcritas e anexadas exatas sessenta publicações entre 1897 e 1908, período no qual a coluna fielmente figurou na primeira página da *Gazeta de Notícias*. A delimitação foi possível já que apenas textos diretamente alusivos ao Bota-Abaixo e suas implicações foram eleitos. Crônicas que pintavam o momento estético-social carioca de forma superficial ou aquelas que exprimiam apenas rápidas referências à temática foram excluídas.

A opção pela apreciação de crônicas tem origem na premissa de que a obra literária é produto de seu tempo. Partindo deste pressuposto, a crônica é instrumental literário perfeito, aliando forma e conteúdo, para a análise da ideologia bilaquiana e do momento literário, político e social em questão. A finalidade é buscar na escrita e no estilo do cronista a força da literatura como ferramenta de persuasão.

Outro fator relevante que pesou na escolha da coluna dominical “Crônica” está no fato de ela ter perdurado no cotidiano carioca por mais de dez anos. De maneira geral, a escrita bilaquiana percorreu todos os grandes momentos da jovem República: a consolidação do novo regime, as revoltas populares dos excluídos, a modernização urbana e tecnológica da nação.

Não podemos perder de vista que os ideais bilaquianos eram propostos nas crônicas, e esses textos veiculados através da imprensa periódica, que começava a se destacar no fim do século XIX como a força motriz da comunicação de massa e iniciava sua expansão para um público leitor cada vez mais vasto e exigente. Seu alcance era incomparável em relação a outros meios de propagação de informação como os livros. Não obstante, a crônica era a “arma” ideal para se fazer ouvir, através da utilização dos recursos retóricos tão bem dominados por Bilac como veremos em capítulos seguintes.

A linguagem da crônica lhe abriu múltiplas possibilidades. Sua aparente experimentação ou despretensão criou caminhos para o questionamento social muito bem articulado pela pena bilaquiana. Através do exercício da crônica, Bilac abdicou da torre de marfim em que se enclausurou pela força do parnasianismo e alcançou a restrita população letrada da cidade, mesmo porque a parcela populacional alfabetizada representava um montante escasso de leitores. Mas também restritos eram seus leitores, pois, obviamente, o poeta não escrevia para todos. Na *Belle Époque* tropical o preconceito na prosa de alguns cronistas foi notório e Bilac se igualava a estes ao escrever claramente direcionando-se às elites, que financiavam a literatura, compravam jornais e constituíam a base do mundanismo

vigente. Acerca do engajamento político e do sectarismo bilaquiano, tece comentários Beatriz Resende:

Bilac aparece [...] como um dos sustentáculos da euforia reformista, pretendendo assumir posições públicas de esclarecimento. O que se evidencia, na verdade, é, por um lado, a existência de uma camada de intelectuais que ou acumulam às tarefas de escritores as de político, usando a primeira como uma forma de alcançar sucesso na segunda função, neste país de doutores, e, por outro lado, o desinteresse pelo cidadão comum...⁷

Pensar em Bilac como o cronista das multidões não é coerente. Através da leitura de material referente à temática modernizadora da Capital Federal produzida pelo poeta, depreendemos a posição esnobe e autoritária que permeava as opiniões bilaquianas. Muito menos estava o jornalista preocupado com as 20 mil pessoas desabrigadas pelas reformas; a Regeneração urbana se sobrepunha às mazelas dos menos favorecidos.

Seu desejo de cosmopolitismo atropelava os anseios e necessidades da população realmente carente de amparo. As crônicas bilaquianas, carregadas de elitismo, visavam ao bem-estar da classe dominante à qual se dirigiam. A civilização era a sua meta, e deixava claro em seus textos, com ironia e sarcasmo, que tudo valia a pena para se alcançarem os propósitos de modernização e civilização.

1. Jornal: apenas valor documental?

A *Gazeta de Notícias*, neste estudo, será tratada em duas dimensões: como objeto de análise direta e como manancial de pesquisa. Através da leitura do periódico, além e não só da coluna bilaquiana, a história nacional, a evolução e as características da imprensa periódica carioca poderão ser contempladas em sua fonte primária.

Uma das justificativas decisivas para levar a cabo esta pesquisa remonta à possibilidade da reconstrução do passado recente nacional através das publicações de Olavo Bilac e da análise do contexto social da época. Para isso, buscar-se-á respaldo e parâmetros na efetiva apreciação do periódico, que, como testemunha de seu tempo, permitirá uma interpretação decisiva e eficaz do século XIX.

⁷ RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 112.

Outro motivo palatável para a escolha por interpretar não só uma coluna, mas, de modo geral, toda a *Gazeta de Notícias*, é de cunho pessoal. Os periódicos suscitam certa atração lúdica no leitor, ainda mais por se tratar de documento afastado cem anos de nossa realidade. A curiosidade sobre acontecimentos e peculiaridades da época aguça nosso faro por “redescobertas” do passado. Não obstante, além de seu caráter acadêmico, a pesquisa em periódico faz-se fonte de satisfação das imaginações mais bisbilhoteiras. Especificamente, ao ler os materiais produzidos à época nas velhas páginas da *Gazeta de Notícias*, buscar-se-á entender como este meio de comunicação tornou-se símbolo de uma época. Nos dias contemporâneos, feitos de meios de comunicações ágeis e rápidas trocas de informação, ponderar sobre um jornal feito de imagens e técnicas ainda pouco agudas evidencia-nos não só a evolução da imprensa escrita periódica como, principalmente, traz à luz as dificuldades e os esforços que os homens de jornal superavam para pôr pelas manhãs suas folhas nas ruas da Primeira República.

Entretanto, apesar do fascínio que desperta o trato com jornais antigos, um obstáculo se entrepôs na observação do jornal. No decorrer da pesquisa, concomitantemente à sistematização da colaboração de Olavo Bilac na “Crônica”, confirmou-se um receio que acompanha toda a investigação de um periódico: a delimitação coesa do tempo de circulação da folha a ser examinado.

A *Gazeta de Notícias* circulou por pouco mais de cem anos no Rio de Janeiro – de 1875 a 1977, – e durante esse século, encontros e desencontros marcaram a relação do jornal com Olavo Bilac. Entre 1884 e 1908 o parnasiano, com poucas ausências, espalhou sua elaborada escrita pelo periódico. Entretanto, o recorte de tempo imposto pela nossa pesquisa limitar-se-á entre os anos de 1897 e 1908, período da mais profícua participação de Bilac para a *Gazeta*.

Se por um lado muito do que se publicou na folha pelo cronista foi excluído da nossa apreciação, a vastidão do campo e do tempo que a totalidade de sua produção tomaria, transformaria o exame em material fragmentado, pouco reflexivo e superficial. A preferência pela delimitação temporal mais restrita do estudo refletirá em diversos desdobramentos. Em primeiro plano, poderemos aprofundar o julgamento do potencial informativo da *Gazeta de Notícias*, detendo-nos, especificamente, entre o período de sua inauguração e os anos áureos em que contava com a colaboração, em suas páginas, dos grandes escritores nacionais e internacionais. Tal delimitação proporcionará a possibilidade de investigarmos outros periódicos afamados do século XIX que também contaram com as

rotineiras publicações bilaquianas entre 1890 e 1908, período fértil de sua produção jornalística. O recorte temporal, ao dedicarmos a atenção nos diversos periódicos somente nos momentos que estes contaram com textos de Bilac, acarretará um melhor detalhamento dos possíveis posicionamentos estéticos do cronista.

Especialmente, pretender-se-á, ao evidenciar pela observação crítica a seção “Crônica”, circulante entre 1897 e 1908, e limitá-la somente aos textos alusivos ao processo de Regeneração que se desenrolou no Rio de Janeiro entre 1902 e 1906, promover uma sistematização mais intensa das características lingüísticas de Bilac jornalista. Também não podemos perder de vista a possibilidade de se recuperar, através destas publicações do parnasiano, e das especificidades do periodismo carioca, as práticas culturais, sociais, políticas e ideológicas impostas pela República formada no século XIX. A análise da coluna proporcionará, ainda, legitimar a literatura feita por Bilac, e a possibilidade de ela coexistir juntamente ao fato jornalístico, na *Gazeta de Notícias*.

Examinar as idealizações e projeções da sociedade ávida por civilização, através da literatura produzida pelo cronista, poderá projetar um olhar inédito sobre as novas ordens sociais e culturais que eclodiam no país após os movimentos que culminaram com o Abolicionismo e com a Proclamação da República. Ler o passado através das publicações e opiniões da época nos salva de praticarmos leituras anacrônicas e vazias a respeito, já que, trabalhar diretamente com as fontes primárias auxilia-nos na tentativa de tomar de empréstimo os olhos daquele momento, defendendo-nos de leituras singulares ou pré-concebidas e ainda, talvez, promover um diálogo revelador com a história.

De modo geral, a *Gazeta de Notícias* e essencialmente a “Crônica” permitirão à pesquisa o acesso a um rico manancial histórico e documental. Contudo, o posicionamento de Bilac, e a elaboração retórica e lingüística de sua literatura, muito mais do que tomadas de opinião ou partidarismo, possibilitarão que o trabalho tente reconhecer o brilhantismo de sua prosa, a imaginação bem-sucedida de suas criações e a riqueza histórica e literária impressas nas velhas páginas da *Gazeta de Notícias*.

Não obstante, para chegarmos à elucidação das premissas propostas, o trabalho apoiar-se-á em leituras teóricas no intuito de balizar as análises dos periódicos, das crônicas e do contexto histórico que permeia o período delimitado. O volume I, que responde propriamente pela análise do *corpus* escolhido, coadunará julgamentos históricos do século XIX, caracterização principalmente do periodismo carioca e participações bilaquianas neles,

além da efetiva análise do objeto de estudo, os textos de Olavo Bilac na seção “Crônica” da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro.

Neste sentido, o encaminhamento da redação contemplará quatro capítulos.

O capítulo de abertura de nosso trabalho, intitulado “O universo carioca: a contribuição brasileira à *Belle Époque*”, focalizará a participação nacional, nos campos literário e social, neste período tão peculiar da história mundial. Personagens, ambientes, situações, costumes e modismos que fizeram do Brasil e principalmente do Rio de Janeiro tributários da *Belle Époque* figurarão neste capítulo. Abordar esse momento peculiar é interessante, pois nos mostra, juntamente com o panorama social da época, os comportamentos cotidianos da nata carioca e as características de uma literatura densamente marcada por um contexto social delimitado. Bilac fez parte, social e literariamente, da *Belle Époque*. Para a redação deste capítulo será fundamental o apoio de obras como *Vida Literária no Brasil - 1900* de Brito Broca (1975) e *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*; de Jeffrey Needell (1993). O cotejo com informações paralelas à especificidade das publicações de Bilac permitirá identificar as peculiaridades de um tempo não muito distante de hoje cronologicamente, todavia, já muito afastado de nossa realidade. Assim, o capítulo inicial tentará mostrar quão marcante foi a *Belle Époque* para aqueles que dela participaram, mas sem deixar de lançar indícios das disparidades que marcaram o período e também assinalar a distância cultural e social de tal tempo. Com a pretensão de dispararmos um alerta, o capítulo primeiro pretenderá que não percamos de vista nossa realidade ao tomarmos contato com textos produzidos e publicados na *Belle Époque* brasileira e que assim possamos ter o discernimento necessário para evitar o alçapão de idealizações que dominava a época.

Bilac tinha suas opiniões formuladas acerca da urgência das reformas. Era apenas preciso um canal aberto para propagá-las. Neste momento a *Gazeta de Notícias*, folha editada até 1900 pelo jornalista Ferreira de Araújo, tornou-se o meio propício para o poeta se fazer ouvir. Porém, antes de se consolidar como o cronista principal da *Gazeta de Notícias* a partir de 1897, em substituição a Machado de Assis, e mesmo simultaneamente ao trabalho no periódico carioca, Bilac distribuiu seus comentários ácidos, irônicos, mas sempre pertinentes, em outros diversos jornais e revistas de São Paulo e do Rio de Janeiro.

No segundo capítulo da presente dissertação, esboçaremos comentários acerca da contribuição bilaquiana para as mais renomadas folhas cariocas e paulistanas: *Novidades*, *A Rua*, *Cidade do Rio*, *A Notícia*, *A Cigarra*, *Kosmos* e *O Estado de São Paulo*.

Estes foram alguns dos periódicos que, juntamente com a *Gazeta de Notícias*, proporcionaram a Bilac respeitabilidade e voz para se fazer ouvir. Para a elaboração deste capítulo serão de grande importância as produções como *Bilac, o jornalista* de Antonio Dimas (2006), *História da imprensa no Brasil* de Nelson Werneck Sodré (1966) e *A sátira do Parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904* de Alvaro S. Simões Jr. (2001).

Já no terceiro capítulo, trataremos de delinear, especificamente, o papel da *Gazeta de Notícias* no contexto literário, político e social da época. Para isso, será necessário um estudo minucioso das características formais que particularizaram o jornal e faziam dele o objeto de desejo de jornalistas e literatos do momento: serão analisados folhetins, colunas, notícias, crônicas, colaboradores e anúncios desde a estréia do jornal em 1875 no cotidiano carioca, para podermos perceber a importância do palco escolhido por Bilac para fazer brilhar seus textos. A pesquisa se firmará na análise dos primeiros 15 anos de circulação da *Gazeta de Notícias*; tal delimitação foi adotada com o intuito de criarmos um panorama que demonstrasse a consolidação do jornal no gosto do público e a fixação no periódico do gênero crônica. Neste período se inseriram as primeiras contribuições de Olavo Bilac para o jornal em que ele tanto desejava colaborar. Além disso, o capítulo exigirá o estudo do desenvolvimento da imprensa, de um modo geral, no cotidiano do leitor brasileiro, e da influência e da importância de seu papel na formação do público. Para embasamento teórico, recorreremos, além do trabalho de Nelson Werneck Sodré (1966), ao de Ana Luisa Martins (1997) nomeado *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República (1890-1922)*, e ao texto “Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica” de Marlyse Meyer (1992), dentre outros.

Para finalizar, o quarto capítulo intitulado “O Rio de Janeiro através da pena de Bilac”, recairá no estudo propriamente das crônicas bilaquianas que tematizavam a denominada Regeneração carioca. O discurso abordará as interseções entre a literatura empenhada e persuasiva do jornalista com o momento histórico por que passava a República através dos estudos, novamente, de Antônio Dimas (2006), além de *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República* de Nicolau Sevcenko (2003) e *Rodrigues Alves: apogeu e declínio do presidencialismo* de Afonso Arinos (2001). A tentativa de delimitação de parâmetros teóricos acerca do gênero “crônica” também será viável para justificar a preferência por analisar uma forma textual tão flutuante e irregular como a crônica e as artimanhas que o próprio gênero possibilita para o cronista Bilac em

busca de seus objetivos. A cidade carioca foi desnudada aos olhos do jornalista através de sua escrita incisiva, preconceituosa e convicta. Neste capítulo tentaremos apresentar os mecanismos retóricos utilizados por Bilac para se fazer ouvir e convencer: textos paródicos, clichês, ironia, imagens alegóricas e hiperbólicas foram alguns dos recursos recorrentes na produção dos textos dominicais publicados sob a rubrica “Crônica”. Olavo Bilac tentou, através de suas crônicas, educar o carioca à sua maneira.

O volume II desta dissertação contém a transcrição das crônicas mais representativas publicadas por Bilac na *Gazeta de Notícias*, que tinham como mote os processos de reurbanização do Rio de Janeiro. A seleção se orientou pela intenção de escolher textos em que, no que tange à defesa constante e inabalável da profilaxia da urbe, Bilac colocava-se em prol da Regeneração carioca.

O trabalho de escolha do material se desenvolveu da seguinte maneira: após sucessivas leituras, de cunho interpretativo, 60 textos foram escolhidos de um montante inicial de 171 crônicas; esses 60 textos constituem o *corpus* final desta pesquisa. Através do estudo e levantamento da totalidade do período estável de publicação de Bilac na *Gazeta de Notícias* (entre 1897 e 1908), já é possível afirmar que dos 60 textos escolhidos, nenhum deles deixa de permitir, por impossibilidade de transcrição, a leitura e a apreensão da temática principal que nos interessa: a modernização e os avanços do Rio de Janeiro.

Antônio Dimas, professor livre-docente pela Universidade de São Paulo, em extensa tese elaborada para defesa do título em 2000, atualmente já editada em belíssima caixa de três volumes, coletou e transcreveu ⁸ boa parte da produção bilaquiana nos mais diversos jornais e revistas cariocas e paulistanos. A produção para a *Gazeta de Notícias* ganhou destaque importante em sua pesquisa, pois dois dos cinco volumes de seu trabalho foram reservados para a transcrição de incontáveis crônicas publicadas por Bilac entre 1890 e

⁸ É importante ressaltar que algumas lacunas referentes à transcrição dos textos, especificamente da *Gazeta de Notícias*, permanecem tanto no material proposto para o concurso de Livre-Docência quanto na edição em três volumes. Antônio Dimas, provavelmente pela real dificuldade existente na leitura de material jornalístico microfilmado, deixou várias transcrições de crônicas incompletas, alegando impossibilidade de leitura pela deterioração do material microfilmado. Entretanto, ao transcrever os textos selecionados para esta pesquisa, conseguimos suprir todos os obstáculos impostos. Sendo assim, mesmo os fragmentos considerados ilegíveis por Dimas, e que coincidentemente também fazem parte de nossa coletânea, puderam ser resgatados. Apenas para exemplificar, em crônica de 13 de maio de 1900, em comemoração ao aniversário da Abolição, Dimas transcreveu o último parágrafo da crônica do seguinte modo: “Vão rareando já as fileiras dos que se empenharam nessa luta de morte contra [...]”. No entanto, Bilac assim conclui seu texto dominical: “Vão rareando já as fileiras dos que se empenharam nessa luta de morte contra a barbaridade e a vergonha; mas ainda temos alguns vivendo conosco, e cobertos da viva luz que esse trabalho divino vem projetar sobre a nossa honra de nação. Que um deles aceite, em nome de todos, os beijos da *Crônica*: seja José do Patrocínio o escolhido para receber aqui uma fresca braçada das mais belas rosas de maio.”

1908. Porém, vale ressaltar que Dimas não transcreveu todo material produzido por Olavo Bilac na *Gazeta de Notícias*. A totalidade da produção de Bilac para jornais está presente, no estudo de Dimas, através dos diversos índices elaborados para classificar as crônicas. Somente para termos uma dimensão da abrangência da pesquisa em questão, durante a colaboração mais prolongada na *Gazeta*, Bilac teria publicado exatos 546 textos aos domingos; desse montante Dimas transcreveu um total aproximado de 250 crônicas. Não obstante, do número absoluto de publicações bilaquianas, Antônio Dimas classificou como referentes, de modo geral, aos movimentos de Regeneração carioca 130 textos. Contudo, nem todos mereceram transcrições por parte do professor. No primeiro volume de sua tese, dedicado às reflexões acerca da vida e da obra de Bilac, Dimas justifica, baseado em caminhos subjetivos e pessoais, a opção pela transcrição de crônicas em detrimento de outras.

Inicialmente, ao ler toda a produção de Bilac entre 1897 e 1908, localizamos por volta de 170 textos em que Bilac, ainda mesmo que rapidamente, mencionasse o Bota-Abaixo.

No entanto, comparando a coletânea que constitui o anexo desta dissertação, é possível afirmar que, das 60 crônicas selecionadas e transcritas em nosso anexo, 51 delas também foram compiladas por Dimas. Deste modo, apenas nove crônicas de nossa seleção não foram escolhidas pelo pesquisador para entrar em sua coletânea. Os textos excluídos são os seguintes: 16 de maio de 1897, 2 de outubro de 1898, 22 de janeiro de 1899, 18 de junho de 1899, 5 de janeiro de 1902, 20 de abril de 1902, 8 de junho de 1902, 28 de dezembro de 1902 e 5 de abril de 1908. Tal disparidade talvez se justifique, pois, em nossa compilação objetivamos transcrever textos que traziam em seu bojo, com clareza temática, apenas alusões diretas às reformas urbanas. Já Dimas, em nenhum momento, buscou fazer recorte temático em sua pesquisa.

Também é importante lembrarmos outro trabalho organizado por Antônio Dimas em 1996. Anteriormente à conclusão do material que originou os cinco volumes defendidos visando a Livre-Docência, Dimas coletou e organizou, sob o título de *Vossa Insolência*, 57 crônicas de Bilac publicadas em diversos jornais, entre eles: *Gazeta de Notícias*, *Correio Paulistano*, *Kosmos*, *O Estado de São Paulo* e *A Bruxa*. Entretanto, fica evidente, ao lermos a seleção, que a quantidade de textos recolhidos da *Gazeta* é bem superior aos demais.

Em breve nota explicativa, Dimas resume a metodologia utilizada para organizar o volume. Assim como o próprio Bilac, que nas poucas crônicas em que recolheu em livros, não mantinha um critério coeso e objetivo na hora da seleção, Dimas segue os mesmos passos e também não deixa claros os motivos ou caminhos que o levaram a optar por tais crônicas em detrimento de outras. Porém, para facilitar a leitura, o pesquisador dividiu os 57 textos selecionados em partes temáticas, que ficaram expostas do seguinte modo no livro: “Pessoal” (4 crônicas), “Pessoas” (6 crônicas), “Literatura” (4 crônicas), “Jornalismo” (8 crônicas), “Cinema” (3 crônicas), “Cidades” (12 crônicas), “Usos” (5 crônicas), “Política” (4 crônicas), “Exterior” (4 crônicas) e “Canudos” (7 crônicas). Quanto à assinatura dos textos, Dimas manteve-se fiel à preferência do cronista. Bilac ora mantinha o anonimato, ora abusava dos pseudônimos, ora ainda nada assinava ou assumia a autoria através da assinatura de seu nome ao final do texto; Dimas respeitou a opção do cronista. Já os títulos, na sua maioria, são de autoria do organizador, já que Bilac raramente intitulava suas criações.

Comentar as pesquisas desenvolvidas por Antonio Dimas ao longo de sua carreira além de trazer à baila a necessidade de se reconhecer o trabalho estafante de pesquisa feita pelo professor, também nos mostra a importância de tal esforço. Pesquisas em periódicos mostram-se, na sua maioria, difíceis e prolongadas e resgatar tais materiais, como é o caso das publicações periódicas de Olavo Bilac, é uma maneira de proteger tal produção do esquecimento e da ação do tempo. A intenção de Antônio Dimas, que o obrigou provavelmente a árdua investigação em jornais antigos e mal conservados, era trazer à luz e reunir para o público leitor brasileiro a maior parte de toda a produção jornalística bilaquiana dispersa em variados periódicos da nação e manter em circulação o rico trabalho de Bilac jornalista.

2. As crônicas mostram...: Bilac politizado ou alienado?

Fontes essenciais para pesquisas históricas, os jornais pressupõem outras riquezas.

Depósitos de registros do passado, testemunhos dos acontecimentos marcantes de uma época, meio vasto de leitura informativa, amena ou até ligeira, os documentos impressos não devem ser vistos apenas como modalidade de pesquisa ou baú de informações para historiadores transitarem por um período.

Gênero fértil para várias áreas – jornalismo, história, geografia, sociologia – no limiar do século XX, a imprensa escrita transformou-se em efetiva empresa diária movimentando tiragens, assinaturas, vendas e lucros; e a literatura, agente ativo e fundamental desta evolução, assimilou e participou, com a disposição de grande parte da intelectualidade nacional, deste facetado veículo de comunicação.

A literatura, através da colaboração de escritores nacionais e internacionais, ajudou a consolidar, divulgar, personalizar e dar seriedade ao periodismo brasileiro. Por outro lado, a bibliografia literária espalhada pelos jornais e semanários do século XIX tornou-se meio profícuo para escritores lapidarem fama. Vale lembrar que pela voz dos intelectuais contratados pelo periodismo finissecular, - dos quais muitos deles foram partícipes das modificações políticas, sociais e, sobretudo, urbanas do século, - pretendia-se manipular a opinião pública brasileira.

Nossa intenção não será comprovar a legitimidade das opiniões de Olavo Bilac difundidas pela “Crônica”, nem ao menos quereremos tomar partido sobre as vantagens ou malefícios ampliados pela “Regeneração”. O enfoque primordial do estudo será promover o acesso a um material jornalístico ainda pouco conhecido. Também pretendemos trazer à baila como a literatura bilaciana para a *Gazeta* se armou de artifícios retóricos e estilísticos para influenciar e comover o público leitor em defesa e apoio ao progresso e civilização propagandeados pelas reformas urbanas.

Através da análise das crônicas, além de esclarecer o emblemático apoio político de Bilac à nova face da cidade, pretender-se-á traçar o perfil histórico, político, social e cultural da *Belle Époque*, momento de transformação ampla na Capital Federal. Os jornais retratados a seguir, reflexos daqueles dos anos dourados, buscarão confirmar nossa intenção.

Bilac cronista, agente legitimador deste período, como homem da cidade, jornalista das grandes folhas, republicano incansável, testemunho constante desta geração literária emblemática, atestará, através de seus textos, a importância da imprensa e da literatura como meios de propagação das novas idéias que se circunscreviam na sociedade animada por progresso.

O parnasiano sonhou com um Rio de Janeiro cosmopolita; durante toda a sua carreira lutou pela salubridade física e moral de uma nação em processo formativo.

A leitura das crônicas escritas por Bilac possibilitará um recorte da cidade carioca em um momento contraditório: reformas e revoltas, modernidade e apego às tradições, beleza e sujeira, riqueza e submundo carioca conviviam em tenso duelo de forças. Bilac transformou as tensões da *Belle Époque* carioca em leveza através de suas crônicas; por vezes ficcionalizou o momento eufórico e trágico de uma nação que se queria nova e moderna, por vezes tematizou o cotidiano de uma população que se queria civilizada.

Capítulo Primeiro
O UNIVERSO CARIOCA: A CONTRIBUIÇÃO BRASILEIRA À *BELLE*
ÉPOQUE

Cada época não apenas sonha a seguinte, mas, sonhando, se encaminha para o seu despertar. Walter Benjamin in “Paris, capital do século XIX”.

O Rio de Janeiro, no limiar do século XX, estava envolvido num clima de cosmopolitismo efervescente. As crises econômicas e sociais decorrentes da Abolição e da Proclamação da República foram paulatinamente aplacadas. Se as revoltas políticas foram combatidas no governo Prudente de Moraes (1894-1898), o saneamento financeiro foi alcançado no governo Campos Sales (1898-1902); às portas do novo século, a Capital Federal, sede e aglutinadora das novas tendências modernas, deveria ser o símbolo da nova República. Com a posse do sucessor de Campos Sales no governo, o Rio de Janeiro se preparava para o seu florescimento. Rodrigues Alves, assim como seu antecessor, foi o grande precursor e responsável pela incursão da capital carioca na denominada *Belle Époque*. Segundo Jeffrey Needell:

A belle époque carioca inicia-se com a subida de Campos Sales ao poder em 1898 e a recuperação da tranquilidade sob a égide das elites regionais. Neste ano registrou-se uma mudança sensível no clima político, que logo afetou o meio cultural e social. As jornadas revolucionárias haviam passado. As condições para a estabilidade e para uma vida urbana elegante estavam de novo ao alcance das mãos.⁹

Política e financeiramente a capital da República já estava estruturada; porém, o que a faria absolutamente marca registrada da nova vida elegante seria alcançar os moldes de Civilização que importávamos do Velho Continente, particularmente da França.

O final do século XIX foi marcado pela consolidação do novo país republicano, o crescimento da classe média e, principalmente, a reafirmação das elites burguesas nacionais. Deste modo, o Rio de Janeiro, cidade nascida de um terreno exuberante, contudo acidentado, irregular e mal planejado, não comportava, naquele momento, as aspirações de uma sociedade que se desejava cosmopolita e avançada.

Morros e charcos delineavam a paisagem praticamente virgem da Capital Federal, o que era incompatível com os anseios daqueles que queriam da cidade do Rio de Janeiro o cartão-postal e a grande representação da nova República. Com a transferência da Família Real portuguesa em 1808 e com a passagem das missões francesas em 1816, o Rio de Janeiro sofreu pequenas melhorias como construção de alguns edifícios, drenagens de pântanos, aberturas de bairros e ruas. Entretanto, nada se comparava com a necessidade da capital naqueles dias, quando precisava de reformas vultosas para se metamorfosear no centro de nossa *Belle Époque*. Após as medidas financeiras tomadas por Campos Sales, já se tornavam possíveis novas oportunidades para o Rio de Janeiro. Ao assumir o cargo de presidente em 1902, o paulista Rodrigues Alves se incumbiu de orquestrar, juntamente com seus subordinados, a grande transformação estrutural do Rio de Janeiro.

Sinônimo da nossa *Belle Époque* foi a tendência afrancesada que se apossou das reformas. Nossos contornos urbanos seguiram os moldes da *art nouveau* que dominava a arquitetura finissecular francesa. A expressão máxima da jovem República foi a abertura da Avenida Central, via imponente ladeada de prédios construídos em estilo francês.

⁹ NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. [A *tropical Belle Époque: elite culture and society in turn-of-the-century Rio de Janeiro*]. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p. 39.



Ilustração 1: Teatro Municipal e a Avenida Central (s.a.).

In: Rio antigo. Disponível em <http://www.almacarioca.com.br/imagem/fotos/rioantigo/index.htm>
Acesso em 3 de novembro de 2005.

A Avenida Central não só permitia a circulação rápida entre o porto e o centro da cidade, como também transformou o antigo centro da capital. Com a estrutura inaugurada em 1904, a avenida que representava nosso Progresso e Civilização foi berço das mais vultosas construções *art nouveau* do período, como o Teatro Municipal e a Biblioteca Nacional, inaugurados, respectivamente, em 1909 e 1910.

De modo geral, as intenções reformistas aliadas aos anseios de se enterrar um passado colonial, escravocrata e atrasado foram alcançadas; a cidade tornou-se mais arejada, ampla e moderna como queriam seus defensores. Para membros da elite a vitória fora conquistada através da transformação do Brasil antigo e atrasado na República dourada representada pela nova metrópole cosmopolita carioca.



Ilustração 2: Teatro Municipal, Estátua de Pedro Álvares Cabral e a Escola de Belas Artes.
In: Rio antigo. Disponível em [http:// www.almacarioca.com.br/imagem/fotos/rioantigo/index.htm](http://www.almacarioca.com.br/imagem/fotos/rioantigo/index.htm)
Acesso em 3 de novembro de 2005.

Ao lado das elites emergentes da *Belle Époque* encontravam-se aqueles que, além de ferrenhos defensores da chamada “Regeneração”, fizeram do espaço urbano carioca um microcosmos de Paris. Nossos literatos que, em sua maioria, acumulavam cargos como jornalistas no periodismo carioca, carregaram, através de suas colunas no jornalismo, a bandeira da reabilitação carioca como recurso indispensável para a reabilitação da civilização brasileira. A fantasia de ser o Rio de Janeiro a Paris tropical fez com que esses literatos lançassem mão de seu prestígio junto ao público leitor para propagandar a Regeneração carioca.

Porém, não foi apenas esse o papel de nossos escritores na vida literária e social da *Belle Époque*. Após os anos de conturbação do início da República, quando o florianismo prendeu, exilou e baniu diversos de nossos literatos - militantes contra a ditadura do Marechal de Ferro - a elite intelectual brasileira, na sua maioria concentrada na Capital Federal abdicou, de modo geral, das lutas políticas e do ativismo em favor de um aburguesamento decorrente do próprio ofício de jornalista, que a mantinha com salário fixo e uma vida regrada e a salvo dos momentos imprevisíveis da luta partidária. Esse afastamento da vida política da nação fez com que nossos literatos, muito mais próximos da França do que daqui, passassem a ver o momento atual brasileiro apenas através das lentes da idealização. A boêmia tornou-se fundamental no cotidiano da maioria da intelectualidade.

Misérias, descasos e injustiças sociais eram sobrepujados pelas “picaretas da regeneração”, que faziam das ruas cariocas bulevares parisienses.

A boêmia liderada pelos literatos cariocas só foi possível graças aos seus trabalhos no periodismo. Jornais em ascensão e as revistas do *fin-de-siècle* foram o sustento de muitos de nossos jornalistas que, mesmo ganhando pouco nas redações, mantinham em dia sua vida errante em cafés, choperias e restaurantes do centro carioca. Nem todos os literatos achavam a colaboração jornalística muito nobre; todavia, como seus livros eram raramente publicados por alguma editora nacional, o colunismo era a saída mais segura e popular para manter os gastos com a boêmia e, ao mesmo tempo, continuar conhecido pelo escasso público leitor de nossa capital de então.

A certeza de que, por meio das obras urbanas e sanitárias que modificariam a paisagem da cidade, o sonho do progresso estaria realizado, a euforia de civilização afetou o comportamento da grande maioria da sociedade, principalmente a parcela mais abastada e intelectualizada da população. De modo geral, a nova realidade visível através modificação de nossa paisagem urbana afetou as relações sociais e literárias do Rio de Janeiro. A literatura da *Belle Époque*, emoldurada pelo mundanismo vigente das colunas sociais dos jornais e pela ânsia de civilização, marcou-se pela superficialidade, pelo eurocentrismo, pelo materialismo e pelo fetichismo de consumo próprios da fantasia de civilização e progresso defendidos pelos literatos:

A literatura típica da *belle époque*, contudo, era estéril em termos nacionais. Seu modelo cosmopolita europeu combinava bem demais com a própria fachada da era. Tal modelo, voltando-se para a vivência urbana, cosmopolita e narcisista da aristocracia e da *grande bourgeoisie*, era uma literatura articulada com a experiência comum às elites urbanas no mundo europeizado como um todo.¹⁰

A superficialidade da literatura no limiar do século XX também foi decorrência da prevalência do estilo de vida do literato sobre sua produção literária. O papel que o escritor boêmio desenvolvia na sociedade, bem como o seu modo de vida, era, muitas vezes, mais importante do que a literatura produzida. A vida literária nacional determinava, muito mais do que a literatura realizada por seus membros, o êxito de um escritor. Fazer parte da boêmia e compartilhar os contornos da vida literária carioca eram aspectos essenciais para o reconhecimento de um escritor entre seus pares na passagem do século XIX

¹⁰ NEEDELL, op. cit., p. 268.

para o século XX, em uma literatura definida por Afrânio Peixoto como “o sorriso da sociedade”.

Muito mais do que apenas um notívago, o escritor, já afamado pelo reconhecimento dos muitos jornais para os quais colaborava, passou a ser um formador de opiniões entre os grupos mais intelectualizados, podendo, na realidade, nem dispor de muito dinheiro, porém, a posição e, principalmente, o personagem que representava na sociedade carioca da época eram exemplos evidentes das aparências superficiais mantidas na *Belle Époque*. Verdade é que muitos dos colaboradores que dividiam seu talento entre romances, poesias e jornalismo literário tinham inclinação para o ofício e mereciam honradamente o reconhecimento de que desfrutavam. Porém, se o jornal desejava talento, a fama do escritor como homem do mundo, intelectual conhecido por todos, referência em cosmopolitismo e elegância pesava também para atrair leitores e assinantes ao periódico.

A obviedade da literatura marcada por modismos, o relevo dado às aparências, a importância da colocação social dos intelectuais e o papel da boêmia como passaporte para reconhecimento social, faziam dessa sociedade uma vitrine bem clara do mundanismo que o Rio de Janeiro tanto queria ter, emoldurado principalmente pela simulação de uma falsa realidade projetada pelas reformas urbanas. Nossos intelectuais, depois da inserção no periodismo da *Belle Époque*, mais do que meros escritores, passaram a ser um dos protagonistas dos anseios cosmopolitas da Capital Federal.

Essa boêmia, representada pela vida intelectual e predominantemente literária carioca, alcançou seus dias de glória e fama com a implantação da República. Após o incidente do Arraial de Canudos e a Revolta da Armada, a nação entrou em águas calmas. A pacificação do território possibilitou aos grupos intelectuais, na sua maioria formados pelos homens de letras, desfrutarem dos prazeres, principalmente noturnos, que a animada cidade do Rio podia-lhes proporcionar. Foi o momento em que a vida literária sobrelevou a literatura, e o modo de vida dos escritores foi algo mais interessante que suas obras. Era o apogeu dos cafés, hotéis, salões literários, dos teatros, das livrarias e das rodas literárias nas confeitarias do centro do Rio de Janeiro:

Os principais cafés “literários” do Rio são, entre outros, os da última década do século XIX, do período áureo da boêmia: o Café do Rio no cruzamento da Rua do Ouvidor com a Rua Gonçalves Dias; o Java, no Largo de São Francisco, esquina de Ouvidor; o Café Paris, o Café Papagaio; o Café Globo, na Rua Primeiro de Março entre Ouvidor e o Beco dos Barbeiros,

em cujos altos existe um tradicional restaurante já em decadência por volta de 1901.¹¹

O Rio de Janeiro era naquele momento a cidade dos cafés. Esses estabelecimentos serviram de ponto de encontro de escritores, políticos, artistas e da intelectualidade em geral. Assim como para uma vitrine, para lá iam aqueles que queriam se mostrar, trocar experiências, conversar. Predominantemente masculinos, esses espaços eram reservados para práticas de sociabilidade e lazer; neles se encontravam para conversar, declamar poesias e proferir palestras escritores como Olavo Bilac, Coelho Neto e José do Patrocínio (1853-1905), dentre outros.

Situados, na sua maioria, na Rua do Ouvidor¹² e imediações, os cafés representavam o ambiente seletivo e refinado de confraternização da intelectualidade que ali trabalhava e sonhava com um futuro moderno para o Rio de Janeiro. Corroborar essa afirmação Machado Neto: “Cafés, confeitarias, livrarias e jornais, boa parte dos de melhor qualidade e freguesia mais intelectualizada estavam situados na Rua do Ouvidor ou em suas proximidades”.¹³

Símbolo da boêmia carioca, a Rua do Ouvidor era a metonímia do país. A pequena travessa de oitocentos metros de extensão era a imagem do futuro próspero que buscavam os propagandistas da Regeneração. Apesar de não passar de uma viela estreita e mal calçada, a Ouvidor era a representação brasileira das finas galerias parisienses. Tão grande era a influência da acanhada via pública que inúmeros cronistas faziam dela o mote central de suas produções para o periodismo nacional. Olavo Bilac, como um ferrenho defensor do progresso carioca, via na Rua do Ouvidor o esboço de nosso país, e em crônica de 1902, revoltado com o desleixo do calçamento da mais elegante rua carioca, esbravejou:

¹¹ BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975 (Documentos Brasileiros, v 108). p. 33.

¹² Ao colocar o Rio de Janeiro, e consequentemente a Rua do Ouvidor, como símbolo máximo da Primeira República e da *Belle Époque* nacionais, não pretendemos ser parciais ou bairristas. O que ocorreu, na realidade, foi que no período retratado por esta dissertação de Mestrado avulta a produção literária carioca. Não queremos, ao focalizar o contexto literário e social do Rio de Janeiro, excluir o resto da nação. Para nós é evidente que existiram movimentos tanto no âmbito social quanto literário nas demais províncias do Brasil, e a sua relevância é ainda mais marcante se pensarmos nos muitos intelectuais que se originaram tanto ao norte quanto ao sul da Capital Federal; como exemplo poderíamos citar o grupo de escritores, liderados por Adolfo Caminha, que formaram a profícua Padaria Espiritual no Ceará, no limiar do século XX. Mas é explícita a preponderância do Rio de Janeiro, sendo capital do país, como centro da literatura da época e que sempre atraía para suas rodas literárias aqueles que desejavam fama e reconhecimento.

¹³ MACHADO NETO, Antônio Luís. *Estrutura social da República das Letras* (Sociologia da vida intelectual brasileira – 1870-1930). São Paulo: Editora da USP, Editorial Grijalbo, 1973. p. 204.

Vejam a influência que uma simples e feia viela, um apertado e melancólico beco pode ter sobre a vida de toda uma grande cidade, de toda uma imensa nação!

[...]

A rua do Ouvidor é o Rio de Janeiro; a rua do Ouvidor é o Brasil. Perguntar: “como está a rua do Ouvidor?” é o mesmo que perguntar: “como está a pátria?” Quando a rua do Ouvidor passa bem; a pátria exulta e vibra, numa plethora de mocidade e de saúde; quando a rua do Ouvidor tem uma pontinha de febre, o Brasil está sepultado no fundo de uma cama, desconsolado e moribundo...¹⁴

Tão clara e evidente é a relevância da Rua do Ouvidor que Bilac chegou ao extremo de condensar em seus poucos metros de extensão, além de sua importância e predomínio sobre o Rio de Janeiro, toda a amplitude do Brasil. Em momento algum quis o poeta diminuir a significância do resto da nação frente ao simbolismo que se resume através da Ouvidor. A verdade é que a pequena ruela realmente era, principalmente aos olhos estrangeiros, nosso símbolo maior e tratá-la como tal fazia parte do movimento em prol do progresso da Capital Federal e, por consequência, do país todo.

Durante o dia, a estreita rua era a passarela das elegantes senhoras que faziam compras nas boutiques e nas modistas da região. Primeira rua brasileira a receber comerciantes estrangeiros, a Rua do Ouvidor transformava-se em um formigueiro humano com senhoras e seus empregados carregados de sacolas e embrulhos. Muito mais do que um ambiente apenas agradável, a viela era a vitrine da boa sociedade carioca. Chás e pequenos lanches reuniam as boas famílias nos cafés e confeitarias da afamada rua. “Igrejinhas” eram formadas nas mesas dos bares da Ouvidor por grupos de literatos para suas conhecidas trocas de elogios mútuos. Ao cair da tarde, o público da Rua do Ouvidor se transfigurava, belas *cocottes* tomavam lugar nas confeitarias e cafés esperando a boa companhia dos ilustres políticos que para ali se dirigiam para proferir discursos após o expediente da câmara e do senado.

Aberta no início do século XVIII, ali batia o coração da civilização e da cultura da pequena elite carioca. Era um beco na verdade, mas suas vitrines de luxo, sua iluminação, o tráfego do bonde a transformaram, aos olhos da sociedade ávida de ineditismo, em uma miniatura da Champs Elysées parisiense.

¹⁴ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1902. p. 1, 2. col.



Ilustração 3: Rua do Ouvidor (s.a.).¹⁵

In: Rio antigo. Disponível em [http:// www.vivercidades.org.br/publique/media](http://www.vivercidades.org.br/publique/media)
Acesso em 9 de novembro de 2005.

A Rua do Ouvidor sempre seria a artéria de circulação e de contato do Brasil com a França, e não apenas para os ricos moradores dos bairros nobres cariocas como também seria ela o ambiente especial de encontro dos literatos em voga. Em crônica anedótica e com nuances moralizantes sobre o péssimo calçamento da Rua do Ouvidor, Olavo Bilac confessou, novamente, sua admiração pelo “adorável beco”:

Quem ouve falar da rua do Ouvidor, dessa menina dos olhos da cidade, dessa grande artéria da nossa circulação social, dessa *vitrine* da nossa elegância e do nosso bom-tom, imagina que a pobre, mesmo não tendo largura, tem certo *chic*...¹⁶

¹⁵ Na realidade, não pudemos asseverar a data precisa desta foto. Observando com atenção as características da figura, percebemos certo descompasso com o período que retratamos, a *Belle Époque* nacional. A imagem exposta mostra-nos em detalhes, arquitetura e vestuário avançados para a época. Entretanto, a foto escolhida não pretende expor fielmente um modelo da época, nossa intenção apenas era a de ilustrar, em linhas gerais, como se configurava uma das ruas mais importantes do Rio de Janeiro após a Proclamação da República.

¹⁶ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 9 de julho de 1899. p. 1, 2 col.

Outra forma de entretenimento da sociedade da *Belle Époque* eram as reuniões em salões literários. Assim como o Jockey ou o Derby Clube, tais ambientes serviam para aglutinar a boa sociedade carioca. Localizados em residências burguesas, os salões eram a abertura dos lares da elite para encontros, geralmente semanais e fixos, para uma agradável palestra, saraus literários e pequenas encenações teatrais. Alçados à posição de trampolins sociais, os salões da República “se mantiveram como agentes de seleção enquanto puderam funcionar como ‘elevadores’ sociais e exercer uma influência controladora sobre as organizações-chave do saber e da formação de opiniões”.¹⁷ Os salões, assim como as sociedades literárias que surgiram no limiar do século XX, os cafés literários, as tertúlias boêmias e os clubes políticos eram, sem dúvida, o *habitat* natural da *intelligentsia* nacional e, por consequência, da elite.

Após o jantar, permeado de boa música, aristocratas, políticos, artistas e escritores reuniam suas famílias para compartilhar de afáveis horas de lazer e cultura. Espelhados na cultura européia, os salões eram a forma que profissionais urbanos e ricos homens de negócios encontravam para manter contato com a elite intelectual da época. De acordo com Needell:

Mantidos para contatos, conversas e formas prestigiosas de consumo, os salões de *belle époque* também demonstravam, mais uma vez, a importância de tais valores na imagem que a elite projetava de si mesma. Assim como em sua educação e instituições formais, a identificação dos salões com a civilização européia era fundamental para a noção que a elite tinha daquilo que ela deveria ser.¹⁸

Entretanto, da diversão e do mundanismo da *Belle Époque* muito se encontrava nas ruas da cidade. Se a aristocracia se fechava em salões, os boêmios notívagos percorriam a cidade em busca de diversão. O boêmio, “homem alegre, despreocupado, que adora a vida”,¹⁹ era um constante freqüentador das rodas literárias das famosas confeitarias, principalmente a Colombo. Reflexo vivo da *Belle Époque* do Rio de Janeiro, a Confeitaria Colombo, fundada em 1894, era o perfeito ponto de encontro para uma variada gama de pessoas em seus almoços, chás da tarde e jantares: políticos, jornalistas, artistas, literatos, senhoras da alta sociedade, estudantes, curiosos e boêmios.

¹⁷ MANHEIM, Karl. *Sociologia da cultura*. Trad. Roberto Gambini. São Paulo: Perspectiva; Editora da USP, 1974. p. 111.

¹⁸ NEEDELL, op. cit., p. 142.

¹⁹ LÍBERO, Nelson. *Olavo Bilac: o homem e o amigo*. Palestra feita em 11 de abril de 1960, no Museu de Arte de São Paulo. São Paulo: Anhambi, 1960. p. 8.

Às portas do século XX, o Rio de Janeiro era uma cidade alegre e acolhedora, e uma de suas mais agradáveis atrações eram as rodas literárias formadas nas mesas da Colombo. Capitaneada por Olavo Bilac, a roda mais famosa da confeitaria “marcou época na vida literária da nossa terra [...]. Bela demais para sempre durar, a roda da ‘Colombo’ desintegrou-se lentamente. A dispersão de seus componentes era fatal, de alguns por motivos de saúde, de outros por motivo de viagem ou mudança...”.²⁰ Além da Colombo, outros pontos igualmente preferidos pelas “celebridades literárias” eram as confeitarias Pascoal, Cailteau e Castelões.

Com o passar do tempo, não somente as rodas boêmias das confeitarias iam escasseando, mas também os encontros rotineiros nos cafés do centro da cidade perdiam frequência. Era o fim da chamada boêmia tradicional que cedia lugar para a boêmia dourada. Com a virada do século, em consequência das evoluções tecnológicas que desenvolveram a imprensa periódica e das reformas urbanas que modificaram rapidamente a capital carioca, a antiga boêmia perderia posição para um novo meio de vida: a boêmia dourada e refinada que passaria a perambular pelas novas vias do Rio de Janeiro. Sobre o assunto, comenta Machado Neto:

Com as mudanças sociais e a relativa modernização do país suscitadas pela abolição e pela república, a boêmia tradicional se foi metamorfoseando na boêmia dourada dos *dandys*. Em torno de 1900, já é essa que domina, não mais os cafés e restaurantes, mas os salões onde a literatura se tinha assimilado ao mundanismo da metrópole cosmopolita e civilizada em que o Rio timbrava por transformar-se.²¹

Mais afeito a clubes, salões e teatros, o novo refinamento de nossa boêmia era de efervescente mundanismo; surgia assim “uma fauna inteiramente nova de requintados, de dândis e *raffinés*, com afetações de elegância, num círculo mundano, em que a literatura era cultivada como um luxo semelhante àqueles objetos complicados [...] do *art nouveau*”.²² Casas de chope e cabarés simbolizaram a modernização da boêmia, que agora era dourada como o sonho da modernização e progresso.

Outro grande símbolo da sociedade da *Belle Époque* carioca era o teatro. Espaços de diversão e de sociabilidade da elite burguesa, os teatros mais freqüentados eram: Dom Pedro II e o Alcazar Lírico, fundado em 1871 e posteriormente denominado Teatro

²⁰ LÍBERO, op. cit., p. 13.

²¹ MACHADO NETO, op. cit., p. 94.

²² BROCA, op. cit., p. 20.

Lírico Francês. Eram os que mais davam visibilidade para aqueles freqüentadores que se queriam mostrar. Como era de praxe, nas encenações brasileiras predominavam as apresentações de companhias teatrais francesas que eram ansiosamente esperadas pelas madames do Rio de Janeiro. A Capital Federal continuamente importava companhias líricas no intuito de trazer sofisticação e *glamour* para as noites das elites. Atrizes como Sarah Bernhardt e Réjane apresentaram-se diversas vezes em nossos teatros.

Não raro essas companhias pouco aproveitavam do clima carioca, pois as epidemias que assolavam a capital carioca chegavam a dizimar *troupes* inteiras²³. Se o mundanismo e a futilidade da sociedade da época eram muito bem representados pelas confeitarias, salões e teatros que reuniam a fina flor da sociedade carioca, esta frágil realidade ficava à mostra, pelas mãos dos engajados escritores que desejam ver sua cidade civilizada não apenas na fachada. Por ocasião da passagem pelo Rio de Janeiro, em 1902, da companhia de teatro Sansone, Olavo Bilac, mais uma vez, foi porta-voz dos inconformados com a insalubridade que assolava a cidade:

Enquanto o Rio de Janeiro se prepara para ouvir os canários da *troupe* Sansone e para se deliciar com os espetáculos da incomparável Réjane – uma nuvem negra, pejada de tristeza e vergonha, paira sobre as nossas almas. E uma terrível apreensão nos tortura: “Somos nós dignos de receber aqui a visita de artistas ilustres, somos dignos de hospedar os representantes mais gloriosos da arte estrangeira, quando, pela nossa imperdoável incúria e pelo nosso nunca visto desleixo, deixamos o Rio de Janeiro transformar-se numa vasta e perigosa Maremma²⁴ assassina?”

Em menos de dez dias, a febre amarela matou quatro ou cinco homens de nota, - sem falar no grande número de vítimas obscuras que a nossa grande inimiga prostrou em pleno viço da força e da saúde. O efeito disto é tremendo e decisivo, lá fora.²⁵

O cronista, estandarte da luta pela profilaxia carioca, deixou evidente a falta de medidas de saneamento básico do Rio de Janeiro e, por medo de que uma das epidemias que mais vítimas fez no país no limiar do século XX – a febre amarela – também contaminasse a trupe teatral, confessou-nos seu horror frente a essa possibilidade. Além de deixar transparecer sua vergonha com o caos sanitário e epidêmico que tomava conta da cidade, o maior receio do cronista era a repercussão internacional que a possibilidade de contaminação da afamada companhia de atores poderia causar. Se o Brasil, e principalmente

²³ Cf. TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. *Imagens Literárias Urbanas: Machado de Assis e Lima Barreto, o Rio de Janeiro escrito a quatro mãos*. Tese (Doutorado em Letras). Assis: FCL da UNESP, 2005. p. 139.

²⁴ Maremma é uma região da Itália situada na costa do mar de Tirreno, conhecida pela suas formações pantanosas.

²⁵ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25 de maio de 1902. p. 1, 4. col

sua capital, virassem notícia no exterior, não por causa de suas belezas naturais e demais atrativos, mas sim, devido ao descontrole epidêmico, mais uma vez perderíamos a oportunidade de nos tornarmos, para nós mesmos e para o exterior, uma nação à altura das do Velho Continente como sempre sonháramos.

Assim, de certo modo, através das notícias e colunas de jornais percebemos como o sonho do cosmopolitismo que embalava certos grupos sociais do período era frágil. Problemas em todos os setores da população desmanchavam facilmente a imagem festiva que pairava sobre a Capital Federal: insalubridade, mendicância, desemprego, epidemias, falta de moradias, dentre outras questões afetavam a vida social da nação. Porém, nada era suficiente para aplacar a sede de mundanismo que se espalhava, essencialmente, pela Capital Federal. O desleixo e a sujeira da cidade não atingiam, de modo incisivo, aqueles que viviam a flunar pela cidade, habituado a bailes, festas, teatros e *meetings* festivos.

Além dos salões, teatros, cafés e confeitarias, outro ambiente de reunião da sociedade carioca eram as livrarias. Reduto eminentemente dos homens de letras da sociedade carioca, a Livraria Garnier, chamada por Bilac de “a sublime porta”,²⁶ e a Livraria Laemmert eram pontos de encontro e vitrine para os literatos que desejavam publicidade. Frequentar tais ambientes era objeto de desejo dos novos escritores; afinal não era nada fácil para um jovem literato ter seus originais aceitos por um desses grandes editores carioca. Entretanto, compartilhar da companhia de ilustres homens de letras já fazia com que se vislumbasse mais próximo o sonho do sucesso. Não raro, era em encontros sociais promovidos nesses ambientes que surgiam as intenções, na grande maioria vãs, de se instituírem as Sociedades de Letras.

Porém, em 1897, uma delas vingou. Pelas mãos de Machado de Assis (1839-1908) foi inaugurada a Academia Brasileira de Letras, com sede no Rio de Janeiro. A Capital Federal, além da predominância absoluta sobre a política e a economia brasileiras, também centralizava sob seus domínios as reputações literárias em voga.

Aqueles que outrora ocupavam os bares e cabarés da cidade abdicaram de suas vidas errantes após a consolidação da ABL. Como membro fundador, Olavo Bilac foi um dos nomes que abriram mão dos anos de boêmia em prol do reconhecimento literário e social. No início de 1900, a Academia Brasileira de Letras, juntamente com a abertura das

²⁶ BILAC, Olavo. Crônica. *Kosmos*. Rio de Janeiro, novembro de 1908.

grandes vias de tráfego concorreram para o fim da boêmia nas ruas cariocas ²⁷. Fazer parte de tão afamada reunião de homens impunha, de acordo com os membros da Academia, correção e retidão de caráter, qualidades estas incompatíveis com a dispersão boêmia. A modernização iminente também faria com que os grupos de notívagos perdessem seus redutos boêmios em favor das reformas e demolições constantes do velho centro carioca. A boêmia dourada se findava dando lugar a uma elite intelectual aburguesada e afinada com o governo vigente.

Porém, o fim da boêmia não significou o fim dos anos dourados. O desconforto com a civilização atrasada brasileira e o desejo de se parecer com Paris só seriam parcialmente superados com as reformas urbanas propostas pelo governo federal a partir de 1902. O sonho de ver o Rio de Janeiro como uma metrópole cosmopolita permeava o sonho daqueles que incessantemente lutavam pela profilaxia carioca. Bilac, muito mais do que mero ensaísta urbano, foi intelectual empenhado em dotar sua amada cidade de bulevares parisienses. Comenta o assunto Jeffrey Needell:

Na verdade, encontra-se em Bilac, como representante da civilização e crítico do “atraso” urbano carioca, um perfeito porta-voz da *belle époque* carioca. Aí está a chave. Sua ironia e piedade estavam reservadas para seus compatriotas e serviam em grande parte para mascarar a vergonha e a raiva. Sua função na equipe de Pereira Passos não era mera conveniência, mas uma forte coincidência de interesses ideológicos – ele se identificava desesperadamente com o Rio “civilizado”, uma metamorfose da cidade e do cidadão que ele só podia imaginar em termos de cultura francesa. ²⁸

Bilac sonhou em fazer parte das rodas literárias boêmias do Rio antigo. Alcançou tal sonho ao colaborar nos mais afamados periódicos do país, além de publicar as famosas *Poesias*, que hoje já alcançam a marca da 29ª edição. Mas, sobrepujando a fama literária, era o ardor progressista e patriota que movia a sua vida. Bilac alcançou o Olimpo da fama como poeta. Como homem de jornal, devotou-se à busca de uma cultura civilizada para a sociedade brasileira da *Belle Époque*.

O contexto que marcou o nascimento e a incursão brasileira nos quadros da *Belle Époque* foi marcado pelo orgulho da Abolição, a insatisfação com os rumos da República, o afastamento dos literatos do ativismo político e o conseqüente aburguesamento da elite literária, pelo jornalismo, pela Academia e pelo funcionalismo público. Entretanto, foram também os anos dourados da burguesia em florescimento, um momento de

²⁷ Cf. BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975 (Documentos Brasileiros, v 108). p. 07.

²⁸ NEEDELL, op. cit., p. 235.

consolidação e busca de valores europeus, de crescimento e estabilidade político-econômica que apenas iriam entrar em declínio por volta de 1914 com a eclosão, na Europa, da Primeira Grande Guerra.

A decadência da *Belle Époque* primeiramente foi apenas sentida no Velho Continente. Crises culturais e pessimismo acerca da importância da cultura européia só viriam atingir o Brasil e mais profundamente o Rio de Janeiro na passagem cultural em 1922, com o movimento modernista em São Paulo.

Capítulo II

BILAC ENTRE FOLHAS: NOVIDADES, A RUA, CIDADE DO RIO, A NOTÍCIA, A CIGARRA, KOSMOS, O ESTADO DE SÃO PAULO...

O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço. Machado de Assis in “Instinto de Nacionalidade”.

Vários momentos marcaram a vida do então jovem estudante Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac antes de seu apogeu como poeta da forma e cronista.

Nascido em 16 de dezembro de 1865, na rua da Vala, atual Uruguaiana, no centro da antiga Capital do Império, o jovem Bilac só veio a conhecer o seu pai aos quatro anos, quando o Dr. Brás Martins dos Guimarães Bilac, então médico das tropas brasileiras, voltou da luta no Paraguai. O poeta nutria sentimentos opostos ante os pais. Enquanto D. Delfina Belmira, sua mãe, era carinhosa e compreensiva até mesmo nos futuros momentos de boêmia do filho, Dr. Brás sempre se mostrou intransigente e severo.

Assim como todos os filhos das abastadas famílias do Império, o jovem estudante Bilac, de apenas quinze anos, satisfaz os desejos do pai e aceitou o ingresso na

Escola de Medicina do Rio de Janeiro em 1880. Mesmo ainda não tendo idade suficiente para a admissão, seu pai, como importante membro das tropas no Paraguai, conseguiu, junto ao imperador, um decreto autorizando Bilac a se matricular no primeiro ano do curso médico.²⁹



Ilustração 4: Rua Uruguaiana (Augusto Malta).³⁰

In: Rio antigo. Disponível em <http://www.almacarioca.com.br/imagem/fotos/rioantigo/index.htm>
Acesso em 24 de novembro de 2005.

Contaminado pelo “vírus literário” na faculdade, em 1886, já cursando o quinto ano do curso médico com mérito, uma vez que já havia sido até nomeado preparador de Fisiologia Experimental, o poeta abandonou os estudos e não evitou o conseqüente rompimento com o pai. A medicina perdeu um brilhante estudante e a literatura brasileira ganhou um novo nome.

Ainda nos anos de estudos médicos, Bilac, já escritor, contribuiu para diversos pequenos periódicos cariocas, como a folha estudantil *Gazeta Acadêmica* (1883); sua estréia literária aí se deu com a publicação do soneto “Deus”,³¹ em 1º de julho de 1883; e

²⁹ Esse mecanismo era comumente utilizado pelas famílias bem relacionadas com o Império. Cf. MAGALHÃES JR., Raimundo. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: Americana, 1974. p. 18-9.

³⁰ Antiga Rua da Vala. A ilustração mostra o período em que a rua em que Bilac nasceu passou pelas reformas urbanísticas cariocas.

³¹ O estudioso Affonso de Carvalho afirma ser “Manhã de Maio” a estréia literária de Bilac em jornais, porém, o poema “Deus” teve sua publicação alguns meses antes daquele mencionado por Carvalho. CARVALHO, Affonso de. *Bilac: o homem, o poeta, o patriota de Rio de Janeiro*: Livraria José Olympio, 1942. p. 13.

posteriormente publicou ainda na *Gazeta de Sapucaia* (1885). Em início de carreira, sonhava ardentemente com as páginas da *Gazeta de Notícias* e, mesmo que de modo fugaz, em 1884 o então poeta de dezoito anos alcançou o periódico publicando seu primeiro soneto, em 31 de agosto, “A Sesta de Nero”, “considerado o marco da consolidação do Parnasianismo”.³²

Com o abandono da faculdade e o início do trabalho como revisor em jornais, ainda que a nova atividade fosse de início levada a contragosto como algo feito apenas por necessidade de sobrevivência e em contradição a seus preceitos sobre a arte verdadeira, Bilac, com o tempo, ingressou definitivamente nas redações de jornais e na boêmia. O rompimento com o pai foi absoluto. O sisudo e organizado Dr. Brás Bilac, que “jamais poderia compreender o meio boêmio e literário da sua época – e que seu filho a ele pertencesse”,³³ preferiu o afastamento a aceitar a vida errante do filho, que passou a “vadiar” pelas repúblicas cariocas sem pouso certo e mantido, secretamente, pela ajuda financeira da mãe. Porém, essa vida livre sem os arreios familiares lhe trouxe algumas boas surpresas: a amizade de José do Patrocínio, importante cúmplice de lutas e noitadas, e a companhia de Amélia Oliveira, irmã de seu grande amigo Alberto.

Os passeios à Engenhoca, retiro da família Oliveira em Niterói, logo deram frutos; o namoro entre Bilac e Amélia começou apesar da contrariedade de Juca, irmão da jovem. A oposição nutrida pelo metódico engenheiro não tinha muita explicação³⁴; entretanto, para evitar uma proibição de seus encontros com Amélia, Bilac resolveu, em abril de 1887, matricular-se na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, com o propósito certo de obter o diploma de bacharel e o respeito da família Oliveira. Entre 1887 e 1888, Bilac manteve seu noivado à distância com Amélia. Rápidas visitas à Engenhoca e muitas cartas de amor comprovam o carinho de Bilac pela noiva:

Amélia

Amo-te, amo-te! Como é bom poder enfim dizer o que nos enchia o coração! Amo-te, amo-te, amo-te cegamente, loucamente, mais que a tudo! Amo-te porque és para mim a melhor, a mais pura, a mais santa de todas as criaturas. Amo-te, porque tu, meu orgulho e minha vida, foste a única mulher que me soube fazer conhecer toda a divina delícia, toda a suave tortura do verdadeiro amor.

Amei-te, no primeiro dia em que te vi: amei-te em silêncio, em segredo, sem esperança de te possuir e sem refletir. Não quis saber quem eras, nem quis saber se me poderias amar: amei-te e amo-te cada vez mais. Estou em

³² LIMA, Alceu Amoroso. *Olavo Bilac: Poesia*. Rio de Janeiro Agir, 1959 (nossos clássicos, 2). p. 8.

³³ CARVALHO, op. cit., p. 10.

³⁴ Provavelmente, uma das razões que levou a família Oliveira a proibir o romance de Amélia e Bilac seria a vida desregrada e sem remunerações fixas do poeta. Juca, por ser formado em engenharia e chefe da família, era metódico e organizado, e não aceitaria o estilo de vida de Bilac.

S. Paulo por tua causa. Trabalharei, farei sacrifício de tudo, lutarei contra tudo, mas juro-te que serás minha, inteiramente minha, unicamente minha. Amo-te! Amo-te! Amo-te!

Olavo ³⁵

A carta de Bilac é reveladora. Por amor à Amélia, o poeta mudou-se para São Paulo para mostrar-se, à família da noiva, sério e estudioso. Porém, a província paulista não lhe mudou gênio. Em crônica de março de 1901, Bilac, em tom nostálgico, lembrou os momentos passados na província:

Há treze anos, naquele doce ano de 1887 que este cronista passou em São Paulo a fingir que estudava retórica, a Paulicéia era uma calada cidade de estudo e troça.

[...].

Uma cidade, de estudo e de troça... Mais de troça que de estudo. Havia quem penasse e gemesse sobre o Corpus-Juris. Mas a imensa maioria dos estudantes (e estudantes eram quase todos os habitantes de S. Paulo) abominava do fundo da alma as apostilas e os compêndios. Só se viam pelas ruas caras imberbes, gestos largos, olhares que a Esperança enchia de clarões, bocas abertas num perpétuo riso, - afrontando a Vida, desafiando o futuro, malhando de rijo nas cousas e nos homens do passado, sem sentir que as horas corriam, passavam, voavam para nunca mais voltar. ³⁶

Em São Paulo, a vida jornalística intensificou-se. Ao passo que freqüentava esporadicamente o curso de Direito, Bilac engajou-se nas lutas abolicionistas e republicanas que eclodiam pela cidade. Lá, em 1887, iniciou seu trabalho no *Diário Mercantil*, jornal de Gaspar da Silveira (1854-1909), e na *Vida Semanária*, e, inclusive, intensificou a boêmia iniciada no Rio, o que acarretou a proibição, por parte da família Oliveira, do romance entre Bilac e Amélia. ³⁷

De bar em bar, com noites mal dormidas em repúblicas alheias, a pequena São Paulo estudantil da época só lhe serviu para duas coisas: engajar-se na luta política que fervilhava nos periódicos da capital paulista e concluir a grande obra de sua vida, *Poesias* (1888).

³⁵ Esta carta foi escrita de São Paulo, logo após o noivado do poeta. Não traz data. In: ELTON, Elmo. *O noivado de Bilac*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954. p. 27.

³⁶ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 3 de março de 1901. p. 1, 1 col.

³⁷ Após o noivado com Amélia, entre 1888 e 1889, Bilac assumiu compromisso com Maria Selika, filha de seu amigo, o violinista Pereira da Costa. Com o claro intuito de provocar a família Oliveira, Bilac novamente se entregou ao amor. Entretanto, a maneira fria e distante como Maria Selika o tratava fez com que, através de uma carta, Bilac definitivamente colocasse um ponto final em suas investidas amorosas. Cf. MAGALHÃES JR., Raimundo. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: Americana, 1974. p. 103 seq.

A vida desregrada, permeada de versos e bebericos, proibiu-lhe o amor de Amélia; todavia, abriu-lhe as portas da fama nos periódicos cariocas quando se deu o seu regresso em 1888. Após o total abandono dos estudos e dos casos amorosos, Bilac dedicou-se então intensamente ao trabalho jornalístico que iria ocupar, juntamente com a bandeira da luta contra o analfabetismo, todos os momentos de sua brilhante carreira pública durante mais de vinte anos (1887-1908). De volta ao Rio, Bilac dedicou-se de corpo e alma ao ofício de jornalista. Com a publicação de *Poesias*, sua fama abriu-lhe muitas portas.

1. As primeiras contribuições de Bilac no periodismo paulista e carioca

Em 28 de setembro de 1887 o jornalista José do Patrocínio inaugurou a *Cidade do Rio*, jornal que alcançou seus dias de glória durante as tensões abolicionistas, mas, mesmo assim, nunca alcançou saúde financeira:

A Cidade do Rio vive como sempre viveu o seu proprietário – dos caprichos da sorte, à *la bonne fortune du pot...* Quando chega o dinheiro, em geral, com uma bem grande irregularidade, enche-se a redação de gente, porque, então, José do Patrocínio, mãos abertas, paga a todos e paga muito bem.³⁸

Desde a inauguração, o periódico passou a contar com as palavras de Bilac. Já em fevereiro de 1888 estreou com diversas colunas. A primeira foi “Lazeres”, assinada com o pseudônimo de Puck. Outras colunas vieram como “Crônica”, assinadas por Fantasio, e “Os sete dias...”, que muitas vezes trazia as iniciais O.B. Todas essas seções de Bilac, assim como a maioria dos textos da *Cidade do Rio*, não possuíam uma regularidade de publicações. O tom jocoso, assim como a irregularidade no cronograma de publicação, predominava nestes textos bilaquianos.

O jornal vespertino era diariamente lançado às ruas às quatorze e trinta, exceto aos domingos, quando a folha não circulava, prática corriqueira nos periódicos que saíam pela tarde. Apesar das dificuldades financeiras e do pouco cunho empresarial, a *Cidade do Rio*, graças ao bom relacionamento de Patrocínio com a intelectualidade finissecular, além da constante participação do amigo Bilac, trazia outros nomes ilustres estampados em suas páginas.

³⁸ EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1957. p. 986.

Além das colunas do próprio diretor José do Patrocínio e do secretário Olavo Bilac, que dividia a função com Pardal Mallet (1864-1895), colaboradores como Luiz Murat (1861-1929), Emílio Rouède (1850-1908) e Coelho Neto faziam a gentileza de publicar textos na *Cidade do Rio*. Era gentileza porque essas colaborações por muitas vezes tornavam-se “doações”, já que Patrocínio poucas vezes pagava seus amigos pelos textos.

Seis colunas espalhadas por quatro páginas eram suficientes para abarcar as notícias da *Cidade*: colunas rotineiras dos jornais da época se faziam constantes como os *Telegramas*, charadas, notas esportivas e o tradicional romance-folhetim no rodapé.

Bilac passou por diversos periódicos desde o seu regresso de São Paulo. O intenso trabalho jornalístico à época de estudante de Direito rendeu-lhe fama e a *Cidade do Rio* foi um dos periódicos, no seu início de carreira, que mais lhe deu destaque.

Já em 1889 a *Cidade do Rio* inaugurou mais uma coluna do mestre parnasiano. Em 31 de outubro o expediente do vespertino publicou: “As Pantomimas são da pena de Olavo Bilac, que nos mimoseia com sua esplendorosa colaboração, sob o pseudônimo de Pulcinello.”³⁹

A coluna, também não muito constante, publicava relatos do dia-a-dia da cidade, muitas vezes permeados de uma sutil fantasia e mesmo ironia, mecanismos estes muito utilizados na escrita bilaquiana. Porém, não foi longa a vida da “Pantomima”. Em julho de 1890, Bilac viajaria para Europa como correspondente do jornal. Poderiam ser insuficientes e inconstantes os pagamentos de Patrocínio aos seus colaboradores; entretanto para Bilac era possível sobreviver modicamente e manter em dia seus jantares nos antros boêmios da animada vida noturna carioca. Além do mais, qual outro amigo, dono de jornal, poderia patrocinar sua tão sonhada primeira viagem ao Velho Continente?

A *Cidade do Rio* publicou em 8 de julho de 1890, logo abaixo da reprodução de uma foto de Bilac, comunicado sobre a partida do poeta:

Parte para a Europa, no dia 10, o extraordinário moço com cujo nome se aureolam estas linhas, com cujo retrato se glorifica esta página.

[...]

E leva dentro do coração muitos corações amigos, que vêem nele a síntese dignificada do talento e do caráter nacionais, e que o sabem amar como ele merece, e que, no tristíssimo momento da despedida, hão de deixar escapar

³⁹ EXPEDIENTE. *Cidade do Rio*. Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1889, p. 1, 1. col.

um pedaço da alma, quando, na efusão dos mais nobres sentimentos, derem-lhe o beijo sagrado do irmão, o abraço comovedor do amigo sincero.⁴⁰

Durante sua colaboração na *Cidade do Rio*, Bilac se envolveu em outros trabalhos jornalísticos na capital carioca. Foi deste período que nasceram seus textos para o *Novidades* (1887-1892).

Vendendo a 40 réis o exemplar, o redator-chefe Alcindo Guanabara (1865-1918) colocava diariamente nas ruas do Rio de Janeiro seu vespertino de apenas quatro páginas. O *Novidades* não se diferenciava muito dos outros periódicos do momento: expediente, telegramas, romance-folhetim, notas teatrais e sociais e pequenas colunas de entretenimento estavam diariamente estampados em suas sete colunas.

Em “Ecos e Notícias”, Bilac comentava, sob o pseudônimo de Asmodeu, as últimas novidades diárias da velha corte. E sob o mesmo disfarce, assinava “Espírito Alheio”, coluna diária e extremamente anedótica.

Além de Bilac, outros colaboradores eram freqüentes no *Novidades*: Luiz Murat, Urbano Duarte (1855-1902), Artur Azevedo (1855-1908), Araripe Jr. (1848-1911), Silvio Romero (1851-1914) e Coelho Neto, entre outros.

Entretanto, a colaboração mais marcante de Bilac no periodismo nacional no início de 1890 se deu na *Gazeta de Notícias*. Em 1884, como já anotado, Bilac havia publicado no centro da primeira página do dia 31 de agosto seu poema, “Sesta de Nero”, em homenagem a Alberto de Oliveira (1857-1937).

Mas, se esta estréia não se fez acompanhar de outras publicações, a participação de Bilac se renova em 24 de abril de 1890:

Reconhecido como jornalista e poeta, foi então convidado por Ferreira de Araújo a ser colaborador eventual da *Gazeta de Notícias*. Assim, no centro da primeira página da edição de 24 de abril de 1890 foi publicada a primeira crônica das centenas que depois seriam assinadas pelas iniciais O. B.: “Os fortes”.⁴¹

⁴⁰ EXPEDIENTE. *Cidade do Rio*. Rio de Janeiro, 8 de julho de 1890, p. 1, 1. col.

⁴¹ SIMÕES JR., Alvaro S. *A Sátira do Parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904*. Tese de Doutorado em Letras. Assis: FCL da UNESP, 2001. p.125.

Porém, assim como de modo repentino se iniciou também se finalizou essa parceria entre Bilac e a *Gazeta*. Desta fase, foram pesquisados e localizados apenas 27 textos de autoria do parnasiano. Entre 24 de abril e 1º de julho de 1890, Bilac escreveu e publicou quase diariamente os 27 textos que marcaram definitivamente seu nome na galeria dos grandes colaboradores da *Gazeta de Notícias*.

O término desta primeira contribuição de Bilac para o jornal que sempre o atraiu teve um motivo palatável: se a *Gazeta de Notícias* era um sonho realizável dentro dos limites cariocas, seu amigo e grande jornalista José do Patrocínio poderia possibilitar-lhe a realização de um sonho que fugia às fronteiras nacionais: sua viagem a Paris, a cidade-modelo de todos no fim do século XIX.

Em 1890, Bilac abandonou então seu início de carreira na *Gazeta de Notícias*, e seguiu como correspondente internacional da *Cidade do Rio*. Da Europa, Bilac enviava, sempre que possível, crônicas acerca do cotidiano europeu; imagens de Londres foram constantemente retratadas nas linhas do “Jornal da Europa”, entre julho de 1890 e março de 1891. A partir de 1890, Paris se tornou o “porto seguro” de Bilac, que para lá seguiu em diversas viagens até seu falecimento em 1918.

Assim se estruturava a vida jornalística do poeta, que já havia colaborado, até este período, regularmente, em vários jornais além da *Cidade do Rio*, como, por exemplo, na publicação republicana *A Rua* de Pardal Mallet, Raul Pompéia (1863-1895) e Luiz Murat entre abril e julho de 1889 no Rio de Janeiro.

Como fica evidente, apesar da grande fama da *Gazeta de Notícias* e de todos os louros que ela proporcionaria para a vida jornalística e literária de Bilac, não foi só ela que possibilitou ao poeta sua ascensão como cronista. Comprova essa afirmação Álvaro Guerra:

A imprensa seduzia-o. Primeiro na *Cidade do Rio*, com José do Patrocínio, depois na *Gazeta de Notícias*, com Ferreira de Araújo; mais tarde, na *Notícia*, com Manoel da Rocha, a seguir, na *Cigarra* e na *Bruxa*, com Julião Machado, - foi ele dissipando nababescamente os tesouros do seu privilegiado talento, ora em crônicas literárias, ora em seções humorísticas, ora em deliciosos versos, assinados, quase sempre, com pseudônimos.⁴²

⁴² GUERRA, Álvaro. Olavo Bilac. In: Idem. *Introdução ao estudo literário*. Contendo a biografia e estudo crítico dos mais notáveis literatos brasileiros representativos de sua época. São Paulo: Melhoramentos, s/d. p. 166.

A rica produção jornalística bilaquiana, espalhada por diversos periódicos da época, fez com que, como comenta Guerra, os pseudônimos tivessem importância fundamental para o sucesso de sua carreira nas publicações do fim do século.

Em grande parte, as crônicas que Bilac publicava tanto no periodismo carioca quanto no paulista viam rubricadas por um dos diversos pseudônimos adotados. Na realidade, o abuso exagerado do falso anonimato proporcionado pelos pseudônimos não era tentativa, por parte do poeta, de se esquivar da responsabilidade sobre o texto, ou mesmo vergonha de produzir material jornalístico. De acordo com Brito Broca, mais do que cautelosos ou envergonhados em assumir a autoria de textos dispersos no jornalismo finissecular, a inclinação ao uso dos pseudônimos não só por Bilac como por grande parte da intelectualidade, foi uma maneira de se separar, em primeiro lugar, a literatura da vida civil do escritor. Até então, a condição burguesa que a intelectualidade mantinha, formada, na sua maioria, por magistrados, não condizia com o trabalho jornalístico, considerado, de certo modo, “frívolo”.

Porém, ainda segundo *Horas de Leitura*, com a consolidação da imprensa no Brasil e a remuneração que a modernização do jornalismo possibilitou aos colaboradores de renome, a tendência de disfarçar-se sob a máscara do pseudônimo tornou-se frágil:

[...] o antagonismo entre a literatura e a vida civil começa a diminuir. Bilac, Artur e Aluísio Azevedo, Guimarães Passos e tantos outros da geração naturalista e parnasiana, já não visam, como os românticos – sisudos bacharéis em direito – o êxito social. Não fazem, em geral, um curso superior. Querem, antes de tudo, vencer nas letras, porque, bem ou mal, o jornalismo e a literatura lhe proporcionam recursos para não morrerem de fome.⁴³

Se a colaboração no periodismo da *Belle Époque* não mais representava uma mancha na dignidade do autor ou mesmo em sua reputação literária, outro aspecto, agora de caráter estritamente financeiro, mantinha em voga o abuso excessivo de pseudônimos. Ainda é Brito Broca quem elucida a importância da manutenção de tal recurso:

É que obrigados a escrever em várias folhas ao mesmo tempo – já que só assim podiam reunir um ordenado razoável – tinham os escritores de mascarar a personalidade a fim de evitar os possíveis inconvenientes dessa

⁴³ BROCA, Brito. O anônimo e o pseudônimo na Literatura Brasileira. In: Idem. *Horas de Leitura*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957. p. 106 seq.

atuação simultânea. Os pseudônimos permitiram-lhes até certas mistificações literárias, que lhes revertiam em proveito próprio.⁴⁴

Muito mais importante do que criar uma aura de mistério sobre a autoria verdadeira de um texto, se pensarmos na produção de Olavo Bilac, a principal intenção ao recorrer ao pseudônimo era para que se tornasse possível a publicação de diversas crônicas ou versos em vários jornais e revistas ao mesmo tempo. Sendo assim, tentava-se evitar possíveis disparidades de qualidade entre um texto e outro. Até mesmo podemos acrescentar que o pseudônimo possibilitava o reaproveitamento de um texto, com sutis modificações, já publicado em anterior periódico com a assinatura de um pseudônimo e em outro, logo com a assinatura devidamente substituída. A rapidez da literatura publicada no periodismo da época obrigava muitos literatos a recorrer a tais subterfúgios para manter em dia suas publicações e rendimentos.

Sempre foi polêmica, principalmente no meio político, a repercussão gerada pelo uso recorrente do pseudônimo, ou mesmo do anonimato, na imprensa. Em 1897, o Congresso sancionou uma lei proibindo a prática do pseudônimo no jornalismo da época, e Bilac, partidário confesso do recurso, publicou crônica na *Gazeta de Notícias* defendendo, através de justificativas estéticas, a importância do uso do falso nome pelos escritores:

O uso do pseudônimo não quer dizer que o escritor não queira assumir a responsabilidade do que escreve: todo o mundo sabe, por exemplo, que Patrocínio é Proudhomme e que Proudhomme é Patrocínio. Mas, na produção intelectual de um jornalista, como na de um artista, há sempre a parte séria a que o escritor dá o seu verdadeiro nome, e a parte leve, humorística, que bem pode correr por conta de um pseudônimo transparente.

Para cada estilo, cada assinatura.⁴⁵

Assim como a *Gazeta de Notícias*, anteriormente à colaboração de Bilac entre 1897 e 1908⁴⁶, muitos outros periódicos acolheram produções bilaquianas assinadas pelos mais diversos pseudônimos. Porém, o amplo uso do disfarce no limiar do século XX, não só por Bilac como por todos os grandes nomes das letras nacionais, acarretou sérias dificuldades à elucidação segura da autoria. A falta de dicionários completos sobre a matéria,

⁴⁴ BROCA, op. cit., 107.

⁴⁵ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 de julho de 1897. p. 1, 1. col.

⁴⁶ Olavo Bilac, quando passou a substituir Machado de Assis na coluna “Crônica”, nunca recorreu à pseudônimos. O que é facilmente perceptível é a ausência absoluta de assinatura do autor em seus textos durante o período de 1897 e 1903. A partir de meados de 1903, Bilac passou a assinar, ao final de suas crônicas, apenas suas iniciais: O.B.

- apesar dos trabalhos dos professores Antônio Simões dos Reis⁴⁷ e José Galante de Souza⁴⁸,
- e a variedade incalculável de nomes usados dificultam, ou mesmo impossibilitam, a elucidação certa de grande parte dos disfarces usados nas publicações literárias de nosso periodismo. Somente para Bilac foram sugeridas dezenas de pseudônimos como, por exemplo: B., Bob, Flamínio, Bivar, Asmodeu, Fantasio, Lúcifer, Pulcinello, Pierrô, Puck, O Diabo Coxo; só para lembrar alguns dos mais significativos.

Não obstante, é importante reconhecer que, assumindo ou não a autoria de seus textos, não foram só crônicas que fizeram a fama bilaquiana nos periódicos, principalmente na *Gazeta*. Segundo Álvaro Guerra, editoriais, traduções, *fait divers* e, principalmente, anúncios publicitários fizeram Bilac aumentar seus dividendos ao fim do mês:

O grande Bilac não ganha senão 50\$000 por crônica, porém, com a sua verve, tira três vezes mais do que isso, por semana. A época é do reclame em verso, como só ele sabe fazer.

Paga-se por uma quadra, em geral, quando bem feita, 20 e 30 mil réis. Por algumas, porém, chega Bilac a receber muito mais.

Cem mil réis pagaram-lhe os industriais dos Fósforos Brilhante, por esta:

‘Aviso a quem é fumante:
Tanto o Príncipe de Gales
Como o Dr. Campos Sales,
Usem Fósforos Brilhante!’.⁴⁹

Além dos reclames em verso, versos e sátiras fizeram parte de sua produção jornalística.

Tão constantes foram as publicações de sátiras bilaquianas na *Gazeta de Notícias*, que o jornal inaugurou em agosto de 1896 a seção “O Filhote”, na qual os versos cortantes, fesceninos e satíricos de Bilac tiveram espaço até o término da coluna em maio de 1897.⁵⁰ Do mesmo modo, nos anos iniciais de parceria com *A Notícia* sua coluna “Fantasia” (1895), que saíria três vezes por semana na primeira página do diário, também seria usada frequentemente para mostrar sua verve humorística, através das farpas satíricas que iria lançar através de suas iniciais O.B. na futura coluna.

⁴⁷ REIS, Antônio Simões dos. *Pseudônimos brasileiros*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1941.

⁴⁸ SOUSA, J. Galante de. *Machado de Assis e outros estudos*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

⁴⁹ CARVALHO, op. cit., p.66.

⁵⁰ Sobre a produção satírica de Bilac em periódicos: SIMÕES JR., *A Sátira do Parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904*. Tese de Doutorado em Letras. Assis: FCL da UNESP, 2001.

Todavia, em 1893, a antiga colaboração do jornalista na *Cidade do Rio*, - o primeiro grande jornal em que publicou rotineiramente, - vai escasseando:

Por divergências políticas, o poeta deixara a *Cidade do Rio*, onde o talento de Patrocínio seria colocado a serviço dos projetos golpistas do almirante Custódio José de Melo, ex-ministro da Marinha, que rompera com o presidente Floriano Peixoto.⁵¹

Bilac não aceitaria compactuar em questões políticas. Queria manter sua escrita livre de tomadas de partido, sendo assim, afastou-se, definitivamente, da *Cidade do Rio*, a “Gazeta de boêmios”,⁵² em agosto de 1893.

2. A conquista das grandes estrelas: *A Notícia*, *Gazeta de Notícias*, *A Cigarra e Kosmos*

No ano de 1893, Bilac retornou como colaborador fixo da *Gazeta de Notícias* na seção “Crônica livre”, a convite do diretor do periódico, Ferreira de Araújo (1848-1900). Se em agosto do mesmo ano se afastou, por divergências políticas, da *Cidade do Rio*, nos últimos dias do mesmo mês a sonhada *Gazeta de Notícias* anunciava em primeira página:

De hoje em diante abrilhantará as páginas de nossa folha a pena do festejado escritor Olavo Bilac, que se encarregou da seção ‘Crônica livre’. Estamos certos de que os nossos leitores receberão com prazer a notícia desta preciosa colaboração.⁵³

A partir de “Crônica livre”, a parceria entre Bilac e a *Gazeta de Notícias* tornar-se-ia incessante, até o afastamento inesperado do parnasiano das redações de jornal⁵⁴ em 1908. O jornal situado na esquina da Travessa da Rua do Ouvidor possibilitou ao cronista, assim como o próprio nome da coluna transparecia, a liberdade de expressão, de linguagem e de temática que a *Cidade do Rio* não lhe proporcionava mais.

“Crônica livre” estampou, intermitentemente, os relatos bilaquianos sobre a vida carioca, da qual o mestre era testemunha diária. Sátiras, anedotas, *fait divers*, de tudo o

⁵¹ SIMÕES JR., A contribuição de Bilac para a crônica brasileira. In: *Eixo e a roda*. Belo Horizonte, v 9/10, p. 239-250, 2004.

⁵² EDMUNDO, op. cit., p. 983.

⁵³ EXPEDIENTE. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1893, p. 1, 1. col.

⁵⁴ Um dos aspectos mais sombrios da vida pública de Olavo Bilac é seu desligamento das redações. Essa passagem de sua biografia, de acordo com o estudioso, mereceria mais atenção por parte de pesquisadores da vida e obra de Olavo Bilac. DIMAS, Antonio. *Bilac, o jornalista*. São Paulo: EDUSP, 2006. 3 vol.. p. 41.

investigador minucioso relatou, sob o pseudônimo de Fantásio, em seus textos. Mesmo quando, por ordem de Floriano Peixoto, foi novamente detido em fins de 1893 e, por consequência, teve de se refugiar em terras mineiras, Bilac continuou a enviar suas impressões para a “Crônica livre”; contudo, a partir de então eram comentários acerca das paisagens de Ouro Preto ⁵⁵ e, posteriormente, de Juiz de Fora. A prisão em novembro de 1893 e o forçado exílio trouxeram novas experiências a Bilac. Do contato em Ouro Preto nasceu a amizade com Afonso Arinos (1868-1916). As longas conversas com o estudioso mineiro e as pesquisas históricas sobre a região levam a crer que dessa íntima relação é que adveio o espírito patriótico que iria transbordar das obras e das opiniões bilaquianas no início do século XX. Comprova a afirmação Antonio Dimas:

De modo inesperado, seu exílio político transformara-se em ganho pessoal e intelectual, além de modificar para romaria involuntária aquilo que lhe fora imposto como calvário. Romaria que lhe atçou os brios nacionalistas e que acabou também por arremessá-lo a projeções utópicas de um país prestes a se modernizar. ⁵⁶

O exílio, forçado e frutífero em Minas Gerais, terminou com a posse de Prudente de Moraes em 1894. E foi neste mesmo ano que se inaugurou no Rio de Janeiro *A Notícia*. Em 17 de setembro surgiu no Rio de Janeiro o primeiro jornal vespertino que trazia em seu bojo notícias frescas. A dependência dos vespertinos tradicionais aos periódicos que saíam pela manhã era clássica. Notícias requentadas mantinham as redações dos jornais da tarde funcionando. A partir da inauguração de *A Notícia* houve uma revolução. O vespertino impresso, a partir de seu segundo ano de edição, em delicado papel cor-de-rosa inovou ao conseguir trazer para as seis colunas de suas quatro páginas matéria nova e atual. *A Notícia* funcionava nas oficinas da *Gazeta de Notícias* e, em contraposição a muitos vespertinos da época, saía aos domingos⁵⁷. Sua apresentação se diferenciava dos demais matutinos e vespertinos da Capital Federal; tipos grandes chamavam a atenção nas largas colunas do jornal.

A colaboração de Olavo Bilac para *A Notícia* se estendeu, exatamente, de 7 de agosto de 1895 até 12 de novembro de 1908; coincidência ou não, é nesta mesma data que

⁵⁵ A primeira cidade mineira que acolheu o exilado foi Ouro Preto, contudo, como consequência de uma pilhéria feita a um importante fazendeiro da região, Bilac, ameaçado pelos moradores da cidade revoltados com seu comportamento, teve de se transferir para Juiz de Fora.

⁵⁶ DIMAS, op. cit., p. 86.

⁵⁷ Cf. SIMÕES JR., Alvaro S. A contribuição de Bilac para a crônica brasileira. *O eixo e a roda*. Belo Horizonte, v 9/10, p. 239-250, 2004. p. 241.

se encerram, abruptamente, todas as colaborações de destaque de Bilac nos vários periódicos para os quais contribuía.

Jornal de linha moderada, *A Notícia* não se envolvia em conflitos políticos e, juntamente com a *Gazeta de Notícias*, era um dos periódicos que mais davam destaque às letras. A linha editorial defendida pela “dama cor-de-rosa” é perceptível através do expediente publicado, em 3 de setembro de 1895, pelo Sr. Manuel Jorge de Oliveira Rocha, o Rochinha, diretor do jornal:

Publica todos os dias os seguintes artigos: Dr. Ferreira de Araújo (‘Questão do dia’), Dr. Alberto Torres (‘A política’); Medeiros e Albuquerque (‘Ciências’); Figueiredo Coimbra (‘Diálogos’, notas humorísticas); O exterior pelo telégrafo (exposição dos fatos mais importantes da Europa e da América). Além desses artigos, publicados diariamente, publica pelo menos três vezes por semana ‘Fantasias’, de Olavo Bilac.

Durante o período parlamentar publica artigos sobre matéria financeira e orçamentária, do Dr. Augusto Montenegro, e desenvolvida crônica do Senado e da Câmara. Uma vez por mês, ‘Palestras Higiênicas’, crônica do Dr. Silva Araújo.

Colaboração semanal: Segundas-feiras, Semana Literária do Dr. Valentim Magalhães; terças-feiras, Reminiscências políticas, de Anapurus; quartas-feiras, folhetim ilustrado de Julião Machado; quintas-feiras, O teatro, crônica de Artur Azevedo; sextas-feiras, Notas de um simples, de Figueiredo Coimbra; sábados, crônica de Lulu Sênior (Ferreira de Araújo).

Entre os colaboradores que escrevem sem dia determinado; Dr. José Avelino, Capistrano de Abreu, Dr. Mello Moraes, Aluísio Azevedo, Gastão Bousquet, Figueiredo Pimentel, etc. Correspondentes em Lisboa e Paris.⁵⁸

A primeira coluna de Bilac nas páginas róseas foi “Fantasia”. De 7 de agosto de 1895 até 18 de fevereiro de 1897, produções satíricas, fesceninas, livres, originais e muito subjetivas sobre a sociedade carioca, como já narrado, fizeram sucesso, três vezes por semana através da assinatura de O.B.

De curta duração e acomodada no rodapé da segunda página, “Crônica” retratava em tom pessoal, apesar do disfarce do pseudônimo Flamínio, os acontecimentos corriqueiros da capital carioca. Entre 9 de junho de 1897 e 27 de julho de 1898, de modo inconstante, Bilac publicou sua genérica crônica n’*A Notícia*.

⁵⁸ EXPEDIENTE. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 3 de setembro de 1895, p. 1, 3. col.

Durante um ano, de 5 de junho de 1899 até 5 de junho de 1900, Bilac relatava diariamente, de modo rígido e pouco inovador, comentários acerca dos acontecimentos do dia. Longe da originalidade que sempre marcou suas participações nos jornais da época, “A data”, rubricada por B., mantinha o objetivo de rememorar algo de relevante ou curioso transcorrido na mesma data em anos passados.

Entretanto, o momento pelo qual passava o poeta n’A *Notícia* tornou-se fértil a partir de 1900. Em 6 de agosto, estreou “Registro”. No canto superior da página dois, Bilac, com a inicial B., espalhava recordações e emoções pessoais. Diferenciando-se da coluna “Crônica”, publicação semanal multitemática da *Gazeta de Notícias*, estritamente vinculada aos fatos transcorridos nos últimos sete dias, “Registro” era o momento de desabafo livre e sem as amarras do cotidiano:

REGISTRO

Desde o dia em que se inaugurou esta seção d’A *Notícia*, começou o mísero B. a ser interpelado sobre o modo de escrever o seu título. “Que razões tem você para escrever registro? Olhe que todos os clássicos escrevem registro! olhe que quase todos os jornais do Rio escrevem registro! Por que não há de você escrever *registro*?”.

Francamente, a razão pela qual se manteve aqui a grafia registro foi uma razão... de cabo de esquadra. Sem pensar no que fazia, o cronista plantou no meio da palavra o *r* fatal: uma vez adotado esse modo de escrever, que utilidade havia em alterá-lo? ganhariam com isso as crônicas, em bom senso e em sinceridade? nasceria disso, para a pátria e para o mundo inteiro, uma era nova de concórdia e progresso? daria isso tolerância aos homens, prosperidade às finanças, novo rumo à moral? E aí ficou o *r*, escandalizando os puristas, dando-lhes vertigens de indignação, torturando-lhes a vista e a alma.⁵⁹

Ao relatar, nessa crônica de fevereiro de 1901, os motivos pelos quais o seu texto assumiu o título de “registro”, notamos o tom fortemente pessoal de Bilac ao se dirigir em primeira pessoa aos leitores. Sua crônica alcançou características de diálogo, como se o leitor e o poeta estivessem em uma conversa amena, e um pouco humorística, na confeitaria mais próxima. Característica marcante dessa produção do poeta foi a manutenção obsessiva da unidade temática do texto; poucos outros trabalhos de Bilac para jornais permitiram tamanha liberdade e entrega pessoal.

As impressões bilaquianas perduraram na rotina do leitor de A *Notícia* até 12 de novembro de 1908, no mesmo momento em que abandonou sua mais profícua

⁵⁹ BILAC, Olavo. Registro. A *Notícia*. Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1901, p. 2, 1. col.

participação na *Gazeta de Notícias* - o último texto publicado por Olavo Bilac na *Gazeta de Notícias* data de 1º de novembro de 1908.

Entre 1895 e 1908 marcou-se a fase áurea da produção bilaquiana. Além de crônicas para os mais diversos jornais e revistas de São Paulo e Rio de Janeiro, Bilac também produziu, na sua maioria em parcerias com Manuel Bonfim (1868-1932), então diretor do Pedagogium, e Coelho Neto, inúmeros volumes de livros didáticos e paradidáticos. Neste período surgiram as obras *Contos Pátrios* (1894) e *A terra fluminense* (1895), escritas em colaboração com Coelho Neto. As publicações infantis de Bilac lhe confeririam, em 1898, indicação para substituto de Bonfim no Pedagogium e o favoreceram na nomeação como inspetor escolar em 1899.

Mas não foi apenas seu trabalho n'A *Notícia* e as publicações didáticas que alçaram Bilac ao estrelato literário. Outros jornais e revistas o fizeram também, principalmente a *Gazeta de Notícias*. O antigo sonho de ver seu nome entre os outros prestigiados colaboradores da grande folha carioca já havia se realizado várias vezes, entretanto colocar-se no posto antes brilhantemente mantido por Machado de Assis, era a sagração por excelência. E ainda mais por não se tratar de mera substituição, mas, sim, de efetivação no posto de cronista de domingo, o dia em que as tiragens das folhas normalmente eram mais volumosas.

A grande consagração no renomado jornal carioca viria então no dia 7 de março de 1897. A convite de Ferreira de Araújo, Bilac assumiu o lugar de Machado de Assis nas crônicas dominicais: “Para substituir Machado nessa função de cronista, Ferreira de Araújo, proprietário da *Gazeta de Notícias* e jornalista respeitável, convocou Olavo Bilac, cuja colaboração para o jornal já vinha ocorrendo há [sic] alguns anos, de modo intermitente”.⁶⁰

A seção “A Semana”, publicada pelo presidente da Academia Brasileira de Letras desde 1892, foi substituída por “Crônica”, que iria deleitar os leitores do periódico, agora não mais de modo inconstante, mas por mais de onze anos, com raras interrupções. Entre 7 de março de 1897 e 1º de novembro de 1908, Bilac redigiu, aproximadamente, 500 crônicas sobre os mais variados assuntos e temas para as primeiras páginas do grande jornal do momento.

⁶⁰ DIMAS, op. cit., p. 38.

Apesar de já ter contribuído, de modo intermitente, na *Gazeta de Notícias*, em 1890 e em 1893, é na seção “Crônica” que Bilac assumiu o papel de opinador. Seu posto permitiu-lhe uma visão ampla da sociedade carioca. Os mais diversos temas - ou suposta falta de temas - são abordados nos textos bilaquianos. Veja-se um fragmento sobre a costumeira dificuldade de ter de pescar no dia-a-dia um assunto interessante para comentar, e dessa forma, fazer surgir o mais delicioso poema em prosa:

Senta-se um homem à mesa, disposto a cumprir, com pontualidade e consciência, o seu dever de cronista, põe diante de si as folhas virgens do papel, empunha a caneta, e começa a recordar-se do que encheu a semana: “suicidou-se ontem, bebendo uma larga dose de ácido fênico...” Nisto, com estrépito, o vento escancara a janela, trazendo consigo o cheiro suave das rosas do jardim, e dispersa as folhas de papel, e revoluciona tudo. Pela janela aberta, vê-se um pedaço de céu azul, um tufo de ramagens verdes, um canto de muro coberto de hera... “Telegramas de New York dizem que o bombardeio de Porto Rico...” Outra lufada de vento: agora, uma borboleta, apressada e tonta, sacudindo as asas de safira, entra no quarto, paira num raio de sol, pousa na lombada de um livro, dá três voltas no ar, e parte... “A falta de pão na Itália...” Agora, um pássaro começa a cantar alto, na glória da manhã radiante... Por que é que há de haver gente que se mate? por que é que há de haver guerra em Porto Rico? por que é que há de haver fome na Itália? por que é que um homem há de ser obrigado a pensar nessas coisas feias, quando Maio desenrola lá fora todo o seu fulgor?

Dez horas da manhã... É cedo ainda para suar sobre o papel... Vamos! Um bom livro e um banco de pedra no jardim... Em cima, balançam-se os ramos; no chão, manchas claras de soalheira tremem e fulguram; e o livro fica abandonado sobre os joelhos, e o pensamento sai por aí além, vagabundo, sem destino, voando sobre todos os assuntos, sem se demorar em nenhum.

[...]

Meio dia... Vamos lá escrever o diabo desta Crônica!

Mas o estômago chora: é preciso contentar o coitado... E, ao fim do almoço, acendendo o charuto, olhando enojado a mesa do trabalho, dando um olhar à rua, vendo a alegria do sol e das árvores, — Santo Deus! Como há de a gente recapitular o que encheu a semana?

Não! Fique o povo sem Crônica! A única cousa decente que um homem pode fazer numa tarde assim, é prender à lapela do veston um botão de Camélia, — o primeiro botão de Camélia de Botafogo! — e sair, devagar, devagar, gozando a delícia de viver, bebendo em sorvos lentos o ar cheiroso, e rimando o começo de um soneto, — todo cheio da frescura de Maio e do esplendor das suas grandes rosas vermelhas...⁶¹

Todavia, a decadência do Rio de Janeiro e a urgência de modernização da capital da República foram seus assuntos prediletos e marcaram-se como a temática mais contundente e marcante nas colunas da “Crônica”. Comentar a cidade, elogiá-la e principalmente criticá-la foram algumas das grandes forças motrizes da crônica dominical de

⁶¹ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 de maio de 1898. p. 1, 2 col.

Bilac para a *Gazeta de Notícias*; segundo avalia Antônio Dimas, a imprensa ganhou “um colaborador incansável e o Rio de Janeiro um comentador que nunca encobriu sua paixão autêntica pela cidade, cheia de altos e baixos como a própria paisagem de que tanto gostava”.⁶²

Bilac foi mestre na arte de criticar e desejar um futuro moderno e urbanizado para o Rio de Janeiro, seguindo os moldes da Paris remodelada por Haussmann, que tanto encantou o “Príncipe dos Poetas” já em sua primeira viagem, em 1890, para a Cidade Luz.

A *Gazeta de Notícias* foi tão fundamental para Bilac quanto ele para ela. A relação de mais de onze anos de cumplicidade entre ambos tornou a coluna “Crônica” o chamariz de leitores para o jornal e fez de Bilac, a estrela maior. A paixão do cronista pela *Gazeta*, desde antes de alcançá-la, é delicadamente retratada em crônica de agosto de 1903⁶³, em homenagem ao aniversário da folha:

É que a *Gazeta* daquele tempo, a *Gazeta* de Ferreira de Araújo, era a consagradora por excelência. Não era eu o único mancebo ambicioso que a namorava: todos os da minha geração tinham a alma inflamada daquela mesma ânsia. Não era dinheiro o que queríamos: queríamos nome e fama, queríamos ver nossos nomes ao lado daqueles nomes célebres”.⁶⁴

Todavia, antes de iniciar, em 1897, a mais duradoura e famosa parceria com a *Gazeta de Notícias*, Bilac fundou em 1895, no Rio de Janeiro, juntamente com Julião Machado (1863-1930) a *Cigarra*. Conciliando o novo trabalho com a *Notícia*, o jornalista tornou-se redator-chefe⁶⁵ desta revista, que perduraria apenas por 37 semanas. De 1895 a 1896 Bilac escreveu a resenha semanal “Crônica” d’A *Cigarra*, além de colaborar nas outras principais seções do hebdomadário. Situada à Rua do Ouvidor, número 115, a publicação semanal, sempre às quintas-feiras, contava com ilustres colaboradores, além do parnasiano. Escritores e ilustradores como Julião Machado, Artur Azevedo, José do Patrocínio, Joaquim Nabuco (1849-1910), Ferreira de Araújo, Luiz Murat e Francisca Júlia (1874-1920) se dividiam entre crônicas, charges, críticas teatrais, ilustrações e informações culturais nesta revista, que não prezava a linguagem jornalística nem mesmo assumia partidos políticos.

⁶² DIMAS, Antônio (org.). Introdução. In: Idem. *Vossa Insolência: Crônicas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 10.

⁶³ Esta crônica está também recolhida em volume. BILAC, Olavo. *Ironia e Piedade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1921. p. 7.

⁶⁴ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1903. p. 1, 8 col.

⁶⁵ Bilac ocuparia o cargo até 31 de outubro de 1895, mas continuaria a rubricar a crônica semanal da revista. Pedro Rabelo (1868-1905) assumiu a chefia de redação até o fechamento da revista em 1896.

O número inaugural d' *A Cigarra*, de 9 de maio de 1895, trouxe uma espécie de expediente, no qual a redação, a cargo de Olavo Bilac, apresentava, metaforicamente, o novo hebdomadário:

... *A cigarra*⁶⁶ é um jornal ilustrado, que não tem programa nenhum e terá muitos assinantes. Esta cigarra vai cantar enquanto para isso houver forças; e as forças não faltarão enquanto o dinheiro chover dentro deste escritório, como já está chovendo.⁶⁷

A nova revista possibilitou a utilização de grande inovação técnica que até então ainda era incompatível com a pressa do periodismo diário. *A Cigarra*, como publicação semanal, tinha como recurso básico a reprodução de ilustrações e charges. Como este atrativo sempre demandou tempo para ser produzido, os jornais diários não tinham tempo útil para despender, e as revistas semanais como *A Cigarra* e *A Bruxa*, para a qual Bilac também contribuiu, podiam, com um intervalo satisfatório de tempo, utilizar gravuras em abundância. A qualidade artística, talvez mais valorizada do que a jornalística, era o diferencial de tais hebdomadários.

No início de fevereiro de 1896, pouco após abandonar a chefia de redação d' *A Cigarra*, Bilac passou a conduzir, novamente em companhia de Julião Machado, *A Bruxa*. Durante os onze meses em que circulou, o hebdomadário republicano de oito páginas sombriamente⁶⁸ ilustradas contou com a assídua cooperação de LúCIFER, pseudônimo mais usado por Olavo Bilac na revista: “*Na Bruxa*, redige todas as rubricas. Crônicas, sátiras em verso, contos, teatro, crítica literária, tudo lhe pertence”.⁶⁹

⁶⁶ O título da revista aludia à fábula de La Fontaine, sugerindo que a revista pretendia ser uma fonte de diversão para as formigas da sociedade carioca. Mas as cigarras do periódico não eram tão imprudentes quanto as da fábula; desde o primeiro número, fizeram questão de estabelecer o preço da assinatura semestral ou anual e do exemplar avulso. Apud SIMÕES JR, Alvaro S. *A sátira do Parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904*. Assis, 2001. Tese (Doutorado em Letras). FCL, UNESP. p. 249.

⁶⁷ *A Cigarra*. Rio de Janeiro, 9 de maio de 1895. p. 2.

⁶⁸ Esse termo foi utilizado porque a revista *A Bruxa*, seguindo a conotação que seu título pressupõe, lançava mão de ilustrações carregadas em tintas e com imagens melancólicas e fúnebres.

⁶⁹ PONTES, Eloy. *A vida exuberante de Olavo Bilac*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1944. p. 355.

A special report

A 5000 100-00

Hendrikus van den Broek

Hest lever: danser, fainéants

Appareil des brach, moy. ant.

MeTe

HEIDOMADARI

Redacção de *Olavo Bilac*, Illustrações de *Jullão Machado*
Administração de *Manoel Ribeiro Junior*

One ϵ into?

Um circuspecto naturalista, agitando sobre o nariz os olhos graves, diria logo, com a sua fah-lo-voz de oráculo: «Cigarra? Insecto da ordem dos Hemipteros, da familia dos Cicadarios: tem tres olhos, antenas providas de seis articulações, um órgão musical situado na base do abdome-nas fêmeas, esse órgão musical...» E iria por diante, assom-brando uma erudição capaz de metter-mysja no Dr. Emilio Gueldi.

Um burguez severo, homem pratico, agarrado a terra como uma herá a um muro, diria, dando a face um ar prophetic: « Cigarra? um bichinho incommodo e tolo, que durante o verão apanhado os ovidos da gente... De resto, animal de vida immoral e de regreda: « antecesor serio! dizem que quando acaba o verão, se vê obrigada a pedir esmolas á tormenta... E, passando das cigarras aos homens, acharia meio de filandao o rabão, e de blasfemar contra os partidarios do recuo forçado.

Um poeta, com o olhar babado de ideal, e a voz quebrada de soluços suspiraria: "Oh! a cigarrinha! alma do estio! voz saudosista da tarde! garganta verde da mata! também o coração do poeta canta até estourar..."

* *Elaeagnus argentea*, Jy. (Kirtland's) or *Juncus* The
Cattle, Dr. John W. Moore, Storchman, cragado, as
Bentall na comitua de Foz de Alvaros, Capangim
1900.



Ilustração 9: Capa da primeira edição de A CIGARRA. Rio de Janeiro, 9 de maio de 1895.

Com o fim de *A Cigarra*, *A Bruxa* herdou seus assinantes e atraiu os colaboradores. Além das crônicas de Bilac, as seções literárias contavam com Machado de Assis, Coelho Neto e Guimarães Passos (1867-1909). Já as ilustrações, o atrativo principal do semanário, eram divididas entre Julião Machado e Henrique Bernadelli (1858-1936), dentre outros.

Junto à colaboração prolongada na *Gazeta de Notícias* e nas efêmeras revistas em que cooperou, Olavo Bilac também participou de *O Estado de São Paulo*. Jornal fundado em 1875 e publicado até os dias atuais, representava na província o que a *Gazeta* era para os cariocas:

É, no entanto, em 1875, que se editam em São Paulo e no Rio de Janeiro dois jornais que vão atravessar um século de existência, sendo que um deles se incluirá entre os de maior prestígio no país e na América Latina. Trata-se de *A Província de São Paulo*, na idade republicana *O Estado de São Paulo*. O outro é a *Gazeta de Notícias*, fundada por Ferreira de Araújo, Manuel Carneiro e Elísio Mendes.⁷⁰

Entre 3 de outubro de 1897 e meados de dezembro de 1898, o jornalista enviava esporadicamente para São Paulo a coluna “Diário do Rio” na qual tentava esboçar os acontecimentos mais recentes da capital aos leitores da província paulista. Seus textos eram, geralmente, breves e leves; a resenha das semanas era entrecortada pela fantasia, pela ironia e pelo humor tão próprios do poeta. Vale transcrever trecho de sua crônica de estréia, que, de modo lúcido, nos revela um pouco do “diário carioca” que Bilac fez para São Paulo:

Diariamente agora, ao abrir de manhã o *Estado de São Paulo*, o leitor paulista há de achar aqui esta pequena crônica do Rio, - canto humilde de coluna, em que o cronista registrará suas impressões, em prosa simples, hoje vestida da leve roupagem da fantasia amável, amanhã sangrando ironia, depois desmanhada em lágrimas sobre um desgraçado, depois aberta em sorriso celebrando a alegria de viver e de amar.⁷¹

Já nos anos iniciais do século XX, a participação mais ilustre de Olavo Bilac foi certamente na revista mais nobre do período: *Kosmos* (1904-1909). Se publicações como *A Cigarra* e *A Bruxa* pretendiam ser sofisticadas como as revistas européias que nos chegavam por navios, a *Kosmos* foi a representação e o apogeu do luxo nas ruas de um Rio de Janeiro fervilhante e ansioso por modernização.

⁷⁰ BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. 4 ed. rev. e aum. São Paulo: Ática, 1990. p. 75.

⁷¹ BILAC, Olavo. Diário do Rio. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 3 de outubro de 1897, p. 1, 1. col.

Em crônica de janeiro de 1904 para a *Gazeta de Notícias*, após lamentar a estiagem que assolava o Rio de Janeiro, Bilac “atenua a tristeza da semana”, louvando o “acontecimento artístico de raro valor” na cidade: o primeiro número da *Kosmos*, contudo, não deixando de lado sua verve opinativa.

O primeiro número da *Kosmos* é a demonstração cabal de que, no Brasil, só não se faz o que não se quer fazer. Já agora ninguém poderá falar do atraso das artes gráficas no Brasil. Das oficinas da nova revista podem sair livros tão bem impressos e tão bem ilustrados como os que têm feito a fortuna dos grandes editores de Paris e de Londres.

Sobre o primeiro número da *Kosmos* não há duas opiniões: todos o acham admirável. Assim houvesse, nesta pobre terra, muita gente que soubesse ler! O que nos falta não é progresso de artes gráficas: é público. Se há vinte ou trinta anos tivéssemos estabelecido o ensino primário obrigatório, as empresas jornalísticas e as casas editoras estariam ricas, e nós, escritores, não estaríamos representando este ridículo papel de pregadores no deserto...⁷²

De acordo com Antonio Dimas, em seu estudo *Tempos Eufóricos*,⁷³ os anos iniciais do século XX não haviam sido muito férteis no campo literário. Em consequência das atividades administrativas de Rodrigues Alves e Pereira Passos, voltadas para o processo urbanizador carioca, o jornalismo, que parecia necessitado de assuntos após os movimentos abolicionistas e republicanos, absorveu todas as forças intelectuais em disponibilidade. Neste contexto literário pouco denso é que apareceram, entre janeiro de 1904 e abril de 1909, as sessenta e quatro edições de *Kosmos*, sob a direção inicial de Mario Behring⁷⁴ e posteriormente, em abril de 1905, de Jorge Schmidt (1870-1926), que então se tornou diretor-proprietário.

Com circulação mensal e grande alcance de leitores - era distribuída por todo o país - *Kosmos* foi a revolução do periodismo na primeira década do século XX. De cunho empresarial, infra-estrutura apropriada e maquinaria moderna, as cinquenta páginas, média de cada exemplar, representavam, através do formato grande, da utilização do papel *couché*, das ilustrações da *Art Nouveau*, das fotografias e da abundância em cores, a

⁷² BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1904. p. 1, 1. col.

⁷³ DIMAS, Antonio. *Tempos Eufóricos* (análise da revista *Kosmos*: 1904-1909). São Paulo: Ática, 1983. p. 3.

⁷⁴ Mário Behring dirigiu a *Kosmos* por 16 meses quando passou à direção e propriedade de Jorge Schmidt. Este tendo estudado em Londres e na Bélgica, conhecendo as revistas de lá [...] fundou *Kosmos*. Cara para a época (20\$000 anual), voltava-se para intelectuais. OLIVEIRA, Ana Luiza M. Camargo de. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República (1890-1922)*. Tese apresentada ao Departamento de História da FFLCH da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1997. p. 13.

primazia do luxo imponente na produção gráfica da revista. A *Kosmos* absorveu a configuração das revistas mundanas européias de cujo modelo queria se apropriar.

Situada à rua da Assembléia, *Kosmos* era, acima de tudo, uma publicação deslumbrada com aquilo que o ambiente carioca poderia vir a ser: arejado, saneado e moderno.

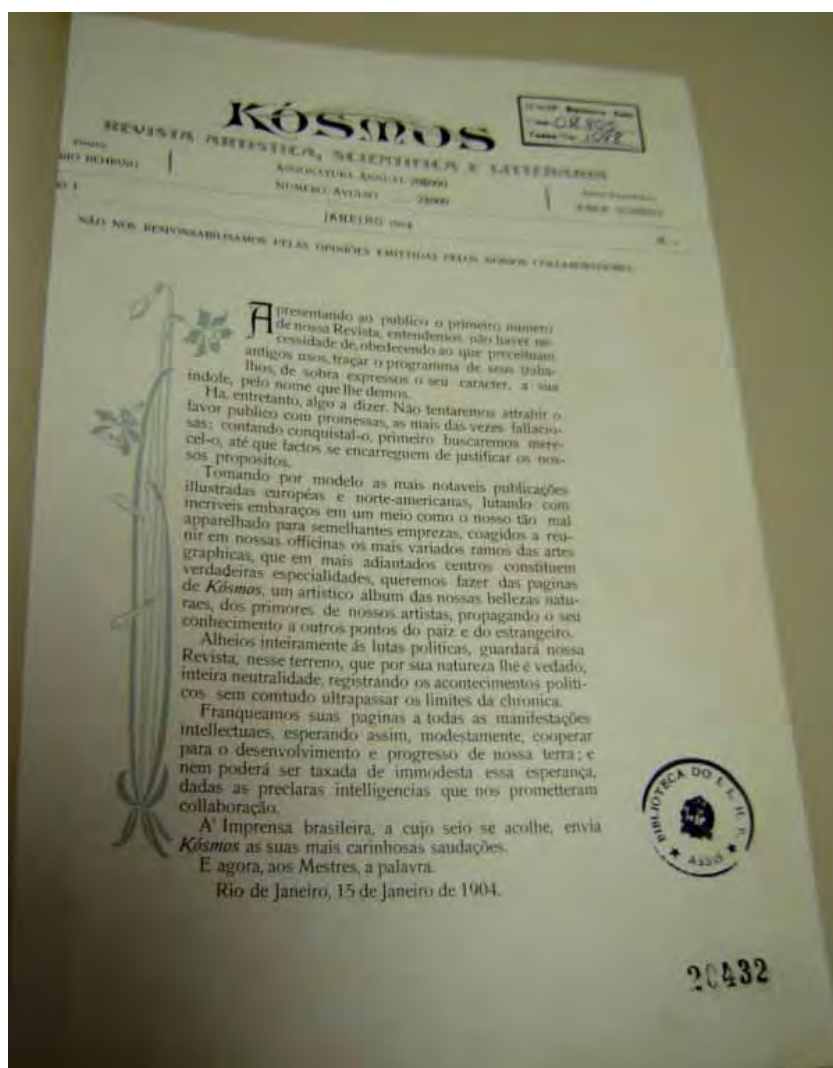


Ilustração 11: Editorial da primeira edição de KOSMOS. Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1904.

A *Kosmos*, assim como a abertura iminente da Avenida Central no coração do Rio de Janeiro, representava um marco da República e o apogeu da pequena elite burguesa a que se destinava tal produto sofisticado.

Entretanto, se a apresentação da revista era fabulosa, o mesmo não poderíamos afirmar sobre seus textos. Nas duas colunas dispostas por página, a revista não seguia nenhum padrão lógico de linguagem. A fotografia, o grande atrativo da *Kosmos*, em detrimento do conteúdo de um texto pouco denso a que se referia, era o destaque da publicação; sendo assim, o texto jornalístico, deixado em segundo plano, utilizava uma linguagem prolixa e descritiva na tentativa de acompanhar o apelo visual presente. Comenta a verdadeira importância da *Kosmos*, Ana Luiza M. Camargo de Oliveira:

Emblemática no gênero, de rico projeto gráfico, lançada em 1904, no calor dos preparativos para a construção da Avenida Central, no Rio de Janeiro, hoje é citada à exaustão para evocar o período. Afirmar que *Kosmos* retrata o cotidiano do projeto *O Rio Civiliza-se*, do qual é contemporânea, que sua impressão é de alto nível e que, portanto, dá conta de revelar o estágio técnico atingido por nossas gráficas – é muito pouco. A apreciação denota que se embarcou tão só na sedução das imagens aliantes, ignorando sua mensagem a serviço de um projeto político e econômico, generalizando o entendimento de um periódico que, a despeito de publicar contos, poesia e crítica, não era uma revista literária.⁷⁵

A *Kosmos* foi, durante sua circulação, um sucesso de vendas de assinaturas e de exemplares avulsos junto ao público restrito para o qual revistas dessa “feição mais mundana”⁷⁶ eram editadas. Apesar dos desencontros entre linguagem verbal e visual nessa revista que pretendia ser literária, a revista dispunha de um time impecável de colaboradores como Alberto de Oliveira, Artur Azevedo, Coelho Neto, Luiz Edmundo (1878-1961) e Paulo Barreto (1881-1921), dentre outros, que se dividiam nas seções mais variadas da revista como crítica literária e teatral, estudos geográficos e históricos, publicações de poesias e contos. A Olavo Bilac coube, como um efetivo editorialista, a crônica de abertura da revista. De modo informal, o poeta refletia também sobre os acontecimentos do momento, apontando para vários aspectos da sociedade carioca, abordando o mundanismo e suas amenidades. Mas, na verdade, sempre foi o Progresso o móvel central que orientava as crônicas bilaquianas de *Kosmos*.⁷⁷

⁷⁵ OLIVEIRA, loc. cit., p. 13.

⁷⁶ DIMAS, op. cit., p. 9.

⁷⁷ Ibid. p. 55

Não obstante, Bilac aderiu, moral e intelectualmente, ao movimento profilático que atingia o Rio de Janeiro através das obras do Prefeito Pereira Passos; suas quarenta e seis crônicas da *Kosmos* foram o veículo ideal, posto que a publicação se queria nova, moderna e inovadora, para defender, junto à burguesia letrada, envolvida e interessada com as reformas, a importância das medidas saneadoras.

Na maioria das edições de *Kosmos*, Bilac esteve presente com seus textos; todavia, a partir de 1909, juntamente com o escasseamento contínuo de suas colaborações em outros periódicos, o cronista também abandonaria *Kosmos*. Neste mesmo ano, a *Kosmos* não perduraria mais do que quatro meses, encerrando-se assim a publicação da tão luxuosa revista.

Consagrado em 1888 por *Poesias*, com apenas 23 anos, Bilac, antes só poeta, deixou-se enveredar pelo jornalismo, caminho este que o tornou muito mais do que um periodista. O poeta fez-se um cronista opinador, oposto ao perfil distante do poeta parnasianismo, pelo qual comumente o reconhecem hoje.

Bilac, de imaginação inspirada, foi um mestre perfeito da escrita em seu tempo. De poeta brilhante em 1888, com *Poesias*, alcançou fama total, como já ilustrado, através de sua profícua colaboração nos mais variados periódicos de São Paulo e Rio de Janeiro: *Diário Mercantil* (São Paulo, 1887-1888), *Cidade do Rio* (Rio de Janeiro, 1888-1893), *A Notícia* (Rio de Janeiro, 1894-1908), *A Cigarra* (Rio de Janeiro, 1895-1896), *A Bruxa* (Rio de Janeiro, 1896-1897), *Kosmos* (Rio de Janeiro, 1904-1909), *O Estado de São Paulo* (São Paulo, 1897-1898) e, principalmente, *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro, 1890-1908), entre outros de menor destaque. Na vasta colaboração de Bilac, desde o início de sua vida jornalística, é possível que se tenham somado mais de novecentas publicações entre crônicas e versos nos periódicos mais reconhecidos do Brasil da *Belle Époque*; somente na sua mais marcante atuação, a coluna “Crônica” (1897-1908) da *Gazeta de Notícias*, talvez se tenha alcançado a marca de mais de quinhentas publicações.



Ilustração 12: Primeira crônica de abertura de Olavo Bilac no número inaugural de KOSMOS. Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1904.

Através desta breve panorâmica sobre a vida do jornalismo literário de Bilac, podemos ampliar o perfeito comentário de Amadeu Amaral: “Como poeta, ele, de fato, não fez senão subir”⁷⁸; a expressão mais exata seria a seguinte: *Como poeta e como cronista, ele, de fato, não fez senão subir.*

⁷⁸ AMARAL, Amadeu. *O elogio da mediocridade*: Estudos e notas de literatura. São Paulo: HUCITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976. p. 73.

Capítulo III

A CRÔNICA E SUA FIXAÇÃO NA GAZETA DE NOTÍCIAS

Ninguém mais útil, pois, do que aquele que se destina a mostrar, com evidência, os acontecimentos do presente e desenvolver as sombras do futuro. Hipólito da Costa in Narrativa da perseguição.

Entre o fim do século XIX e os primeiros anos do século XX, a antiga Capital Federal do Brasil, o Rio de Janeiro, presenciou, no bojo da febre de modernização urbana, o nascimento de inúmeros periódicos, matutinos e vespertinos, que passaram a circular por entre os leitores cariocas.

Desde 1827, o *Jornal do Comércio* era o único jornal respeitável por sua já consolidada reputação de conservador, sempre voltado para a exploração de assuntos políticos, informações sobre importação e exportação e notícias do país e do exterior.⁷⁹ Entretanto, no fim do século XIX, quando começou a se esboçar, principalmente na Capital Federal, certa modernização da imprensa, começaram a surgir diversos periódicos que iriam marcar época na história política e cultural da nação: *Gazeta da Tarde* (1880), *O País* (1884),

⁷⁹SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966. p.127.

Diário de Notícias (1885), *Cidade do Rio* (1887), *A Notícia* (1894) e o mais popular dentre todos, a *Gazeta de Notícias* (1875).

É curioso notar que, exceto o *Jornal do Comércio*, todos os demais diários surgiram no Rio de Janeiro após a metade do século XIX. Esse retardo talvez seja justificado pelo também atraso da implantação da imprensa no Brasil. A nação descoberta em 1500 só ganhou sua primeira produção jornalística e gráfica em 1808, ou seja, por ocasião da chegada da Família Real em terras coloniais.

Junto com a corte, Dom João VI trouxe em seus navios os equipamentos que permitiriam a impressão da *Gazeta do Rio de Janeiro*, jornal privativo dos oficiais do Império, e a constituição da Imprensa Régia. Todavia, independente dos prelos reais, havia também o *Correio Brasiliense ou Armazém Literário*, primeiro jornal de fato brasileiro, porém constituído em gráficas inglesas e produzido pelo monarquista Hipólito Costa (1774-1823); essa publicação chegava ao Brasil mensalmente por paquetes. Foi o primeiro periódico “a circular sem censura”⁸⁰ no Brasil.

É fácil concluir o motivo central da tardia instalação da imprensa no Brasil, que, de acordo com Juarez Bahia, seria decorrente “da severa vigilância política e econômica imposta por Portugal...”,⁸¹ conseqüentemente causadora do visível atraso cultural da colônia.

Entretanto, lentamente esse quadro de atraso do Brasil vai mudando, principalmente se nos voltarmos para o Rio de Janeiro de meados de 1880, que se destacava como corte do Império e cidade de maior contingente populacional da época. Neste período, começava a nascer no Rio de Janeiro uma imprensa jornalística já mais consolidada como organização industrial, como comenta Juarez Bahia:

Uma imprensa mais sólida, nos anos da Abolição e da República, está geralmente associada a uma tipografia mais bem reaparelhada, renovada em relação aos anos pioneiros, graças à importação de tipos e prelos. As empresas têm menos de comum a improvisação, buscam fixar posições de mercado duradouras, mediante a organização.⁸²

O momento era de evolução e especialização jornalística brasileira, que afetava principalmente o Rio de Janeiro, pólo político, comercial, econômico e cultural do país às portas da República, graças à modernização das máquinas gráficas, à setorização do

⁸⁰ COUTINHO, Afrânio. (dir.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1968. v. 6. p.58.

⁸¹ BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. 4 ed.rev. e aum. São Paulo: Editora Ática, 1990. p. 31.

⁸² BAHIA, op. cit., p. 107.

jornal, ao crescimento da classe média e do público leitor e à maior receptividade de mercadorias culturais como os jornais. Neste quadro de evolução e de modernização dos periódicos, é que se inseriram as inaugurações dos grandes jornais que marcam o fim de século carioca.

Não foi apenas em consequência da grande massa populacional do Rio de Janeiro que a capital se destacou como berço do jornalismo finissecular. O principal fato que concedeu aos cariocas o título de capital jornalística da época foi resultante também da fixação naquela cidade dos grandes nomes das letras nacionais, - romancistas, críticos, dramaturgos e poetas, - que incontestavelmente fizeram a história do jornalismo brasileiro, concedendo aos diários da época textos próprios:

Os maiores nomes das letras conheceram intimamente a vida do jornal e nele assimilaram o melhor estilo com os estímulos do talento e do poder criador, associando clareza e objetividade, dominantes no jornalismo. É certo que por muitos anos a imprensa foi apenas uma possibilidade financeira para romancistas, novelistas e poetas, mas, é também fora de dúvida que nela cronistas se transformaram em mestres da expressão e do estilo.⁸³

Esta relação tão íntima entre grandes nomes da literatura do momento e periódicos e revistas na passagem do século, este pêndulo que surgiu entre literatura e jornalismo com a colaboração assídua dos literatos nacionais e estrangeiros nas folhas diárias como um todo e a consagração recíproca gerada colaboraram incontestavelmente na consolidação de um dos mais marcantes jornais nascidos no século XIX: a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro.

1. O despertar da grande estrela

A *Gazeta de Notícias* chegou às ruas da Corte Imperial em dois de agosto de 1875 acompanhada de um prospecto no qual a redação avisava:

Além d'um folhetim romance, a *Gazeta de Notícias* todos os dias dará um folhetim de atualidade. Artes, literatura, teatros, modas, acontecimentos notáveis, de tudo a *Gazeta de Notícias* se propõe trazer ao corrente os seus leitores.⁸⁴

⁸³ BAHIA, Juarez. *Jornalismo, informação, comunicação*. São Paulo: Martins Editora, s/d. p.51

⁸⁴ PROSPECTO INAUGURAL. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1875.

Através da leitura do informativo do periódico é possível tirar já as primeiras impressões da folha fundada pelos editores Ferreira de Araújo, Manuel Carneiro (1845-1916) e Elísio Mendes e pelos redatores Henrique Chaves (1849-1910) e Lino de Assunção (1844-1902). A *Gazeta* era um periódico voltado para o seu tempo que colocaria, além das atualidades, a arte e a literatura ao alcance da população.

A grande revolução gerada pela inauguração da *Gazeta de Notícias* foi fruto de seu estilo “barato, popular, liberal, vendido a quarenta réis o exemplar”,⁸⁵ que se contrapunha e concorria com o único jornal consolidado da época, o *Jornal do Comércio*, tradicional diário carioca fundado em 1º de outubro de 1827.

Consequência do incipiente desenvolvimento da nação, “marcado exteriormente, pelo avanço da vida urbana, o crescimento da classe média e o esboço de burguesia que começava a se fazer sentir”, o novo periódico carioca tornou-se, juntamente com o tradicional *Jornal do Comércio*, um dos periódicos mais vendidos do país, possibilitando assim maior ampliação de atividades culturais vinculadas à imprensa, principalmente no Rio de Janeiro.⁸⁶

A *Gazeta de Notícias*, apesar de apresentar um formato simples, quase modesto, de parcas quatro páginas ocupadas por colunas estreitas e com entrelinhas simples, sem organização textual que indicasse títulos ou manchetes, trazia em seu bojo tudo aquilo que os poucos letrados da Capital Federal (aproximadamente 1,72% da população carioca em 1872 era alfabetizada) desejavam: literatura amena de romances-folhetins, pequenas colunas de crônicas de variedades e seção de piadas, dentre tantas outras colunas que a seguir serão elencadas e comentadas.

Coincidentemente, foi apenas em meados de 1904, em consonância com o ápice da modernização urbanística promovida pelo então prefeito nomeado do Rio, Pereira Passos, que o periódico mais célebre da Capital Federal começou a ganhar aspecto mais moderno: passou a estampar manchete em caixa alta, a usar ostensivamente fotos e ilustrações, além de sua formatação passar a apresentar-se de forma mais clara e organizada, com maior número de páginas. A partir de meados da primeira década do século XX, não só a *Gazeta de Notícias* representava para os literatos colaboradores um meio de sobrevivência seguro como já em 1907 poetas de renome passaram a receber ordenado fixo por suas colaborações nos grandes jornais da jovem República:

⁸⁵ SODRÉ, op. cit., p.257.

⁸⁶ Cf. SODRÉ, op. cit., p.237

Criava-se o mercado jornalístico. O *Jornal do Comércio* paga entre 30\$000, 50\$000 e 60\$000 a colaboração, o *Correio da Manhã* 50\$000. Em 1907, receberam ordenados mensais Bilac na *Gazeta de Notícias* e Medeiros Albuquerque n’*O País*...⁸⁷

O periódico foi comandado por Ferreira de Araújo até 1900, quando Henrique Chaves tomou as rédeas da redação; nessa primeira fase, a *Gazeta* possuía características peculiares que a tornaram um marco do jornalismo nacional:

Foi Ferreira de Araújo quem iniciou no Brasil, com sua folha, a fase do jornal barato, de ampla informação. A *Gazeta de Notícias*, no seu tempo, era um jornal moderno, de espírito adiantado, o primeiro órgão da nossa imprensa que divulgou a caricatura diária, a entrevista e a reportagem fotográfica.⁸⁸

Pode-se acrescentar que esta folha foi a grande divulgadora das letras, dando espaço fundamental em suas colunas para todos os grandes escritores nacionais e estrangeiros do momento divulgarem seus textos. Na verdade, podemos chamar essa abertura orquestrada por Ferreira de Araújo de “uma troca de favores”, pois, ao passo que este consagrava os escritores dando-lhes colunas fixas ou esporádicas em suas páginas, também consolidava a *Gazeta de Notícias* como um jornal que prezava a literatura, o diferencial do moderno periódico.

O apego aos textos literários enobrecia o jornal popular, dando-lhe, ao mesmo tempo, certo *status* elevado e matéria interessante a ler para a pequena parcela letrada da população, a elite burguesa. Sendo assim, o diretor escolhia de modo criterioso aquele que teria o supremo privilégio de participar do grande jornal do momento. Não era aceito, nas páginas da *Gazeta*, nenhum estreante ou mesmo escritor já tarimbado que não tivesse excelente fama e currículo invejável.

⁸⁷ OLIVEIRA, Ana Luiza M. Camargo de. *Revistas em revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de República (1890-1922)*. Tese apresentada ao Departamento de História da FFLCH da Universidade de São Paulo para obtenção de título de doutor. São Paulo, 1997. p. 98.

⁸⁸ JORGE, Fernando. *Vida e obra de Olavo Bilac*. Introdução de Menotti Del Picchia. São Paulo: Editora Mc Graw-Hell do Brasil, 1977. p.16.

A clara interdependência entre homem de letras e jornalismo era imposta basicamente pelo fato de que, com a consolidação da imprensa no Brasil, o trabalho jornalístico dos literatos representava sua principal fonte de renda, já que a publicação de seus livros em volume não alcançava o grande público e conseqüentemente não gerava proventos dignos aos escritores. Mesmo com a já sólida relação cooperativa entre os literatos, bem representada pela Academia Brasileira de Letras, fundada por Machado de Assis ainda em 1897, e pela lei dos direitos autorais nascida em 1898, a vida de escritor sustentado apenas pelos seus livros ainda era uma utopia num Brasil de analfabetos; todavia, o trabalho no jornalismo literário era imprescindível não só para a sobrevivência financeira do poeta como também para a divulgação de seu nome e do seu trabalho entre o grande público leitor dos periódicos. Nomes respeitáveis da literatura e do meio cultural nacional desejavam ardentemente as páginas da *Gazeta de Notícias*; realizaram esse desejo Coelho Neto, Aluísio Azevedo (1857-1913), Pardal Mallet e José do Patrocínio, dentre outros.

A sujeição do literato à imprensa é bem exposta por Sérgio Miceli:

Não havendo, na República Velha, posições intelectuais relativamente autônomas em relação ao poder político, o recrutamento, as trajetórias possíveis, os mecanismos de consagração, bem como as demais condições necessárias à produção intelectual sob suas diferentes modalidades, vão depender quase que inteiramente das instituições e dos grupos que exercem o trabalho de dominação. Em termos concretos, toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa, que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais. Os escritores profissionais viam-se forçados a ajustar-se aos gêneros que vinham de ser importados da imprensa francesa: a reportagem, a entrevista, o inquérito literário e, em especial, a crônica.⁸⁹

Se a literatura foi marcante na vida não só dos escritores como também do jornal, a *Gazeta* resguarda algumas outras características que devem ser relembradas. Apesar de grandes críticos da história literária e jornalística como Nelson Werneck Sodré e Antonio Dimas já terem feito esse trabalho, sempre é possível esmiuçar um pouco mais as “páginas já gastas” da *Gazeta de Notícias*.⁹⁰

Nos anos iniciais o jornal ainda apresentava as suas modestas quatro páginas, responsáveis por abarcar as oito colunas estreitas de seu corpo; entretanto, além da

⁸⁹ MICELI, Sérgio. *Poder, Sexo e Letras na República Velha* (estudo clínico dos anátolinos). São Paulo: Editora Perspectiva: 1977. p.15.

⁹⁰ O termo “páginas gastas” foi utilizado apenas de maneira figurada: na realidade toda a pesquisa feita na *Gazeta de Notícias* para o levantamento de suas características foi realizada através de leitura e reprodução de microfilmes gentilmente cedidos pelo Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), órgão pertencente à Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis).

tradicional possibilidade de assinaturas, o periódico inovou ao ser vendido diariamente de modo avulso através de garotos-jornaleiros, ao passo que outros jornais rivais somente efetuavam vendas por assinatura. A iniciativa da *Gazeta de Notícias*, ao mesmo tempo em que fez com que suas vendas fossem expressivas, também lhe possibilitou a fama de notório jornal ao alcance de toda a sociedade.

Algumas seções eram típicas desde o início da circulação da folha, como os “Telegramas”, espaço responsável pela veiculação de notícias internacionais recebidas via telégrafo, o que proporcionava ao periódico um eminente caráter de modernidade, pois possibilitava ao leitor ficar ciente de um fato internacional sem a antiga demora das notícias antes enviadas por paquetes.

Havia outras seções fixas como as notas comerciais, marítimas, políticas e jurídicas da Capital Federal, as cotações do mercado financeiro, a seção “Assuntos do dia”, que divulgava pequenas notas sobre os acontecimentos mais relevantes do momento, colunas de utilidade pública como avisos de falecimento, ocorrências policiais e editais.

Nota-se certo apego da *Gazeta de Notícias* por anúncios publicitários; grande parte de suas páginas finais era dedicada à publicidade, que abarcava uma gama variadíssima de produtos anunciados: desde remédios para as mais variadas moléstias até, especialmente, propagandas de peças teatrais em cartaz, possíveis grandes “patrocinadores” do periódico. A seção de anúncios era tão importante para a manutenção não só da *Gazeta* como de todos os jornais da época que grandes nomes das letras nacionais eram casualmente contratados para criarem textos para a propaganda de dado produto. O jornal era visto como veículo de entretenimento e prestador de serviço, de utilidade pública.

Uma coluna fixa que merece atenção especial é a seção “Publicações a pedido”, que desde 1877 foi localizada entre as páginas um e dois do diário. Tal seção concedeu à *Gazeta* certo tom de irreverência, pois o espaço “paladino” era constantemente utilizado por leitores da folha para publicar qualquer tipo de assunto ou comentário de seu interesse, que poderia muitas vezes ser um agradecimento, um pedido de desculpas, uma solicitação ou auxílio, um pequeno texto poético de autoria popular; mas na maioria dos casos a coluna era utilizada como veículo de desforras ou canal aberto para cobrar providências diversas às autoridades municipais. As “Publicações a pedido” serviam para o popular insultar, criticar ou desafiar qualquer desafeto particular. Diariamente a coluna permanecia fiel aos seus propósitos iniciais. Cabe transcrever uma pequena nota sob o título “Imoralidade” para ilustrar a intenção da coluna:

Rogamos a S. Ex. o Sr. Dr. Chefe de polícia lançar suas vistas sobre duas desmoralizadas mulheres da Rua Sete de Setembro próximo à travessa de S. Francisco, que com suas impudicas palavras, ofendem as famílias decentes que têm a desgraça de passar pelas proximidades da morada dessas audaciosas messalinas. Um vizinho.⁹¹

Marca constante de todos os jornais do período era o sempre presente romance-folhetim, publicado nas oito colunas do rodapé do jornal. Especialmente com a *Gazeta de Notícias* não poderia ser diferente. Diariamente em suas páginas, ora na primeira, ora no recheio do jornal, sempre estava presente o texto de ficção de grande apelo popular, que, ao mesmo tempo em que atraía todas as camadas sociais de letrados, servia também como um instrumento ao periódico: caso algum colaborador fixo faltasse com a obrigação de publicar seu texto, lá estava o romance-folhetim para ocupar a lacuna. A *Gazeta de Notícias* chegou a publicar dois romances seriados em cada número.

Traduções francesas eram muito bem representadas no espaço do folhetim; entretanto, autores nacionais estiveram presentes também. Em 1888 Raul Pompéia (1863-1895) publicou durante três meses seu grande romance, *O Ateneu*, nas páginas da *Gazeta de Notícias* com o subtítulo de “Crônica de Saudades”.

Assim como o romance-folhetim estava constantemente nas páginas da folha, muitas outras colunas mantiveram-se desde a inauguração do jornal em dois de agosto de 1875. Seções como “Teatros e...” (comentários e breves críticas teatrais), “Dizia-se ontem...” (notas sobre o dia anterior) e mesmo textos de diversos literatos nacionais e estrangeiros estavam intermitentemente presentes na *Gazeta*. Todavia é preciso afirmar que, nos primeiros anos de vida da *Gazeta de Notícias*, o jornal ainda não apresentava maturidade e coerência total, ou seja, nenhuma coluna, mesmo aquelas que aqui consideramos fixas, apresentava periodicidade regular, fosse ela diária ou mesmo semanal.

Fato curioso a ser ressaltado é que desde o início da *Gazeta de Notícias* um texto nunca se mostrou ausente: a crônica semanal. Praticamente todos os dias da semana o jornal acolhia uma produção de algum escritor ilustre: Eça de Queirós (1845-1900), Émile Zola (1840-1900), Machado de Assis, Coelho Neto, José do Patrocínio, etc. Mesmo ainda não possuindo um cronograma fixo de publicação para cada colaborador, semanalmente distintos escritores compunham textos para a *Gazeta de Notícias*.

⁹¹ PUBLICAÇÕES a pedido. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1877, p. 2, 1. col.

Grandes nomes figuraram como contribuintes assíduos do jornal desde seu ano de estréia. Muitos deles, disfarçados sob a máscara de um pseudônimo, escreveram colunas de crônicas que marcaram a *Gazeta* por longos anos.

A primeira ocorrência de uma coluna de crônicas na *Gazeta* foi localizada já em 1875 com o “Folhetim da Gazeta de Notícias”, coluna diária de nome genérico que abarcava crônicas da atualidade assinadas pelos mais diversos nomes da época: Lulu Sênior,⁹² Proudhomme,⁹³ Tralgadabas,⁹⁴ Ramalho Ortigão (1836-1915) e França Junior (1838-1890), dentre outros.⁹⁵

Já em 1877, desenvolveu-se uma maior organização nas publicações da *Gazeta*: aos domingos surge a coluna “Ao acaso” no rodapé do jornal. Sempre assinada por Tralgadabas, essa coluna tratava dos mais variados temas, como deve ser uma boa crônica. Desse modo, a crônica dominical da *Gazeta de Notícias* estava instituída.

A partir de então passaram pelo folhetim do jornal, assinando as mais diversas colunas, diversos autores como Ferreira de Menezes (1845-1881) (coluna dominical “A Semana” de 1878 a 1879; posteriormente, em 1892, o título é assumido por Machado de Assis), José do Patrocínio (coluna semanal “Semana Política” ou “Semana Parlamentar” de 1877 a 1881) e Ramalho Ortigão (coluna esporádica “Cartas Portuguesas”, que se iniciou em 1877), dentre muitos outros autores que apareceram em anos subseqüentes, como Artur de Oliveira (1851-1882), Lino de Assunção, Valentim Magalhães (1859-1903), Eça de Queirós e Machado de Assis,⁹⁶ dentre outros.

Muitas das crônicas semanais nesses primeiros quinze anos de publicação da *Gazeta de Notícias* (1875-1890)⁹⁷ aparecem sem assinatura ou mesmo sem um

⁹² Pseudônimo de Ferreira de Araújo (1848-1900); jornalista e proprietário da *Gazeta de Notícias*, colaboração entre 1875 e 1900.

⁹³ Pseudônimo de José do Patrocínio (1853-1905); jornalista e poeta abolicionista, colaboração entre 1877 e 1881.

⁹⁴ Pseudônimo de Joaquim Serra (1838-1888); jornalista e poeta abolicionista, colaboração entre 1877 e 1878.

⁹⁵ Os pseudônimos foram localizados através de pesquisas em enciclopédias literárias (COUTINHO, Afrânio & SOUSA, José Galante de (dir.). *Enciclopédia de Literatura brasileira*. 2 ed.rev. ampl., atual. e il. Sob a coordenação de Graça Coutinho e Rita Moutinho. São Paulo: Global editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional: Academia Brasileira de Letras, 2001, 2 vol.) e no próprio periódico *Gazeta de Notícias* entre 1875 e 1890.

⁹⁶ Machado de Assis passa a assinar crônica dominical na *Gazeta* a partir de 1892, na coluna “A Semana”, anteriormente a esse período contribui em colunas esporádicas e com publicações de contos como “Contos de Escola” em 1884.

⁹⁷ A escolha por pesquisar os primeiros quinze anos de publicação da *Gazeta de Notícias* se faz necessária, pois esse recorte de tempo marca o período que antecede a estréia de Olavo Bilac no citado periódico, além de serem os anos de consolidação do periódico na rotina carioca.

pseudônimo, o que por muitas vezes tornou impossível a pesquisa a respeito da autoria do texto.

Entretanto, outras colunas fixas publicadas entre 1875 e 1890 merecem nossa atenção especial, não apenas pelo seu conteúdo como também pela assinatura responsável pelo texto: a coluna diária “Macaquinhos no Sótão” (de José Telha,⁹⁸ de 1887 a 1890), crônica de temática variada e com tratamento sempre bem humorado. Porém, uma das colunas que merece maior destaque seria a “Bons dias”, assinada por Machado de Assis (com uma mistura de pseudônimo e aceno de despedida: “Boa Noite”), entre os meses de abril de 1888 e agosto de 1889. Sobre essa coluna, Sônia Brayner comenta:

Desde o início delineiam-se com clareza seus caminhos narrativos favoritos, em que pese ainda um certo ar de fórmula geral. Interessa-se, particularmente, pela apreensão do fato cotidiano, desimportante enquanto ação, mas capaz de gerar um conteúdo pitoresco, humano e urbano das relações sociais do Rio de Janeiro do final do século, vistos com olhos contrastantes do humor benévolo, zombeteiro mesmo.⁹⁹

É interessante o comentário de Brayner não apenas direcionado para a coluna machadiana, como para todas as crônicas surgidas no final do século XIX. Certa generalidade de forma e conteúdo ainda imperava, apesar de particularmente essa coluna do fundador da ABL já aparecer no corpo da primeira página do jornal e com título definido; os assuntos abordados por toda a produção cronística do período ainda não possuíam uma temática coesa que caracterizasse seu autor. Arrigucci Jr. arremata o pensamento proposto por Brayner, por um prisma mais abrangente:

Na maioria desses autores dos primeiros tempos, a crônica tem um ar de aprendizado de uma matéria literária nova e complicada, pelo grau de heterogeneidade e discrepância de seus componentes, exigindo também novos meios lingüísticos de penetração e organização artística: é que nela afloram em meio ao material do passado, herança persistente da sociedade tradicional, as novidades burguesas trazidas pelo processo de modernização do país, de que o jornal era um dos instrumentos.¹⁰⁰

A crônica foi o reflexo mais claro da impulsão empresarial jornalística carioca de meados de 1880.

⁹⁸ Pseudônimo utilizado por Ferreira de Araújo.

⁹⁹ BRAYNER, Sônia. Machado de Assis: um cronista de quatro décadas. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 411-412.

¹⁰⁰ ARRIGUCCI JR. Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: Idem. *Enigma e comentário*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p. 57.

Porém, anteriormente à coluna “Bons Dias”, Machado de Assis já havia se consolidado como colaborador habitual na *Gazeta*: entre novembro de 1886 e fevereiro de 1888, Machado enveredou pelo mundo dos versos e publicou folhetins rimados na coluna “Gazeta de Holanda”.

Outra coluna que marcou época nas primeiras décadas da *Gazeta de Notícias* foram as “Balas de Estalo”, publicadas diariamente de 1883 a 1886 entre a primeira e a segunda página do periódico, que, além da participação assídua de Machado de Assis, contavam com uma gama imensa de outros escritores, como o sempre presente Lulu Sênior e Zig Zag,¹⁰¹ entre outros. Como toda a produção do período, essa coluna de assuntos variadíssimos fazia de forma sucinta, como o próprio título explica, o retrato crítico do período monarquista nacional, além de abordar de forma cômica os últimos acontecimentos da atualidade carioca ou frivolidades como a própria crônica de desabafo de Zig Zag sobre a necessidade de alteração de seu pseudônimo, de abril de 1884:

Eu não sei se o leitor amigo sabe o que é o fel da indignação. Esse fel é simplesmente o líquido em que estou umedecendo a minha pena nervosa, para estender nas linhas azuladas do papel pautado a raiva que neste momento tortura o meu espírito, de ordinário tão tranqüilo e plácido. Nestas lutas diárias da imprensa, no desempenho do augusto sacerdócio em que me dediquei, mais por vocação do que pela mira em interesses materiais, tenho sofrido injustiças mais ou menos graves e descomposturas mais ou menos severas. As primeiras doeram-me, as segundas incomodaram-me ligeiramente; e dali em diante comecei a considerar como reclame tudo quanto os meus amigos escrevem a meu respeito. [...]

Ontem vi publicado na Folha Nova o programa das próximas corridas do Jockey Club de Nova Friburgo. Logo na primeira corrida eu vejo em primeiro lugar: “Zig Zag – Rio de Janeiro – Rosado – 5 anos – 54 kg – Marrom e Amarelo – Caudelaria Cantagalense”.

Fiquei desagradavelmente surpreendido com essa inscrição, que ainda suponho ser um trait d’esprit, do meu amigo Quarré. As pessoas que me conhecem, sabem perfeitamente que não se entende com o Zig Zag das Balas, o Zig Zag das corridas. Todas elas sabem que não tenho pelo, ou que, se o tenho, não é rosado. Sabem igualmente que não tenho 5 anos, e muitas podem afirmar que meu peso é superior a 54 Kg. Marrom nunca fui, a não ser no chapéu, e amarelo apenas o sou, quando o fígado terrível impõe o seu colorido a minha suave fisionomia. Muito menos sou da Caudelaria Catangalense. Mas se as pessoas que me conhecem sabem que o Zig Zag das corridas não é o Zig Zag das Balas, as que têm o prazer de manter relações comigo, podem ficar iludidas. É para que tal não aconteça que eu me apresso a fazer a seguinte declaração:

¹⁰¹ Pseudônimo de Henrique Chaves, jornalista e redator-chefe da *Gazeta de Notícias* a partir de 1900.

Declaro que, havendo outro de igual nome e de costumes diversos, passo a assinar-me: Zig Zug.¹⁰²

Outras tantas colunas de menor expressão passaram pelas páginas da *Gazeta*; porém, devido à dificuldade de localização de seus autores ou rápida existência, demos preferência ao comentário daqueles títulos que perduraram por maior tempo no jornal e no gosto do leitor do momento.

O período até este momento retratado através de uma rápida análise do periódico *Gazeta de Notícias* serve-nos de espelho também do momento cultural, social, político e econômico da nação.

O país sofria transformações radicais no campo da política com a recente Proclamação da República, à qual a *Gazeta de Notícias* foi favorável, como na esfera social, com o movimento abolicionista que culminou com a Abolição da Escravidão em 1888, que remodelou a população não só carioca como nacional; novamente a *Gazeta* estava ao lado da nova ordem social, abraçando em suas páginas profissionais do jornalismo e da literatura abertamente anti-escravocratas como Joaquim Serra e José do Patrocínio, negro que fundaria em 1887 a “trincheira abolicionista”¹⁰³ *Cidade do Rio*, jornal pobre, precário, mas combativo, que lutará sem trégua com o auxílio de grandes colaboradores como Olavo Bilac, para o fim do Brasil colonial representado pela escravidão.

Para finalizar essa panorâmica sobre a *Gazeta de Notícias* e suas colunas, panorama que revelou sua participação no progresso da sociedade carioca, notemos o comentário positivo de José Galante de Sousa:

A *Gazeta de Notícias*, o primeiro jornal da América do Sul a ter nas suas oficinas a rotativa de quatro cilindros, foi uma das melhores folhas do século passado. Nunca perdeu seu feitio, eminentemente popular, sem esquecer as elites, que alcançava através de uma colaboração criteriosamente selecionada. Inovador, arejado, foi dos poucos diários que puderam competir com o velho e sólido *Jornal do Comércio*.¹⁰⁴

Através do nascimento e consolidação da crônica na *Gazeta* pudemos observar como grandes escritores exercitaram ao mesmo tempo a nova função de cronista e o

¹⁰² CHAVES, Henrique [Zig Zag]. Balas de Estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 5 de abril de 1884. p. 2, 5. col.

¹⁰³ SODRÉ, op. cit., p. 312.

¹⁰⁴ COUTINHO, Afrânio & SOUSA, José Galante de (dir.). *Enciclopédia de Literatura brasileira*. 2 ed.rev. ampl., atual. e il. Sob a coordenação de Graça Coutinho e Rita Moutinho. São Paulo: Global editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional: Academia Brasileira de Letras, 2001. p.760.

trabalho de articulistas políticos e mundanos. Essa nova função surgiu obviamente antes da *Gazeta*; autores já publicavam semanalmente; como era o caso de José de Alencar (1829-1877), que se responsabilizava pela coluna “Ao correr da pena” (1854-1855) na *Gazeta Mercantil*. Mas, através de sua aceitação total por parte não só dos escritores como principalmente dos leitores fiéis da folha, adquiriu, essencialmente, nas páginas da *Gazeta de Notícias*, uma importância que até hoje gera diversos trabalhos nos meios literários.

Através de um pequeno panorama que será traçado sobre as origens da crônica e sua consolidação em jornais, mostrando suas múltiplas possibilidades, será possível esboçar a importância desse gênero não apenas para o jornalismo como também para a literatura nacional, que muitas vezes o relega à condição de mero apêndice de jornal.

O estudo da crônica se faz fundamental para podermos chegar à análise das publicações de um dos maiores cronistas do fim do século XIX e início do século XX, que não apenas colaborou na *Gazeta de Notícias* como também em outros grandes jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Esse cronista, além de brilhante poeta da forma, foi jornalista contestador, idealizador e satírico. Sonhou desde sempre com as páginas da *Gazeta* e com ela supriu de literatura empenhada os leitores por 18 anos (1890-1908). Olavo Bilac foi, mais que um poeta, um cronista.

Porém, algumas páginas ainda antecedem o comentário mais detalhado da vida de Bilac na *Gazeta*. Antes, observemos a leveza e a heterogeneidade da crônica, que nasceu na França, mas coloriu-se e moldou-se com esmero ao gosto brasileiro por aclimação perfeita.

2. Crônica: do folhetim à primeira página da *Gazeta de Notícias*

Assim como muitas das nossas influências recebidas no século XIX foram de origem francesa, nossa literatura jornalística não poderia ter seguido outros trilhos. Se o elegante era vestir modelos inspirados na moda européia, se a educação dos filhos da elite devia seguir os padrões escolares franceses, se toda a nossa cultura dependia da orientação e influência do Velho Mundo, com nosso jornalismo não poderia ser diferente: “A França

passou a ser o padrão e o figurino para tudo, das roupas às idéias, passando pelas instituições e comportamentos”.¹⁰⁵

A imprensa no Brasil, desde seu apogeu a partir da Proclamação da República, sempre foi manipulada e dominada pelos intelectuais em destaque na sociedade. Porém, entendam-se como intelectuais os homens de letras do Brasil, ou seja, nossos grandes escritores, que, por necessidades financeiras e um pouco de sede de popularidade, se embrenhavam pelo mundo dos periódicos em busca de remuneração adicional e sucesso popular.

Devemos manter sempre em mente que, se nosso jornalismo era orientado por essa gama de profissionais oriundos da literatura e se estes estritamente seguiam as influências literárias importadas da França, a literatura jornalística desenvolvida por esses literatos em nossas folhas de fim de século não poderia senão guardar o aroma francês.

Porém, não é só de jornalistas-literatos afrancesados que se fazia um jornal. Não foi apenas a pena dos jornalistas que se embebeu de tintas francesas. Muitas seções dos periódicos, se não vinham pelos paquetes europeus, eram desenvolvidas à imagem e semelhança de congêneres do Velho Mundo.

O grande chamariz dos periódicos nacionais na virada do século era, incontestavelmente, o romance-folhetim. De origem francesa, o popular romance escrito em capítulos, ou melhor, em fatias diárias ocupava, para fazer jus ao nome, o rodapé do jornal, ou, em termos franceses, *rez de chaussée*,¹⁰⁶ o “assoalho” do jornal. Poderia ser uma tradução de um romance francês, como no caso da estréia da nova entidade literária em terras brasileiras com a publicação, em 1838, no *Jornal do Comércio*, do francês *Capitão Paulo* de Dumas, ou mesmo um legítimo romance-folhetim nacional como *Memórias de um Sargento de Milícias* de Manuel Antônio de Almeida (1830-1861), publicado no *Correio Mercantil* entre 1852 e 1853.

A partir de sua estréia, o romance-folhetim caiu incontestavelmente no gosto brasileiro, assim como a nova função de escritor: a de folhetinista. Uma crônica de Machado de Assis, publicada na revista *O Espelho* de Paula Brito (1809-1861) em 30 de

¹⁰⁵ SIMÕES JR., Álvaro S. *Bilac em versos menores: estudo crítico e histórico dos versos humorísticos de Olavo Bilac* publicados na seção “O Filhote” da *Gazeta de Notícias* – 2 de agosto de 1896 a 28 de maio de 1897. Dissertação de Mestrado. Assis: FCL da UNESP, 1995. p.42.

¹⁰⁶ MEYER, Marlyse. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 96.

outubro de 1859 ¹⁰⁷ e inúmeras vezes comentada quando se deseja entender o papel do folhetinista e de sua criação, é esclarecedora:

Uma das plantas européias que dificilmente se têm aclimatado entre nós, é o folhetinista.

O folhetinista é originário da França, onde nasceu e onde vive a seu gosto, como em cama no inverno. [...]

Mas comecemos por definir a nova entidade literária. O folhetim, disse eu em outra parte, e debaixo de outro pseudônimo, o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. [...]

O folhetinista é a fusão agradável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Estes dois elementos, arredados como pólos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal. [...]

O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar de colibri na esfera vegetal: salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política.

Assim aquinhoadado pode dizer-se que não há entidade mais feliz neste mundo, exceções feitas. Tem a sociedade diante de sua pena, o público para lê-lo, os ociosos para admirá-lo, e a bas bleus para aplaudi-lo.

Todos o amam, todos o admiram, porque todos têm interesse de estar de bem com esse arauto amável que levanta nas lojas do jornal, a sua aclamação de hebdomadário. [...]

Em geral, o folhetinista aqui é todo parisiense; torce-se a um estilo estranho, e esquece-se, nas duas divagações sobre o boulevard e café Torioni, de que está sobre um mac-adam lamacento e com uma grossa tenda lírica no meio de um deserto. [...]

Força é dizê-lo: a cor nacional, em raríssimas exceções, tem tomado o folhetinista entre nós. Escrever folhetim e ficar brasileiro é na verdade difícil.

Entretanto, como todas as dificuldades se aplanam, ele podia bem tomar mais cor local, mais feição americana. Faria assim menos mal à independência de espírito nacional, tão preso a essas imitações, a esses arremedos, a esse suicídio de originalidade e iniciativa. ¹⁰⁸

A longa transcrição propõe elementos interessantes. Machado mencionou o poder do folhetinista de origem francesa de “pairar” sobre todos os assuntos, de variar temas, sem se fixar longamente em nenhum, o “colibri” conta-nos um pouco de tudo. O autor comentou, especialmente, o poder do folhetim e de seu autor de se aclimatarem tão bem ao gosto brasileiro. Sendo assim, seguindo as imagens propostas por Machado, o folhetim pode ter realmente se originado na França (e até mesmo na Inglaterra); entretanto, ao ser

¹⁰⁷ COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio (dir.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1968. v. 6. p. 121.

¹⁰⁸ ASSIS, s/d apud MEYER, Marlyse. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 94-95.

assimilado por nossos literatos e intelectuais do jornalismo finissecular, a crônica, como a entendemos, criou-se e educou-se no Brasil.

Realmente, em terras brasileiras tão bem se adaptou o folhetim que este tomou as cores locais e, assim como em sua origem européia, “brincou” com todos os assuntos.

No Brasil, o romance-folhetim nunca perdeu espaço, mas, apenas cordialmente, cedeu seu rés-do-chão da primeira página para um estilo de texto bem jornalístico e bem literário: a crônica de variedades. O romance-folhetim deslocou-se para o interior do jornal.

Filha do folhetim-folhetinesco, filha do jornal, a crônica no país ganhou *status* relevante no periodismo do século XIX e se destacou com um dos gêneros mais indispensáveis do jornal. Nele, antes de se fixar em um único assunto, a crônica foi resenha teatral ou literária, comentários de pequenas notícias, assuntos mundanos, espaço para a piada. Antes de ser crônica, foi palco de variedades. E sempre comandada pelos grandes nomes das letras nacionais.¹⁰⁹

Com a consolidação do romance-folhetim no recheio do jornal e a grande influência dos literatos no jornalismo da virada do século, consolidou-se o gênero que nasceu na França e se ambientou totalmente nos periódicos cariocas e nacionais: a crônica.

Assim foi com todos os grandes jornais do momento, inclusive com a *Gazeta de Notícias*. Desde sua estréia lá estava ela, a crônica. De início, um misto de variedades imperava nos textos com títulos variados e genéricos como o amplo “Folhetim”, que estréia em 1875 e se encerra em 1879. O cronista não delimitava seu assunto; a cada texto colocava um subtítulo que seguia o conteúdo desenvolvido nas linhas do rodapé, porém não mantinha uma frequência lógica de publicações. Podemos apenas citar com certeza de periodicidade as publicações dominicais d’“A Semana” de Ferreira de Menezes (que discretamente assinava F. de M.) que perduraram de abril de 1878 a novembro de 1879 nos rodapés da primeira página. Obviamente as crônicas nunca se ausentavam da *Gazeta*; porém, afirmar que havia um programa fixo e coeso de autores não é possível.

¹⁰⁹ Cf. MEYER, Marlyse. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 93 seq.

No início da década de 1880, o rodapé do jornal carioca ganhou a denominação de “Crônica”, texto amplamente variado que se mantém no folhetim até meados de 1882, sempre sem assinaturas, iniciais ou pseudônimos. A partir de outubro de 1882, notamos uma pequena modernização no jornal; a crônica dominical ganhou importância e se transferiu para o corpo da primeira página do periódico, já com um nome mais definido: “Crônica da Semana”, porém permaneceu o mistério de sua autoria. Até o fim da década de 1880, a instabilidade da heterogênea coluna dominical conservou-se.

A *Gazeta de Notícias* sempre foi celeiro de grandes escritores; o volume de crônicas publicadas esporadicamente pelos mestres das letras no jornal não era facilmente superado por outra folha. Durante os anos de 1875 a 1890, crônicas de Machado de Assis, Eça de Queirós e principalmente Ramalho Ortigão estamparam-se nas páginas centrais da folha. Porém, não seria possível afirmar que a *Gazeta de Notícias* mantinha uma seção fixa e bem delineada de crônica. Textos esparsos só cederam lugar para a crônica fixa no início da década de 1890, quando observamos seções de crônicas como as de Machado de Assis e Olavo Bilac.

É certo que nos anos iniciais da *Gazeta* havia colunas que marcaram época no jornal, como as já citadas “Balas de Estalo”; entretanto, eram publicações que abarcavam uma gama variada de autores, assuntos e temas, e traziam em seu bojo certo tom de noticiário fragmentado. A crônica como comentário do cotidiano, “companheira diária do leitor brasileiro”,¹¹⁰ “como pedaço de página em que a literatura penetrou fundo...”,¹¹¹ só vem ocorrer definitivamente em meados de 1890 com a consolidação na *Gazeta de Notícias* das seções de crônicas semanais fixas.

A fixação da crônica como texto efêmero, de linguagem coloquial, de narrador-comentador subjetivo, características atualmente peculiares a esse gênero de texto, se estabilizou no periódico na década de 1890, embora viesse perder seu espaço consagrado, não só na *Gazeta* como em muitas folhas do fim do século já no início do século XX, com a modernização jornalística que, sendo concomitante à urbana, veio a alterar os rumos das ruas e do jornalismo literário carioca. Em 1904, a crônica cede espaço às reportagens e a artigos investigativos, à fotografia, às charges:

Aos gêneros consagrados da poesia, crônica, conto e folhetim em capítulos, quase todos esses periódicos acrescentaram as inovações do momento: reportagens sensacionalistas, artigos cada vez mais personalizados

¹¹⁰ ARRIGUCCI JR., op. cit., p. 51.

¹¹¹ Ibid., p.56.

(entrevistas e perfis), uma preocupação com o ‘alto mundo’ e (sobretudo em *Kosmos*¹¹² e *Renascença*) uso abundante de ilustrações, apresentando fotografias e vinhetas *art nouveau*.¹¹³

Foi nesse período, meados da primeira década do século XX, que o dândi máximo da literatura nacional, Paulo Barreto, atrás de seu pseudônimo mais popular, João do Rio, elaborou o que ele chamou de *Inquérito Literário*: entrevistas com literatos como Olavo Bilac, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque (1867-1934), Guimarães Passos, Luiz Edmundo e Raymundo Correia (1859-1911), dentre tantos outros, sobre o momento literário nacional:

[...] O Brasil transforma-se, civiliza-se. Hoje o jornalismo é uma profissão, quando antigamente era um meio político de ascender; hoje o escritor trabalha para o editor e não manda vender [...] por um negro de balaio na mão [...]. Os vencedores acham todos o jornalismo animador, o jornalismo necessário; os que por inaptidão, trabalho lento ou hostilidade dos plumitivos, ainda não se apossaram das folhas diárias, atacam o jornalismo [...]. são geralmente os poetas [...] que fatalmente tendem a ver seu mercado diminuído – porque o momento não é de devaneios, mas de curiosidade, de informação, fazendo da literatura no romance, na crônica, no conto, nas descrições de viagens, uma única e colossal reportagem.¹¹⁴

Era o momento da consolidação do setor, da evolução do periodismo, que, a partir do estatuto híbrido da crônica permitiu, junto à busca “de um horizonte técnico moderno”,¹¹⁵ da energia elétrica, do *bond* e da padronização dos tipos, o surgimento das novas entidades jornalísticas do século XX.

Entretanto, anteriormente às grandes revoluções no jornalismo do século XX, temos a presença maciça daquele que vai marcar época no periodismo carioca na virada do século.

Olavo Bilac, que sempre cobiçou colaborar na *Gazeta de Notícias*, realizou temporariamente, em 1890, seu grande sonho. Em 1897, quando o mestre Machado de Assis

¹¹² A revista *Kosmos* (1904-1909) é exemplo satisfatório de como a crônica perde espaço para os gêneros jornalísticos mais modernos. Apesar de manter sua crônica mensal, assinada por Olavo Bilac, a *Kosmos* abre mão da linguagem literária comum às revistas em favor de linguagem moderna da fotografia.

¹¹³ NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. [A *tropical Belle Époque: elite culture and society in turn-of-the-century Rio de Janeiro*]. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p.230.

¹¹⁴ RIO, João. O momento literário. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 1994. p. 294. O autor de *A alma encantadora das ruas* atribui essas palavras a um amigo, no entanto, não o nomeia.

¹¹⁵ SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: Literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p. 89.

decidiu afastar-se de sua faina semanal, Bilac fixou definitivamente, através de “Crônica”, seu nome no rol das “celebridades literárias” que tiveram a honra de publicar no jornal mais afeito à literatura; suas crônicas intimamente duelavam com a contingência para atingir certa transcendência. Seu apogeu perduraria por mais de quinhentas crônicas ao longo de onze anos, só cessando por desejo do mestre parnasiano.

Capítulo IV

O RIO DE JANEIRO ATRAVÉS DA PENA DE BILAC

Escrever prosa é uma arte ingrata. Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, por azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, acende um cigarro, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Vinícius de Moraes in “O exercício da crônica”.

A crônica desenvolveu-se no Brasil, em meados do século XIX, no rodapé do jornal, graças a nomes como Francisco Otaviano (1825-1889), José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo (1820-1882) e, principalmente, Machado de Assis.

Ocupando o espaço que antes era apenas do romance-folhetim, narrativa em capítulos - em grande parte traduções de romances ingleses e franceses - que aqui como na Europa foi febre e grande responsável pelo aumento de vendas dos jornais, a crônica tornou-se o grande destaque dos periódicos nacionais aumentando suas tiragens, em

consequência, muitas vezes, de sua linguagem coloquial próxima à oralidade da “conversa fiada”.

Todavia, ainda no século XIX, antes de ser crônica propriamente dita, o espaço genérico do folhetim – ou *le feuilleton* - começou a dividir sua soleira de jornal com uma gama variadíssima de outros textos. Se antes o termo “folhetim” apenas designava o romance seriado e nos remetia a um determinado espaço geográfico no jornal, o rés-do-chão, com a introdução de novos tipos de textos o termo “folhetim” tornou-se mais abrangente.

Nesse momento, o romance folhetinesco perdeu posição, relegado às páginas interiores dos periódicos. Foi o apogeu das seções de variedades, o espaço folhetim tornou-se o ambiente vazio à espera de entretenimento. Nesse “*rez-de-chaussée*” cabia de tudo: contos, anedotas, resenhas teatrais e notícias esparsas. Foi o momento da voga de José de Alencar no *Correio Mercantil*, com a seção “Ao correr da pena”, entre 1854 e 1855. Como o sugestivo nome já indicava, a pena alencariana corria por todos os assuntos de forma breve e descompromissada. Foi assim o início da consolidação de um gênero que aos poucos se tornou a crônica, gênero este tão bem ambientado no cotidiano jornalístico brasileiro, principalmente carioca.

Na urgência de renovação pela qual passava o periodismo carioca no limiar do século XX, acompanhando as transformações políticas e sociais que eclodiam pela capital e províncias da recente República, as colunas jornalísticas sentiram a necessidade de se especializar. Sendo assim, as seções de “Variétés” abdicaram desse leque incontável de assuntos e passaram a retratar especificadamente um tema. As seções dedicadas às variedades, assim como o folhetim-folhetinesco, foram transpostas para o meio dos jornais, deixando o rodapé da primeira página, e muitas vezes sua parte central, para a supremacia do gênero. Junto à especialização do periodismo nacional, nasceu a crônica.

Assim como seu local de origem, estudiosos como Davi Arrigucci Jr.¹¹⁶ e Antonio Candido¹¹⁷ lembram que a crônica é como uma conversa própria do dia-a-dia, ou seja, “perto do chão”, próxima aos leitores. Voltada para o cotidiano, sua linguagem e composição criam-se de forma solta e descompromissada. Dessa linguagem natural é que

¹¹⁶ Cf. ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmento sobre a crônica. In: Idem. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p. 51 seq.

¹¹⁷ Cf. CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13 seq.

nasce a despreensão tão singular da crônica. Amiga da verdade e do fato miúdo, seria a literatura mais perto da vida cotidiana.

Oriunda do jornal que se tornou diário, o gênero crônica ¹¹⁸ é um veículo transitório e perecível. Difundida como relato diário ou semanal, a crônica moderna se dissolve e perde seu frescor de atualidade com a chegada da folha do dia seguinte. Vencer sua efemeridade cotidiana é a árdua tarefa a ser cumprida pelos cronistas neste gênero que pode ser traduzido como o “tempo feito texto”. ¹¹⁹

A notícia do momento é o ponto de partida para o cronista, o equilibrista do dia-a-dia, que, na premência do jornal, reflete sobre o cotidiano da cidade e de seus habitantes através de sua capacidade de humanização. O cronista é livre para escrever e comentar o que quiser; contudo, não deixa de ser escravo de um papel a ser rotineiramente preenchido. Comentando de forma particular, coloquial, quase como uma conversa entre amigos, o autor paira sobre todos os assuntos através de seu trabalho de experimentação, em que ficção, lirismo, humor e verdade se misturam no ambiente tão próprio, porém tão difuso do jornal. Em crônica de janeiro de 1899 com a pretensão de criticar uma viagem a Petrópolis do Presidente Campos Sales e juntamente comentar o abandono do Rio de Janeiro, Bilac abriu o texto com lamentações sobre seu constante ofício:

Já tantas lamentações se têm escrito nesta coluna sobre o martírio de quem é obrigado a escrever sempre cousas novas sobre semanas que se parecem como irmãs gêmeas! Um cronista vive sempre no apuro dos empresários que, tendo pouco pessoal e pouco dinheiro, têm de servir ao público peças de grande espetáculo, exigindo volumosas massas corais e movimento extraordinário de comparsaria. ¹²⁰

Um tanto metafórico, o texto deixou entrever que o “grande espetáculo” da crônica é a capacidade do cronista criar – ou recriar - a partir de algo já constantemente comentado, uma novidade ou fato fresco, ou na linguagem bilaquiana, fazer um já comentado assunto “entrar por uma porta e sair pela outra”, apenas “alterando-lhe o vestuário a cada uma das passagens pelos bastidores”.

¹¹⁸ “O termo ‘crônica’ generalizou-se, ficando a qualificação ‘folhetim’ para designar mais a seção, na qual se publicavam não só crônicas senão também ficção e todas as formas literárias”. COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio (dir.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1968. v. 6, p. 122.

¹¹⁹ NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 82.

¹²⁰ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1899. p. 1, 3 col.

A crônica é um gênero de aparência enganadora que ajuda a camuflar, com certa dose de humor e fantasia, a vida real. Crimes, festas, frivolidades, mundanismo, política, cultura e sociedade cabem no ambiente do gênero. Entretanto, para esse mesmo ambiente surgir, faz-se necessária a notícia existente na página do jornal ao alcance do leitor. Por estar atrelada ao jornal, nasce a ambigüidade do texto: seria a crônica notícia de jornal ou seria ela literatura no jornal?

A crônica nasceu no e para o jornal, porém ela não é o jornal, isto é, não mantém, como o veículo que a abriga, o preceito de noticiar os fatos passados; apenas comenta-os, utilizando para isso seus próprios recursos estilísticos, quando se fazem interessantes.

A rigor, o que conhecemos hoje por crônica remonta ao gênero que Montaigne iniciou com *Essais* em 1596: texto inacabado, tentativa de experimentação, dissertação curta de assuntos familiares e íntimos. Estilo de composição que marcha no compasso do pensamento que se traduz em palavras, o ensaio seria curto, compacto na tentativa de se interpretar a realidade.¹²¹

Porém, modernamente, as características propostas por Montaigne perderam seu sentido. No Brasil, acabamos por aceitar, atualmente, *ensaio* como sinônimo de *estudo* em suas mais variadas categorias: análise histórica, literária, teatral, filosófica... E a crônica englobou o sentido original do ensaio inglês: comentário ou tentativa leve, livre, inacabada e informal sobre variados assuntos.

Desta maneira, a crônica, mesmo própria e vinculada ao jornal, não pretende só informar, visto que este não é o objetivo exclusivo do cronista, mas sim ir além do acontecimento cotidiano:

[A crônica] difere, porém, da matéria substancialmente jornalística naquilo em que, apesar de fazer do cotidiano o seu húmus permanente, não visa a mera informação: o seu objetivo, confesso ou não, reside em transcender o dia-a-dia pela universalização de suas virtualidades latentes, objetivo esse via de regra minimizado pelo jornalista de ofício.¹²²

Sendo assim, continua o autor, a “crônica oscila, pois, entre a reportagem e a Literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial e a

¹²¹ COUTINHO, op. cit., p. 118.

¹²² MOISES, Massaud. *A criação literária* – Prosa. São Paulo: Cultrix, 1982. p. 247

recriação do cotidiano por meio da fantasia”.¹²³ O texto cronístico, uma mistura híbrida de literatura e notícia, eleva-se, sobretudo graças ao trabalho do cronista, sobre o fato jornalístico para representar a realidade subjetivamente para um leitor até então embaraçado com as mudanças impostas, essencialmente às grandes metrópoles, como a cidade do Rio de Janeiro, no fim de século: bondes elétricos, cinematógrafos, fotografias, carros, aeroplanos, amplas vias de tráfego, prédios imponentes, energia elétrica... a comunicação precisava acompanhar esse novo ambiente burguês e industrial que se ampliava.



Ilustração 15: O saudoso bonde carioca (s.a.).¹²⁴

In: Rio antigo. Disponível em <http://www.almacarioca.com.br/imagem/fotos/rioantigo/index.htm>
Acesso em 3 de novembro de 2005.

¹²³ MOISES, loc. cit.

¹²⁴ Não nos foi possível localizar a data original da fotografia. Percebe-se, contudo, que se trata de imagem um pouco distante da realidade da *Belle Époque* nacional, pois a abundância de automóveis não condiz com o período. Nossa intenção, porém, ao lançar mão de tal figura, foi apenas a de servir como ilustração da importância do bonde elétrico para a modernização da Capital Federal no final do século XIX. A Companhia Jardim Botânico de Bondes importou dos EUA, em 1892, o material necessário para prover o Rio de Janeiro de sua primeira linha de bondes elétricos, inaugurando assim, em 8 de outubro, a linha do Flamengo. A história dos bondes no Brasil, contudo, remonta ao ano de 1868, quando o veículo movido por tração animal foi instalado no Rio de Janeiro. Em crônica comemorativa do 35º aniversário das linhas de bonde brasileiras, Bilac faz uma declaração de amor ao espírito “socialista” do meio de transporte: “Em trinta e cinco anos, esse operário da democracia estendeu por todas as zonas da *urbs* o aranhão dos seus trilhos metálicos, e assenhorou-se de todas ruas urbanas e suburbanas, povoando bairros afastados, criando bairros novos, alargando de dia em dia o âmbito da capital, estabelecendo comunicações entre todos os alvéolos da nossa imensa colméia. São dele as ruas, são dele as praças, tudo é dele, atualmente. De dia e de noite, indo e vindo, ao rom-rom da corrente elétrica, ou ao rumoroso pataar dos muare sobre as pedras, aí passa ele, o triunfador, — o servidor dos ricos, a providência dos pobres, a vida e a animação da cidade”. BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, de 11 outubro de 1903. p. 1, 7. col. Os automóveis só chegariam ao Brasil na primeira década do século, por coincidência, um dos primeiros veículos importados pertenceu a José do Patrocínio que logo o viu destruído em uma árvore pela imprudente direção do amigo Bilac.

Texto fugaz e atual, a crônica do Rio de Janeiro em vias de modernização era o gênero mais eficaz para alcançar as camadas leitoras da sociedade. As vivências da cidade são objetos próprios do diálogo do cronista, que age como um *flâneur* flutuando pela urbe. As ruas são a casa do cronista, a cidade é “seu posto de observação, onde desenvolve todas as suas filosofias, de onde tira pedaços para construir suas crônicas...”,¹²⁵ assim observando seus movimentos e transformações, inserindo a vida comum no jornal, trazendo sensibilidade ao relato seco das notícias, tornando-se “sem querer detetive”¹²⁶ cidadão.

1. Crônica carioca: o século XIX nas páginas dos jornais

O Rio de Janeiro, por ter sido a antiga corte do Império e a capital da recente República, impôs-se, no século XIX, como o centro de irradiação das tendências sociais, políticas e intelectuais que chegavam, essencialmente da França, através do porto carioca. Paris, paradigma das modernizações culturais, exportava para terras brasileiras os novos modismos na arte, na vestimenta, na arquitetura, e os novos conceitos literários e as novas idéias, entre elas, a crônica.

Se o século XIX foi o grande condutor das grandes mudanças intelectuais no mundo, no Brasil e, principalmente, no Rio de Janeiro não poderia ter sido diferente. A *Belle Époque* nacional, o nosso tempo dourado, foi profundamente marcado pela nossa dependência cultural estrangeira, que, entre outros frutos, nos rendeu padrões e modismos não condizentes com nossas tradições e ambientes: decorações *art nouveau*, fraques e cartolas, anáguas e luvas definitivamente escravizaram a burguesia crescente que sonhava com um Rio de Janeiro de ares parisienses.

Porém, o sonho de se tornar cópia de Paris trouxe algumas vantagens. O Rio de Janeiro tornou-se o centro das manifestações intelectuais e culturais da nação, que se abria, no limiar do século XX, para uma literatura cada vez mais voltada para a cidade, preocupada em transmitir, principalmente através das incontáveis colunas de crônicas dos periódicos circulantes, as imagens dessa metrópole.

A eclosão de dezenas de periódicos, matutinos e vespertinos, nas ruas do Rio de Janeiro em meados do século XIX, foi a grande responsável pela consolidação da

¹²⁵ RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 98.

¹²⁶ BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989 (obras escolhidas). p. 38.

crônica no Brasil. Matéria obrigatória nos jornais da época, a resenha diária ou semanal tornou-se a estrela dos periódicos. Ligada, em sua gênese, ao folhetim romanceado, a crônica alcançou prestígio ao se tornar sinônimo de entretenimento. Afrânio Coutinho comenta esta característica:

Quem percorrer os jornais deste período observará que, no seu bojo, atenuando as exuberâncias da paixão política, insinuava-se algo que tinha principalmente um objetivo: entreter. Era a crônica destinada a condimentar de maneira suave a informação de certos fatos da semana ou do mês, tornando-se assimilável a todos os paladares.¹²⁷

Qualquer jornal que desfrutasse de certa autonomia e expressivo volume de tiragens mantinha em suas redações uma equipe de cronistas. Revistas hebdomadárias e periódicos diários usavam da colaboração ilustre de seus cronistas para ampliar seus quadros de assinantes e de vendas avulsas.

A realidade nacional finissecular, marcada por transformações socioeconômicas ocasionadas pela Proclamação da República, e pela transição social decorrente da Abolição fez com que inúmeros poetas, críticos e romancistas se envolvessem, ávidos por remuneração e prestígio, nesse espaço plural do jornal voltado para o entretenimento. Muitos intelectuais que aspiravam a viver das letras utilizaram largamente as páginas da imprensa, onde inseriam principalmente a crônica, para obter seu sustento.

Em momento em que publicar livros e alcançar autonomia financeira através dos proventos oriundos unicamente do comércio livreiro ainda era uma realidade distante da economia brasileira, a incursão de literatos no rol de colaboradores de afamados periódicos tornou-se um trampolim da fama para os escritores, mediante a divulgação dos trabalhos, ao passo que divulgou e deu credibilidade aos jornais abertos à literatura. A crônica passou a ser eficaz e determinante para a circulação de um periódico, assim como o renome de um romancista ou poeta também estava propenso a ser distinguido através do jornal ao qual estivesse ligado. A migração de poetas e romancistas para o jornalismo do século XIX é confirmada por Marília Rothier Cardoso:

Escritores de nome, ocupando o rodapé do folhetim-variedades, são pagos para fazer crescer as tiragens, combinando a assiduidade de profissionais

¹²⁷ COUTINHO, op. cit., p. 123.

com a graça de diletantes. Espera-se que se adaptem à tecnologia e imprimam novo ritmo à vida. Em suma: que ditem as modas.¹²⁸

E várias foram as modas iniciadas pelos cronistas profissionais. As colunas semanais se tornaram febre no periodismo carioca a partir da última década do século XIX. Esperavam-se os comentários irônicos de Machado de Assis na sua resenha dominical “A Semana” entre 1892 e 1897; posteriormente, o mestre do romance cedeu seu lugar aos onze anos de colaboração sarcástica e ácida de Bilac. Ao se retirar subitamente da imprensa, o poeta repassou para João do Rio o papel de grande cronista carioca e iniciador do jornalismo mundano, o autor de *A alma encantadora das ruas* foi seguido de perto por Figueiredo Pimentel, já na segunda década do século XX, com seus comentários frívolos das altas rodas cariocas vistas através das lentes de seu “Binóculo”. Em crônica de homenagem ao aniversário da “adorada” *Gazeta de Notícias*, em dois de agosto de 1903, Bilac declarou a importância dos periódicos para o início da profissionalização e inserção de escritores na imprensa:

Hoje, não há jornal que não esteja aberto à atividade dos moços. O talento já não fica à porta, de chapéu na mão, triste e encolhido, farrapão e vexado, como o mendigo que nem sabe como há de pedir a esmola. A minha geração, se não teve outro mérito, teve este, que não foi pequeno: desbravou o caminho, fez da imprensa literária uma profissão remunerada, impôs o trabalho. Antes de nós, Alencar, Macedo e todos os que traziam a literatura para o jornalismo, eram apenas tolerados: só a política e o comércio tinham consideração e virtude. Hoje, oh! espanto! Já há jornais que pagam versos!¹²⁹

Com o grande alcance, a crônica, além de servir como sustento dos literatos que aderiram sem ressalvas a sua manufatura, deu-lhes o destaque que as poucas edições de suas obras ainda demorariam a lhes dar.

A moda das crônicas surgiu como instrumento da redação dos jornais para atrair e cativar leitores e se tornou talvez a contribuição mais ostensiva da literatura ao periodismo nacional.

Esse gênero, que nasceu da tradução dos folhetins europeus, tomou de empréstimo as feições do ensaio inglês e se adaptou perfeitamente ao clima jornalístico

¹²⁸ CARDOSO, Marília Rothier. Moda da crônica: frívola e cruel. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p.137.

¹²⁹ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1903, p. 1, 8 col.

brasileiro na mudança do século XIX para o século XX; além disso, marcou profundamente não só o jornalismo brasileiro em franca expansão como também introduziu literatura na leitura diária da parcela letrada da população. Se, inicialmente, o Rio de Janeiro se desejava moderno e com ares parisienses, a crônica foi o veículo ideal para a divulgação da nova mentalidade da cidade em dois aspectos.

Primeiramente, a crônica era um texto leve e conciso, conseqüentemente de leitura e assimilação rápidas, o que fez com que se adequasse de modo acabado aos princípios modernizadores da cidade, que se queria veloz e adaptada às novas tecnologias mundiais. Em segundo plano, a crônica, essencialmente um texto que, vinculado ao jornal diário e alicerçado sobre as bases dos acontecimentos recentes transmitidos por esse veículo em constante evolução em terras cariocas, serviu de pólo irradiador das novas faces da cidade. A crônica, fundamentalmente, serviu como mensageira das inovações que ora aportavam em nosso cais ora nasciam das grandiosas reformas urbanas cariocas.

O Rio de Janeiro, além de ter sido, devido a sua importância política e social, o berço do jornalismo diário, da modernidade, dos novos meios de produção e de consumo, foi perfeito para crônica, que, como um gênero essencialmente vinculado à cidade, de onde extrai sua matéria-prima, se aclimatou particularmente bem à atmosfera carioca de fim de século; a capital da República era a cidade ideal para a crônica, certamente porque atraía o mundo intelectual, político e artístico em voga. Todavia, atrelada ao clima *Belle Époque* que pairava sobre o Rio de Janeiro, estava também a cidade real, que mostrava suas mazelas e belezas. Na verdade, o Rio de Janeiro, como se nota ainda em textos atuais, foi, no século XIX, no século XX e ainda hoje, o principal personagem das crônicas brasileiras.

No limiar do século XX, o universo carioca era o ambiente propício para a consolidação desse gênero tão constante do periodismo da época. Grandes jornais surgiam e seus colaboradores estavam ávidos por publicidade. O Rio de Janeiro estava fervilhando com os recentes movimentos da Proclamação da República e da Abolição, as crises populacionais, a pobreza desenfreada, o analfabetismo e, em contraposição, o crescimento da elite burguesa ansiosa em promover a industrialização e a modernização do país.

Sendo assim, a Capital Federal passou a ser, ao mesmo tempo, o pólo difusor da nova mentalidade modernizante e alvo principal de projetos urbanísticos. A cidade, ambiente eficaz e condizente com as ânsias modernizadoras, tornou-se objeto de estudo das criações jornalísticas e literárias.

Desejava-se ardentemente o progresso e, principalmente, esquecer quase quatro séculos de atraso e dependência. Era o momento das grandes reformas urbanas capitaneadas por Pereira Passos e a crônica carioca serviu como porta-voz, veículo de propaganda e defensora, muitas vezes, das ansiedades que rondavam o Rio antigo. A grande capital devia civilizar-se.

O Rio de Janeiro chegou ao ano de 1902 estabilizado financeiramente. O governo de Prudente de Moraes (1894-1898) alcançou a estabilidade social ao conseguir abafar as revoltas no interior do país no período pós-Proclamação. Seu sucessor, Campos Sales (1898-1902) ¹³⁰, promoveu em seu governo, além do saneamento econômico, o equilíbrio financeiro brasileiro que se apresentava caótico devido à especulação econômica, ¹³¹ à inflação e à desenfreada emissão de papel-moeda, ocasionadas com a chegada do novo sistema político. Através da contenção de gastos públicos e da obtenção de empréstimos ingleses, as finanças nacionais foram controladas. Deste modo, Rodrigues Alves, ao chegar ao poder em fins de 1902, encontrou não só o Rio de Janeiro como toda a nação pacificada e estável.

Entretanto, seria ingênuo pensar que esses primeiros anos da República transcorreram de forma calma até o apogeu de Alves no início do século XX. Diversas revoltas populares e militares eclodiram pelo país em oposição ao novo regime, como a Revolta da Armada em 1893 e o conflito de Canudos de 1896 a 1897. A organização demográfica, principalmente do Rio de Janeiro, estava desarranjada. Devido ao enorme contingente populacional absorvido pela cidade com o fim da escravidão, à alta taxa de imigração e ao retorno, na década seguinte, dos homens de Canudos, a cidade ficou superpovoada. O Rio de Janeiro não possuía estrutura urbana e sanitária para absorver tão volumosa massa de moradores. Em anos iniciais do século XX, a Capital Federal acomodava mais de oitocentos mil habitantes.

¹³⁰ De acordo com o pesquisador, a Campos Sales “coube a tarefa ingrata de liquidar as responsabilidades de um passado recente e tempestuoso, onde os desregramentos dos primeiros tempos republicanos se haviam somado aos últimos erros da Monarquia. Assim como Prudente pode dizer na derradeira fala à Nação, que estava consolidado o governo civil, Campos Sales restaurou as finanças da República, permitindo ao terceiro Presidente civil paulista, o período áureo das realizações”. SILVA, Hélio. *A República não esperou o amanhecer*. Ed. ilustrada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. p. 297.

¹³¹ De 1889 a 1891, em decorrência da expansão de crédito para empresas industriais, houve criação de numerosas sociedades anônimas e intensa especulação com ações, desta forma, o país sofreu com a especulação econômica denominada Encilhamento: “O próprio compasso frenético com que se definiram as mudanças sociais, políticas e econômicas nesse período concorreu para a aceleração em escala sem precedentes do ritmo de vida da sociedade carioca. A penetração intensiva de capital estrangeiro, ativando energicamente a cadência dos negócios e a oscilação das fortunas, vem corroborar e precipitar esse ritmo, alastrando-o numa amplitude que arrebatava a todos os setores da sociedade”. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2003. p. 38.

Um colapso urbano, sanitário e principalmente social estava prestes a vir à luz. Os morros circundantes da cidade, Castelo e Providência, começavam a ser tomados por habitantes humildes, e este problema se agravará com a proibição dos cortiços e estalagens e com as reformas futuras da capital. As péssimas condições higiênicas e a falta de saneamento básico, principalmente da população mais pobre, que dominava o espaço da Cidade Velha, acarretaram crescimento das epidemias que já assolavam o Brasil desde 1850. Febre amarela, peste bubônica, tuberculose e varíola dizimavam a população de cortiços aos bairros nobres como Botafogo e Laranjeiras.¹³²

O desequilíbrio entre a população masculina e feminina na Capital Federal era alarmante. O fluxo imigratório de trabalhadores formados por homens livres após a Abolição e a enorme população de trabalhadores portugueses elevaram o contingente de homens em detrimento do de mulheres, o que ocasionou a formação de famílias ilegais e de indigentes nas ruas, já que a capital, não tendo uma área industrial consolidada, não conseguia absorver tão grande volume de mão-de-obra.

A mendicância, a indigência e as moradias precárias, juntamente com a população miserável, que era a maioria dos habitantes da cidade, tornavam o Rio de Janeiro cada vez mais insalubre.

Se a República despertou certo entusiasmo entre os excluídos com a possibilidade de participação política e social no recente sistema, as crises geradas com o advento do novo regime político acabaram com as esperanças da massa populacional que, cada vez mais, seria empurrada para os arrabaldes da cidade. Sobre a participação popular nos anos iniciais da República, comenta José Murilo de Carvalho:

Se na proclamação da República a participação popular foi realmente arranjada de última hora e de efeito apenas cosmético, logo após as agitações se tornaram cada vez mais frequentes e variadas, incluindo greves de operários, passeatas, quebra-quebra.¹³³

A partir desse mecanismo de exclusão, não é difícil compreender por que a população mais pobre reagiria em 1904 de forma tão violenta contra o que a princípio lhe seria benéfico: a vacinação obrigatória contra a varíola.

¹³² Cf. CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 15 seq.

¹³³ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 70.

Assim sendo, é envolvido nessa crise política e social que Rodrigues Alves tomou posse em novembro de 1902. Chamado, por muitos, de “o grande prefeito municipal,”¹³⁴ Alves arregimentará um time de profissionais para reurbanizar, sanear e, principalmente, modernizar a Capital Federal, o símbolo da nova República; afinal, “todos acreditavam que, sem o saneamento do Rio, o país não se desenvolveria, não se civilizaria, e todos sabiam que só pela aliança da ciência com a administração o Brasil se veria livre do humilhante obstáculo ao seu progresso”.¹³⁵

Ao começar seu governo, em princípio de 1903, o então presidente nomeou o engenheiro Francisco de Pereira Passos como prefeito do Rio de Janeiro.



Ilustração 16: Prefeito Pereira Passos (J. Carlos – Revista Careta).

In: Rio antigo. Disponível em <http://www.almacarioca.com.br/imagem/fotos/rioantigo/index.htm>
Acesso em 3 de novembro de 2005.

Passos, que havia presenciado o término das reformas urbanas encabeçadas por Haussmann em Paris entre 1853 e 1870, adquiriu poderes ditatoriais, através da alteração da lei nº. 85, de vinte de setembro de 1892, que propunha a presença de uma vigorosa administração municipal. Deste modo, Pereira Passos tornou-se prefeito da Capital Federal com plenos poderes outorgados por Rodrigues Alves. De acordo com Afonso Arinos:

¹³⁴ O epíteto foi criado, pois Alves se empenhou com vigor único pela melhoria da cidade do Rio de Janeiro.

¹³⁵ ARINOS, Afonso. *Rodrigues Alves: apogeu e declínio do presidencialismo*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001. p. 404.

Passos foi muito acusado, no tempo, de governar a cidade como um ditador. Na verdade o foi, mas exerceu uma ditadura de certa forma legal, pois os poderes de que dispunha tinham origem na lei.¹³⁶

Em crônica marcante do período, Olavo Bilac comemorou o início da “morte” dos antigos barracões, símbolo máximo da insalubridade e do atraso urbano nacional, pois serviam de moradia aos populares na Cidade Velha:

Chorai, barracões de todos os estilos, de todos os feitios, de todas as cores, góticos, manuelinos, egípcios, amarelos, vermelhos, azuis, altos, baixos, finos e grossos que encheis a cidade, que oprimis o solo, que tapais o horizonte, que ofendeis os olhos, que nauseais as almas! Chegou a vossa ultima hora...

Um prefeito, que não gosta de monstros, jurou guerra implacável e feroz à vossa raça maldita: preparai-vos todos para cair, fortalezas de mau gosto, baluartes da fealdade, templos da hediondez, - como já caiu o vosso companheiro do largo do Paço, aos golpes dos martelos abençoados da Prefeitura!¹³⁷

De linguagem um pouco maçante - *Chorai barracões*- carregado de imagens hiperbólicas- *fortalezas de mau gosto* - e metáforas exageradas- *monstros*-, o cronista fez de seu texto quase um hino de libertação da “nova metrópole”. O passado colonial, para Bilac, começava a ser enterrado (ou melhor, ‘demolido’!), pelas picaretas regeneradoras do Prefeito engenheiro. Sendo de janeiro de 1903, a crônica passou, de certo modo, a inaugurar o momento único da Regeneração carioca, com a recente posse de Passos em fins de 1902. A partir de tal, Bilac, adulator do poder, entregou-se com ardor e paixão à bandeira da modernização.

O Rio de Janeiro era o principal centro econômico e financeiro do país, o núcleo mais populoso e o pólo político e administrativo da nova nação; destacava-se também como centro artístico e cultural do país. Por tudo isso, seduzia muitos estrangeiros, mas não atraía ainda mais porque visitantes e autoridades estrangeiras, ao atracarem em nosso decrépito porto, aterrorizavam-se com a insalubridade e a decadência da cidade. Era preciso mudar a aparência do Rio de Janeiro, principalmente para os investidores estrangeiros e para o florescimento da nova classe social em expansão. Para se alcançar tal meta, Rodrigues Alves juntou ao seu governo, além de Pereira Passos, o médico sanitarista Oswaldo Cruz para o saneamento, o ministro Lauro Müller para as reformas portuárias, e o também

¹³⁶ ARINOS, op. cit., p. 412.

¹³⁷ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1903. p. 1, 1. col.

engenheiro Paulo de Frontin para a construção do marco da nova capital, a Avenida Central. A fisionomia do novo Rio de Janeiro deveria ser o nosso cartão-postal.

Através da obtenção do empréstimo de quatro milhões de libras inglesas, entre 1902 e 1906, o Rio de Janeiro transformou-se sob a competência e o dinamismo de Pereira Passos. O sonho de civilizar-se nos moldes parisienses começava a tomar forma:

Com efeito, as reformas de Rodrigues Alves, em sua condenação explícita da aparência e da cultura urbanas associadas às tradições tidas como atrasadas, bárbaras e coloniais, destinavam-se a apoiar a reivindicação de um status 'europeu' – Civilização -, em parte por meio de ataques explícitos a um Brasil antigo, singular.¹³⁸

Rodrigues Alves já havia sido presidente do estado de São Paulo, e na província combateu, com sucesso, epidemias através de pequenas reformas modernizadoras para a cidade. Entretanto, não foi apenas em virtude de sua experiência anterior que o então presidente da República desejava ver o Rio de Janeiro salubre. Em 1895, Rodrigues Alves perdeu uma filha em decorrência da febre amarela. A partir de então, as reformas urbanas e sanitárias seriam seu grande projeto.

Na realidade, as obras mais vultosas comandadas por Pereira Passos só se iniciaram em meados de 1904, com o início da construção, em março, da Avenida Central e com as reformas do porto, que se prolongariam até 1910, no governo Nilo Peçanha, com a entrega de apenas 2.700 metros, e ainda assim inacabados,¹³⁹ dos 3.500 prometidos. O complexo portuário, que incluía o cais Pharoux, era o terceiro maior da América à época, perdendo apenas para o de Nova Iorque e Buenos Aires; no entanto, era, na opinião dos governantes, um das principais causas de nosso vexaminoso retrocesso político e econômico.

¹³⁸ NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. [A tropical Belle Époque: elite culture and society in turn-of-the-century Rio de Janeiro]. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p. 72.

¹³⁹ Cf. BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes; Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1990. p. 225.



Ilustração 17: Cais Pharoux (1917) (Augusto Malta).

In: Rio antigo. Disponível em <http://www.almacarioca.com.br/imagem/fotos/rioantigo/index.htm>
Acesso em 3 de novembro de 2005.

Por ser inferior ao porto da capital argentina, nossa “rival portenha”, a razão para modernizá-lo tornara-se mais premente. Bilac confessou, tomado de nostalgia e humildade, em crônica de novembro de 1900, a supremacia de Buenos Aires:

Quando leres isto, Sebastianópolis, não cubras com indignação a face, não dês punhadas de ira na cabeça, não te rojes no chão acoimando de ingrato este pobre filho sincero! Ama-te ele assim mesmo, desleixada e feia; nem todas as avenidas e todos os boulevards da Europa e da América poderão jamais ter para ele o encanto daquela triste e esburacada rua da Vala que ouviu os seus primeiros vagidos. Mas justamente porque tanto te ama, é que teu filho deve ter o direito de te dizer, entre dous beijos, que a vizinhança de Buenos Aires é uma vergonha para ti, adorada Sebastianópolis...¹⁴⁰

De certo modo, a tentativa de Bilac, ao elogiar a capital argentina, era um de seus mecanismos psicológicos mais comuns para despertar no leitor o desejo de melhorias e de superação.

A Avenida Central, metonímia do futuro moderno do Rio de Janeiro e de nossa civilização avançada, foi projetada com cerca de 1.130 metros de extensão e 25 metros de largura, e partiria da Rua Direita. Seu traçado romperia, de mar a mar, o coração da Cidade Velha, aquele labirinto de ruas estreitas e movimentadas.

¹⁴⁰ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1900. p. 1, 1 col.

Em crônica de dezembro de 1903, Bilac mostrou todo o seu empenho em enaltecer as obras da Avenida, que mesmo ainda não estando concluídas ¹⁴¹ já se mostravam como o sonho realizado do cronista. O andamento da construção da Central, para o parnasiano, era a resposta aos seus anseios de modernização e beleza. Na sua visão quase sempre exagerada, estávamos prestes a ter nosso “boulevard” parisiense em pleno centro carioca:

A Avenida... Parece-me que a vejo acabada, ampla e formosa, com as suas árvores, os seus palácios, as suas lâmpadas elétricas, os seus “refúgios”, e cheia de uma multidão contente e limpa. Ainda não é realidade: mas já não é sonho. ¹⁴²



Ilustração 18: Avenida Central (s.a.).

In: Rio antigo. Disponível em <http://www.almacarioca.com.br/imagem/fotos/rioantigo/index.htm>
Acesso em 3 de novembro de 2005. ¹⁴³

Interessante observar o intuito do cronista. Este texto é exatamente de dezembro de 1903, ou seja, ele foi publicado, aproximadamente, três meses antes do início oficial e efetivo da construção da Avenida. Em tal momento o centro do Rio de Janeiro nada

¹⁴¹ Na realidade, no momento da publicação desta crônica, as obras na Avenida Central ainda estavam voltadas para os trabalhos de demolição das antigas construções existentes no local, necessárias para o alargamento desejado para a futura Avenida.

¹⁴² BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1903. p. 1, 7. col.

¹⁴³ Assim como as ilustrações 3 e 15, não pudemos asseverar a data precisa desta foto. Observando com atenção as características da figura, percebemos certo descompasso com o período que retratamos, a *Belle Époque* nacional. A imagem exposta mostra-nos em detalhes, arquitetura e vestuário avançados para a época. Entretanto, a foto escolhida não pretende expor fielmente um modelo da época; nossa intenção apenas era a de ilustrar, em linhas gerais, como se configurava uma das mais importantes vias de acesso do Rio de Janeiro após a Proclamação da República.

mais era do que um imenso lamaçal, ou melhor, um enorme canteiro de obras. Entretanto, não era assim que Bilac o viu. Na tentativa de encampar o leitor no seu sonho futurista, o jornalista nos fez, leitores de seu texto, acreditar naquela “visão” da Avenida já acabada, e assim talvez tentar evitar que nos aborrecêssemos tanto com o caos generalizado que tomava conta da cidade. É curioso, pois, como já mencionado, a Central só iniciaria suas obras em março de 1904; mas Bilac, empenhado, já nos prepararia para o futuro auspicioso que a vindoura Avenida nos proporcionaria.

Se o amplo bulevar que cortaria o coração da metrópole era a resposta à aspiração de uma república moderna juntamente com as melhorias do porto visando retorno financeiro em importação e exportação, outras reformas, no período entre 1902 e 1906, modernizaram, mas, principalmente, conturbaram o Rio de Janeiro antigo.

A construção da Avenida Rodrigues Alves serviria de escoadouro das mercadorias do porto, facilitando o seu funcionamento. A Avenida do Mangue, com 1.380 metros de extensão, seria o eixo entre o porto e a área industrial do Rio de Janeiro. A Avenida Beira-Mar melhoraria o tráfego entre o centro da cidade e os bairros do Catete e Botafogo.



Ilustração 19: Avenida Beira-Mar (Augusto Malta).

In: Rio antigo. Disponível em <http://www.almacarioca.com.br/imagem/fotos/rioantigo/index.htm>
Acesso em 3 de novembro de 2005.

Todos esses melhoramentos realmente foram benéficos, porém, apenas uma camada da sociedade desfrutou deles. A população humilde do Rio de Janeiro sofreu barbaramente as consequências do projeto urbanístico carioca. De acordo com Sidney Chalhoub:

Em apenas quatro anos, milhares de pessoas tiveram de deixar suas casinhas em cortiços e estalagens e seus quartos em casas de cômodos, que foram desapropriadas e demolidas por ordem da prefeitura. Em seu lugar surgem a Avenida central e outras ruas no centro da cidade, valorizando ainda mais o espaço urbano e aumentando o processo de acumulação de capital através da especulação imobiliária.¹⁴⁴

O centro do Rio de Janeiro, anterior ao início das reformas, era habitado, essencialmente, pelas populações de baixa renda. Ex-escravos, caixeiros, lavadeiras, capoeiras, vendedores ambulantes e suas enormes famílias se apertavam em casebres sem ventilação, quartos de pensão e, principalmente, cortiços.

Definido, pelo dicionário *Aurélio*¹⁴⁵, como uma “habitação coletiva das classes pobres, geralmente constituída por pequenos quartos de madeira ou construção ligeira”, o cortiço dominou o ambiente miserável da metrópole - juntamente com casas de cômodos - como a alternativa mais econômica para a habitação de baixa renda no Rio de Janeiro. A principal característica desse pardieiro, o pátio central, era, ao mesmo tempo, área de lazer e de trabalho para seus moradores. Tanques e sanitários promoviam a promiscuidade e comprometiam a saúde pública, transformando os cortiços em focos propagadores de doenças.

Os cortiços eram muitos no Rio de Janeiro; o maior e mais popular dentre eles talvez tenha sido o “Cabeça de Porco”. Relatos da época afirmam que o amontoado de casinhas no centro carioca chegou a abrigar mais de quatro mil pessoas. Demolido em 1893, no governo do prefeito Barata Ribeiro, era considerado um “valhacouto de desordeiros”;¹⁴⁶ o seu arrasamento marcou o fim de uma era, pois dramatizou, como nenhum outro evento, o processo de erradicação das estalagens cariocas. Em 1890, Aluísio Azevedo lançou sua célebre obra *O Cortiço*, que iria descrever, através dos mecanismos naturalistas em voga, a vida medíocre e sofrida dessa população carente. Para o andamento das reformas urbanas cariocas, um decreto municipal proibiu a abertura de cortiços ou casas de cômodos na cidade do Rio de Janeiro. Era o início do processo de favelização carioca.

¹⁴⁴ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986. p. 91.

¹⁴⁵ *Novo Dicionário Aurélio* (Versão 3.0). Editora Nova Fronteira, s/d.

¹⁴⁶ Id. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 16



Ilustração 20: Cortiço na Rua dos Inválidos (Augusto Malta).

In: Rio antigo. Disponível em <http://www.almacarioca.com.br/imagem/fotos/rioantigo/index.htm>
Acesso em 3 de novembro de 2005.

O Morro do Castelo, berço do povoamento do Rio de Janeiro desde a chegada de Mem de Sá e outros fundadores no século XVII, e o Morro da Providência se tornaram, com o fim da era dos cortiços, o reduto das classes populares cariocas. O termo favela teve sua origem com a ocupação de tais morros.



Ilustração 21: Morro do Castelo (s.a.).

In: Rio antigo. Disponível em <http://www.almacarioca.com.br/imagem/fotos/rioantigo/index.htm>
Acesso em 22 de novembro de 2005.

Os combatentes de Canudos, ao regressarem do sertão baiano, não tinham onde se instalarem, e se alojaram no Morro da Providência. Foi quando lhe deram o nome de “favela”, em referência a uma espécie de arbusto muito comum nos arredores de Canudos.

Em 1905, parte do Morro do Castelo, “morro ancião”, seria demolida. Ao tomar ciência de tão “ditosa” notícia, Bilac não se conteve. Para o cronista, seria a morte de nosso retrocesso, seria o sepultamento da nossa origem medíocre, seria o renascimento da “civilização carioca”:

A cada passo, um rápido olhar, lançado através de uma porta, vinha revelar-me aspectos novos de uma vida de trabalho e miséria. Pátios de estalagens, inundados de água de sabão; quintais cheios de crianças nuas e sujas rolando no chão, entre galinhas arrepiadas; oficinas escuras em que trabalhavam homens calados, cosendo sapatos, soldando caçarolas rebentadas, martelando tábuas; casebres imundos, onde madraços dormiam, sobre esteiras negras, de boca aberta, cozinhando a aguardente; poiais em que se estatelavam, numa modorra vaga, mulheres maltrapilhas, fitando as pedras da rua com um olhar idiota; quitandas repugnantes, botequins tresandando a cachaça e suor, tascas de onde saía um bafo asqueroso de gordura e de azeite queimado...

Eram, a cinco minutos da Avenida, uma terra e uma gente de outra raça, de outra época, de outra civilização.

[...]

Agora, tudo vai desaparecer: o morro está condenado. Não lhe hão de valer razões de respeito histórico ou religioso, nem razões de economia. A cidade moderna, a cosmópolis soberana precisa daquele largo espaço que ainda é tomado pela cidade colonial.¹⁴⁷

A visita do jornalista ao morro que iniciou o povoamento do Rio de Janeiro é reveladora. Bilac, em momento algum, preocupou-se com a desapropriação de milhares de famílias. Ao contrário, sua alegria em ver aquela pobreza, feiúra e sujeidade sumirem do mapa de sua capital enchia-lhe de satisfação e conforto. Ao trazer tão próximas, em seu texto, imagens como crianças sujas e galinhas arrepiadas, oficinas escuras e homens calados, casebre imundos e mulheres maltrapilhas; reforça-nos a idéia de intransigência e perversidade que as muitas crônicas bilaquianas do período recobriam. Na realidade, na escrita dos textos jornalísticos, em especial da “Crônica” domingueira da *Gazeta de Notícias*, Bilac sabia muito bem como manipular sua pena corrosiva.

A um primeiro olhar o comentado texto acima não nos fere. De leitura fluida e de linguagem acessível, a crônica, ao comparar homens a animais, e imundície a crianças e mulheres, desdenhava e menosprezava a pobreza, como se ela não fosse

¹⁴⁷ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1905. p. 2, 1. col.

verdadeira e dela não participássemos, ou como se fosse fácil de se esconder. Ao apoiar a derrubada do velho morro, Bilac sonhava com a cidade cosmopolita e esquecia a população indigente que seria enxotada para lugares mais lúgubres e distantes. Mas a pena “regeneradora” não escrevia sobre isto. Ou melhor, escrevia, mostrando sua indiferença frente ao assunto:

E há ainda uma outra causa de melancolia e tristeza, nesta demolição de prédios: é a lembrança dos atropelos, das angústias, das aflições em que se vê a gente pobre, obrigada a mudar-se da noite para o dia.

A mudar-se, para onde?

[...]

O local? – mas as duas margens do leito da Estrada de Ferro, pela imensa extensão da zona de subúrbios, podem abrigar uma infinita colméia humana.¹⁴⁸

O jornalista até iniciou seu comentário mostrando-se solidário e tocado pelas desapropriações dos casebres do centro velho da cidade. Entretanto, é fácil notar que Bilac não estava realmente sensibilizado com a situação da população carente. Se no início mostrava-se preocupado com as classes populares, logo mudou seu discurso e propôs, como solução do problema, expurgar os pobres para os arrabaldes da linha férrea ou para os afastados bairros dos subúrbios. Bilac assim, de modo discreto e quase benévolo, resolveria dois problemas: arrumaria uma região para acomodar tão “insignificante” população ao passo que afastaria da vista de cartão-postal do centro carioca a imagem de pobreza que insistia em permanecer na sua urbe querida.

Se a administração pública conseguiu coibir as casas de cômodos e estalagens, o mesmo não foi possível alcançar com a ocupação de morros¹⁴⁹ e a conseqüente formação de favelas. Foi para esse tipo de habitação que as baixas camadas cariocas foram no momento em que se encontraram expulsas do centro da Cidade Velha pelas picaretas da prefeitura. De acordo com o estudioso do período, Jeffrey Needell, juntamente com as moradias precárias, o prefeito Pereira Passos também atacou, visando sempre à Civilização – moral e intelectual do povo, - algumas tradições e costumes da população carioca:

Proibiu a venda ambulante de alimentos, o ato de cuspir no chão dos bondes, o comércio de leite em que as vacas eram levadas de porta em porta, a criação de porcos dentro dos limites urbanos, a exposição da carne na porta dos açougues, a perambulação de cães vadios, o descuido com a pintura das fachadas, a realização do entrudo e os cordões sem autorização

¹⁴⁸ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1905. p. 5, 3. col.

¹⁴⁹ O Morro do Castelo só será totalmente desabitado e demolido em 1922, no governo do prefeito Carlos Sampaio.

no Carnaval, assim como uma série de outros costumes “bárbaros” e “incultos”.¹⁵⁰



Ilustração 22: Quiosque (Augusto Malta).¹⁵¹

In: Rio antigo. Disponível em <http://www.almacarioca.com.br/imagem/fotos/rioantigo/index.htm>
Acesso em 24 de novembro de 2005.

Em crônica de junho de 1903, o cronista comentou a importância da nova norma que obrigava a manutenção da pintura das fachadas das casas. Para o autor, esse seria um modo eficaz de se acabar com os pequenos crimes em bairros pobres e a ociosidade nas ruas da capital:

Há dias, um jornal, apelando para o espírito de justiça do Prefeito, pedia-lhe que dilatasse o prazo concebido aos proprietários para pintura das fachadas dos seus prédios, - por não haver na cidade pintores bastantes para tão grande trabalho.

[...]

O Rio de Janeiro era, há poucos meses, uma metrópole de desocupados.

[...]

Agora, já um jornal diz que “não há operários bastantes para a tarefa...” E os operários andam contentes, porque lhes sobra o trabalho cá fora, e já não lhes mingua a comida no lar.¹⁵²

Bilac, mesmo de forma intransigente, concordou com a importância da aparência das casas, que além de manter o Rio de Janeiro com um aspecto salubre, fez com

¹⁵⁰ NEEDELL, op. cit., p 57.

¹⁵¹ O quiosque foi um dos estabelecimentos comerciais mais duramente combatidos no governo Pereira Passos.

¹⁵² BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1903. p. 1, 7 col.

que a população se ocupasse, pois, para o poeta, o ócio, comum no Rio de Janeiro antigo, era um dos pilares de nosso retrocesso cultural e intelectual. Bilac instigava a população, através de certo tom doutrinário, a apoiar as medidas governistas.

O descuido e o pouco caso com a camada humilde foi, obviamente, o estopim que culminou na Revolta da Vacina, entre 10 e 16 de novembro de 1904.

Em vinte de julho de 1904, o plenário do Senado aprovou o projeto nº. 8, que instituía a vacina obrigatória contra a varíola. Assim começou a campanha progressista do sanitarista Oswaldo Cruz, que consistia em severas medidas de imunização dos habitantes cariocas. Entretanto, os populares se sentiram usurpados de seus direitos e impotentes frente a imposição da municipalidade pois, alarmados pela possibilidade dessas providências se darem de modo coercitivo e arbitrário, assim como ocorria com os mutirões de limpeza promovidos por agentes sanitários nas residências humildes, que invadiam os lares no intuito de higienizar e retirar entulhos que pudessem abrigar ratos contaminados, já imaginavam casas invadidas e suas famílias obrigadas a aceitar os abusos da equipe sanitária. Os agentes da vacinação, na concepção das classes populares, agiriam de forma agressiva ao aplicar a medicação, muitas vezes, até mesmo em partes consideradas íntimas das senhoras das casas, o que veio a aumentar ainda mais a cólera dos pobres.

Aproveitando-se da oportunidade, grupos jacobinos, representados por florianistas, jovens oficiais militares, positivistas e grupos civis opositores ao governo republicano vigente, estimularam a sublevação popular para uma tentativa de tomada de poder, usando os populares como fantoches. Durante seis dias o centro do Rio de Janeiro foi tomado pelas barricadas populares. E políticos como os senadores Rui Barbosa e Lauro Sodré, o deputado Alfredo Varela e, principalmente, o jornal anti-governista *Correio da Manhã*, do jornalista Edmundo Bittencourt, aumentavam ainda mais a agitação ao insuflarem, através de discursos fervorosos, a população contra a profilaxia sanitária. Na realidade, a forma violenta como a população reagiu aos trabalhos dos agentes sanitários muito se deveu à manipulação dos anti-governistas. Comícios populares procuravam divulgar, muitas vezes, uma imagem exacerbada da truculência dos agentes de vacinação, com o claro intuito de levantar a população contra a vacina antivariólica.

Bilac, conservador identificado com o sistema vigente, participou ativamente, através de sua crônica, da defesa e manutenção da obrigatoriedade da lei de vacinação ao criticar ferozmente o “motim criminoso” que destruiu a cidade após os conflitos da Revolta da Vacina:

Já com essa brutalidade sem nome, o bando feroz mostrava bem claramente a natureza do seu instinto e das suas intenções... Na Avenida, as suas vítimas foram os postes de iluminação elétrica. Árvores e luz, para que? para perfumar e purificar a atmosfera? para auxiliar, iluminar, animar o trabalho? mas o pântano só quer a podridão, e a alfurja só quer a treva: abaixo as árvores, e extinga-se a luz!

Quando cheguei à Avenida, ao meio dia, os operários, tendo em vão tentado resistir às ameaças das feras, recolhiam à pressa as suas ferramentas: as enxadas, as picaretas, os martelos caíam com sinistro fragor, dentro das arcas. Era o medo pânico do trabalho diante da calaçaria amotinada, era a fuga da civilização diante da barbárie vitoriosa. A tempestade soprara sobre as colméias, atirara-as por terra, onde as esmagavam as patas da matuta desenfreada: tontas e perdidas, as abelhas voavam em debandada; a rapina vencia a indústria; a ferocidade triunfava do labor; e havia naquele largo trecho da cidade, no ar e no chão, nas ruínas dos prédios, em tudo, - um tremer de aflição e de horror, como se até as cousas inanimadas compreendessem e amaldiçoassem a infâmia daquele atentado!

Depois, à noite, quando já, em outra esfera, se representava o último ato do drama, andei pela cidade, às escuras, na curiosidade sofredora de quem prevê uma catástrofe.

Como o teu coração pulsava na Terra, amarguradamente, minha pobre cidade!¹⁵³

O cronista lançou mão de uma ironia direta e cortante ao tratar dos revoltosos. Ao fazer seguidas indagações sobre ao que levaria os amotinados a destruir a nova avenida, o próprio Bilac respondeu com sarcasmo e tristeza. Indignado e triste, tratava a população carente – aquela que se rebelou contra a opinião bilaquiana – com desdém e sem compaixão, considerando-a constituída de feras, bárbaros e brutos. Novamente, uma ferramenta foi fortemente utilizada por Bilac para ratificar sua opinião, o emparelhamento de imagens pejorativas. Comparou os revoltosos a pântano e podridão, vulgarizando sua existência. A ociosidade e a barbárie seriam os motivos fundamentais que levariam os populares, nas palavras de Bilac, à “fuga da civilização”. Ao alcinhar a Revolta da Vacina como um infame atentado, novamente o cronista explicitou abertamente o uso de uma retórica preconceituosa e marcadamente corrosiva e doutrinária, para dar voz e apoio aos “incluídos” no rolo compressor das reformas urbanas e sanitárias cariocas.

No dia 16 de novembro, o governo Rodrigues Alves revogou a obrigatoriedade da vacina antivariólica e instaurou estado de sítio, que duraria até março de 1905. Porém, o saldo para a cidade e para os conflituosos foi enorme. De acordo com Nicolau Sevcenko,

¹⁵³ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1904. p. 1, 5. col.

A cidade ressurgiu da revolta irreconhecível. Calçamentos revolidos, casas ruínas, janelas estilhaçadas, portas arrombadas [...]. Um número incalculado de mortos e feridos, perdas e danos materiais inestimáveis, uma atmosfera geral de terror que se faria sentir ainda até dois anos mais tarde.¹⁵⁴

Ficou claro que as medidas de saneamento e reurbanização do Rio de Janeiro, apesar de terem suscitado maior conforto e beleza para a cidade, traziam também mecanismos particularmente drásticos que geravam discriminação e segregação. Deste modo, a população humilde viu sua condição precária de sobrevivência agravar-se ainda mais, tendo sua liberdade cada vez mais ameaçada pelo presidencialismo fechado e oligárquico da Primeira República e suas medidas regeneradoras. Sobre a voz dos beneficiários da ditadura do “Bota-Abaixo”, comenta Sevcenko:

Esse processo de reforma urbana foi saudado com entusiasmo pela imprensa conservadora, que a denominou de a “Regeneração”. Essa era a voz dos beneficiários do replanejamento, aqueles que herdariam, para o seu impávido desfrute, um espaço amplo, controlado e elegante, onde antes não poderiam circular, senão com desconforto e timidez. As vítimas são fáceis de identificar: toda a multidão de humildes, dos mais variados matizes étnicos, que constituíam a massa trabalhadora, os desempregados, os subempregados e os aflitos de toda a espécie que povoavam a cidade. A ação do governo não se fez somente contra os seus alojamentos: suas roupas, seus pertences pessoais, sua família, suas relações vicinais, seu cotidiano, seus hábitos, seus animais, suas formas de subsistência e de sobrevivência, sua cultura enfim, tudo é atingido pela nova disciplina espacial [...]. Gesto brutal, disciplinador e discriminador, que separava claramente o espaço do privilégio do espaço da opressão.¹⁵⁵

Mas não era o destino ou a liberdade individual da população humilde que interessava a Pereira Passos e sua equipe. Ver o Rio de Janeiro saneado, urbanizado e modernizado, através principalmente da abertura do símbolo da consagração da República, a Avenida Central, era a meta principal do governo capitaneado por Rodrigues Alves, sobrepujando qualquer iniciativa de indenização para os despejados e desterrados e suas famílias. Para alcançar as metas governistas, os intelectuais com elas comprometidos eram os meios mais amplos de difundir e propagandear com sua persuasão as “vantagens indiscutíveis” do progresso e da “Regeneração”, via imprensa; Olavo Bilac, através de seu trabalho, especialmente de sua crônica dominical na *Gazeta de Notícias*, veio a ser um dos

¹⁵⁴ SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Editora Scipione, 1993 (coleção História em aberto). p. 35.

¹⁵⁵ Ibid., p. 59.

estandartes em favor desta profilaxia intransigente. Sobre a tomada de posição da intelectualidade carioca, afirma Benchimol:

Intelectuais, acadêmicos, jornalistas, e historiadores contribuíram, na época, para a difusão de uma retórica elitista e triunfal, celebrando a milagrosa transformação da cidade: o Rio de Janeiro de ares coloniais, sujo, doente e feio cederia lugar à cidade maravilhosa, saudável, moderna, de braços abertos aos imigrantes, capitais, mercadorias e turistas estrangeiros. Jornais e revistas estampavam, orgulhosamente, fotografias das suntuosas mansões, exemplo de uma arquitetura inspirada fielmente no *art nouveau* e no ecletismo europeu.¹⁵⁶

A elite responsável pela elaboração do discurso legitimador do novo padrão identitário do Brasil no pós-República - a intelectualidade orgânica - era representada, na sua maioria, pelos artífices da vida literária carioca, que, como espectadores privilegiados, tinham a sensibilidade de absorver as ânsias da geração e traduzi-las, principalmente em crônicas,¹⁵⁷ as amplas faces das mudanças urbanas e sociais da Capital Federal.

De forma geral, o entusiasmo com os ideais reformistas tomou conta de certos grupos sociais cultos da nação, principalmente de estudantes, escritores e jornalistas, ou seja, de nossa intelectualidade. Conseqüentemente, esse arrebatamento contaminou nossa imprensa e a literatura a ela vinculada, fazendo com que muitos colaboradores literários da imprensa passassem a produzir discursos identificados com os pressupostos higienistas que se impunham à cidade.

A cidade, de acordo com Angel Rama,¹⁵⁸ forma duas redes diferentes; uma seria a cidade física ou real, múltipla e fragmentada, percorrida por todos e por qualquer um, com seu tráfego de desconhecidos, suas sucessivas construções e demolições, seu ritmo acelerado, suas mutações que os novos costumes introduziriam. A outra seria a cidade simbólica, ou seja, a construção não concreta, a cidade idealizada. De certo modo, a primeira seria subordinada a esta última, única capaz de interpretar as suas significações. O domínio da cidade simbólica, por sua vez, se daria através do grupo social especializado, formado por

¹⁵⁶ BENCHIMOL, Jayme Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes; Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1990. p. 311.

¹⁵⁷ Cronistas seriam “jornalistas tecnicamente preparados para compreender e analisar a vida orgânica de uma grande cidade, inserindo neste quadro [...] todo problema singular à medida em que ele se torna atualidade”. Cf. GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968. p. 196.

¹⁵⁸ Cf. RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

intelectuais pertencentes à “cidade letrada”, capazes de conceber a cidade ideal e civilizar a cidade real. Ainda de acordo com os pressupostos de Rama,

Os escritores que se incorporaram [...] às cidades das letras da modernização, que foram a grande maioria, dedicaram-se a dois gêneros literários-políticos principais, que exerceram mais nos jornais que nos livros, ambos testemunhos da importância de grau que havia adquirido a letra nas sociedades que começavam a alfabetizar-se. Um deles, que foi o mais antigo, teria mais ampla descendência e abarcaria maior número, e já era possível defini-lo então, em termos modernos, como propagandístico em qualquer de seus ramos simétricos: defesa do regime ou agressão a seus inimigos.¹⁵⁹

Bilac, certamente parte do elenco da “cidade das letras”, incorporou a missão civilizadora proposta pelo regime republicano e, através de sua produção jornalística, estava pronto para conceber a “cidade ideal” e divulgá-la aos seus leitores.

2. “Crônica”: as artimanhas bilaquianas a serviço da Regeneração

Cronista do cotidiano, Olavo Bilac conhecia o público que almejava com seus textos. Lançando mão de sua matéria-prima mais fértil - a palavra escrita - e de certa poetização do cotidiano, Bilac cronista criou uma teia de imagens nas quais os fiéis intérpretes de suas criações, a abastada burguesia leitora da *Gazeta de Notícias*, pudessem vislumbrar as opiniões e as certezas lançadas por ele.

Levado de modo gradativo ao jornalismo, certamente por dificuldades financeiras, Bilac colaborou por prolongados anos no periodismo paulista e carioca. De início, avesso à faina diária das redações, que contrastava com o laborioso cuidado de suas poesias, o poeta finalmente aceitou e aderiu firmemente ao dia-a-dia jornalístico. Remonta, provavelmente, dessa inicial repulsa pela publicação periódica a utilização de mais de sessenta pseudônimos, na tentativa, muitas vezes vã, de se omitir e de se expurgar de tão “baixa produção”. Ao aceder ao trabalho cronístico, Bilac abriu-se a novas produções, o que acabou por “dotá-lo de um perfil distante do clássico poeta parnasiano e enclausurado na torre de marfim”.¹⁶⁰

¹⁵⁹ RAMA, op. cit., p. 113.

¹⁶⁰ DIMAS, Antonio. *Bilac, o jornalista*. São Paulo: EDUSP, 2006. 3 vol. p. 49.

Nos onze anos consecutivos e profícuos em que colaborou na *Gazeta de Notícias*, de 1897 a 1908, Bilac, sob falso anonimato¹⁶¹, propôs um exercício de cidadania através da defesa inabalável das medidas sanitárias empenhadas pelo governo Rodrigues Alves e seus subordinados. A idealização de uma metrópole-modelo, nos moldes da Paris de Haussmann, foi a razão do constante questionamento, em suas crônicas, da qualidade e salubridade de nossa vida urbana. Muitos autores, como é o caso de Antônio Dimas, acreditam que o empenho irrestrito de Bilac, ensaísta cosmopolita, a favor das metas higienistas propostas pelas reformas de Pereira Passos sejam resquícios de seus estudos na área da saúde.¹⁶²

Eminentemente um poeta urbano, Bilac via o Rio de Janeiro como a grande cidade apta para a revolução estética em andamento. Se a Capital Federal era exuberante em natureza e paisagens, nada mais aceito do que acrescentar a isso avanços estruturais e tecnológicos que a fizessem equiparar-se às metrópoles do velho continente.

Para isso, alguns recursos retóricos foram constantes na escrita bilaquiana. Ao dominar as regras e as normas da boa argumentação e principalmente, lapidar a palavra a seu favor, Bilac submetia, de certa maneira, o público à sua opinião, opinião esta que pregava a higiene, as construções e as demolições como os únicos meios de se chegar à evolução material e, principalmente, moral de que claramente éramos carentes. Entretanto, a verdade exposta pela pena do jornalista na *Gazeta de Notícias* se pautava na sua “verdade pessoal”, ou seja, naquilo que se constituía verdade a partir da lógica própria do parnasiano, muitas vezes esta elitista, segregadora e perversa.

2.1. O clichê: o Rio de Janeiro como mote principal

A retórica bilaquiana, perfeita engrenagem de condução de idéias, fazia de seus textos elegantes instrumentos de convencimento. De acordo com Adilson Citeli, cabe à

¹⁶¹ Na realidade, foi só a partir da crônica de 21 de junho de 1903 que Bilac passou a assinar seus textos na *Gazeta de Notícias*, todavia, apresentava-se, ainda assim, apenas com suas iniciais O. B. Contudo, o conhecimento da autoria de seus textos sempre foi de fácil elucidação em razão das constantes notas publicadas na *Gazeta de Notícias* sobre sua participação no periódico. Em 19 de abril de 1901, em nota editorial, o jornal explicava, por exemplo, a volta do cronista após longa ausência: “Está outra vez conosco o Bilac, depois de uma ausência prolongada, necessária ao revigoramento de sua saúde. De Poços de Caldas onde esteve, nunca deixou de nos enviar as suas crônicas, tão apreciadas de nossos leitores, mas naturalmente a sua presença tornará mais ativa a sua preciosa colaboração”.

¹⁶² DIMAS, op. cit., p. 111.

retórica “mostrar o modo de construir as palavras visando a convencer o receptor de dada verdade”.¹⁶³

Sendo assim, Bilac lançava mão de inúmeros mecanismos retóricos, como diversas figuras de linguagem ou estruturas textuais específicas, para levar seu leitor à aceitação de uma determinada idéia. Ao modelar suas crônicas, o cronista visava persuadir o leitor; ora expondo elementos emocionais ora lapidando com afinco a palavra. Se a linguagem é instrumento eficaz para se transmitir idéias e preceitos, a escolha coerente do signo mais apropriado para modelar essa comunicação torna-se fundamental.

A importância da palavra no jogo persuasivo se faz no modo de articular e organizar o signo, pois é este que poderá determinar as direções que o discurso irá tomar, inclusive de seu maior ou menor grau de persuasão.

Um dos mecanismos mais comumente empregado pelo cronista era certamente o que poderíamos denominar de “raciocínio tautológico”. De acordo com o *Dicionário Aurélio*¹⁶⁴ seria tautologia um “vício de linguagem que consiste em dizer, por formas diversas, sempre a mesma coisa”. Bilac não apenas defendia constantemente e repetidas vezes a iniciativa do governo Rodrigues Alves de vencer a insalubridade carioca como o fazia lançando mão de variáveis ferramentas, ora de linguagem conservadora identificada com o sistema vigente ora contestadora, mas sempre firme na sua convicção de que pela salubridade do Rio de Janeiro tudo era aceitável.

Empregando, muitas vezes, tom de informalidade e familiaridade com o leitor, Olavo Bilac almejava, senão persuadir totalmente o intérprete de seu texto, ao menos fazê-lo perceber que suas idéias higienistas eram palatáveis.

Ao saber que uma nova companhia iria remover o lixo da cidade, Bilac comentou:

É a nova companhia que se propõe a remover o teu lixo secular, cidade querida. Terá enfim raiado a madrugada do teu asseio?

[...]

Permita o Deus da Limpeza que, em plena campanha, em plena execução dos seus louváveis projetos, aquelas carroças mostrem a mesma galhardia que mostravam na revista de anteontem! e que estas cigarras, que começam a cantar a formosura do teu verão, possam saudar-te regenerada e lavada, ó boa Sebastianópolis, sem lama na barra das saias, sem cisco velho na tua bela coroa mural!

[...]

¹⁶³ CITELI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 1985. p. 8.

¹⁶⁴ *Novo Dicionário Aurélio* (Versão 3.0). Editora Nova Fronteira, s/d.

Quem sabe? Corpos lavados, mais facilmente do que corpos sujos, podem abrigar almas limpas.¹⁶⁵

Determinados vocábulos eram constantes nas crônicas de Bilac. *Lixo*, *asseio*, *limpeza*, *sujeira*, *regeneração* são algumas das imagens que este e muitos outros diversos textos do período traziam. A escolha do signo, ou palavra, correto tem uma função especial no trabalho do cronista. Ao confrontar idéias de *limpeza* e *asseio*, e *lixo* e *sujeira* o jornalista tentava convencer seus leitores da importância da campanha higienista. Note-se o relevo que o cronista deu aos signos referentes à salubridade: não apenas criticou o lixo amontoado pelas ruas da cidade como o denominou “lixo secular”; em outra passagem, quando clamava por um Rio de Janeiro sem sujeira, recorreu à metáfora, altamente emocional, “lama na barra das saias”. Ao lançar mão de um discurso muito metafórico, onde a escolha e, principalmente, a contextualização da palavra tem um peso particular, Bilac carregou seu texto de valores persuasivos. Pois, signos, quando contextualizados, são fortes veículos difusores de persuasão. Mais do que isso, são instrumentos hábeis para expressar idéias e valores, muitas vezes transmitindo ideologias. De acordo com Adilson Citeli: “Se as palavras, por exemplo, nascem neutras mais ou menos como estão em estado de dicionário, ao se contextualizarem, passam a expandir valores, conceitos, preconceitos”¹⁶⁶.

Claramente, nesta crônica, esta foi a intenção bilaquiana. Criar, ao seu modo, valores, ou ao menos tentar alterar a atitude e o comportamento do público leitor, através da produção de um texto altamente persuasivo.

Neste mesmo texto, observa-se um mecanismo persuasivo muito utilizado pelo jornalista, essencialmente, neste período particular da história política e social da antiga República. O clichê foi ferramenta invariável na produção bilaquiana. Séries vocabulares já muito conhecidas, ou “frases feitas”, ou seja, argumentos e idéias diversas vezes retomados fizeram desta e de outras inúmeras produções de Bilac um emaranhado de chavões. A seguinte passagem deixa explícita a força do clichê como instrumento persuasivo: “*Terá enfim raiado a madrugada do teu asseio?*”. Ao recorrer à metáfora, recurso corriqueiro do clichê, Bilac transpareceu seu desejo higienista e, ao mesmo tempo, tentou comover seus leitores.

¹⁶⁵ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1898. p. 1, 2.col.

¹⁶⁶ CITELI, op. cit., p. 28.

O clichê, normalmente, forma-se pela união, na maioria dos casos, de um substantivo mais um adjetivo. O cronista seguiu à risca essa norma, como se pode ver em outros excertos da crônica: “lixo secular”, “Deus da Limpeza”, “louváveis projetos”. A intenção de Bilac foi, através do uso do clichê, que neste caso específico nada mais foi do que a utilização de metáforas estereotipadas, envelhecidas ou até mesmo já vulgarizadas, alcançar valores, através de uma recontextualização dos signos, e transformar assim as idéias de seus leitores.

Em *Estilística da Língua Portuguesa*¹⁶⁷, Rodrigues Lapa oferece-nos a sua opinião, um tanto intransigente e até sarcástica, sobre o uso recorrente do clichê:

O emprego abusivo de clichê caracteriza quase todos os principiantes em trabalhos de estilo. Essas séries vocabulares ficaram-lhe no ouvido, através de más leituras, de caráter romântico, muitas vezes. Por preguiça mental enxertam esses grupos na redação, que adquire um jeito pretensioso e falso, e o diminui, é claro, de força expressiva. O estilo é uma permanente criação pessoal. Não aconselhamos o estudioso a evitar por completo as séries usuais, o que seria aliás difícil; é também verdade que, em certos contextos, um escritor de marca pode dar-lhes vida nova; mas previnimo-lo contra o emprego assíduo do clichê, muleta ridícula dos preguiçosos, duma trivialidade insuportável.

Os mecanismos persuasivos foram recorrentes na escrita bilaquiana, buscando sempre estabelecer como verdade única sua euforia reformista. Ao usar a expressão *cidade querida*, como um vocativo, notamos a tentativa do autor se aproximar e de se tornar familiar ao leitor. Esse recurso utilizado é eficaz, pois permite que o cronista, de forma cordial, conquiste para si o intérprete de seu texto. Através deste tratamento afável para com o leitor, Bilac rogava, solenemente, pelo sucesso da limpeza da sua *boa Sebastianópolis*. Lançando mão praticamente de uma prece, Bilac envolveu a “platéia” por um sentimento de adoração pelo Rio de Janeiro. Todos esses recursos estilísticos manuseados por Bilac são válidos, pois mediante linguagem afetuosa entre autor e leitor, foi possível ao cronista manipular mais eficazmente o tom doutrinário de seu texto, a fim de educar seus leitores na premissa de que somente corpos lavados podem abrigar almas limpas.

Sendo assim, este último fragmento da crônica: “*Quem sabe? Corpos lavados, mais facilmente do que corpos sujos, podem abrigar almas limpas*”, muito mais do que carregado de idéias e imagens persuasivas, trouxe consigo não apenas o tom doutrinário prosaico de Olavo Bilac, mas mostrou-nos uma atitude preconceituosa e, principalmente,

¹⁶⁷ RODRIGUES LAPA, M. *Estilística da Língua Portuguesa*. 10 ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1979. p. 92.

perversa do autor, que seguindo sua própria verdade, feita de uma lógica totalmente distorcida, fez de seu discurso metafórico um esboço da perversidade que muitas de suas crônicas traziam embutida em comparações, metáforas singelas e clichês.

Essa inter-relação entre apuro físico e moral na profilaxia carioca, proposta na crônica anterior, foi temática invariável na escrita de Bilac. Em publicação de abril de 1903, o cronista bradava:

[...] parece que já há quem compreenda que não pode haver civilização sem limpeza, nem adiantamento moral sem adiantamento material.¹⁶⁸

De acordo com Renato Cordeiro Gomes:

Bilac encara o progresso na concepção que depende estritamente da noção de avanço material e da capacidade humana de autossuperação tecnológica, isto é, o mito do salto tecnicista com suas eventuais decorrências morais e sociais¹⁶⁹.

Sempre fácil de se perceber, nas crônicas bilaquianas o clichê era presença indispensável para a criação do discurso persuasivo. Em quase a totalidade da produção domingueira “Crônica”, observam-se discursos estereotipados como o seguinte:

Pobre velha, caindo aos pedaços, sem muletas caridosas que a amparem, aí vai a mendiga, tão sordidamente vestida, tão ignobilmente suja, que os mesmos cachorros vadios, de focinho instintivamente dado ao escavoucar dos monturos, se afastam dela com asco e desprezo... Pobre velha, velha antes do tempo, podre antes da maturidade, decadente antes da perfeição!¹⁷⁰

Ou no seguinte excerto:

Daqui a poucos dias, o primeiro golpe de picareta, na Prainha ou no Boqueirão do Passeio, entoará a primeira nota do hino triunfal. E não teremos de viver muito, para ver terminada essa obra de salvação nacional; a limpeza, o arejamento, a regeneração da grande cidade operosa e honrada, que já seria, há mais de cinquenta anos, a mais linda do continente sul-americano, se há mais de cinquenta anos tivesse encontrado quem a servisse e amasse com coragem, em vez de só encontrar servidores parlapatões e moles, gastando em palavras a energia que deveriam gastar em atos. É verdade, sim! A Avenida já não é um sonho: e o povo já compreendeu que só o amam verdadeiramente aqueles que, em lugar de engambelá-lo

¹⁶⁸ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 de abril de 1903. p. 1, 1. col.

¹⁶⁹ GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, as cidades: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 108.

¹⁷⁰ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1897. p. 1, 3. col.

com discursos, querem dar-lhe saúde e vida decente, dando-lhe uma capital moderna e esplêndida...¹⁷¹

Ambas as crônicas citadas carregam em seu bojo marcantes passagens estereotipadas, clichês clássicos como “Pobre velha”, “mendiga sordidamente vestida”, “salvação nacional”, “cidade operosa e honrada”, dentre tantas outras imagens ora exaltadas ou pejorativas para remeter ao Rio de Janeiro. Entretanto, o que é interessante nestas duas produções é que elas comprovam o fascínio e a certeza bilaquiana quanto à eficácia do jargão.

O primeiro fragmento citado pertencia a crônica de 1897, ou seja, do primeiro ano da assídua colaboração de Bilac na *Gazeta de Notícias*, e muito anterior ao início de fato das obras de reurbanização, e o excerto seguinte seria apenas de 1903, - fase já “áurea” das reformas urbanas, - estando, portanto, seis anos separado do outro texto. É curioso compará-los, pois, a intenção do cronista sempre foi a mesma. A inflexibilidade do seu discurso higienista, feito através de tantos mecanismos retóricos, principalmente nestes exemplos pelo uso abundante do clichê, permeou toda a sua produção. Desde antes do início da chamada “Regeneração” até o seu apogeu e finalização, a pena bilaquiana corria pelos caminhos da defesa da higiene sob todos os aspectos e, lançando mão de todos os recursos estilísticos disponíveis, buscava alcançar seus pressupostos de modernidade.

2.2. Paródia: a literatura como força persuasiva

Obstinado pela aparência e limpeza cariocas, em todas as suas faces, Bilac fez de sua escrita a manifestação da regeneração de sua terra. Empenhado pelas reformas urbanas, o cronista viu na abertura da Avenida Central, assim como o poder municipal e federal, a bandeira da inovação e da mudança. Corrobora a afirmação, Nicolau Sevcenko:

A Avenida [...] operava como o principal índice simbólico da cidade, irradiando com suas fachadas de cristal e mármore, suas vitrines cintilantes, os modernos globos elétricos da iluminação pública, os faróis dos carros e o vestuário suntuoso dos transeuntes, mudanças profundas na estrutura da sociedade e cultura.¹⁷²

¹⁷¹ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1903. p. 1, 7. col.

¹⁷² SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. v 3. p. 545.

O advento do cosmopolitismo no Rio de Janeiro, amplamente representado pela Avenida Central, só seria proclamado, na opinião dos intelectuais empenhados da época, sobretudo Bilac, com a conversão de diversos aspectos públicos e sociais: a profilaxia e a salubridade da cidade, as melhorias urbanas, mas especialmente, a evolução moral e cívica da população. Esse último aspecto só seria possível através das soluções dos primeiros. A transformação e a vitória da instalação da República, encetada pela Regeneração e pelo cosmopolitismo, de acordo com Nicolau Sevcenko, se resumia na “condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante...”¹⁷³.

A ideologia civilizadora e, ao mesmo tempo, com viés socialmente segregador iniciada pela municipalidade, era sutilmente corroborada pela produção bilaquiana, que promoveu certo “*apartheid* informal”¹⁷⁴ entre seus leitores.

Se Bilac escrevia *no* jornal, não era *para* todos que escrevia. A *Gazeta* era, naquela época, um dos jornais mais vendidos; de certo modo, alcançava, portanto, um público genérico de leitores. Visando, muitas vezes, adular o governo, o cronista, que era lido por muitos, não se interessava por essa vasta fileira. Bilac era burguês e, como tal, não se misturava ao povo, que também tinha acesso, apesar de restrito, ao periódico. Através do jornal, o cronista se comunicava com os cidadãos minimamente civilizados. Fácil perceber o aburguesamento de Bilac ao comparar duas de suas crônicas. Em uma delas, de março de 1903, o cronista, jocosamente, utilizou uma tradução feita por Ferdinand Denis sobre a permissão dos folguedos carnavalescos do entrudo. Nela, Bilac propunha não ser de “sociedade civilizada”¹⁷⁵ tais divertimentos. Própria da cultura popular brasileira, a festa do entrudo era praticada pelos populares em época carnavalesca e consistia em lançar uns aos outros, água, farinha ou tinta durante a folia. De cunho elitista, a opinião bilaquiana se transfigurou abruptamente ao tratar da Batalha das Flores, festa de elite na qual a sociedade carioca desfilava em carros decorados com flores pelo centro do Rio de Janeiro:

Batalha de flores! – que singular e cativante antítese há no consórcio dessas palavras! Deus nos dê sempre dessas batalhas ridentes e perfumadas... E dê-nos, ainda, hoje, um claro dia triunfal, um dia magnífico, de sol, de céu

¹⁷³ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2003. p. 43.

¹⁷⁴ SIMÕES JR., A *sátira do Parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904*. Assis, 2001. Tese (Doutorado em Letras). FCL, UNESP. P. 293.

¹⁷⁵ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 1 de março de 1903. p. 1, 1. col.

azul, de terra enxuta, - um dia de glória e de beleza, digno da formosa festa que vamos ter!¹⁷⁶

Se o tom eminentemente segregador dominava a escrita e o público de Bilac, o mesmo ocorria na sua visão da sociedade. O entusiasmo pelas reformas foi a disposição de espírito da maioria de suas crônicas. Entretanto, além dessa visão eufórica do processo de urbanização, seu afinamento com a política de Pereira Passos gerou também aspectos subjacentes: Bilac aderiu e participou como um dos pilares de sustentação das reformas cariocas; participou e defendeu ativamente, em seus textos, as mudanças estruturais da cidade. Sendo assim, presenciou, como espectador privilegiado, o desabrigo de mais de vinte mil pessoas em favor da abertura das grandes vias de tráfego. Somente na construção da Avenida Central, mais de seiscentas e quarenta edificações foram demolidas. Bilac, obviamente, sentia as mudanças da urbe e os danos causados à baixa população. Mas, em seus textos, o cronista imputava uma re-semanticização de tais desajustamentos urbanos. Outro “apartheid” era desenvolvido; notava-se o descompromisso com a população humilde, que contrastava com a exaltação da modernidade.

A implantação do projeto modernizador no Rio de Janeiro, trazendo em seu bojo o aceleração da vida da sociedade carioca, marcaria, segundo a concepção bilaquiana, o fim do anacronismo representado pela velha cidade imperial. A Capital Federal seria o “palco” perfeito para o progresso civilizatório, e a remodelação urbana e sanitária seriam as personagens principais dessa encenação. Bilac, “maestro” dessa euforia exorbitada, trabalharia, com todos os instrumentos necessários, para estimular o leitor carioca a aderir ao seu ponto de vista. Sendo assim, o cronista dispunha de um leque imenso de recursos retóricos para construir a cenografia perfeita do ambiente carioca que vislumbrava.

A paródia, normalmente uma incorporação cômica de certa composição literária, foi ferramenta eficaz para Bilac difundir seu discurso persuasivo. A escolha de dado recurso estilístico e retórico revelaria ao autor as possibilidades de expor seu comprometimento ideológico com a “Regeneração” carioca, pois, “não é difícil depreender que o discurso persuasivo se dota de recursos retóricos objetivando o fim último de convencer ou alterar atitudes e comportamentos já estabelecidos”¹⁷⁷.

¹⁷⁶ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1905. p. 5, 4. col.

¹⁷⁷ CITELI, op. cit., p. 32.

Ao recorrer às possibilidades estilísticas oferecidas pela paródia, o cronista tinha como objetivo provocar reações emocionais no receptor do seu texto, ou seja, através da recontextualização de um texto de fundo, Bilac pretendia indicar novas idéias ou valores, ou pelo menos, expandir e, principalmente, defender, através da escritura produzida através do parodiado, seu ponto de vista.

Em texto ainda do início de sua carreira na “Crônica” dominical, o jornalista, envergonhado com a sujeira e falta de estrutura física e sanitária da cidade e o desinteresse dispensado pela municipalidade frente à visita de uma comitiva do governo chileno, publicou fantasiosa crônica que nos mostra bem a força ideológica e persuasiva da paródia. Teria sido revelada a Bilac, “pela graça divina”, a “narração fiel” do primeiro livro do Pentateuco, no qual se descrevem a criação e os tempos primitivos do mundo, o episódio em que a providência divina, farta da sujeira que assolava o Rio de Janeiro em período de enchentes, fez chover para lavar a Capital Federal:

Há quem diga que Deus só fez aquela inundação para dar ao Rio de Janeiro mais uma ocasião de honrar os seus hóspedes, - porque festa de gente do mar, oferecida a gente do mar, tinha naturalmente de ser uma festa de água. Há também quem diga que... Não! não queremos pôr em letra de forma essa versão maligna: mesmo porque, neste fim de século prático e positivo; já não pode haver quem creia em jettatores e jettaturas. Abstenhamo-nos de suposições irônicas e admitamos, como única versão aceitável, esta que o cronista recebeu da Revelação Divina:

Gênesis, Caps. VI, VII, VIII, -I, E aconteceu que Jeová, já que farte aborrecido da porcaria da Capital Federal, chamou a si um Anjo, dos que fazem a Polícia das Esferas, e lhe disse: “Dize-me tu que horrível cheiro é este que desde a face torpe da Terra sobe ao meu Divino Olfato!”

2.- E o Anjo, tapando o seu celeste nariz, falou: Senhor! aquilo vem da decomposição das cousas e um pouco também da decomposição dos homens;

3.- Nos caminhos da Terra, Senhor, o lixo se amontoa de modo tal que a vossa mísera criatura não pode dar um passo sem tropeçar em um cachorro morto;

4.- E nas almas das míseras criaturas vossas também se amontoa e cresce o lixo da incúria, e da preguiça, e do relaxamento;

5.- Saberá, porém, vossa Divina Majestade que não é na Terra toda que impera tão grande imundície: “tão grande imundície impera apenas naquela Capital Federal...”¹⁷⁸

Bilac recorreu ao Gênesis bíblico para desenvolver, através deste texto de fundo, a paródia. Na realidade, a paródia se realizou, neste caso, através da preservação da estrutura lingüística do texto original. Importa salientar que, nitidamente, a proposta do

¹⁷⁸ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 16 de maio de 1897. p. 1, 1. col.

cronista, em nenhum momento, foi de satirizar ou ridicularizar o texto bíblico, mas sim a situação da cidade do Rio de Janeiro. Porém, vale ressaltar que uma das características tradicionalmente dispensadas, e um tanto ultrapassadas, à paródia era só sua intenção pejorativa e ridicularizadora. A paródia, como texto criado a partir de outro não tem somente como objetivo principal e único copiar o original “com a intenção de zombar dele ou de o tornar caricato” ¹⁷⁹, mas sim, utilizar o texto parodiado, incorporando-o, seja pela sua estrutura lingüística seja pelo seu conteúdo, para re-contextualizá-lo, e assim desenvolver uma nova escritura, que pode ou não necessitar da inclusão do ridículo ou do jocoso.

Cópia ou pastiche, muitas vezes, também são procedimentos erroneamente direcionados à paródia. Bilac, ao usar a estrutura textual da escritura bíblica, não teve como intenção copiar a passagem do livro sagrado; muito pelo contrário, o cronista utilizou um texto altamente consagrado para, a partir dele, criar um discurso, além de inédito, de persuasão eficaz, visto a relevância ideológica do texto original. Sobre a importância da relação entre paródia e texto parodiado, comenta Hutcheon que “a paródia consiste em substituir elementos dentro de uma dimensão de um dado texto de maneira que o texto resultante fique numa relação inversa ou incongruente como texto que nele se inspira” ¹⁸⁰.

A intenção primordial da crônica bilaquiana foi, acima de tudo, criticar uma dada situação social e política - a insalubridade carioca - através não da cópia do texto inicial, mas sim, de uma estrutura lingüística consagrada que pudesse atacar e ironizar uma circunstância. Não obstante, a paródia se diferencia essencialmente do plágio pela sua capacidade crítica e pela característica primordial de se constituir como texto único. Novamente, Linda Hutcheon é quem dá a relevância da crítica para a paródia: “Reconhecidamente como uma forma de crítica, a paródia tem a vantagem de ser simultaneamente uma recriação e uma criação, fazendo da crítica uma espécie de exploração ativa da forma”. Fica clara na crônica bilaquiana esta função da paródia: ao mesmo tempo em que o cronista recriou um texto já consagrado, dando-lhe novo conteúdo, a crítica embutida na paródia, desenvolveu um novo texto, deixando clara que a sua diferenciação é muito mais evidente do que a sua semelhança com o modelo original.

¹⁷⁹ HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia* [A theory of parody]. Ensinaamentos das formas de Arte do século XX. Trad. de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Ed. 70, 1989. p. 48.

¹⁸⁰ HUTCHEON, loc. cit.

A intenção crítica presente na paródia moldada por Bilac ficou explícita, pois atuou diretamente voltada para a municipalidade inoperante e para a sociedade despreocupada com a salubridade da Capital Federal.

Hutcheon afirma que há “uma distinção útil entre as paródias que se servem do texto parodiado como alvo e as que se servem dele como arma” ¹⁸¹. Deixemos claro que não é o texto parodiado o alvo bilaquiano, mas sim, a insalubridade e a incúria da administração pública; a sua estrutura textual serviu de instrumento para a eficácia da paródia, sendo este aspecto o que Hutcheon considera como a verdadeira paródia moderna ¹⁸².

Apesar de a paródia ser tradicionalmente um gênero de texto que se constitui pelo empréstimo textual, assim como a imitação ou a citação, alguns aspectos a diferenciam dos demais. Ao se parodiar um texto há sempre presença da ironia, fundamental para seu desempenho. Deixemos claro que, apesar da crônica bilaquiana apresentar alto teor jocoso, como a utilização de termos burlescos como “Divino Olfato” ou “celeste nariz”, proferidos, na imaginação do autor, pela voz do criador, essa comicidade só está presente para amplificar a ironia crítica que o cronista pretendia destilar sobre as péssimas condições da cidade. No texto, a ironia manteve-se tanto na escolha por se parodiar um texto bíblico como na intenção do autor em colocar os homens como seres ainda em formação (visto que a paródia foi desenvolvida mantendo os versículos bíblicos e a linguagem do Gênesis), pouco habituados com disciplina, limpeza e organização. A ironia, na crônica, desempenhou um papel, ao mesmo tempo, escarnecedor já que conduziu os elementos ridículos propostos no texto, e avaliador ¹⁸³, já que foi por meio dela que veio à luz a inoperância pública que Bilac tanto criticava.

Coincidentemente ou não, em crônica de junho de 1905, ou seja, distante oito anos do texto anteriormente comentado, o jornalista novamente fez uso da paródia. Em verdade, este recurso estilístico foi comum na carreira jornalística de Bilac. Contudo, o excerto a seguir traz características ora muito semelhantes ora distintas da crônica publicada em 1897:

¹⁸¹ HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia* [A theory of parody]. Ensinaamentos das formas de Arte do século XX. Trad. de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Ed. 70, 1989. p. 71.

¹⁸² HUTCHEON, op. cit., p. 72.

¹⁸³ De acordo com estudiosos, a ironia “participa no discurso paródico como uma estratégia [...] que permite ao decodificador interpretar e avaliar”. HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia* [A theory of parody]. Ensinaamentos das formas de Arte do século XX. Trad. de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Ed. 70, 1989. p. 47.

Crônica... de que? Crônica de poeira! Nada mais há, nada mais existe, nada mais é, - no restrito e rigoroso sentido do *haver*, do *existir*, e do *ser*!

Poeira, poeira, poeira... Se aparecesse um Moisés, capaz de escrever o *Gênesis*, o *Beresith* da nova Rio de Janeiro, - esse historiador-profeta começaria deste modo o primeiro livro do seu *Pentateuco*: “1. – No princípio, Lauro e Passos criaram a poeira; 2. – e antes disso, a terra era vazia e vã, e vão e vazio era o céu; 3. – e, então, nada mais houve além de poeira; 4. – e os dous espíritos de Lauro e Passos andavam sobre as nuvens da poeira; 5. – e da poeira saiu a cidade radiante, a cidade cuja beleza é o maior louvor e a honra maior dos filhos de Mem de Sá.”¹⁸⁴

Era o momento do auge das reformas urbanas arquitetadas pelo prefeito Pereira Passos. As demolições, que se concentraram fortemente na Cidade Velha, levantavam nuvens de poeira que cobriam o centro da cidade, ambiente freqüentado por Bilac.

Novamente vemos a paródia bíblica servindo como instrumento de persuasão do cronista. Para tentar provar aos seus leitores a grandiosidade das reformas urbanas e a necessidade de o povo tolerar o desconforto gerado pela poeira das demolições, o cronista usou dos mesmos recursos retóricos já manuseados havia anos atrás.

Primeiramente, ao valer-se da estrutura lingüística do primeiro livro do *Pentateuco*¹⁸⁵ novamente, Bilac aproveitou da força ideológica da fala religiosa para induzir a leitura de seu público. Por outro lado, ao parodiar exatamente a passagem bíblica que retrata a formação da Terra e do Homem, o parnasiano sutilmente propôs ao leitor que as reformas urbanas e sanitárias da Capital Federal, muito mais do que embelezar e modernizar a cidade, seriam o início de uma nova era para o Rio de Janeiro, seria o renascimento, ou melhor, o verdadeiro nascimento da grande cidade. Então era preciso resistir à poeira, pois dela sairia a “cidade radiante” que Bilac tanto idealizava.

Mais uma vez observamos que o alvo a ser atingido por Bilac não era a citação bíblica, pois em momento algum o texto parodiado foi rebaixado ou satirizado. Na verdade, o cronista ridicularizou uma situação, o caos urbano, através da escritura da paródia. O tom jocoso, mesmo não obrigatoriamente reportado à paródia, esteve presente no texto bilaquiano quando o cronista comenta:

Oh! a poeira! – a poeira continua, perpétua, implacável, inexorável, feroz, ubíqua, oníqua, onímota, onipotente!

¹⁸⁴ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25 de junho de 1905. p. 1, 3. col.

¹⁸⁵ O *Pentateuco* se refere aos os cinco primeiros livros do Velho Testamento, atribuídos a Moisés: o Gênesis, o Êxodo, o Levítico, o Números e o Deuteronômio.

Há certa comicidade em sua fala, pois, ao lançar mão de vocábulos tão densos, com certa cadência na repetição dos sons, Bilac, de certa maneira, ampliou o valor da poeira, como se fosse ela a personificação do progresso. Esse humor leve, nem um pouco depreciativo, diferentemente da crônica antes comentada, não tinha como limite a crítica à inoperância do governo, mas sim ridicularizar, ou mesmo suavizar, para a população saturada pela sujeira, o turbulento processo urbano pelo qual passava o Rio de Janeiro.

Novamente, em janeiro de 1903, Bilac utilizou um texto consagrado para divulgar sua euforia reformista. Com a posse do prefeito municipal naquele mesmo ano, novo fôlego tomou o cronista. Na cega esperança de ver realizadas todas as benfeitorias urbanas propostas pela municipalidade, acreditou em falso telegrama publicado no *Jornal do Comércio*, o qual afirmava que:

Uma avenida de 120 metros de largura começando no Pão de Açúcar e terminando na Copacabana! uma avenida do Parque da República à Tijuca! outras avenidas, largas e belas, cortando e arejando toda a cidade! novos parques, novas esplanadas, mais praças! o replantio das matas, o abastecimento de água, o recuo obrigatório dos prédios, a incineração dos lixos, o aperfeiçoamento da higiene domiciliar, a criação da guarda municipal, o equilíbrio orçamentário, quanta cousa!¹⁸⁶

Para Bilac, que desde o início da carreira como cronista da *Gazeta de Notícias* questionava e defendia a necessidade urgente de se urbanizar e sanear o Rio de Janeiro, essa publicação foi a oportunidade para fazer propaganda de sua ideologia reformista, além de extravasar suas idealizações e desejos:

A cidade, maravilhada e tonta, perdeu a cor e a voz: e, com as mãos na cabeça, começou a andar à roda de si mesma, sem poder acreditar no que via, mas com a secreta e ardente esperança de que tudo aquilo fosse a expressão da verdade.

Entretanto, ao notar a não veracidade dos fatos divulgados, o cronista lançou mão do herói cervantino D. Quixote:

Ai de nós! A vida é uma série de desilusões! Logo no dia seguinte, verificava-se que o deslumbrante programa era uma blague, uma mistificação, um parto monstruoso da imaginação esquentada de um repórter; o novo Prefeito veio negar ao enganador documento toda a autoridade; e o próprio *Jornal do Comércio*, que pagara a peso de ouro as 283 palavras do telegrama, punha sobre a falsa plataforma o peso fulminador deste adjetivo implacável: quixotesca!

¹⁸⁶ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1903. p. 1, 1. col.

Comparando, de forma sutil, a grandiosidade da criação de Cervantes, de origem européia, com a defesa de nossas reformas, Bilac pediu a proteção do herói espanhol para o novo prefeito, prestes a encarar sua luta:

D. Quixote é o ideal incontentado, é a febre, a ânsia, o desespero da Perfeição.

[...]

Que o ilustre Prefeito de Distrito Federal não se zangue com o que vai ler:

Se S. Ex. quer achar um modelo na epopéia de Cervantes, não hesite, - seja D. Quixote, e não queira ser Sancho Pança!

Sancho Pança é apenas o Bom Senso. E se o Bom senso sempre houvesse governado o mundo, a humanidade ainda estaria hoje tão adiantada como no tempo dos merovíngios. O Bom Senso é a prudência, a cautela, a paciência; mas é também a casmurrice, o amor do preconceito, ódio de progresso.

[...]

D. Quixote é o ideal .

Ao citar Quixote, herói de prestígio e marco da literatura espanhola do século XVII, Bilac nos sugeriu duas funções em sua crônica. Ao mesmo tempo em que lamentava as falsas notícias do telegrama, Bilac valeu-se da grandiosidade, da sofisticação e, principalmente, do reconhecimento literário mundial da obra de Cervantes para, através dela, consolidar seus pressupostos persuasivos. Nada mais contundente do que uma grande obra para sustentar a tese de defesa das melhorias urbanas cariocas. A intertextualidade promovida por Bilac proporcionou maior respeitabilidade ao seu texto, servindo-lhe como sustentáculo e corroboração de sua tomada de posição. Em segundo plano, ao empregar o mito do herói do idealismo, ou do “ideal incontentado”, Bilac sugeriu e, conseqüentemente, defendeu que o novo prefeito realmente deveria se espelhar no “Cavaleiro da triste figura”, personagem ousado, inventivo, tenaz, reformador, e não em Sancho, retrato do Bom Senso, ou melhor, da prudência e do ódio ao progresso, na sua cruzada pela modernização do Rio de Janeiro. Nas palavras de Bilac:

D. Quixote foi o Barão de Haussman que reformou Paris; D. Quixote foi o Marquês de Pombal que das cinzas de uma Lisboa medonha arrancou uma Lisboa airosa; D. Quixote foi o grande Alvear que criou Buenos Aires!

Foram esses os modelos incensados pelo cronista e sempre citados quando precisava uma vez mais estimular seu público na urgência das reformas.

Diferentemente dos textos anteriormente comentados, nesta crônica não há a presença de paródia. Muito pelo contrário. Em nenhum momento propôs Bilac utilizar de

alguma estrutura lingüística consagrada da obra cervantina para desenvolver uma nova escritura. O que percebemos foi o que comumente se confunde com paródia. O cronista lançou mão da alusão a um texto ou mesmo conteúdo reconhecido pela opinião pública para, a partir deste, estruturar com respaldo literário seu texto.

Assim como a paródia, a alusão também é um empréstimo textual, porém, o que as diferencia é a intenção crítica da paródia. Notamos que Bilac realmente recorre às características da obra máxima de Miguel de Cervantes para propor seu ideal modernizante, mas em passagem alguma da crônica o jornalista parodiou a obra ou seus recursos retóricos. Bilac apenas aludiu, e de certo modo também fez pilhéria, ao espírito idealizador do grande personagem, para assim influenciar seus leitores. Não obstante, realidade e fantasia, humor, doutrina e civilidade se entremeavam no vasto texto bilaquiano em prol da conquista de uma identidade moderna para a cidade.

Apesar de estar sempre atento aos assuntos que diziam respeito ao progresso de sua urbe querida, de atitude sempre combativa e pronto a defender o governo que impunha como meta a reforma urbana e sanitária carioca, de sua produção dominical aflorou uma gama incontável de assuntos, opiniões e procedimentos estilísticos. Mesmo tendo sido o Rio de Janeiro e sua insalubridade os personagens principais de sua produção semanal na *Gazeta de Notícias*, Bilac não era eficaz em matéria de homogeneidade. O biógrafo Affonso de Carvalho cria uma imagem interessante para justificar a sua prosa multitemática:

[...] o cronista atento a todos os interesses da cidade e do país, das artes e das letras, da sociedade e das classes, aqui e além fixando as pontas de fino e sedoso aranhol, e em cuja teia a pena do cronista, como aranha de múltiplos coloridos, fará primores de forma, variando, dia a dia, de desenho.¹⁸⁷

A crônica servia-lhe como um palco privilegiado, de onde poderia desferir suas farpas, gozações, apelos e comentários dos mais díspares assuntos palpitantes que rondavam, essencialmente, o centro carioca. Abusando do exercício metalingüístico, Bilac explicitava, continuamente, a dificuldade de servir ao público “coisas novas”:

Os noticiaristas registram; os cronistas comentam. O noticiarista retira da mina a ganga de quartzo, em que o ouro dorme, sem brilho e sem préstimo; o cronista separa o metal precioso da matéria bruta que o abriga, e faz

¹⁸⁷ CARVALHO, Affonso de. *Bilac: o homem, o poeta, o patriota*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1942. p. 76.

esplendor ao sol a pepita rutilante. Naquela notícia e naquela razão há um lindo pedaço de ouro, que convém aproveitar...¹⁸⁸

Abundante em metáforas, a crônica acima retratou o trabalho diário de cronista. Ao usar metalinguagem sobre o fazer jornalístico, recurso prosaico em sua escrita, Bilac conseguiu trazer os leitores para perto de si e de suas opiniões. Meio este, assim, fértil para envolver e promover seus ideais.

2.3. A ironia mansa bilaquiana: humor, sarcasmo e perversidade

Bilac, de sua posição largamente progressista e afinada com o governo, não media esforços ao tratar de assuntos ligados à sociedade civil como um todo: insalubridade urbana, aparência da cidade e de seus moradores, eleições e cidadania, saúde e segurança pública, festas populares e acontecimentos sociais.

Porém, o cronista múltiplo, partidário das elites burguesas, abusava do tom doutrinário para “educar” aqueles que o liam.

Não obstante, a ironia presente em diversas produções jornalísticas de Bilac mais do que servir como estratégia retórica de dissimulação ou irrisão, serviu-lhe de mecanismo de julgamento e de avaliação da conjuntura nacional. Contudo, não podemos esquecer, além do caráter avaliador, outra característica própria da ironia: sua função escarnecedora. O humor, muitas vezes, é indispensável para a eficácia da ironia. A linguagem jocosa manuseada por Bilac se fez muito comum em seus textos para a *Gazeta de Notícias*.

Em viagem a São Paulo, Bilac foi informado, via telégrafo, que um decreto simplesmente extinguiu a peste bubônica no Rio de Janeiro. Revoltado com tal disparate e inconformado com a falta de apoio da municipalidade em exterminar verdadeiramente aquela “ceifadora de vidas” representada pela peste, o cronista desabafou:

O resto do mundo, mais praticamente educado, sabe que as epidemias não se submetem facilmente a declarações nem a decretos; e sabe ainda que as cidades são como as pessoas, cujo corpo não fica asseado pelo simples fato de se revestir de uma roupa limpa. Nada mais louvável, certamente, do que a intenção do poder sanitário que declarou extinta a peste; todos nós desejamos vê-la extinta, apesar da farta messe de dinheiro que a muita gente fornece essa Ceifadora de vidas. Mas diz um rifão que de boas intenções

¹⁸⁸ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1903. p. 1, 7. col.

está calçado o inferno – cujo calçamento deve ser muito parecido com o do Rio de Janeiro.

[...]

Quanto a gastar quinhentos contos com a toaleta de *Mlle. Sebastianópolis*, - não é de crer que isso melhore muito as condições de saúde dessa madura solteirona. *Mademoiselle* está cheia de reumatismos, que quase a não deixam ter-se em pé, e de sarnas, que lhe cobrem de líquens vivos a velha pele. Quinhentos contos de vestidos novos não lhe amaciarão as articulações nem lhe abrandarão a coceira...

O que é preciso, é dar-lhe iodoreto de potássio e pomada de enxofre! *Mademoiselle* não precisa de embelezamento, mas de saneamento.

[...]

Então, e somente então, é que se poderá declarar extinta a peste bubônica. Essa amável peste já foi extinta por decretos algumas três ou quatro vezes, e não se importou muito com isso...¹⁸⁹

O cronista enfatizou dois aspectos em sua crônica. Primeiramente, a irreverência de sua linguagem ameniza o texto mediante humor e comicidade, preparando o leitor para o escopo persuasivo e altamente doutrinário que almejava. Ao lançar mão de um dito popular cujo mote é a aparência do inferno, Bilac diretamente cotejou tal ambiente com o aspecto decadente das ruas do Rio de Janeiro. Se o objetivo primordial da crônica era criticar o avanço da epidemia de peste bubônica e o descaso do poder público frente à calamidade sanitária carioca, o jornalista aproveitou tal oportunidade para, como tão comum, mencionar seu descontentamento com a realidade da cidade.

O humor do cronista, ou muito mais, seu intuito galhofeiro não propunha apenas divertir o leitor, mas sim, mostrar-lhe, através da pilhéria, a situação precária da Capital Federal. Neste excerto, a função escarnecedora de Bilac trabalhou em prol da persuasão. Ao ser tão chistoso, Bilac estabeleceu nitidamente a intenção sarcástica de seu texto, tentando assim, muito mais do que sugerir o riso, mostrar, através desta linguagem espirituosa, sua opinião pessoal, ou seja, seu descontentamento e, sobretudo, sua vergonha perante a calamidade urbana e sanitária da Capital Federal.

Se o humor conduziu com eficiência o propósito de convencimento do autor na crônica, esse mecanismo só surtiu efeito graças à manifestação malévola, maliciosa e principalmente irônica, por meio do riso, da escolha intencional das palavras, Bilac conseguiu levar ao riso seus leitores, de modo claramente intencional, através da exposição ao ridículo, do menosprezo, ou desdém de certa situação nacional.

¹⁸⁹ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 23 de março de 1902. p. 1, 4. col.

A ironia, neste trecho de crônica, além de estar na zombaria do cronista diante da precariedade da saúde pública carioca e do subdesenvolvimento urbano, está na escolha dos signos apropriados e na forma de tratamento que Bilac deu a estes signos; muito mais do que jogar entre o realmente dito e a verdadeira pretensão, o texto habilmente pressupõe uma crítica. A contradição clara entre os termos ou a sutil contrariedade transparecida durante o discurso marcam o propósito crítico da ironia.

Ao eleger *Mademoiselle* como o pronome de tratamento para se referir ao Rio de Janeiro, muito mais do que chistoso, Bilac teria sido irônico. A escolha por tal pronome para designar a capital federal foi a maneira contundente que o cronista optou para debochar da cidade. *Mademoiselle*, de origem francesa, determinaria a jovem ainda solteira. Contudo, muito mais do que ser um modo de se referir as moças, a designação nos remete a certo intuito delicado, ou melhor, propõe tratamento educado, cordial, e principalmente, civilizado e de caráter refinado por quem dele faz uso. Entretanto, ao lermos o discurso bilaquiano extraímos uma imagem totalmente oposta ao que o termo de tratamento originalmente significa.

Bilac, ao denominar o Rio de Janeiro com o dito pronome, ao invés de estar dando uma denotação especial ao Rio de Janeiro está debochando claramente de suas mazelas. Se *mademoiselle* designa moça solteira, no entanto, na fala de Bilac, maldosa e sarcástica, esta transfigurou-se para “madura solteirona cheia de reumatismos”. Na realidade, o cronista só lançou mão do tratamento para usá-lo como instrumento rebaixador.

Inversamente ao significado de *mademoiselle*, todos os signos relacionados ao pronome escolhido conduzem-nos a imagens distantes e fundamentalmente contraditórias àquelas que comumente teríamos relacionado à jovialidade, como reumatismos, sarnas ou rugas.

Com o emprego de pronome tão cortês, em nenhum momento a intenção de Bilac foi elogiar a cidade; ao contrário, ao escolher tal signo, o jornalista o re-contextualizou para poder, de modo irônico, debochar da cidade, de suas pestes incontroláveis, da insalubridade latente, e da inaptidão do governo em entender que muito mais do que reparos nas fachadas do Rio de Janeiro, a Capital Federal precisava de reformas estruturais profundas.

Porém, vale ressaltar que, afora a linguagem espirituosa a que o cronista recorria para tornar seus textos leituras de graça e riso para seus leitores, o mote bilaquiano

era a intenção persuasiva por detrás da engenhosa escolha de palavras. A ironia, nesta crônica, além de propor escarnecimento e irrisão, serviu a Bilac como locomotiva de sua crítica mordaz ao descaso que movia vários setores da vida pública carioca, desde a possibilidade de publicações de falsos decretos ou o despreço dos políticos com a saúde da cidade e de seus moradores.

A articulação entre ironia e irreverência fazia dos textos para a *Gazeta de Notícias* um instrumento de crítica desdenhosa, como podemos perceber ao ler crônica de janeiro de 1899.

Aproveitando o aniversário da cidade do Rio de Janeiro, 20 de janeiro, Bilac subiu ao Morro do Castelo para visitar a Igreja dos Capuchinhos, na qual estavam depositados os ossos de Mem e Estácio de Sá, fundadores e primeiros povoadores da Capital Federal. Subitamente, e de maneira fantástica, eis que surgiu para conversar com o poeta São Sebastião, santo padroeiro da cidade:

Dorme a cidade... Ó mísera cidade
Do meu nome e da minha proteção!
Ah! se hoje mesmo, por felicidade,
Te arrasasse um tufão!...

Que calor! ofegantes e sozinhos,
Arfam lá dentro os santos... Que calor!
- Deviam nesta igreja os capuchinhos
Pôr um ventilador...¹⁹⁰

A finalidade persuasiva do texto bilaquiano se escorou em três vertentes. Em primeiro plano, temos a estrutura textual selecionada pelo cronista. Ao escolher trabalhar com versos, a eloquência do “suposto” São Sebastião se amplificou. Ao lermos as estrofes percebemos a cadência que os versos rimados por Bilac projetaram. Deste modo, muito mais do que apenas uma conversa, o discurso do santo passou a ser um desabafo, ou mais, um manifesto de sucessivas lamentações. A força de persuasão se justifica na aspiração do cronista de mostrar aos seus leitores a amplitude dos problemas cariocas. Pois se até mesmo um santo se revoltava e lamentava o calor e, principalmente, a miséria da cidade a que o seu nome foi dado em homenagem, seria necessário aos leitores da crônica dedicarem mais atenção aos problemas que assolavam a cidade. Juntamente ao modo pelo qual Bilac estruturou a crônica notamos outro forte apelo persuasivo: ao dar voz a um santo, o cronista, muito mais do que meramente criar uma ficção fantástica, amplificou os problemas cariocas,

¹⁹⁰ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1899. p. 1, 2. col.

pois até mesmo um ser, que se recobre de santidade, compreensão e bondade, se corporificou e se insurgiu em nome do caos e do atraso da cidade de que é protetor; não somente o poder público como também a população civil deveria então se comover com tal crise.

No entanto, ainda mais contundente era a nuance cômica e até mesmo irônica que resplandecia da “conversa” promovida por Olavo Bilac. O tom jocoso está na maneira como o cronista colocava o rol de lamentações de São Sebastião. O santo, debochado, satirizou sem sutileza alguma o Rio de Janeiro, como notamos no excerto passado e também observaremos no próximo:

Quatro séculos quase!... Dia a dia
Vejo crescer esta população,
E com ela crescer a porcaria,
Na mesma proporção.

É através desta sátira, ao desejar que um tufão arrasasse a porcaria em que se transformou a cidade, que a ironia se apresenta. Na força da sátira, da comicidade e do deboche, colocados na boca de São Sebastião, estava a crítica contundente à situação precária da Capital Federal. Ao colocar o humor em função da crítica e do julgamento, o cronista avaliou, mas, de certo modo, se eximiu da função de juiz, pois transferiu esta responsabilidade ao personagem que criou, tornando assim a figura fantástica de São Sebastião uma máscara que escondia sua opinião escarnecedora além de representar, pelo seu caráter divino, um forte instrumento de persuasão.

O cronista conseguiu assim, de maneira nítida, que essa linguagem jocosa expressasse, de modo palatável, severas críticas ao ambiente nacional; é nesta face que se configura a ironia, no seu poder de inverter a ideologia do discurso através do recurso humorístico. A linguagem bilaquiana, ao passo que tornou o texto agradável, serviu-lhe de instrumental preciso para criticar de modo engenhoso e malévolo a condução econômica e social do Rio de Janeiro. De acordo com Hutcheon,

A função pragmática da ironia é, pois, a de sinalizar uma avaliação, muito frequentemente de natureza pejorativa. O seu escárnio pode, embora não necessariamente, tomar a forma de expressões laudatórias empregues para implicar um julgamento negativo; ao nível semântico, isto implica a multiplicação de elogios manifestos para esconder a censura escarnecedora latente.¹⁹¹

¹⁹¹ HUTCHEON, op. cit. p. 73.

O texto em si, graças à ironia, muito mais do que à opinião pessoal e declaradamente partidária de Bilac, avaliou, de modo zombeteiro, o contexto da época.

Apesar de esta crônica deixar clara sua intenção sarcástica, a ironia para ser eficaz precisa de que o texto em si proporcione sinais para que o decodificador perceba a sua pretensão irônica. Ao descrever e questionar, fantástica e jocosamente, o Rio de Janeiro e sua ineficiência, o texto possibilitou ao leitor a competência de se extrair dele a intenção irônica. Sendo assim, é fácil comprovar que, muito além das intenções pejorativas ou escarnecedoras que pode o texto irônico conter, sua pretensão de julgador de valores, neste caso, é mais eficiente e marcante.

A premissa de que ao texto irônico são indispensáveis indícios de suas ambições irônicas fica evidente no seguinte texto da *Gazeta de Notícias*:

Falemos da nossa amada cidade, - mas não dos seus motins periódicos. Uma cidade civilizada não pode viver sem motins, porque não pode ser uma aldeia pacata, com as ruas desertas ao toque de recolher, com as casas fechadas à hora em que as galinhas procuram, com o bico debaixo da asa, o repouso do poleiro. Uma cidade sem motins é como uma mulher sem amor, sem rebates de sangue, sem alvoroços de coração. A tristeza, a velhice, a doença, são apáticas e frias: a mocidade, a alegria, a saúde, têm barulho, têm agitação, têm escândalo. Aceitemos os motins e rejubilemos...¹⁹²

Seria por demais espantoso e até mesmo perverso pensar que o cronista realmente desejava ver o Rio de Janeiro devastado por revoltas e rebeliões sanguinolentas. No entanto, a intenção bilaquiana ao exteriorizar certa simpatia pelos movimentos populares violentos, - no caso, motins, - foi a de incentivar a população, através de sutil provocação, a ser mais engajada nas causas públicas, a ser mais apaixonada e ter espírito mais aguerrido pela Capital Federal. Na irônica comparação do cronista, motins seriam um modo de se traduzir a paixão incontrolável, ou melhor, a sua ausência seria a prova da apatia popular. A ironia fica explícita, pois, definitivamente, nenhum homem culto e meramente civilizado, ainda mais com a visibilidade pública mantida através da notoriedade da *Gazeta de Notícias*, de que dispunha Bilac, poderia ao menos discretamente defender ou compactuar com tal disparate, muito menos então acolher sua ocorrência de modo tão explícito como o faz na crônica. Apesar de sustentar, comumente, certas opiniões intransigentes e mesmo elitistas sobre as medidas tomadas na Regeneração, Bilac, de modo algum, usaria seu espaço em um dos mais prestigiados periódicos do Rio de Janeiro para propagar idéia tão inconsequente. A

¹⁹² BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10 de julho de 1898. p. 1, 1. col.

verdade é que o cronista usou a força ideológica que a palavra *motim* carrega, e sua conotação subjetiva e altamente dramática, para excitar a população carioca.

Espirituoso, Bilac arquitetava seus textos de modo a doutrinar e ao mesmo tempo convencer seus leitores. A ironia, mecanismo retórico comum na linguagem bilaquiana, se pronunciava eficazmente, aguçando o lado emocional dos leitores e propondo, muitas vezes, a comoção.

Ao amparar a idéia da “necessidade cívica” de motins, Bilac afirmava que ter ruas lavadas de sangue sugeriria algo como a população ter a alma lavada, um modo para esta se sentir honrada pela sua terra e pelo seu povo. Em certa passagem do texto, o cronista explorou o clichê “lavar com sangue”:

[...] Que bom seria termos aqui as ruas constantemente lavadas de sangue! Verdade é que o sangue não lava coisa nenhuma... Mas quem não tem cão, caça com gato: e já que não tem água...

A questão da importância da água no discurso bilaquiano foi uma constante. Neste caso, o cronista lamentou a ausência do líquido que, para ele, não apenas serviria para limpar ruas, mas muito mais necessário seria para purificar o homem.

Esta visão de Bilac frente à água nunca se referia a sua indispensável função na manutenção da vida. Para ele, a água sempre era relacionada com métodos de limpeza, fossem eles limpezas “físicas”, como casa, ruas e corpos ou “limpezas espirituais”, ou seja, a água como meio de purificar a essência humana. Ainda nesta mesma crônica, Bilac ao justificar a relevância dos motins para a evolução urbana e social de uma cidade, vislumbrou Montevidéu, “a pérola do Prata”, como uma urbe constantemente assolada por motins e que graças à água ressurgiu mais superior:

[...] o serviço público da limpeza inundou as ruas de grossos jatos de água límpida, enterraram-se os mortos, fez-se o curativo dos feridos, e Montevidéu, a pérola do Prata, - continuou a ser o que sempre foi: uma linda cidade, branca e limpa, amiga do banho e da desinfecção, - menor e menos animada do que a nossa, porém incomparavelmente mais amável e cheirosa. Que importa, pois, que tenha morrido um punhado de gente? Isso deu animação à *urbs*, e deu-lhe vida...

Ao lançar mão da idéia de “cidade branca e limpa” notamos a dura ideologia elitista do cronista. Neste texto, suas duas visões sobre a relevância da água se completaram. *Branca e limpa* realmente podia se referir à cidade física, mas claramente

distinguímos certo ranço preconceituoso na fala do jornalista. A limpeza feita ao mesmo tempo em que eliminaria a sujeira real das ruas da cidade, tornaria os moradores mais brancos, ou seja, menos mestiços ou misturados, e conseqüentemente, faria da cidade um lugar mais asseado, imaculado ou legítimo.

A questão da água, ou ainda, a falta constante dela, sucessivamente foi mote para o discurso escarnecedor bilaquiano. Não raro, o cronista aproveitava qualquer oportunidade para, através da “Crônica”, criticar o obsoleto sistema de abastecimento da Capital Federal, como na crônica de junho de 1905, quando a poeira das demolições da Regeneração espalhava-se pela cidade:

Há um meio de evitar todas ou quase todas as desgraças que podem vir da abundância de poeira. Não podemos suprimir a poeira, mas podemos fixá-la no chão, - por meio da água!
- Por meio da água! Aí está o remédio, aí está a solução...
- É absurdo, é monstruoso, é imperdoável que, ao lado de um serviço tão bem organizado de demolições e de reconstruções, não se tenha organizado um serviço de irrigação das ruas.
É fácil prever a objeção: não há água!
Como não há água? sempre há água, quando há boa vontade. O Rio de Janeiro não é um trecho do Saara...¹⁹³

No entanto, o cronista também, sutilmente através de sua ironia debochada habitual, recriminava a falta de mecanismos de escoamento de água durante as enchentes que constantemente assolavam o Rio de Janeiro durante o verão:

Uma chuva torrencial se despenhou do céu, afugentando os últimos calores, lavando a cidade, - e além desse grande serviço higiênico, dando-nos o regalo de um espetáculo raro: as ruas transformadas em rios, as praças mudadas em lagoas, os bondes metamorfoseados em gôndolas, - e homens e cachorros nadando, como peixes, pela vasta extensão das águas derramadas.¹⁹⁴

O modo pelo qual Bilac dispunha do signo, a maneira como o contextualizava, revela-nos múltiplos comprometimentos persuasivos e ideológicos de sua escrita. A maneira de articulá-lo e organizá-lo determinava, de maneira consistente, a direção que seu discurso tomaria. A intenção do raciocínio persuasivo de Bilac era jogar com a palavra a seu favor, recontextualizando-a de acordo com seu interesse, de maneira que os valores, conceitos e atitudes por ele defendidos na crônica fossem compreendidos. O modo

¹⁹³ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25 de junho de 1905. p. 1, 3. col.

¹⁹⁴ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10 de abril de 1904. p. 1, 8. col.

de tratar a palavra, o recurso retórico e lingüístico escolhidos são instrumentos de difusão de persuasão e de ideologias, e Bilac sabia bem como jogar com os expedientes disponíveis.

A ironia, ditam os manuais de retórica, é uma estratégia ao nível semântico definida como “um assimilar de diferenças de sentido” ou, simplesmente, como “antífrase”, ou melhor, uma das características pertinentes à ironia seria seu contraste entre “o que é afirmado e o que é significado”¹⁹⁵.

A ironia funciona como antífrase pela contradição de termos. Sendo assim, ela exige interpretação especial do decodificador. Quando da presença de um texto irônico, o leitor tem um papel de maior responsabilidade na interpretação da história, ou antes, da intenção irônica da história. Deste modo, se a função do leitor, ou decodificador do texto, é interpretar e avaliar o texto, o papel principal da ironia seria de avaliador, ou ainda, de um juiz de valores. E foi o que ocorreu numa crônica bilaquiana de 1897, em que através da escolha do signo ideal, a ironia pretendida pelo cronista deixou caminhos abertos para a crítica de valores que ela propunha:

Rachada a Prefeitura mesmo, rachado o Olimpo de pedra e argamassa, de onde o Júpiter Municipal expede os raios de suas portarias, que podia ainda esperar a cidade de Mem de Sá? ¹⁹⁶

Bilac, neste texto, escolheu termos interessantes para se referir à municipalidade. Ao saber que uma rachadura ameaçava tombar o prédio da prefeitura, o cronista abusou de oposições para caracterizar os membros da Diretoria de Obras Públicas. Primeiramente, comparou a construção agora decadente da Prefeitura com o Olimpo. À primeira vista tal comparação mostrava-se elogiosa, visto que o Olimpo, para a mitologia grego-latina, seria a habitação das grandes divindades, dos seres abençoados e idolatrados, superiores aos meros mortais. Contudo, a ironia aposta na contraposição de termos, e foi assim que Bilac também fez. Afinal, como o Olimpo, monumento grandioso e idealizado, poderia ter fachadas rachadas? O jornalista continuaria malévolo ao ironizar o prefeito da Capital Federal. ¹⁹⁷ Compará-lo a Júpiter, pai dos deuses romanos, assim como a analogia

¹⁹⁵ HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia* [A theory of parody]. Ensinaamentos das formas de Arte do século XX. Trad. de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Ed. 70, 1989. p. 73 seq.

¹⁹⁶ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1897. p. 1, 3. col.

¹⁹⁷ O prefeito carioca à época de tal crônica era Francisco Furquim Werneck de Almeida. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi nomeado prefeito do Distrito Federal em janeiro de 1895 pelo presidente Prudente de Moraes (1894-1898). Em sua administração tentou dar ênfase às questões referentes ao saneamento da cidade. Foi exonerado do cargo em novembro de 1897, sendo substituído em caráter interino por Joaquim José da Rosa, que permaneceu no cargo apenas por alguns dias.

anterior, poderia ter uma conotação louvável, mas, novamente, a intenção irônica do cronista seguiu outros rumos. Um prefeito que não resguardava nem o edifício de onde comandava a urbe, pouco poderia fazer pelo restante das construções municipais. Ao fazer referência a termos mitológicos para aludir ao governo carioca, Bilac utilizou da competência da ironia de se constituir através da antítese, da contradição de termos, ou melhor, da diferenciação do que é dito para o que é realmente significado para se fazer entender.

Já a tendência avaliadora que a ironia incita pode ser observada no excerto seguinte da mesma crônica:

Se a Diretoria de Obras Públicas é a primeira a estar ameaçada de ter a cabeça partida pela queda de uma trave mal segura, ou de qualquer outra dessas calamidades a que o povo dá o nome pitoresco de pedaços de céu velho, - que não será de nós outros, que não somos da Diretoria nem nada?

Ao deixar indagações ao público leitor sobre o descuido do governante, Olavo Bilac instigou seus leitores a pensar na sua própria condição de cidadãos. O cronista estimulou o leitor a avaliar a situação municipal e a disposição do governo em trabalhar. E foi através da ironia construída, ao caracterizar os homens do poder como seres míticos, que Bilac, ao mesmo tempo em que criticava e julgava a posição da administração, também satirizava a decadência e a falta de atenção da competência pública com a cidade.

A defesa ininterrupta do progresso foi sua bandeira, e para alcançá-la não se pautava por um credo único, ora partidário do governo vigente, ora crítico do sistema, muitas vezes foi injusto e arbitrário, irregular e contraditório. Porém, dirigir o comportamento dos seus leitores era a função de sua escritura persuasiva.

De linguagem altamente incisiva e irônica, Bilac usava de sua eloquência para alcançar seus propósitos progressistas. Entretanto, não é coerente compararmos a ironia manuseada pelo jornalista nas folhas da década de 1890 com as publicações da primeira década de 1900. No fim do século XIX, o cronista aguerrido e atrevido de jornais anti-governistas como *O Combate* ou *A Rua* mostrava-se mais claramente contundente, direto e sarcástico. Com a tranquilidade conquistada com a colaboração na *Gazeta de Notícias*, a partir de 1897, e posteriormente a fama e a respeitabilidade alcançada como o principal colaborador na refinada *Kosmos*, o furor intransigente bilaquiano cederia espaço para um humor mais requintado, permeado pela ironia sutil que, além de exigir mais do leitor, proporcionaria à época ou a qualquer tempo, uma leitura sempre criativa e divertida de suas criações.

Mesclando ao tom coloquial, - oposto ao tom solene de sua poesia pomposa e métrica, - uma técnica livre e sincera, as crônicas bilaquianas transbordavam uma ironia mansa e um ceticismo latente. Se os textos produzidos para o periodismo nacional, no limiar do século XX, atestavam a mudança da cidade em nome do cosmopolitismo, a escrita de Olavo Bilac na *Gazeta de Notícias* surgia como a emissária do pensamento da nova cidade. Em meio ao imediatismo da crônica, Bilac foi o catequizador e o paladino das novas idéias; o progresso urbano era, nas suas crônicas, o grande tema. A linguagem leve, ágil e sutil, proporcionou às suas crônicas, textos em regra longos e fragmentados, uma fluidez particular inversa às construções sofisticadas de seus poemas.

Sobre a linguagem bilaquiana, pondera Norma Goldstein:

Olavo Bilac sabia bem qual o tipo de público a que se destinava cada um de seus escritos e procurava adequar sua linguagem ao leitor do momento. Sua linguagem como cronista é bem mais despojada que a de seus poemas: simplifica-se a sintaxe, reduzem-se as enumerações...¹⁹⁸

Porém, não foi só de ironias, sarcasmos e moralidades a pena de Bilac.

2.4. Alegoria: personificações, metáforas, ficção e fantasia em prol da Regeneração

A elasticidade da prosa e a habilidade da escrita possibilitaram a Bilac o emprego de diversas outras figuras de linguagem, como é o caso da alegoria.

Largamente manipulada como recurso literário, a alegoria é o mecanismo retórico que pretende expressar por meio de discurso ficcional uma circunstância por meio de outra que a evoque e intensifique o seu significado. É a figura poética que consiste em manifestar um juízo para dar a idéia de outro através, normalmente, de uma indução moral. O texto alegórico tem como força motriz a condução de concepções, juízos de valores e opiniões pessoais, através da tradução de significados dos signos empregados. As palavras, no discurso alegórico, estão transportadas para um plano de acepção que não lhes é comum e, dessa forma, oferecem dois sentidos completos e perfeitos – um referencial e outro metafórico. Etimologicamente, o grego *allegoría* significa “dizer o outro”, ou melhor, dizer alguma coisa diferente do sentido literal do mencionado, trazendo à luz a verdadeira “significação oculta” do discurso e, principalmente, da intenção do autor.

¹⁹⁸ GOLDSTEIN, Norma (org.). *Olavo Bilac*. Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico. São Paulo: Abril Educação, 1980. p. 97 seq.

Olavo Bilac, por inúmeras vezes, recorreu à alegoria para manipular o imaginário e, principalmente, o ponto de vista de seus leitores. Na crença firme da função social do cronista e do jornal, seguindo a cruzada por um Rio de Janeiro salubre, e lançando mão de elementos ficcionais e, principalmente, da recorrência de metáforas, o cronista fazia desses recursos seus instrumentos essenciais.

Em junho de 1902, Bilac estava extasiado pela beleza do novo calçamento da Rua do Ouvidor, afinal, aos seus olhos, retocar a aparência da “via ellegantiarum” como bem a chamava, era indício óbvio da euforia modernizadora que dominaria a Capital Federal nos próximos anos. Ao acompanhar um funeral pela principal rua do comércio carioca, o cronista se deparou com a presença de um ancião de elegância maltratada e ultrapassada. Melancólica, tal figura olhava com tristeza e desassossego as novas fachadas e construções que surgiam pela Ouvidor. Não mais que depressa, Bilac sagazmente concluiu que não se tratava apenas de um simples homem comum, mas sim, de um personagem, ou melhor, de uma representação caricatural:

Ah! bem te conheci e bem te compreendi, limpo e desconsolado, velhinho!
Tu eras a imagem da gente da minha cidade, o símbolo vivo da população da minha *urbs*!
[...]
Naturalmente, aquele bom velhinho, em que a minha imaginação personificou o nosso carrancismo [nunca poderia] admitir a limpeza da rua do Ouvidor...¹⁹⁹

Ao personificar a inclinação ao passado na figura do velho gamenho de seu texto, o cronista, através de tintas criativas, ilustrou, por meio de comparações, a realidade da urbe. Através da criação ficcional e altamente metafórica, a alegoria manuseada por Bilac desvendava a verdade oculta da cidade, ou seja, o desapego da sociedade pela salubridade e pelo embelezamento do Rio de Janeiro.

A alegoria, muito mais do que simplesmente metáforas ampliadas ou meio de se conseguir efeito comunicativo mais eficaz e atraente, é, acima de tudo, mecanismo de ilação moral. Através de tal recurso retórico, há intenção persuasiva e mesmo doutrinária por parte do emissor. Entretanto, para se efetuar perfeitamente o domínio moral, é necessário que haja indícios claros no texto da sua intenção alegórica. A alegoria só terá competência persuasiva quando seu real significado puder ser compreendido facilmente pelo leitor. A decifração do sentido alegórico do texto é que o faz ser convincente e, muitas vezes,

¹⁹⁹ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1902. p. 1, 1. col.

manipulador de juízos. Em excerto seguinte da mesma crônica, Bilac deixaria explícito para seu público a prova circunstancial da existência da alegoria em seu texto:

Já sei que ides achar alguma contradição no que escrevo... Direis, naturalmente: “Como corporificas tu toda a tua gente nesse velhinho tão limpo e ao mesmo tempo tão inimigo da limpeza da rua do Ouvidor?!” Ah! entendamo-nos, amigos! A verdade é que nós, os cariocas, somos *pessoalmente* limpos, mas *coletivamente* sujíssimos. Todos nós gostamos de tomar todos os dias o nosso banho, e de mudar todas as manhãs as nossas camisas e as nossas piúgas, - mas todos nós nos resignamos a pisar, todos os dias, calçadas que se não varrem, e a subir a bondes que se não desinfetam, e a freqüentar casas que nunca se lavam.

Não apenas por expressar de forma tão contundente, através do confesso intuito de corporificar a Capital Federal na imagem do ancião, é que a crônica alegórica do parnasiano foi eficaz. Em seu complemento, Bilac não só evidenciou a idéia verdadeira oculta pela criatividade da alegoria como permaneceu na invariável conduta persuasiva ao comparar a posição individual e coletiva da população. Tal afirmação foi feita, como percebemos, de modo polido e cortês; contudo, a mensagem disparada por Bilac fere profundamente nossos brios, não por ser deselegante, visto que não o é, mas por ser tão óbvia e verdadeira.

Provavelmente um dos recursos retóricos mais aproveitados por Olavo Bilac em suas crônicas da *Gazeta de Notícias*, tais encadeamentos metafóricos, que pretendem uma interpretação pelas palavras e outra pelo sentido, serviram-lhe, além de atrativo textual, como instrumento a mais pela defesa firme da salubridade e embelezamento do Rio de Janeiro.

Não obstante, também é da imagem de um “ancião de cento e tantos anos, esquecido no mundo por descuido da morte,” que o cronista se serviu para criticar o desleixo e o atraso de sua urbe querida e, quem sabe, sensibilizar poder e sociedade em prol das melhorias urbanas. Em crônica de 1904, mantermos vivas tradições antigas ou cultuarmos o passado não era sinônimo de respeito aos antepassados nacionais. Na visão bilaquiana, isso nada mais era do que indolência perante a necessidade imprescindível de evolução. Pelo diálogo que travou com um fantasma polissecular, Bilac, mais uma vez, lançou mão da ficção alegórica para enfatizar sua disposição incansável e imediata para a regeneração carioca:

No dia da inauguração das obras da Avenida, enquanto o povo, na Prainha, vitoriava o governo, - eu andei [...] acompanhando um vulto.

[...]

Era alto e corcovado, muito velho, magro como um caniço; a pele, amarela e seca, parecia um papiro polisséculo da Babilônia ou do Egito...

[...]

- De onde saiu esse velhote do século atrasado?

[...]

E o fiozinho de voz murmurou:

- Eu sou a Tradição, eu sou o Passado, eu sou a Prudência! Saí hoje da minha fumaça, para ver de perto o Progresso. Oh! o Progresso! Pobre desta cidade!

[...]

- Não, tu és a porcaria, tu és a Preguiça, tu és a Moleza! ²⁰⁰

O ano de 1904 foi o auge das reformas sanitárias e urbanas. Para comemorar o início das obras da Avenida Central, estandarte do progresso da Capital Federal, Bilac, através de uma conversa com um velhinho trêmulo, corporificou o atraso da cidade e da população carioca na imagem do idoso apegado ao passado colonial.

Assim como o texto anterior, nesta produção Bilac novamente fez da representação do velho a metáfora do atraso carioca. Porém, nesta crônica o escritor foi mais além. De certo modo, ao criticar a aparência física do personagem criticou, ao mesmo tempo, aqueles que renegavam a importância da modernização da cidade, ou melhor, recriminou aqueles que se apegavam a um passado retrógrado, e que se mostravam avessos à civilização decorrente dos avanços que as reformas urbanas trariam. É bem curioso que Bilac coadunava a ideia de atraso e a dedicação à tradição por parte da sociedade, como se a ousadia e a renúncia ao passado fossem premissas para se progredir estrutural e socialmente. O cronista fez essa analogia para tentar comover seus leitores. Ao colocar a imagem de um velho decrépito como marca do retrocesso carioca, deixou explícita a imagem de que o remoto, o passado e o velho deviam ser esquecidos ou superados em virtude do novo e moderno que surgiria com a cidade remozada.

Persistindo na redundância dos temas ligados à bandeira reformista, Bilac empregava também outras formas de persuasão. Através de estratégias narrativas diversas, a crônica dominical buscava novas formas de empenho.

Sendo assim, não foi só a carga simbólica representada pela velhice que propunha estimular a adesão dos leitores à ideia de urgência e relevância das reformas urbanas. Bilac, ao desenvolver um suposto diálogo com um vulto senil fantasmagórico, ofereceu ao seu texto nuances não apenas ficcionais como também, e principalmente, matizes

²⁰⁰ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 de março de 1904. p. 1, 8. col.

fantásticas - afinal poucos conseguiam conversar com espectros! - o que o tornava intensamente atraente à leitura.

Em tom jocoso e altamente irônico, o encontro com a “tradição” anacrônica carioca foi o mote do cronista para criticar o atraso do período e, indiretamente, saudar a alvorada de 1904, ano do efetivo princípio das reformas urbanas do prefeito Pereira Passos, a grande esperança de Bilac e dos intelectuais em geral, que compactuavam com as ânsias progressistas do Rio de Janeiro.

Contraditoriamente, educar a população e dar-lhe paixão pela suas tradições, seus antepassados e pela sua pátria, essencialmente pelo Rio de Janeiro, foi, às vezes, um dos sustentáculos do trabalho de Bilac na *Gazeta de Notícias* em prol da evolução estrutural, moral e cívica da capital federal. O cronista apontou, em diversas crônicas dominicais, que reverenciar nossa História e Passado seria um dos alicerces da transformação e desenvolvimento da população carioca sob todos os aspectos.

Um dos mecanismos persuasivos mais eficazes no discurso bilaquiano é o domínio total da palavra. Se nas crônicas comentadas anteriormente, passado era sinônimo de respeito à tradição e à história, numa crônica de março de 1904, este apenas demonstrava a preguiça, o apego ao que é velho e antiquado. Na ideologia bilaquiana, de que valeria atualmente a prudência se teríamos a ousadia de uma ampla avenida? De que valeria a tradição se teríamos o progresso para idealizar e usufruir? Na realidade, Bilac manipulava suas opiniões de acordo com o imperativo do momento. Se na crônica anteriormente comentada, o cronista lançava farpas sobre aqueles que pretendiam venerar o tempo remoto, muitas vezes, em outros textos, a inclinação ao antigo mostrou-se eficiente para convencer a população sobre a proposição de que só se respeitando o passado, preservaríamos e melhorariamos o presente e estaríamos aptos ao progresso. E então a reurbanização carioca vindoura completaria o momento de coroação desse desenvolvimento, pois seria o apogeu da plena evolução moral e social defendida pelo cronista.

A pena de Bilac era ambígua, porém propositalmente. Seus valores apenas sutilmente se alteravam para se mostrar, quando necessários, mais persuasivos e convincentes. Em crônica de 1901, deixaria claro o dualismo intencional de seu discurso nesta tendenciosa inclinação ao passado:

Ah! quando quiserão os deuses piedosos baixar os olhos para este pedaço de planeta, em que nos arrastamos, sem um ideal puro, sem uma aspiração elevada, sem um nobre desejo de fugir da animalidade?! Quando palpitará

pela primeira vez dentro dos nossos corações esse amor do Passado, esse culto de ansiedade, essa religião da História, - que fazem as famílias fortes e as nações felizes?!²⁰¹

Constante e contraditório, o aproveitamento de imagens referentes a um Rio de Janeiro ultrapassado e morto gerou visões ambíguas na produção bilaquiana. Se, por um lado, Bilac desejava uma cidade urbanizada e evoluída em todos os aspectos, por outro, comentários ora críticos ora saudosos retratam o passado carioca. Idealizar o Rio antigo lhe serviu como instrumental de convencimento imediato dos leitores até o momento das reformas urbanas. Ao mesmo tempo em que possivelmente tivéssemos um passado saudoso, teríamos, graças a ele, uma evolução urbana e moral fulgurante.

Bilac agia na tentativa de conscientizar seus leitores sobre a importância e o respeito ao nosso passado:

Inconformado com o nosso comportamento perdulário perante o passado e com o nosso vandalismo no presente, resta ao cronista a projeção de um futuro auspicioso, repleto de realizações materiais, carregado de conforto e distinção...²⁰²

Entretanto, com o início das demolições, a escrita do cronista tomou outro rumo. Não mais valia a pena escrever sobre um passado “velho” e “antigo”. O momento era de afastar os anos de atraso, “preguiça” e “moleza” do Rio antigo e vislumbrar, junto com as primeiras picaretas, a derrubada da velha cidade colonial.

Com o apogeu da “Regeneração” não mais interessava ao cronista identificar e defender o passado nacional. As reformas urbanas e o progresso advindo delas seriam o alicerce ideal para a consolidação da nação.

Entretanto, crônicas matizadas com personagens dramáticos e figuras fortes e marcantes, com alma e movimentos próprios, continuaram, durante toda a produção bilaquiana aos domingos na *Gazeta de Notícias*, a servir como uma das principais forças motrizes do projeto de empenho diligente proposto por Bilac. A tendência a usufruir da simbologia presente em figuras dramáticas ficou explícita na seguinte passagem:

Lá diz Perrault, no seu conto imortal, que a Gata Borralheira passava as noites olhando o borralho, sem esperança e sem revolta, como quem sabe que só veio ao mundo para trabalhar e sofrer... Assim o povo carioca,

²⁰¹ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 1 de setembro de 1901. p. 1, 1. col.

²⁰² DIMAS, op. cit., p. 82.

resignado, ia vivendo a sua vida triste, habituado ao vasto persigal que lhe davam por morada, sem outro ideal do que comer duas vezes e trabalhar dez horas por dia, com o só divertimento de politicar um bocadinho e a só comoção de arriscar todos os dias dez tostões na cobra ou no peru...²⁰³

Com elementos ficcionais, metáforas e personificações; a criatividade do cronista alçava vãos mais altos. Em comemoração à abertura da Avenida Central, Bilac proporcionou vida à cidade, novamente através da criação alegórica. Comparando-a com a personagem de Charles Perrault, o cronista alcançou dois propósitos. Em primeiro plano, para já de saída conquistar a adesão pública, o cronista cotejou a situação humilde e até desalentadora da personagem infantil à situação momentânea carioca. Ao colocar a população do Rio de Janeiro, de algum modo, no papel da protagonista da fábula, o cronista pretendia que semelhante procedimento produzisse em seus leitores, mesmo que não concordassem com a sua opinião, certa afeição e assim se tornassem mais sensibilizados e conseqüentemente mais abertos a receber o texto e suas analogias.

Por outro lado, ao personificar a cidade através de um símbolo das fábulas universais, um mito de superação, boa fé, esperança e bondade, que supera seus obstáculos e é recompensada por sua benevolência, a personagem de Gata Borralheira serviu-lhe como alegoria de um Rio de Janeiro que, se modernizado, será recompensado por isso.

E eis que, de repente, alguém lhe tapa os olhos, e leva-o assim vendado a um certo lugar, e retira-lhe a venda, e mostra-lhe uma avenida esplêndida bordada de palácios, e cheia de ar e de luz, - diz-lhe: “Recebe isto, que é teu! folga e regala-te! teve um fim o teu aviltamento, e começa a ter o que todos os outros povos já têm: um pouco de decência na tua casa, e um pouco de ventura na tua vida!”

E o povo esfrega os olhos, belisca-se para verificar que está bem acordado, sacode-se, desmandibula-se de pasmo, começa a embebedar os olhos com aquelas maravilhas, e não acaba de perguntar a si mesmo se tudo aquilo é realmente seu, e se aquele paraíso não é uma cenografia de papelão e gaze, que o primeiro pé de vento vai esfarrapar e destruir. Assim ficou a Gata Borralheira quando entrou à cozinha a Fada Bondosa, e, com um golpe, de varinha mágica, lhe mudou os andrajos sórdidos em alfaías de seda e ouro.

Utilizando-se dessa saída, conferiu à crônica uma aura de singeleza e um tom moralizante próprios da literatura infantil. Ao representar simbolicamente o Rio de Janeiro através da alegoria da Gata Borralheira, Olavo Bilac propunha, disfarçado pela dose de fantasia, mecanismos empenhados na manipulação da opinião pública. A inauguração da abertura da Avenida Central, neste momento apenas um enorme canteiro de obras entulhado

²⁰³ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1905. p. 2, 2. col.

de escombros, transcenderia a realidade e passaria, aos olhos e às idéias persuasivas de Bilac, de simples construção urbana à manifestação extraordinária, ou melhor, o progresso da obra seria, na grandiosidade do poeta, um verdadeiro milagre:

Enquanto a Avenida estava atulhada de pedras e andaimes, com os seus palácios cobertos de tapumes, e cheia do formigueiro dos operários, ninguém a atravessava de ponta a ponta, ou sequer de quarteirão a quarteirão. A gente, passando pelas vielas transversais, dava à direita e à esquerda um olhar distraído, e ia andando o seu caminho, murmurando: “e não é que a Avenida progride?” – ou não murmurando coisa alguma, e nem fixado a atenção no milagre que ali se operava.

Outra característica interessante de se notar na alegoria criada por Bilac é propriamente a figura que serviu de motor para o texto. Ao optar pela imagem da Gata Borralheira, além de toda a carga plussignificativa e moralizante que pressupõe sua leitura, o texto em si, como pano de fundo, tem valor forte. Por se tratar de uma fábula infantil, a tendência persuasiva imposta por Bilac se amplificaria. Em regra geral, as fábulas seriam narrações de coisas imaginárias; seriam ficção breve em verso ou em prosa de cunho popular, comumente de caráter alegórico, destinada a ilustrar um preceito. Ao ter como possibilidade a manipulação de um preceito ou concepção abriu lacuna para, principalmente, a doutrinação, recurso esse disponível e importantíssimo no projeto em defesa das reformas urbanas defendido por Olavo Bilac.

A fábula, além de ser ambiente profícuo para alegoria, visto que esta joga com sentidos duplos e figurados, muito pertinentes a tal estilo textual, também é eficiente em promover a persuasão pretendida pelo cronista.

A nuance doutrinante se deu no momento em que Bilac, vendo a “cidade Gata Borralheira” renascida através da Avenida Central, notou o enriquecimento cultural decorrente do material:

E, pela Avenida em fora, acotovelando outros grupos, fui pensando na revolução moral e intelectual que se vai operar na população, em virtude da reforma material da cidade.

A melhor educação é a que entra pelos olhos. Bastou que, deste solo coberto de baiúcas e taperas, surgissem alguns palácios, para que imediatamente nas almas mais incultas brotasse de súbito a fina flor do bom gosto: olhos, que só haviam contemplado até então betesgas, compreenderam logo o que é arquitetura. Que não será, quando da velha cidade colonial, estupidamente conservada até agora como um pesadelo do passado, apenas restar a lembrança?

A urgência em relatar a realidade imediata, juntamente com opiniões críticas e abertamente pessoais, fez da crônica bilaquiana muito mais do que mera bandeira pelo progresso; fez dela um relato histórico do Rio de Janeiro e um diário pessoal e político de um personagem tão polifacetado como Olavo Bilac.

É verdade, sim! A Avenida já não é um sonho: e o povo já compreendeu que só o amam verdadeiramente aqueles que, em lugar de engambelá-lo com discursos, querem dar-lhe saúde e vida decente, dando-lhe uma capital moderna e esplêndida...²⁰⁴

E após avaliar, na crônica anterior, o progresso urbano decorrente da abertura da Avenida, o cronista continuaria incensando o Rio de Janeiro, lançando mão de nuances doutrinárias para difundir suas reflexões morais e persuasivas:

Amemos e sirvamos este canto da terra em que nascemos; não temos outra pátria, não temos outra mãe, não temos outra amiga. O nosso dever é limpá-la, é enfeitá-la; é fazê-la merecedora da admiração, e mesmo da inveja das outras pátrias; é livrá-la das pestes e das febres que a infamam e difamam; é, enfim, saneá-la e dignificá-la, - porque só assim taparemos a boca de quem nos decompõe...²⁰⁵

Fechos doutrinários, mensagens moralizantes e constantes imagens fantasiadas e ficcionais faziam parte do amplo leque de recursos discursivos manipulados por Olavo Bilac. Na sua cruzada em favor não só da conclusão da Avenida Central como de todas as construções, demolições, expropriações e, principalmente, procedimentos sanitários e de saneamento básico, tudo valia se pudesse, de algum modo, contribuir para o progresso econômico, político e consequentemente social, cultural e moral que de o Rio de Janeiro tanto carecia.

Assim como as imagens fantásticas, fantasiosas, ficcionais e alegóricas manipuladas por Bilac, também lhe era muito fácil, em sua produção, ver a cidade como organismo vivo. Visão de mundo comum no século XIX, e muito própria da estética naturalista, o método foi correntemente aproveitado pela estilística bilaquiana:

As cidades, que como nós são organismos vivos em constante evolução, também têm as suas crises; mas, dessas anamorfozes, tão frequentes como as nossas, cada um de nós só pode lembrar uma ou duas, tão espaçadas parecem elas, perdidas na imensidade do tempo de duração das metrópoles, devoradoras da vida de inúmeras gerações de homens.

²⁰⁴ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1903. p. 1, 7. col.

²⁰⁵ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1903. p. 1, 7. col.

Vamos morrendo e as cidades vão vivendo; uma doença que, em cada um de nós pode durar um ano, pode nelas durar um século; e felizes de todos nós, daqueles que vivem bastante para poder apreciar, em conjunto, uma dessas peripécias críticas na existência de uma vasta aglomeração humana...²⁰⁶

A crônica de fevereiro de 1908 retratava a opinião de Bilac sobre a tão esperada saída do velho Mercado Municipal do centro da cidade. Ao mesmo tempo em que, durante toda a crônica, louvou a desapropriação do decrepito edifício, satirizava, ou melhor, menosprezava também a nostalgia que tomou conta daqueles que, em sua opinião, eram os “mais aferrados ao Passado e à religião dos hábitos”, ou seja, o cronista escarnecia e tratava com desdém a tristeza que pesava sobre os mercadores tradicionais que, em muitos casos, preferiram fechar seu estabelecimento a ver o Mercado Municipal trocado de endereço. Contudo, a ambição progressista de Bilac pouco reparava na situação dos proprietários das bancas do velho mercado, a ele importava a consagração quase que total que representava a saída da velha construção que enfeava o novo centro carioca remodelado.

É importante salientar que para a decifração de dada alegoria é imprescindível que, através da leitura dela, possamos identificar por meio das metáforas o sentido mais profundo, oculto e verdadeiro que ela propõe, observando seu caráter moral intrínseco. Não obstante, numa alegoria, é necessário que o sentido alegórico procurado seja de imediata compreensão.

Esta especificidade chama a atenção no texto da *Gazeta de Notícias*. Bilac, mais uma vez, deu vida à cidade do Rio de Janeiro e foi através do expediente das personificações ou prosopopéias, muito próprio da alegoria, que o alcançou.

Porém, nesta crônica, a personificação da Capital Federal veio à luz de maneira mais contundente, pois o cronista, em momento algum, criou artifícios retóricos que viessem a dificultar a interpretação pelos leitores, mesmo porque é próprio da alegoria não fazer uso da ambigüidade ou da plurissignificação, sob pena de se perder a inferência moral procurada. A produção alegórica só é eficaz quando suas abstrações sugerem ao leitor a percepção imediata e fácil de seu verdadeiro sentido, e definitivamente, Olavo Bilac, na crônica comentada, respeitou rigidamente o conceito. Em tempo algum, desviou-se da objetividade na comparação que propõe à cidade.

²⁰⁶ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1908. p. 5, 3. col

É verdade que a Capital Federal foi vislumbrada através de metáforas, e vê-la como ser animado mostrou-se recurso alegórico pertinente na produção bilaquiana, porém, esta foi, sem sombra de dúvidas, a única crônica de toda a sua colaboração mais prolongada na *Gazeta de Notícias*, em que a cidade do Rio de Janeiro foi vista com tintas realistas tão objetivas. A tendência que se percebe ao ler o texto é algo como certa tentativa de explicação do autor, algum exercício de por às claras e sem rodeios sua opinião frente ao metabolismo urbano carioca, naquele tempo, tão movediço e transformador.

Seria doce e delicioso, à minha alma de carioca, o espetáculo da mudança, que na frase feliz da *Gazeta*, assinala “um momento histórico para a cidade”: e eu teria o raro prazer de assistir, em poucas horas, ao trabalho completo da metamorfose de uma feia lagarta numa linda borboleta.

Este excerto assinalou de maneira contundente a realidade da cidade no auge do turbilhão de modificações ocasionadas ainda no início da década de 1900. De modo geral, a afirmação de que a saída do velho mercado é “um momento histórico para a cidade” deixaria evidente que, de certo modo, para Bilac, finalmente sua missão foi cumprida. A metamorfose carioca se completaria, falsamente, com a desapropriação de um dos últimos redutos coloniais do centro da Cidade Velha. Na realidade, pouco disso é verdade. As obras realizadas desde o início da era Passos até meados da década seguinte, já sob comando de outro chefe municipal, foram grandiosas, entretanto, não foram nem concluídas tão rapidamente como deixaria crer Bilac, nem tampouco foram a total transformação da cidade. É fato que para muitos privilegiados o centro urbano remodelado foi fundamental para a eficiência do escoamento e comércio de mercadorias, mas, como já diversas vezes foi comentado, o maior contingente populacional, a população mais pobre, continuou na mediocridade de suas casinhas agora instaladas em algum subúrbio distante.

A metamorfose da feia lagarta numa linda borboleta faz sentido e se aplica ao Rio de Janeiro e ao movimento de “Regeneração”... principalmente aos olhos dos abastados leitores da *Gazeta de Notícias* e principalmente de Olavo Bilac.

2.5. Imagens Hiperbólicas: a grandiosidade carioca sob o olhar bilaquiano

As transformações na paisagem física e a tentativa de mutação da paisagem social do Rio de Janeiro no limiar do século XX fizeram da cidade o maior emblema visual da nova ordem política e cultural que se organizava com a República. Sobre o novo papel da

Capital Federal, comenta Nicolau Sevcenko, na obra *História da vida privada no Brasil*: “... esse papel de metrópole-modelo recai sem dúvida sobre o Rio de Janeiro, sede do governo, centro cultural, maior porto, maior cidade e cartão de visita do país...”.²⁰⁷

De modo geral, foram as crônicas publicadas no periodismo carioca desta época e a geração de intelectuais por elas responsáveis que legitimaram as variações da urbe em nome da higiene, do progresso, da beleza. Mais adiante, no mesmo texto, Sevcenko complementa sobre a intelectualidade do momento:

Nenhuma impressão marcou mais fortemente as gerações que viveram entre o final do século XIX e o início do XX do que a mudança vertiginosa dos cenários e dos comportamentos, sobretudo no âmbito das grandes cidades. O Rio passa a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito...²⁰⁸

Desde o início de seu trabalho, a salubridade e a profilaxia do Rio de Janeiro foram as bandeiras de Bilac. E para ver sua cidade querida melhorada e, ao menos, próxima daquilo que seria seu modelo de perfeição: Paris, tudo era válido, principalmente abusar das imagens imponentes e vigorosas para caracterizar ou mesmo criticar o Rio de Janeiro.

Ao lançar mão de imagens exageradas e amplificadas sobre a Capital Federal, Bilac não só pretendia enaltecer aquela terra, que de fato, a despeito de todas as mazelas, era extremamente exuberante e exótica, como igualmente desejava, utilizando desse recurso, chamar a atenção para o seu texto e sua mensagem. Representações que engrandecem de forma exagerada determinada paisagem, ser ou mesmo situação exposta, além de serem um mecanismo lingüístico eficiente para tornar o texto atraente à leitura, são principalmente um modo de se transmitir ao leitor a mensagem de maneira mais incisiva, em virtude da linguagem excessivamente densa e extremada.

Crônicas permeadas de representações hiperbólicas foram uma constante na produção bilaquiana. Com o intento de incentivar o público leitor da *Gazeta de Notícias* a refletir sobre os problemas da cidade ou ainda somente exagerar os benefícios promovidos pelas reformas urbanas, o poeta fez deste recurso lingüístico um aliado sólido durante sua jornada em prol do progresso e da civilização.

²⁰⁷ SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. v 3. p. 522

²⁰⁸ Ibid. p. 514 seq.

Em texto de julho de 1899, por ocasião da visita oficial da comitiva argentina, representada pelo presidente Roca, o cronista mostrava-se animado com a oportunidade de ver a Capital Federal com ares mais festivos, pois, de acordo com sua opinião, a cidade normalmente parecia “triste como um túmulo” devido a suas constantes epidemias e, sobretudo, à falta de saneamento. Bilac chegou a compará-la a uma casa constantemente fechada, desabitada e abandonada e com isso não se conformava, visto que o Rio de Janeiro, que sempre fora uma cidade rica em belezas naturais e, principalmente, abençoada por um clima quente e ensolarado, deveria atrair e não afastar os moradores e seus visitantes:

O Rio de Janeiro está, quase sempre, assim... Cidade macambúzia, cidade de dispépticos e de mesentéricos. Sebastianópolis parece estar sempre carregando o luto de uma grande catástrofe. Já alguém notou que o carioca anda sempre olhando para o chão, como quem procura o lugar em que há de cavar a própria sepultura. ²⁰⁹

Realmente as inflexíveis epidemias de febre amarela, tuberculose e peste bubônica assolavam fundamentalmente as camadas mais humildes da população, entretanto, Bilac fez um esboço altamente exorbitante do sentimento que assolava a cidade. Não afirmamos que tal exagero seja um equívoco, pois é de fácil confirmação que, no limiar do século XX, os surtos epidêmicos devastavam rotineiramente a população. Mas o cronista sabia disto, e não era sua intenção informar, através de sua produção, a humilhante condição sanitária carioca, mesmo porque os jornais diariamente traziam os óbitos causados pelas febres assassinas. Ao representar, através de hipérboles, a desordem urbana e a tristeza decorrente dela, o escritor tentava advertir os leitores, por meio do excesso de linguagem, para a precariedade da cidade e assim talvez convencê-los da necessidade urgente de medidas profiláticas. Apesar de verdadeiramente a cidade estar repleta de contaminados, Bilac engrandecia o real estado urbano ao usar vocábulos intensos como *mesentéricos* e *dispépticos* ao se referir aos doentes, e também relacionar a situação da Capital Federal a imagens de *caos* e *luto*. O cronista arrematou seu julgamento afirmando, mais uma vez, o porquê da constante amargura que assola o Rio de Janeiro:

E por que não és tu sempre assim, uma feira franca do riso e do pagode? Talvez porque o nosso temperamento seja realmente mais sujeito à melancolia do que à jovialidade? Não! há quem diga que a nossa tristeza depende exclusivamente da nossa imundície.

²⁰⁹ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1899. p. 1, 2. col.

Mais uma vez, ao deslocar para a falta de salubridade e para o descaso com a saúde pública todas as razões da agonia que acompanha os cariocas, Bilac criou uma idéia aumentada da situação em questão. Realmente eram necessárias medidas sanitárias no Rio de Janeiro, porém, seria a falta delas o principal motivo da aflição e tristeza do povo? E a população estaria, de fato, tão infeliz como pintava a crônica bilaquiana? É realmente difícil de acreditar que uma cidade inteira, conforme ditava Bilac, encontrava-se tão consternada por causa de sua aparência física e de sua limpeza que chegava a ter vergonha e melancolia tão exacerbadas.

Hipérbole é a disposição lingüística que tende à manifestação demasiada da natureza das coisas. O recurso, naturalmente, pode ser usado na tentativa de se manter um sentido persuasivo no texto devido a sua alta carga emotiva, decorrente das proposições exageradas que defende. Bilac, em crônica de 1900, recorreu novamente à linguagem hiperbólica para tocar o sentimento do leitor. Fazendo uma comparação escancarada entre o Rio de Janeiro e Buenos Aires, a crônica, indiretamente, intensificou os elogios aos nossos vizinhos de fronteira, enquanto fez colocações pouco lisonjeiras sobre nosso desenvolvimento.

Tu és filha amada da Natureza; para te fazer feliz, a Sorte quis abrigar-te à sombra do veludo verde das mais belas montanhas da terra, e estendeu aos teus pés o tapete ondulante das mais formosas águas e abriu sobre ti a glória fulgurante do mais lindo pedaço do firmamento. Para Buenos Aires, a Natureza foi uma seca e implacável madrastra: deixou-a como órfã, abandonada e triste na torturante melancolia de uma planície infinita, sem a sombra de um outeiro, sem a frescura de uma sebe verde, com os pés banhados na água lodosa de um rio escasso. E tudo quanto a deserdada hoje possui é obra da sua coragem, do seu desesperado esforço, do seu rude labor sem tréguas.²¹⁰

À primeira vista, percebemos forte apelo emotivo no texto. Bilac enaltecia nossa natureza exuberante em comparação com a aridez da região portenha. Entretanto, não era a intenção do cronista adular nossa sorte inata e riquezas naturais com seus comentários hiperbólicos. Na medida em que lemos o texto, percebemos que a realidade vista pelo poeta era outra. Ele queria, verdadeiramente, nos dizer que, apesar da pouca riqueza ambiental e escassos recursos naturais, Buenos Aires se fez uma grande capital, superando suas falhas e dificuldades; graças à coragem, ao trabalho e à determinação em se tornar grandiosa. Já cariocas, ao contrário dos argentinos, sempre tiveram à disposição todo o expediente natural

²¹⁰ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1900. p. 1, 1. col.

para que se tornassem civilizados e desenvolvidos, mas pouco disso aproveitavam. Nossas matas férteis, nossas águas abundantes e clima ideal pouco foram relevantes para melhorar nossa condição. Bilac deixava assim evidente nossa preguiça em melhorar a situação urbana, apesar de termos recebido generosamente um ambiente tão favorável ao trabalho e ao progresso:

Quando tu quiseses ser uma cidade decente, que assombro não serás, Sebastianópolis, respondendo com um pouco de trabalho à generosidade com que Deus te tratou?!

O que se mostrou mais interessante na intenção hiperbólica de Olavo Bilac é a imagem recorrente que ele usava para tornar mais decisiva a persuasão intentada. O cronista recorreu àquilo que temos de mais grandioso e reconhecido: nossa magnitude natural, para nos fazer ver que mesmo com tanto benefício gratuito nem assim conseguimos ser eficazes, civilizados e progredir. De fato, apesar de enaltecer nossas paisagens, a real finalidade de Bilac foi criticar o Rio de Janeiro, seu atraso urbano, descaso sanitário, e falta de amor ao que é nosso. Realmente tínhamos grandes recursos naturais, contudo, o poeta ainda assim os engrandecia para tornar mais evidente nossa apatia frente a tantas possibilidades de evolução.

Certamente o leitor percebia nas palavras de Olavo Bilac certo quinhão de extravagância - afinal, o escopo da mensagem hiperbólica não é a difusão de mera linguagem referencial, que busca a precisão e a objetividade, qualidades desejáveis num bom texto informativo – o que não é a crônica bilaquiana. A intenção da produção do escritor para a *Gazeta de Notícias*, muito mais do que noticiar determinado acontecimento, era comentar, muitas vezes subjetivamente, o cotidiano de sua cidade, e sempre que possível deixar indícios da necessidade de medidas profiláticas na melhoria da condição urbana e social da Capital Federal. Não obstante, a criação hiperbólica, como recurso de comunicação, por diversas vezes representou muito bem as intenções persuasivas de Bilac em prol da “Regeneração” carioca.

A intenção do cronista não era propriamente informar. Era antes exprimir um estado de alma, coisa que, em muitas situações, só se consegue com o desvio da linguagem usual e informativa. A hipérbole, quando manuseada por Bilac, constituía uma figura de linguagem com fortes tendências subjetivas e de convencimento. Em crônica de 1902, muito além do que apenas usar representações exageradas para persuadir o leitor, Bilac

recorreu à fantasia de um suposto sonho que lhe trouxe várias “revelações” acerca das necessidades urgentes na profilaxia carioca:

Eu, uma noite, sonhei que era prefeito municipal. [...] Sonhei que era prefeito e comecei a trabalhar.²¹¹

Com a intenção primeira de literalmente varrer do Rio de Janeiro a sujeira que se espalhava, tratou de contratar um sem número de trabalhadores para dar cabo de um dos principais flagelos cariocas, o lixo:

Logo, numa chusma inumerável, vieram os pretendentes, em multidão maior que a das estrelas do céu e que das areias do mar. E a todos que chegavam, sem distinção, eu perguntava: “Sabe o senhor varrer uma rua?” Porque toda a minha preocupação era esta: varrer a cidade! E assim que tive organizado o meu exército de varredores, disseminei-os pela vastíssima extensão da cidade, e o trabalho formidável começou.

Entretanto, muito mais do que tentar deixar sua cidade querida mais limpa, o poeta, em seu devaneio fantástico, percebeu que a poeira da Capital Federal era tão extraordinariamente farta que os homens contratados para exterminá-la morriam exauridos de cansaço:

Gastavam-se vassouras, morriam esfalfados os varredores; vinham vassouras novas, novos varredores chegavam, e cada vez havia mais lixo! e cada vez aparecia mais cisco! e era um nunca mais acabar de imundícies remexidas!

Deste modo, Bilac subitamente acordou e voltou à dura realidade. Seu sonho lhe mostrara quão duro poderia ser a vida de um prefeito; pouco apoio da população no combate à sujeira, distúrbios populares que impediam e dificultavam os trabalhos da municipalidade, críticas e perturbações que desviavam a atenção do poder executivo para a questão mais iminente do período:

E eu, desesperado, pedi a minha demissão e ... acordei.
Ah! ser prefeito não é cousa apetecível, decerto!

Várias interpretações podem ser extraídas deste texto. Primeiramente, é muito evidente o apelo emocional que a crônica provoca ao ser amparada pela fantasia e imagens oníricas produzidas pela imaginação bilaquiana. A ficção fantasiosa que o sonho

²¹¹ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 8 de junho de 1902. p. 1, 4. col.

representou por si só já, de certo modo, nos torna mais suscetíveis a aceitar a opinião exposta pelo autor durante o texto. Outra questão relevante foi a inserção de um todo hiperbólico, ou seja, neste texto não observamos apenas representações hiperbólicas isoladas, mas sim, notamos que, na passagem específica em que Bilac descreveu seu sonho, a narrativa inteira se configurou com nuances exageradas, imagens aumentadas e excessivas, como por exemplo, a sequência de hipérboles manuseadas durante toda a descrição do sonho: vocábulos como “inumerável”, “multidão” e “exército”, remetem à idéia de grandiosidade pretendida por Bilac para amplificar não só a quantidade de sujeira da cidade como também o caos provocado por ela. O uso do termo “desesperado”, além de configurar exagero, contém sentido agressivo. Por meio da expressão, o autor daria vazão ao seu sentimento de impotência, aborrecimento e revolta frente ao lixo que a cada dia mais se amontoava nas ruas cariocas.

Entretanto, além de amplificar o valor da poeira que assolava a cidade, o cronista também pretendeu algo mais no seu texto. Para Bilac, a Capital Federal vivia um período deprimente. O lixo acumulado, metonímia de todos os problemas estruturais e sanitários do Rio de Janeiro, através deste sonho hiperbólico, foi trazido à luz com ênfase marcante, além de que, disfarçado sob a máscara da fantasia e do delírio, o desleixo administrativo foi exposto sem amarras.

Ao abusar de metáforas, personificações e perspicazes comparações, Bilac não se comprometeria diretamente com o poder público ao qual, no entanto, sempre esteve associado. Sua engenhosidade permitiu-lhe criticar e satirizar o atraso do Rio de Janeiro sem se arriscar com os altos escalões republicanos, que lhe foram sempre fiéis. Bilac, alinhado ao poder e às elites da Regeneração, lançava mão de sua crítica mordaz ao retrocesso intelectual, urbano e moral da cidade e não aos seus governantes. Do militante combatente contra o florianismo, pouco sobrou em suas crônicas dominicais, mesmo porque o poder público, principalmente no limiar do século XX, acenou-lhe com uma possibilidade de ascensão social e com meios para divulgar os ideais de civismo que foram sempre latentes em sua obra. Entre outros cargos, Bilac foi secretário-geral da 3ª Conferência Pan-americana em 1906, secretário do Prefeito Pereira Passos em 1907, delegado do Brasil na 4ª Conferência Pan-americana em Buenos Aires em 1910, secretário-geral da Liga da Defesa Nacional em 1915 e Sócio da Academia de Ciências de Lisboa, com direito a banquete em sua homenagem, em 1916.

Na *Gazeta de Notícias*, Bilac muito mais do que criticar a inoperância do governo, do qual sempre foi próximo, usava seus textos para defender as reformas urbanas. Sobre a crônica de Olavo Bilac, comenta Affonso de Carvalho:

[...] Bilac não se limitou a tecer crônicas que tivessem a duração das rosas. O cronista foge à futilidade e, como namorado da cidade, a sua terra natal, faz da sua pena prestigiosa um elemento de oportuna e eficiente cooperação à obra que, então, vem [sic] sendo realizada pelo Prefeito Passos e Oswaldo Cruz.²¹²

Se o momento das grandes transformações físicas e sociais fez da cidade e, conseqüentemente, da República, símbolos da nova ordem social e cultural, a sonhada melhoria urbana, instigada pelas imagens parisienses, não foi somente valorizada pelos avanços estruturais que trariam para a consolidação do regime. Acompanhar o progresso europeu, sintetizado nas reformas parisienses, era um meio de tentar alinhar o Brasil aos padrões europeus, o que, para a sociedade dominante, significaria a civilização. E Bilac, patriota e participante da vida dessa coletividade restrita, aderiu ostensivamente a esse processo de aburguesamento decorrente do ânimo regenerador e civilizador que tomou conta das elites nacionais. Paris era o símbolo máximo para Bilac e seus companheiros de faina jornalística; adorar a Cidade Luz era um dos mecanismos essenciais para se idealizar a imaginada regeneração carioca. Em crônica de 17 de junho de 1904, escrita na França, e comparando as diferenças entre as margens do Rio Sena; à direita, marcada pela modernização; e a orla esquerda, em oposição, distinguida pela tranquilidade; Bilac elevou seu pensamento a Paris:

Paris é a margem direita, com seus palácios, com suas avenidas, com seus cafés refulgentes, com os seus hotéis luxuosos, com os teatros elegantes; Paris é o esplendor dos Campos Elíseos, é o luxo do *Bois*, é a *blague* de Montmartre, é o delírio e a festa perpétua dos *boulevards*, é a futilidade do prazer, é a prodigalidade dos que vêm esbanjar dinheiro nessa vasta Feira das Vaidades...²¹³

De qualquer modo, notamos, interligadas à exaltação de Paris, ao sonho da geração boêmia, a paixão pela sua cidade querida e a aspiração de vê-la, assim como a cidade-modelo francesa, urbanizada. A dualidade entre Paris e Rio de Janeiro na vida da intelectualidade do início do século fica clara na opinião de Nelson Líbero:

²¹² CARVALHO, Affonso de. *Bilac: o homem, o poeta, o patriota*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1942. p. 75.

²¹³ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17 de junho de 1904. p. 1, 7. col

Bilac pertenceu à geração de intelectuais de então, que se dizia possuidora de duas Pátrias: a pátria do nascimento que era a terra do coração e a pátria da inteligência, da cultura, do espírito sutil, da justa medida, da elegância, do bom gosto, da civilização, enfim, que era Paris.²¹⁴

A leitura dos textos bilaquianos da seção “Crônica”, entre março de 1897 e novembro de 1908, convence-nos de que a produção serviu para orientar o público no sentido de adesão ao sistema, e evidencia-nos um Bilac doutrinador, afinado com o modelo de intelectual a serviço do poder. Olavo Bilac foi, sem dúvida, um dos sustentáculos da euforia reformista que se apossou do poder público e das elites no limiar do século XX, e suas crônicas, incessantemente, trabalharam em prol desse furor que contagiou a intelectualidade do período. As crônicas fizeram-no tomar posições públicas e lançar olhares críticos sobre a sociedade do Rio de Janeiro: reformas e revoltas, modernidade e apego às tradições, beleza e sujeira, riqueza e submundo carioca conviviam em tenso duelo de forças. Bilac transformou as tensões da *Belle Époque* carioca em leveza através de suas crônicas; por vezes ficcionalizou o momento eufórico e trágico de uma nação que se queria nova e moderna, por vezes, figurou o cotidiano de uma população que se queria civilizada.

²¹⁴ LÍBERO, Nelson. *Olavo Bilac: o homem e o amigo*. Palestra feita em 11 de abril de 1960, no Museu de Arte de São Paulo. São Paulo: Anambi, 1960. p. 17.

Considerações Finais

A originalidade desse homem reside na sua sensibilidade extrema e sorridente, na sua impecabilidade, nessa doçura como que rítmica que harmoniza os seus períodos e o acompanha na vida. Bilac chegou a perfeição - é sagrado. Não há quem não o admire, não há quem não o louve. João do Rio in O Momento Literário.

Bilac fora um homem obstinado. Na juventude rebelou-se contra a família e contra a estabilidade que o futuro ofício da medicina poderia lhe propor para dedicar-se à sua grande paixão: a literatura. Depois da consagração como poeta com suas *Poesias* (1888), dedicou-se com afinco ao gênero que, juntamente ao verso, lhe traria muito mais do que louvores e fama; trar-lhe-ia o reconhecimento do público. A crônica foi o gênero literário que proporcionou a Bilac, através de colaboração nos grandes periódicos paulistas e cariocas do momento, o prestígio constante e diário tão raro em um país com escassez de leitores.

Interessante perceber que, através da observação atenta da colaboração bilaquiana nos mais variados periódicos, fica explícita como sua carreira de jornalista foi fortemente marcada pelos acontecimentos sociais, políticos e culturais que conturbaram a

nação. No auge da luta abolicionista, Bilac colaboraria na *Cidade do Rio*, jornal abertamente anti-escravocrata. O parnasiano também publicaria n' *O Combate*, em momento que tanto o jornal quanto Bilac não concordavam com os posicionamentos intransigentes do presidente Floriano Peixoto. E por fim, sua carreira como homem de jornal, já madura e livre dos furores juvenis, começava a se escassear quando a Revista *Kosmos* era a marca de um tempo de falsa alegria criada pelos propagandistas da nossa *Belle Époque*. A vida de jornalista de Bilac esteve, durante toda sua carreira, ligada intimamente aos acontecimentos mais marcantes da cidade que ele tanto adorava; e a *Gazeta de Notícias*, enfim, foi um dos mais representativos canais de divulgação dos pressupostos defendidos pelo poeta num momento em que, em sua visão, não importava mais contestar o poder público, mas sim, usar o forte alcance da *Gazeta* para fazer sua voz ser ouvida.

Substituindo Machado de Assis em 1897 na crônica dominical da *Gazeta de Notícias*, Olavo Bilac recebeu a gratidão por parte do jornal com o qual sempre sonhara e já flertara em rápidas e entrecortadas colaborações. Era enfim o apogeu de Bilac jornalista. Foi através desse palco privilegiado representado pela *Gazeta* que o poeta parnasiano pôde sagrar-se como um dos grandes nomes da crônica no limiar do século XX.

Bilac, ao assumir a responsabilidade pela crônica dominical, passou a atuar como um astuto observador da sociedade. Na realidade, seu espírito jocosos, irônico e satírico não tinha a amplitude do seu consagrado antecessor. Todavia, tinha o fluido ágil e espontâneo de um comentarista do cotidiano, mas já sem as juvenis ilusões políticas e libertárias de outrora.

O jovem cronista, que lutou pela causa abolicionista e republicana com determinação, alcançou a maturidade de jornalista muito mais moderado e livre dos ardorosos idealismos, muitas vezes frustrados, da mocidade. Ao assumir sua função no periódico carioca, Bilac estava pleno. O crítico ferrenho da monarquia havia adormecido, e o defensor da República já se mostrava, juntamente com outros tantos literatos que lutaram a favor da República, descrente com os novos rumos do sistema político.

A frustração pelos rumos da República não foi obstáculo para o jornalista; no entanto, se o ardor republicano havia esfriado, um novo projeto passaria a nortear os rumos da vida e da escrita bilaciana. Com a estabilidade política alcançada pelo governo Campos Sales, o Brasil estava pronto para modernizar-se e enterrar seu passado colonial, e o governo seguinte, de Rodrigues Alves, seria a alavanca para o progresso. Assim, o Rio de Janeiro, como capital política e cultural da nação, era o cenário ideal para a modernização

vindoura. Bilac desejava ver o epíteto criado e divulgado por Coelho Neto – Cidade Maravilhosa – tornar-se real. Para isso a *Gazeta de Notícias* seria o tablado ideal para difundir seus ideais cosmopolitas.

Através de sua coluna semanal no periódico, Bilac dedicou-se com paixão à reforma urbana e sanitária proposta pelo governo. Sua crônica dominical, foi, por centenas de vezes, palanque para Bilac demonstrar seu ufanismo latente. Obcecado pela limpeza, pelo saneamento e pelo embelezamento da sua urbe querida, Bilac cronista não poupou esforços e palavras de incentivo aos movimentos despóticos do governo em prol da profilaxia da antiga Capital Federal.

A pena bilaquiana, sempre ágil, criativa e bem convincente, lançava mão de recursos retóricos e estilísticos vários que, além de tornarem as criações domingueiras uma leitura informativa, também as faziam interessante e prazerosa. “Crônica” tinha como grande intento convencer seus leitores do ideal profilático para a Capital Federal; porém, não deixaria de levar aos muitos leitores, certamente, uma prosa agradável.

Bilac sonhou com um Rio de Janeiro cosmopolita; durante toda a sua carreira lutou pela salubridade física e moral de uma nação em processo formativo. A riqueza de sua produção para a *Gazeta de Notícias* deixa-nos evidente como a colaboração de renomados escritores nos diversos jornais da *Belle Époque* trouxe não só informação ou entretenimento barato, como também literatura de qualidade aos leitores.

A época vivida e recontada por Bilac em seus textos era de inquietações e cosmopolitismo. No limiar do século XX, a estabilidade econômica e os anseios por modernizações e evoluções tecnológicas que aportavam em terras brasileiras trouxeram a efervescência da cultura européia até nós. Era o momento claro e visível de nossa vertiginosa *Belle Époque*. Bilac, em forma de crônica, retratou, esmiuçou e ironizou cada um desses momentos que marcaram a transição do século XIX para o século XX. Atento à realidade e ansioso pelo futuro, Bilac cronista manteve sempre, através de sua participação semanal na *Gazeta de Notícias*, os olhos abertos sobre uma cidade ávida por novos tempos.

Ao iniciar este texto retratamos Bilac como obstinado. Empenhado primeiramente no rigor formal, lingüístico, sintático e métrico da escrita, sua poesia lhe trouxe respeito e reconhecimento literário. Ao aliar-se ao governo, a aparência, a salubridade e as reformas urbanas nortearam grandemente a então escrita jornalística do mestre parnasiano, que passou a identificar-se não apenas como poeta, mas, sobretudo, como um

homem da cidade, um cidadão empenhado na melhoria de sua capital, um porta-voz dedicado ao futuro civilizado com o qual sonhava.

É importante ressaltar, no entanto, a relevância com que a literatura desenvolvida nas folhas cariocas finisseculares visava realmente coadunar leituras prazerosas e tentativas de manipulação de opinião pública. Porém, é indispensável lembrar algo: mais importante, contudo, do que caracterizar Bilac como conservador, alienado, adulator ou subserviente, nossa intenção foi mostrar como a literatura bilaquiana marcou o período áureo de desenvolvimento da imprensa.

O posicionamento intransigente de Bilac pode gerar opiniões raivosas sobre o literato e não cabe a nós, afastados a um século da abertura da Avenida Central, o estandarte dos novos tempos republicanos, julgar suas opiniões ou posicionamentos políticos, ideológicos e civilizatórios; ou até mesmo tomar partido diante das mudanças ocasionadas pelos movimentos de Regeneração do prefeito Pereira Passos. Bilac foi personagem marcante da história política, social e cultural do país e mostrar a força da escritura de um literato que primeiro se fez poeta para, após a fama com versos, alcançar o Olimpo através de criações marcantes do periodismo nacional, nos faz ver como a literatura tem o poder de gerar opiniões, influenciar idéias e criar ilusões nos leitores.

Considerado, por muitos contemporâneos, elitista por sua tomada de posição, como bom republicano que sempre foi, Bilac se espelhava na remodelação parisiense para em seus textos apoiar ativamente os progressos urbanos defendidos pelo novo regime político. Entre tantas outras facetas da produção cronística de Olavo Bilac, podemos afirmar novamente ao ler a totalidade de sua colaboração mais extensa na *Gazeta de Notícias*: nota-se um trabalho de pesquisa ricamente desenvolvido pelo jornalista antes de sua escrita. Nas linhas de “Crônica”, encontra-se não apenas o relato da semana que se finda, mas há também, em muitas delas, seu desabafo pessoal, sua revolta ou sua satisfação perante algum acontecimento.

Diferentemente da maioria de crônicas comumente vistas nos periódicos, o trabalho de Bilac mostrava-se engenhoso não só pela variedade de temas e assuntos detalhadamente expostos em um único texto, como também na construção rica de um trabalho que facilmente ocupava três longas colunas da *Gazeta de Notícias* dominical.

A cidade carioca foi desnudada aos olhos de Bilac através de sua escrita incisiva, um tanto preconceituosa, mas sempre muito convicta, e algumas características

irrefutáveis a despeito do posicionamento do cronista nas transformações urbanas e sociais do Rio de Janeiro são nítidas quando lemos sua prosa. A clara tomada de posição de Bilac e certa repulsa pelo fazer cronístico são sempre notadas. Apesar de, em raros momentos, abdicar por alguns domingos de seu trabalho obrigatório (foram localizados exatamente quatorze períodos de ausências do cronista na publicação de seus textos semanais entre 1897 e 1908), que muitas vezes faz questão de confessar ser cansativo e maçante, podemos notar enfado pelo fazer cronístico, que por vezes deixa claro ser extenuante.

Para finalizar, nunca foi nossa meta julgar tomadas de partido ou posicionamentos de Olavo Bilac frente às reformas urbanas capitaneadas pela municipalidade carioca a partir de 1902. Seu conservadorismo, intransigência, preconceito e raivas opiniões acerca do anacronismo carioca não nos cabe julgar.

É fato evidente que Bilac, como homem público e cidadão apaixonado e fortemente envolvido com os problemas de sua urbe, rotineiramente deixava entrever, em seus textos, sua verve um tanto intransigente e insensível frente ao colapso urbano ocasionado às classes mais humildes durante o Bota-Abaixo. Sua opinião pessoal e seu partidarismo político ficam, por muitas vezes, explícitos em crônicas. Entretanto, julgar ou condenar alianças políticas e sua condescendência com um governo pouco preocupado com a carência da população não foi nem poderia ter sido nosso objetivo.

Na verdade, apenas nos propusemos a apresentar mecanismos retóricos utilizados por Bilac para se fazer ouvir e convencer em suas crônicas: paródia, clichês, ironia, alegorias e imagens hiperbólicas; estes foram alguns dos recursos recorrentes e mais significativos na leitura dos textos dominicais publicados sob a rubrica “Crônica”. Olavo Bilac tentou, através de suas crônicas, educar o carioca à sua maneira. Foi nossa meta mostrar suas artimanhas em prol do projeto cosmopolita carioca, independentemente de seu real alcance e conseqüências diretas à população. Pretendemos também demonstrar como a literatura de um poeta, - que, muitas vezes, principalmente em livros escolares, é apenas lembrado como um parnasiano engessado pela forma e beleza do verso, - nos faz perceber como a literatura pode propor uma discussão que vai além do mero entretenimento.



REFERÊNCIAS

- AMARAL, Amadeu. *O elogio da mediocridade: estudos e notas de literatura*. São Paulo: HUCITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.
- _____. Um soneto de Bilac. Conferência realizada em Jaú, no Jaú Clube, em 25/08/1920. In: _____. *Ensaaios e conferências*. São Paulo: HUCITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976. p. 41-65.
- _____. Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. In: _____. *Ensaaios e conferências*. HUCITEC/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do estado de São Paulo: São Paulo, 1976. p. 3-38.
- AMORA, Antonio Soares. *História da Literatura Brasileira* (Séculos XVI-XX). São Paulo: Ática, 1961.
- ANTELO, Raúl. *Literatura em revista*. São Paulo: Ática, 1984. (ensaaios, 105).
- ARINOS, Afonso. *Rodrigues Alves: apogeu e declínio do presidencialismo*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001.
- _____. Olavo Bilac. In: _____. *Idéia e tempo: crônica e crítica*. São Paulo: Cultura Moderna, 1939. p. 5-17.
- ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmento sobre a crônica. In: _____. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p. 51-66.
- ARROYO, Leonardo. *Olavo Bilac*. 2 ed. revista e ampliada. São Paulo: Melhoramentos, 1952.
- AVERBUCK, Lígia (org.). *Literatura em tempo de cultura de massa*. São Paulo: Nobel, 1984.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. 4 ed.rev. e aum. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. *Jornalismo, informação, comunicação*. São Paulo: Livraria Martins, s/d.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes; Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1990.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. (obras escolhidas, v. III).
- _____. Paris, capital do século XIX. In: KOTHE, Flávio R. (Org.) & FERNANDES, Florestan (Coord.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1985 (Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 50). p. 30-43.
- BILAC, Olavo. *Ironia e piedade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1921.

_____. *Poesias*. 28 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1964.

_____. *Conferências Literárias*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1912.

_____. *Últimas conferências e discursos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1924.

BOSI, Alfredo. *O pré-modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1966.

BOSI, Ecléia. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRADLEY, Duane. *A imprensa: sua importância na democracia*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.

BRAYNER, Sonia. Machado de Assis: um cronista de quatro décadas. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 407-417.

BRITO, Mário da Silva. *Diário Intemporal*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970.

_____. *História do modernismo brasileiro*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. vol. 1 – Antecedentes da Semana de Arte Moderna.

BROCA, Brito. O noivado de Bilac. In: _____. *Pontos de referência*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura [1962]. p. 69-73.

_____. *A vida literária no Brasil – 1900*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975 (Documentos Brasileiros, v 108).

_____. *Naturalistas, parnasianos e decadentistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

_____. O anônimo e o pseudônimo na Literatura Brasileira. In: _____. *Horas de Leitura*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.

CAMINHA, Adolpho. Poeta e cronista. In: _____. *Cartas literárias*. Rio de Janeiro: Aldina, 1895. p. 185-192.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

_____. A vida em resumo. In: _____. *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992. p. 137-143.

_____. Radicais de ocasião. In: _____. *Teresina etc.* 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1980. p. 77-86.

_____. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CARDOSO, Marília Rothier. Moda da crônica: frívola e cruel. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p.137-151.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

_____. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

CARVALHO, Affonso de. *Bilac: o homem, o poeta, o patriota*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1942.

CAVALCANTI, Oscar Macedo de Hollanda. *O artista da forma e da beleza: estudos sobre a vida e obra de Olavo Bilac*. Porto Alegre: Oficinas gráficas da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1925.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

_____. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

CITELI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 1985.

COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república*. 7 ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

COSTA, José Fernandes. *Elogio Acadêmico de Olavo Bilac*. Lisboa: Livraria Aillaud e Bertrand, 1919.

COUTINHO, Afrânio (dir.). *A literatura no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1968. v. 6.

COUTINHO, Afrânio. Prefácio da Primeira Edição. In: COUTINHO, Afrânio (dir.). *A literatura no Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF, 1986. v. 1. p. 4-59.

_____. Prefácio da Segunda Edição. In: COUTINHO, Afrânio (dir.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1968. v. 1. p. XI-LXI.

COUTINHO, Afrânio & SOUSA, José Galante de (dir.). *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2 ed.rev. ampl., atual. e il. sob a coordenação de Graça Coutinho e Rita Moutinho. São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional: Academia Brasileira de Letras, 2001. 2 vol.

CRULS, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro: notícia histórica e descritiva da cidade*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1949. (coleção Documentos Brasileiros).

DEL BRENNNA, Giovanna Rosso (org.). *O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II*. Rio de Janeiro: Index, 1985.

DIMAS, Antonio (org.). Introdução. In: BILAC, Olavo. *Vossa Insolência: Crônicas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 09-19.

_____. *Bilac, o jornalista*. Tese de Livre Docência. São Paulo: FFLCH da Universidade de São Paulo, 2000.

_____. *Bilac, o jornalista*. São Paulo: EDUSP, 2006. 3 vol.

_____. *Tempos eufóricos* (análise da revista *Kosmos*: 1904-1909). São Paulo: Ática, 1983.

_____. Ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo. In: *LITTERA*: Revista para professor de português e de literaturas de língua portuguesa. Ano IV nº 12 – Setembro/Dezembro-1974. Rio de Janeiro: Grifo Edições, 1974. p.46-51.

DINES, Alberto. *O papel do jornal: tendências da comunicação e do jornalismo no mundo em crise*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1974.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. 2 ed. ilustrada. Rio de Janeiro: Conquista 1957. 5 vol.

ELTON, Elmo. *O noivado de Bilac* (com a correspondência inédita do poeta à sua noiva D. Amélia de Oliveira). Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1954.

FONTES, Martins. Olavo Bilac, poeta cômico. In: _____. *O colar partido*. Santos: B. Barros, 1927. p. 181-259.

FORTUNA, Felipe. Quando Bilac fez rir. In: _____. *A escola da sedução: ensaios sobre a poesia brasileira*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1991. p. 09-21.

FREIRE, Américo. *Uma capital para a República: poder federal e forças políticas locais no Rio de Janeiro na virada para o século XX*. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

GOLDSTEIN, Norma (org.). *Olavo Bilac*. Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico. São Paulo: Abril Educação, 1980.

GOMES, Eugenio. A propósito de um soneto de Bilac. In: _____. *Prata da casa: ensaios de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Editora A noite, 1953. p. 61-64.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, as cidades: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GOMES, Sônia de Conti. *Bibliotecas e sociedade na Primeira República*. São Paulo: Livraria pioneira, s/d.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

GUERRA, Álvaro. Olavo Bilac. In: _____. *Introdução ao estudo literário*. Contendo a biografia e estudo crítico dos mais notáveis literatos brasileiros representativos de sua época. São Paulo: Melhoramentos, s/d. p. 163-177.

HARDOY, Jorge Henrique (Dir.). *La urbanización en América Latina*. Buenos Aires: Editorial del Instituto, 1969.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia* [A theory of parody]. Ensinaamentos das formas de Arte do século XX. Trad. de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Ed. 70, 1989.

JAGUARIBE, Beatriz. *Fins de século: cidade e cultura no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

JORGE, Fernando. *Vida e obra de Olavo Bilac*. Introdução de Menotti Del Picchia. São Paulo: Editora Mc Graw-Hell do Brasil, 1977.

LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola*. Bilac e a literatura na República Velha. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LÍBERO, Nelson. *Olavo Bilac: o homem e o amigo*. Palestra feita em 11 de abril de 1960, no Museu de Arte de São Paulo. São Paulo: Anhambi, 1960.

LIMA, Alceu Amoroso. *Olavo Bilac: Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1959 (nossos clássicos, 2).

_____. Olavo Bilac. In: _____. *Primeiros estudos*. Rio de Janeiro: AGIR, 1948. p. 81-92. (obras completas, 1).

_____. *O jornalismo como gênero literário*. São Paulo: Edusp, 1990.

LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1969.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *História do Rio de Janeiro* (do capital comercial ao capital industrial e financeiro). Rio de Janeiro: IBMEC, 1978. 2 v.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Memórias da Rua do Ouvidor*. Prefácio e notas de Jamil A. Haddad. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1952.

MACHADO NETO, Antônio Luís. *Estrutura social da República das Letras* (Sociologia da vida intelectual brasileira – 1870-1930). São Paulo: Editora da USP, Editorial Grijalbo, 1973.

_____. *Da vigência intelectual: um estudo de sociologia das idéias*. São Paulo: Grijalbo, 1968.

MAGALHÃES JR., Raymundo. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1974.

MANHEIM, Karl. *Sociologia da cultura*. Trad. Roberto Gambini. São Paulo: Perspectiva; Editora da USP, 1974.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1978. v. 4 (1877-1896).

MARTINS, Luís. *João do Rio: uma antologia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, s/d.

MELO, José Marques de. Implantação da imprensa no Brasil. In: _____. *Sociologia da imprensa brasileira – A implantação*. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 84-151.

MENEZES, Raimundo. *Emílio de Menezes – o último boêmio*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

_____. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 93-133.

MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha* (estudo clínico dos anatinos). São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

MILLIET, Sérgio. *Diário Crítico de Sérgio Milliet*. 2 ed. Introdução de Antonio Candido. São Paulo: Martins Editora, 1981. v 2 – 1944.

MOISÉS, Massaud. A crônica. In: _____. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix, 1982.

MONTALEGRE, Duarte de. *Ensaio sobre o parnasianismo brasileiro – seguido de uma breve antologia*. Coimbra: Coimbra Editora, 1945.

MONTEIRO, Mario. *Bilac e Portugal*. Lisboa: Agência Editorial Brasileira, 1936.

NEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. [A tropical Belle Époque: elite culture and society in turn-of-the-century Rio de Janeiro]. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

NEVES, Fernão. *A Academia Brasileira de Letras: notas e documentos para a sua história* (1896-1940). Prefácio de Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1940.

NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 75-92.

NÓBREGA, Humberto Galeano de. *Olavo Bilac*. Rio de Janeiro: Co-editora Brasília, 1939.

OLIVEIRA, Ana Luiza M. Camargo de. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República* (1890-1922). Tese apresentada ao Departamento de História da FFLCH da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1997.

PACHECO, João. O realismo (1870-1900). In: _____. *A literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, s/d. (Roteiro das grandes leituras, v. 3).

PAES, José Paulo. O art-nouveau na literatura brasileira. In: _____. *Gregos e baianos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 64-80.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. 2 ed. Porto Alegre: editora Universidade/UFRS, 2002.

PONTES, Eloy. *A vida exuberante de Olavo Bilac*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944. 2 vol.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890-1930)*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

REIS, Antonio Simões dos. *Pseudônimos brasileiros: pequenos verbetes para um dicionário*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1941. (cinco séries).

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Departamento Nacional do Livro, 1994.

RIVAS, Pierre. *Encontro entre literaturas: França – Portugal – Brasil*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1995.

RODRIGUES LAPA, M. *Estilística da Língua Portuguesa*. 10 ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1979.

RONCARI, Luiz. A estampa da rotativa na crônica literária. *Boletim Bibliográfico*. Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v. 46, p. 09-16, jan. – dez. 1985.

SÁ, Jorge. *A crônica*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987. (série Princípios).

SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. v 3.

_____. *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Editora Scipione, 1993 (coleção História em aberto).

_____. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

SILVA, Hélio. *A República não esperou o amanhecer*. Ed. ilustrada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

_____. *O primeiro século da República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

SIMÕES JR., Alvaro S. *A sátira do Parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904*. Assis, 2001. Tese (Doutorado em Letras). FCL, UNESP.

_____. *Bilac em versos menores: estudo crítico e histórico dos versos humorísticos de Olavo Bilac publicados na seção “O Filhote” da Gazeta de Notícias – 02 de agosto de 1896 – 28 de maio de 1897*. Dissertação de Mestrado. Assis: FCL da UNESP, 1995.

_____. A contribuição de Bilac para a crônica brasileira. *O eixo e a roda*. Belo Horizonte, v 9/10, p. 239-250, 2004.

_____. Do cárcere ao exílio: percalços do cronista Bilac (1892-1894). In: *Estudos de literatura comparada*. Assis: FCL-Assis-UNESP-Publicações, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

SOUSA, J. Galante de. *Machado de Assis e outros estudos*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1897.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. *Imagens Literárias Urbanas: Machado de Assis e Lima Barreto, o Rio de Janeiro escrito a quatro mãos*. Tese (Doutorado em Letras). Assis: FCL da UNESP, 2005.

CLARA MIGUEL ASPERTI

BILAC E A REURBANIZAÇÃO DO RIO DE JANEIRO:

Estudo da “Crônica” dominical da Gazeta de Notícias (1897-1908)

Volume II

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social.

Orientador: Dr. Alvaro Santos Simões Jr.

ASSIS

2007

SUMÁRIO

Introdução.....	06
16 de maio de 1897.....	08
3 de outubro de 1897.....	10
3 de julho de 1898.....	13
10 de julho de 1898.....	15
2 de outubro de 1898.....	17
15 de janeiro de 1899.....	20
22 de janeiro de 1899.....	22
18 de junho de 1899.....	27
9 de julho de 1899.....	30
30 de julho de 1899.....	33
13 de maio de 1900.....	35
27 de maio de 1900.....	38
7 de outubro de 1900.....	40
18 de novembro de 1900.....	43
3 de março de 1901.....	46
23 de junho de 1901.....	49
1 de setembro de 1901.....	53
5 de janeiro de 1902.....	55
23 de fevereiro de 1902.....	59
23 de março de 1902.....	62
20 de abril de 1902.....	65
25 de maio de 1902.....	67

8 de junho de 1902.....	71
22 de junho de 1902.....	73
17 de agosto de 1902.....	76
16 de novembro de 1902.....	78
28 de dezembro de 1902.....	81
4 de janeiro de 1903.....	83
25 de janeiro de 1903.....	86
1 de março de 1903.....	89
29 de março de 1903.....	92
19 de abril de 1903.....	96
21 de junho de 1903.....	100
23 de agosto de 1903.....	103
20 de setembro de 1903.....	107
27 de setembro de 1903.....	111
11 de outubro de 1903.....	115
6 de dezembro de 1903.....	119
13 de dezembro de 1903.....	123
20 de dezembro de 1903.....	126
13 de março de 1904.....	130
10 de abril de 1904.....	133
8 de junho de 1904.....	135
30 de outubro de 1904.....	138
13 de novembro de 1904.....	141
20 de novembro de 1904.....	144
15 de janeiro de 1905.....	148

22 de janeiro de 1905.....	151
18 de junho de 1905.....	154
25 de junho de 1905.....	157
13 de agosto de 1905.....	159
27 de agosto de 1905.....	162
17 de setembro de 1905.....	165
5 de novembro de 1905.....	168
19 de novembro de 1905.....	171
20 de maio de 1906.....	174
17 de junho de 1906.....	177
29 de julho de 1906.....	180
16 de fevereiro de 1908.....	183
5 de abril de 1908.....	187

Anexo

Nota Explicativa

A seguir, encontram-se transcritas crônicas de Olavo Bilac publicadas na seção dominical “Crônica”, da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, entre 1897 e 1908. O poeta parnasiano assume o posto que, entre 1892 e 1897, era ocupado por Machado de Assis e sua coluna “A semana”,¹ a partir de março de 1897.

Os textos aqui selecionados se referem à temática proposta pelo trabalho: fazem parte desta coletânea apenas crônicas claramente alusivas à modernização urbana orquestrada pelo prefeito Pereira Passos e seus auxiliares na então capital federal, Rio de Janeiro.

É de fácil percepção, através de leitura do material selecionado, que as vastas produções bilacianas retratam diversos assuntos em um só texto. Porém, para uniformizar nossa seleção, optamos apenas por coletar aqueles textos que fazem menção direta ao Bota-Abaixo carioca ou àqueles que em grande parte do texto apresenta essa temática.

As crônicas estão distribuídas de forma cronológica, sendo individualmente seguidas por referência bibliográfica completa de sua apresentação no periódico.²

Durante grande parte do tempo em que escreveu semanalmente para a *Gazeta*, Olavo Bilac simplesmente não assinava seus textos. Nestes casos, optamos por assinar, ao final dos textos, abreviadamente “s.a.”, ou seja, sem assinatura. Mesmo sabendo, através de menções elucidativas do próprio jornal, que os textos são de autoria do poeta parnasiano, acreditamos que a transcrição fidedigna da coluna bilaciana seja mais coerente. Nas crônicas, quando o autor passa a utilizar como assinatura suas iniciais,³ do mesmo modo também procedemos nas transcrições.

¹ Em crônica de despedida, Machado de Assis desabafou: “Se Deus descansou um dia, depois de seis dias de trabalho, força é que eu descanse algum tempo depois de uma obra de anos. Há cerca de cinco anos vos digo aqui ao domingo o que me passa pela cabeça, a propósito da semana finda, e até sem nenhum propósito. Parece tempo de repousar o meu tanto”. ASSIS, Machado. A Semana. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1897. p. 1, 1 col.

² Vale ressaltar que, de modo geral, a coluna “Crônica” aparecia no centro da primeira página da *Gazeta de Notícias*. No entanto, a partir de janeiro de 1904, há certa instabilidade em sua fixação exata no periódico, chegando a ser localizada entre as páginas 1 e 2, nos rodapés da primeira página e até mesmo na página 5.

³ A partir da crônica de 21 de junho de 1903, Olavo Bilac passa a rubricar suas produções através das iniciais O. B.

Toda a pesquisa foi feita baseada na leitura e reprodução de microfilmes.⁴ Todavia, o material reproduzido data, aproximadamente, de um século, por isso, parte dele se encontra deteriorada e ilegível. Entretanto, na medida do possível, a íntegra dos textos foi alcançada; quando não, utilizamos asteriscos entre colchetes para indicar as partes ilegíveis.

Em sua totalidade, os destaques gráficos dos textos foram respeitados, como, por exemplo, a utilização de termos em *itálico*.

Além disso, citações literárias, termos em línguas estrangeiras e demais vocábulos estranhos ao nosso cotidiano atual foram mantidos. Porém, atualizações ortográficas foram feitas com o intuito de tornar mais acessível a todos a leitura do material, tomando-se, no entanto, o cuidado de não descaracterizar o texto. De modo geral, buscou-se a uniformidade da coletânea e a manutenção da fidelidade ao texto originalmente publicado na *Gazeta de Notícias*.

Bilac publicou aproximadamente cerca de 500 crônicas⁵ durante esta participação mais prolongada na *Gazeta*. De todo este vasto material, selecionamos, de modo criterioso, sessenta textos. Acreditamos que este montante represente de forma mais significativa e objetiva a posição do cronista frente ao movimento de reurbanização do Rio de Janeiro.

⁴ Toda a pesquisa feita na *Gazeta de Notícias* para o levantamento e leitura das crônicas de Olavo Bilac foi realizada através de leitura e reprodução de microfilmes gentilmente cedidos pelo Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), órgão pertencente à Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis).

⁵ Olavo Bilac, durante sua colaboração fixa e mais prolongada na *Gazeta de Notícias*, permaneceu exatas 560 semanas (entre 7 de março de 1897 e 1 de novembro de 1908) na função de principal cronista dominical. Porém durante esse mesmo tempo, Bilac se ausentou, por motivos de saúde ou viagens, 14 semanas, período este em que não localizamos sua publicação no domingo. Sendo assim, perfizeram 546 crônicas publicadas durante a estabilidade de Bilac na *Gazeta de Notícias*.

Crônica

Ora, eis aqui está, extraída de um evangelho que pela Graça Divina foi revelado ao cronista, a narração fiel do que se deu no dia em que o palácio do Itamaraty se cobriu de flores, e se arreiou de galas, e se inflamou de luzes, para receber os chilenos:

Há quem diga que Deus só fez aquela inundação para dar ao Rio de Janeiro mais uma ocasião de honrar os seus hóspedes, - porque festa de gente do mar, oferecida a gente do mar, tinha naturalmente de ser uma festa de água. Há também quem diga que... Não! não queremos pôr em letra de forma essa versão maligna: mesmo porque, neste fim de século prático e positivo; já não pode haver quem creia em *jettatores* e *jettaturas*. Abstenhamo-nos de suposições irônicas e admitamos, como única versão aceitável, esta que o cronista recebeu da Revelação Divina:

Gênesis, Caps. VI, VII, VIII, -I, E aconteceu que Jeová, já que farte aborrecido da porcaria da Capital Federal, chamou a si um Anjo, dos que fazem a Polícia das Esferas, e lhe disse: “Dize-me tu que horrível cheiro é este que desde a face torpe da Terra sobe ao meu Divino Olfato!”

2.- E o Anjo, tapando o seu celeste nariz, falou: Senhor! aquilo vem da decomposição das cousas e um pouco também da decomposição dos homens;

3.- Nos caminhos da Terra, Senhor, o lixo se amontoa de modo tal que a vossa mísera criatura não pode dar um passo sem tropeçar em um cachorro morto;

4.- E nas almas das míseras criaturas vossas também se amontoa e cresce o lixo da incúria, e da preguiça, e do relaxamento;

5.- Saberá, porém, vossa Divina Majestade que não é na Terra toda que impera tão grande imundície: “tão grande imundície impera apenas naquela Capital Federal, em que Werneck plantou o seu fórceps de comando!”

6.- E o Senhor indagou: “Mas que faz Werneck que não manda queimar os lixos das ruas?” E o Anjo retorquiu: “Werneck vai partir para o Prata.” E o Senhor: “A estudar higiene?” E o Anjo: “A estudar tiro ao alvo, Senhor! a deslumbrar os argentinos com a precisão do seu olho e com a firmeza do seu pulso e com a calma do seu cálculo. De modo que não poderá vossa Divina Majestade contar com ele para que cesse o horrível cheiro que sobe desde a Terra...”

7.- E, então, Jeová disse: “Ah! ele disse; pois abram-se todas as fontes do grande abismo e rompam-se todas as janelas do céu, já que a face da Terra está corrompida diante da face de Deus!”

8.- O Anjo, porém, solicitadamente, lembrou: “Bom será, Senhor, para que toda a Humanidade da Capital Federal não pereça, que escolhais um justo, como outrora escolhestes Noé, pai de Sem, de Cham e de Jafet, e que também o mandeis meter em uma arca de madeira de Gophr, toda betumada por dentro e por fora;

9.- Pois, se assim não for, a vida desertará a face da Terra!

10.- Mas Jeová, com aquele bondoso e largo riso que somente é seu, tranqüilizou o Anjo: “Por que cuidas que eu queira castigar o Homem? o que eu quero é só lavar a Capital Federal; o Homem já não é suscetível de emenda, e o melhor é deixá-lo ir como vai, com muita preguiça e grande falta de vergonha!”

11.- Disse, e estendeu a mão: e, logo romperam-se todas as fontes do grande abismo e abriram-se todas as janelas do céu;

12.- E assim foi que no ano seis mil e trinta e cinco da Criação, no undécimo dia do quinto mês, na hora nona da tarde, as águas do novo dilúvio vieram sobre a Terra;

13.- E multiplicaram-se grandemente as águas, e grandissimamente prevaleceram sobre a terra; de modo que as mais altas canelas de homens ficaram mergulhadas nelas, e não houve burro de carroça que pudesse beber sem ter de abaixar a cabeça;

14.- Todos os homens que se dirigiam, entre a porcaria das ruas, para um grande baile que ia haver, se tornarem em peixes, e se puseram a nadar, arriando-se das abas das casacas como das barbatanas; e todas as mulheres, enfunando as saias, à feição de velas pandas, se tornaram em naus, e se puseram a navegar no oceano revolto que inundava a cidade;

15.- E Aquele que governava a cidade acima de Werneck, Aquele que não gosta da imprensa, Aquele que num dia de glória suprema nasceu em Piracicaba – foi para o baile como um verdadeiro Doge de Veneza, dentro de uma *landau* que parecia uma gôndola, puxado por cavalos que pareciam tritões; - e pela primeira vez fez uma viagem sem dormir, tão grande terror lhe infundia o ronco das cachoeiras espadanantes;

16.- E o seu querido *Fac-Totum*, esfregando as mãos de puro contentamento, calculava (nadando em júbilo enquanto os outros nadavam em lama) que com o dilúvio pouco gente iria à festa: e, assim, as iguarias e as bebidas, revendidas, engrossariam a importância das economias do governo;

17.- E foi essa a primeira festa da terra, em que os convidados já entravam na chuva; e os *bonds* nadavam como baleias; e os carros flutuavam como cações; e os tálburis oscilavam como tartarugas; e todo o mundo pensava que tinha chegado a última noite da terra;

18.- E quinze côvados arriba continuaram a prevalecer as águas; e, quando o sol nasceu o próprio sol ficou espantado...

19.- Ora, enquanto a gente toda se desesperava, o prefeito municipal, aquele mesmo Werneck de que falava o Anjo do Senhor, - de pé, sobre a eminência em que está a sua casa, mirava as águas e encolhia os ombros;

20.- E dizia: “Bem te compreendo eu a ti, Senhor Soberano das Esferas! Bem vejo, nestas catadupas que caem desde o teu trono até as ruas que com o meu fórceps governo, o propósito em que estás de contrariar a minha administração!”

21.- “Queres lavar a cidade que com tanto sacrifício conservo suja! Mas veremos quem há de rir por último, Alto e Soberano Senhor das Águas!”

22.- E, de fato, quando o nível das águas baixou, não foi Jeová quem riu por último: porque a cidade ainda ficou mais suja do que d’antes;

23.- Porque os bueiros estavam entupidos, e não deixavam passar as águas; porque a areia e a terra, amassadas em lodo, apodreceram ao sol, sem achar quem as quisesse remover: porque, mais forte do que nunca, o horrível cheiro da decomposição das cousas e dos homens continuou a subir desde a face da terra até a face do Senhor;

24.- E o Senhor, desesperado, não achando mais uma idéia salvadora, disse: “Viva cada bácoro no seu chiqueiro!”

25.- E, mandando buscar um frasco de ácido fênico, mergulhou dentro dele o seu divino Nariz...”

Isso foi que a graça de Deus revelou ao cronista. Verdade? mentira? – como crer é sempre muito mais cômodo do que não crer, fiquemos na crença e vistamos a casaca para ir ao baile de Botafogo.

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 16 maio 1897. p. 1, 1. col.]

Crônica

A vida é uma vasta sucessão de quedas. Todos caem e tudo cai. Os homens hão de também cair, como as folhas secas e como as casas velhas: e até mesmo o Sr. ministro do interior e da justiça, depois de haver caído no desagrado de um lente da clínica obstétrica e ginecológica, ainda caiu do seu carro, anteontem, no Catete, quando passava em frente à rua de Santo Amaro. Dizem as folhas que o carro de S. Excia., tendo uma das rodas metidas num buraco, não conseguiu safar-se do alçapão, e desmantelou-se todo. Também aqui há tempos o

carro do Sr. prefeito municipal se precipitou num buraco do largo da Lapa: e, menos feliz que o ministro, o prefeito foi redondamente ao chão, escoriando ligeiramente um centímetro quadrado do seu respeitável e prefetural nariz.

Se estivéssemos em Roma, naqueles tempos supersticiosos da República, não faltariam algures que dessem a essas duas quedas alguma significação política. Mas, não! esses dous tombos querem dizer apenas que a cidade está cheia de buracos: e, sendo assim, não é de todo mau que as vítimas das ciladas do calçamento traiçoeiro sejam principalmente as autoridades, ou, pelo menos, as carruagens em que S.S. Exas. se dignam a aparecer aos mortais na irradiação da sua glória administrativa.

E, a propósito de quedas, veja-se esta notícia do grave *Jornal do Comércio*: “Mais uma casa a cair de velha, como a do *Café Cascata*: é a casa da rua General Câmara, esquina da do Núncio, onde funcionam a Prefeitura e a Diretoria de Obras Públicas do Distrito Federal. Sendo o gabinete de prefeito o mais ameaçado, o Sr. Dr. Furquim Werneck já está de mudança: e a Diretoria de Obras Públicas também já se dispõe a ir arrumar algures os seus planos de melhoramentos na cidade.”

Quando o cronista leu estas linhas sinistras, não resistiu à tentação de ir observar o palacete da Prefeitura.

Foi, e viu, de fato, a parede do lado da rua do Núncio miseravelmente rachada, entreaberta num riso pejado de sarcasmo e ameaça. Oh! quem resistiria à mágoa da contemplação daquele espetáculo?!... Mário, o melancólico, sentado sob o céu de África, nas ruínas da maravilhosa cidade de Salambô, e o triste Volney, chorando lágrimas amargas sobre os destroços da bela Palmira, não sofreram tanto, com certeza, como este impressionável plumitivo, - posto à porta de uma venda da rua do Núncio, levantando o nariz para o céu, e examinando com o seu pince-nez grau 5 aquela boca de morte e ironia, aberta na parede da Prefeitura, desfazendo-se em calça velha e em barro esfarelado...

Eram duas horas e a tarde estava bela. Dentro da venda, homens do povo, descuidados e felizes, libavam a sua pinga, com muita secura na garganta e muita tranqüilidade na alma. Pela rua passa gente atarefada, sem olhar para cima, sem ver aquela espantosa desgraça. À porta da Prefeitura estava parado o carro do Sr. Prefeito: o cocheiro cochilava e os muares meditavam com filosofia. E o cronista, olhando a parede rachada, sentia que a alma também se lhe rachava de susto e dor.

Com que então nada mais falta! Rachada a Prefeitura mesmo, rachado o Olimpo de pedra e argamassa, de onde o Júpiter Municipal expede os raios de suas portarias, que podia ainda esperar a cidade de Mem de Sá?

Pobre velha, caindo aos pedaços, sem muletas caridosas que a amparem, aí vai a mendiga, tão sordidamente vestida, tão ignobilmente suja, que os mesmos cachorros vadios, de focinho instintivamente dado ao escavoucar dos monturos, se afastam dela com asco e desprezo... Pobre velha, velha antes do tempo, podre antes da maturidade, decadente antes da perfeição! quando Martim Afonso te plantou na praia, junto ao riacho Carioca, de certo alguma velha cabocla, feiticeira e feroz, te pôs mandinga no berço, fadando-te mal para a vida...

Se a Diretoria de Obras Públicas é a primeira a estar ameaçada de ter a cabeça partida pela queda de uma trave mal segura, ou de qualquer outra dessas calamidades a que o povo dá o nome pitoresco de pedaços de céu velho, - que não será de nós outros, que não somos da Diretoria nem nada?

De rua em rua, de bairro em bairro, vê a gente, quando se dá ao incômodo de não trazer os olhos no chão, casas que se desequilibram e dançam: estas, numa atitude de reverência, curvam-se para diante, como saudando quem passa; aquelas, torcidas na cinta, inclinam o busto para a direita ou para a esquerda, numa *pose* canalha de cantora de taverna, aquelas outras, num ar de desafio e insolência, empinam-se para trás, estufando a barriga ameaçadora. Palavra de honra! o espetáculo é divertido, mas não é tranquilizador...

E a vontade que a gente tem, é a de vender os móveis e ir viver para o meio do Campo de Marte, ao ar livre, dormindo, comendo e amando sobre as ervas humildes.

Até agora, - não possuir o abrigo de um teto era a expressão da mais acabada miséria: o homem sem teto era o pária desgraçado, o vagabundo sem brio, o rafeiro gafento. Hoje, não possuir um teto é o ideal comum dos cariocas, porque teto atualmente tem esta significação: coisa que cai. E é realmente melhor viver à maneira rústica e tranqüila dos ciganos, tendo como único teto aquela admirável cúpula serena, na qual as estrelas vivem perpetuamente piscando como olhos de moça namorada. As esferas de ouro fúlgido que andam rodando lá em cima há milhões de anos, não caem nunca, - naturalmente porque não há nenhuma Diretoria de Obras Públicas encarregada de lhes fiscalizar a segurança. E, se tivessem de cair, cairiam mesmo de uma vez, porque não haveria empenhos nem dinheiros capazes de protelar a calamidade.

Oh! potestades celestes! a que está reduzido um homem pacífico e metódico, bom pagador de impostos e bom respeitador da ordem pública, neste fim do ano oitavo da República e da Prefeitura: a ter de dormir na rua, como os pés-no-chão, como os cães, como as pedras! Ainda se ao menos as ruas fossem limpas... Mas está tudo perdido: em casa há os tetos que desabam, na rua há os lixos que empestam.

Valha-nos Deus! ou antes, valha-nos o Diabo, que sempre se interessou muito mais do que Deus pela humanidade fraca. É ele, esse terrível Anjo Rebelado, quem faz cair tudo: as casas no chão e as almas na tentação. E o cronista bem poderia encartar aqui, já que falou em tentação, o comentário de certos escândalos amorosos e beatos da semana, se o Bom Senso não estivesse ao lado dele, severamente, franzindo a testa, como a dizer:

- Cuidado, menino! não queiras ser palmatória do mundo!... Olha que a gente tantas imprudências comete, que um dia... cai-lhes a casa em cima!

E assim, fica fechada com mais uma queda esta crônica de quedas.

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 3 out. 1897. p. 1, 3. col.]

Crônica

Nós, os da imprensa, devemos andar com a boca doce. Queixamo-nos, lamentamo-nos, damos à face um ar fúnebre, e invectivamos a todos os dias a sorte, - não achando bom, nem abundante o quinhão que nos cabe na repartição das felicidades da terra. O povo diz, na sua linguagem simples, que os felizes para sempre “se queixam de fartos”... E, de fato, que queremos ainda? Há pouco tempo, começamos a achar que as senhoras não deviam ir ao Lírico senão em cabelo, sem os complicados chapéus da moda; os dias correram, houve discussão e brigas, vaías e *meetings*... e vencemos: já ninguém vê chapéus enormes na platéia do Lírico. Verdade é que um cronista teatral descobriu anteontem que, em certo regulamento de teatros, há bastantes anos decretado e esquecido, já se impõe a cada empresa a obrigação de manter um vestiário onde as senhoras depositem os seus chapéus e capas... Mas, verdadeiramente, isso pouco importa, uma vez que o regulamento nunca foi posto em prática. Nem nos venham dizer que a vitória foi obtida à custa da indignação das torrinhãs: a vitória foi nossa, exclusivamente nossa.

Antes, já uma outra vitória tinha coroado nossos esforços. Reclamamos contra a mania dos sui... – perdão!... das *mortes inesperadas*, e todos os desesperados da vida, não querendo desgostar a imprensa, deixaram de cometer atos de loucura. Verdade é que, ainda de vez em quando, diz um jornal que “faleceu ontem inesperadamente o Sr. Fulano, deixando cartas à família e à polícia”. E os malévolos concluem disso que a propaganda da imprensa não foi grande cousa... Mas a conclusão é tola: a imprensa nunca teve a pretensão de impedir que o Sr. Fulano morresse inesperadamente: o que a imprensa quis foi evitar que se desse o nome aos bois, - porque, enfim, tudo neste mundo é uma questão de palavras. Logo, aí temos uma segunda vitória da imprensa.

Terceira vitória. Vendo que os incêndios se reproduziam com extraordinária frequência, deliberamos pôr água fria na fervura, e pedimos que a polícia (ou quem quer que fosse) impedisse a propagação da mania incendiária. E vêde! imediatamente houve uma providência: as companhias de seguro dirigiram uma representação aos poderes públicos, pedindo fosse proibido o uso de balões e fogos de artifício no centro da cidade, e, logo depois, no entulho de um dos prédios recém-conflagrados, descobriu-se, carbonizado, o fogareiro de um balão... Hão de ainda os malévolos dizer que não vêem bem onde está a vitória da nossa propaganda: deixemos que falem os malévolos – o mundo todo é uma vasta comunhão de despeitos e descontentamentos... Deixemos que falem os malévolos, e celebremos o nosso triunfo. Nós somos, de fato, um *Estado no Estado*.

E, já agora, aproveitemos a maré!

Diz um jornal que o ministro da instrução pública da Rússia proibiu às alunas das escolas públicas do grande império o uso do colete... Vamos tomar a peito este caso! Exijamos a proscrição de espartilho, não só nas escolas normais, como em todo o território da República! Já privamos as senhoras dos chapéus: privemo-las também dos seus coletes Léoty ou Vertus!

O diabo é que, se triunfamos sempre no terreno da utilidade, ainda não obtivemos no terreno da seriedade vitória nenhuma.

Assim, já nos esgoelamos que farte, pedindo a quem de direito alguma atenção para o centenário do Brasil, que aí vem, e ainda ninguém nos ouviu...

E outra cousa: por que não nos lembramos de acabar com estas febres assassinas, tão nossas, mas tão inimigas de quem nos procura e de quem nos ama?

Em menos de um ano, quantas vidas preciosas nos levaram elas! Agora mesmo lá se vai um dos homens mais queridos que tem pisado a nossa terra... Moço e belo, inteligente e fino, apenas entrado numa carreira que lhe reservava todos os triunfos e todas as glórias, apenas senhor de uma felicidade doméstica que tinha sido a maior e a mais doce aspiração de toda a sua vida, - Luís Bezzanilla desaparece, furtado por uma dessas infames moléstias, que ainda não parecemos dispostos a pôr daqui para fora, com um pouco de higiene e de decência!

Ai! Amigos da imprensa! já todos nós estamos cansados de pedir que se limpe esta cidade da peste, dando-lhe um pouco menos de política e um pouco mais de vassouras, um pouco menos de boatos e um pouco mais de ácido fênico... De dia em dia, mais asquerosa fica a sujeira das ruas; mais relaxados ficam todos os serviços municipais; mais empestados

ficam os bairros. Não se desinfetam casas em que morrem cinco ou seis doentes de febre amarela; os bueiros dos esgotos fedem como sentinas mal lavadas; os encanamentos de água não têm uma gota; e tudo é uma infecção, uma porcaria, um nojo, um horror!

Pois bem! mostremos o poder de nossa vontade! Já que nada conseguimos dos poderes públicos a que até agora nos temos dirigido, - dirijamo-nos pessoalmente às Febres, obrigando-as, por uma intimidação sumária, à deserção... Que diabo! Já temos conseguido tanta vitória, que talvez as febres tenham também medo da nossa onipotência! Vamos! de pé, sobre as nossas tamanquinhas de jornalistas soberanos, - mostremos a porta da rua às Febres que nos desonram!

Mas... a pena range sobre o papel, e a tinta se revolta, e a alma do cronista se entristece. Não é possível manter o tom desta ironia cruel, que magoa mais a quem a vibra do que àqueles que a recebem. E, como isto não é artigo circunspecto em que se possa falar seriamente de vergonhas, - o melhor é parar. Paremos!

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 3 jul. 1898. p. 1, 2. col.]

Crônica

Cinco horas da tarde, enevoadas e melancólicas tarde de sábado. Que tropel é este, abafando as calçadas, perturbando os namoros, escandalizando a elegância da rua do Ouvidor? Patrulhas passam, descendo e subindo o beco amável. Os cavalos relinham, remordendo os freios; os soldados, de cenho carregado, têm na face o duro aspecto impenetrável dos momentos terríveis... Que é isto? De novo, ululando e rabeando com fúria, a Hidra alarma a cidade, com um dos seus passeios fatais? Indago... dizem-me: “A Polícia... etc... a mocidade... etc... a Escola Politécnica...” Pois sim! tratemos de outras cousas. Que terá feito a Polícia? – dizem que invadiu uma escola... mas, com todos os diabos! que querem os senhores que faça a Polícia? Acostumada, desde o dia em que foi criada, a invadir tudo, atribuições e o resto, - tem de morrer como nasceu... Deixemos em paz a Polícia, antes que ela se meta conosco...

Esta é a opinião de todo mundo... e, como o cronista (este, tem sempre a sua opinião pessoal) é uma pequenina porção de todo o *mundo*, o melhor é achar que a Polícia não tem razão, porque, sendo a mocidade a esperança da pátria, tudo vai bem quando ela põe bonecos nos fios telefônicos...

Falemos da nossa amada cidade, - mas não dos seus motins periódicos.

Uma cidade civilizada não pode viver sem motins, porque não pode ser uma aldeia pacata, com as ruas desertas ao toque de recolher, com as casas fechadas à hora em que as galinhas procuram, com o bico debaixo da asa, o repouso do poleiro.

Uma cidade sem motins é como uma mulher sem amor, sem rebates de sangue, sem alvoroços de coração. A tristeza, a velhice, a doença, são apáticas e frias: a mocidade, a alegria, a saúde, têm barulho, têm agitação, têm escândalo. Aceitemos os motins e rejubilemos...

O que não deveríamos aceitar é o resto. Que bom seria termos aqui as ruas constantemente lavadas de sangue! Verdade é que o sangue não lava cousa nenhuma... Mas quem não tem cão, caça com gato: e já que não tem água...

Vêde, para exemplo, Montevidéu. Foi há poucos dias. Acordou a gente, abriu os jornais, e ficou sabendo que a cidade uruguaia ardia numa vasta conflagração política. Os parques de artilharia vomitavam metralha e fumo. Generais comprometidos... coronéis desvairados... capitães furiosos... tenentes alucinados... e várias praças públicas coalhadas de cadáveres, e todo o calçamento empapado em lama vermelha. Caramba! A coisa durou menos de vinte e quatro horas... mas não houve correspondente que computasse em menos de trezentos o número de feridos.

Aí tendes. Naturalmente, no dia seguinte, acalmada a febre revolucionária, banidos alguns chefes, prometidas algumas sinecuras, ultimados alguns negócios, - o serviço público da limpeza inundou as ruas de grossos jatos de água límpida, enterraram-se os mortos, fez-se o curativo dos feridos, e Montevidéu, a pérola do Prata, - continuou a ser o que sempre foi: uma linda cidade, branca e limpa, amiga do banho e da desinfecção, - menor e menos animada do que a nossa, porém incomparavelmente mais amável e cheirosa. Que importa, pois, que tenha morrido um punhado de gente? Isso deu animação à *urbs*, e deu-lhe vida, porque Montevidéu, neste caso particular, ficou sendo como aquela *caveira* do poeta espanhol, onde viçava uma florzinha delicada e que era

*“la muerte terrible y fria,
dando más vida a la vida...”*

Nós aqui, em primeiro lugar, não temos revoluções em que trezentos homens fiquem feridos em vinte e quatro horas... E, em segundo lugar, não temos, nunca tivemos e provavelmente nunca teremos Higiene Pública que trate de lavar a cidade, nem antes nem depois das efusões de sangue. Em todo o caso, porém, o sangue fresco, correndo em ondas, levaria consigo, das praças e das ruas, toda a imundície secular que a Preguiça e o Relaxamento têm acumulado no seio desta Capital do Lixo.

Mas, ainda uma vez, não tratemos dos motins!

Eles seriam bons, se, levando-nos a sujeira, nos levassem também os mendigos...

E já imagina quem escreve isto como se vai levantar, depois deste parágrafo, a vozeria dos sentimentais: “Que barbaridade! ousar dizer mal das miséria dos que não têm teto nem pão!...” Falem e rujam à vontade os sentimentais!... mas, francamente, se pagamos impostos, se tiramos do nosso lar, anualmente, somas avultadas, - é justo que todo esse sacrifício se converta em conforto nosso. E, pelas cinco chagas de Cristo! se pusesse a bom recato todo o dinheiro que o Soberano Fisco recebe, haveria asilos confortáveis, haveria albergues limpos, haveria casas de assistência em que toda a mendicidade achasse abrigo...

Oh! Santo Deus! Quem nos dera, a todos nós, um motim diário, que nos levasse toda esta imundície, e toda esta vergonha!

E notemos que, não querendo o cronista falar de motins, não falou de outra cousa. Que quereis? É o meio de ficar bem com deus e com o Diabo (duas entidades igualmente respeitáveis, que têm as honras de uma inicial maiúscula) e de achar que, sendo a polícia o esteio principal das instituições e sendo a mocidade a esperança da pátria, todo o homem prudente deve ficar oscilando entre o esteio e a esperança, - duas complicações que não acabam nunca mais.

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10 jul. 1898. p. 1, 1. col.]

Crônica

Cidade querida, em cujos verdes flamboyants, constelados de flores de sangue, já começam a cantar alegremente as primeiras cigarras do verão! Outubro entra, em chamas, depois dos grossos aguaceiros de setembro. Já os longos crepúsculos do estio começam a demorar-se no céu das tardes douradas. E, chamada pelo canto das cigarras, ali vem a nossa Febre Amarela.

Que é aquilo, cidade querida, que é aquilo que ali vem, numa longa procissão barulhenta, ao clamor dos metais de uma banda de música, rolando a fila ruidosa de centenas de carroças de ferro? É a nova companhia que se propõe a remover o teu lixo secular, cidade querida. Terá enfim raiado a madrugada do teu asseio? Irás tu, depois de tão velha e de tão endurecida no desleixo, experimentar pela primeira vez a delícia de uma boa esfregação a casca de côco?

Permita o Deus da Limpeza que, em plena campanha, em plena execução dos seus louváveis projetos, aquelas carroças mostrem a mesma galhardia que mostravam na revista de anteontem! e que estas cigarras, que começam a cantar a formosura do teu verão, possam saudar-te regenerada e lavada, ó boa Sebastianópolis, sem lama na barra das saias, sem cisco velho na tua bela coroa mural!

Talvez, vendo-te limpa, a febre amarela retorça o nariz, e abale para outras regiões mais sujas, e por isso mesmo mais hospitaleiras.

E quem sabe? talvez também, tendo mais higiene, venhas a ter mais calma, pobre cidade tão recheada de crimes e de desastres...

Ainda a poucos dias, a *Notícia*, que manda todas as manhãs um repórter visitar o Necrotério, inseria nas suas colunas cor de rosa, com espanto, esta nota: “O Necrotério passou dous dias seguidos sem receber um cadáver – fato único nestes dous últimos anos...”

Já estás tão célebre nos anais do Crime e do Desastre, oh! Sebastianópolis, que os teus filhos, boquiabertos de pasmo, levantam as mãos para o céu, quando verificam que quarenta e oito horas se passaram sem que um pobre diabo, com as tripas cozidas a faca, ou inchado de veneno, ou com o crânio estourado pelas rodas de um bonde, tenham ido dar com as carnes mortas sobre aqueles mármore gelados, na meia luz triste daquela sala funerária que os doces olhos de Nossa Senhora da Piedade misericordientemente vigiam...

Quem sabe? Corpos lavados, mais facilmente do que corpos sujos, podem abrigar almas limpas. E nas cidades é sempre nos bairros imundos e lóbregos, cheios do formigamento da pulgada e da piolhada, que se abrigam os assassinos, os ladrões, os rebelados contra o sossego, os revoltados contra a lei.

Que o Deus da Limpeza te não desampare: e que esta Companhia, que tão espetaculosa nasce, com tão grande pompa, não vá contribuir com os paralelepípedos das suas boas intenções para o calçamento do inferno...

Ai! de nós! Incrédulos não faltam... Anteontem, um velho carioca, na rua, olhando a desfilada das carroças, teve um suspiro melancólico, e disse aos que o cercavam: “Não é possível, filhos, não é possível! eu conheço bem esta minha toca! aqui a imundície é eterna como eternas são as quadrilhas de gatunos: lixo e gatunos no Rio de Janeiro, só acabarão no dia em que acabar o mundo!”

No dia em que acabar o mundo! Quando acabará ele, Santo Deus? O Sabrosa que o diga...

Os senhores, naturalmente, já não se lembram do Sabrosa. Não admira. O Rio de Janeiro, como todas as grandes cidades, não tem memória.

O Sabrosa, na passada terça-feira, às 8 e ½ da noite, quando a rua do Hospício, já livre do seu movimento comercial de todos os dias, se preparava para dormir, - empunhou um grosso cacete, bradou três vezes: “Vai acabar o mundo!” e entrou a despedaçar cabeças. Era, com certeza, um descontente e um cético, o Sabrosa, - tão cético e tão descontente como esse velho carioca de que estamos tratando... O Sabrosa achava que tudo ia mal, que o Vício cavalgava a Virtude, que a Injustiça espontapeteiava o Direito: e convencido de que o único remédio para o mal seria o acabamento do mundo, começou a esperar que o mundo houvesse por bem acabar. Quando viu que esperava debalde, resolveu intervir: e principiou a dar cabo do mundo a cacete.

Mal dele! apareceu uma escolta, que lhe arrancou das mãos o cacete e o carregou aos trancos para o hospício, com escala pelo xadrez.

Pobre Sabrosa! se tivesses estudado a história dos Profetas que antes de ti têm andado pela terra a vaticinar o seu fim, - não te arriscarias a merecer tão triste destino... Terias visto que, em vão, o velho e feroz Ezequiel, esguedelhado e sujo, urrou e uivou contra as abominações da casa de Israel e contra a idolatria dos Moahitas, e contra o orgulho dos Faraós: que lucrou? tirou, lambusado e feio; sem voz, no meio da estrada profética.

S. João, o rude Jokannan, do fundo do seu cárcere de Makeros, em vão descompôs, em tom mais próprio de um arrieiro do que de um Batista Precursor, os desmandos incestuosos de Herodíade: que conseguiu? teve a cabeça cortada, e Herodíade continuou tranquilamente a se desmandar...

Tu, atrevido Sabrosa, foste ainda mais enérgico: achando pouca força nas palavras, quiseste acabar o mundo a pau... Ficas na praia da Saudade, vendo as abominações do mundo tão vivas e tão eternas como as águas daquele mar que arfa defronte do hospício.

Mas não esperemos que as cousas ruins da terra só tenham um remédio no dia em que o grande Anjo empunhar a trombeta do Juízo Final.

Tudo tem a sua hora, nesta vida. Por que não há de ter chegado a hora de tomar banho o Rio de Janeiro?

Quanto aos gatunos... Também todo o mundo dizia que era impossível extirpar do teu seio, ó Sebastianópolis, a capoeiragem: e, entretanto, houve alguém que, armado de coragem, saiu à rua e deu cabo da hidra. Agora, fala-se que esse mesmo Hércules já está, por

ordem d'Aquele que tudo poderá, tirando a poeira da mesma clava com que outrora dizimou os capoeiras... Gatunos... parece que chegou também a vossa hora!

Não sejamos cétricos! O ceticismo é o pai da tristeza. Aqui bem perto do lugar em que se escrevem estas linhas, uma cigarra acaba de soltar a voz estridula, ao sol violento. Canta, alma do Verão! desafoga-te em notas alegres, garganta estival! possas tu, deste outubro ardente em diante, cantar sobre uma cidade varrida, em vez de cantar, como até agora, sobre uma vasta estrumeira...

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 2 out. 1898. p. 1, 2. col.]

Crônica

Já tantas lamentações se têm escrito nesta coluna sobre o martírio de quem é obrigado a escrever sempre cousas novas sobre semanas que se parecem como irmãs gêmeas! Um cronista vive sempre no apuro dos empresários que, tendo pouco pessoal e pouco dinheiro, têm de servir ao público peças de grande espetáculo, exigindo volumosas massas corais e movimento extraordinário de comparsaria.

Só há um meio de encobrir a miséria dos recursos: é fazer a comparsaria desfilar continuamente, entrando por uma porta e saindo pela outra, e alterando-lhe o vestuário a cada uma das passagens pelos bastidores. Mas o público, por mais ingênuo que seja, acaba sempre por perceber a manobra.

Tudo se pode disfarçar neste mundo: a fealdade, o aleijão, o vício, a maldade; só não se disfarça a pobreza. Mais vale não fazer sacrifícios, e, mostrando a roupa dilacerada e os sapatos cambados, bater no peito e confessar: *indigens sum...*

Por isso, não diremos aqui, mais uma vez, o que houve de vulgar e de chato na semana que morreu ontem. Para encher a crônica basta um assunto: a subida do Sr. presidente da República para Petrópolis.

Foi ontem que S. Ex. subiu. Subiu ao meio-dia. E do meio-dia às 6 horas da tarde, quanto se falou nisso, e que revolução nos espíritos!

Muita gente, de alma cheia de cautelas de S. Tomé, tomou o bonde elétrico e foi ao Catete, querendo ver para crer. No Catete, os narizes se levantaram para o céu, e os olhos viam na platibanda esquerda do palácio a confirmação da alarmante notícia: o mastro, tristemente erguido no ar triste, com a corda bamba oscilando ao sabor da vibração, não tinha bandeira.

Mastro viúvo, mastro órfão, numa solidão que doía na alma da gente...

E nem somente nele se via a melancolia do abandono. Todo o palácio, fechado e mudo, tinha a majestade horivelmente triste de uma igreja desprezada, de um templo sem Deus, de um santuário privado da presença dignificadora e suavíssima do Nume.

E os curiosos voltavam com os narizes murchos, velada a face de uma névoa de desconforto, a propagar pelos grupos da rua do Ouvidor a nova infausta.

Registremos aqui que, dando balanço às opiniões, - pesando bem as opiniões dos que defendem a mudança e as dos que a atacam, - estas deixam aquelas a perder de vista...

Quase todos os cidadãos de Sebastianópolis amarram a cara e resmungam. Parece-lhes a cousa uma deserção ofensiva e desdenhosa. A princípio parece que os cidadãos têm razão. Que diabo! todo mundo tem a sua vaidade! E por mais profundo e respeitoso que seja o fervor dos crentes, não se pode exigir deles que reprimam um movimento de mau-humor, quando vêem o seu Deus arrumar as malas, e quando ouvem, dos seus amados lábios, esta declaração categórica: “Meus filhos! cá me vou embora... Vocês deram-me uma capela bonita, alfaiaram-na com certo gosto, deram-me móveis de luxo e serventes de libré, ofereceram-me um belo parque cheio de árvores frondosas e de águas límpidas. Não o nego. Mas tenham paciência: esta cidade em que vocês vivem é um chiqueiro! isto cheira mal como um pântano! isto tem mais febres do que os alagadiços do Amazonas! Isto é uma infecção! Filhos! o meu nariz gosta de incenso, mas não gosta de imundície. E como tenho amor à pele, cá me vou de mudança. Passem vocês muito bem!”

Ah! não há dúvida, não há dúvida!

A pílula é amarga e custa a passar na garganta. Mas todas as pílulas são assim. Depois de engolidas é que mostram as suas grandes virtudes. Daqui a uma semana a população, quando já tiver resfriado o amor próprio, agora em plena ebulição, reconhecerá que a mudança foi um bem.

As divindades invisíveis são as de mais eficácia. Quem se habitua a conversar cara a cara com um Deus, começa por lhe perder o respeito e acaba por não acreditar nele. Aí tendes, para exemplo, o grande Moisés. Quando Jeová, sem medir a importância do que fazia e sem calcular as conseqüências da sua imprudência, principiou a dar-lhe conferências nas sebes de fogo do Sinai, - Moisés tomou confiança e abusou tanto, que começou a legislar em nome d’Ele: e chegou, - que escândalo! - a dar conselhos e repreender o Senhor Deus dos Exércitos! É a bíblia que o diz, e a Bíblia não mente.

Mas nem é preciso ir tão longe. Há um exemplo que anda por aí ao alcance de todo o mundo.

Tereis notado que, nas igrejas católicas, o respeito é menor do que nas igrejas protestantes. Nas católicas, as velhas conversam, as moças namoram, as crianças choram. Nas protestantes, o silêncio é absoluto. Por quê? Porque nestas não há uma imagem, não há uma figura com aspecto humano: Deus está ali, mas não se vê. Ao passo que, nas outras, nas nossas – há Cristos de olhar compadecido, Virgens de aspecto meigo, Santos e Santas que sorriem, anjinhos travessos subindo pelas frisas do altar-mor e despencando-se em cachos pelas colunatas... Daí, a cerimônia e o desrespeito dos fiéis; a gente está ali conversando com a sua divindade, está olhando para ela, sabe que ela não se zanga facilmente, - e abusa!

Não, amigos! não vos dareis mal com a ausência do presidente da República! Quem sabe? Até seria melhor que toda a máquina da administração pública escolhesse um sítio melhor do que este, e aqui nos deixasse, com os nossos negócios, com o nosso comércio, com o nosso honrado e pacífico labor de cidade burguesa...

Sorrides? Não vos pareça *blague* de cronista desocupado o que fica aí! Olhai bem que, sem presidente, sem ministério, sem câmaras, teríamos menos política... E, como já se disse aqui mesmo (e já se provou) que a política é a causa única de todos os nossos males, desde a abundância dos buracos até a falta de dinheiro, desde o câmbio a 7 até a febre amarela, é de crer que, com a deserção de todos os representantes dos poderes públicos, o Rio de Janeiro chegasse a ser aquilo que nunca foi: uma cidade.

Dixi!

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 jan. 1899. p. 1, 3. col.]

Crônica

Não se pode dizer quem foi que viu e ouviu, com os olhos e os ouvidos que a terra há de comer, as cousas que se vão desenrolar por esta coluna abaixo. Além do que se vê e do que se ouve, há muitas cousas por este velho planeta – apagadas no mistério, mergulhadas na sombra, sepultadas no vago...

Foi há mais de quarenta e oito horas. Um calor bárbaro pesava sobre a terra. A noite caíra, abafada e ardente. Já nenhum rumor subia da cidade.

Era meia-noite... e pouco: acabava de sair do ovo do Tempo, era treva e suor o dia 20 de janeiro. No morro do Castelo, sob a palpação das estrelas serenas, cães vadios ladravam: árvores, de copas paradas no ar, ansiavam; rastejavam lagartos pelo capim da praça mal tratada.

Abriu-se a porta da igreja, vagarosamente. E quando os dous batentes, como impelidos por mãos sobrenaturais, se separaram de todo, sem um barulho de gonzo – apareceu a figura de um mancebo magro, quase nu, com as coxas espetadas de flechas, e uma cruz de pão na mão direita.

Era S. Sebastião. Pôs em concha a mão esquerda sobre o ouvido, relanceou por tudo um olhar de quem já sabe perfeitamente o que é a polícia secreta, e, quando viu que estava sozinho, sentou-se, com um suspiro, num degrau da igreja.

Deitou a cruz no chão, fincou os cotovelos nos joelhos, e começou a derramar no seio da noite cálida as suas lamentações:

Daqui a pouco, sobre a Prefeitura
Uma bandeira se desdobrá...
E tremereis, em pó, na sepultura,
Ossos de Mem de Sá!

Dorme a cidade... Ó mísera cidade
Do meu nome e da minha proteção!
Ah! se hoje mesmo, por felicidade,
Te arrasasse um tufão!...

Que calor! ofegantes e sozinhos,
Arfam lá dentro os santos... Que calor!
- Deviam nesta igreja os capuchinhos
Pôr um ventilador...

E que fome! Há dez anos que não como
Rebaixado da antiga posição,
Sem etapa, sem soldo, sem mordomo,
Caio de inanição.

Ser Santo assim... não vale a pena! É triste
Ver-te, ó cidade, apóstata e pagã,
Adorando, depois que me baniste,
São Benjamin Constant!

Este é o meu dia. Que calor! que fome!
- Porque é que o Estácio (que complicação!)
A esta cidade deu meu nome, e o nome
De Dom Sebastião?

O rei ao menos, ardido guerreiro,
Sem esta fome e este calor sentir,
Morreu, livre do Rio de Janeiro,
Em Alcacer-Kibir.

Eu, não! Fiquei imóvel, com afinco,
Mantendo a minha mesma proteção
De mil quinhentos e sessenta e cinco...
Mas... que desilusão!

Quem me dera outra vez aqueles dias!
Quando, das ondas plácidas ao pé,
Sobre as florestas ermas e sombrias,
Alvorecia a Fé!

Nos coqueirais o vento sussurrava,
- Pequena, sob a minha invocação,
Junto do Pão de Açúcar se assentava
A humilde povoação.

Vinham de quando em quando caravelas,
Como leves gaivotas sobre o mar;
Brincava o sol nas enfunadas velas;
Beijava-as o luar.

Ao som da inúbia e do boré, surgiam
As igaras de guerra em multidão;
E os acanguapes fulgidos tremiam
À branda viração.

Vi guerras... Vi chegar o Peregrino,
E a baía cair nas mãos do Incréo;
E ouvi, com mágoa, os salmos de Calvino
Enchendo a terra e o céu.

E a luta... o espanto! o sangue espadanando!
Os gritos, o terror, a confusão!
E os sibilos das flechas alarmando
A virgem solidão.

Depois... coitado deste pobre Santo!
Há quantos anos queixo-me de ti,
Ó Mem, que me tiraste do meu canto,
Para plantar-me aqui!

Quatro séculos quase!... Dia a dia
Vejo crescer esta população,
E com ela crescer a porcária,
Na mesma proporção.

Antes no Pão de Açúcar, nas paragens
Frescas, banhando os pés no mar sem fim,
Sem barbadinhos e sem estalagens,
Sem cão e sem capim!

Ali ao menos, livre do suplício
De ouvir falar de tanta podridão,
Eu iria viver dentro do Hospício
A humilde povoação.

Vinham de quando em quando caravelas,
Como leves gaivotas sobre o mar;
Brincava o sol nas enfunadas velas,

Beijava-as o luar.

Ao som da inúbia e do boré, surgiam
As igaras de guerra em multidão;
E os acanguapes fulgidos tremiam
À branda viração.

Vi guerras... Vi chegar o Peregrino,
E a baia cair nas mãos de Incréo;
E ouvi, com mágoa, os salmos de Calvino
Enchendo a terra e o céu.

E a luta... o espanto! o sangue espadanando!
Os gritos, o terror, a confusão!
E os sibilos das flechas alarmando
A virgem solidão.

Depois... coitado deste pobre Santo!
Há quantos anos queixo-me de ti,
Ó Mem, que me tiraste do meu canto,
Para plantar-me aqui!

Quatro séculos quase!... Dia a dia
Veja crescer esta população,
E com ela crescer a porcaria,
Na mesma proporção.

Antes no Pão de Açúcar, nas paragens
Frescas, banhando os pés no mar sem fim,
Sem barbadinhos e sem estalagens,
Sem cão e sem capim!

Ali ao menos, livre do suplício
De ouvir falar de tanta podridão,

Eu iria viver dentro do Hospício
Do Teixeira Brandão...

Ia por diante o desconhecido Santo. Mas, no silêncio da noite, soaram passos vagarosos e pesados: apareceu com botões brilhando no escuro uma farda de soldado de polícia.

S. Sebastião, atarantado, apanhou a cruz e sumiu-se no interior da igreja.

Fecharam-se os batentes da porta, sem um ruído nos gonzos. E, cá fora, continuaram as estrelas a palpitar, e continuaram a ladrar os cães vadios...

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 jan. 1899. p. 1, 2. col.]

Crônica

... e abriram-se as cataratas do céu, e começou a chover. Mas, desta vez, o dilúvio não é manifestação da cólera do Senhor: é, antes, manifestação da sua infinita bondade. E praza a essa infinita bondade que a chuva não cesse tão cedo!

Em primeiro lugar, com estas retumbantes e ardentes festas de S. João e S. Pedro – que são o regalo dos fogueteiros e o terror das companhias de seguros – são sempre de temer incêndios; e, como habitualmente o corpo de bombeiros não encontra nos encanamentos água suficiente para aplacar a violência das chamas, bom é que o Senhor mantenha aberta sobre os prédios da cidade, até o estalar do último foguete, as suas torneiras providenciais.

E, em segundo lugar, estas bastas chuvas, se continuarem a cair, prestarão à cidade o mais alto, o mais belo, o mais valioso serviço.

Já todo o mundo percebeu que o serviço é este: um largo banho dado à *urbs*.

A *urbs* vai receber a visita do presidente de uma nação amiga. E, como a capital dessa nação amiga é uma das mais suntuosas e limpas capitais do mundo, devemos ao menos mostrar ao Sr. general Roca um pouco de asseio, já que lhe não podemos mostrar luxo e riqueza.

E, ó *Crônica*! espraia-te por este assunto, que é o melhor da semana!

O caso do testamento já não merece duas linhas; já não há chocarrices e surriadas nas galerias do *Lírico*; já o caso da cadeira de palha na *Casa de Boneca* esgotou toda a sabedoria dos contendores; o suicídio do menino de 16 anos, - vítima dos estragos daquele célebre *fogo que arde sem se ver*, e daquela famosa *ferida que dói e não se sente*, - é assunto

melancólico demais para esta coluna; e, enfim, sempre haverá espaço, na crônica do futuro domingo, para todas as homenagens devidas a Saint-Saëns.

E, pois por mais perigoso que seja o terreno que vamos pisar, tratemos unicamente da próxima visita do ilustre presidente da República Argentina. E digamos, antes de tudo, que acontecimentos como este devem sempre faltar de satisfação e orgulho todos os corações.

A cortesia é para a amizade o que a simpatia é para o amor: uma sorte de antecâmara, ou de sala de espera. Amizade de longe, entre desconhecidos, é água morna. Dos abraços, dos abertos de mão, das visitas mútuas, das longas palestras efusivas em que o coração vem à boca, - é que nascem as boas amizades, sólidas como prédios de pedra e cal, e firmes como jequitibás da floresta. Conversando é que a gente se entende e se conhece. Sejamos expansivos, e amemos os doces prazeres da sociedade e da convivência!

Além disso, - só desviamos a atenção para uma ordem mais fútil de considerações, - quanta bonita festa vamos ter, graças à fidalga cortesia dessa visita! Teremos as ruas afestoadas de folhagens, e cheias do arfar triunfal das bandeiras, e emaranhadas no vivo aranha rutilante das serpentinas, e ressoantes do estrugir das bandas de música; teremos, com *menus* pantagruélicos, almoços (com o aberto ou o fechado, Dr. Castro Lopes?) e jantares de *muita vaca e riso*, segundo o dizer clássico; teremos *toastis* entusiásticos, em que taças transbordantes de champagne e almas transbordantes de carinho se entrecostarão, com juramentos de amor perpétuo; teremos paradas barulhentas ao sol, com florestas móveis de baionetas e capacetes esplendendo; teremos convescotes alegres, no seio verde e maternal da Tijuca, com muitos sanduíches e muitas senhoras; e enfim, em todas essas festas, quantos magníficos pretextos e quantas magníficas ocasiões para o namoro e para o *flirt*, para os derretimentos sentimentais!

Assim, não há um só motivo para que não estejamos satisfeitos; um sabiá deve estar cantando dentro de cada coração de carioca.

Mas... enquanto a visita não chega, é bom que ajustemos aqui umas pequeninas contas, em família. Quando a visita tiver chegado, a gente será forçada a arranjar uma cara convencional, e não poderá tratar de cousas domésticas; e quando a visita tiver partido, estaremos todos cansados, e pouco dispostos a ajustes de contas. Demos com o malho no ferro, agora que ele está quente.

Assim que se anunciou a visita do ilustre estadista, os donos da casa pensaram logo em dar-lhe hospedagem digna, e em oferecer-lhe o espetáculo de uma bela parada militar.

Não é preciso dizer que, antes de se resolver dar hospedagem a S. Ex. em um dos andares do palácio do governo (como parece que está resolvido), não faltou quem procurasse, com afinco, em toda a vasta cidade, um hotel digno de abrigar em seu seio o alto personagem esperado. É também inútil dizer que não achou esse hotel. E, assim, ficou mais uma vez em evidência que, numa capital opulenta e imensa, onde vivem novecentos mil homens civilizados (ou que se julgam civilizados), não há um só estabelecimento rico e luxuoso, onde, a troco de algumas dezenas, ou de algumas centenas, ou mesmo de alguns milhares de contos de réis, se possa encontrar o conforto, a limpeza, a elegância, o fausto, que facilmente se encontram em qualquer dos hotéis de segunda ordem de qualquer das outras capitais da América do Sul...

Quanto à parada, não vale a pena dizer o que houve... e o que há. Todos os vastos campos dos arredores da cidade estão cobertos de mato bravo, e cavados de buracos, e erichados de montes de lixo e aterro; e até se chegou a pensar em fazer a parada... num prado de corridas! E não é ainda tudo: há poucos dias, um jornal publicava a notícia de que a administração superior do exército providenciava pra que se fardassem as tropas...

E, assim, ficou também provado que tão descuidados andamos de tudo, que, quando queremos organizar uma grande revista militar, temos de expressamente aparelhar para ela um campo de manobras da noite para o dia e do pé para a mão, - e que, além disso, ainda temos de verificar, primeiro, se as tropas, que devem formar, têm ou não têm fardamento...

É, sem tirar nem pôr, o que se passa nas casas onde o desleixo impera. A visita já está na sala, farta de esperar, e a dona da casa ainda se está vestindo, porque foi apanhada em flagrante delito de atravessar o dia sem calçar as meias e sem pentear o cabelo. Não faltará quem se lembre disto: quando aqui estive, em 1897, a comissão militar do Uruguai, foi preciso calçar em dois dias a Praça da República, na parte que circula o Parque, para que aos olhos das visitas não aparecesse aquele escândalo...

Ora, cousas são estas, cidade amada, que te desonram! Não te faltam políticos, - estadistas que, só com abrir a boca e estender o braço, desbancam e metem pela terra a dentro todos os Salisburys e todos os Crispis do mundo; não te faltam poetas, - qualquer deles mais inspirado do que Homero e mais profundo do que o Dante; não te faltam músicos, todos eles capazes de fazer o maestro Saint-Saëns estourar de inveja, com *Dansa Macabra* e tudo; não te faltam médicos, engenheiros, jurisconsultos, diante dos quais se apagam, bruxuleando, como veias gastas, todas as glórias científicas da Europa, da Ásia, da África e da Oceania!

E, entretanto, ó desgraçada! não tens um bom hotel! E não queres compreender, ó mísera! que uma capital civilizada precisa muito mais, infinitamente mais, de um hotel, do que da *Ilíada* e da *Divina Comédia*! e nunca compreenderás, ó desditosa! que possuir o Gênio de um Homero ou de um Dante é ter dom precioso, mas que, para certos casos particulares, uma vassoura é muito mais útil do que o Tetracórdio do Grande Bardo Cego, ou do sombrio Vate de Florença!

Enfim, que ao menos nos lave estas ruas tortas!

Talvez, com a chuva, as ervas cresçam por ali com fartura: mas, que importa? antes capim do que lixo; antes cogumelos do que cadáveres de cães!

E, depois, será mais uma prova da sua ultrafamosa exuberância, dada pela nossa ultra famosa *Natureza* aos olhos assombrados do ilustre visitante!

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18 jun. 1899. p. 1, 2. col.]

Crônica

Uma anedota, velha como... como Tróia, ou como esse admirável Luís de Bivar, decano dos taquígrafos, que há poucos dias completou 91 anos de idade, - conta que certa cantora do Lírico, habituada á abominável prática da *maquillage*, foi um dia procurada por um adorador. A criada da diva murmurou, um tanto vexada, que “a senhora ainda não podia receber...” Ao que atalhou a visita: “Já sei, naturalmente está se pintando, não?” E a criada, com um sorriso: “Não, senhor! Já se pintou! – agora... está secando!”

Quem sabe? Talvez haja uma reedição da anedota, no dia em que chegar ao Rio de Janeiro S. Ex. o Sr. presidente da República Argentina.

O Sr. general Roca, que já foi nosso aliado em dias de sangue e fogo, deve conhecer, por tradição oral e por tradição escrita, a rua do Ouvidor. Aos ouvidos de S. Ex. já deve ter chegado notícia da vasta fama desta adorável e adorada viela, - quase tão estreita como as da Alfama de Lisboa, - não tão original e tão animada como a Calle Florida ou o Boulevard des Halles. E, provavelmente, S. Ex., logo ao desembarcar, depois de haver saudado a estátua de Osório, seu companheiro de armas, e depois de haver cordialmente abraçado o Brasil na pessoa do alto funcionário que o receber, dirá, com uma curiosidade natural:

- Y la calle Ouvidor, hombre?

Ora, sucede que, justamente para lhe dar um aspecto mais decente que não ofenda o olhar curioso de S. Ex., - a Prefeitura Municipal mandou consertar o calçamento da rua do Ouvidor...

E aqui é que está a complicação! Em todas as cidades do mundo, o processo empregado para calçar a paralelepípedos uma rua é este: juntam-se os paralelepípedos, e enche-se com terra o espaço que fica entre eles. Mas, no Rio de Janeiro, o processo é outro. Ah! nós possuímos uma capital absolutamente original! Aqui, juntam-se na rua vários montões de terra, e enche-se com paralelepípedos o espaço que fica...

O diabo é que pode vir por aí uma dessas chuvas torrenciais que tão comumente desabam sobre o Rio, no inverno. E não é preciso ser profeta pra vaticinar que a rua do Ouvidor, se isso acontecer, ficará transformada num formoso, delicioso, vistoso e primoroso atoleiro...

E, então, dirão a S. Ex. o Sr. general Roca que “a rua do Ouvidor ainda não pode receber...”

S. Ex. que deve ter lido os jornais daqui, exclamará: “Ya lo creo, señores! la calle Ouvidor se está enpedrando...”

E o *cicerone*, sorrindo: “Já está calçada! Já está calçada! Mas... está secando!”.

Ai! Jesus! não há nada como a gente ver as cousas de longe!

Quem ouve falar da rua do Ouvidor, dessa menina dos olhos da cidade, dessa grande artéria da nossa circulação social, dessa *vitrine* da nossa elegância e do nosso bom-tom, imagina que a pobre, mesmo não tendo largura, tem certo *chic*... Pois, sim! mal de quem vem apreciar de perto esse *chic*!

Não há nada como a distância!

Ainda há poucos dias, davam os jornais este telegrama de Washington: “A imprensa diz estar oficialmente informada de haverem sido trucidados pelos índios do Xingu, no Pará, três americanos e três ingleses, que exploravam a borracha por conta de um sindicato; e acrescenta que os dous governos interessados vão apresentar as suas reclamações ao do Brasil.”

Já o *Engrossa*, com a sua deplorável mania de mofar de tudo e de todos, julgou conveniente meter o seu inconveniente nariz neste caso sério, e declarou que, segundo os ditames do bom senso, ao cacique do Xingu é que o governo americano e o governo inglês deviam apresentar as suas reclamações. *Rien n'est sacré pour un sapuer.*

Como se esses dous governos tivessem a obrigação de saber que os índios do Xingu ainda vivem no mesmo estado de selvageria em que os encontraram, há dous séculos, os primeiros exploradores! Lá fora, quando se ouve falar do Pará, imagina-se uma vasta região, riquíssima, civilizadíssima, felicíssima. E a idéia única que se pode fazer de um índio do Xingu é esta: um sujeito de tez acobreada e de nariz chato, mas usando cartola como MacKinley, comendo *foie gras* como lord Roseberry.

Se aqueles três ingleses e aqueles três americanos se tivessem resignado a permanecer nessa doce ilusão, que é o benefício maior da distância, teriam morrido de morte natural, numa cama fofa, com boticário e médico que lhes tratassem do corpo, e padre que lhes tratasse a alma. Não o quiseram, e vieram fazer negócios no Xingu. Encontraram canitares em vez de cartolas, e viram que os *gentlemen* do Xingu tem o mau gosto de preferir, ao *foie gras* frio, a carne quente de ingleses e de americanos do norte...

De tudo isso se conclui que o Xingu e a rua do Ouvidor têm, entre outros, este ponto de contato: vistos de longe são uma cousa, e vistos de perto são outra cousa muito diferente...

E conclua-se ainda isto: os três americanos e os três ingleses bem poderiam ter mandado prevenir o governo do Brasil, com certa antecedência, da sua viagem ao Xingu, - imitando com isso os amigos e aliados que não vêm ao Rio de Janeiro sem que nos dêem o tempo absolutamente indispensável à *toilette* da rua do Ouvidor...

Mas, pensando bem, esta última conclusão é tola. Prevenidos em tempo, que fariamos nós? Mandaríamos civilizar, a toda a pressa e por empreitada, o Xingu, e aplacar a fome dos índios, e arrancar-lhes os dentes e as unhas, e dar-lhes certa compostura às maneiras e certa brandura aos instintos. Porém, que diabo! se, apesar de todo o largo prazo que nos concederam, a rua do Ouvidor vai ficar mal calçada, - quem nos afirma que, mesmo com um prazo ainda maior, o Xingu não ficaria mal civilizado?...

E o desgosto seria o mesmo, e a mesma seria a vergonha, e...

O melhor, decididamente, é evitar a *maquillage*. A gente deve parecer o que é. Não vale a pena usar de artifícios que a ninguém enganam. Vai a gente morder uma fruta... e cai-lhe a dentadura. Vai a gente passar por baixo de um candelabro... e lá lhe fica a peruca suspensa a um pingente. Vai a gente dançar uma valsa... e lá se lhe desmancha com o suor a pintura do bigode. Um horror!

Vejam só isto: “Para esconder o mau efeito que faz perto do palácio uma casa que está ali em construção, vai ser ela enfeitada com plantas, e tapada com um coreto... É uma

notícia de ontem... Mas, para que isso, Deus Santo?! E se vem um pé de vento e deita abaixo o mundéu?

Ai! seria bem mais razoável que a gente recebesse os seus hóspedes ilustres com aquela meiga e sedutora simplicidade dos roceiros, no sertão velho:

- Entre, *seu* moço! A casa é *di* pobre, mas é *di vossuncê*... Tome a sua canequinha *di* café e *qui* Nosso senhor lhe acompanhe!

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 9 jul. 1899. p. 1, 2. col.]

Crônica

Há casas vastas e belas que ficam longo tempo fechadas, num silêncio de morte, num sono de aniquilamento.

Conhecem os senhores cousa mais triste do que um palácio desabitado? Enquanto os outros prédios, em torno, abrem o seio, durante o dia, ao sol, e à noite, despejam para fora, pelas janelas rasgadas, o palrar da alegria, da música e das conversas, - a casa vazia fica fechada e triste como um túmulo.

O Rio de Janeiro está, quase sempre, assim... Cidade macambúzia, cidade de dispépticos e de mesentéricos. Sebastianópolis parece estar sempre carregando o luto de uma grande catástrofe. Já alguém notou que o carioca anda sempre olhando para o chão, como quem procura o lugar em que há de cavar a própria sepultura. E quem escreve estas linhas já viu, uma noite, a polícia prender três rapazes que, havendo ceado bem, se recolhiam à casa cantando um coro de uma opereta qualquer. E prendê-los por quê? Porque cantavam... Triste cidade!

Santo Deus! que sejam tristes, soturnas e embezerradas as cidades do extremo norte da Europa, que uma névoa perpétua amortalha, - cousa é que se compreende. A tristeza do céu entristece as almas... Mas que seja melancólica uma cidade como esta, metida no eterno banho da luz do sol, - luz que se desfaz em beijos e sorrisos pelas copas das árvores, pelas fachadas das casas, pelos buracos das ruas, - isso é cousa que não se entende!

Felizmente, agora, o Rio de Janeiro parece sair do seu letargo.

Voltemos à imagem da casa desabitada. Que alegria, quando, depois de longo luto, abrem-se as janelas do prédio à luz e ao ar, e espanam-se os móveis, e sacondem-se as cortinas, e o piano acorda cantando uma valsa leve, e as crianças se espalham pelos corredores, correndo e chalrando!

Assim, o Rio de Janeiro, atualmente, nestes dias de festas. Antes da chegada do presidente Rocca, a chegada do governador Viana...

Passeatas, banquetes, espetáculos de gala, corridas, - as costureiras trabalhando sem descanso, todo o comércio rejubilando, - uma delícia para todo o mundo!

Ah! quem dera que fosse sempre assim, Sebastianópolis!

E por que não és tu sempre assim, uma feira franca do riso e do pagode? Talvez porque o nosso temperamento seja realmente mais sujeito à melancolia do que à jovialidade? Não! há quem diga que a nossa tristeza depende exclusivamente da nossa imundície.

Diz-se que, certa vez, um homem, pouco dado ao uso do banho, sentiu-se atolar no pântano de uma melancolia sem tréguas. Foi consultar um médico, que lhe aconselhou o uso de banhos diários. E logo ao segundo banho o sujeito ficou curado, que morreu... de um frouxo de riso.

O remédio é fácil de experimentar. Mal não fará, com certeza: e é mais que provável que faça bem, e grande bem...

Ah! quem poderá viver bastante para te ver saneada, ó cidade do Rio de Janeiro?

A gente, desde que se entende, ouve dizer que o Brasil só não está hoje inteiramente povoado, por causa do flagelo periódico da febre amarela. Sabem isto os governos, sabe isto o povo. Todos os médicos que há sessenta anos saem das nossas faculdades, dizem e escrevem que a causa da febre amarela é a falta de saneamento das cidades. Ninguém ignora que o vômito negro por anos e anos, devastou as populações de Galveston, de Filadélfia, de Memphis, de New Orleans, e que dessas cidades desapareceu para sempre, - assim que, saneadas e acostumadas à limpeza, elas deixaram de oferecer ao desenvolvimento da epidemia um meio favorável. Torres Homem, Ferreira de Abreu, todos os grandes clínicos do Brasil se têm esbofado em pedir o saneamento – declarando terminantemente que ele é o único meio de combater e aniquilar a pirexia assassina.

Mas nada se tem feito. Os dias passam, e a gente continua a esperar pelas redes aperfeiçoadas de esgotos, as drenagens do solo e os abastecimentos d'água caíam do céu por descuido, - como se o céu tivesse algum interesse nisso.

Agora, parece que o Sr. prefeito municipal resolveu meter uma lança em África, pedindo ao conselho que autorize a abrir largamente os cofres do Município em favor da idéia.

Claro está que isso só pode merecer aplauso. Mas... – forte desgraça é esta! Sempre há de aparecer este *mas* cruel, esta abominável adversativa que atrapalha tudo! Mas... que idéia é esta de pedir a uma corporação médica que estude mais uma vez o saneamento?

Ninguém se cansaria ainda de reeditar a bolorenta série dos injustos epigramas com que tem sido crivada a classe dos médicos, - desde a prosa do Molière até as desaforadas redondilhas de Bocage. Já se sabe que há no Brasil médicos que são glórias legítimas e incontestáveis desta terra. Mas sabe-se também que entre os médicos brasileiros, e principalmente entre os médicos do Rio de Janeiro, há uma rivalidade feroz, uma luta sem tréguas, uma guerra de morte.

Passam-se meses sem que venham a público manifestações desse desacordo profundo: de repente, porém um alarido cresce nos ares, e, pelas colunas pagas ou não pagas dos jornais, começa a ferver o escândalo, e começam a chocar-se as injúrias, e é um nunca mais acabar de acusações, de doestos, de denúncias, de revelações escabrosas.

Agora mesmo estamos assistindo a uma dessas batalhas edificantes. A galeria baba-se de gosto, e as empresas dos jornais apanham o melhor do combate, que é o dinheiro dos combatentes. Se à cabeceira de um doente, por causa de uma talha mal feita, ou de um tifo mal combatido, há tão ásperas lutas, que não haverá à cabeceira da cidade, por causa do saneamento?

Enfim, o que devemos todos fazer é pedir a Deus que ilumine o Concílio, mantendo sobre ele a sua infinita Graça, - e pedir aos médicos que economizem palavras, porque não há de ser com elas que a municipalidade saneará o Rio de Janeiro.

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 jul. 1899. p. 1, 2. col.]

Crônica

Enfim! não entramos às escuras no quinto século de nossa existência.

Nem às escuras, nem em silêncio. Houve mesmo tanta luz e tanto barulho, que a gente ainda tem, nos olhos, coriscos deslumbrantes, e, no ouvido, o reboar de uma tempestade longínqua.

Todas as bandas de música do Rio de Janeiro andaram à compita atroando os ares; não ficou sem serviço uma só lanterna chinesa; por seis noites a fio a cidade se encheu

de uma multidão bulhenta e jovial; e coalhou-se o mar de embarcações rutilantes, e vulcões fantásticos vomitavam catadupas de estrelas, e houve aclamações, vivas, hinos, discursos, girândolas, salvas.

Agora, dos mastros sem cor pendem ecos dos festões de folhagem; rasgam-se ao vento as flâmulas; descoram ao sol as pinturas dos coretos; rasgam-se as lanternas; e o povo, estremunhado, volta ao trabalho. Mas que importa desapareça o fulgor das luminárias, e expire o derradeiro eco da algazarra popular, se de todo esse conjunto de festas, alguma coisa vai ficar, perpétua e bela, para a glória nossa?

Já vai sendo tempo de começar o balanço da comemoração. Assim, depois de um baile, enquanto a criadagem varre a sala e limpa os móveis, o dono da casa indaga, refletindo, se o valor das novas relações e das novas amizades que lhe deu a festa compensa a perda do dinheiro e o incômodo da recepção...

Ora, o primeiro lucro que, neste caso, nos ressalta aos olhos, patente e luminoso, é este: a comemoração veio sacudir-nos, veio excitar-nos o sistema nervoso, veio agitar profundamente a lagoa morta, de indiferença e de ignorância, em que estamos atolados. Foi como se alguém, agarrando com força o braço do Brasil, e dando-lhe meia dúzia de puxões violentos, lhe berrasse dentro das ouças emouquecidas: “Olha que tu vives, ó sorna! olha que tu não és múmia, ó moleirão! move esse corpanzil, esfrega esses olhos, desentorpece essas pernas, respira com franqueza, sacode fora essa preguiça! tu tens sangue, tens alma, tens história, tens futuro! o que te falta é consciência... ergue-te e anda!”

Imaginam os senhores que toda aquela multidão, pasmada diante das luminárias, sabia, antes do dia 3 de maio de 1900, que houvesse outrora um Cabral, um Frei Henrique, um Caminha? Não imaginam isso! Havia ali muita gente para quem o Brasil ainda não tinha sido descoberto...

Mas, adiante. Não falemos do monumento de Bernardelli, que - coisa rara nesta Pátria do descontentamento! - tem agradado a todo o mundo; deixemos de parte o primeiro volume do *Livro do Centenário*, cuja distribuição se vai agora fazer, - repositório preciosíssimo de estudo sobre a nossa história, as nossas ciências, as nossas artes, a nossa religião e a nossa indústria; reservemos para outra crônica o louvor dilatado que merece o *Brasil*, de Zeferino Cândido - um beneditino paciente que tem o delírio do trabalho; ponhamos de lado a série dos discursos, dos artigos das memórias, das exposições, dos congressos. E paremos a louvar a idéia luminosa, que teve a Associação do Centenário de

pedir ao governo que faça agora aquilo que há tanto tempo não quer fazer; a purificação daquela hedionda cousa que se chama Mercado da Glória, transformando-a em Escola Nacional de Belas Artes.

Jesus! quando a gente passa por ali e mira aquela massa informe esparramada no coração da cidade, com as faces todas comidas de lazeira, escancarando ao sol, como as chagas negras, as suas janelinhas de caserna, tresandando a mofo e à imundície, - a vontade que há é a de morrer, para nunca mais olhar o estafermo. A Associação do Centenário quis dar ao monstro uma cara mais decente, e gastou um dinheirão em desinfetar-lhe o ventre abominável; mas não houve desinfetantes que bastassem. A mão de cal que lhe passaram na feia cara não bastou também: no dia seguinte ao da pintura, a lepra do trambolho venceu a tinta e voltou a ostentar ao sol as suas placas verdes-negras. Um horror!

Oh! que obra meritória seria a regeneração daquilo!

Será possível que o governo cerre os ouvidos ao que lhe pede a Associação? Não seria uma glória, para um ministro, o assinar o decreto que entregasse aquilo a Rodolfo Bernardelli, para que ele carinhosamente abrigasse ali dentro, depois de transformar o pardieiro infame num palácio decente, aquela amada Escola de Belas Artes, cujos quadros estão se perdendo na casa atarracada da Travessa?

Se alguma consideração pode merecer a voz desta coluna da *Gazeta*, aqui vai uma súplica a toda a imprensa, a todos os artistas, a todos os que amam as cousas da inteligência e da arte: - juntemo-nos todos, batamos esse ferro enquanto está quente, chamemos para esta idéia, tão simples, tão fácil, tão bela a atenção carinhosa do governo. Para que há de aquilo ficar ali, maculando e infamando um dos mais belos pontos da cidade, à beira do mar, dando logo a quem nos visita o repugnante atestado da nossa incúria e do nosso mau gosto? A imprensa, aqui como em toda parte, faz tudo quanto quer; vamos agitar este caso todos os dias irmãos! e que, enfim, à festa do centenário, a que já devemos tanta boa obra de progresso, de cultura, e de civilização, possamos também dever este inestimável e extraordinário serviço: a extinção de um monstro horripilante e a criação de um templo da arte...

Não é numa coluna magra como esta que se pode, de uma só vez, resumir e analisar as considerações que sugere a festa do Centenário. Tempo ao tempo! ainda temos muitas ocasiões de conversar sobre isso.

Mesmo porque é indispensável reservar um canto da *Crônica* para a comemoração do *13 de maio*...

Doze anos!... Quando se pensa na soma incalculável de sacrifícios, de heroísmos, de abnegações obscuras e obstinadas, que foi preciso empregar para a conquista desta lei que há doze anos constitui a nossa maior glória, - a alma da gente se volta com comoção para o passado, e abençoa a generosidade dos que deram à propaganda sublime o melhor da sua vida.

Vão rareando já as fileiras dos que se empenharam nessa luta de morte contra a barbaridade e a vergonha; mas ainda temos alguns vivendo conosco, e cobertos da viva luz que esse trabalho divino vem projetar sobre a nossa honra de nação.

Que um deles aceite, em nome de todos, os beijos da *Crônica*: seja José do Patrocínio o escolhido para receber aqui uma fresca braçada das mais belas rosas de maio.

s.a.

[BILAC, Olavo. *Crônica*. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 maio 1900. p. 1, 8. col.]

Crônica

O severo Plutarco, homem cujo espírito foi educado no culto da severa e absoluta Verdade, escreveu um dia esta cousa terrível: “A medicina é a ciência que trata dos meios de fazer a humanidade morrer... mais devagar.”

Se isto tivesse sido escrito por qualquer fútil cronista, - seria um paradoxo. Mas, foi escrito por um homem julgado, no seu tempo, como um grande filósofo, um grande historiador, um grande físico e... um grande higienista. É preciso, pois, dar certo valor às suas palavras. Nós estamos em um tempo em que o valor das afirmações deve ser computado menos pela sua seriedade do que pela fama do sujeito que as faz...

Por isso, ninguém estranhará que se anote aqui, como a mais perfeita e precisa definição da medicina, a definição do velho Plutarco. E, além disso, é justo que ninguém estranhe a ousadia com que o cronista completa essa definição, dando-lhe esta forma um pouco mais clara: “A medicina é a ciência que trata os meios de fazer a humanidade morrer... mais depressa, - e, com maior aborrecimento.”

Quereis ver?

Aqui temos, desta vez seriamente, a peste bubônica. Não se sabe como foi que a epidemia tomou conta da cidade.

Até anteontem toda a gente ria; hoje toda a gente treme de medo. A perversa entrou com pés de lã, aproveitou o entusiasmo, a loucura, a despreocupação com que estamos a festejar o quarto centenário, e começou a atacar axilas e virilhas com uma gana feroz.

A medicina indígena, até então embasbacada e de queixo caído, a olhar os zigzag fúlgidos dos foguetões, as reticências deslumbrantes dos cordões de luminárias, de jorros flamígenos das fontes luminosas, - teve um sobressalto, sacudiu-se toda e veio, de seringa em punho, saracotear cá fora com a cor da face demudada, urrando profecias aterradoras e propagando pelos quatro cantos sujos desta sujíssima cidade um pavor epidêmico.

Vem cá, medicina indígena! senta-te aqui, neste banco da opinião pública, e ouve as cousas duras que há muito tempo mereces! Ouve e vê se te emendas!

Sempre que foste chamada a dar o teu auxílio ao poder público, para o fim nobre de salvar das pestes esta pobre população de carneiros resignados, tu te desmanchaste, não numa chuva de benefícios e de conselhos oficiais, mas num temporal de descomposturas mútuas. Todo o tempo, que justamente devia ser ocupado em forçar o governo, pela persuasão e pela pertinácia, a sanear a cidade, a melhorar a sorte dos pobres e dar às famílias um pouco de luz, de ar, de conforto, de civilização e de felicidade, - todo esse tempo tem sido por ti empregado em liquidar pequeninas questões de vaidade, de amor próprio e... de interesse.

Está na memória de todos o largo debate que aqui houve, no seio das duas corporações do Brasil, para levar a efeito o saneamento da capital. Toda a velha retórica acadêmica foi escovada, brunida, polida, posta ao sol: não houve médico ilustre que não exumasse do fundo das canastras o velho romantismo com que outrora pompeara e brilhara nos clubes literários da escola; e eram discursos sobre discursos; e projetos sobre projetos; e, como há sempre muitos conflitos de interesses nos lugares em que se reúnem muitos oficiais do mesmo ofício, o resultado de toda essa atabalhoada farofice foi um bate-barbas estéril, que não lavou um cotovelo de sistema de esgotos, que não rasgou uma avenida no seio da cidade, que não pôs abaixo um cortiço, que não plantou uma árvore no meio dessas praças desabrigadas, que não salvou das escrófulas, do paludismo, do hepatismo uma só criança, que não deu casa limpa a um só operário, - mas que em compensação expôs mais uma vez toda a classe ao riso irônico e ao mofador dar de ombros com que já os espectadores das comédias de Molière acolhiam a sarabanda dos portadores de seringa!

A cidade do Rio de Janeiro é hoje tão suja, tão mal cheirosa, tão feia como no tempo de D. João VI. E, como o poder público continua a confiar indefinidamente na sabedoria dos médicos, e como a sabedoria dos médicos continua indefinidamente a confiar na iniciativa do poder público, - a gente continua a ficar exposta ao ataque de todos os micróbios, de nome mais ou menos complicado, e... *si cette histoire vous embête, nous allons la recommencer!*...

E chega a peste, e aqui temos a Higiene indígena a recomendar ao povo que tenha cuidado! e que lave as suas casas duas vezes por semana! e que compre tais ou tais desinfetantes! E o pobre diabo do povo que tenha cuidado, - quando não tem o que comer! e que mande lavar as casas duas vezes por semana- quando cada lavagem de casa custa cinqüenta mil réis! e que compre tais ou tais desinfetantes, - quando não se sabe como há de comprar um novelo de linha com que se cosa!

E, enquanto isso, as ruas fedem e não há água nos encanamentos e os bueiros exalam baforadas de morte, e às águas da baía rolam todas as imundícies, e... *si cette histoire vous embête, nous allons lá recommencer!*

Ora, louvado seja o santo nome de Deus! De modo que o povo para não morrer de peste, tem de morrer de fome!

Um jornal de ontem contava esta cousa sugestiva:

“Na ocasião em que eram removidas as treze pessoas, a que acima nos referimos, que residiam na rua General Câmara no. 305, onde faleceu a preta Alexandrina, o que mais preocupava estas criaturas era saber se ainda chegariam a Jurujuba à hora do jantar. Inquiriam elas de empregado do Desinfetório:

“- Ainda encontraremos lá jantar?

- Pois não! respondeu aquele.

- E a gente pode pedir o que quiser?

- Com certeza!”

E aí têm os senhores! Nós já chegamos a esta filosofia: “é bem bom ter a peste, para obrigar o governo a nos dar de jantar! e, além disso, que alívio ver-se a gente livre, desde já das pestes que hão de vir depois desta!...

Chama-se a isto ter uma confiança ilimitada na sabedoria da higiene indígena!

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 27 maio 1900. p. 1, 2. col.]

Crônica

O cronista não pôde ir ao Senado no dia em que Lopes Trovão apresentou o seu projeto de saneamento do Rio de Janeiro.

É de se crer que o Srs. senadores, ouvindo aquela longa exposição, tenham pasmado uns para os outros, perguntando a si mesmos que lengalenga era aquela. E talvez algum deles, comiserado e inquieto, tenha murmurado, com um vago espanto: “Coitado do Trovão! enlouqueceu!...”

Tratar, realmente, de sanear e aformosear o Rio de Janeiro é empresa a que só parece possam abalançar-se malucos. A prova disso é o silêncio que pesou sobre o projeto que, recolhido ao mais arcano dos armários do Senado, foi dado em pasto às traças vorazes. Ai! de nós! ainda desta vez, nada se fará em favor da acabrunhada Sebastianópolis.

Mem de Sá, quando fundou “nesta Babilônia de água e verduras” o Rio de Janeiro, fez o que pôde. Hoje, se o velho governador pudesse ressuscitar e contemplar tudo isto, sentiria o rubor da indignação subir à sua rude face tostada pelos pós de tantas viagens e de tantas batalhas. Mais uma vez, o criador se envergonharia da criatura...

Estácio plantara o berço da cidade junto do capucho do Pão de Açúcar; e cercara-a de tranqueiras, e dera-lhe cacimbas, tujupares de taipas roças. Mas o lugar era mau. Apertada em vestes estreitas demais, a *urbs*-menina não poderia medrar e criar corpo. O presidente Mem de Sá transplantou-a para o Castelo, e ficou convencido de que, em breve tempo, ela desceria dali, risonha e fresca, alastrando pelo pendor do morro casarias brancas e lindas. Mas, pobre Mem! os sujeitos, a quem ele doara terras e materiais de construção, começaram logo a levantar cochicholos aleijados. Varnhagen, com seu bom gosto de erudito e de viajado, registra amargamente que “aqui, como na Bahia, foi servilmente seguido o sistema de construções de velho reino; e nem na Ásia, nem nos modelos de arquitetura árabe na península, se foi buscar mais adequado sistema, - como o de palcos com repuxos, e terraços de açotéias, como o mais conforme ao nosso clima.”.

As casas desciam do morro, como um bando de velhas mendigas, trôpegas e cambaleantes, agarrando-se umas às outras. Quando chegavam cá em baixo, derramavam-se na planície sem ordem, atropeladamente. No meio de montões de prédios atarracados, construíam-se imensos conventos de paredes de metro e meio de largura, e de vastas fachadas picadas de janelas microscópicas. E cada vez os becos se estreitavam mais, e cada vez mais feia, pela orla da encantadora praia, se esticava a lombriga monstruosa. E foi assim que se fez, amigos, esta cidade de vielas e de cafundós, - que é a vergonha da América!

Por que? Por avareza? Não, de certo, porque o carioca sempre foi muito amigo de gastar dinheiro. No começo do século XVIII, já havia por aqui um luxo notável. Havia vestes de damasco e veludo; havia palanquins, cadeirinhas, cavalos ornados de guiões e mantos de seda; os jantares, as ceiatas “de muita vaca e riso”, os *Te-Deum*, as festas de toda a sorte, eram freqüentes; nas casas, as baixelas eram de prata, e as camas eram forradas de velhas e preciosas colchas da Índia. Mas as casas, em que se abrigava todo esse luxo, eram abomináveis...

O que espanta é que, através das idades, esse desmazelo se tenha mantido e progredido. Com as construções, no Rio de Janeiro, dá-se o mesmo que com o calçamento. Calça-se de novo uma rua: e, quando os calceteiros dão por terminado o trabalho, o calçamento novo é mais torto, mais cheio de altos e baixos do que o antigo. Também quando se tem de deitar abaixo um renque de casebres, - veja-se o que está sendo feito no flanco do convento da Ajuda! – outros casebres surgem logo do solo, cogumelos de pedra e cal, como por encanto, ainda mais aleijados e mais mal encarados do que os outros.

Os grandes prédios que se levantam na rua Direita (não vos esqueçais de que o nome é uma voz com que se dão a conhecer as cousas e as pessoas!) afastam-se propositadamente do alinhamento.

Um telegrama de Buenos Aires, publicado ontem, diz que o intendente Bullrich, logo depois das festas do Brasil, irá em comissão do governo à Europa, a fim de estudar os melhoramentos das grandes capitais européias, que possam, com proveito, ser adotados na capital argentina.

Aqui, se tivéssemos de imitar esse procedimento, que faríamos? provavelmente mandaríamos à China uma comissão de conselheiros municipais encarregada de estudar, naqueles vastos chiqueiros humanos, as fealdades e os aleijões que por ventura ainda não possui a nossa formosa capital. Parece que o Rio de Janeiro sofre de uma fobia ainda não estudada: - é talvez a moléstia de que fala Ruskin, - o horror da justiça.

No tocante à conservação das praças e dos passeios, isto é um regalo. Uma cidade que pode apresentar aos *touristes*, além do Corcovado, o canal do Mangue, está decididamente muito bem servida. Jesus! não há cidade abandonada, resto e rebotalho do tempo colonial, que se possa gabar de possuir uma beleza como aquela. S. José d'El Rei, por exemplo, a velha e decrépita cidade mineira, onde tanto tempo viveu Tiradentes, não é capaz, com as suas ladeiras cobertas de lama e capim, e povoadas de bácoros, - de dar á gente a impressão dolorosa e repugnante daquele comprido atascal, ladeado de grades arrebetadas, cortado aqui e ali por pontes em frangalhos, e desfazendo-se ao sol em miasmas e pestes!

O feroso tribuno, que por tanto tempo esteve calado, meditou essas cousas, e quis ver se podia dar-nos um pouco de vergonha. Notou que, em Botafogo, em Vila Isabel, em S. Cristóvão, há casas de construção recente, que parecem do tempo de Bobadela: - a solidez é menor, e a fealdade era a mesma. Notou ainda que todos os dejetos da grande cidade são despejados dentro da baía, mesmo às ventas da população, e que é sobre esse podre lençol de águas infectas que se debruçam os palacetes da gente rica, as casinhas da gente pobre, os

hospitais e as escolas. Reparou que as ruas, agora abertas, ainda conseguem ser mais estreitas, mais cheias de cotovelos, mais zigzagueantes do que as velhas. E apresentou ao Senado o seu projeto.

Pois bem! pode Lopes Trovão fazer o seu testamento político. Ninguém o mandará mais ao Senado...

Pois que! querer sanear o Rio de Janeiro, - e sem novos impostos? Mas, se não houver epidemias, o que será dos médicos? e, se não houver impostos, que será da política? Pois que! exigir que as leis municipais sejam cumpridas! impedir que os proprietários conduzam unicamente pelo seu soberano bom gosto e pelo seu acabado conhecimento de todas as regras da arquitetura e da higiene! ousar dar leis à todo-poderosa classe dos mestres de obras! Já se viu maior desaforo?

Felizmente, o silêncio do Senado caiu logo, como uma ducha gélida, sobre aquelas idéias reacionárias. A esta hora, as traças implacáveis estão encetando a sua grande obra justiceira, reduzindo a pó impalpável aquele projeto jacobino, carbonário, inimigo da prosperidade pública e das fortunas particulares...

Felizmente! e vamos à festa da Penha, esgotar um pichel de vinho generoso à saúde e à glória do Rio de Janeiro, que é a primeira cidade da América do Sul... a começar pelo fim!

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 7 out. 1900. p. 1, 1. col.]

Crônica

Quando leres isto, Sebastianópolis, não cubras com indignação a face, não dês punhadas de ira na cabeça, não te rojes no chão acoimando de ingrato este pobre filho sincero! Ama-te ele assim mesmo, desleixada e feia; nem todas as avenidas e todos os *boulevards* da Europa e da América poderão jamais ter para ele o encanto daquela triste e esburacada rua da Vala que ouviu os seus primeiros vagidos. Mas justamente porque tanto te ama, é que teu filho deve ter o direito de te dizer, entre dous beijos, que a vizinhança de Buenos Aires é uma vergonha para ti, adorada Sebastianópolis...

Quem um dia te disse que és a primeira capital da América do Sul zombou da tua ingenuidade e injuriou duramente os teus cabelos brancos; mais te ama e muito mais digno é da tua gratidão quem francamente te diz que és uma cidade de pardieiros, habitada por analfabetos. Ah! quando um dia, do teu seio fecundo, surgir o homem fadado para reformar-

te, o Torenato [sic] de Alvear designado pelo Destino para o mister glorioso de te curar a lazeira e de te infundir novo sangue, - e então tu serás a primeira capital, já não da América do Sul, mas de todo o mundo; e os teus filhos de então, vendo, nos álbuns de arte retrospectiva, as tuas ruas e as tuas casas de hoje, perguntarão assombrados como pode um povo viver por tanto tempo atolado em tão torpe inércia!

Tu és filha amada da Natureza; para te fazer feliz, a Sorte quis abrigar-te à sombra do veludo verde das mais belas montanhas da terra, e estendeu aos teus pés o tapete ondulante das mais formosas águas e abriu sobre ti a glória fulgurante do mais lindo pedaço do firmamento. Para Buenos Aires, a Natureza foi uma seca e implacável madrastra: deixou-a como órfã, abandonada e triste na torturante melancolia de uma planície infinita, sem a sombra de um outeiro, sem a frescura de uma sebe verde, com os pés banhados na água lodosa de um rio escasso. E tudo quanto a deserdada hoje possui é obra da sua coragem, do seu desesperado esforço, do seu rude labor sem tréguas. Quando tu quiseses ser uma cidade decente, que assombro não serás, Sebastianópolis, respondendo com um pouco de trabalho à generosidade com que Deus te tratou?!

Certo; não foi durante os seis dias de festa deslumbradoras que os forasteiros do jornalismo puderam admirar a formosa metrópole. De dia, uma população delirante tumultuava nas ruas, aclamando o Brasil, rolando como um Amazonas humano pelas amplas avenidas orladas de palácios, espalhando-se nos vastos estuários das praças empavesadas; à noite, Buenos Aires ardia e fulgurava como uma cidade de sonho: o céu tropical, com todos os seus recamos de estrelas, com todos os seus corimbos de constelações, parecia ter baixado à terra, a adorná-la e a embelezá-la; dez mil carruagens passavam e repassavam numa ronda fantástica, carregando mulheres, cuja beleza, à irradiação viva das Jablokoff, chegava a doer nos olhos da gente! E, ao clamor das bandas de música, ao esto da multidão entusiasta, quem ali estava julgava estar num trecho da Fábula, evocado e animado pela vontade de um mago.

Mas o eco derradeiro das grandes festas expirou; em uma só noite recolheram-se todas as flâmulas, desmantelaram-se todos os coretos, sumiram-se todas as colunatas festivas, e não ficou em nenhuma rua um só buraco, - nenhum só desses hediondos buracos que, no Rio de Janeiro, depois das festas, permanecem, por seis meses, escancarados, chorando a ausência dos mastros arrancados... E foi, então, quando a cidade voltou à sua vida normal, quando à vozeria ensurdecadora da colossal quermesse sucedeu o calmo sussurrar da operosa colméia, que nós pudemos, ó desventurada Sebastianópolis!, estudar e admirar a tua rival, e, de uma em uma pesando todas as tuas belezas, compreender o maravilhoso poder da pertinácia que produziu aquele milagre...

Há pouco mais de vinte anos, quem chegava a Buenos Aires era forçado a passar do navio para uma canoa, e da canoa para um carro de bois, que lá ia aos solavancos, enterrando as rodas na lama. Vinte anos, nada mais! bastaram para tirar da casca repugnante daquela lagarta a cintilante borboleta que é hoje o encanto do Prata!

Quando Alvear quis realizar o seu sonho radiante, não houve casmurrice apatacada que ousasse opor-se ao soberano poder de sua vontade. Foi um prodígio, foi uma loucura, - uma dessas abençoadas loucuras que são cem mil vezes mais úteis do que todo o bom senso de todos os conselheiros Acácio. Para construir o porto Madero, - aquele assombroso porto, graças ao qual o Presidente Campos Sales pôde, sem sair do território brasileiro que era o convés *Riachuelo*, apertar a mão do presidente Roca, que tinha os pés em território argentino, - consumiram-se trinta e seis milhões de pesos ouro; e, dado o primeiro passo, a marcha para a Perfeição precipitou-se, vertiginosa e invencível: todas as velhas casas coloniais caíram, e não houve juiz que desse mandado de manutenção aos proprietários de pocilgas; as ruas alargaram-se, os palácios surgiram como por encanto do solo, a vontade do homem venceu a apatia da terra, os parques se encheram de árvores cuja a existência se mantém á custa de carinhos e de sacrifícios que não têm preço; - e, quando veio a crise, quando a nação se confessou falida, já ninguém podia arrancar do seu solo aquela jóia inestimável, aquela capital modelo...

Não te irrites, Sebastianópolis! não apinhes os lábios num muxoxo tolo! não digas que tudo aquilo é luxo de gente arrebatada! – tu, que não tens luxo nenhum, estás tão arrebatada como a tua rival, e deves, como ela, todos os cabelos da cabeça... Não digas também, que, em compensação o teu progresso intelectual é maior! tu queres ter estátuas antes de ter praças, queres ter teatro nacional antes de ter escolas, queres ter arte antes de ter esgotos... A arte, velha e adorada Sebastianópolis, é a cúpula triunfal que coroa o edifício. Certo, é uma grande glória para uma cidade ter um estatuário como Bernardelli, um pintor como Parreiras ou Amoedo, um jornalista como Patrocínio ou Rui: mas, bem pesadas e bem medidas as cousas, força é convir com a gente, antes de dar um baile, deve mandar varrer a sala...

Quem sabe? talvez mesmo nesse momento, no obscuro laboratório em que os Fados cozinham e condimentam as cousas e as pessoas humanas, - se esteja preparando o advento de uma era nova. Quem sabe? de um instante para o outro, o teu Alvear nascerá e tu renascerás, desgraçada cidade que ainda não tiveste quem te soubesse amar mais com atos do que com palavras!

Não te zangues com a franqueza deste pobre filho! Quando um carioca volta da Europa, e pisa de novo o teu calçamento remendado, e mira de novo os teus prédios sujos e a tua gente em manga de camisa e pés no chão, - a revolta não é grande: o viajante reconhece a inferioridade da sua terra, mas lembra-se de que o conforto e a elegância da Europa são produtos de séculos e séculos de civilização e de trabalho. Essa consideração basta para consolar e para diminuir o espanto e a vergonha. Mas reconhecer a gente que ali assim, a quatro dias de viagem há uma cidade como Buenos Aires, - e que nós, filhos da mesma raça e do mesmo momento histórico com muito mais vida, com muito mais riqueza, com muito mais proteção da Natureza, ainda temos por capital da República, em 1900, a mesma capital de D. João VI em 1808, - isso é o que dói como uma afronta, isso é o que revolta como uma injustiça.

Não cubras com indignação a face, não dê punhadas de ira na cabeça, não te rojes no chão acoimado de ingrato o teu pobre filho, Sebastianópolis! Fosses tu mil vezes mais feia, e mil vezes mais desleixada; e ainda assim, com o mesmo ardor e com a mesma ânsia, ele pediria a Deus que não o tirasse daqui, a fim de que o seu corpo na derradeira viagem para o cemitério S. João Batista, ainda sentisse dentro do carro fúnebre, o péssimo estado do teu ignóbil calçamento! Não, amada Sebastianópolis! o fausto e a lindeza de Buenos Aires não mataram neste coração o amor da cidade natal: quanto mais enfermas e desventuradas são as mães, tanto mais precisam dos beijos e do carinho da prole. Mas, pelo amor de Deus, arruína-te, desgraça-te, empenha as tuas carnes e os teus ossos, come pão seco e bebe água pura, - mas cria coragem, ganha confiança no teu próprio valor, santifica-te pelo trabalho e pela vontade, ex-surge desse marasmo, cresce para a luz e para a limpeza, - limpa-te, Sebastianópolis!

Quando aparecerás tu, Providência desta terra, Alvear da cidade carioca?!

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18 nov. 1900. p. 1, 1. col.]

Crônica

Em S. Paulo, a caminho das termas regeneradoras...

Só quem viaja pode sentir-se envelhecer; viajar é morrer mil vezes, aos bocadinhos, contando de uma em uma essas mil mortes parciais. Fica aqui uma ambição malograda, ali um desejo não satisfeito, mais adiante um amor desiludido... Quando chega a estação final, - aquela cuja porta negra dá para o eterno horror da morte, já o caminho é apenas o fantasma do que foi, a sombra pálida de um homem.

Feliz o aldeão que nunca saiu de sua aldeia, plantada num vale sempre verde, que verdes serras limitam: esse não sente a velhice chegar. Porque o que envelhece a gente é a perpétua transformação das cousas de [****].

A natureza não muda: quem viu hoje o seio de uma rude selva vem achá-la com a mesma fisionomia daqui a dez anos, com os mesmos troncos que os cipós enlaçam, com as mesmas sombras que os ninhos das aves e as tocas das feras povoam de gorjeio e uivos. Nas aldeias humildes, [****] a ambição, também as transformações são tão lentas, tão morosas que ninguém sente: o homem nasce e morre, vendo as mesmas gentes e as mesmas coisas, paradas e calmas, na beatitude de uma paz inalterável...

Mas, as cidades! As cidades mudam de ano em ano, de dia em dia, de hora em hora.

Quem deixa de vê-las durante um ano, vem encontrá-las outras, [****] e alfiadas de outro modo, cheias de uma gente que também é outra. Elas removem à proporção que nós envelhecemos; a cada nova avenida que nelas se abre, cava-se-nos no rosto uma nova ruga. Ao passo que para elas a Vida é o rejuvenescimento perpétuo, para nós é a morte. Quem construiu aquele belo palácio, de mármore luzindo ao sol e de altas tacaniças afrontando o céu, pouco tempo o habitou: entro-lhe à porta, um dia, de cabeça erguida, como proprietário, e saiu, no dia seguinte, esticado num caixão, como hóspede expulso. Quem abriu aquela rua nova, beirada de casas garridas, pouco tempo lhe pisou o calçamento: subiu-a numa carruagem festiva, cantando de orgulho, e desceu-a, mudo e imóvel num coche fúnebre...

Imagine-se agora a diferença que uma cidade faz em treze anos!

Há treze anos, naquele doce ano de 1887 que este cronista passou em São Paulo a fingir que estudava retórica, a Paulicéia era uma calada cidade de estudo e troça.

Na Ponte Grande, no fluxo das águas claras, ainda vibrava o eco abafado da canção boêmia de Castro Alves;

“Nini! tu és o *cache-nez* desta alma!

Ó Paulicéia! Ó Ponte Grande! Ó Glória!...”.

E no escuro antro do *Corvo* (que fim levou o *Corvo*, ó Paulicéia?) ainda as paredes esfumaçadas guardavam um ou outro verso de Varela...

Doce ano, aquele, e pacata cidade! Ainda agora, fechando os olhos, quem escreve esta crônica de saudades vê passar, numa ronda esfumada, uma procissão de amigos mortos: o Teófilo Dias, pequenino e inquieto, com uma cabeleira merovingiana sob um chapéu minúsculo, recitando Baudelaire; Ezequiel Freire, arrastando de palestra em palestra o

seu meigo lirismo e a sua voraz tuberculose. Dias da Rocha, outro lírico devorado pela tísica; e tantos outros, e tantos outros!

Uma cidade, de estudo e de troça... Mais de troça que de estudo. Havia quem penasse e gemesse sobre o Corpus-Juris. Mas a imensa maioria dos estudantes (e estudantes eram quase todos os habitantes de S. Paulo) abominava do fundo da alma as apostilas e os compêndios. Só se viam pelas ruas caras imberbes, gestos largos, olhares que a Esperança enchia de clarões, bocas abertas num perpétuo riso, - afrontando a Vida, desafiando o futuro, malhando de rijo nas cousas e nos homens do passado, sem sentir que as horas corriam, passavam, voavam para nunca mais voltar.

Os dias, quando não eram dados ao sono, eram consagrados a passeios longos, a banhos no rio, a intermináveis partidas de bola, a cervejadas infundáveis. Quando caía a noite, começava a peregrinação de *república* em *república*, de café em café, discutindo tudo, resolvendo todos os altos problemas da moral, da filosofia, da religião, até a hora da ceiota ruidosa. Depois, o vagamundeio pelas ruas mortas, sob a garoa fina, até o romper do dia, - sem esquecer (Lembras-te, Paulo? Lembras-te Pujol? Lembras-te Machadinho?) a visita ao *eco da Academia*, um pobre eco mofino que já estava rouco de tanto repetir blasfêmias e barbaridades...

Tudo isso desapareceu, levado na enxurrada dos anos.

É de crer que o próprio eco tenha morrido: o cronista não verificou este caso, por falta de pachorra e por excesso de uratos nas articulações. De certo, os felizes, que, nascidos aqui, nunca daqui saíram, não chegaram a perceber esse lento evoluir da aldeia em cidade, essa lenta passagem do estado de lagarta ao estado de borboleta. Mas quem tiver passado dez ou doze anos fora daqui, pasmará, vendo tanta mudança.

O triângulo, o velho triângulo formado pelas velhas ruas Direita, de S. Bento e da Imperatriz, é o mesmo. Em geral, dá-se com as cidades o mesmo que com o corpo humano: a periferia, a superfície, o lado externo modificam-se mais facilmente do que o coração. E este triângulo é o coração de São Paulo, o ponto em que se dá o fluxo e o refluxo da sua circulação. As casas são as mesmas, o aspecto é o mesmo, o caráter é o mesmo. Aqui, um gênio misterioso, como aquele famoso general da Bíblia, suspendeu o curso do sol...

Mas, fora o triângulo, que transformação e que beleza! Ah! por que não há de a nossa Sebastianópolis pedir à Paulicéia o segredo desse culto do belo, deste amor do ar livre, da arquitetura elegante e do arruamento regular?

As avenidas, bordadas de palacetes lindos, multiplicam-se e cruzam-se. Nem uma só rua nova ousa, como as nossas, desviar-se e torcer-se em coleios de cobra. E já

nenhum mestre-de-obras se atreve a plantar na platibanda das casas essas abomináveis compoteiras de gesso, que são o privilégio da arquitetura carioca.

E a condução!... Quando se faz a comparação entre o airoso bonde elétrico daqui, cômodo e leve, deslizando sozinho e rápido, e os nossos medonhos e assassinos comboios da Botanical, de quatro carros arrastando-se e rastejando aos corcovos como longas tênias morosas, não se chega a compreender a longanimidade e paciência da população do Rio de Janeiro. Enfim, o melhor é evitar comparações, que nada adiantam: nós, cariocas, somos vaidosos, e fazemos bem, - porque, enfim, não há quem não ame o seu chinelo velho e a sua velha poltrona...

Apesar de todo o seu descabelado e intransigente romantismo, o cronista não lastima que a Paulicéia se tenha modificado. O homem nasce, vive um momento, desaparece; o meio permanece, subsiste, melhora. Para que há de a gente querer opor-se às leis fatais da vida, “essa criatura antiga e formidável”, no dizer de Machado de Assis? O fruto maduro apodrece, descompõe-se, cai da árvore, - para a não enfeiar com a sua presença... Morramos sem queixa, desapareçamos sem lamentações inúteis e tenhamos o pudor da nossa velhice. Essas criancinhas paulistas, que andam agora engatinhando, também um dia se sentirão velhas diante da terra sempre moça; e hão de gemer as suas reumas, - e a terra sempre moça não lhe há de ouvir as lamúrias...

Era o que faltava: que S. Paulo fosse para todo o sempre a pacata *urbs* de antanho! A Nini de Castro Alves já não está disposta a servir de *cachê-nez* para as almas dos poetas boêmios; e se, hoje, um bando de estróinas saísse por aqui a invadir cervejarias, a furtar tabuletas, a decompor o *eco da Academia*, e a cantar o hino de Fontoura Xavier:

“e tudo come!

e tudo bebe!”

Não faltariam patrulhas que pusessem cabo a esses desregramentos, aferrolhando na cadeia os malandrins perturbadores da paz pública.

Consolemo-nos e vamos às termas regeneradoras de Poços de Caldas!

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 3 mar. 1901. p. 1, 1. col.]

Crônica

Nem tudo é desgosto e tempo perdido, neste ofício de escrever todos os dias para o público. Desta mesma coluna da *Gazeta*, servida semanalmente, há seis anos, por um cronista fútil, - tem partido muita idéia modesta e boa, singelamente aventada, acolhida lá fora

com generosidade e carinho, e desabotoada, ao calor do meigo coração do povo, em flores e frutos de raro viço.

Também, se não fossem essas pequeninas compensações, mais valeria quebrar a pena e ir cultivar hortaliças, porque, como bem diz com a sua fina ironia o sutil Anatole France, “*il est infiniment plus sage de planter des choux que de faire des livres...*”.

Ora, justamente hoje, algumas senhoras pedem ao cronista que seja ele o primeiro a dar publicidade à generosa idéia que lhes nasceu dos corações amantíssimos. Quase todas elas são mães: nos ombros de cada uma palpita esse par de asas invisíveis e sagradas, a cuja sombra se abrigam os pequeninos entes, tão bem cantados na famosa canção que Massenet pôs em música:

*“On ne devrait faire aux enfants
Nulle peine, même légère...
Car ils auront toujours le temps
De connaître notre misère!”*

Trata-se de fundar um *hospital de crianças* e uma *creche*. Mas não se trata de um projeto ainda em germe: já grande parte do trabalho está feito. Uma senhora brasileira recebeu de um irmão um legado importante, destinado a custear a fundação dessas duas casas de Amor e Piedade.

Mas, naturalmente, os recursos ainda são escassos para tão grande obra. E uma comissão de damas da nossa mais fina sociedade quer auxiliar a legatária, no caridoso cumprimento de sua terna missão. Por estes dias mais próximos, essas mensageiras do bem começarão, à sombra dos nomes ilustres que trazem, a sua propaganda. E não é descabido ir desde já desbravando o caminho, e chamando a atenção das almas boas para essas duas idéias, e, principalmente, para a idéia da *creche*.

A *creche* não é propriamente o que chamamos uma *Maternidade*, nem um Asilo para a infância desprotegida, nem um hospital para crianças. É uma casa de caridade onde são alimentadas, lavadas e cuidadas, durante o dia, as crianças cujas mães trabalham no campo, nas fábricas, no serviço doméstico. Para as crianças abandonadas ou órfãs, há os asilos, os institutos de assistência, os orfanatos. Nas *creches*, as crianças não são segregadas do carinho materno: ficam ali, apenas durante as horas do dia, quando as mães estão entregues aos rudes trabalhos cujo produto lhes fecha o lar à visita da fome.

Diríeis que, no Rio de Janeiro, ainda a miséria não é tanta que torne necessários esses extremos de caridade... Que felizes sois vós, se ainda estais adormecidos no seio dessa consoladora crença falaz! Nós temos vivido embalados numa ilusão perniciosa. Antigamente

o chavão célebre: “o Brasil é terra onde ninguém padece de fome” podia ser uma inofensiva basófia, uma baforada de ingênuo orgulho; mas, hoje, é uma revoltante mentira, uma intolerável falsidade. Só quem nunca saiu da rua do Ouvidor e da zona fidalga de Botafogo e Laranjeiras, é que pode, sem mentir, negar que já também aqui, na terra da fartura, há gente pobre que se mata de trabalhar, sem que, com todo esse excesso de trabalho, possa obter o pão e o sossego.

A desgraça das crianças pobres, sobretudo, é dolorosa e inegável.

Quem escreve estas linhas tem ultimamente, no cumprimento de um dever profissional, percorrido o mais pobre, o mais triste, o mais sujo bairro do Rio de Janeiro, - a zona que abrange a Saúde, a Gamboa, a Praia Formosa, entre a orla do mar e os morros da Conceição, do Pinto, da Providência. Nessa região cheia de trapichos, de estaleiros, de depósitos de madeira e carvão, de estalagens e de tavernas suspeitas, formiga uma população macilenta e triste.

As ruas não são varridas, há becos e ladeiras, em que, mesmo depois de toda uma semana de sol, ainda a lama negra poreja umidade e miasmas. E o mais doloroso é ver as crianças que se arrastam nesses persigais infectos, nessas horríveis alfurjas; - são magras, esqueléticas, algumas hidrópicas, outras ictéricas, outras tísicas, todas sujas e fracas... As escolas ficam cheias, mas as crianças que lá vão são apenas as mais felizes, as que ainda podem ter um par de pobres sapatinhos e uma roupa modesta; as outras, as que ficam na sujeira e na madraçaria das ruas, são em maior número. Que fazer? quando mingua o pão, o estímulo desaparece. E há por ali muita casa em que ele não somente mingua, como falta de todo...

Decerto, no estado atual da nossa *civilização* (?) a pobreza é um mal inevitável. Se todos os fartos dessem um quinto da sua fartura à fome dos pobres, ainda assim haveria pelo mundo muito estômago vazio e muita alma desesperada. A ação da Caridade, não podendo ser divina, tem de ser humana, e portanto, contingente. E se não podemos consertar radicalmente a máquina do mundo (que já saiu da fábrica bem desarranjada, graças a Deus!) procuremos ao menos ir deitando um escasso pingote de azeite em cada uma das suas molas perras, - para que o monstro canse e triture o menor número possível de vítimas.

Para perceber a inadiável necessidade de *creches*, basta pensar no extraordinário número de mulheres que hoje se empregam no operariado das fábricas e no trabalho doméstico. Por um lado, quase todo o pessoal das grandes fábricas de tecidos, de fósforos, de calçado, de chapéus, de roupas, é composto de mulheres; por outro lado, todo o serviço doméstico que era antigamente feito pelas escravas, é hoje feito pelas *alugadas*.

Ora, essas mulheres (que são aptas para o amor e para a maternidade como as esposas dos capitalistas) têm filhos. Como hão de elas tratar dos filhos enquanto trabalham?

Claro está que os industriais não podem consentir que as crianças fiquem nas fábricas, agarradas às saias das mães, ou sugando-lhes o seio, ou casando ao rude barulho das grandes máquinas a granizada fresca das suas risadas. E quanto às mulheres que se empregam no serviço doméstico... Falem, em consciência, as *donas-de-casa* que lêem esta *Crônica*: qual delas recebe com agrado uma criada que tem nos braços o peso doce, mas exigente e perturbador, de um filho ainda tenro?

Essas flores melindrosas, esses franzinos corpos em que a Vida não passa de um ensaio e de uma tentativa, carecem de um apaixonado e constante cuidado. A morte negra, sob a capa das moléstias traiçoeiras que tanta predileção tem pelos berços, anda rondando essas presas de fácil aquisição. Com a criação das *creches*, o cuidado não falta nunca. A mãe pobre, antes de ir ocupar no fogão da cozinha ou junto da máquina de tear o seu posto de operária diligente, vai à *creche*, e confia-lhe o filhinho. E sabe bem que o não deixa ao desamparo, sem alimento e sem carinho; sabe que o entrega em mãos tão capazes e tão meigas com as suas, que o lavarão, que o vestirão, que lhe darão afagos e leite. E, assim, com o coração tranqüilo e as mãos desimpedidas, a mãe pobre não sentirá muito essa separação de horas, e irá, na labuta afanosa, ganhar dinheiro com que possa alimentar os outros filhos e mandá-los à escola.

Não é verdade que uma doce poesia consoladora se evolva dessa idéia, como uma onda perfuma e evolva do seio de uma flor? E pensar somente que o nobre projeto tenha um tão mau advogado... Mas daqui a pouco, outras penas menos secas e outros corações mais puros do que a pena e o coração deste cronista quase velho e já muito desenxabido, virão levantar do chão o assunto, de dar-lhe asas de ouro e sol, e dar-lhe aromas e faceirices de primavera, e obriga-lo a tomar conta de todas as casas e de todas as almas.

A idéia vencerá. Vamos, senhoras! enquanto os homens, na sua fria maldade, só sabem servir à Morte, tratai vós outras de servir à Vida, porque ela vos abençoará.

Ainda hoje, todos os corações sensíveis abençoam o nome de Madame Pastoret, a cuja dedicação incansável se deve a inauguração da primeira das *creches*, - aquela que se abriu em Paris, no ano de 1844. Agora, não há capital que não as possua, em todos os bairros: e são as rainhas, as imperatrizes, as senhoras de presidentes de Estado, as mais ricas e finas damas que patrocinam e sustentam esses estabelecimentos, cuja denominação traz à lembrança o rústico estábulo em que nasceu Jesus, - o doce filho da humilde Maria, sereno pai do Perdão e da Misericórdia.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 23 jun. 1901. p. 1, 1. col.]

Crônica

Como? Prontidão de forças de terra e mar? Boatos e zunzuns de revolução?! – Senhora Musa! não metamos as mãos nas chamas dessa fogueira: conversemos sobre coisas calmas, - ainda que estejamos tão calmos como... o seio de um vulcão em atividade.

**

Para quem ama as cousas velhas (e nós, Senhora Musa, gostamos muito mais do passado do que do presente) foi uma leitura sugestiva a do folhetim de A. V., na *Notícia* de ontem, sobre os velhos chafarizes da cidade. Como todas as coisas antigas, os velhos chafarizes vão desaparecendo, de um em um, derrocados sem piedade. Essa fúria de destruição não deixa de alarmar alguns raros espíritos, que ainda se cansam em querer dar o amor da História a um povo que faz questão de não ter História.

Ainda ontem um telegrama de Santiago comunicava já estar nomeada a comissão que há de representar o Chile no *Congresso de História* de Roma. Aí está um Congresso que não deve contar conosco. Que nos importa a História? Nós somos um povo que, quando tem sede, agacha-se junto do leito do rio, e bebe a fartar, sem querer saber de que remota e verdejante serra brota a água fresca que o dessedenta. Não há muitos dias, um homem, que é um mestre na arte de escrever e um observador de admirável precisão de crítica, dizia tudo isso, em palestra desconsolada: “Dir-se-ia que o Brasil não é uma nação, mas um acampamento de tribos nômades. Quem aqui vem, não trata de se ligar ao solo: arma sua barraca, trabalha, enriquece, e, enrolando a tenda, vai embora, sem olhar para trás...”

Parece, realmente, que nos envergonhamos do passado e que nos esforçamos para cortar todos os fios que prendem o nosso *hoje* ao nosso *ontem*.

É comum ouvir dizer: “Ah! se em 1646, os holandeses tivessem ficado senhores do Brasil!” Já isso é uma prova de nossa irremediável e imbecil ingratidão. Ninguém pode escolher a sua origem: o homem nasce filho de uma rainha ou filho de uma humilde lavadeira de terras, ao acaso. E já vai longe o tempo em que eram os pais que davam glória e renome aos filhos: hoje, nestes claros tempos de democracia, a glória vai dos rebentos para o tronco, das flores para os galhos, - e os netos enobrecem os avós. Mas essa mania, a que José Veríssimo deu o nome bem achado de “nostalgia holandesa” é uma ridícula capa de que os servimos para encobrir a nossa indiferença. Se em 1649 os holandeses, ganhando a segunda batalha dos Guararapes, tivessem tomado a sua conta a colonização e a civilização do Brasil, é

possível que hoje disséssemos, com a mesma tola e melada lamúria: “Ah! se os portugueses houvessem vencido!...”

A verdade é que abafamos dentro d’alma a idéia do passado, como sufocaríamos um remorso importuno. Somos todos, mais ou menos, como o mulatinho idiota que unta os cabelos com óleo de babosa para lhes disfarçar o comprometedor encrespamento, e para explicar a cor morena da pele, pretende descender de algum velho caboclo, cacique autêntico, - como se fosse mais vergonhoso provir de um preto das malocas de Angola do que provir de um bugre do Tocantins...

Pois, francamente: do nosso hoje é que nos deveríamos envergonhar; porque em arte, em bom gosto, em educação, nós temos andado como os pernudos caranguejos – para trás.

A guerra feia aos velhos chafarizes, e em geral a toda a nossa arqueologia urbana, vem do desejo de fazer “cousas bonitas e modernas”. Mas se o único bonito que se pode conseguir é o que por aí vemos, melhor seria que nos deixassem as cousas velhas e feias. Não é preciso ser artista para reconhecer que o Passeio Público é muito mais lindo do que o parque da Aclimação, e que a arquitetura da Escola de Belas Artes, por exemplo, é muito mais digna e muito mais bela do que a daquelas casas pombais da rua Senador Dantas, cheias de arrebiques e de requintes, carregadas de um luxo pretensioso e falso, como saloias disfarçadas de duquesas.

A. V., o colaborador da *Notícia*, diz que o Conselho Superior de Belas Artes dispõe-se a intervir naquilo que se chama arte pública, pedindo à Prefeitura que se interesse pela conservação do que há de histórico e artístico pelas ruas e praças da cidade. Não é de crer que se consiga alguma cousa. Multas, prisões, violências não lograrão dar corretivo ao irreprimível vandalismo que há no fundo do nosso caráter.

Vêm-se por aí cousas que espantam e horrorizam. Quem pode compreender que se quebre, pelo meio, um banco de pedra, medindo vinte ou trinta centímetros de espessura? Pois não é difícil encontrar pelos nossos jardins públicos, a prova de que esses maravilhosos *tours-de-force* do vandalismo são para os nossos vândalos uma simples brincadeira. Os varões das grades são cuidadosamente torcidos e quebrados. As caniçadas de ferro, com que a Prefeitura manda proteger as árvores recém-plantadas não chegam a durar uma semana sem estrago: cada carroça, que por elas passa, dá-lhes um encontrão, cada garoto que as vê exercita nelas as suas forças.

E, ainda há bem poucos dias, quem passasse pelo largo da Glória via um desenho obsceno, feito a carvão, no granito do monumento a Cabral...

Como exigir algum respeito às obras de arte, de uma gente que arrebenta às patadas as bacias de mármore dos mictórios, e que retorcer hastes de ferro e bronze com a mesma facilidade com que retorceria o mais frágil dos vimes?

O mais que o Conselho de Belas Artes pode conseguir é que se decretem penas severas contra quem puser mão devastadora sobre monumentos públicos... Ah! mas no dia em que se aplicar a primeira dessas penas haverá um bate-barbas desabado! a imprensa berrará que “a polícia é despótica! que o governo é mais feroz que o da Rússia! que já não há liberdade nesta terra desventurada! – vejam que infâmia! prender uma inocente criança, só porque pintou uma indecência no pedestal do monumento do 4º centenário... Vejam que tirania! Multar um pacífico cidadão, só porque se aliviou da águas pesadas no sopé do busto de Gonçalves Dias... Vejam que inqualificável violência! meter na cadeia um inofensivo cavalheiro só porque fez voar à dinamite o chafariz do largo da Carioca!” E todos os advogados correrão a impetrar *habeas-corpus* em favor das vítimas da intolerância policial; e, se o Conselho Superior de Belas Artes insistir, será corrido nas ruas a batatas e latas de manteiga...

Não tentemos endireitar o que está irreparavelmente torto. Não queiramos que respeite e conserve as cousas do passado quem não sabe respeitar nem conservar as estradas, os jardins, os bancos, as obras de utilidade pública que custam tanto dinheiro.

O que espanta é que ainda por aí estejam de pé tantas belas cousas do passado.

Querem saber? quem escreve estas linhas, quando encontra na rua o visconde de Barbacena, o visconde de Cabo Frio, ou algum outro desses sábios varões que já dobraram o cabo dos oitenta anos, ficam com medo de que a população lhes faça alguma violência, - tão estranhado e profundo é o rancor que a Velhice, o Passado e a História inspiram neste país...

Ah! quando quizerão os deuses piedosos baixar os olhos para este pedaço de planeta, em que nos arrastamos, sem um ideal puro, sem uma aspiração elevada, sem um nobre desejo de fugir da animalidade?! Quando palpitará pela primeira vez dentro dos nossos corações esse amor do Passado, esse culto de ansiedade, essa religião da História, - que fazem as famílias fortes e as nações felizes?!

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 1 set. 1901. p. 1, 1. col.]

Crônica

Depois de amanhã, passado o glorioso dia dos três Magos Melchior, Balthazar e Gaspar, já nos teremos habituado ao ano novo e ao calor.

Aqui temos o escaldado janeiro, o primeiro dos três furiosos meses, colocados pela velha astronomia em nosso hemisfério, sob a influência da áspera *Canícula*, que, com ser a mais bela e brilhante das estrelas fixas, era também, na opinião dos antigos, aquela que mais duramente castigava os mortais. Hoje, a *Canícula* é uma figura de retórica: o nome que lhe damos é *Sirius*, e já ninguém lhe atribue a paternidade e a responsabilidade legal destes calores assassinos, que fazem a fortuna das engomadeiras e a prosperidade das fábricas de gelo.

Ah! se não fosse o gelo! Dizem que o gelo mata, como pai que é das bronquites, das pneumonias e das anginas. Mas perdoa-se-lhe facilmente o mal que faz, pelo bem que sabe. Nem se pode compreender que se vivesse antigamente, nesta ardente terra carioca, sem o benefício de tão suave remédio... Entretanto, quando Ferdinand Denis visitou o Rio de Janeiro, ninguém conhecia por aqui a delícia do sorvete: “Dizem (escreve ele) que já se toma neve no Rio, como em Paris, em casa de Tortoni. Soubemos este fato por um jovem brasileiro recém-chegado; porém confessamos que, na época em que visitamos o Rio, nada havia que fizesse antever semelhante mudança nos costumes locais”. Mas também nesse tempo a vida era pacata, e era natural que se não sentisse tanto o suplício do calor...

E o mesmo Ferdinand Denis quem nos diz o que era a vida dos nossos avós: “O habitante é preguiçoso. Ergue-se ao nascer do sol. Não gasta tempo em vestir-se, porque não se havia despido. Demora-se fumando à porta, de onde só sai para ir repousar na rede. Se alguém lhe pergunta onde mora um seu vizinho, diz que não sabe: falar fadiga-o tanto como pensar... em geral, está em casa, com a barba de muitos dias, mal penteados os cabelos, sem outro vestido além da camisa de algodão, com o peito descoberto, e as mangas arregaçadas até o cotovelo. Raras vezes assentada, quase sempre acorada sobre os calcanhares, a senhora brasileira faz renda, como a que no século décimo sexto se fabricava; com a palmatória castiga as suas pretas, e pensa no atavio novo que há de levar no próximo sermão”.

Talvez a narração não seja fiel: só o venerando Sr. Visconde de Barbacena poderia dizer talvez se o quadro que aí fica é verdadeiro. Mas a vida, não há dúvida, era pacífica, preguiçosa, serena.

Agora, além da inclemência clássica e temerosa canícula, há a febre desta tumultuosa existência, cheia de atropelos e sobressaltos. Se não despejássemos, de vez em quando, dentro da nossa fornalha animal, alguns bocados de neve calmante, estouraríamos todos, como petardos atulhados de pólvora, ou andaríamos por aí com as roupas em chama, como fogueiras ambulantes.

Ainda assim, quantos dramas de desespero, e quantas manifestações de mórbida e feroz exaltação, nestes primeiros dias de abrasado estio! Ainda anteontem, quem passasse ao meio-dia pela rua Gonçalves Dias, suporia estar dentro de um hospital de alienados.

Caíra um homem na calçada, vitimado pelo estrangulamento de uma hérnia. Um médico, que passava, examinou o doente, e, reconhecendo que lhe não podia prestar socorro imediato, aconselhou a sua remoção para um hospital: tanto bastou para que o povo amotinado quisesse linchar o mal-aventurado esculápio! Que é isso? é o calor! é o calor que escalda o sangue, alucina a razão, e é capaz de transformar o mais pacífico burguês suado no mais sanguinário dos Neros!

E os desesperados da vida? A semana que acabou ontem, cavalgando a passagem de ano com três dias em 1901 e outros três em 1902, foi principalmente uma semana de suicídios. Houve suicídios por atrasos comerciais, suicídios por ciúme, suicídios por amor mal correspondido, suicídios por cansaço de viver.

O veneno, o punhal, o revólver, as chamas do querosene, todo o vasto e variado aparelho da morte foi chamado a liquidar de modo sumário as complicações da vida. E é diante dessa imensa variedade de meios de morrer, que a gente percebe a profunda verdade daquela frase de Montaigne: *“le present que la nature nous ayt faict le plus facorable c’est de nous avoir laissé la clef des champs: elle n’aordenné qu’une entrée à l a vie, et cent unil issues...”*

De fato, a porta de entrada é uma só, e as portas de saídas são muitas. São tantas que já, segundo se lê em um jornal estrangeiro, o Dr. Charles Jacob, especialistas de moléstias nervosas, requereu à municipalidade de Chicago autorização para estabelecer uma “sala de suicídio”, onde todos os seus doentes incuráveis que queiram morrer se poderão matar “comodamente”, pagando uma certa quantia. Inútil é dizer que a municipalidade de Chicago indeferiu a petição. Fez mal! Quando a gente se dispõe a morrer, mais vale morrer com conforto e decência. Um imperador romano matou-se dentro de uma cloaca. Mas outro imperador, também romano, teve o bom gosto de mandar calçar de pedras preciosas o chão de um pátio, sobre o qual se precipitou de grande altura, no dia em que reconheceu que já lhe pesava demais a existência.

Mas, não digamos aos desesperados que se matem desta ou daquela maneira: digamos-lhe, sim, que usem e abusem do gelo! Uma pneumonia nem sempre mata...

“O Sr. Prefeito municipal aprovou o orçamento apresentado pela diretoria de obras municipais para os melhoramentos que vão ser feitos no cais Pharoux.”

Esta notícia, que é um presente de *boas festas*, dados pelas folhas de ontem à população do Rio de Janeiro, deve ser o principal assunto e a maior alegria desta *Crônica*, na qual, bem ou mal interpretada, se vem refletir a vida da capital do Brasil.

Diz um velho rifão que “tal entrada de casa, tal quintal”. Aquele cais Pharoux que já foi limpo e decente, é hoje a nossa mais infamante vergonha. Só quem já teve a obrigação de ir buscar a bordo de um transatlântico, um estrangeiro vindo pela primeira vez ao Rio de Janeiro, é que pode saber que a sensação de inenarrável opróbrio e de vexame tremendo dá aquele momento negro da chegada do forasteiro a um cais arreventado, sem grade, de escadas arrombadas, coberto de cascas de frutas, de legumes podres, de imundícies de toda sorte.

Quem escreve esta *Crônica* já se viu um dia nesse doloroso apuro... A vontade que teve foi de cair ali fulminado! e, para explicar ao advena amigo aquele horror, teve de balbuciar, gago e tonto, uma asquerosa mentira: “não, amigo, não! isto aqui não é propriamente o nosso cais de desembarque! isto aqui é o desaguadouro dos detritos da cidade... o nosso verdadeiro cais fica mais adiante, mas está em consertos... nós desembarcamos aqui para não perder tempo!”

Oh! aquele medonho cais! aquele medonho cais, com aquele medonho Mercado à ilharga, muito sujo, muito enlameado, muito úmido, desfazendo-se em nuvens de cheiros nauseabundos, - cheiro de maresia, cheiro de suor, cheiro de peixe podre, cheiro de sentina! Será verdade mesmo que uma generosa mão se dispõe a melhorar aquilo? Ó mão abençoada! abençoada sejas tu pelos séculos dos séculos!

Aquilo é tão hediondo, que segundo afirmam pessoas dignas de fé, já por várias vezes se tem visto a estátua do general Osório, alta noite, ao luar, pôr a espada debaixo de braço, e tapar o nariz, para não sentir a acre transpiração daquele local...

Cariocas! recebei com júbilo a boa nova! calçado, varrido, apercebido de uma grade nova, iluminado e chibante, o cais Pharoux vai sair de sua ignomínia atual. O resto virá depois. Quem tiver bastante boa vontade para restaurar o Pharoux, - tê-la-á também a sanear aquele horrível Mercado em decomposição, como Hércules, o Herói dos Doze Trabalhos, saneou as cavaliças de Augins.

s.a.

[BILAC, Olavo. *Crônica*. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 5 jan. 1902. p. 1, 3. col.]

Crônica

Esta crônica é escrita na terra paulista, por uma bela manhã que parece de doce inverno. Escrever assim de tão longe, e sem saber o que houve, durante a semana no Rio de Janeiro, não é tarefa agradável nem fácil. Além disso, como ter idéias, como ter estilo, escrevendo num quarto de hotel, entre quatro paredes nuas e frias que nada dizem à alma do escritor?

A mesa é acanhada, a cadeira é incômoda, a pena é ruim, a tinta é pastosa, tudo é hostil e aborrecido. Pelo chão do quarto, escancaram-se malas, espalham-se as roupas: e, no meio desta desordem, as idéias baralham-se e perdem-se, perdem-se e baralham-se as palavras. Um adjetivo esconde-se no fundo da caixa dos chapéus; um verbo substantivo perverso mete-se entre as camisas em pilha; um verbo espertalhão salta do bico da pena, e, em vez de cair sobre o papel, vai alapardear-se debaixo da cama. Lá fora tudo também é confusão e desordem. Pelos corredores do hotel, soam passadas fortes, gritam vozes desconhecidas, arrastam-se bagagens, tinem campainhas, travam-se disputas: e cada um desses confusos rumores entra pelo ouvido da gente como uma alfinetada torturante.

Ah! quem me dera outra vez o tempo em que a minh'alma, alegre e moça estava bem em toda a parte, como uma despreocupada cigana sem pátria! Num quarto de hospedaria ou num gabinete luxuoso, sobre uma rica mesa de canela ou sobre uma pífia tábua de pinho, no aconchego da minha casa ou na lufa-lufa da sala de redação de jornal, - em toda a parte, a pena, ágil e pronta, deslizava com a mesma facilidade sobre o papel, e bastava um gesto para que as idéias, como servas obedientes, acorressem logo, e viessem fulgir e revoar, num bando alado, em torno de mim.

Esse era o tempo da rija saúde e do bom humor imutável: as manhãs, por mais nubladas que despertassem, pareciam sempre feitas de sol; os dias corriam sem um tropeço, como águas de rios calmos; as noites voavam sem um sonho mau. E para o trabalho como para o prazer, os nervos estavam sempre afinados, e os músculos estavam sempre firmes, e o cérebro estava sempre fresco...

Mas a que vem tudo isso? o realejo aqui está à minha espera... Não há desculpa possível: é empunhar a manivela e começar a moer a música!

Como não sei o que houve no Rio de Janeiro, o melhor é espalhar por esta coluna alguns aspectos de S. Paulo, algumas notas sobre a vida da linda capital do café.

Não vale a pena, está claro, falar do progresso material, em verdade espantoso, que se admira por aqui. S. Paulo não fica no fim do mundo: e não há carioca que não conheça

as maravilhosas criações da administração Antônio Prado. Alargam-se as ruas, arborizam-se as praças; os velhos paralelepípedos tortos do calçamento são substituídos por outros, novos e bem feitos, de arestas vigorosamente retas; as calçadas são de elegante ladrilho; e já no largo do Rosário há um refúgio, como os das ruas de Paris, - *excusez du peu!*

O que mais interessa, porém não é esse progresso: é o outro, o progresso moral, a boa vontade com que o povo se vai educando e disciplinando.

Nesta semana, houve no policiamento dos teatros paulistas, uma reforma altamente significativa. Até agora, esse policiamento era feito por soldados de polícia. Naturalmente, esses soldados apresentavam-se armados, - porque havia até agora a convicção de que o povo, essa eterna criança malcriada, devia ser intimidado pelo minaz aspecto dos mantenedores da ordem. Mas, há poucos dias, o policiamento começou a ser feito pela guarda cívica, - e sem armas.

Isso parece pouco, e é muito. Há reformas que só são possíveis, quando se tem na cordura e na boa educação de um povo uma absoluta confiança. Uma multidão civilizada pode ser vigiada e policiada por um só homem inerme, e até por uma criança débil: e, para conter em respeito e calma uma multidão de Zulus ou de cafres, não bastarão decerto cinqüenta metralhadoras...

Mas para provar que essa medida pode ser sem receio adotada em S. Paulo, basta citar dois fatos:

Quando a *Light and Power* inaugurou os seus bondes elétricos, adotou desde logo um regulamento rigoroso. Marcou-se uma lotação para cada carro; estabeleceu-se que só poderia subir para o bonde e dele descer por um lado da linha; e ficou terminantemente proibido fumar nos três primeiros bancos de cada veículo. Pois há mais de um ano que o serviço se faz sem a menor disputa. As senhoras, que não suportam o fumo, sentam-se nos três primeiros bancos do bonde, - e nunca, mas absolutamente nunca, houve um passageiro que, tomando lugar em um desses bancos, se lembrasse de acender um cigarro... eu conheço muito intimamente uma grande cidade, - a cidade da desobediência, da indisciplina e do *não pode!* - em que tal regulamento, com essas exigências, que pareceriam logo atentados contra a liberdade individual, provocaria motins, protestos, assuadas, e tiros de revólver... Não é verdade? nos bondes dessa grande cidade a que me refiro, todo o mundo fuma, lançando baforadas à face das senhoras, e todo o mundo cospe e escarra, com estrépito e orgulho, nos soalhos, cujo aspecto dá náuseas mortais...

Valha-se Nossa Senhora da Disciplina, ó cidade do meu amor e do meu desespero!

O outro fato admirável é este. A municipalidade de S. Paulo está retirando as grades de todos os jardins públicos. As grades, quando se conservam, são baixinhas e frágeis, simples cercados, que apenas servem para enfeitar e não para resguardar as plantas.

No Rio de Janeiro, é preciso guardar as plantas com o mesmo desvelado rigor e a mesma escrupulosa avareza, com que, na rotunda do Museu do Louvre, em Paris, se guardam a coroa de ferro de Carlos Magno e as pedrarias da coroa do Rei-Sol! E não é preciso resguardar apenas as plantas: ainda há poucos dias, um jornal contava que os baixos relevos da estátua de Caxias, no largo do Machado, estão quase todos destruídos pelas mãos dos vagabundos...

Nos jardins de S. Paulo, não há somente folhagem; há flores, e lindas flores, ao alcance da cobiça de quem passa, esplêndidas rosas, radiantes camélias, cheirosas gardêneas, melindrosas orquídeas, - e ninguém deixa cair sobre elas a mão devastadora.

Decerto, o povo do Rio de Janeiro não é uma turbamulta de vândalos: se é um povo mal educado, é porque ainda lhe não quiseram dar educação. Se a polícia metesse no xadrez e desancasse com uma boa roda de pauladas todo o vagabundo que estragasse árvores e monumentos e plantasse figurinhas torpes nas paredes das casas, - em breve os nossos jardins teriam flores, e os trabalhos de Bernardelli ficariam salvos, e as senhoras poderiam sem receio olhar as muralhas dos prédios...

E está acabada a quinta tira de papel. Que pena, Santo Deus! que tinta! e que triste este quarto de hotel! Imagine o leitor que a *Gazeta* de hoje não trouxe *Crônica*: vá ler o noticiário, e não se arrepele com o logro que lhe pregou o cronista.

Daqui a uma semana, já por esta coluna haverá um pouco de frescura e de aroma: a próxima *Crônica* virá de um lindo pedaço de terra mineira, de um formoso vale encantado, que as Musas e as Graças habitam, em companhia da Saúde e do Sossego. Lá, na serena vila de Poços de Caldas, poderá o cronista analisar a vida carioca: às vezes, para bem apreciar as cousas, é preciso estar bem longe delas! Deus permita que não haja pelo Rio de Janeiro assassinatos nem torpezas, para que, no meio da doce paz da Natureza, eu não seja obrigado a tratar de cousas tristes!

E até domingo! A manhã, que parece de meigo inverno, convida a um longo passeio...

s.a.

[BILAC, Olavo. *Crônica*. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 23 fev. 1902. p. 1, 4. col.]

Crônica

Não é possível ao cronista verificar de longe as notícias que lhe vêm do Rio de Janeiro. Os jornais chegam atrasados: as notícias mais frescas são as que vêm pelo telégrafo, laconicamente redigidas, curtas e secas, apertadas pela dura necessidade de economizar palavras. Assim aconteceu com estas duas novas, chegadas há poucas horas do meu retiro: “Foi declarada extinta a epidemia de peste bubônica”; e “um intendente municipal propôs que se votasse a verba de quinhentos contos de réis para o embelezamento do Rio de Janeiro”. Será isso verdade?

Mas acreditamos que o telégrafo não se haja equivocado, e regozijemo-nos com as duas comunicações benfazejas. *Sursum corda!* está salva a cidade de Mem de Sá!

Realmente, para que nunca mais o Rio de Janeiro seja o terror do estrangeiro e a vergonha do Brasil, - que mais cumpre fazer, além de *declarar extinta* a peste bubônica e de votar *quinhentos contos* para o embelezamento da urbs? Para nós, cariocas, que tão facilmente nos contentamos com palavras, isso é bastante. O diabo é que o resto do mundo não é tão pouco exigente...

O resto do mundo, mais praticamente educado, sabe que as epidemias não se submetem facilmente a declarações nem a decretos; e sabe ainda que as cidades são como as pessoas, cujo corpo não fica asseado pelo simples fato de se revestir de uma roupa limpa. Nada mais louvável, certamente, do que a intenção do poder sanitário que declarou extinta a peste; todos nós desejamos vê-la extinta, apesar da farta messe de dinheiro que a muita gente fornece essa Ceifadora de vidas. Mas diz um rifão que de boas intenções está calçado o inferno – cujo calçamento deve ser muito parecido com o do Rio de Janeiro.

Não é lícito supor que a epidemia, usando de uma bondade que não está nos seus hábitos nem na sua índole, se resigne a deixar o cômodo leito em que até agora tão regaladamente se refocilou. O único meio de a pôr para fora, seria desmanchar-lhe a cama: e foi disso que não cuidamos até agora. Imaginemos que alguém, morando na vizinhança de um monturo, se sentisse vivamente incomodado pelos mosquitos; e que, para dar cabo dessa praga, se lembrasse, não de consumir o monturo, mas de lançar aos quatro ventos da publicidade um decreto concebido nestes termos: “fica estabelecido, para todos os efeitos, de hoje em diante, não haverá mais mosquitos na minha vizinhança!” Os mosquitos continuariam a nascer, aos milhões, e o desgraçado continuaria a passar as noites em claro, com o ouvido azoinado pela surriada infernal dos filhos da podridão...

Quanto a gastar quinhentos contos com a toalete de *Mlle.* Sebastianópolis, - não é de crer que isso melhore muito as condições de saúde dessa madura solteirona.

Mademoiselle está cheia de reumatismos, que quase a não deixam ter-se em pé, e de sarnas, que lhe cobrem de líquens vivos a velha pele. Quinhentos contos de vestidos novos não lhe amaciarão as articulações nem lhe abrandarão a coceira...

O que é preciso, é dar-lhe iodoreto de potássio e pomada de enxofre! *Mademoiselle* não precisa de embelezamento, mas de saneamento. Depurem-lhe o sangue, levantem-lhe as forças, chamem-lhe às faces as rosas da saúde, e só depois disso é que deverão tratar de cobri-la de sedas: porque antes disso, coberta de sedas ou de molambos, *Mademoiselle* será sempre uma horrorosa tartaruga!

Então, e somente então, é que se poderá declarar extinta a peste bubônica. Essa amável peste já foi extinta por decretos algumas três ou quatro vezes, e não se importou muito com isso...

Caberia bem aqui uma referência à inundação providencial com que o céu beneficiou o Rio de Janeiro. Mas à hora em que é escrita esta *Crônica*, é provável que já se tenham fechado as cataratas do céu, e que já tenham voltado ao mar as canoas que andaram pelo largo do Machado substituindo os bondes.

Antigamente, eram raras as inundações no Rio. O que havia, era aquela chuva forte de todas as tardes, no verão, - um aguaceiro rápido e forte, que lavava as ruas, refrescava o ar, e moderava o rigor da canícula. Essas abençoadas trovoadas de nosso verão desapareceram, como tantas outras cousas boas, por culpa nossa. As matas que cercam a cidade têm sido devastadas com um vandalismo cruel: e a devastação continua, e provavelmente continuará porque nós não nos contentamos com o não querer ajudar a Natureza, e ainda nos esforçamos por destruir o que ela tem de bom.

Agora, a nossa única providência é a tromba de água que em cada estio nos vem visitar. Não tarda muito que se descubra o meio de também evitar essa providência...

Mas deixemos tudo isso de parte, e vamos a um triste assunto que nos chama a atenção.

Custódio de Melo, o bravo marinheiro que inesperadamente acaba de desaparecer, merecia bem as homenagens comovidas que a população do Rio de Janeiro prestou ao seu cadáver.

É raro o homem em que não se reúnem, amalgamadas e confundidas numa só, duas ou mais personalidades distintas. Não somente o nosso modo de pensar e de agir se renova incessantemente de minuto a minuto, de maneira que eu não sou hoje justamente o que

fui ontem nem o que serei amanhã, - como ainda, num mesmo momento dado, pode haver dentro de cada um de nós duas entidades diferentes, que não raro se guerreiam e sempre se atrapalham.

Nesse brasileiro ilustre, que tanta falta há de fazer à nossa já tão pobre marinha, havia um militar e um político, - duas individualidades, que *hurient de se trouver ensemble*, mas que tão frequentemente, no Brasil, vemos agora reunidas. O soldado tinha o orgulho da sua profissão, a consciência do seu saber, a certeza do seu valor, um patriotismo exaltado, e uma bravura que a má vontade dos inimigos não conseguiu nunca negar. O político, - esse tinha, como quase todos os políticos, uma ambição desarrazoada, que o cegava, turvando-lhe às vezes de um modo deplorável a inteligência, e escravizando-lhe o claro espírito e o nobre caráter ao mando de uma vaidade infantil.

É inútil lembrar como o político prejudicou o soldado. Os regimes democráticos têm este grave inconveniente: pondo o pomo de ouro do poder ao alcance de todas as mãos, açulam e nutrem ambições, que podem conquistar fulgurantes glórias, mas que quase sempre conduzem a irreparáveis desastres. Uma das páginas mais admiráveis de Renan, é aquela em que esse grande e virtuoso Mestre, - estudando o reinado de Marco Aurélio, e mostrando as vantagens do *princípio de adoção*, posto em prática na corte imperial de Roma no 2º século da era cristã, - prova que o poder só pode ficar coberto de ambições nefastas, *quand il perd un partie de cet attrait qui le vend si dengereux...*

Mas que havia de fazer, no caso especial de que tratamos, o soldado?

Nós todos não passamos no mundo de títeres, movidos pelo capricho de uma poderosa mão desconhecida. Quando se fez a república, o almirante Custódio estava longe daqui, preocupado apenas com os seus deveres de militar e de educador, comandando um punhado de moços.

Mal podia ele então imaginar que se estava passando no Brasil uma cousa que tão grande influência deveria ter sobre a sua vida...

Ao chegar à pátria, caiu em pleno fervedouro de paixões, em plena florescência da ambição política. O 15 de novembro agitava, até as mais baixas camadas, o seio do país: o soldado não se resignou a ser somente soldado, - e desde esse dia, a sua alma não teve mais sossego. Também, nesse dia começou a sua infelicidade: o almirante Custódio pagou, sofrendo violências, as violências que cometeu; e viu perdoadas por causa das injustiças que teve de suportar na hora da desgraça, as injustiças que na hora do poder praticou.

Hoje, que a Morte lhe deu o eterno descanso, o nome do político desaparece, consumido e apagado; o nome que fica é o do marinheiro, que tantas vezes honrou a Pátria dentro e fora dela.

Ministro de Estado, deputado, chefe de revolução, ora poderoso e adulado, ora banido e injuriado, - tudo isso pouco importa: não nos faltam políticos, e todos eles têm as mesmas qualidades e os mesmos defeitos. Os marinheiros é que não nos sobram: e quando se perde um como este, patriota e competente, instruído e bravo, é justo chorá-lo e honrá-lo, perdendo-lhe os erros e exaltando-lhe a memória.

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 23 mar. 1902. p. 1, 4. col.]

Crônica

A semana foi toda consagrada ao preparo das duas grandes festas cívicas que vamos ter em abril e maio: passou a ser próprio municipal o terreno em que se vai erguer o monumento a Tiradentes, e assentou-se a primeira pedra do pedestal que carregará a estátua de Rio Branco. Basta isto para encher uma semana e uma crônica.

Tiradentes e Rio Branco – que dous nomes e que duas almas, enchendo dous séculos da vida de um povo! O primeiro, figura lendária, símbolo de uma aspiração imorredoura; corporização de um ideal eterno; o segundo, figura de hoje, vivo ainda no coração de toda uma raça... Nada mais belo do que essa união, na mesma homenagem, do nome daquele que primeiro sonhou com a liberdade deste povo, ao nome daquele que, assinando a lei de 28 de setembro, salgou e esterilizou o terreno em que medrava a árvore maldita cuja sombra fatalmente manchava o Brasil. Tiradentes, santificado pelo martírio, e desaparecido há mais de um século, esbate-se numa névoa longínqua; Rio Branco, esse, está mais perto de nós, mais perto da nossa inteligência e do nosso amor. Coloca- e-os no mesmo plano, aproximá-los e uni-los, é soldar dous elos de uma cadeia de glória.

Mas... (há de em tudo haver um *mas*!) não sei bem se é de boa prática o andarmos a cobrir de estátuas e de monumentos uma cidade que não chega a ser uma cidade...

Houve um dia um boêmio, - um desses sonhadores impertinentes que não vêm as misérias da vida, e andam pisando os paralelepípedos das ruas como se andassem, encantadamente pisando as estrelas do céu, - que, tendo adormecido pobre com Jó, numa infecta água-furtada, acordou rico como um nababo indiano. Morrera-lhe não sei quem, um tio, um avô ou um padrinho, deixando-lhe em testamento toda a fortuna. O podre diabo

esfregou os olhos, viu bem que não estava sonhando, e lançou sobre os homens e as cousas um olhar dominador e altivo. Enfim, fechando o ciclo negro da miséria, raiava a madrugada de ouro da felicidade!...

Mas vêde o que é a força do hábito! O desgraçado, vendo-se senhor de uma boa porção de contos de réis, não viu que as solas de seus sapatos andavam em petição de miséria! não reparou que através dos buracos de seu paletó surrado já lhe apareciam os ossos; não se lembrou de que seu pobre estômago, torturado por longos anos de duro jejum, pedia o regalo de uma alimentação abundante: manteve a idéia de tomar um banho, - o maluco!

O que ele fez foi soltar as rédeas aos sonhos... Imaginou palácios fantásticos, forrados de seda e de ouro, onde pudesse compor à vontade, no meio de um cenário fulgido, as suas odes triunfais, os seus sonetos ardentes, as suas baladas amorosas. E saiu a adquirir preciosidades para a sua instalação.

Não houve joalheria em que suas mãos não remexessem cascatas de gemas raras; não houve fábrica de sedas em que seus olhos deslumbrados não escolhessem os mais caros tecidos, as mais ricas tapeçarias, as mais fulgurantes lhamas de prata; para ele começaram os pintores a compor as suas mais formosas telas, os escultores a talhar os seus mármore mais alvos, os chamistas a polir os seus móveis mais finos, os oleiros a fabricar as suas mais transparentes porcelanas, os perfumistas a extrair do coração das flores os mais suaves aromas.

E em todas as lojas, em todas as fábricas, em todas as ourivesarias, em todos os ateliês, quando aparecia aquele sujeito escaveirado e maltrapilho, em cujos olhos ardiam relâmpagos de febre, - patrões e operários corriam a recebê-lo com delicado carinho e infinitas medidas.

À noite, cansado de gastar dinheiro, o Nababo esfarrapado e sujo, com os dedos dos pés furando os bicos das botas e os cotovelos passando pelos rasgões da mangas, lá ia para a sua mansarda, roendo um pedaço de pão seco, e caminhando dentro do halo radiante de seu grande sonho... E só havia lá dentro, na mansarda triste, um cantinho imundo em que o seu corpo podia repousar: todo o espaço era pequeno para conter os fardos de alfaias, as caixas de jóias, as estátuas, os quadros, os móveis, os vasos, que iam até o teto, em rumas cobertas de pó, de teias de aranhas e de ninhos de carochas.

E, por fim, o dinheiro acabou. Tudo acaba neste baixo mundo! E o desgraçado continuou a morrer lentamente de lazeira e de desmazelo, no meio de seu luxo inútil...

Ah! como te pareces com esse boêmio desventurado, minha pobre cidade do Rio de Janeiro! Maltrapilha e triste, arrastando pelas ruas esburacadas os teus mulambos e a tua melancolia, queres ter o luxo antes de ter o conforto, e fazes questão de ter monumentos quando ainda não tem esgotos...

Já tens o teu altivo Pedro I, cercado de caboclos e jacarés, no meio de um jardim maltratado, que é um valhacouto de vagabundos; tens o teu Pedr'Alvares Cabral, envergonhado, voltando a face para não ver aquele medonho casarão em ruínas perto do qual o plantaram; tens o teu Osório, colocado em frente a um cais arrebitado e junto de um mercado podre; tens o teu Caxias, já todo estragado pelas mãos dos meliantes notívagos; e tens o teu João Caetano, o teu José Bonifácio, o teu Alencar, todos eles condenados à imobilidade perpétua, em praças que não têm calçamento, esquecidas das vassouras da limpeza pública, e em cujos buracos cresce o mato bravo. Agora vais ter o teu Rio Branco e o teu Tiradentes... Como se, tendo muitas estátuas e muitos monumentos, ficasse livre da imundície e da febre amarela!

Bem sei (ai de mim!) que ninguém precisa da minha opinião, e que não hão de minhas palavras consertar aquilo que já anda torto desde os tempos de Estácio de Sá. Mas parece-me que o meio mais digno de honrar a memória daqueles que fundaram a nossa nacionalidade e trabalharam para a nossa glória, seria mostrar-mo-nos dignos da civilização que eles nos quiseram dar.

Plantar a estátua de um grande homem numa praça imunda não me parece homenagem agradável... Sempre haveria tempo para cobrir de estátuas esta amada cidade, quando, saneada, calçada e lavada, ela já não lembrasse uma das mais torpes cidades da China ou da Turquia.

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 abr. 1902. p. 1, 3. col.]

Crônica

Enquanto o Rio de Janeiro se prepara para ouvir os canários da *troupe* Sansone e para se deliciar com os espetáculos da incomparável Réjane – uma nuvem negra, pejada de tristeza e vergonha, paira sobre as nossas almas. E uma terrível apreensão nos tortura: “Somos nós dignos de receber aqui a visita de artistas ilustres, somos dignos de hospedar os representantes mais gloriosos da arte estrangeira, quando, pela nossa imperdoável incúria e pelo nosso nunca visto desleixo, deixamos o Rio de Janeiro transformar-se numa vasta e perigosa Maremma assassina?”

Em menos de dez dias, a febre amarela matou quatro ou cinco homens de nota, - sem falar no grande número de vítimas obscuras que a nossa grande inimiga prostrou em pleno viço da força e da saúde. O efeito disto é tremendo e decisivo, lá fora. Se nos declarássemos falidos e em bancarrota, se todos os dias tivéssemos nas ruas uma mazorca, se de mês em mês depuséssemos pela força das armas um presidente da República, - todos esses horrores não comprometeriam tanto a nossa reputação, como este único horror de uma epidemia traiçoeira, que começa a matar a gente, em pleno começo de inverno, com esta deliciosa temperatura, nestes lindos dias que só parecem feitos para o prazer, para a ventura e para o amor... Com que fingida indignação poderemos ainda protestar contra os vexames que os portos estrangeiros infligem aos navios que saem daqui?

Ah! se a natureza nos houvesse sido, não mãe carinhosa, porém madrasta cruel: se a nossa terra fosse de fato uma região amaldiçoada, pouso perpétuo de febres, e asilo eterno de pestes, - nós seríamos apenas infelizes, sem que sobre a nossa infelicidade pesasse a sobrecarga da vergonha. Mas o Brasil não pode, como Jó, queixar-se do rigor imerecido e injusto dos desastres que o afligem: em cada um desses desastres temos de ver o castigo de uma culpa nossa, uma consequência do nosso relaxamento. Felizes os que só se podem queixar do destino! mas quase sempre, somos nós mesmos que fazemos o nosso destino.

O mais interessante é que todos reconhecemos isso, que todos os proclamamos, que todos confessamos o pecado, e que continuamos a pecar com uma tranqüilidade inconsciente. Todos os anos, assim que a epidemia aumenta, a imprensa abala-se e revolta-se: de cada coluna de honra no jornal sai um grito de indignação e de horror; e, para exigir providências e medidas que dêem cabo de tamanha vergonha, põem-se de acordo governistas e oposicionistas... Mas, bem depressa, a fadiga e a indiferença abafam essa revolta passageira: e ficamos confiadamente à espera... do seguinte verão e da seguinte epidemia. Ditosa pátria que tais filhos tem!

O assunto é negro e medonho. Tratemos, antes, do interessante livro que Ernesto Senna acaba de publicar sobre o *Conselheiro Ferreira Viana*.

Dos homens do império, ainda hoje vivos, e afastados ou não da política, Ferreira Viana é com certeza o mais popular, e talvez o mais estimado. E vêde quanto é pouco lisonjeira a popularidade: o velho e ilustre parlamentar é mais conhecido e mais célebre pelos seus bons ditos, pelas suas pilhérias, pela sua ironia, sempre alerta, e pelo saber picante de sua maledicência do que pelos grandes serviços que prestou à sua pátria e a sua capital. Uma grande parte do livro de Ernesto Senna é dedicada à recordação das anedotas a que anda

ligado o nome do grande orador, cuja verve era, na Câmara dos Deputados, o terror dos adversários.

Lembro-me de que, há poucos anos, o ex-deputado José Carlos de Carvalho, acusado de profanar o augusto recinto da representação nacional com um bom humor impróprio de tão solene lugar, proferiu para se defender da acusação, um longo discurso, a que poderia ter dado o título de *Resumo da história do bom humor no parlamento brasileiro*.

Nesse discurso, havia uma curiosa estatística. E nela se mostrava como, na sessão de 22 de março de 1882, o conselheiro Ferreira Viana, tratando da *passagem de Vênus*, provocara, segundo as notas fornecidas pelos taquígrafos, *20 risos, 13 hilaridades e 3 risadas*; e, como daí a dois dias (24 de março), o mesmo conselheiro, em outro discurso, causara *riso*, três vezes; *risadas*, três vezes; *hilaridade*, cinco vezes; *risadas prolongadas*, 3 vezes. E para provar que o parlamento do império fora um parlamento alegre, o Sr. José Carlos demonstrava que também Taunay, Paulino Soares de Souza, Lafayette, Cotegipe, Silveira da Motta, Martinho de Campos haviam figurado gloriosamente na estatística da chalaça parlamentar...

Vê-se por aí que não é imerecida a fama de fino humorista e de ironista consumado, de que goza o conselheiro Ferreira Viana. E Deus me livre, a mim, pobre cronista fútil, de achar que ser alegre constitua um feio pecado! “Alegria, saúde da alma” – é uma velha frase, cem mil vezes dita e escrita, e cem mil vezes verdadeira. “*Mieux est de ris que de larmes écrire, pour ce que rire est le propre de l’homme*”, - dizia, no seu velho e precioso francês de 1400 o cura Rabelais, pai da Alegria.

A alegria é santa: e só uma alma enfarruscada, doente, negra, aborrecida dos homens e das cousas, poderia ter achado aquela fórmula falsa “*bon palisant, mauvais caractere*”...

Não! é força reconhecer que no conselheiro Ferreira Viana, a alegria não foi apenas uma fonte de íntimos consolos; foi também uma arma muito poderosa com que ele deitou abaixo muito preconceito e muito abuso.

Mas o que não me agrada é a fama de demolidor, que a repetição constante e a constante reedição das suas anedotas lhe estão caindo.

Eu amo, com um carinho religioso, os velhos homens da minha terra, como amo os velhos livros, os velhos monumentos, as velhas tradições que são o nosso patrimônio. Entre esses homens, um dos que mais estimo, é esse alegre ancião, tão amigo das letras e das artes, tão conhecedor e tão entusiasta de todas as conquistas do espírito humano, e cuja

atuação não se perdeu nesse *maremagnum* de interesses mesquinhos da política. É por isso que não gosto de o ver apontado como um demolidor terrível.

Não! esse homem foi, antes de tudo, um construtor, e um construtor de rara coragem e de alto merecimento. Sem falar do nobre papel que lhe coube na epopéia abolicionista, - basta, para ver que em Ferreira Vianna o amor da ironia não prejudicou o amor do trabalho, lembrar os serviços que ele prestou a esta amada e infeliz cidade, como presidente da Câmara Municipal e como ministro do império: fez três jardins públicos, entre os quais o da praça Duque de Caxias; restaurou o Tombamento, criando uma grande fonte de renda; mandou calçar grande parte da cidade, organizou a numeração dos prédios, arborizou as ruas. Fez o Necrotério, construiu dous suntuosos edifícios para Escolas Públicas; mandou demolir as famosas *escuras* da Detenção, antros horríveis que lembravam os mais ferozes *in-pace* da Inquisição; reformou o Asilo da Mendicidade; criou o Asilo do Galeão e a Colônia Conde de Mesquita; abriu, para as crianças desamparadas, a Casa de São José; instituiu albergues noturnos, combateu epidemias, criou a Assistência Pública, instalou o hospital S. Sebastião...

Acham pouco? Eu, por mim, penso que quem fez tudo isso, tem o direito de rir um pouco das tolices humanas, e pode serenamente envelhecer, cultivando seu antigo bom humor, e sentindo-se cercado do respeito e da estima dos seus contemporâneos.

Fez bem Ernesto Senna em prestar ao nobre velho esta homenagem. O seu livro é interessante; por isso mesmo, quis eu acrescentar-lhe esse curto comentário, cujo único fim é mostrar que a popularidade nem sempre é lisonjeira: muita gente, que acha graça nas anedotas de Ferreira Vianna, mal se lembra de que nele está personificada toda uma geração de trabalhadores, cujo árduo labor há de um dia ser abençoado e glorificado com entusiasmo.

Registrem as últimas linhas da crônica a catástrofe que veio enlutar a mocidade dos Clubes de Regatas. A propósito desse triste naufrágio da *Vascaína*, toda a imprensa lembrou que não temos, nesta vasta baía, dia e noite cruzada por embarcações de toda a espécie, um serviço de *sauvetage*. Ai! de nós! não o temos e não o teremos, como não temos e não teremos o saneamento da cidade! se o tempo mal nos chega para a politiquice...

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25 maio 1902. p. 1, 4. col.]

Crônica

O assunto mais nobre e mais interessante da semana foi a celebração da paz entre ingleses e *boers*. A tragédia dolorosa e fatigante que se desdobrava no Transvaal teve um epílogo: o pano caiu sobre aquelas cenas de sangue e ferocidade. E a alegria que nos causou esse convênio honroso, para a Inglaterra e para o Transvaal, só pode ser comparada à alegria que nos causa o convênio firmado entre a Argentina e o Chile, limitando os seus armamentos, e afastando qualquer probabilidade de próxima guerra entre as duas nações americanas.

Ora, graças a Deus! temos todo o mundo em paz...

Resta saber quanto tempo durará esta doce época, e quanto tempo ficará a Conciliação, coroada de flores, pairando sobre os homens, e congraçando-os, entre sorrisos e beijos. Eu, por mim, desconfio muito da Paz, porque a conheço bem. Não me engana, com os seus ares hipócritas de mosca-morta, essa meiga e serena divindade que os poetas pintam tendo nas mãos uma braçada de rosas e folhas de oliveira, de onde emergem espigas de ouro... É que a conheço bem, e conheço a sua árvore genealógica, depois que a estudei no meu velho *Dicionário da Fábula*, de Chompré.

Diz-me o amável Chompré que a paz é filha de Júpiter...

Firmado o seu domínio no Olimpo, vencido o pai Saturno, castigados os Titãs, Júpiter entregou-se de corpo e alma às intrigas amorosas: sob a pele cerdosa de um sátiro, seduziu Antíope; sobre o corpo cheiroso de Danaé caiu como chuva de ouro; dentro da plumagem deslumbrante de um cisne, amou Leda; para seduzir a Europa, mascarou-se em touro; para conquistar Calíope, fingiu-se de mulher; e, finalmente, transmutou-se em águia, para arrebatá-la ao céu o formoso Ganimedes. Ora, um dia, o Leve-face Fulminador fez a corte a Têmis, deusa da Justiça, senhora de bons costumes, áspera e severa; Têmis, andando com os olhos vendados, não viu que fazia, e entregou-se a Júpiter; e dessa noite de pecado saiu a Paz.

Aí tendes, pois, que a Paz, sendo filha de Júpiter, tem nas veias um sangue terrível: tem o sangue do avô, Saturno, antropófago que comia vivos os próprios filhos; tem o sangue do pai, tirano de mão cheia, que trazia a terra e o céu num estado de sítio perpétuo; tem o sangue do tio Plutão, que só vive bem no Inferno; tem o sangue do outro tio, Netuno, que vive a gerar tempestades... Quem não há de desconfiar de uma senhora que tem esses antecedentes na família?

Em qualquer dia, destes mais próximos, a Paz pregará uma peça no mundo, e nas bocas dos humanos expirarão os ditirambos que estão sendo entoados em seu louvor...

Vêde o que sucedeu por aqui. Dado um termo às garrafadas do caso das carnes-verdes, parecíamos que íamos adormecer na paz do Senhor, depois de aplicar pontos falsos às brechas que nos abriu na cabeça a fúria do populacho. Puro engano! o barulho deslocou-se apenas: passou da rua para o Congresso.

Por causa das carnes verdes, quase perdeu o Rio de Janeiro o seu Prefeito. Para o Prefeito, seria talvez uma felicidade: porque não pode ser agradável estar administrando um manicômio de oitocentas mil almas, sem poder, de vez em quando, empregar, como meios calmantes, a ducha gelada e a camisola de força...

O Prefeito estava tratando calmamente de limpar a cidade, de varrê-la, de lavá-la, de calçá-la. Parece que houve quem não gostasse disso, - e a questão das carnes verdes não foi inventada para outra cousa, senão pra atrapalhar o trabalho de todos os Prefeitos.

Ah! ser prefeito municipal é o sonho dourado de muita gente. Entretanto...

Eu, uma noite, sonhei que era prefeito municipal. Um gênio bom me enchera de importância política, e me apontara ao governo como o único homem capaz de salvar o Distrito. Sonhei que era prefeito e comecei a trabalhar.

Logo, numa chusma inumerável, vieram os pretendentes, em multidão maior que a das estrelas do céu e que das areias do mar. E a todos que chegavam, sem distinção, eu perguntava: “Sabe o senhor varrer uma rua?” Porque toda a minha preocupação era esta: varrer a cidade! E assim que tive organizado o meu exército de varredores, disseminei-os pela vastíssima extensão da cidade, e o trabalho formidável começou.

O pó que as vassouras levantavam era tanto, que enchia o céu e empanava o brilho das estrelas na altura. Nem todo o lixo de Shangai e todo o lixo de Fez, reunidos, poderiam dar idéia pálida do que era o cisco de Sebastianópolis! Gastavam-se vassouras, morriam esfalfados os varredores; vinham vassouras novas, novos varredores chegavam, e cada vez havia mais lixo! e cada vez aparecia mais cisco! e era um nunca mais acabar de imundícies remexidas!

No mar começou a crescer o aterro... A borra da cidade enchia o seio da imensa baía. A sujidade repelia as águas. Desapareceram a ilha do Governador, a Ilha das Cobras, Villegaignon, Santa Cruz, Lage, S. João; desapareceu toda a baía e cada vez havia mais cisco! E, passando a barra, a imundície ganhou o largo oceano e começou a entulhá-lho. Então, as Potências reunidas intimaram-me a suspender um trabalho, que assim ameaçava suspender a navegação universal...

E eu, desesperado, pedi a minha demissão e ... acordei.

Ah! ser prefeito não é cousa apetecível, de certo!

E, como temos um Prefeito, que se dispõe a dar combate à imundície, nada mais natural que atrapalhá-lo, aborrecê-lo, perturbá-lo, pondo-lhe no caminho esta abominável questão das carnes... podres. Seja tudo pelo amor... da porcaria!

Nas poucas linhas de que ainda dispõe a *Crônica*, fiquem os parabéns do cronista à *Associação do 4º centenário*, que começa enfim a ver realizado o seu grande e nobre sonho da construção do palácio de Belas Artes.

A Associação não quis que, das festas do quarto centenário de descobrimento do Brasil, ficassem apenas como recordação eterna, o belo monumento de Bernardelli e o “Livro do Centenário”. Quis salvar da ruína a nossa preciosa coleção de quadros, e dar à Escola Nacional de Belas Artes uma instalação digna e decente.

A esta hora, já os operários estão demolindo o monstruoso barracão da Glória, que tanto desespero e tanta vergonha dava à gente de bom gosto. E, dentro de um ano, veremos surgir o templo da Arte sobre as ruínas do templo da Sujeira!

s.a.

[BILAC, Olavo. *Crônica*. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 8 jun. 1902. p. 1, 4. col.]

Crônica

Foi na quarta feira passada. Toda a gente saíra à rua, ansiosa por ver o préstito fúnebre que acompanhava o corpo de Augusto Severo a S. João Batista. O bom povo do Rio de Janeiro entendera, e entendera bem, que o dia era mais de glória do que de luto: - morrer, todos morrem... e quem morre bem mais deve ser glorificado do que chorado.

Ao meio dia, quando o préstito saiu da Candelária, estava eu parado no começo da rua do Ouvidor, perto da rua Direita, - naquele trecho em que já se pode admirar a beleza do novo calçamento da *via elengantiarum*. Estava parado, e esperava o préstito, quando a minha atenção foi irresistivelmente chamada para uma singular personagem, que, como eu, parecia esperar a procissão glorificadora...

Essa personagem era um velhinho trêmulo e fraco, homem talvez de uns oitenta ou noventa anos, - um desses velhinhos asseados e gamenhos, que eram tão vulgares há dez ou vinte anos mas que hoje vão desaparecendo. Porque, certamente, já tereis notado que temos atualmente poucos velhos gamenhos: a velhice anda hoje desconsolada, maltratada, indiferente às cousas da elegância... Mas o velhinho que encontrei na rua do Ouvidor era um ancião escovado, escoreito, e janota, - não dessa janotice espalhafatosa que parece às vezes a

capa de mau gosto, mas da janotice comedida, sábia, e fina dos que se vestem bem por amor próprio e para satisfação do seu próprio corpo. O colarinho alvo e sem lustro, contrastava com o negro da severa gravata de três voltas; e nem o microscopista Eduardo Chapot conseguiria achar um átomo de caspa na gola da sua sobrecasaca ou um átomo de pó no polimento da biqueiras dos seus sapatos.

Mas o que, principalmente, chamou a minha atenção para esse homem de outras eras foi a sua atitude de profunda melancolia. O velhinho olhava o calçamento novo, olhava as fachadas das casas, tornava a abaixar os olhos, tornava a levantá-los, e sacudia a cabeça, e dava de ombros, e deixava cair os braços desamparados ao longo do corpo, num desânimo, num desconsolo, num abandono moral, num desamparo mudo...

Ah! bem te conheci e bem te compreendi, limpo e desconsolado, velhinho! Tu eras a imagem da gente da minha cidade, o símbolo vivo da população da minha *urbs*! Espantado e triste, naquele dia em que se glorificava um *voador*, tu te revoltavas em silêncio contra as inovações, ou, para melhor dizer, contra a *Inovação*, contra esse monstro, cujo só nome basta para encher de terror a alma dos velhos. Imaginai que horror! por um lado, um brasileiro “que pretendia voar!” e, por outro lado, a rua do Ouvidor saneada, a rua do Ouvidor “limpa”!

Naturalmente, aquele bom velhinho, em que a minha imaginação personificou o nosso carrancismo, ainda poderia admitir a ousadia de Santos Dumont, de Severo, de Patrocínio, querendo voar, querendo disputar o domínio do céu às aves e às nuvens: admitiria com certo desdém e com certa tristeza, mas enfim, sempre admitiria. Mas admitir a limpeza da rua do Ouvidor, - isso nunca!

Já sei que ides achar alguma contradição no que escrevo... Direis, naturalmente: “Como corporificas tu toda a tua gente nesse velhinho tão limpo e ao mesmo tempo tão inimigo da limpeza da rua do Ouvidor?!”

Ah! entendamo-nos, amigos! A verdade é que nós, os cariocas, somos *pessoalmente* limpos, mas *coletivamente* sujíssimos. Todos nós gostamos de tomar todos os dias o nosso banho, e de mudar todas as manhãs as nossas camisas e as nossas piúgas, - mas todos nós nos resignamos a pisar, todos os dias, calçadas que se não varrem, e a subir a bondes que se não desinfetam, e a freqüentar casas que nunca se lavam.

Os nossos políticos, - aqueles que armados de plenos poderes, decidem dos nossos destinos, - vestem-se pelos últimos figurinos de Londres, ostentam fatos saídos das alfaiatarias mais finas, e pulem com esmero as unhas e encalamistram com apuro os bigodes,

mas não tratam de sanear nem de lavar a cidade em que vivem e legislam, - esquecidos daquele antigo rifão, segundo o qual “não há porco limpo em pocilga suja”...

E tudo mais vai assim: fiquemos nesta verdade, - pessoalmente janotas, coletivamente desmazelados.

Basta ver o que se anda por aí a dizer do calçamento novo da rua do Ouvidor. Todo o mundo acha que a cousa não presta, que a cousa vai ficar cheia de defeitos, que a cousa é mal dirigida e mal executada. Se esses faladores quisessem refletir um pouco, reconheceriam que, seja o novo calçamento o que for, sempre será melhor que o antigo, - senão melhor, ao menos mais decente. Mas o que eles sentem, e o que não querem confessar, é justamente essa ameaça que pesa sobre a rua do Ouvidor: oh! a rua do Ouvidor limpa! a rua do Ouvidor decente, sem lama empoçada, sem buracos, sem lajedos em zig-zag, sem calhaus pontudos! pode lá haver quem admita essa barbaridade?!

Mas, voltemos ao nosso velho. Olhava ele o calçamento com horror, e com igual horror as fachadas modernas das casas reconstruídas, - quando se anunciou o préstito. Diante daquela nova cauda de horror que ali vinha, - a glorificação de um avião! – o bom ancião não se conteve: fez meia volta, engatou sob o braço a bengala de unicórnio, e começou apressadamente a subir a rua, fugindo à massa humana que vinha de baixo. Eu, interessado, segui-o: - onde se iria abrigar aquela relíquia do passado, aquele espectro, aquele remanescente de outras eras?

Parecia que o modernismo conspirava contra o carrancismo: do lado do largo de S. Francisco vinha outra mó de povo, ao encontro da que subia a rua. O velhinho, mal equilibrado sobre as pernas fracas, aos encontrões, gemendo e ansiando, viu de repente abrir-se diante do seu corpo combalido um porto seguro: a rua Nova do Ouvidor. Embarafustou por ali, e eu embarafustei com ele. Já se ouviam os primeiros acordes da marcha fúnebre, chorada pelos pistões e pelas requintas de uma banda militar.

E perdi logo de vista o meu ancião. Mas, procurando bem, fui dar com ele na entrada do antigo “Hotel de la Paix”, no vestíbulo em que se conserva, não sei por que, a figura monumental d’aquele famoso *Profeta*...

Que duas relíquias reunidas! Há poucos dias, num folhetim da *Notícia*, o erudito Fazenda escrevia: “Na entrada lá está a figura do *Profeta* que por muitos anos ostentara-se na rua do Ouvidor, em frente do grande estabelecimento fundado por Melleardin, continuado por João Poey e Estouigh.

O *Profeta* que assistiu aos préstitos carnavalescos, resistiu à chuva de pedra, viu a passagem dos voluntários e tudo quanto de notável houve no Rio de Janeiro, reduzido ao papel de porteiro, tendo ainda na mão a lanterna que outrora servira de farol!”.

Pois foi junto desse outro que fui achar o Carrancismo, engelhado, encolhido, tremendo, com calafrios na pele da cara mais enrugada do que um pergaminho secular, e esfregando uma contra a outra as mãos ossudas amarelas. Ah! o *Profeta*! ali estava um, que, se ainda estivesse na rua do Ouvidor, na sacada do João Poey e Estouigh, e se visse a *via elegantiarum* calçada de novo, seria capaz de precipitar-se de lá de cima, num desesperado suicídio...

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 jun. 1902. p. 1, 1. col.]

Crônica

Vejam a influência que uma simples e feia viela, um apertado e melancólico beco pode ter sobre a vida de toda uma grande cidade, de todo uma imensa nação!

Aí estão os chilenos, há cinco ou seis dias; já tiveram sessões solenes, regatas, touradas, *matinés*, bailes, jantares; já admiraram, em festões, toda a opulência de nossa flora, e, em discursos, toda a pujança da nossa eloquência; já correram, enfim, salões particulares e salões de clubes; e já tiveram o ensejo de cortejar as mais belas das nossas damas e de confabular com os mais ilustres dos nossos homens. Mas, nas ruas, não há povo, não há bandeiras, não há música, não há vivas. Por quê? porque a rua do Ouvidor está intransitável!

A rua do Ouvidor é o Rio de Janeiro; a rua do Ouvidor é o Brasil. Perguntar: “como está a rua do Ouvidor?” é o mesmo que perguntar: “como está a pátria?” Quando a rua do Ouvidor passa bem; a pátria exulta e vibra, numa pletora de mocidade e de saúde; quando a rua do Ouvidor tem uma pontinha de febre, o Brasil está sepultado no fundo de uma cama, desconsolado e moribundo...

A causa da falta de animação popular não está na questão das pedras do Tesouro: está na questão das pedras da rua do Ouvidor. Para outra vez, quando se tratar de alguma visita de esquadra amiga, bom será que chancelaria do Brasil se entenda com a diretoria de Obras Públicas, para saber, antes da organização do programa das festas, se a rua do Ouvidor está ou não está disposta a permitir a expansão do entusiasmo popular.

Atualmente, a velha rua, com o calçamento em reformas, desalinhada e triste, não está de humor para festas. O que ela quer é que a deixem, em menores, cheia de pó, atravancada de pedras, entregue aos cuidados dos calceteiros que lhe tratam das mazelas.

Sobre aquele desalinho e aquela modorra de enferma, não fariam bom efeito as bandeiras e as luminárias... E como aquela estreita rua é o centro da nossa vida, a sua tristeza entristece toda a cidade, que nem parece estar sendo honrada com a visita de tão ilustres amigos.

Mas isso não quer dizer que as festas tenham sido chochas. O que elas têm perdido em vibração de rua, têm ganho em requinte de elegância e bom gosto.

Dessas festas, a mais expressiva, a mais bela, foi com certeza a da Escola Naval. O melhor meio de honrar os nossos hóspedes marinheiros da nobre República do Pacífico era justamente mostrar-lhes o nosso viveiro de oficiais em gérmen, a nossa *pépinière* de almirantes.

À hora em que é escrita esta crônica, termina a linda festa. Com admirável correção, correram os exercícios de armas: e, ao lado do chefe de Estado, alguns veteranos de nossa armada, envelhecidos no serviço da pátria, viam com orgulho e garbo a elegância daqueles meninos, já educados e preparados para a continuação da obra gloriosa de Barroso e Tamandaré.

Em um dos pátios da Escola, levantava-se o mastro legendário da *Amazonas*, - relíquia venerada, guardada com um carinho religioso na ilha das Enxadas: e nesse mastro viam-se içados os sinais históricos do Riachuelo o “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever” e “Avivar fogo que a vitória é certa”.

[*****] multidão, tagarelando e [*****] as lindas senhoras, que foram aplaudir ontem os alunos da Escola Naval, se preparavam para acabar em alegres danças aquela luminosa tarde de festa – quem escreve estas linhas pensava na longa história da nossa marinha, e sentia que um amargo travor lhe vinha estragar o gosto daquelas horas felizes e belas...

Depois da deplorável revolta de 93, feita a paz, serenados os ânimos, unidos todos os nossos queridos oficiais da marinha pelo mesmo sentimento de solidariedade e [*****] – porque havia a “lei da anistia” conservar as odiosas restrições que lhe puseram a princípio?

Houve agora, no sentido de reparar essa injustiça, uma tentativa. Mas esta mesma folha [*****] nas colunas, há dous dias, está notícia dolorosa: “Ouvimos que o projeto apresentado, na Câmara dos Deputados, [*****] as restrições da lei da anistia, não chegará a ser discutido nem terá parecer. É um projeto que nasceu morto”

O ódio partidário não quer que se apague dos corações dos brasileiros a recordação dos dias de sangue e luto. E, nas fileiras da marinha de guerra, continuarão a reinar os sentimentos que a dividem.

Pensando bem, não se compreende por que é que os revoltosos de 93 ainda são considerados réus de um crime imperdoável.

Revoltosos são todos os oficiais do exército e da armada, desde 15 de novembro de 1889. E o argumento de que as revoluções que vencem não podem ser equiparadas às revoluções que são vencidas, - pode ter força, mas não tem moral. Acresce que, depois de 15 de novembro de 1889, já houve no Brasil revoluções que foram vencidas, obtendo depois os seus chefes a anistia ampla que é negada aos revolucionários de 93: basta citar os revolucionários do Mato Grosso, os da questão *Marajó* e os da flotilha do Amazonas...

Há na Escola Naval, na aula de ginástica, uma divisa que é sublime na sua simplicidade: “sê forte, mas não feroz!” Infelizmente, nem todos os que saíram daquela Escola compreendem esta divisa...

A ampliação das restrições da anistia, o esquecimento completo da luta fratricida, a confraternização definitiva da classe, o aniquilamento dos ódios que ainda podem dividir a marinha, - e que os espíritos intolerantes não querem ver aniquilados...

Mas não o querem compreender alguns emperrados. Que fazer! esperar melhores dias, - os dias da justiça, que podem tardar, mas chegam sempre.

Afinal, não cabe na índole desta *Crônica* a discussão desse caso. Aqui o que cabe é uma saudação aos bravos marinheiros da nação amiga. A semana foi de festas: mais vale não perturbar essas festas, lembrando injustiças.

s.a.

[BILAC, Olavo. *Crônica*. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17 ago. 1902. p. 1, 12. col.]

Crônica

Seria necessário ter um sono de pedra bruta, para não despertar ontem, às 6 da manhã, ao fragoroso barulho das salvas festivas. Rugiam as fortalezas, rugiam os nossos navios, rugiam o *Iowa*, o *D. Carlos*, o *Buenos Aires*, o *Cambrian* e o [*****]. A cidade acordou, sobressaltada, ao troar do canhoneiro; e, logo ao acordar, lembrou-se de que a República fazia anos.

Treze anos! É o alvorecer da puberdade, é a era doce em que no corpo da menina e moça, começa a apontar, segundo o formoso dizer de Raimundo Correia

“... a clara
Protuberância olímpica do seio.”

Treze anos! Como o tempo voa! Parece que foi ontem que vimos aquele estardalhaço das tropas proclamando a república, e o povo espantado, desconfiado de tanta infelicidade, e o último ministério da monarquia prisioneiro no quartel general, e a figura leonina de Deodoro à frente do exército...

Se ainda há por aí quem se lembre do velho D. Pedro II, essa lembrança é apagada e vaga. Treze anos dão cabo de muita coisa.

Todo o mundo sabe, por exemplo, que, em todo o Brasil, o grosso do partido sebastianista era formado pelas velhas senhoras que, dedicadas ao trono pela força da tradição e pelo amor do velho monarca e da piedosa imperatriz, rezavam todas as noites a toda a corte do céu, pedindo a queda da negregada gente de 15 de novembro. Pois até esse ódio das matronas reacionárias já vai desaparecendo. De uma delas sei eu, cuja evolução do sebastianismo para o jacobismo pude acompanhar. Quando chegou ao Rio a notícia de que o Imperador morrera, esta intransigente monarquista estremeceu de horror. Para ela, o monarca sucumbira à clemência dos golpes da ingratidão do Brasil. E, então, na sua severa alcova de viúva sem filhos, instalou um oratório, em que a figura de D. Pedro II avultava, com as suas longas barbas alvas, entre velas sempre acesas. Durante quatro anos a imagem do monarca morto assim ficou, como a imagem de um verdadeiro mártir da Igreja, na glória daquela adoração.

Mas no começo do quinto ano, as velas começaram a ser renovadas e acendidas com menos constância; doze meses depois, o Santo Bragança vivia às escuras; e a poeira começou a cobrir o vidro do quadro, e somente as corochas e as traças o adoravam, no adito sereno e mofado do oratório.

Algum tempo depois, visitando a boa senhora, vi que em uma das paredes da sala de visitas havia um retrato de Prudente de Moraes... Ela, compreendendo o meu sorriso, disse logo: “É um homem bom! não sei por que o quiseram matar!” E, como lhe perguntasse pelo oratório, a minha convertida respondeu, um tanto vexada: “Dei-o a uma amiga: quis desafogar a alcova...”

Não sei se essa veneranda matrona ainda vive: se vive, não me causaria espanto saber que, ao lado do retrato de Prudente de Moraes, está hoje o retrato de Campos Sales, - e também o de Rodrigues Alves, por causa das dúvidas...

Cantemos e dancemos, *inter sodales*, que estes primeiros dias são de riso e flores. Não tardam muito os dias negros. Daqui a pouco, de cada cálice de flor rebentará um espinho, e cada riso se torcerá num sarcasmo.

Os governos são como os dias. De manhã e à tarde há crepúsculo: mas tão alegre é o da manhã, quanto é triste o da tarde. Um é feito de esperanças, outro é feito de desconsolos. O primeiro tem a saudá-lo a orquestra de todos os pássaros, tontos de alegria; o segundo tem a melancolia do pio dos noitibós...

Enquanto não chegam as horas tristes, folguemos: *nune pede libero*...

É pena que já não haja astrólogos. Seria interessante ouvir os vaticínios de um desses argutos leitores do grande livro infinito, em que o Destino escreve, com o alfabeto de ouro dos astros, os casos futuros. Quem nos dera agora um [*****], um Cosme de Ruggieri, um Nostradamus!

Dizem todas as folículas que a noite de ontem foi de lua cheia. Segundo os antigos, a lua, como Saturno, tem uma influência antes má do que boa sobre os acontecimentos. A lua é o astro da misantropia, das paixões tristes, do desânimo.

Entretanto, as promessas do novo governo não estão de acordo com esses prognósticos...

Entre essas promessas há uma, - a do saneamento do Rio de Janeiro, - que enche de grande júbilo a alma da gente.

Há trinta anos que nos lançam dentro dos olhos essa poeira dourada... Já no tempo do Império, todos os governantes e todos os governados, com uma convicção firme na voz, diziam a todo o instante, com a mão espalmada sobre o peito: “É preciso sanear o Rio de Janeiro!” E o império morreu, e o saneamento não se fez. Veio a República, e todo o mundo exclamou com alegria: “É agora! vamos ter o saneamento!” E o que tivemos não foi o saneamento: foi a difusão das muitas epidemias que já conhecíamos, e a revelação de algumas epidemias novas, com as quais nos vamos dando otimamente.

Para sufocar as revoltas, filhas do interesse e da ambição, já gastamos fortunas que dariam para sanear quatro ou cinco cidades. E Deus sabe quantas fortunas ainda gastaremos, antes de ter dado à pobre cidade do Rio de Janeiro a compostura, a decência, a dignidade de que ela até agora se tem visto privada!

Mas que o diabo seja surdo! já que temos a promessa do saneamento, agarremo-nos a ela com unhas e dentes; e, de joelhos em terra, erguendo para os altos ecos as mãos e a alma, peçamos aos deuses misericordiosos que não reduzam a pó essa esperança, como já nos têm reduzido tantas outras.

E vamos começar a vida nova!

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 16 nov. 1902. p. 1, 1. col.]

Crônica

Três dias passaram depressa... E não há de ser nestas últimas setenta e duas horas de vida que o alquebrado 1902 há de praticar ações que o cubram de nova glória, nem cometer crimes que o desdorem para todo o sempre.

Atendendo a isso, e considerando finda a missão do pobre 1902, um repórter foi há dias entrevistá-lo. A entrevista foi cordial e demorada. O ancião queria deixar uma boa idéia de si, e não fez ostentação de exageradas rabugices. O repórter contava achá-lo deitado, com lençóis molhados do suor da agonia, com as mãos trêmulas segurando um rosário, e os pés encostados à botijas de água quente. Mas não! com um alvo guardanapo atado em torno do pescoço, 1902 cejava regaladamente.

Era noite de Natal. O velho despedia-se dos prazeres da gastronomia. A mesa era farta: em pilhas fumegantes e perfumadas, aprumavam-se as castanhas assadas; macias e louras, sob nuvens alvas de açúcar, as doces rabanadas da tradição se acampavam nas travessas quentes; um gordo bácoro tostado dormia o sono dos justos num vasto prato gorduroso; e, nas garrafas, a densa cor negra do vinho virgem casava-se o ouro líquido do Porto.

O repórter saudou o ancião, e perguntou:

- Bom apetite, hein?

1902 teve um muxoxo desconsolado:

- Nem por isso! são castanhas demais para tão poucos dentes... O que mais me entristece é não poder chegar ao meu último dia com o mesmo apetite daqueles belos dias em que o meu estômago de avestruz digeria sem dificuldade quatrocentos contos de réis de pedra. *Senectus est morbus!* Estou aqui comendo à força. Dizem que dormir com o estômago vazio é coisa que faz mal à saúde e dá pesadelos horríveis. Imagine que pesadelos teria eu, se entrasse no sono eterno com a barriga a dar horas!

- É verdade! – disse o repórter – Além disso, *noblesse oblige*... O senhor gozou sempre de uma tal fama de comilão que seria vergonha renegar covardemente agora todo o seu passado! Mas não interrompa a sua ceia... Vá comendo e conversando! Sabe que vim aqui fazer?

- Veio, naturalmente, perguntar-me pelo meu testamento... Perde o seu tempo. Os anos não fazem testamento. Isso é bom para os burgueses que deixam filhos na terra.

Nós não deixamos descendência: e é por isso que se costuma dizer que os anos se sucedem e não se parecem. Depois, socialmente, eu já estou morto a mês e meio... No dia 15 de novembro o Brasil começou vida nova: novo presidente, novo ministério, novos projetos. Tive mês e meio de morte em vida, mês e meio de vegetação infecunda. Só mesmo o senhor, com a sua bondade de jornalista, é que se pode interessar pela agonia deste pobre diabo.

- Mas diga, amável ancião! Morre com a consciência tranqüila?

- Que consciência, amigo? Nesta idade, não há quem tenha consciência. A consciência é um achaque da virilidade, e não da velhice. Fiz o que pude: e, como o velho Pedro II, ao partir para o exílio, eu bem poderia dizer:

*“Cumprir o meu dever! se mais não fiz,
Foi que a moléstia me impediu a ação!”*

E 1902 entupiu as goelas com um punhado de castanhas e despejou sobre elas um copázio de vinho. Engoliu, e continuou:

- Porque eu sempre fui um ano doente! Não me valeram homeopantias, nem alopatias, nem dosimetrias, porque ainda não se descobriu remédio eficaz contra a abominável doença, que é a falta de dinheiro. E essa doença me acompanha do berço à cova: ela foi a minha coqueluche da infância, o meu histerismo da puberdade, a minha hepatite da idade adulta e o meu reumatismo da senectude. Terrível moléstia, que teve tantos nomes! chamaram-lhe greve da S. Cristóvão, chamaram-lhe caso das carnes verdes, chamaram-lhe liquidação da Copacabana, chamaram-lhe escândalo das pedras, chamaram-lhe... o diabo! Mas o seu verdadeiro nome era este: “falta de dinheiro”! Se o senhor quer aos leitores do seu jornal dizer, a respeito de mim, alguma coisa que me não desabone, diga-lhes que eu fui um ano folgazão como Bocage: “Comi, bebi... vivi sem ter dinheiro!”

- Honra lhe seja! declarou o *reporter* com convicção. E vamos a outro caso: já deve ter chegado aos seus ouvidos notícia da bagagem de reformas que o seu sucessor traz consigo...

- Já ouvi falar! – disse 1902, mastigando uma rabanada. – Reforma do Distrito Federal, Reforma da Polícia, saneamento... Quer que eu lhe fale com franqueza? Não acredito na eficácia das reformas... sem dinheiro. Repito que não há moléstia pior do que a falta de dinheiro. Sempre foi essa a minha opinião. Esses reformadores lembram-me certo médico, que, chamado a examinar um doente pobre e faminto, declarou depois do exame: “Isso não é

nada, meu amigo! coma bem, beba bem, atire-se aos perus de forno e aos vinhos generosos, vá à Europa, tenha boas amantes e deixe correr o marfim!” Ao que o doente retrucou, com o nariz comprido de fome: “Vossa Senhoria não me poderá dizer em que botica se encontram esses remédios de graça?!...”

Neste ponto, 1902 comeu outra rabanada, riu largamente com a sua boca desdentada, e prosseguiu:

- Reformas? a única reforma capaz de satisfazer o povo seria a reforma que obrigasse o negociante a dar por dez tostões o que valesse cem mil réis, e que ao mesmo tempo facultasse ao consumidor o direito de pagar com um vintém o que comprasse por um conto de réis. E olhe que mesmo assim, ainda haveria muitos descontentes! Vá com o que lhe digo, meu caro senhor! falta o dinheiro é o diabo... E se não me quer perguntar mais nada, pode ir embora. Irra! estou cheio, este leitão assado não estava nada mau...

O *reporter* considerou que nada mais arrancaria do comilão, e despediu-se. Mas 1902, com um súbito brilho de ternura nos olhos, pediu-lhe ainda um minuto de atenção:

- Escute, meu querido *reporter*! Eu bem sei que a sua profissão não é das que mais rendem. Mas, tenha pena deste pobre velho... O dinheiro é uma cousa tão necessária, que quem não tem dinheiro nem tem o direito de morrer... Dizem os mestres da mitologia que as Almas, depois da morte, atravessam o Estige na barca de Caronte; Caronte não dá passagem à Alma que lhe não dê um obulo. Eu não sei se isso é verdade; mas, por causa de dúvidas, não quero comparecer sem vintém diante desse implacável catraieiro. Não tem por aí uns cinco mil réis que lhe não façam falta?

O *reporter*, condoído, deu a 1902 a sua única nota de cinco mil réis, 1902 segurou-a com carinho e respeito, virou-a, revirou-a, mirou-a, remirou-a, - e sorriu com satisfação:

- Estou vendo que esta não é falsa! Atualmente, não há que fiar: o Murtinho queimou tanta nota verdadeira, que as falsas tomaram conta do mercado. Muito agradecido, meu amigo! Quer alguma cousa para o outro mundo? Não faça cerimônia...

- Dê lembranças minhas ao Padre Eterno!

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 28 dez. 1902. p. 1, 3. col.]

Crônica

Há quem diga que, ao nascer, todos os homens são, moralmente, os mesmos. Segundo essa doutrina, a criança é um animal como o camundongo, como o cachorrinho,

como a pequirá, como o pintassilgo: só com o correr dos anos é que a influência do meio e da educação vai tirando do escuro seio daquela animalidade vulgar os clarões da inteligência, da bondade, e do caráter. Mas há também quem sustente o contrário: há quem diga que dentro do corpinho frágil da criança está a alma do homem adulto, com os germes, imutáveis e indestrutíveis, de todas as futuras virtudes e de todos os futuros vícios.

Se esta última teoria é verdadeira, - coitado do infante 1903! Ou, antes: coitado de nós, que temos de aturá-lo ainda por mais trezentos e sessenta e um dias!

Porque o ano de 1903 entrou na vida com o pé esquerdo. Começou logo as suas proezas impelindo para a sepultura três homens ilustres, um marechal, um almirante, presidente do Supremo Tribunal. E Deus sabe para quantos mais foi ele fatal! A Morte é como o raio: só impressiona, quando fulmina os altos topos gigantes da mata: ninguém percebe os seus estragos nos arbustos fracos e nas ervas rasteiras.

A coluna do mercúrio minguiu repentinamente dentro dos tubos de vidro dos termômetros: a queda, de onze graus, foi súbita e sem transição. E trinta dias de áspero calor, sem chuva, fariam menos mal do que esta cabriola de temperatura, provocando resfriamentos que podem ser simples e inofensivas macacoas, mas podem ser também infalíveis passaportes para o outro mundo...

É por causa dessa extraordinária e originalíssima variação termométrica que o Rio de Janeiro está cheio de doentes. Toda a gente espirra, toda a gente se queixa de cefaléias e de dores nos rins. E já não falta quem levante as mãos para o céu, implorando a volta desse mesmo implacável calor, que tantas maldições provocava há poucos dias. Jesus! sempre o homem há de ser o animal incontentável que só há de pedir frio quando há calor e calor quando há frio!

O ano trouxe ao Distrito Federal um novo Prefeito. E houve um espanto na cidade, quando, na primeira coluna do *Jornal do Comércio*, apareceu em telegrama de turn-off, o programa da nova administração municipal...

Uma avenida de 120 metros de largura começando no Pão de Açúcar e terminando na Copacabana! uma avenida do Parque da República à Tijuca! outras avenidas, largas e belas, cortando e arejando toda a cidade! novos parques, novas esplanadas, mais praças! o replantio das matas, o abastecimento de água, o recuo obrigatório dos prédios, a incineração dos lixos, o aperfeiçoamento da higiene domiciliar, a criação da guarda municipal, o equilíbrio orçamentário, quanta coisa!

A cidade, maravilhada e tonta, perdeu a cor e a voz: e, com as mãos na cabeça, começou a andar à roda de si mesma, sem poder acreditar no que via, mas com a secreta e ardente esperança de que tudo aquilo fosse a expressão da verdade.

Ai de nós! A vida é uma serie de decepções! Logo no dia seguinte, verificava-se que o deslumbrante programa era uma blague, uma mistificação, um parto monstruoso da imaginação esquentada de um *reporter*; o novo Prefeito veio negar ao enganador documento toda a autoridade; e o próprio *Jornal do Comércio*, que pagara a peso de ouro as 283 palavras do telegrama, punha sobre a falsa *plataforma* o peso fulminador deste adjetivo implacável: *quixotesca*!

Vamos com calma ao assunto... Quixotesca, - por que?

D. Quixote, essa admirável criação, que é talvez a mais bela da literatura de todos os tempos, só pode ser uma figura ridícula para aqueles que não sabem ver através das ficções literárias o fundo de eterna beleza e de eterna verdade que lhes serve de arcabouço.

Esgrouviado e feio, sujo e miserável, equilibrado sobre um esfaimado rocim, viajando por todos os distritos da Decepção, e por todas as circunscrições da Pancadaria, saco de bordoadas ambulante, judeu-errante do Sonho e do Desengano, com a barriga vazia e a alma iluminada, - D. Quixote não é um pobre maluco, mais merecedor de piedade do que de admiração...

D. Quixote é o ideal incontentado, é a febre, a ânsia, o desespero da Perfeição.

Nunca de cérebro humano nasceu mais formosa, mais nobre criação! Se Cervantes arrastou o seu herói por todas as ruas da Amargura, e em cada uma das esquinas dessas ruas lhe disparou uma decepção e uma sova, - foi para mostrar a que dolorosos desastres está sujeito quem se atreve a pregar o Bem e a Justiça aos homens. O mundo está hoje, como estava no tempo de D. Quixote, cheio de órfãos e de perseguidos; e se hoje, como então, ainda se arrisca a ser lapidado quem os defende, isso não é razão para que só mereçam o riso e escárnio os que se sujeitam a esse martírio...

Que o ilustre Prefeito de Distrito Federal não se zangue com o que vai ler:

Se S. Ex. quer achar um modelo na epopéia de Cervantes, não hesite, - seja D. Quixote, e não queira ser Sancho Pança!

Sancho Pança é apenas o Bom Senso. E se o Bom senso sempre houvesse governado o mundo, a humanidade ainda estaria hoje tão adiantada como no tempo dos

merovíngios. O Bom Senso é a prudência, a cautela, a paciência; mas é também a casmurrice, o amor do preconceito, ódio do progresso.

D. Quixote é o ideal. Se ele não tivesse, de quando em quando, metido a reformador, não haveria a estrada de ferro, a lâmpada elétrica, o telégrafo, a máquina a vapor; não haveria a *Divina Comédia*, os dramas de Shakespeare, a *Legenda dos Séculos*. O ideal pode ser, às vezes, a precipitação, a imprudência, a loucura: mas é sempre o progresso, a invenção, a beleza, a iniciativa, o desejo da perfeição.

Sancho Pança deixará o Rio de Janeiro no estado atual; D. Quixote cumpriria o programa apócrifo que o próprio *Jornal do Comércio* renegou.

D. Quixote foi o Barão de Haussman que reformou Paris; D. Quixote foi o Marquês de Pombal que das cinzas de uma Lisboa medonha arrancou uma Lisboa airosa; D. Quixote foi o grande Alvear que criou Buenos Aires! D. Quixote foi o espírito *yankee* que em menos de um século encheu de cidades maravilhosas todo o território dos Estados Unidos...

O programa era apócrifo? paciência... Esperemos que o programa autêntico, o verdadeiro, o legítimo, não se afaste muito desse que foi tão malsinado!

Santo Deus! pois é loucura querer sanear o Rio de Janeiro, querer dar-lhe avenidas e parques, querer água em abundância, boa higiene, boa administração, boa política, boas finanças? Então, que diabo é o Juízo? é a porcaria? é o relaxamento? é a desídia?

Mais vale ser D. Quixote, e morrer apedrejado, empalado, queimado vivo, enforcado e estraçalhado por te amado a limpeza e a beleza, - do que ser Sancho Pança, e morrer de velhice por ter respeitado o preconceito e por ter amado o atraso.

Pelo amor de Deus, Sr. Passos! Seja o D. Quixote... não tenha medo das sovas!

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 4 jan. 1903. p. 1, 1. col.]

Crônica

Dez ou vinte casas, não mais, tiveram acesas, durante as três primeiras noites da semana, as clássicas luminárias de S. Sebastião. O nosso bom santo, que não é orgulhoso, deve ter ficado contente: já dizem os livros sagrados que mais vale um óbolo dado de boa vontade, do que uma fortuna cedida com ostentação e sem sinceridade. Se dessas dez ou vinte casas, em cujas fachadas rebrilhavam as luzes votivas, subiram ao céu dez ou vinte preces

sinceras e ardentes pedindo ao santo padroeiro que dê juízo e calma à leviana cidade, - tanto terá bastado para encher de júbilo o coração d'Ele, e tanto terá bastado para chamar sobre nossas esquentadas cabeças a sua benção e a sua proteção.

E calma e juízo, com efeito, precisamos agora mais do que nunca. Já os jornais começam a pedir ao governo que ponha em pratos limpos o caso do Acre. Em cada esquina, encontra-se um grupo exaltado, estranhando que o governo ainda não tenha dito quantos soldados vão partir para o Acre, e quantos contos de réis vai custar a expedição que se prepara. O patriotismo trêfego já quer organizar batalhões, já quer armar as levas de voluntários, já pede carabinas e patentes em altos brados. Parece que Pando, o Invencível, já está chegando às portas do Rio de Janeiro!

Já se sabe que não falta no Brasil quem morra pela pátria. Mas é melhor esperar que chegue a hora de ir morrer, sem cansar inutilmente a garganta. Quem grita demais, antes da batalha, arrisca-se a, chegando o momento decisivo, não se poder bater, por ter adquirido uma angina. A mais elementar idéia de prudência está aconselhando que não se faça barulho em torno do homem calmo, que está com o punho cingido à cana do leme, a bordo do barco em perigo, nesta hora grave de nossa vida...

Esse homem é uma tradição, uma glória, um símbolo vivo da honra do Brasil. Não haverá atualmente no mundo quem esteja com ele representando, segundo a fórmula inglesa, *the right man in the right place*. E nunca, no Brasil, o bom nome da nação esteve tão bem confiado como agora: Rio Branco impôs-se à admiração de todo o mundo civilizado; e hoje na América do Sul, principalmente, pode haver quem o olhe com inveja ou ira, mas não há com certeza quem o não olhe com respeito. Por que perturbar a serenidade de sua ação com um desengano clamoroso? É como se, para apressar a marcha de uma locomotiva, enchêssemos a linha de calhaus...

Por outro lado, para que dar importância exagerada ao desvairado papaguear de certa imprensa estrangeira? Ódio velho não cansa. E não há ódio mais cruel do que aquele que se alimenta de um despeito longo tempo contido.

Daí, quem sabe? é provável que as injúrias dos jornais do país vizinho não traduzam ódio. Desgraçadamente, a imprensa, nestas épocas agitadas e turvas, não é sempre um sacerdócio: é muitas vezes uma indústria, que só pode medrar graças ao escândalo e a blasfêmia. O público é exigente: quer todos os dias um assunto palpitante e novo que o apaixone, que lhe sacuda os nevos, que lhe estimule o apetite. Desta vez, como não há outro

assunto bom, o Brasil pode prestar-se a cabeça de turco. Que mal há nisso? a cabeça é dura, é capaz de esfolar e quebrar os punhos que a socarem.

Nem nos fica bem atirar a primeira pedra à pecadora. Examinando com cuidado a nossa consciência, pesquisando com atenção todos os recantos, iremos achar dentro dela, escondidos e esquecidos, muitos pecados. Também nós, jornalistas brasileiros, nos damos às vezes à discussão do que não sabemos, querendo dirigir, com a nossa orgulhosa imprudência, os destinos e as vidas das nações vizinhas. O mal é de muitos, - e portanto consolo é.

Daí-nos calma e juízo, milagroso S. Sebastião! Calma e juízo, para que não precipitemos os acontecimentos, calma e juízo para que perdoemos as ofensas dos vizinhos inoportunos!

Chorai, barracões de todos os estilos, de todos os feitios, de todas as cores, góticos, manuelinos, egípcios, amarelos, vermelhos, azuis, altos, baixos, finos e grossos que encheis a cidade, que oprimis o solo, que tapais o horizonte, que ofendeis os olhos, que nauseais as almas! Chegou a vossa ultima hora...

Um prefeito, que não gosta de monstros, jurou guerra implacável e feroz à vossa raça maldita: preparai-vos todos para cair, fortalezas de mau gosto, baluartes da fealdade, templos da hediondez, - como já caiu o vosso companheiro do largo do Paço, aos golpes dos martelos abençoados da Prefeitura!

O povo, que já folgava e ria, em volta daquele medonho trambolho condenado à morte, na bendita madrugada da demolição, não folgava e ria apenas por causa da rica provisão de lenha que assim lhe dava de mão beijada a Cantareira: ria e folgava também de pura satisfação estética, por ver livre daquele aleijão o pobre largo do Paço...

O povo é um eterno caluniado. Dizem que ele é grosseiro, mal educado, malfazejo. Que há de ele fazer, se não lhe dão boas maneiras, se não o educam, se não lhe ensinam a ser bom e limpo?

O povo de uma cidade limpa há de ser fatalmente limpo. Que idéias claras, que pensamentos bons, que nobres sentimentos há de ter uma população condenada a viver numa cidade mal calçada, sem jardins, e cobertas de barracões imundos e cambaleantes?

Dizia-se que o povo do Rio de Janeiro era incapaz de respeitar jardins: entretanto, ainda ninguém danificou o jardim da praça Rio Branco, e ainda ninguém interrompeu ou perturbou os trabalhos de aforseamento do largo do Paço. O povo, para ser bom conservador, espera apenas que lhe confiem a conservação de qualquer coisa boa.

Enquanto só lhe confiarem a conservação da imundície, não podem exigir que ele, na sua fraqueza, extraia pérola da podridão.

O que consola é ver que, em dous anos já se fez mais do que em vinte. Se esse bom movimento não for contrariado por qualquer dessas causas que escapam às previsões humanas e tão frequentemente se manifestam no Brasil, o Rio de Janeiro será em breve uma cidade reabilitada.

Juízes da cidade! metei dentro das gavetas, sob cautela de sete voltas de chave, os mandatos de manutenção! e, ó barracões, desmoronai-vos, esfarelai-vos, desaparecei sem deixar saudades!

Chove. A coluna de mercúrio deu uma queda repentina nos termômetros... Assim estivesse baixa também as temperaturas dos ânimos!

Ainda uma vez: daí-nos calma e juízo, doce e amado padroeiro, - se é que depois de haver recebido tantas setas deste mundo, ainda vos preocupais com o que nele se passa!

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25 jan. 1903. p. 1, 1. col.]

Crônica

Ainda estamos vivos? Não houve pneumonia, não houve tifo, não houve febre amarela que nos levasse? Pois não foi por culpa nossa... Por três dias e três noites a fio, sem descanso, andamos à procura da morte, afrontando-a, desafiando-a, pedindo-lhe encarecidamente que nos arrancasse desse vale de lágrimas. Provavelmente a Morte, vendo-nos tão molhados, teve medo de constipar-se: deixou-nos entregues ao gozo do entrudo, e foi por aí fora em busca de gente mais seca e menos maluca.

Desta vez, ressuscitamos o velho entrudo desbragado dos nossos maiores.

Numa antiga tradução do Brasil, de Ferdinand Denis, há páginas interessantes sobre o jovial entrudo desses tempos apartados: “Isto chegou a tal ponto, que induziu o intendente geral da polícia a publicar um edital proibindo os jogos de entrudo nas ruas e no teatro, não podendo ser permitidos semelhantes divertimentos numa sociedade civilizada; para que a ordem tivesse execução, postaram-se guardas em todos os bairros da cidade. mas a sociedade civilizada do Rio de Janeiro teve em pouca conta o edital, voltando ao divertimento, - e, francamente, outra coisa não podia acontecer, porque o próprio imperador dava o exemplo: é notório que ele participava do folguedo, com seus filhos e amigos...”

Agora, nem houve edital: a polícia concedeu *habeas-corpus* ao entrudo, e só não se molhou quem teve o mau gosto de ficar em casa.

Enfim, não morremos: já secamos ao sol as roupas e a pele, já repousamos da fadiga desses dias de suprema loucura, - e vamos cair no monótono ram-ram da vida.

Ora, o assunto magno, o assunto que se impõe, é justamente o que diz respeito a essa generosa Morte que não se quis aproveitar do entrudo para levar consigo o cronista e aqueles que o lêem. No Rio de Janeiro, março é o mês da morte. Os dias ardem, requeimados de um sol inclemente: as noites abafadas, cheias das ferventes evaporações da terra, sem um sopro de brisa fugaz, arrastam-se carregados de pesadelos: e por mais que se queira esquecer a febre amarela, sente-se na treva o seu peso fatal, ouve-se estalar a mola da sua foice cruel, e contam-se as vítimas que a arruinadora do nosso crédito vai fazendo...

Em S. Paulo, o Estado que deveria ser o modelo de todos os Estados do Brasil, já não há quem se limite a soltar lamentos sobre a crueldade da febre amarela. Logo no dia seguinte ao último do carnaval, o *Jornal do Comércio* publicava os resultados das experiências feitas na capital paulista sobre o papel que representam os mosquitos na transmissão do tifoteróide. E mais uma vez se verificou que o Rio de Janeiro, com toda a sua importância comercial, com toda a sua filáucia de primeira capital da América do Sul, está, em matéria de civilização, infinitamente abaixo daquela nobre cidade cujo progresso febril e rutilante cobre de vergonha a nossa inércia.

O Rio de Janeiro é a sede da Academia de Medicina, e de várias outras sociedades científicas: temos aqui, à dúzias, clínicas que podem competir com as mais notáveis do velho mundo; temos hospitais, admiravelmente instalados: - e, sendo esta a terra clássica da febre amarela, a sua residência preferida, a sua pátria de eleição, era natural que aqui se iniciassem os estudos sobre esse hipótese de transmissão do morbo pela picada dos mosquitos. Mas sobre esta mísera cidade parece pesar uma *jeitatura* fatal, um mal olhado cruel que a condenou a ser inerte e indiferente. O Progresso passa por nós, ao alcance dos nossos olhos e das nossas mãos, sem que os nossos olhos o percebam, e as nossas mãos o toquem: o Rio de Janeiro é a figura clássica do *Brás Bocó*, de boca aberta e músculos relaxados, entorpecido numa contemplação idiota, sem consciência do tempo que passa para nunca voltar, estarecido numa preguiça de macaco tísico!

S. Paulo, em dez anos, reabilitou-se e depurou Santos, que era mais imunda que o Rio de Janeiro, salvou Campinas da ruína, saneou várias cidades do interior, e

transformou a sua velha capital sorna e feíssima em uma admirável cidade moderna que, daqui a dez anos, será superior a Buenos Aires.

Não há lá fora, na América do Norte ou na Europa, uma descoberta, uma invenção, um estudo novo, uma tentativa em favor da felicidade humana, um bom movimento de iniciativa pública ou privada, um impulso para o bem, - que não interessem esse belo Estado, e não cativem a atenção do seu governo. Agora mesmo, as experiências feitas no hospital de isolamento de S. Paulo pelos Drs. Pereira Barreto e Adriano de Barros e Silva Rodrigues são a prova desse interesse, a demonstração desse patriótico desejo de progredir.

E, aqui, estamos condenados ao triste papel de esperar que lá nos venha o ensino! E ainda era bom que saibamos aproveitar esse ensino e que lhe não demos o desdenhoso pontapé com que costumamos acolher o que é sério, para só amar e prezar as eleições cômico-trágicas em que o ridículo corre parrelhas com a selvageria!

As experiências feitas agora com mosquitos infeccionados colhidos em S. Simão, perto da cidade de S. Paulo, vieram confirmar plenamente as que foram em Cuba: o mosquito é o principal transmissor da febre amarela.

Santo Deus! para a desgraça capital do Brasil, a solução de problema está ficando cada vez mais difícil. Até agora ainda poderíamos supor que, com os melhoramentos do porto, com a construção de uma ou duas avenidas, com o arejamento de toda a cidade, com um farto abastecimento de água, com a lavagem constante das redes de esgotos, ficaríamos livres da febre amarela...

Já essa miragem nos sorria deliciosamente, se bem que os cálculos mais otimistas não fossem capazes de anunciar para breve a realização desses melhoramentos tão simples, mas tão pouco compatíveis com a nossa incúria. Agora, porém, complica-se o problema...

O mosquito demoníaco, esse átomo vivo provido de asas, esse atormentador invisível, esse *gnomo* intangível, esse *djin* impalpável, é filho das águas paradas, dos lixos expostos ao ar, - e de toda a imundície, enfim. É possível sanear a cidade; mas isso não bastaria: seria preciso, para exterminar os mosquitos e exterminar com eles a febre amarela, dar a toda esta população o amor à limpeza, a paixão do asseio, o culto da higiene domiciliar...

Até das insignificantes poças de água depositada pelas chuvas nos cacos de garrafa com que, para afugentar os gatunos, adornamos os muros das nossas chácaras, nascem legiões cerradas de mosquitos, - gatunos muito mais perniciosos do que os outros, porque nos

furtam a vida, enquanto os outros só nos furtam as galinhas. Quantas outras legiões desses assassinos microscópicos não nascerão dos tanques de lavar roupas, dos coradouros, das hortas, das estrebarias, dos estábulos, dos capinzais, dos aterros inacabados de que estão cheios os subúrbios?

Pouco importará que todas as ruas sejam limpas, varridas, capinadas, lavadas, bem calçadas, - se, dos muros para dentro, a imundície continua a imperar. E quanto aparecerá o homem capaz de extinguir as estalagens, as casas de cômodos, os viveiros de todos os micróbios que há por aí.

Em outra cidade, a população dócil e inteligente colaborará com os poderes públicos nas obras de saneamento. Mas aqui, desgraçadamente, já não é lícito esperar esse concurso da docilidade e da inteligência. *Brás Bocó* não é só um tolo: é também um revoltado; e, na sua apatia, na sua preguiça, no seu idiota comportamento, só tem energia para protestar contra posturas e gritar: - *não pode!*

Ah! pérfido mosquito! zumbido alado, dentada viva, tortura importuna, invisível gênio do mal, filho da podridão e servidor da morte! quando havíamos de pensar que, tão pequenino, tão fraco, tão humilde, deste modo atrapalharias a nossa vida?

Porque, atualmente, ó mosquitos! perdemos a esperança de ver extinta a febre amarela! se não temos força nem coragem para acabar com os grandes males que aí estão entrando pelos olhos de toda a gente, como as teremos para dar cabo desses males, inumeráveis e invisíveis, mais incontáveis de que as estrelas do céu, e os grãos de areia do mar?

Jesus! é fácil, talvez, matar os mosquitos que nascem de uma escassa poça d'água... mas como dar cabo dos que nascem, aos milhões de milhões de miríades de miríades deste vasto pântano de cento e um mil, quinhentos e quarenta e quatro quilômetros quadrados, que, nas cartas geográficas, figura com o nome de cidade do Rio de Janeiro?

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 1 mar. 1903. p. 1, 1. col.]

Crônica

Não são alegres, não dão lugar a satisfações de otimismo, as conversas que se travam por aí além, pelas ruas, pelas casas, pelos bondes, neste escaldado e melancólico fim de março. A cada passo, uma notícia má: “fulano está doente... Fulano morreu!... E já ninguém pede, sobre a moléstia ou sobre a morte de Fulano, informações mais precisas,

porque já sabe que vai ouvir, em resposta, as duas palavras fatais, que pairam, perpétuas e negras, como as duas asas de monstruoso avejão, sobre a nossa vida: “febre amarela!”

Ela, sempre! Ela, eternamente! Nós a respiramos, nós a comê-mos, nós a bebemos, nós andamos e dormimos com ela, sobre ela, dentro dela, - fechados dentro [*****] fatídico e terrível da sua ação desmoralizadora! Ela nos infamou o passado; ela nos desonra o presente; e, quando queremos prever um futuro melhor, ela nos tapa o horizonte, com o seu vulto nefando, furtando-nos a visão de dias melhores, de mais nobreza e de menos vergonha.

Falemos dela, já que não é possível arredar o espírito dessa preocupação dolorosa. Seria mesmo bom que, em todas as almas, a lembrança da febre amarela se transformasse numa dessas idéias fixas, que, tanto podem ser mais da loucura como da glória, da ruína como da salvação.

No seu último relatório, apresentado ao ministro do interior, há cerca de quinze dias, Dr. Nuno de Andrade defendia brilhantemente a Diretoria de Saúde Pública das acusações que lhe são diariamente feitas.

E, antes de prosseguir, seja lícito ao cronista lamentar que o governo se tenha visto privado dos serviços desse homem, a que já se pode agora elogiar francamente, sem o receio de ver o elogio atribuído a um intuito de [*****]. A demissão de Nuno de Andrade impunha-se como uma consequência da declaração de ilegalidades das acumulações remuneradas; e não é possível combater essa declaração, porque não é possível contestar a moralidade de uma lei tendente a dar cabo do açambarcamento dos empregos rendosos. Na mesa em que se serve o banquete do orçamento, há lugar para muitos: e não é justo que alguns recebam ração dobrada, quando outros, com iguais exigências de estômago e iguais direitos, ficam apenas olhando, com olhos compridos de fome, as virtualhas apetitosas. O regime das acumulações remuneradas é injusto, e por isso mesmo, imoral: para os interesses da comunhão que devem pesar mais do que os interesses individuais, - mais vale que o pão seja distribuído por cem do que por cinquenta.

O monopólio é sempre odioso; e pouco importa que os que mais gritam contra os monopólios sejam sempre os que mais o ambicionam: - a lei deve atender aos princípios, sem cogitar dos desonestos que os possam adulterar.

Mas, sem negar a utilidade da lei, é justo lastimar que, para ela ser cumprida, a Diretoria da Saúde tenha ficado órfã da competência e da dedicação desse funcionário.

O seu relatório de 4 de março é o desesperado desabafo de uma consciência, que não pode mais com o peso de culpas alheias, e quer libertar-se de responsabilidades que lhe não cabem. O ex-diretor da Saúde Pública explica a diferença espantosa que há entre o estado sanitário de S. Paulo e o do Rio de Janeiro:

“A administração paulista despendeu dezenas de milhares de contos com o saneamento da sua capital e gasta, hoje, anualmente, com o seu serviço de higiene, cerca do dobro do que gastamos nós, com uma área territorial muitíssimo mais larga e uma população três vezes maior. Ela está certa de que é impossível esperar sentimentos de grandeza, o culto do aperfeiçoamento, a delicadeza do patriotismo, a dignidade civil e até a verdadeira noção de liberdade, - de uma população que se abandona à varíola por preguiça de vacinar-se; que mora, indiferente e resignada, no cortiço e na casa de cômodos, respirando o odor dos maus esgotos, a exalação das valas próximas e cercada de capinzais nocivos, de hortas estrumadas; que transita por esburacadas ruas lodosas, cheias de lixo; que se deixa devorar pela tuberculose, pela febre amarela, pelo tifo, espantada ainda de que prosperem em tal meio tantas desgraças juntas; e apesar de tudo, brado contra o – “Despotismo sanitário” – quando se procura melhora-lhe a sorte, e aponta o exemplo da Venezuela, quando se gastam oitocentos e poucos contos, em um ano, com o serviço de higiene das epidemias!”

Essa é a verdade terrível, dita por quem sabe o que diz. Hércules matou a hidra de Lerna, venceu na carreira a corça dos pés de aço, estrangulou o leão de Numéia, castigou e venceu Diomedes, aprisionou o javali do Erimanto, deu cabo do touro de Creta, domou Antheu, aliviou Atlas, estrangulou os Centauros e limpou as estrebarias de Áugias... Mas Hércules era Hércules! Era filho de uma estirpe divina, tinha n’alma o poder sobre-humano da essência de Júpiter! Se para executar todos esses assombrosos trabalhos, naquela maravilhosa e fulgurante idade heróica, o filho de Alcmene precisasse do apoio dos orçamentos, da imprensa e do povo, - os monstros, as feras, os gigantes continuariam a oprimir a Hélade, porque o herói nada poderia fazer...

Para extinguir a febre amarela, para reabilitar o Brasil, para salvar do opróbrio a nossa nacionalidade, - é preciso ter a coragem de gastar dinheiro sem conta e de não medir sacrifícios. As grandes glórias não se conquistam como as fáceis e baratas popularidades. Só logrará a grande glória de livrar o Brasil da maior, da única das suas vergonhas, o governo que afrontar a impopularidade e que se arriscar a ser apedrejado na praça pública, empenhando nessa obra redentora todos os recursos, todo o crédito da nação, e dando-lhe em troca de privações e misérias passageiras, a felicidade perene em um futuro próximo.

O substituto de Nuno de Andrade é um moço ilustre, que se recomenda à pátria pelo amor ao trabalho, pelo culto do estado, pela religião da ciência. Mas que poderá ele fazer, com todo o seu talento e com toda a sua competência, se lhe negarem recursos, como os negaram ao seu antecessor? Fídias não esculpiria o seu Júpiter Olímpico e não ergueria do solo da Grécia a maravilha do Partenon, se lhe não dessem mármore; Rafael não perpetuaria na tela a doce imagem de Fornarina se não tivesse as tintas que, amassadas pela mão de gênio, se transformam em carne viva e radiante; e o Universo não saiu do Nada, mas das Nebulosas primitivas que já tinham dentro de si todos os mundos em formação...

Logo no dia seguinte ao da nomeação do Dr. Oswaldo Cruz, depois de tecer encômios justíssimos à competência do nomeado, noticiou a imprensa que “o novo diretor da Saúde Pública tenciona ir a Cuba, a fim de estudar de perto as condições em que foram ali feitos o saneamento do solo e o aniquilamento da febre amarela.”.

Deve haver nisso uma tolice ou uma perversidade dos *reporters*. A notícia é tão absurda, que não há ingênuo que a tome a sério.

O novo Diretor da Saúde Pública conhece, melhor do que nós todos, o processo de que os americanos do norte se serviram para extinguir a febre amarela em Cuba. Esse processo assentou nestas bases: dinheiro a rodo, limpeza rigorosa, extinção de mosquitos.

O *Jornal do Comércio* de 17 deste mês publicou a tradução integral do relatório lido, num congresso médico, pelo major W. G. [*****], do corpo de saúde dos Estados Unidos, dando conta de todas as experiências tenazes e pertinazes à custa das quais pôde a comissão de médicos livrar a Havana do mesmo flagelo que nos mata. Qualquer profano, qualquer leigo, lendo aquilo, fica sabendo o que é preciso fazer para que o Brasil, e principalmente o Rio de Janeiro, deixem de ser a pátria da febre amarela. Essa simples leitura evitaria a qualquer de nós o incômodo de uma viagem a Cuba: - e o Dr. Oswaldo Cruz já está farto de saber, a fundo, aquilo que o nosso bom senso já a todos nos ensinou...

Não! Não é certo que o Dr. Oswaldo Cruz tencione ir a Cuba!

Não será dessa viagem que há de vir a nossa salvação! Será, sim, de uma outra viagem, mais séria e mais difícil do que essa, - de uma viagem que devemos empreender nós todos, governo e povo, mandantes e mandados, grandes e pequenos, àquele sagrado e recôndito país que cada homem tem dentro do próprio peito e onde residem as forças soberanas da consciência do dever e da energia moral.

Para extinguir a febre amarela, e para extinguir com ela a nossa desonra, é preciso não medir sacrifícios, não contar vintém nem milhões, e sacrificar o bem estar de alguns anos à prosperidade futura: é preciso modificar quanto está feito, arrasar quarteirões

inteiros, rasgar avenidas, revolver e purificar o solo, obrigar toda a população á prática do asseio, contrariar mil interesses, transpor mil barreiras, desgostar meio mundo, tapar o ouvido às reclamações do egoísmo prejudicado, castigar os recalcitrantes, e caminhar para a frente, sem olhar para trás, sem medo, sem hesitação, sem desfalecimento.

Se todos se não empenharem nisso, - pode o Dr. Oswaldo Cruz ir preparando a retirada: porque há de sair, como saiu o seu ilustre antecessor, crivado de remoques, injuriado e maltratado, com o arrependimento de ter perdido tempo e trabalho inutilmente.

Ir a Cuba? para que? para estudar a febre amarela?

Mas a época de estudo passou! nós já sabemos o que é a febre amarela: é a ruína, é a vergonha, é a infâmia, é a maldição da nossa terra! Se, em vez de procurar dar remédio ao mal, continuarmos a estudá-lo, acabamos como aquele célebre professor maníaco, da anedota alemã, que não chegou a escrever seu Tratado de Filosofia em sessenta volumes, porque passou noventa anos a aparar as penas com que devia escrevê-lo.

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 mar. 1903. p. 1, 1. col.]

Crônica

Que é isto?... Cheia de um novo encanto, a rua do Ouvidor refloresce; há mais gente pelas esquinas; os floristas ambulantes fazem mais negócios; os alfaiates exultam; os chapeleiros engordam; as lojas de modas ressoam, cheias de risos; esgotam-se os sortimentos de gravatas; - que é isto?!

São Eles que chegam... Como as andorinhas, que, aos primeiros sorrisos do verão, reaparecem no céu da Europa, em bandos, alegres, ruflando as asas e jovialmente bailando nos ares, - também Eles reaparecem na rua do Ouvidor, ao primeiro frescor do outono carioca, com a sua elegância, a sua eloquência e a sua majestade... São Eles que chegam, - os nossos amáveis deputados, Talleyrands e Brummels ao mesmo tempo, casando a argúcia política à futilidade gamenha. Cada pacote que chega do Norte ou do Sul traz as amuradas garridamente cheias dessas flores humanas, em cachos e em festões, já desprendendo o aroma de sua eloquência...

Santo Deus! vai começar a Falação!

Enquanto ela não começa oficialmente na rua da Misericórdia e na rua do Areal, - já se fazem sessões preparatórias na rua do Ouvidor. Em torno dos eleitos sem contestação, seguros do seu diploma, impando de contentamento e de orgulho – reúnem-se os

outros, os contestados, murchos e tristes, com clarões de esperança ou nuvens de desespero nos olhos, tentando captar as boas graças dos que vão decidir a sua sorte.

Nessa azáfama, os boatos fervilham... E, antes da formatura geral das salas solenes do Parlamento, haverá uma revista de mostra, em torno da mesa de um lauto banquete, oferecido ao Gaúcho-Mor, que vai ser o árbitro da situação.

A idéia do banquete é ótima. Diz uma velha canção que

“La gourmandiese

Quoi qu’on en dise

C’est lê meilleur peché de tous...”

A boa mesa não faz bem apenas ao estômago: faz bem ao espírito. Um homem que jantou bem, é um homem que não tem vontade de praticar o mal.

Mas parece que o que se vai comer neste banquete é um acepipe novo, não mencionado nas bíblias de gastronomia.

No banquete de Trimalcão, que Petrônio o *arbiter-elegantiarum*, tão profusamente descreveu no *Satiricon*, comeram-se cousas fantásticas: veados inteiros, um javali recheado de pombos vivos, um grande navio de massa, tripulado por macacos assados, imensos porcos cheios de trutas – tudo quanto os cozinheiros romanos sabiam inventar de saboroso e ao mesmo tempo de grandioso.

Neste banquete de agora, porém, o prato principal é mais extravagante do que todos aqueles... Dizem que os convivas vão comer vivo o Sr. Júlio de Castilhos!

Fácil lhes seja a digestão!

Palavras... palavras... palavras...

Enquanto os políticos falam e comem, a Prefeitura Municipal mostra-se disposta a agir, comprando prédios velhos para deitá-los abaixo, e rasgando ruas novas no centro da cidade.

Desta vez, parece que já há quem compreenda que não pode haver civilização sem limpeza, nem adiantamento moral sem adiantamento material.

Porque o nosso grande mal tem sido este: quisemos ter estátuas, academias, ciência e arte, antes de ter cidades, esgotos, higiene, conforto.

Se tenho um terreno vasto, numa vasta propriedade, e se quero aproveitá-la, claro está que devo começar por construir no meio desse terreno uma casa, uma casinha, uma cabana confortável, - cujo teto me abrigue das intempéries, e que, posta no meio do meu

domínio, e tendo uma porta que eu possa abrir e fechar à vontade, seja a afirmação dos meus direitos de proprietário...

Depois, tratarei de desbravar as minhas terras, de lavrá-las, de adubá-las, de semeá-las, de regá-las, de modo que elas me possam dar a alimentação. E tratarei de evitar que as águas estagnadas em torno da minha casa envenenem o ar que respiro, e tratarei de cercar a minha saúde e a minha vida de toda a segurança e de todo o bem estar.

E, somente depois disso, depois de ter satisfeito os meus interesses de homem, é que tratarei de satisfazer meus interesses de artista, - pintando em torno da minha casa um jardim cheio de flores e pondo dentro dela um piano, alguns quadros, alguns *bibelots*, para regalo da minha vista e da minh'alma.

Individualmente, nós todos soubemos sempre que é assim que procede quem tem juízo: mas coletivamente, quisemos ter arte e regalo intelectual, antes de tratar do nosso bem estar e da nossa saúde. Temos as praças cheias de estátuas; temos academias de onde saem doutores e bacharéis às mancheias; temos poetas e artistas; temos uma Câmara e um Senado em que se faz um consumo espantoso de tropos fulgurantes e de metáforas sublimes! – e vivemos sobre um solo podre, em casas que não se podem lavar por falta de água, construídas em ruas estreitas, tortas, esburacadas e cobertas de capim!

Quando começou agora a demolição dos prédios da rua General Câmara, para o prolongamento da rua do Sacramento, houve um episódio curioso. Um cidadão tinha, em uma daquelas casas um estabelecimento de banhos: intimado a mudar-se, ele declarou que não podia achar uma casa que lhe conviesse, e que, portanto, não sairia dali.

Esgotado o prazo, as picaretas começaram a trabalhar. O nosso homem, sentado no meio da sala principal, jurou que só se retiraria daquele lugar depois de morto. Começaram a cair as telhas; e ele impassível! Caíram algumas vigas pequenas; e ele imóvel! Mas, quando uma viga maior, como um pedaço de céu velho, desabou com fragor junto da cadeira em que ele ostentava a sua bravura – o herói abalou para a rua, confessando que mais valia salvar a pele, perdendo o capricho, do que salvar o amor próprio, perdendo a vida...

Na sua teimosia, na sua simplicidade, na sua ignorância, esse bom homem é um símbolo. Há homens assim, fadados a concentrar e refletir no seu corpo e na sua alma todos os defeitos ou todas as virtudes, todas as belezas ou todas as fealdades de uma época.

Péricles foi a idade de ouro na Grécia; César foi o ciclo das conquistas de Roma; Godofredo de Bulhão foi a idade média; Dante foi o renascimento; Camões foi a era

das navegações... Esse bom homem da rua General Câmara é também um símbolo: é o velho Rio de Janeiro, é o Atraso, é a Oposição ao Progresso.

Ah! gravemente sentado naquela simples cadeira, coberto de pó, sentindo sobre a cabeça a esfarelada chuva da calha e dos cacos das telhas, ele pensava estar apenas sustentando um capricho e defendendo uma opinião. Mas, não! quase todos os que cumprem uma missão fatal, são inconscientes: o dono da casa de banhos não podia saber que dentro da sua teimosia estava a teimosia de toda uma cidade, de todo um povo...

Felizmente, se há teimosias que resistam a uma saraivada de cacos de telhas, não há birras que resistam à queda de uma grossa viga contundente. Avante, picaretas! Não vos hão de faltar bênçãos, depois da obra terminada...

Nem só a enxada que revolve e fortifica a terra, nem só a trolha do pedreiro, nem só a esquadria do arquiteto devem merecer adoração, como instrumentos sagrados postos ao serviço do gênio e do trabalho do homem. Tu também, picareta ousada e destruidora, és digna de amor!

Victor Hugo perguntou um dia, num verso célebre:

*“Qu’est ce que’un coup de pioche aux flancs
d’une montagne?”*

Nada, naturalmente. Mas muitos golpes de picareta, redobrados, multiplicados, deitam abaixo a montanha...

Nós, atualmente, não precisamos da trolha, nem da esquadria, nem do compasso; precisamos, sim, da picareta destemida, exterminadora de aleijões de arquitetura, rasgadora de ruas, desafogadora de bairros lóbregos, matadora de cortiços e estalagens. Depois, sim! quando ela tiver cumprido a sua missão, venham os pedreiros, venham os carpinteiros, venham os arquitetos.

E, no dia em que o Rio de Janeiro, reconstruído e belo, já puder com orgulho dizer que é “uma cidade”, - nas suas armas ideadas por Bernardelli deverá figurar mais um ornato... Sobre a esfera e a coroa mural, sobre as setas, a quilha de navio e os golfinhos, pintaremos uma picareta, para eterna memória dos serviços que nos tiver prestado esse nobre instrumento, inimigo dos pardieiros feios e das vielas apertadas!

Falai, deputados! Trabalhai, picaretas! Neste mundo, os destinos variam de indivíduo a indivíduo, e de objeto a objeto. Cada qual, para a sua missão... Os deputados, bonitos, elegantes, eloqüentes, transpirando aromas e talento, vieram ao Rio de Janeiro para

falar. Vós, picaretas, sujas, grosseiras, feias, brutais, não servis para fazer discursos, mas deveis servir para livrar o Brasil da vergonha de possuir a capital mais horrenda da América...

s.a.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 abr. 1903. p. 1, 1. col.]

Crônica

Há dias, um jornal, apelando para o espírito de justiça do Prefeito, pedia-lhe que dilatasse o prazo concedido aos proprietários para pintura das fachadas dos seus prédios, - “por não haver na cidade pintores bastantes para tão grande trabalho”.

A razão alegada é interessante. Não convém que isso fique perdido, sem comentário, nas curtas linhas de uma reclamação escrita às pressas. Os noticiaristas registram; os cronistas comentam. O noticiarista retira da mina a ganga de quartzo, em que o ouro dorme, sem brilho e sem préstimo; o cronista separa o metal precioso da matéria bruta que o abriga, e faz esplender ao sol a pepita rutilante. Naquela notícia e naquela razão há um lindo pedaço de ouro, que convém aproveitar...

Há poucos meses, um estrangeiro, jornalista de Buenos Aires, perguntava-me na rua do Ouvidor: “Que faz toda essa gente, que ampara as paredes das casas com as costas?” E dizia-me o seu espanto ao ver nas praças, nas esquinas, no cais, nos jardins, às horas habituais do trabalho, a multidão inumerável dos desocupados, dos que se consumiam na ociosidade, mãe dos pensamentos maus... Desviei desse assunto a conversa, e não respondi. Que poderia responder? apenas que o trabalho era um mito no Rio de Janeiro e que, para os dous terços da população carioca, as horas ligavam-se às horas, todas vastas, todas inúteis, dissipadas na bandarrice, na maledicência e no ócio...

Ora, quem não trabalha, por não achar trabalho, não merece censura. As próprias abelhas, que são a imagem viva do trabalho mais infatigável, envelheceriam e morreriam depressa, se, em todo o perímetro da porção da terra explorada pelo seu vôo afanoso, não achassem onde colher a matéria prima para sua indústria.

Aqui mesmo, no centro da cidade, nesta rua do Ouvidor que é o centro da madraçaria, há, no segundo andar de uma casa de comércio, uma colméia, propriedade de um apicultor entusiasta. Certa vez, admirando aquela maravilha de inteligência das abelhas, perguntei ao apicultor: “Onde vão elas buscar o mel?” E ele com um sorriso: “Onde o encontram... Nos jardins públicos e particulares, no Silvestre, no Corcovado, na Tijuca... E fazem essa viagem muitas vezes por dia, e nunca se perdem no caminho...” Mas imaginemos que numa extensão de léguas e léguas não houvesse vegetação, e que, por um acaso

impossível (Deus nos livre de tal calamidade!) não se pudessem encontrar uma só flor no Rio de Janeiro, nem nesses vales e nessas montanhas que o cercam... – pobres abelhas! não achando trabalho, sucumbiriam de pesar e de marasmo, depois da longa tortura do descanso forçado!

O Rio de Janeiro era, há poucos meses, uma metrópole de desocupados. O Dinheiro, atacado de uma covardia sem nome, não se animava a circular, e dormia improdutivo nos bancos, nas caixas econômicas, nos pés-de-meia bolorentos. As ruas não se calçavam nem varriam. A cidade era um cemitério de vivos...

Quando o Capital se acovarda, o Trabalho morre. Toda a gente que vive do esforço braçal, todo o operariado que ganha dia a dia o seu pão e nunca chega a juntar economias, tinha de sofrer as conseqüências dessa estagnação da atividade. E era por isso que só se via gente desocupada e triste pelas ruas...

Agora, já um jornal diz que “não há operários bastantes para a tarefa...” E os operários andam contentes, porque lhes sobra o trabalho cá fora, e já não lhes mingua a comida no lar.

Quando os pobres têm alegria, tudo vai bem. Já a sua resignação é uma segurança de tranqüilidade geral, porque, como escrevia o grande Lammenais, “*la société repose toute entière sur la resignation des pauvres...*” Mas a resignação não é a felicidade: a felicidade é a paz, é a esperança, é a alegria.

Os ricos são quase sempre alegres: só não são alegres, quando se deixam dominar pelo tédio; e, como o tédio é uma doença que só é contraída por quem a quer contrair, a tristeza da gente rica não deve inspirar compaixão. A tristeza da gente pobre, sim! essa é terrível e dolorosa, porque é a tristeza dos que não pedem muito, dos que pedem pouco, dos que pedem quase nada: apenas o direito de viver, apenas um pouco de pão e um pouco de paz. Quem pode ter pena dos ambiciosos, que só se satisfariam se pudessem meter o sol na gaveta e as doze constelações do zodíaco dentro do bolso do colete? Para os insaciáveis, a tristeza é um castigo merecido e necessário; mas para os modestos, ela é uma injustiça que dói e desespera...

Anteontem, às primeiras horas da tarde, eu atravessava, em bonde, a larga avenida do Mangue, vindo de trabalhar e indo trabalhar, com o espírito ocupado e, por isso mesmo, fora do alcance do tédio e acessível à alegria.

A tarde era formosa e consoladora. Os leques das altas palmeiras reais balançavam-se de leve, em realce vivo sobre a esplendente porcelana azul do céu. Os bondes

que subiam ou desciam, ao longo do canal, estavam cheios de gente que olhava as obras, que apontava os progressos do novo calçamento, ou que simplesmente mirava o esplendor do céu e a verdura dos leques das palmeiras, deliciando-se com a beleza do espetáculo e com a doçura do ar.

Duas horas. Pela porta principal de uma escola acabava de sair uma grande multidão de crianças, risonhas, falando em voz alta, derramando pela rua uma lenta e ruidosa maré de frescura, de mocidade, de animação. E enchia o ar o rumor do trabalho, o sussurrar da colméia humana, - choques de picaretas, tinir de metais, rodar de carroças, pregões de vendedores.

Mas não era somente ao longo do canal que se agitavam os trabalhadores, calceteiros, ferreiros, britadores, carpinteiros. Ao longo das casas, de espaço a espaço, via-se uma escada encostada à parede, e, no alto dela, um homem que cantava, ultimando um reboco ou rematando a pintura de uma frisa de telhado. E quem olhasse atentamente a face de qualquer desses operários veria nela um reflexo dessa luz interior que ilumina as almas felizes, luar de alegria e de paz, que ninguém pode fingir, como ninguém pode esconder...

Não é difícil verificar que os registros da polícia acusavam uma diminuição considerável de rixas, de conflitos, de furtos e, em geral, de todos esses pequenos crimes tão comuns nos bairros pobres, nas zonas da cidade que servem de residência à rude gente de trabalho. É que o trabalho está mais fácil, e a ociosidade é menor.

Administrar não é somente gerir: é também, e principalmente, assistir, acudir, prover. Quem administra não pode, está claro, dar ventura e riqueza a todos. Mas pode, e deve, dar trabalho aos homens de boa vontade. Dar trabalho não é ministrar socorro: é ministrar justiça.

O homem pobre, que vê a sua atividade sem emprego, não tem a esperança infatigável. Bate a uma, a dez, a cem portas: quando o desespero lhe entra na alma, aí está a taverna, com o seu balcão tentador, aí está o álcool com as suas alucinações, aí está a gazua para os roubos e a faca de ponta para o assassinato.

Infelizmente, a retórica, que se encarrega de estragar tudo, desmoralizou todas as belas frases que se podem escrever, em louvor do trabalho.

“Trabalhar, meus irmãos, que o trabalho...”

Toda a gente conhece de cor esse estafado hino de Castilho. Toda a gente o conhece, e ninguém o toma a sério. As velhas frases são como as velhas moedas: por mais belas que sejam, vão passando de mão em mão, vão perdendo o cunho e a serrilha, vão

ficando vulgares e indistintas. O vulgo acaba por envolver, na mesma indiferença e no mesmo desprezo, a ênfase das grandes frases retumbantes e as idéias que essa ênfase queria exprimir e acentuar.

Mas, já que os homens são ridículos, dispensemo-los. Não cantemos o trabalho: amemo-lo e abençoe-o. O que, segundo o Gênesis, foi para Adão, logo em seguida ao primeiro pecado, uma punição e um opróbrio, é hoje a salvação única e o único remédio. Pai da fortuna e da alegria, é o trabalho que está regenerando o Rio de Janeiro, transformando-o, de vasta e lúgubre necrópole que era, em uma radiante e feliz colméia em que o esforço, em vez de ser um sacrifício, é um consolo e um gozo.

Já era tempo de ressuscitar. Dizem as leituras sagradas que Jesus deu a vida de novo a Lázaro, que havia quatro dias estava na cova. Mas Jesus já não anda pelo mundo, e quatro dias não são quatro séculos...

O famoso conde da Cunha, primeiro vice-rei do Brasil, escrevia, há quase dous séculos: “os naturais do Rio de Janeiro distinguem-se pela preguiça...” Justa ou injusta naquele tempo, essa acusação do severo vice-rei ainda hoje nos é lançada em rosto. Mas o que parece certo é que não temos tido preguiça natural; o que tem havido é falta de estímulo, falta de coragem – e falta de governo.

Permita o céu que o Lázaro agora ressuscitado não torne a meter-se na cova por sua própria vontade, - e que se perpetue o trabalho, que é a alegria do pobre!

O.B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 jun. 1903. p. 1, 7. col.]

Crônica

Nem tudo pode ser festa na vida. Já os velhos trovadores da Idade Média diziam que a vida nos reserva

“pour une joye cent douleurs”

No mesmo dia em que uma grande parte de povo, folgando e rindo, se esmagava nas alamedas do Parque da República, deliciando-se com o alegre espetáculo da batalha das flores, já a agitação dos operários em *greve* sobressaltava todo um bairro da cidade. E ainda não se sabe, a esta hora, quando cessará o conflito, que, se prejudica os patrões, ainda prejudica mais os próprios operários – aos quais infelizmente sempre cabe, nestas revoltas periódicas, a sorte que, na famosa fábula d’*As duas panelas*, coube à panela de barro...

As greves são crises de longo processo mórbido. Quantas greves haverá ainda, antes do dia em que, estabelecida a harmonia plena entre o capital e o trabalho, elas se hão de tornar inúteis? Ninguém o sabe. Longos e muitos anos separam ainda a humanidade dessa era fúlgida, em que os bens da terra e os prazeres da vida, distribuídos com equidade, serão o patrimônio comum de todos os homens de boa vontade.

Daqui até lá, a fórmula de Lammenais continuará a ser verdade: “a sociedade repousa sobre a resignação dos fracos”. E os trabalhadores, além do jugo férreo que lhes impõe a má organização da sociedade, ainda ficarão sujeitos à exploração dos agitadores demagogos, peritos em transformar o sofrimento e a ingenuidade dos pobres em degraus de escada triunfal para a subida das suas ambições pessoais.

Atualmente, os que mais se interessam, abnegadamente, pela sorte dos operários, podem apenas dar-lhes assistência moral durante estas crises do grande problema. Não está dentro do limite da ação das forças humanas apressar a vitória de uma idéia, que só pode vencer pelo aperfeiçoamento que, por desgraça, é muito mais lento do que o da inteligência.

Esperamos que esta crise tenha solução pronta, pela intervenção do poder público. Há moléstias do corpo social, que são como outras do corpo humano, cíclicas e fatais: os médicos não podem impedir que elas se desenvolvam, através de agravações e de períodos de calma, até a sua última estação; mas podem e devem intervir para debelar as complicações da doença, evitando desastres e surpresas.

A semana que passou assistiu à consagração dos serviços do velho visconde de Cabo Frio; a que entra hoje vai assistir à comemoração do centenário de Caxias.

Serviços prestados na paz e serviços prestados na guerra são serviços que se valem. É justo que com o mesmo entusiasmo se celebrem e exaltem. Mas é justo pedir aos céus clementes que se multipliquem cada vez mais as ocasiões de celebrar os segundos.

Nas coroas votivas que vão ser depositadas no sopé da estátua do grande Caxias, nota-se um grande abuso de folhagens de louro: seria bom que entre elas houvesse bastantes folhagens de oliveira. O loureiro *semper virens* é a árvore dos triunfadores brutais: sempre os seus galhos foram despojados em proveito da força, e sempre as suas folhas serviram para coroar a violência. E Caxias nunca foi um triunfador brutal nem violento. Aquele calmo e sereno cabo de guerra não amava a guerra pela sua brutalidade: praticava-a e exercia-a como um meio de firmar e perpetuar a paz. A guerra de conquista, a guerra amaldiçoada que viola direitos e rouba liberdades nunca teria nele um servidor...

É por isso que, para a sua apoteose, não deveria haver apenas folhagens de louro nas grandes coroas triunfais, como nas coroas que Roma orgulhosa arremessava aos pés de César, vencedor das Gálias. Para coroá-lo, também as folhagens da oliveira deveriam servir. A árvore bendita que, segundo a crença dos velhos gregos, Minerva fez surgir o seio de Hélade, com um choque da sua lança sobre o solo, é a árvore da paz e da amizade. Os plenipotenciários antigos, quando iam, cercados de respeito e de veneração, negociar a paz entre os povos, marchavam agitando ao sol grandes ramos verdes de oliveira; e esses ramos, de um verde intenso em que a luz do sol rebrilhava, eram a promessa da concórdia, o anúncio ridente da harmonia entre os homens.

Celebremos Caxias-guerreiro, mas exaltemos também Caxias-pacificador. Dias virão (sempre é bom alimentar utopias!) em que os loureiros crescerão em paz, sem que os homens os despojem das suas folhas para a apoteose dos homens de guerra. Então, as guerras aparecerão, num passado longínquo, vago, esfumado, como inevitáveis males que estrumaram o progresso humano. E só a oliveira, filha de Minerva, dará, para as comemorações cívicas, a contribuição das suas ramagens a cuja sombra Péricles legislava, sob o céu puríssimo da Hélade...

Passemos de um assunto a outro; e deixemos a ironia substituir o entusiasmo. Creio que foi Bismarck que criou a expressão: “mentiroso como um telegrama”. E esse astuto diplomata falava “de cadeira”: só Deus sabe quantas vezes, nas suas mãos, o telégrafo terá sido um passivo instrumento de complicadas e geniais intrigas. Mas, criada por ele ou por outro profundo conhecedor das cousas dos homens, a expressão é verdadeira e justíssima na sua concisão.

É sempre bom pôr de quarentena as notícias que vêm por via telegráfica: porque essas notícias, até quando não exprimem uma absoluta mentira, refletem a primeira e imediata impressão do correspondente diante de certo fato; e as primeiras impressões quase sempre são enganadoras.

Aqui temos, para exemplo, esse telegrama de Paris em que se trata de uma carta do ator Antoine ao escritor Edmond Séé, publicada no *Figaro*, e contendo ataques ao público do Rio e à sua moralidade. A cousa é tão abstrusa, que não deve ser tão feia como pinta o telegrama...

Acredito bem (mas não afirmo) que o eminente ator tenha estranhado a nossa frieza, ou a nossa indiferença, ou a nossa ignorância, ou outro qualquer nome que a cousa tenha, em matéria de arte dramática. É de crer que ele se tenha espantado do pouco interesse

que manifestamos pelas peças em que se nos mostravam os costumes dos camponeses do norte ou do sul da França... Esse espanto, partindo de um artista que tem a paixão da sua arte, é natural e justo. De todas as gentes que povoam a Terra, a gente do teatro é a que mais se delicia com o aplauso e a que mais se zanga com a indiferença. O ator vive num contato constante e imediato com o público, - e recebe ali mesmo, no palco, face a face com ele, a sua aprovação ou a sua reprovação. Isso não sucede com os outros artistas, a quem a lisonja e a censura já chegam amortecidas pelo tempo e pela distância.

A verdade é tão humana, que sempre deve ser desculpada. Se o eminente ator se irritou com a nossa ignorância, nada mais justo.

O que não creio é que ele tenha atacado a nossa moralidade.

Porque, enfim, o ator Antoine esteve tão pouco tempo aqui, e, durante esse pouco tempo, esteve tão atarefado! Não creio que algum brasileiro desnaturado tenha perversamente convidado o ilustre fundador do *Teatro Livre* a assistir a uma de nossas pavorosas saturnais, tão comuns e tão freqüentes, - a uma dessas orgias que no Rio de Janeiro se realizam todos os dias em todos os pontos da cidade, - tenebrosas e assombrosas bacanais, em que costumamos embriagar-nos com sangue humano misturado com pólvora, fartar-nos com crianças recém-nascidas assadas no espeto, e praticar nunca vistas loucuras que deixam a perder de vista as loucuras praticadas pelos mercenários de Cartago no festim de Amílcar, tão bem descrito por Flaubert no primeiro capítulo de *Salambô*...

Não! o ator Antoine não teve tempo para ver isso! ele só teve tempo para ver que já não somos macacos... Como, pois, admitir que possa ter feito uma idéia clara do que é a nossa estupenda imoralidade, muito mais completa do que a da velha Ásia e da moderna Europa?

Deve ser mentira do telégrafo! Vamos esperar, com calma, a chegada do número do *Figaro* em que foi estampada a carta fatal...

Na cidade continuam as demolições. Agora já a vetusta rua da Velha Guarda começa a ser desafogada. Talvez haja quem lamente a queda daqueles pardieiros medonhos, - porque, neste mundo extravagante, não falta quem goste do que é abominável.

Eu, por mim, confesso que, a cada golpe das picaretas demolidoras, sinto um alívio no coração. Não há quem, mais do que eu, adore as tradições desta terra. Quanto mais vivo, mais me sinto preso, por cadeias fortes, ao passado, e mais amo e abençôo o trabalho dos homens que me precederam. Mas a tradição, para viver perpetuamente, não carece de ficar materializada em casas medonhas, em ruas tortas, em exemplares de arquitetura

teratológica. Assim mesmo, tomando banho todos os dias e comendo com faca e garfo, posso prezar a memória dos homens do século XV, que não se lavavam, e comiam com a mão. Conservemos a tradição moral, e lavemo-nos.

As demolições continuam; a limpeza cresce; afirma-se a vontade de melhorar; a cidade convalesce... Deus te ampare a convalescença, cidade amiga! e Deus te aplaque neste momento, a agitação de teus filhos, daqueles que servem a tua indústria e o teu progresso com a força do seu braço e o suor do seu rosto.

O.B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 23 ago. 1903. p. 1, 7. col.]

Crônica

Conheço um sujeito muito alto, muito robusto, muito belo, muito jovem, muito rico, - sujeito, enfim, que parece o monopólio de todos os superlativos nas qualidades físicas e morais.

A sua força e a sua beleza são incomparáveis; incomparáveis são também a sua liberalidade e a sua bondade simples.

Quanto à sua inteligência, - essa, se não vive acompanhada da tenacidade e do estudo que levam as almas inteligentes às grandes conquistas, - tem, em compensação, um brilho e uma felicidade que espantam: é uma inteligência toda feita de sol, de calor, de relâmpagos, - uma inteligência que logo compreende tudo sem esforço, e que floresce numa eterna primavera de sonhos e frutifica num perpétuo outono de frutos da imaginação.

Quanto à sua riqueza, - é uma das maiores, senão a maior de todo o planeta. Perguntaram-lhe uma vez qual a extensão de sua propriedade territorial; e ele, como se desse a mais natural e simples de todas as respostas, disse sem orgulho, e com uma ingênua simplicidade: “ainda não sei bem... deve andar por um milhão e meio de léguas quadradas! sei apenas que toda a França caberia catorze vezes dentro de minhas terras...” E que terras! cobertas de uma vegetação maravilhosa, tendo nas entranhas riquezas prodigiosas, banhadas por imensos rios, que fertilizam imensos campos, rolando sobre leitos forrados de diamantes. Sobre a face deste vastíssimo domínio, agitam-se quinze milhões de homens, que trabalham para a glória do proprietário: uns cavam o solo, outros perlustram as florestas, outros navegam os rios, outros mourejam em fábricas, outros fundam cidades, - e outros ainda, querendo dar as léguas incontáveis do céu a quem já possui tantas léguas de terra, andam a inventar maneiras de conquistar os ares em naves ousadas...

O nome deste nababo? Os que o tratam com alguma cerimônia dão-lhe o nome de “Colosso da América”; e os que o tratam sem cerimônia, os que se sentam com ele nos botequins, os que vão com ele aos regabofes e às pândegas, dão-lhe o nome familiar e irreverente de “Brás Bocó”.

Ora, pois! este sujeito, tão superlativamente dotado de beleza, de riqueza, de inteligência, de força, não é um sujeito feliz...

Os que tiveram o raro prazer de ouvir ontem, na Academia, o formosíssimo discurso de Afonso Arinos, lembram-se e lembrar-se-ão sempre da comoção com que ele descreveu um jequitibá que há na fazenda do Brejão, - um estupendo gigante da mata, que mede cem metros de alto, - mas cujo troco um parasita roaz vai devastando pouco a pouco, fibra a fibra, agonizando a vida secular do maravilhoso prócer vegetal.

O nosso “Colosso da América” – ou o nosso “Brás Bocó”, como quiserdes, é como esse jequitibá do Brejão. Um mal secreto lhe vai minando a existência: - uma térmita moral, um cupim de desgosto, um bichinho perverso vai lentamente roendo a alma desse poderoso e brilhante Rajá. E no meio de tantas riquezas, lastimavelmente estirado em cima do seu ouro e dos seus diamantes, vendo crescerem as suas plantações e sobrarem as suas colheitas, o mísero nababo aturde todos os dias o céu com as suas queixas. E Deus, animado de um especial carinho por esse filho tão belo e tão rico, já não sabe o que há de fazer para libertá-lo do Descontentamento que o vai matando...

Porque “Brás Bocó” sempre foi um descontente: é esta a sua moléstia é esta a sua *tara* moral, é esta a nuvem do seu horizonte, é este o bacilo que lhe envenena o sangue.

Antigamente, muitos dos homens que lavraram as terras do ricaço eram escravos. Trabalhavam de graça; comiam um por cento, se tanto, do que produziam, não se queixavam das lambadas de couro cru que lhes retalhavam as carnes; não pediam para si a mínima parcela de felicidade nem da fortuna do senhor. E o senhor, descontente, resmungava: “Estes ladrões trabalham de má vontade! eu só poderei ser feliz no dia em que me livrar da lepra da escravidão!”

Um dia, tiraram do corpo do milionário essa lepra. E o milionário, daí a pouco começou a torcer o nariz: “Ah! quem me dera outra vez os meus negrinhos, tão dóceis, tão obedientes, contentando-se com tão pouco feijão e sujeitando-se a tanta pancada! Como hei de ser feliz, se tenho que pagar o cultivo das minhas terras, e de empregar, em recompensar o trabalho dos que me tratam das propriedades, o dinheiro que tão bem empregava outrora, com

tanta fartura, em regalar a minha carne e em satisfazer os meus vícios, nos prazeres da mesa, da cama e da batota?!”

E então, o nababo pensou: “Tudo isto depende do maldito regime político que mantenho. Pode lá haver progresso, riqueza, prosperidade, numa existência em que tudo fica às ordens de um monarca velho e babão, que, como dizia o esperto Baumarchais, só teve o trabalho de nascer para ficar sendo o dono de tantas almas?...”

E tanto essa idéia trabalhou o espírito descontente de “Brás Bocó” que, um belo dia, o monarca, metido à pressa num navio, como um fardo inoportuno, foi despachado para longe. O dono das terras teve um suspiro de alívio. Agora, sim! agora “Brás Bocó” ia escolher livremente o seu feitor, conservando-o enquanto ele andasse bem, e substituindo-o por outro assim que o seu zelo esfriasse.

Mas, cauteloso e prevenido, o senhor não quis que o mordomo fosse um homem qualquer, de alma branda e maneiras doces: quis que fosse um homem de guerra, fardado e armado, apercebido de energia militar, cercado de sabres e carabinas, aureolado de um rutilante prestígio de força e terror. E foi assim que “Brás Bocó” confiou à ditadura militar a gestão da sua glória.

A satisfação durou pouco. Nas terras do Grande Descontentamento, entre as árvores que já as faziam tão belas e tão ricas, apareceu uma árvore frondosa, de cujos galhos caíam frequentemente uns frutos amargos e duros de roer, - os pomos cabeludos e acres do estado de sítio...

E o Descontente, num desespero angustiado, torcia o nariz e dizia com a voz embargada e aflita: “Meu Pai! afastai dos meus lábios estes frutos!” E pedia a Deus que lhe desse um outro feitor menos dado a durezas de guerra, menos propenso ao furor do que à ternura, - um feitor togado e não fardado, mais amido de Ceres do que de Marte, mais afeito ao uso de pena do que ao uso da espada, e capaz de conseguir pela conciliação o que era difícil conseguir pela repressão.

E foi feita a vontade ao suplicante. Três feitores, todos filhos de Ceres e afilhados de Têmis, empunharam sucessivamente a vara da mordomia. Todos eles foram recebidos e beijados pelo Descontente, que viu em todos eles palpitar, tornando realidade palpável e brilhante, o seu ideal sonhado. Mas, assim que cada um desses novos prepostos começou a agir, o nababo começou a ter aquela irritada torcedura de nariz, que sempre foi o traço característico da sua fisionomia. Este era conciliador demais, este outro era concentrado, este outro expansivo: um era mole, outro era ousado, outro era desconfiado; um era faustoso, outro era falador, outro era simples: - e tudo era defeito em qualquer deles, e tudo irritava o

ânimo azedo do “Colosso da América”, em cujas entranhas o parasita roedor do Descontentamento continuou sempre o seu trabalho surdo e implacável...

Pobre colosso! sentado diante de um farta mesa bem servida, não há acepipe que lhe seduza o paladar: - assim tem ele vivido, e assim vive, sempre torcendo o nariz...

Ultimamente o Grande Incontente julgou mais uma vez descobrir a cauda de sua aflição, e, como das outras vezes, acreditou que tinha achado o meio de se reconciliar com o bom humor e o contentamento.

Sentado à porta do seu palácio central, que é uma vasta cidade plantada à beira do Atlântico, “Brás Bocó” estava olhando águas azuis, arfando ao peso dos navios, das lanchas, das faluas, dos botes. E pôs-se a pensar:

- Decididamente, este meu palácio não passa de um albergue muito ordinário. A entrada é a mais suja do mundo... quem me visitar, tem de ficar dentro do navio, no meio das águas, à espera de um bote arrebetado que o traga até o cais. E, depois de posto em terra, o visitante só encontra corredores estreitos e salas mal varridas. Não tenho um salão decente, onde receba com dignidade os amigos: e, como se me não bastasse tal vergonha, ainda favoreço esses amigos com o dom apeteçível de alguma febre da peste mortal. A minha tristeza vem da minha pouca limpeza. Tenho dissipado em pura perda o meu dinheiro... Deus misericordioso! daí-me isso, quem me saneie estas terras, quem me reforme este porto, quem me limpe a casa! Daí-me isso, que não vos pedirei mais nada!

E, ainda uma vez, Deus atendeu ao pedido do nababo. E o nababo teve alguns dias de radiante e completa felicidade... Mas, ei-lo que começa a resmungar:

- Hein? Vão começar as obras? Ai! quem me acode, que me vão furtar tudo o que é meu! Estes ingleses vão deixar-me a pedir esmolas! Este empreiteiro vai levar nas algibeiras do casaco todas as minhas minas de ouro e diamantes, vai levar nos bolsinhos do colete todos os meus jequitibás, vai levar dentro da copa do chapéu alto todas as minhas cachoeiras e todos os meus rios! Quem mandou pedir avenidas e portos? Quem me livra agora desses ingleses?!

E aí tendes o ultimo descontentamento deste sujeito muito alto, muito gordo, muito belo, muito robusto, muito rico, que, apesar de ter o monopólio de todos os superlativos nas qualidades físicas e morais, vive eternamente a queixar-se...

E quando este sujeito morrer (se morrer) há de comparecer diante do Juiz Supremo com a mesma zanga e com o mesmo descontentamento.

E o Juiz Supremo, passando os dedos, em pente, pela vasta nebulosa, formigante de astros, que lhe serve de barba, perguntará:

-Gostaste de morrer, Brás?

E o Brás com desconsolo:

- Não gostei de morrer nem de viver, Senhor! eu nunca pude gostar de cousa alguma! o que eu queria...

-Que é que querias, Brás?

- Eu queria que me désseis a faculdade de ficar contente!

Ah! isso é impossível, Brás! Isso é impossível! Tu nasceste descontente, descontente viveste na terra, descontente morreste, e descontente hás de viver aqui, junto de mim, na Eternidade, por todos os séculos dos séculos. Tu nunca hás de ficar contente... Porque o teu verdadeiro nome não é “Colosso da América”, nem “Brás Bocó”: o teu verdadeiro nome é “Nariz Torcido”!

O.B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 set. 1903. p. 1, 7. col.]

Crônica

Não vale a pena registrar a entrada da primavera. Aqui, o encontro da primavera é tão banal, como de uma pepita de ouro no Transvaal e no Kondyle, ou como de uma pedra de gelo no Spitzberg. A primavera é uma hóspede constante, uma comensal de todos os dias, uma agregada efetiva da nossa casa. Quando os almanaques, com seu importuno aviso, lhe anunciam que o seu reinado já passou, ela finge que arruma as suas bagagens, despede-se da gente, e faz uma saída falsa: esconde-se num canto da casa, pinta a cara, tinge os cabelos de branco, de amarelo ou de vermelho, caracteriza-se com arte, e fica representando o papel de verão, de outono ou de inverno. A fisionomia transforma-se; a pessoa, porém, é a mesma. Ou carregada de frutos, a fingir de outono; ou suando em bicas, a imitar o verão; ou cheia de gripes e reumatismos, fantasiada em inverno, - a primavera não nos deixa nunca...

E que estação condescendente e fácil! tanto se contenta com formosuras como com fealdades; tanto se desfaz em aromas como em miasmas; e trata com o mesmo carinho maternal as rosas e a febre amarela, os lírios e os botões da peste, as violetas e as pústulas da varíola...

O que merece registro é a partida de Santos Dumont. À hora em que escrevo esta *Crônica*, o aeronauta deve estar estirado a uma cadeira, na tolda do *Atlantique*, fruindo um repouso que foi bem ganho.

As pessoas que viveram junto dele, aqui, em S. Paulo, em Minas, na roda viva dos aplausos, no *maelstrom* entontecedor das aclamações, no torvelinho alucinante das viagens, das passeatas, das sessões solenes, dos discursos, dos jantares, - dizem que o rei dos ares é um homem dotado de tal resistência física, e tão amigo de festas, e tão acostumado aos berreiros e às confusões da popularidade, que não mostrou, durante essa longa e estafante peregrinação através do entusiasmo nacional, o mais fugitivo sinal de fadiga.

Não há de ser tanto assim... O que ele é, com certeza, é um homem habituado a dominar os seus nervos, um mártir, já calejado no martírio e capaz de disfarçar com sorrisos satisfeitos as revoltas da alma e da carne. Não sei bem se o heresiarca João Huss era sincero, quando olhava sorrindo a velha mulher fanática que lhe aticava as chamas da fogueira; suponho que, no íntimo, o condenado estaria sentindo o desejo de se abaixar um pouco, de abrir de meio a meio, com uma das achas inflamadas, a cabeça da energúmena; - mas, para representar até o fim, com dignidade e nobreza, o seu papel, o mártir continha o seu furor, e murmurava, com os olhos no céu: “sancta simplíssimas”... O nosso Santos Dumont, também deve ter sido obrigado a conter muitas vezes um movimento de rebelião contra a tirania do entusiasmo popular: sorria, agradecia, e lá ia, cumprindo o seu fadário, e agitando para a direita e para a esquerda o seu famoso *panamá*...

Os que se desesperaram quando viram o aeronauta chegar sem aeronave, já esqueceram a decepção, e já devem estar pensando que foi providencial a falta do *Santos Dumont n.º 9*. Em vez deste pequeno aeróstato, vamos ter daqui um ano o *Santos Dumont n.º 10*, balão-ônibus, bonde-aéreo, diligência alada, transportando não sei quantas pessoas corajosas, capazes de acompanhar o aeronauta na sua atrevida viagem

“à conquista da Cólquida dos astros...”

E não é só isso que vamos ter: vamos ter um *steeple-chase* de naves voadoras, disputando a golpes de hélice o domínio do céu, e envergonhando, com a sua altiva independência, os ronceiros transatlânticos, os atartarugados navios de guerra e as reles barcas Ferry, que, no dia da disputa, estiverem torpemente boiando sobre as águas da pacata Guanabara.

O belo projeto de Álvaro de Carvalho vai ser aprovado, parece, sem atropelo. Santos Dumont virá disputar o “Grande Prêmio Bartolomeu de Gusmão” (denominação que

humildemente proponho para o concurso de 1904); disputá-lo a José do Patrocínio com a sua airoso e rutilante *Santa Cruz*; e é de supor que o venham também disputar os aeronautas franceses, que desdenhosamente dão às vitórias de Santos Dumont, por um eufemismo desculpável, a reservada designação de “prometedoras experiências...”

O fraco entusiasmo com que tem sido comentado cá fora o projeto de Álvaro de Carvalho, prova que ainda não calculamos devidamente o grande bem que nos vai fazer esse concurso.

O problema da navegação chegou à sua crise decisiva. Já está achada a direção: só um S. Tomé, teimoso e irremediavelmente incrédulo, contestará o valor das viagens aéreas de Santos Dumont, realizando itinerários previamente marcados, afrontando o vento, avançando, parando e recuando com uma precisão absoluta.

O que falta agora é a aplicação prática da conquista: o transporte de passageiros, as viagens de longo curso, e a adaptação do invento ao serviço dos ideais pacíficos da humanidade, e ao estudo fácil e completo da cosmografia, à exploração dos desertos e das florestas brutas, ao aperfeiçoamento das observações meteorológicas.

Tudo isso vai ser facilitado grandemente, e talvez mesmo resolvido, pela realização do grande concurso criado pelo projeto Álvaro de Carvalho; e nós não lucraremos apenas moralmente, adquirindo nome e glória: lucraremos materialmente também, porque a disputa do grande prêmio desenvolverá no Rio de Janeiro um largo movimento de curiosidade, de animação, de comércio, de vida. Nem é possível descrever desde já o incalculável benefício que nos trará essa grande festa do gênio humano!

Esperemos! Para o ano, os curiosos e os corajosos não terão apenas o prazer de ver aeronaves: poderão também, se para tanto lhes sobrare curiosidade e coragem, tomar passagem para excursões entre as nuvens, longe da terra, no vasto domínio dos furacões e dos raios.

Curiosos e corajosos! para o ano, podereis pôr em prática aquele sonho que Luís Delfino exprimiu em belos versos:

“encostar uma escada no infinito,
e entrar pela estelífera voragem!”

Enquanto não satisfazeis esse desejo ardente e bem extravagante, permiti que eu recomende a vosso aplauso cousas da terra, - da terra que continua a parecer-me muito mais agradável e proveitosa do que o céu.

A semana teve a fortuna de ver assinado o contrato das obras do porto.

É impossível que aos homens do governo tenha parecido imprudente e impertinente a impaciência expressa em queixas e recriminações acerbadas ou irônicas com que o povo comentava as protelações desse caso. Sim! houve imprudência e impertinência, - mas imprudência e impertinência perdoáveis.

O povo não mede a responsabilidade dos que governam. Quando ele se apaixona por qualquer idéia, - a sua grande alma ingênua não admite delongas nem reflexões. Assim, as crianças, quando têm fome, não querem saber se o preparo da comida tem de ser demorado pelo acender do fogo ou pelo temperar das panelas... Aos que governam, aos que têm a responsabilidade das cousas, é que cabe fechar o ouvido, com paciência e tolerância, a essas exigências da ansiedade pública. Mas o povo, bradando, exigindo, duvidando, mofando, indignando-se, berrando, está no seu papel de povo, - no seu papel de criança que quer ser servida depressa...

Felizmente, as dificuldades foram removidas, o caminho está desbravado, - e as obras vão começar.

Ah! meus amigos! não vos zangueis comigo, lendo esta opinião modesta: - nós precisamos muito mais de limpeza, cá em baixo, do que de bravura e glória, lá em cima; o saneamento desta pobre terra que é nossa, tão boa e tão infeliz até hoje, vale muito mais do que a conquista do firmamento estrelado! Nós não sabemos o que viemos fazer no mundo; sabemos apenas que a vida nos foi dada; e o essencial, para homens dignos de ser homens, é aproveitar e honrar a vida que lhes deram. Amemos e sirvamos este canto da terra em que nascemos; não temos outra pátria, não temos outra mãe, não temos outra amiga. O nosso dever é limpá-la, é enfeitá-la; é fazê-la merecedora da admiração, e mesmo da inveja das outras pátrias; é livrá-la das pestes e das febres que a infamam e difamam; é, enfim, saneá-la e dignificá-la, - porque só assim taparemos a boca de quem nos decompõe...

Malsinai-me, à vontade, se quiserdes! mas não deixarei de vos dizer, ainda uma vez, que, de todo o planeta, de todo o cosmos, de todo o formigante, incomensurável e invisível Universo, - o único que amo verdadeiramente é este Brasil, de que nunca me pude envergonhar, - nem mesmo nos seus dias de maior maluquice e de mais desmoralizado relaxamento.

Vão começar as obras do porto do Rio de Janeiro: vai começar a nossa reabilitação de terra, de sociedade, de povo. Deus me dê vida para ver a empresa terminada, e para abençoar quem a tiver levado a cabo.

O.B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 27 set. 1903. p. 1, 7. col.]

Crônica

Não me faltariam assuntos com que atulhar o bojo de uma larga crônica, bem nutrida e bem variada, neste sábado em que escrevo — um sábado alegre e quente de um sol que cobre de tons de ouro e topázio os nossos feios telhados do século atrasado. Mas não quero outro assunto, senão este: o *bond*, — o *bond* amável e modesto, veículo da democracia, igualador de castas, nivelador de fortunas, — o *bond* despretensioso, de que, anteontem, festejamos o 35º. aniversário natalício.

Natalício sim, — porque, para o Rio de Janeiro, o *bond* nasceu há trinta e cinco anos somente. E a cidade ainda está cheia de gente que se lembra das gôndolas pesadas e oscilantes, que se arrastavam aos trancos, morosas e feias como grandes hipopótamos.

O *bond*, assim que nasceu, matou a gôndola e a diligência, limitou despoticamente e esfera da ação das caleças e dos *coupés*, tomou conta de toda a cidade, — e só por generosidade ainda admite a concorrência, aliás bem pouco forte, do tílbur. Em trinta e cinco anos, esse operário da democracia estendeu por todas as zonas da *urbs* o aranhol dos seus trilhos metálicos, e assenhorou-se de todas ruas urbanas e suburbanas, povoando bairros afastados, criando bairros novos, alargando de dia em dia o âmbito da capital, estabelecendo comunicações entre todos os alvéolos da nossa imensa colméia. São dele as ruas, são dele as praças, tudo é dele, atualmente. De dia e de noite, indo e vindo, ao rom-rom da corrente elétrica, ou ao rumoroso patear dos muares sobre as pedras, aí passa ele, o triunfador, — o servidor dos ricos, a providência dos pobres, a vida e a animação da cidade.

Haja sol ou chuva, labute ou durma a cidade, o trabalho metódico do *bond* não cessa: e alta noite, ou alta madrugada, quando já os mais terríveis notívagos se meteram no vale dos lençóis, ainda ele está cumprindo o seu fadário, deslizando sobre os trilhos, abrindo clareiras na treva com as suas lanternas vermelhas ou azuis, acordando os ecos das ruas desertas, velando incansável pela comodidade, pelo conforto, pelo serviço da população. Cheio ou vazio, com passageiros suspensos em pencas nas balaustradas ou abrigando apenas dois ou três viajantes sonolentos, — a sua marcha é a mesma, certa e pausada, num ritmo regular que é a expressão perfeita da regularidade da sua missão na terra...

Trinta e cinco anos... Para celebrar esse aniversário, a JARDIM BOTÂNICO, que se orgulha da sua decania, da sua dignidade de primaz das companhias de *bonds*, organizou festas alegres, com muita música e muita luz, — e com muita satisfação dos empregados, que tiveram *lunch*, relevações de penas, pequenos favores amáveis, e até uma proclamação do gerente, falando em “vestais”, em “fogo sagrado”, e em outras cousas igualmente lindas e retóricas.

No largo do Machado, vi ontem um *bond*, encostado ao jardim, fulgurante e garrido, emergindo de entre tufos de folhagens, constelado de lâmpadas elétricas, apendoado de flâmulas, e ressoante de músicas festivas. Confesso que gostei imensamente dessa apoteose do *Bond*. Era bem justo que o glorificassem, — a esse belo companheiro e servidor da nossa atividade. Naquela apoteose, vibrava a alma agradecida de toda a população.

Por mim, não me lembro das gôndolas, nem do dia em que os primeiros *bonds* partiram da rua do Ouvidor. Nesse tempo, eu ainda era um pirralho de dois anos e tanto, mais ocupado em ensaiar a língua tatibitate do que em tomar conhecimento de progressos. Mas o *Jornal do Comércio*, esse venerando ancestral, (que, se não me engano, em fins de abril de 1500, já dava minuciosa notícia da ancoragem de Cabral em Porto Seguro) contou em 10 de outubro de 1868 o que foi a festa da inauguração. “O trajeto (disse o velho *Jornal*) fez-se entre alas de povo, achando-se também as janelas guarneçadas de espectadores; os carros são cômodos e largos, sem por isso ocuparem mais espaço da rua que as gôndolas, porque as rodas giram debaixo da caixa, e uma só parelha de bestas puxa aquela pesada máquina suavemente sobre os trilhos, sem abalo para o passageiro, que quase não sente o movimento.” Essas palavras podem parecer hoje frias e secas: mas, naquele tempo, escritas pela gente do *Jornal*, deviam ser o cúmulo do entusiasmo... Daquele reduto de circunspecção, daquele templo da Prudência, só podiam sair louvores bem calculados e medidos. Tanto assim, que o final da notícia revelava uma reserva cautelosa: “Cumpre deixar que a experiência fale por si, mas, tanto quanto desde já pode conjecturar-se, o que devemos desejar é que a mesma facilidade de locomoção se estenda a outros arrabaldes da cidade”.

Vejam só o que é o hábito! Naqueles primeiros dias da existência dos *bonds*, tudo parecia bom: era um espanto ver que as rodas giravam debaixo das caixas, e que os carros não ocupavam mais espaço que as gôndolas, e que só uma parelha de bestas bastava para puxar a pesada máquina, e que o passageiro quase não sentia o movimento!

Cotejem-se esses elogios com as queixas de hoje, — ter-se-á, mais uma vez, a confirmação desta grande lei, que é tão verdadeira para as cousas do espírito como para as cousas do corpo: “as exigências aumentam na razão direta das concessões”. Se naquele tempo tudo parecia bom, hoje tudo parece mau: o movimento é moroso, os solavancos são terríveis, a luz é escassa, os condutores só merecem censura, os horários nunca são cumpridos, e tudo anda à matroca...

Tudo isso é natural: depois da luz do azeite, já a luz do querosene não nos satisfaz, como depois da luz do querosene não nos satisfaz a luz do gás; e a mesma luz da eletricidade já nos está parecendo insuficiente...

Mas que te importa que digamos mal de ti, condescendente e impassível *bond*? Tu não dás ouvido às nossas recriminações, e vais alargando o teu domínio, dilatando o teu aranhol, suprimindo as distâncias, confraternizando pela aproximação o Saco do Alferes com Botafogo e a Vila Guarani com o Cosme Velho, e reinando como senhor absoluto e indispensável sobre a nossa vida.

E deixa-me dizer-te aqui, nesta coluna repousada, que não te amo apenas pelos serviços materiais que nos prestas, senão também pelos teus grandes serviços morais.

Tu és o Karl Marx dos veículos, o Benoit Malan dos transportes.

Sem dar mostras do que fazes, tu vais passando a rasoura nos preconceitos, e pondo todas as classes no mesmo nível. Tu és um grande socialista, ó *bond* amável!

Os ricos, atendendo à tua comodidade e apreciando a tua barateza, abandonam por ti as carruagens de luxo, e preferem ao trote dos cavalos de raça o trote das tuas bestas ou a suave carreira da tua corrente elétrica. Assim, nos teus bancos, acotovelam-se as classes, ombreiam-se as castas, flanqueiam-se a opulência e a penúria; sobre os teus assentos esfregam-se igualmente os impecáveis fundilhos das calças dos janotas e os fundilhos remendados das calças dos operários; e, nessa vizinhança igualadora, roçam-se as sedas das grandes damas nas chitas desbotadas das criadas de servir. Ah! ao lado do capitalista gotoso, senta-se o trabalhador esfomeado; a costureirinha humilde, que nem sempre janta, acha lugar ao lado da matrona opulenta, carregada de banhas e de apólices; o estudante brejeiro encosta-se ao estadista grave; o poeta, que tem a alma cheia de rimas, toca com o joelho o joelho do banqueiro, que tem a carteira cheia de notas de quinhentos mil-réis; aí a miséria respira com a riqueza, e ambas se expõem aos mesmos solavancos, e arreliam-se com as mesmas demoras, e sufocam-se com a mesma poeira... Tu és um grande apóstolo do Socialismo, ó *bond* modesto! tu destruístes os preconceitos de raça e de cor, tu baralhaste na mesma expansão de vida o orgulho dos fortes e a humildade dos fracos, as ambições e os desinteresses, a beleza e a fealdade, a saúde e a invalidez...

E, além disso, amo-te porque és, juntamente com o café, o que era nas antigas povoações selvagens o *cachimbo da paz*, — o veículo da hospitalidade e da sociabilidade.

Na roça, é tomando café que se estabelecem e estreitam as relações; na cidade, é viajando no mesmo *bond* que se consegue isso.

O *bond* é um criador de relações de amizade... e de amor... Há amigos inseparáveis que se viram pela primeira vez no *bond*, começaram por olhar-se com desconfiança, passaram a saudar-se com cerimônia, encetaram palestras frias, foram do

senhor ao *você* e do *você* ao *tu*, e uniram-se para a vida e para a morte. E há casamentos felizes e amores delirantes de que o *bond* pachorrento foi o primeiro *onze-letras*.

De encontros fortuitos em *bonds*, têm saído negócios, namoros, combinações políticas e financeiras, empresas e bancos, e até... revoluções. O *bond* põe em contato pessoas, que nunca se encontrariam talvez na vida, se não existisse esse terreno neutro e ambulante, em que se misturam diariamente todas as classes da sociedade. Às vezes antipatizamos com certo sujeito: um belo dia, esse sujeito sobe conosco para um *bond*, paga-nos a passagem, ilude a nossa antipatia, conquista a nossa confiança — e daí a pouco, sem saber como nem porque, estamos a contar-lhe toda a nossa vida, e dizer-lhe o nome da mulher que amamos, e a convidá-lo a vir jantar em nossa casa...

Ó *bond* congraçador! tu fazes mais do que nivelar os homens: — tu os obriga a ser polidos, tu lhes ensinas essa tolerância e essa boa educação, que são alicerces da vida social...

E, já agora, deixa-me dizer-te tudo. Tu és o grande amigo dos poetas! Eu, por mim, devo-te grande parte dos meus versos, dos meus pensamentos, das minhas páginas de tristeza ou de bom humor... O teu suave deslizar embala a imaginação! o teu repouso sugere idéias; a tua passagem por várias ruas, por vários aspectos da cidade e da Vida, — aqui ladeando o mar, ali passando por um hospital, mais adiante beirando um jardim, além atravessando uma rua triste e percorrendo bairros fidalgos e bairros miseráveis, e cruzando aglomerações de povo alegre ou melancólico, — vai dando à alma do sonhador impressões sempre novas, sempre móveis, como as vistas de um cinematógrafo gigantesco. Tu és um grande inspirador e um grande conselheiro, um grande fornecedor de temas, de sensações, de emoções suaves ou violentas, — ó *bond*! amigo dos que pensam, embalados de sonhos, resolvidor de problemas difíceis, amadurecedor de reflexões fecundas!

Nós todos dizemos mal de ti, porque conhecemos a tua bondade: se nos privassem do teu serviço, ficaríamos sem tino, estonteados e pasmados, por essas ruas rodando à toa, como formigas de um formigueiro enlouquecido...

Ontem, quando te vi simbolicamente apoteosado [sic], junto da estátua de Caxias, numa irradiação ofuscante, — dei-te um longo olhar enternecido e grato. Emblema da simplicidade, imagem do congraçamento, veículo da Democracia — tu bem merecias essa homenagem ruidosa!

Agora mesmo, quase ao terminar esta *Crônica*, toda consagrada à sua glória, estou antegozando a satisfação que me vais dar daqui a pouco... Por esta linda manhã, tão cheia de sol, vais levar-me por aí afora, embebido na contemplação das cousas e das gentes,

adormecendo com o teu brando movimento a recordação dos aborrecimentos que me oprimem, e oferecendo-me, em cada esquina dobrada um espetáculo novo e um novo gérmen de sonhos consoladores.

Haverá alguém que te não ame, *bond* carioca?

Vê lá agora se, inchado de orgulho com esta declaração de amor, vais ficar pior do que és. Porque, enfim, tu és bom, mas não és perfeito. E nada impede que te aperfeiçoês: podes muito bem livrar-te do sistema dos comboios, podes bem ter uma luz que não prejudique tanto os olhos de quem te frequenta à noite, — e podes, enfim, andar um pouco mais depressa. Nem todos gostam de sonhar como eu: há quem goste de agir, — e, para esses, tu ainda és quase tão moroso como a velha gôndola que destronaste...

O. B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 11 out. 1903. p. 1, 7. col.]

Crônica

A Avenida... Parece-me que a vejo acabada, ampla e formosa, com as suas árvores, os seus palácios, as suas lâmpadas elétricas, os seus “refúgios”, e cheia de uma multidão contente e limpa. Ainda não é realidade: mas já não é sonho. Já os mais incrédulos perderam a incredulidade; calaram-se os motejos, esfriaram os sarcasmos, apagaram-se os risinhos de mofa; - e há por toda a cidade um espanto. “Como?! sempre é então verdade que se vai fazer alguma cousa grandiosa e bela nesta boa terra, em que todos os projetos costumavam finar-se em gérmen, e em que todas as flores murchavam em botão?”

É verdade, sim! Daqui a poucos dias, o primeiro golpe de picareta, na Prainha ou no Boqueirão do Passeio, entoará a primeira nota do hino triunfal. E não teremos de viver muito, para ver terminada essa obra de salvação nacional; a limpeza, o arejamento, a regeneração da grande cidade operosa e honrada, que já seria, há mais de cinquenta anos, a mais linda do continente sul-americano, se há mais de cinquenta anos tivesse encontrado quem a servisse e amasse com coragem, em vez de só encontrar servidores parlapatões e moles, gastando em palavras a energia que deveriam gastar em atos.

É verdade, sim! A Avenida já não é um sonho: e o povo já compreendeu que só o amam verdadeiramente aqueles que, em lugar de engabelá-lo com discursos, querem dar-lhe saúde e vida decente, dando-lhe uma capital moderna e esplêndida...

Para ver como o povo já sente a extensão dos benefícios que lhe estão preparando o governo e a Prefeitura, basta lembrar a alegria com que se celebrou, há poucos dias, a queda da última das casinholas da rua Treze de Maio. Sustentada pela Birra, escorada

pela Má-vontade, era ela o último protesto contra o Progresso. Isolada no meio da rua, como uma excrescência mórbida, o casebre indecente berrava contra a iniciativa do Prefeito; as suas vigas podres, o seu teto arreventado, os seus portais carcomidos, as suas janelas tortas diziam: “não! não saio daqui, porque sou o passado, porque sou a fealdade, porque sou a treva, porque não quero que a cidade se regenere, porque não quero que o ar e a luz desinfetem esta Marema de novecentas mil almas...” Chegou, porém, o dia em que a desapropriação por força da lei conseguiu obter o que não obtivera a persuasão. O torpe casebre ruiu, e o povo correu a buscar uma banda de música, e triunfalmente passou e repassou sobre os destroços do monstro aniquilado, celebrando a vitória do Ar e da Luz...

Eu vi, com esses olhos que a terra há de comer, a alegria do povo, - alegria sincera e ruidosa, dessas que ninguém pode encomendar e pagar, e que são espontâneas e irresistíveis como os estos do mar e como as irradiações da luz do sol e espero ver, com estes mesmos olhos, dentro de pouco tempo, a alegria mais vasta e mais ardente com que toda a população há de saudar a inauguração da grande Avenida...

Para mim, para o Rio de Janeiro, e para todo o Brasil, o início das obras da Avenida, por acordo amigável com os proprietários, tem mais importância do que a eleição de hoje...

De eleições andamos fartos. Quantas eleições já terá havido nesta cidade verdadeiramente heróica e leal, - heróica pela resignação com que tem suportado tantos sofrimentos, e leal pela cordura com que tem aturado maus senhores? Não sei... só o amável Vieira Fazenda é capaz de esclarecer esse obscuro ponto da nossa história. O que sei é que já no ano da Independência havia eleições. Os “homens bons” da cidade formavam uma lista de cidadãos idôneos, e *limpavam a pauta*, isto é: escolhiam doze nomes, e com eles formavam três listas com quatro cada uma; depois *faziam pelouro*, isto é: metiam as listas dentro de uma urna, e dessa urna mandavam que uma criança tirasse, com a sua mão inocente, a lista de quatro vereadores.

O processo era simples e rápido. O de hoje é que é complicado e lento. Já não é uma criança que mete a mão na urna: entram nela todas as mãos, limpas e sujas, inocentes e criminosas; há facadas, tiros, falcatruas; os mesários comem empadas e bebem cerveja, ali mesmo, junto da urna que representa a soberania nacional; e no dia seguinte é preciso gastar uma fortuna na lavagem das salas escolares e das repartições públicas em que se reúnem as mesas eleitorais.

Não se sabe bem para que é que se despende nisso tanto dinheiro, tanto tempo e tanta paciência. Mas os jornais dizem que é a cidade que não pode viver sem autonomia; e, como para a cidade, a autonomia consiste na existência de um Conselho Municipal, - ainda que esse conselho municipal trabalhe tanto como a Academia dos Sonolentos da China, - não é possível evitar essas despesas de papel, tinta, de editais, de empadas, de cervejas, de barrela.

Este Conselho Municipal de agora, que vai ser hoje completado com a eleição de um conselheiro, foi saudado com a pérola, o assombro, o cisne cor-de-rosa, a avis-rara, a tulipa azul, o elefante branco, a maravilha dos conselhos. Eleito sem barulho nem protestos, recebido com as mais enternecedoras manifestações de simpatia, instalado no meio do júbilo geral, - o miraculoso conselho começou a trabalhar: - houve logo desavenças, desgostos, despeitos, uns conselheiros resignaram o mandato, outros brigaram, - e há uma porção de dias que os salvadores do município, os representantes da autonomia da cidade, os símbolos venerandos da independência do eleitorado não se reúnem em sessão... por questões políticas!

Valha-nos Nossa Senhora da Autonomia! - e vamos às urnas, vamos completar o prestigioso conselho, vamos dar mais um florão àquela coroa preciosa... Mas peçamos desde já aos conselheiros que deixem dessa mania de renúncia! A cada renúncia, corresponde uma nova eleição: e, francamente, nós todos temos mais o que fazer...

A semana iniciada, para o cronista, por uma festa, terminou em luto.

A festa foi a de Julião Machado. O criador da *Cigarra*, da *Bruxa* e do *Gil-Blas*, está fechando as malas para uma viagem à Europa. Sousa Lage, que fundou com ele e comigo aquela *Bruxa*, tão bonita e tão infeliz, reuniu, em ágape fraterno, os amigos do encantador caricaturista. Por ser de despedida, o banquete deveria ser triste: mas todos sabiam e sabem que Julião há de voltar, e não houve tristeza naquela reunião de artistas e de jornalistas, que saudavam o grande artista, o jornalista brilhante, e, principalmente, o bom e leal companheiro, que não deixa um só inimigo, - cousa espantosa! - na roda dos oficiais do mesmo ofício.

Julião voltará. Dizem que há no ar e na luz de Paris um doce amavio, a que se dá o nome de *parisina*: quem uma vez provou essa deliciosa droga, não pode mais dispensá-la e há de morrer envenenado, mas deliciosamente envenenado por ela. O Rio de Janeiro não é Paris, - ah! não é! Mas também possui o seu amavio, o seu veneno sutil e cativante. Julião provou-o, e leva-o no sangue e na alma; a saudade há de torturar-lhe o coração; - e ele voltará para trabalhar, para rir e para sofrer conosco, como irmão e amigo, nesta nossa vida de imprensa a que o seu talento e a sua bondade deram tanto brilho e encanto.

O luto da semana, foi causado pela morte de Cesário Alvim.

Só se pode estabelecer o valor de um homem, pela soma de simpatias e de antipatias, de dedicações e de ódios que a sua ação provocou entre os contemporâneos, em vitórias e derrotas, em apoteoses e quedas, em ardores e desfalecimentos, agitando em torno de si todas as outras existências, - como os vulcões, cujo trabalho interior abala e estremece a terra num raio de muitas léguas.

O ilustre brasileiro, cujo corpo agora repousa em S. João Batista, foi um desses homens privilegiados que nascem para agitar idéias, para levantar tempestades de paixões, para mover e dirigir grandes massas humanas. A sua vida pública foi um grande combate. A toda a história política contemporânea do Brasil, no segundo império e na República, está ligado o seu nome glorioso. Jornalista, parlamentar, homem do governo, chefe de partido, foi tudo quanto quis ser, e foi tudo com grande brilho, com extraordinário relevo, levando para todos os cargos e para todas as posições aquela mesma perpétua mocidade, aquele estupendo vigor de corpo e de alma, que resistiu por tanto tempo a todos os dissabores, a todos os vaivens da sorte política, a todas as alternativas da sua agitada existência de homem público.

Ultimamente, quando, já velho e alquebrado, todos os supunham resolvido a ir gozar na sua amada Minas um repouso bem ganho, - vimo-lo surgir de repente à frente de um jornal de combate, retomando a pena, e entrando de novo em ação com o mesmo talento, com a mesma coragem, com o mesmo fogo dos primeiros anos. Esse velho de sessenta e quatro anos, quando escrevia, era um polemista jovem, ousado e cintilante, com um estilo crepitante de imagens felizes, tão ardente na ironia quanto meigo na piedade. E, por singular e raríssima coincidência, o guerreiro, quando despia a couraça e depunha o montante, era um administrador calmo e sereno, de uma serenidade imperturbável, e de uma imaculada e olímpica probidade, que nunca os seus mais ferozes adversários políticos ousaram pôr em dúvida.

Mas, no exuberante temperamento desse homem, havia um aspecto que nem todos puderem conhecer e admirar. Era a sua bondade. Conheci-a, admirei-a eu, que lhe experimentei a doçura em várias crises da vida. Nele, não perdi apenas um compatriota ilustre, - desses que afirmam e enraízam em mim o orgulho de ser brasileiro: perdi um grande afeto, um grande protetor, um grande e nobre Amigo, a cujo coração devo os mais altos e generosos favores.

Posso ter palavras, para lamentar a morte do compatriota glorioso: mas não as posso ter, para chorar a perda do Amigo...

O.B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 6 dez. 1903. p. 1, 7. col.]

Crônica

Não sei que bom gênio me visitou a noite, não sei que fada amiga velou à minha cabeceira: - sei que acordei otimista e alegre, disposto a ver tudo cor de rosa neste quente sábado.

Se me viessem dizer hoje que fui eleito intendente municipal, ou que o reizinho da Espanha me condecorou com o Tosão de Ouro, ou que o meu particular amigo Pierpont Morgan deliberou animar o meu trabalho e a minha inteligência atirando dentro do seco poço da minha pobreza a chuva milagrosa de dois ou três milhões de dólares, - creio que não estaria mais alegre nem mais otimista do que estou. As melhores alegrias são as que não têm causa, ou pelo menos, as que não têm causa conhecida. As outras, sendo discutíveis, transformam-se rapidamente em tristezas, - porque no fundo de todas as cousas boas há sempre uma pequenina gota de fel. Não há nada tão bom como estar alegre sem saber porque...

Aproveitemos esta alegria saída do seio irresponsável do Acaso, aproveitemos este otimismo caído do céu por descuido, e enchamos uma coluna suave, em que não haja esgares de revolta nem risinhos de ironia. Deus, se fosse imensamente Misericordioso e imensamente Bom, daria sempre a todos os cronistas o otimismo que me deu hoje: nós não podemos endireitar o mundo, e mais vale disfarçar tristezas e inventar belezas, do que apontar defeitos e desnudar fealdades...

Que há de novo sobre nossa grande avenida?

Há que tudo vai bem. Até sexta-feira, já duzentos proprietários tinham contratado calmamente com a comissão a venda dos seus prédios: e espera-se que as justiças da República não serão chamadas a decidir um só pleito, - porque tudo se fará em santa paz, para a glória maior da nossa reputação de povo cordato e meigo.

Ah! meus amigos e meus irmãos! nós somos o povo mais incompreendido e mais caluniado de quantos formigam na superfície deste bolorento planeta. O famoso verso

“Mais propenso ao furor do que à ternura”

nunca será bem aplicado ao nosso gênio.

É sempre em vão que os malucos ou os perversos procuram fazer vibrar, em nosso organismo, a corda que não possuímos, a corda áspera e gritadora da intolerância. Há no fundo do nosso caráter um rico depósito de bondade e de bom senso: a raça portuguesa, com a sua sensatez, com a sua prudência, com o seu fecundo amor do trabalho e da paz, aliou-

se bem à raça negra, - à raça entre todas boa, resignada e mártir. A raça primitiva do Brasil quase não entrou nessa operação de química social, de que saiu a nossa nacionalidade: nós temos muito pouco da sua malícia, da sua astúcia, da sua fria dissimulação. Somos lisos, confiantes, pacientes e bons. Um mau governo pode levar-nos à ignonímia: mas não é preciso que um governo seja extremamente bom para que nos leve à felicidade e à glória.

Quando o grande Haussmann iniciou a realização que fez de Paris a mais bela cidade da terra, não faltou quem se opusesse, com armas na mão, àquilo tudo que era dado, nas câmaras e nas ruas, como a “ruína da grande cidade”...

E é interessante lembrar que em 1867, um deputado francês apontou Haussmann à execração de toda a França, conferindo-lhe o título de “Átila Moderno”...

Em Buenos Aires, a grita não foi menor, como não foi menor a oposição, quando se quis rasgar a *Avenida de Maio*: houve um dia em que quase as metralhadoras tiveram que entrar em cena, para prestar o auxílio da força bruta à ação dos executores da lei da desapropriação...

Falai malucos! intrigai, perversos! – nós não amamos as resistências loucas, nem as oposições sem causa, nem as teimosias sem razão, nem as lutas que só têm por base a má vontade e o capricho. Se estamos atrasados, devemos esse atraso à falta de inteligência e de coragem dos que nos têm governado. O rebanho nunca é mau, quando encontra pastor que saiba amá-lo e dirigi-lo.

Não deu grande resultado o leilão dos terrenos da Avenida Passos? Não há de ser por isso que a Prefeitura verá perdido o seu trabalho.

A cláusula que proíbe o aproveitamento do rés-do-chão das casas, naquela parte da cidade, para residência, - tem sido explorada contra a Prefeitura, com uma maldade que revolta...

Eu, por mim, acho preferível que a Avenida fique como está, desguarnecida de prédios, a que se transforme em mais uma dessas torpes vielas em que se faz a exposição permanente da flora verde-negra do vício. Toda a zona central da cidade já é uma vasta Suburra, tão infecta e tão malsã como a da antiga Roma: não a aumentemos, dando-lhe mais uma rua...

Os compradores, que não apareceram ontem, aparecerão amanhã. Já, agora, ninguém tornará a estreitar aquele ponto urbano: já alguma coisa lucrou, - e não é próprio do trabalho humano conseguir de uma só vez e em um só minuto quanto se ambiciona.

Estamos com a mão na massa otimista: - demos algumas palavras de defesa a esse paciente Congresso Nacional, que ainda os raios ardentes do verão não afugentaram do Campo de Sant'Ana e da rua da Misericórdia.

Em toda a parte, por toda a cidade, nas praças e nos becos, nos palácios e nas bibocas, nas repartições públicas e nas estalagens, nos escritórios dos jornais e nos botequins, - só se ouve uma recriminação: “Que fazem estes deputados e estes senadores? Já prorrogaram a sessão até 30 de dezembro, e vão ainda, parece, prorrogá-la por janeiro adiante, invadindo o outro ano, - e reeditando com subsídio, em proveito próprio, o milagre da multiplicação dos pães...”

O subsídio! – eis a questão... Nós vivemos em uma época tão baixa, tão soterrada no egoísmo e no amor da pecúnia, tão dada a mesquinhos cálculos de ganância, - que, quando temos de julgar os atos dos nossos contemporâneos, imediatamente os atribuímos, sem reflexão demorada, a móveis rasteiros, a ignóbeis interesses de dinheiro! Na opinião geral, a vadiação das Câmaras durante os primeiros meses do ano, e as prorrogações que são as conseqüências inevitáveis e fatais dessa vadiação, obedecem a um plano longamente concebido e madurecido na alma de cada deputado ou senador: o plano de esticar esse abençoado e providencial subsídio, que é uma fonte maravilhosa de confortos, de gozos, de apurados e deliciosos regalos. Oh! a malevolência das turbas! como pode acreditar essa gente perversa que a Câmara e o Senado gostem tanto assim dessa abominável Pecúnia, que só tem servido até hoje para atrasar moralmente a Humanidade, atirando os homens uns contra os outros, numa luta implacável de feras famintas?

Não! por mim, penso que não é o gozo do subsídio o causador das prorrogações. Trabalhar intelectualmente, discutir e votar orçamentos, pesar e medir interesses nacionais, assumir tão graves responsabilidades morais, com este calor bárbaro que quase derrete o cérebro de um homem dentro da marmita da caixa craniana, - são sacrifícios tão grandes e tão sérios, que não há soma de dinheiro bastante para pagá-los.

A sala da Câmara e a sala do Senado não são propriamente dous pedaços do paraíso: e ganhar setenta e cinco mil réis por dia, para estar ali gastando, em idéias, em palavras e em suor, a energia vital, nestes abrasados dias de dezembro, - não é ideal que entusiasme ou contente alguma alma.

Fui há dias à Câmara, e pude realizar algumas observações de alta psicologia.

Os deputados daqui, habituados ao calor e à agitação do Rio de Janeiro, moviam-se, sacudiam-se, vibravam, não denotando na face descontentamento ou cansaço. Mas os deputados do centro, do norte e do sul, os filhos dos verdes sertões, dos largos pampas

e das praias serenas, - esses, encolhidos no fundo das cadeiras, com a testa rorejando suor e os braços derreados numa postura de desânimo e desconsolo, tinham os olhos perdidos ao longe, num sonho vago, numa contemplação melancólica...

Ah! desventurados! bem compreendi com a minha piedade, o êxtase em que estáveis mergulhados naquela tarde de verão, dentro daquela sala abafada e triste...

Estáveis pensando nos largos pampas, nos verdes sertões, nas serenas praias, de onde o dever cívico vos mantém arredados e saudosos!

Dezembro, na roça, é o mês idílico e suave, o mês do sonho, do amor e da poesia. O sol doura a paisagem, achamalota e inflama a água dos rios, dá vibrações de riso ao azul do céu; os sinos cantam a glória do Natal, a verdura das árvores esplende, as flores esmaltam a relva, os pássaros celebram a beleza da vida; à noite, há os descantes à viola, as danças rústicas ao luar, - todo o meigo encanto da vida rural, na paz paradisíaca dos campos embalsamados...

Ah! bem compreendi, desventurados representantes do sertão, que era isso que o estáveis contemplando em sonho, entrefechando os olhos, na sala abafada da Câmara, naquela tarde triste! – e há ainda quem diga que sacrificais tudo isso ao amor ao subsídio... Não! não há dinheiro que pague essa dolorosa abnegação...

Trabalhai, trabalhai! continuai a perder, em bem do serviço público, o encanto, a beleza, a ventura que podíeis estar fruindo nos vossos estados longínquos, - e consolai-vos, sabendo que ainda há quem vos compreenda e defenda!

Decididamente, não sei que bom gênio me visitou durante a noite, nem que fada amiga velou à minha cabeceira... Até defendi o Congresso!

Basta, pena otimista! Agora vou tratar um pouco de mim mesmo: vou passear, e dar aos olhos um banho de luz...

O.B.

[BILAC, Olavo. *Crônica*. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 dez. 1903. p. 1, 7. col.]

Crônica

Seria revoltante injustiça não dedicar as primeiras linhas desta *Crônica* ao dilúvio que alagou a cidade, no dia de Santo Eusébio. Não sei se Santo Eusébio concorreu de algum modo para isso: é de crer que não... Esse bem aventureiro foi, na vida terrena, um obscuro e piedoso bispo, distribuidor de esmolas e consolador de aflitos, muito metido com a sua fé e com a salvação da sua alma. Os padroeiros das ventanias, dos temporais e das

inundações são Santa Bárbara e São Jerônimo, a quem, nos dias de trovoada, as velhas senhoras cariocas dirigem preces fervorosas. Santo Eusébio nunca se preocupou com isso: se o Rio de Janeiro ficou alagado no seu dia, a coincidência obedeceu a um simples capricho do irresponsável acaso: - mas isso não deve tirar ao Santo a glória, embora casual, de ter presidido à generosa e providencial barreira com que nos agraciou o céu.

O primeiro dilúvio, o grande, o formidável, aquele que, segundo o Gênesis, teve a terra coberta de água durante cento e oitenta dias, foi um castigo tremendo: o Senhor Deus, vendo que “era em extremo grande a malícia dos homens da terra”, ficou arrependido de ter dado uma alma ao barro vil, e sentiu-se “interiormente tocado de dor e ferido de indignação”. Como se o seu Espírito onisciente pudesse ter deixado de prever que de um bocado de barro não haveria de sair coisa boa!... Dessa dor e dessa indignação, saiu o castigo do dilúvio, que veio purificar a terra.

Mas o nosso dilúvio de terça-feira, que durou apenas uma hora, não foi demonstração da cólera divina: foi demonstração da piedade do Senhor, que sentia subir do Rio de Janeiro um cheiro horrível de sujeira, e previa o extermínio de todos os cariocas por falta d’água, pelo calor, pela infecção dos esgotos. Vendo que o Congresso não atava nem desatava a meada da reforma sanitária, o Senhor disse de si para si: “não há de ser a reforma sanitária que há de salvar aquela pobre vérmina: desinfetamos aqueles bueiros com a água destilada das nuvens!” E mais uma vez o criador salvou as suas criaturas, para cumprir aquela promessa feita solenemente a Noé, na cumeada dos montes da Armênia, ao suave clarão do arco-íris: “Não amaldiçoarei mais a terra por causa dos homens; nem daqui em diante haverá mais dilúvio que a assale!”.

E, assim que refrescou o tempo e que as águas deixaram de cobrir as ruas, o Congresso acabou a votação da reforma sanitária. Parece que aquelas hesitações, aquelas demoras, aquelas manobras pouco dignas eram ainda uma consequência da pressão atmosférica, que enervava os corpos e amolecia as vontades dos legisladores. Com a descarga, esclareceram-se os espíritos, e a Câmara readquiriu a consciência do seu dever e da sua missão.

Agora, é o Senado que tem o projeto empatado.

Esta demora lembra um episódio antigo...

Em certo país da Europa, houve, há mais de um século, uma epidemia de cólera. O rei, bom amigo de seu povo, mandou logo chamar todos os sábios da nação, físicos-mores, astrônomos, doutores, arquitetos, alquimistas, e disse-lhes: “Chegou o momento,

amigos, em que deveis mostrar a utilidade de vossa sabedoria; o cólera aí está dizimando o meu povo... Fechar-vos-ei nesta sala, dar-vos-ei os alimentos que quiserdes, e achareis com as luzes de vossa ciência o meio de dar combate à epidemia. Que Deus vos ilumine! E o bom rei descansou sobre a competência daqueles luminares.

E os luminares começaram a discutir. De dia e de noite, saía da sala um forte rumor de discussões violentas em que havia gritos de ira e de entusiasmo, num fervor de apóstrofes inflamadas. Os dias emendavam-se nos aos dias, as semanas encadeavam-se às semanas – e a discussão não terminava; e o cólera, implacável e irônico, ia matando gente com uma fúria insaciável.

Quando já dous terços da população tinha morrido, o bom rei mandou abrir as portas do conclave, e apresentou-se aos sábios: “Que resolvestes, ó glórias do meu reino, ó pérolas da minha coroa, ó candelabros da minha civilização?! que descobristes para debelar esta moléstia feroz?”

O mais velho dos sábios levantou-se e falou, com uma voz pausada e cava, em que havia um tom solenemente profético:

- Majestade! ainda não pudemos achar o remédio para a moléstia, porque estamos discutindo uma preliminar importante, e ainda não chegamos a acordo. Nós queremos, antes de tudo, saber se deveremos dizer *o* cólera ou *a* cólera...

A anedota é verdadeira, rigorosamente histórica, - e tem uma bela aplicação.

Não foi decerto uma questão de gramática, a que demorou as deliberações da Câmara. A Câmara não ama extremamente a gramática, que é freqüentes vezes maltratada com grande rigor naquele recinto augusto. Mas todas as questões fúteis e inúteis foram debatidas a propósito do projeto da reforma sanitária! e, enquanto isso, a peste bubônica e a febre amarela foram alastrando pela cidade a sua ação daninha...

O que mais tem indignado os adversários da reforma é a importância da soma pedida para os novos serviços de higiene.

Cinco mil contos! – ao pronunciar essas três palavras, os legisladores põem os olhos em alvo no céu, e deixam cair os queixos com espanto.

Cinco mil contos! – dir-se-ia que, depois de gastar esse dinheiro com os serviços de higiene, o Brasil teria de sair pelo mundo afora a pedir esmolas, depois de ter posto no prego o seu cocar e a sua tanga de penas!

Entretanto, se os legisladores fizessem o cálculo das somas que custa ao Estado a sua parolice infecunda, veriam que muito mais de cinco mil contos se têm despendido em discussões e demoras...

Há poucos dias, apareceu numa correspondência de Berlim para o *Jornal do Comércio* uma notícia que merece transcrição integral:

“O governo prussiano aprovou o projeto de empréstimo de 228.000.000 de marcos pedidos pela Municipalidade de Berlim: 52 milhões vão ser aplicados aos trabalhos de embelezamento da cidade, 12 ½ milhões são destinados ao aumento dos aquedutos urbanos e 30 ½ milhões serão dispendidos nos trabalhos de canalização. O restante será consagrado à construção de muitos edifícios de utilidade pública, como escolas, hospitais, asilos, etc, etc.”

Não se trata, note bem, de saneamento propriamente; trata-se de embelezamento. Para tornar a sua capital mais atraente, mais formosa, mais digna de ser visitada e admirada pelos estrangeiros, o governo alemão não hesita em gastar cinquenta e dous milhões de marcos, de pancada, além dos outros milhões que já são anualmente empregados no mesmo propósito...

Aqui, parece um crime pedir cinco mil contos para dar combate à epidemias; aqui, a Prefeitura é injuriada e coberta de apodos, quando adquire prédios velhos e infeccionados, para deitá-los abaixo, alargando as ruas; aqui, o saneamento da cidade é tido como uma vasta ladroeira...

Todos tratam de amaldiçoar os esbanjamentos, todos tratam de cortar as despesas, todos protestam contra a prodigalidade. Mas as despesas que se cortam são justamente as que se não devem cortar: são as despesas feitas com higiene, com a instrução, com a assistência pública, com o correio, com o telégrafo, com todos os serviços exigidos pelo bem estar e a pela civilização do povo.

As outras despesas, - as que se fazem com um exército que não têm inimigos a combater, com uma marinha que não possui navios capazes de afrontar o mar, com um corpo legislativo que consome o ano inteiro em organizar orçamentos que nunca ficam prontos, - essas são as despesas sagradas, em que não se pode fazer um corte sacrílego.

O dilúvio também veio desencantar o complicado caso das eleições do [**] distrito.

Não se sabe para que é que ainda se fazem eleições, - uma vez que é a política da Câmara que se encarrega verdadeiramente de eleger candidatos. O pobre eleitor, que, para cumprir um dever cívico, vai depor a sua cédula na urna eleitoral, cuida ingenuamente estar criando com o seu voto um representante seu, filho da sua vontade e da sua confiança: mas, de

fato, esse voto vai ser entregue às comissões de reconhecimento, que o aceitam ou o desprezam à vontade, de acordo com os interesses da política. O que se chama, em linguagem parlamentar, uma apuração, - é uma operação química que altera a essência das substâncias, quando devia ser uma simples operação aritmética, destinada a somar parcelas.

Para que um deputado seja reconhecido pela Câmara, - o que menos importa é que esse deputado tenha um diploma.

O que importa grandemente é que em torno da pessoa desse deputado se congreguem interesses desta ou daquela facção... E a prova disso é que, na véspera da votação, ainda os próprios deputados que já estão cansados de estudar os vários diplomas, não sabem a que diplomado vão dar a sagração do reconhecimento: última hora, a intervenção de qualquer chefe político basta para desmentir as conclusões da aritmética e para transformar o preto em branco e o branco em preto, transformando todos os cálculos e engendrando surpresas inconcebíveis.

E ainda se fala em reforma eleitoral! O que vale é que o Congresso, quando começa a discutir uma reforma, dispõe-se logo a envelhecer sobre ela...

O.B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 dez. 1903. p. 1, 7. col.]

Crônica

No dia da inauguração das obras da Avenida, enquanto o povo, na Prainha, vitoriava o governo, - eu andei, por muitas vielas e por muitos becos, acompanhando um vulto, invisível para todos, mas bem visível para mim, - um vulto merencório e fúnebre, que andava sem tocar o solo com os pés, esquivando-se impalpável entre os transeuntes, cosendo-se com as paredes, deslizando sem rumor e sem peso, como um fantasma que era...

Encontrei-o nas proximidades do Liceu Literário, perto do local em que se realizava a grande festa. Quando o vi, cuidei que fosse realmente um homem, de carne e osso, vivo como eu, um ancião de cento e tantos anos, esquecido no mundo por descuido da morte, e desencantado por milagre do seu plácido retiro para vir gozar o festival.

Era alto e corcovado, muito velho, magro como um caniço; a pele, amarela e seca, parecia um papiro polisecular da Babilônia ou do Egito; as pernas longas, finas e duras, anquilosadas pela velhice e pela reuma, abriam-se e fechavam-se sem flexão, como as duas hastes de um imenso compasso; e uma barba e uma cabeleira, curtas e ralas, de um branco amarelado, como o dos pelos das espigas de milho, enfeitavam o seu mento e a sua nuca... Trajava gibão de veludo escuro, já muito sovado e pelado; colete comprido, cobrindo todo o

ventre; calções de belbute, com os fundilhos remendados; meias cerzidas e recerzidas de algodão.

- De onde saiu esse velhote do século atrasado? – perguntei a mim mesmo.

Mas de repente, notei um fato que me encheu de assombro: no meio daquela espessa multidão, o velhote marchava como se fosse feito de fumaça, deixando-se atravessar pelos corpos humanos que encontrava. Quando alguém o abalroava, a massa tênue e gasosa do seu corpo adelgaçava-se, remexia-se, enovelava-se, separava-se, sem resistir ao choque, e, passado este, tornava a condensar-se numa figura humana...

- É um fantasma! pensei, arrepiado.

Houve um vasto clamor. As bandas de música romperam num estrugir selvagem executando o hino nacional; estalaram girândolas. Ressoaram exclamações; estavam inauguradas as obras da Avenida; o povo, num mar agitado, refluía para junto do Liceu Literário; e eis ali vinham o presidente da República, os ministros, o arcebispo, os convidados, sorrindo, apertados, rompendo a custo a multidão.

O fantasma estremeceu e ondulou no ar como um novelo de fumo sacudido do vento. E fugiu...

Deixei a festa, a alegria, o tumultuar do povo, o “copo d’água”, - e abalei atrás dele, - intrigado e curioso. E começamos a patrulhar a cidade, - eu, ansioso e suando, - ele, sereno e sem suar, - porque fantasma não sua.

O velhote espectral entrou na rua da Saúde, e começou a perلustrar as travessas e os becos do morro da Conceição, - e eu a segui-lo. Andamos, aos trancos, subindo e descendo vielas e betesgas, a Pedra de Sal, o Escorrega, o Sereno, o Jogo da Bola, o João Homem, o João Inácio, o Mato Grosso, o Valongo, o João de Gatinhas, as Escadinhas do Livramento e do Oliveira, a Madre de Deus, o Sem Saída, o Cleto, a Funda, o Adro de S. Francisco, por todo aquele complicado e entontecedor labirinto de veredas escarpadas e sujas. O fantasma não parava: quando um dos becos o levava para o litoral ou para a cidade baixa, ele desandava, metia-se de novo pelas betesgas.

Oh! que jornada! no solo, apodreciam cadáveres de gatos e cães, entre revoadas de moscas; decompunham-se ao sol os detritos vegetais; uma lama viscosa enchia os buracos; rios de águas sujas desciam espumando. As casas, encostadas uma às outras, amparando-se mal, abriam as janelas imundas, como bocas desdentadas; a gente, que chegava às portas, olhava-me com suspeita... E o espectro andava sempre, para diante e para trás, sem descanso. A tarde caía. Mas eu não desanimava...

Por fim, já na meia luz do crepúsculo, vi que o fantasma parou junto de uma furna, aberta na rocha. Parou, esteve um momento em reflexão com o queixo enterrado na cova do pescoço, - e fez um movimento para entrar na caverna... Vi que me ia escapar, e interpelei-o:

- Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito!

Ele voltou-se, espantado, e aproximou-se:

- Isso é de Camões... – disse, com o fiozinho de voz que quase não se ouvia.

- É de Camões! – confirmei – mas tu, de onde és, e quem és, larva, lêmure, avantesma, avejão?!

E o fiozinho de voz murmurou:

- Eu sou a Tradição, eu sou o Passado, eu sou a Prudência! saí hoje da minha furna, para ver de perto o Progresso. Oh! o Progresso! Pobre desta cidade! pobres destas boas casas que morrem! pobres destas boas ruas que desaparecem! pobres das minhas alegrias que se esvaem! Esta avenida, menino, vai ser o caminho largo da Perdição! O caminho do Céu é estreito e feio como o Escorrega; o caminho do Inferno que é amplo, rasgado, cômodo, bonito! pelas veredas apertadas só passam as almas puras, mas pelas avenidas largas passam todas as multidões pecadoras...

- Mas que fazes ainda na terra, tu, que já devias estar no céu ou no inferno? e que te importa que tenhamos travessas ou avenidas, se já és apenas a sombra do que foste, a recordação de ti mesmo, alma penada sem descanso?

- Ah! eu só sairei daqui no dia em que puserem abaixo estas amadas casinhas do meu século, todos estes cochicholos que me viram nascer. Quero assistir ao sacrilégio final; só desejo verdadeiramente morrer, quando morrer o meu Tempo!

- Vai então fazendo desde já o teu último testamento, fantasma idiota! O que viste hoje foi apenas o prólogo do drama glorioso. Os dias das tuas casinhas e dos teus cochicholos estão contados. O drama vai ser luminoso e rápido. Daqui a poucos anos, o desfecho virá, com a grande apoteose da salvação... Dissipa-te já, desaparece já, vai-te já para o céu e para o inferno, espectro inoportuno!

- Não posso! eu sou a Prudência, eu sou o Juízo, eu sou o Protesto!

- Não! tu és a porcaria, tu és a Preguiça, tu és a Moleza!

O fantasma teve um ricto de cólera na boca sem dentes. Quis dizer alguma coisa, quis cuspir-me alguma injúria, - mas não pôde: lançou-me um olhar de ódio, - e enlapou-se na sua toca.

Anoitecera. Comecei a descer o morro sinistro. Perto de um paredão, detive-me pouco, - e mirei a cidade que se alastrava lá embaixo.

As luzes dos lampiões desenhavam as ruas estreitas e tortuosas, cruzando-se, emaranhando-se, como lombrigas.

Em torno de mim, as velhas taperas, as medonhas bibocas do morro, fechadas, silenciosas, fúnebres, desfaziam-se em miasmas.

Mas o meu sonho animou tudo aquilo: comecei a ver, ao longo da cidade derramada aos meus pés, rasgar-se a grande Avenida; diante dos meus olhos deslumbrados relampejavam jatos de luz elétrica; e vi desenhar-se a cidade futura, resplandecente e rica, mais belas do que todas as suas irmãs, irradiante na glória da civilização.

Ah! quem me dera vida para te ver e te amar nesses dias, cidade do meu amor!

E, tropeçando nos calhaus, tapando o nariz para não sentir a fedentina das vielas, vim descendo o morro.

O.B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 mar. 1904. p. 1, 8. col.]

Crônica

Este abril, que logo no seu segundo dia de vida, teve como saudação de boas vindas o repique festivo dos carrilhões da Aleluia, veio trazer-nos uma farta messe de alegrias. Uma chuva torrencial se despenhou do céu, afugentando os últimos calores, lavando a cidade, - e além desse grande serviço higiênico, dando-nos o regalo de um espetáculo raro: as ruas transformadas em rios, as praças mudadas em lagoas, os bondes metamorfoseados em gôndolas, - e homens e cachorros nadando, como peixes, pela vasta extensão das águas derramadas.

Vão agora chegar os dias suaves de outono, - deste nosso generoso outono carioca, tão doce, tão meigo, que flui como uma primavera risonha, sem desfolhar as grandes árvores, sem lhes envelhecer as copas frondosas, ameigando-lhes apenas um pouco o verde intenso das folhagens.

Saudemos o outono – mas não nos queixamos do verão. Onde vos ides, ó duros verões de antanho, sufocantes e inclementes, com o vosso hediondo cortejo de febres e de agonias?! O verão de agora não chegou a alucinar o Rio de Janeiro. A coluna do azougue, nos tubos termométricos, não realizou ascensões notáveis: deixou-se ficar abaixo de 30º, com uma amabilidade cativante...

O boletim demográfico, anteontem distribuído, consigna uma fato, que chega parecer maravilhoso: de 1873 para cá, não houve um só mês de fevereiro, em que apenas se dessem 7 casos fatais de febre amarela, como agora acaba de acontecer; e a soma dos óbitos devidos a essa torpe inimiga, em janeiro e fevereiro de 1904, é inferior a idêntico obituário de qualquer mês de qualquer dos últimos trinta e um anos!

Ontem, todos os jornais deram à população uma notícia agradável: foi suspenso o regime sanitário a que estavam sujeitos os navios que daqui saíam, e já em Montevidéu (oh! espanto!) não há quarentena para os passageiros do Rio. Por isso, é justo repetir que abril merece fervorosa gratidão, pela sua bondade: paguemos-lhe, em louvores, o que ele nos está dando, em alegria, em sossego, em céu azul, em frescura de ar, em lindas rosas perfumadas!

A propósito das excelentes condições sanitárias da cidade, já ontem ouvi uma conversa em que se manifestava o nosso incorrigível costume de não acreditar na competência, nem no trabalho, nem na energia dos servidores públicos. Falava-se da guerra ao mosquito, - e alguém observou:

- Seja como for, o que é certo é que, com a guerra ao mosquito, já a febre amarela desapareceu...

E, logo, uma outra pessoa, torcendo o nariz, e enxugando os cantos da boca, murmurou com desdém:

- Ora! foi por acaso... o que isso prova é que o Oswaldo é um sujeito que tem sorte!

“Que tem sorte”... Nós somos, em matéria de fatalismo, tão maometanos como os súditos do xá da Pérsia e do sultão de Marrocos. Acreditamos na sorte: é a sorte quem nos governa, e é a ela que atribuímos tudo quanto de bom nos sucede. E o interessante é que o nosso fatalismo e a nossa superstição servem apenas para atribuir à sorte a responsabilidade das cousas boas, sem lhe atribuir a responsabilidade das más. Quando tudo vai mal, - a culpa é dos funcionários que são incapazes, ou desidiosos, ou venais: mas, quando tudo vai bem, a glória é da sorte – do Destino irresponsável e cego.

O vício é antigo, e tem raízes profundas no organismo... Como o Brasil foi descoberto por acaso, - não falta quem jure que do descobrimento do Brasil até hoje, toda a nossa organização social tem sido uma questão de “sorte”, - uma obra do Acaso...

Ainda agora, - se o governo conseguiu resolver sem conflitos o caso do Acre, se o empréstimo para as obras do porto foi tomado, se a cidade começa a progredir, se as desapropriações se fazem sem protesto, se os terrenos da Avenida se vendem rendosamente,

se a febre amarela desapareceu, - nada disso foi devido à inteligência, à energia, à competência do governo: à Sorte, ao Destino, à Providência, à Misericórdia de Deus é que devemos todas essas felicidades... Realmente, a misericórdia de Deus deve ser infinita, - para assim se comprazer em conceder favores a um povo que tão pouco acredita e confia em si mesmo!

Ah! meus amigos! a felicidade é uma palavra oca... O que chamais felicidade, ou “sorte” ou boa estrela, é apenas o prêmio inevitável e fatal que a Vida concede a quem tem decisão e coragem. A coragem e a decisão, que não podem existir sem a fortaleza de alma, podem talvez naufragar... Mas esses naufrágios são pelo menos mais honestos do que os outros, causados pela Imprevidência e pela preguiça. Nesta vida miserável, ninguém pode ter a certeza de vencer: mas quem tem o nobre desejo de acertar já possui uma virtude de alto valor...

Esta crônica é a última da série: um cronista mais digno da *Gazeta* e dos seus leitores virá substituir vantajosamente o escritor que aqui esteve hospedado por largos anos, numa interinidade honrosa, ocupando o lugar outrora ocupado pelo grande mestre Machado de Assis.

Agora, os meus artigos não serão uma resenha da vida carioca: refletirão aspectos da vida estrangeira, e virão pontualmente da Europa, por todos os paquetes, trazendo, durante algum tempo, impressões de outros climas e de outras gentes.

Traçadas à pressa, no atropelo da partida, estas linhas ficam aqui como um agradecimento à bondade, que o cronista sempre mereceu do público. Não nos despedimos, - o público e eu: separamo-nos por pouco tempo, por poucos dias. Até breve.

O.B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10 abr. 1904. p. 1, 8. col.]

Lisboa

Quando vi Lisboa pela primeira vez, - já lá vão alguns anos, - os trabalhos do porto estavam apenas iniciados, e a Avenida da Liberdade apenas traçada. Lisboa era, então, uma cidade triste; quem chegava do Rio de Janeiro tinha uma surpresa desagradável, porque não encontrava na capital portuguesa a vida, a animação, o tumulto da capital brasileira: toda a agitação lisboeta ficava concentrada na ladeira do Chiado, nas ruas Augusta e Áurea, - e à noite a cidade adormecia numa paz provinciana, num sossego patriarcal propício ao bom sono sem sonhos perturbadores...

Ora, Lisboa é hoje a antítese do que era: de dia e de noite, uma vida intensa e febril tumultua no seu seio; e a cidade, saneada, varrida de ar e de luz, graças às grandes avenidas que completaram a da Liberdade, e graças à importância comercial que lhe deu a construção do porto, - é uma borboleta saída da crisálida, - se é que essa comparação de tão estafado e ridículo lirismo pode ser aplicada a uma vasta metrópole em plena pujança de expansão e progresso.

Um homem, que conhece e ama Lisboa com um carinho verdadeiramente filial, dizia-me ontem, em conversa interessante, o que, no seu modo de ver e de apreciar as cousas, motivou esta radical transformação.

Enquanto conversávamos, em plena Avenida da Liberdade, à hora mágica do esmaecer da terra, ao cair de um lento e suave crepúsculo de primavera, as alamedas enchiam-se de carruagens de luxo, de automóveis, de bicicletas, à sombra das grandes árvores, desfilavam ondas de gente repousada e alegre; ao longe, tremiam no ar perfumado as notas de música de um concerto popular; os últimos raios de sol bailavam sobre as ramagens verdes, e acendiam pedrarias rutilantes nas vidraças dos altos prédios; e eu espantava-me, diante daquela Lisboa tão nova para mim, tão vibrante de força e mocidade, tão diferente da velha capital pacata e retrógrada.

O meu amigo dizia-me que só o dinheiro pode realizar estes milagres; todas as grandes fortunas particulares de Portugal estão na África, houve tempo em que as colônias da África davam pouco, - e isso explica a falta de animação, a apatia em que todo o Portugal e, em particular Lisboa, caíram durante tão longo tempo. Agora, porém, as terras africanas, bem exploradas, bem administradas, produzem rios de dinheiro: e todo esse dinheiro, canalizado para o reino, vem dar à vida metropolitana a riqueza, o conforto, o luxo, a alegria, o brilho que faltavam.

Eu, porém, sorria, ouvindo essas explicações que não me satisfaziam; e, de mim para mim, ponderava que o dinheiro, por si só, pode dar o luxo inconsiderado e custoso, mas não pode dar a elegância, nem o bom gosto, nem o progresso artístico bem concebido e bem executado.

Tenho para mim que o que realizou o milagre da transformação de Lisboa foi o movimento de coragem heróica com que ela se decidiu a dar os dous primeiros passos para a sua salvação: o porto e a Avenida da Liberdade.

Para o bem ou para o mal, é o primeiro impulso que decide da sorte das cidades, como dos homens. O povo diz bem que o vício é uma íngreme ladeira, em que só o primeiro passo é difícil. Mas também, na marcha ascensional para o bem e para a perfeição,

tudo depende do impulso adquirido, multiplicado por si mesmo, em virtude das leis fatais do progresso. Não é só no comer e no coçar que tudo está em começar...

Poderia a África produzir fortunas incalculavelmente maiores; poderia o nobre trabalho da raça portuguesa expandir-se e frutificar em colheitas de muito maior opulência; poderia o erário público e os mealheiros particulares encher e rebentar em muito mais assombrosa pletora de dinheiro: se não tivesse havido, há quinze ou vinte anos, alguns homens de coragem e energia, Lisboa, apesar de toda essa riqueza, estava ainda mergulhada no seu triste letargo.

Veja-se a Avenida da Liberdade. Quando um homem, - o grande Rosa de Araújo - começou a executar esse belo sonho, não lhe faltaram vaticínios maus, profecias sinistras, augúrios funestos. Em grande parte, as “pragas” foram justificadas: esse homem, dizia-se, morreu arruinado pela sua idéia. Mas a Avenida, começada por ele, sobreviveu ao seu criador: sobreviveu, e completou-se, e aperfeiçoou-se, - e é hoje este imenso e formoso parque encantador, ladeado de palácios, constituindo o maior e o mais legítimo orgulho da cidade...

Não é tudo. Quando a avenida da Liberdade ficou pronta, já uma revolução se tinha operado no espírito público. Já aquela grande empresa, tão malsinada a princípio, parecia acanhada e insuficiente. Do ponto terminal do extenso *boulevard*, começaram pouco a pouco a irradiar outros. E, em torno das novas avenidas, - nascidas, por assim dizer, por cissiparidade, da primeira, - começaram a surgir novos bairros higiênicos e alegres, que formam hoje uma vasta cidade radiante e bela, ao lado da qual o Bairro Alto, a Alfama, e os outros remanescentes da era escura são nódoas envergonhadoras e inconfessáveis...

Por outro lado, a construção do porto deu origem à abertura de ruas largas e admiráveis, que se estendem à beira do Tejo, facilitando as comunicações, e rejuvenescendo a velha urbe pombalina. E, já agora, nada pode deter o progresso... Os lisboetas começaram a amar a sua cidade. Para eles, a residência em Lisboa já não é um castigo, - um sacrifício imposto pela necessidade. Lembram-se daquele tolo e ridículo Damaso, d’*Os Maias*, de Eça de Queirós? Uma frase predileta lhe enchia sempre a boca: “Isso não passa de uma choldra! eu cá, se pudesse, não tirava os pés de Paris...”- Pois bem: atualmente, só um Damaso idiota e pelintra poderá dizer isso. Porque Lisboa já é uma cidade de primeira ordem, e os lisboetas, de inteligência e coração, já não precisam sair daqui, para gozar o conforto e os regalos de uma bela capital, moderna e elegante.

Era isso o que eu pensava enquanto meu amigo, à hora doce do crepúsculo, no meio da formosa Avenida da Liberdade, cheia de povo e de vida, de animação e de perfumes, atribuía o progresso de Lisboa unicamente a um aumento das fortunas particulares.

Não! o dinheiro é um fator insignificante para tais conquistas e tais vitórias! o grande fator decisivo e dominador, para isso, é a energia com que a cidade e o povo que se querem salvar dão o primeiro passo para a salvação.

Mas não era somente isso o que eu pensava: - pensava ainda que também tu, minha linda e amada cidade, hás de ser daqui a vinte anos uma maravilha de civilização e de beleza, se tiveres a coragem de não sair do bom caminho em que entraste agora...

Olavo Bilac

[BILAC, Olavo. Lisboa. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 8 jun. 1904. p. 2, 1. col.]

Crônica

Onde estará o meu diploma? Não o vejo há dous anos...

Há dous anos, fui sujeitá-lo ao exame da mesa eleitoral da minha seção. Os mesários examinaram o pequeno papel em que palpitava a minha parcela de soberania, e permitiram que eu depusesse na urna o meu voto. Confesso que o meu almoço foi, nesse dia, tranqüilo e feliz: a consciência, repousada e satisfeita, dava ao estômago uma bela saúde; almocei, como um homem que acabava de cumprir o seu dever... E passei todo o dia num regalado consolo, passeando e sorrindo ao sol, augurando vida brilhante à assembléia recém-nata.

Poucos dias depois, uma decepção desabou sobre mim. O cidadão, a quem eu havia dado o meu voto, declarou pelos jornais que não se sentia com vocação para o ofício, - e desprezou a honra que nós, eleitores soberanos, lhe havíamos conferido. De maneira que aquele meu belo gesto de agitar diante dos olhos dos mesários, com orgulho e nobreza, o meu diploma, e aquele meu outro gesto, igualmente belo, de deixar cair dentro da urna, com majestade e vagar, a minha cédula, - tinham sido dous gestos perdidos e inúteis. O que eu lucrara, naquela manhã de cumprimento de dever cívico, fora somente isto: primeiro, ter almoçado com desusado apetite, e, depois, ficar sabendo que, para ser conselheiro municipal, é necessário que um homem possua uma especial vocação, - a embocadura do ofício...

Em que consistiria essa vocação, e quais serão as qualidades ou os defeitos pessoais que mais possam concorrer para o bom exercício desse espinhoso cargo? Não sei: o cidadão, que me obrigou a despender, em pura perda, aqueles dous gestos supracitados, não

quis, ao retirar-se para o voluntário ostracismo, revelar ao eleitorado esse misterioso segredo; e, até hoje ainda não pude, neste caminho de Tebas, decifrar o enigma da esfinge.

Agora, já prometi de novo o meu voto, depois de ter perguntado ao candidato da minha simpatia: “Diga-me, com toda a sua franqueza... de candidato: sente dentro de si mesmo, bem decidida e bem clara, uma impetuosa vocação para o cargo de conselheiro municipal?” Ele pôs a mão direita espalmada sobre o peito, alçou o olhar ao céu, e respondeu com voz firme: “Sinto!”.

Animado por essa firmeza de voz, ousei pedir-lhe que dissesse, em poucas palavras, em que consiste essa vocação. Mas, aqui, o meu candidato estremeceu, deixou cair pela face um véu de recatado mistério, e começou a titubear: “É uma vocação que... é um certo jeito que... é uma certa maneira que... enfim, é uma vocação especial!” E, apertando-me ambas as mãos, com agradecida efusão, foi arranjar outros votos.

Enfim, o meu voto está prometido. Que ao menos, justos deuses, eu possa hoje, depois do passeio matinal à seção do largo de S. Salvador, sentir de novo aquele belo apetite, que, há dous anos, recompensou o meu fervor de civismo! – Sempre será alguma cousa... Já é um consolo que o eleitor consiga comer com delícia um almocinho modesto, depois de ter contribuído para servir o banquete aos senhores conselheiros.

Mas onde está o meu diploma?

Não tive a felicidade, ou a infelicidade, de assistir ao rude e longo debate, que se travou na Câmara em torno da lei da vacinação obrigatória. Quando me reinstalei neste mirante, de onde costumo contemplar as cousas sérias ou burlescas da vida carioca, já os contendores haviam esgotado as suas munições, - e o projeto, vitorioso, ia a caminho da sanção.

Creio que nada poderá retardar agora a execução dessa lei. Essas oposições formidáveis às medidas de higiene, ou de restauração de crédito, ou de utilidade pública, são sempre exclusivamente parlamentares e jornalísticas. O povo é sempre amigo da contradição e da maledicência; mas sob essa aparência de indignada e desordenada oposição, ele possui um sólido fundo de bom senso, e o preserva dos perigos a que o expõe o instinto de revolta. O agrado e a satisfação com que assiste aos ataques, dirigidos à autoridade, não lhe tiram a faculdade preciosa de distinguir, nesses ataques, a parte devida á convicção e à sinceridade, da parte devida a interesses mesquinhos de politicagem e a paixões nem sempre confessáveis. Pelo que já se tem feito, e pelo que se está fazendo, em bem da saúde pública, o povo sabe que o governo quer apenas salvar a cidade e o país do descrédito e da ruína. As medidas serão

rigorosas; mas ainda não se inventou o meio de curar uma gangrena com açúcar-cande, nem o processo de remediar um grande mal com o auxílio de contemporizações e adiamentos.

Não foi contra a utilidade e eficácia da vacina jenneriana que se levantou a campanha de oposição: são tão raros hoje os adversários dessa medida preventiva, que a sua opinião não devia nem podia pesar no debate. A oposição foi feita em nome do princípio de uma incompreensível liberdade, - liberdade, cujo reconhecimento seria o reconhecimento de uma anarquia irremediável. Cada um de nós terá talvez o direito de se matar, mas não tem, decerto, o direito de se expor, por birra e má vontade, a contrair uma moléstia, que, passando de indivíduo a indivíduo, dizima a população e desacredita o país.

Os que, como eu, vivem diariamente em contato com aglomerações consideráveis de crianças, sabem quanto é difícil, nas escolas públicas, obter, por bons modos, a vacinação e a revacinação dos alunos. O aparecimento do médico vacinador ocasiona um medo pânico indescritível. E, não raro, no dia seguinte ao da vacinação das crianças, as professoras ficam sujeitas às maiores ofensas, da parte de certos pais, que protestam, rugindo e descabelando-se, contra esse “escandaloso atentado á liberdade individual”.

Diante desses exemplos, não é difícil reconhecer que o governo carece de uma lei expressa e clara, em que se possa apoiar para acautelar a saúde pública. A última epidemia de varíola, ainda não extinta, veio mostrar que nem só a febre amarela nos dá a triste fama de cidade infeccionada...

O povo, com o seu bom senso e com a sua cordura, reconhece tudo isso. Não há de ser dele que há de partir a resistência: os que falam, ou supõe falar em nome dele, é que gostar de sacrificar o interesse público a pequeninos caprichos de vaidade e a histéricos pruridos de ambição.

Outra questão, que também já achei esgotada, foi a do “eixo da avenida”.

Não sei se a avenida está errada ou certa: nem posso dar opinião sobre o caso, porque tenho o hábito, para mim muito cômodo, de não tratar das cousas em que sou leigo. E parece-me que, se todos tivessem esse hábito, a vida perderia pelo menos metade das suas complicações, não haveria por aí fora tanta palavra perdida e tanta presunção mal empregada...

O que sei é que a Avenida está, de ponta a ponta, cheia de gente que trabalha e canta. Onde há trabalho e pão para os humildes, há felicidade para todos! E é esse, dos novos aspectos da vida carioca, o que mais me encanta e orgulha. Governar não é somente administrar: é também prover, é também dar trabalho aos homens válidos que precisam

ganhar o sustento diário com o suor do rosto. Dos lares pobres, onde hoje não mingua a comida, já não irrompe o coro de maldições e de lamento de há dous anos atrás. O que se está fazendo não é somente um bem para a nação: é também uma providência para cada trabalhador e uma alegria para cada família.

E basta isso para que eu pense que a avenida está certa...

E vou procurar o meu diploma.

O. B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 out. 1904. p. 1, 7. col.]

Crônica

Um motim! Aí está uma cousa de que a rua do Ouvidor já devia ter alguma saudade.

A velha rua de Aleixo Manuel não pode perder as suas tradições de via revolucionária: podem abrir-lhe no seio o largo rasgão da Avenida, podem calçá-la de tijolinhos coloridos e pelintras, podem modificar a fisionomia dos seus velhos prédios; o que não podem modificar é a alma vadia e ao mesmo tempo insolente que a ameaça, - alma de criança malcriada, nunca disposta a trabalhar e estudar, mas sempre disposta a protestar e a cometer desatinos. Todos os conflitos do Império e da República têm vindo acabar nesta viela insubordinada, que ama igualmente os namoros suaves e as arengas revolucionárias, os mexericos fúteis e as arruaças violentas, os préstitos carnavalescos e as cargas de cavalaria.

Francamente, se na minha qualidade de homem maduro e com responsabilidade, detesto os motins e as correrias, - como carioca, nascido nos domínios da Rua Leviana, eu ficaria um pouco triste, se a visse jamais convertida numa rua de inalterável bom senso e de monótona pacatez, dada somente a comércio e à chocalhice, ao passeio e à maledicência. Uma arruaça por ano – uma só! – não é cousa que arruíne as instituições e que abale o crédito da paz. O que é preciso é que essa arruaça seja alegre... e curta: vinte e quatro horas de berreiro e de briga bastarão, anualmente, para que a rua do Ouvidor conserve a sua reputação e mantenha seus foros, conquistados através de três séculos, de 1590 até hoje, à custa de tanto grito, de tanta pedrada, de tanta garrafada e de tanto tiro.

O motim de anteontem teve apenas uma originalidade, - a invenção de um novo grito sedicioso: “À Avenida! À Avenida!”.

Esse grito não teve a mesma significação daquele famoso: “A Berlim! A Berlim!”, que forma o estribilho do último capítulo de um romance de Zola. Não se tratava

aqui de tomar de assalto a Avenida – que, apenas nascida, ainda vagando infante, não pode cometer crimes que a apontem, como ré, à explosão da vindicta popular. O que o povo queria era apanhar as pedras soltas, que juncam o esburacado solo do *boulevard* inocente, para lapidar com elas os agentes policiais...

E é possível que tenha havido, nessa criação inconsciente de um novo grito sedicioso, um providencial benefício do Acaso. Até agora, já havia bastantes motivos para que se apressasse a construção da primeira das nossas avenidas: a necessidade de entregar ao comércio e ao trânsito uma cômoda via de comunicação, a conveniência de suspender as indigestões de poeira com que se desesperam o carioca, a urgência de dar emprego e renda aos capitais que ali se estão consumindo, - além de outros motivos, que dizem respeito à estética, e que não são os menos valiosos. Agora, porém, há um novo motivo de alta relevância.

A permanência daquelas montanhas de seixos e calhaus, a dous passos da rua das Arruaças, é uma ameaça constante para as vidraças das lojas e para as cabeças dos soldados. O grito *À Avenida!* pode ficar na moda, - e é deplorável que uma obra abençoada e fecunda, fadada a dar lucro material e moral a toda a cidade e a todo o país, comece a dar prejuízos à integridade craniana dos mantenedores da ordem pública, dando apenas lucro aos vidraceiros e aos negociantes de arnica e esparadrapo...

O motim, - os motins não se preocupam muito com a Lógica, - veio a acabar em protesto contra a lei da vacinação, mas tinha começado em protesto contra os pagodes do Conselho Municipal.

Este caso do Conselho Municipal não tem o mérito da originalidade. Todos os Conselhos Municipais iniciam a sua vida no meio de uma indiferença geral, e morrem no meio de uma execração também geral. Para os amaldiçoar na hora de sua morte, toda a gente tem cóleras e zelo; mas para os formar, para lhes dar vida, para lhes dar dignidade, escolhendo com interesse os seus membros, ninguém teve tempo nem boa vontade. Um Conselho Municipal é sempre aqui o resultado de uma eleição misteriosa e velada a que somente concorrem os candidatos, os empreiteiros da cabala, e os apaniguados, cujos serviços estão à disposição de qualquer ambicioso bem falante ou bem apercebido de dinheiro.

Ainda há poucos dias, nasceu um novo Conselho: o intendente mais votado teve 556 votos. Basta ter o pequeno trabalho de somar todos os votos apurados, para ver que esse Conselho representa apenas a vontade de 4.175 cidadãos; e só os deuses oniscientes

podem saber quanto defunto havia entre esses 4.175 eleitores, e quanta esperta maquinação de fraude se entremeteu na contagem e na distribuição dos votos!...

Diz-se que Péricles, antes de governar Atenas, tendo um dia concedido o seu voto a um governante que deu má conta do mandato, apareceu na *Àgora*, descabelado e soluçante, esbofeteando-se e amaldiçoando-se. “Que tens?” – perguntaram-lhe. “Tenho vergonha de mim mesmo! e é no meu próprio erro que castigo a incapacidade do homem que elegi.”

Nós, nem ao menos podemos fazer o mesmo, - porque quando há eleições, nem tomamos a responsabilidade de eleger os incapazes, e deixamos que eles se elejam a si mesmos. Depois, é que é a grita, é que é a maldição, é que é a fúria: e fúria, e maldição e grita não seriam necessárias, - se antes tivesse havido um pouquinho de zelo.

Parece, porém, que se esperam grandes remédios da lei da reforma eleitoral.

Não sei bem, se algum dia, alguém conseguirá inventar uma lei que extermine a fraude eleitoral... Mas, para que procurar dar cabo de uma tendência, que é profundamente humana? O que se deseja não é que todos os eleitores sejam puros, mas que todos sejam “eleitores de verdade”, - que vão votar, que assumam a responsabilidade da escolha dos seus dirigentes, para que depois tenham ao menos o direito de, como o velho Péricles, castigar no seu próprio erro a incapacidade dos eleitos. O que não pode é continuar é essa absurda e inconcebível existência de um eleitorado que não elege ninguém, para depois se queixar dos desmandos daqueles que a si mesmo se elegeram. Não é possível abolir a fraude? paciência! mas o que é revoltante é que continue abolida a nossa consciência de povo.

A lei eleitoral vai ser sancionada no dia 15 de novembro. A data foi bem escolhida: se dessa lei se obtiverem os efeitos esperados, quem lucrá com isso será essa extravagante República, em que todos querem governar e em que ninguém quer votar.

Creio que era Gambella quem dizia da República Francesa: “Esta República precisa de mulheres!” A nossa precisa também de mulheres; mas precisa, antes de tudo, de eleições.

Numa república sem eleições, não sei bem a quem fica reduzida a estafada definição de “governo do povo pelo povo”: a um regime como este caberia melhor a definição de “governo dos políticos pelos políticos”, pois que, de fato, são aqui os políticos que se elegem, ou antes, que se nomeiam uns aos outros, dispondo do poder como de coisa sua, e revezando-se no posto do comando, como os sócios de uma firma comercial se revezam na gerência...

Um telegrama recente dizia que o primeiro cidadão norte-americano que felicitou Roosevelt pela sua reeleição foi Parker, seu competidor no pleito. Roosevelt e Parker eram e são dous adversários dignos um do outro, dirigindo dous grandes partidos igualmente poderosos.

Roosevelt teve 7.900.000 votos e Parker 6.400.000... Assim, é lícito dizer que ambos saíram vitoriosos da luta, porque ambos representavam uma grande massa de aspirações do povo.

No Brasil todas as eleições presidenciais são unânimes. Por quê? Porque, em cada eleição, só aparece um homem capaz de governar o país? – não: porque não há em nós a energia para a luta, para a afirmação de uma vontade.

Dirão que, nos Estados Unidos, muitíssimos dos votos dados a Roosevelt e Parker foram comprados. Que tem isto? Antes vender o voto e ir votar, do que deixar o diploma esquecido no fundo da gaveta das recordações, entre as velhas cartas de namoro e as velhas contas prescritas. A venalidade é imoral, - mas ainda tem o mérito de revelar algum desejo de agir, de intervir nas cousas da vida, de “existir”; a indiferença é que é torpe, porque é a estagnação e a morte.

Jesus! que começo e que fim! – a *Crônica* principiou sorrindo e acabou doutrinando. Enfim, antes sorrir ou doutrinar, do que ir apenas apanhar as pedras da Avenida para rebentar crânios e vidraças...

O.B.

[BILAC, Olavo. *Crônica*. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 nov. 1904. p. 1, 7. col.]

Crônica

Se eu quisesse fixar aqui, resumidas e enfeixadas na *Crônica*, todas as tristes recordações que me ficaram desta abominável semana, toda esta página não bastaria para contê-las.

Quando há barulhos assim, costuma o povo dizer que o “diabo andou solto”... Ai de nós! o diabo, se existe, já não se vem perder pelos andurriais da terra, a perverter os corações e a complicar a vida: ele já nos ensinou tudo quanto podia ensinar, - e, se há algum nume perverso, que ainda nos arraste ao mal e à ruína, é um monstro bem humano e bem nosso: é o demônio da ambição, que se entoca em certas almas...

Mas algumas dessas recordações devem ser avivadas e escritas: não há desastre que não encerre uma lição, - e este pobre povo, que tem tantos insensatos no seu seio, não deve perder lições.

O que primeiro me entristeceu, naquela amargurada manhã de 14, quando já estava armado o motim criminoso, foi o aspecto da Avenida. Por ali viera, num tropel destruidor, o bando dos Pratas Pretas e dos Troviscos, ao serviço dos ambiciosos e dos retóricos, levando tudo de roldão diante de sua estúpida fúria.

Passando pela rua Senador Dantas, a alcatéia arrancara, torcera, espezinhara, destruíra todas as pobres árvores pequenas, que, ainda fracas e humildes, dentro de suas frágeis grades de ferro, só pediam, para crescer e dar sombra, um pouco de sol ao céu, um pouco de umidade à terra e um pouco de carinho aos homens.

Já com essa brutalidade sem nome, o bando feroz mostrava bem claramente a natureza do seu instinto e das suas intenções... Na Avenida, as suas vítimas foram os postes de iluminação elétrica. Árvores e luz, para que? para perfumar e purificar a atmosfera? para auxiliar, iluminar, animar o trabalho? mas o pântano só quer a podridão, e a alfurja só quer a treva: abaixo as árvores, e extinga-se a luz!

Quando cheguei à Avenida, ao meio dia, os operários, tendo em vão tentado resistir às ameaças das feras, recolhiam à pressa as suas ferramentas: as enxadas, as picaretas, os martelos caíam com sinistro fragor, dentro das arcas. Era o medo pânico do trabalho diante da calaçaria amotinada, era a fuga da civilização diante da barbárie vitoriosa. A tempestade soprara sobre as colméias, atirara-as por terra, onde as esmagavam as patas da matuta desenfreada: tontas e perdidas, as abelhas voavam em debandada; a rapina vencida a indústria; a ferocidade triunfava do labor; e havia naquele largo trecho da cidade, no ar e no chão, nas ruínas dos prédios, em tudo, - um tremer de aflição e de horror, como se até as cousas inanimadas compreendessem e amaldiçoassem a infâmia daquele atentado!

Depois, à noite, quando já, em outra esfera, se representava o último ato do drama, andei pela cidade, às escuras, na curiosidade sofredora de quem prevê uma catástrofe.

Como o teu coração pulsava na Terra, amarguradamente, minha pobre cidade!

Aqui e ali, de cinquenta em cinquenta metros, ardia um lampião: pelo bico arrebetado do combustor a chama jorrava, alta e espalhada, como a de um archote, dando clarões de incêndio às fachadas das casas; fora desses círculos de luz violenta, a escuridão aumentava pelo contraste; e, na escuridão, reboavam os passos da tropa, o estrupido dos cavalos, o fragor das carretas de artilharia, em marcha para o Catete. Todas as casas fechadas

se recolhiam na sombra e no susto; os raros transeuntes passavam, como fantasmas, aparecendo fugazmente numa réstia de luz e desaparecendo logo absorvidos pela negrura das ruas.

E eu perguntava a mim mesmo, embrutecido pelo espanto, que mágoa, que ressentimento, que receios, e que despeito puderam levar esta gente a um ato de tão completa insensatez, obrigando todo o Brasil a perder em um dia o que ganhara em quinze anos, revoltando-se contra um governo que só quer dar luz, avenida, saúde, árvores, limpeza, dignidade ao povo, dando trabalho aos que querem trabalhar, provendo os lares de pão, preparando a grandeza futura de uma pátria, que só ainda não é grande e bela por ser suja e despovoada.

Mas a minha pergunta não tinha resposta; e, pelo caminho que eu seguia, continuavam as tropas a passar aceleradamente em silêncio, no escuro, pela cidade deserta.

No Catete, guardando o Palácio, as baionetas e os tubos das metralhadoras reluziam. Todo o bairro, da Glória ao Botafogo, era uma vasta praça de guerra. E, na incerteza do resultado daquela aventura, sem saber se o governo venceria o motim, ou se os amotinados poderiam no dia seguinte dar com o seu triunfo um golpe de morte no prestígio e na reputação de todo o país, - apinhava-se a gente nas janelas de todos os prédios, - faces espantadas e pálidas, olhos fixos na tropa que esperava ordens...

Há quantos anos já, esse amaldiçoado espetáculo de uma revolta não comovia a cidade! Parecia que, enfim, aclamada a luta entre as ambições, o Brasil, sem inimigos fora das fronteiras, ia fazer o conagraçamento definitivo de todos os seus filhos, reunindo-os no propósito de salvar a nacionalidade da ruína, pelo saneamento das cidades, pelo povoamento dos campos, pela instrução e pela paz. Mas as ambições ainda viviam, - e é preciso agora recomençar todo o trabalho perdido.

Dez anos de governo civil teriam naufragado num desastre irreparável, se o homem que nos governa tivesse experimentado um minuto de desfalecimento. A esta hora já se aproveita contra nós essa prova de indisciplina. Poucos dias de agitação já bastaram para nos fazer um mal tão grande, que muitos anos serão necessários para remediá-lo. Que seria então, se a revolta vencesse, se alguns descontentes e alguns desordeiros pudessem forçar o Brasil a mudar de governo, com essa mesma tranqüila facilidade com que cada um de nós muda de camisa?

Não sei se os facínoras da Gamboa recebiam ordens dos chefes do movimento, - e se nessas furnas onde se enlham os *Ratos Brancos* e os *Bocas Queimadas* havia ciência dos planos que se urdiam em outro lugar. É provável que não. Aquela gente, para se

desencadear, numa tromba devastadora, pela cidade, não precisa de instruções nem de planos concertados. Ali há sempre navalhas afiadas e trabucos carregados, à disposição de todas as causas e a serviço de todos os padrões.

Em todas as cidades, existe esse exército do crime; o que não há, porém, em todas as cidades, é gente culta, inteligente, polida, civilizada, que dê à vermina humana o exemplo da desordem e da maluquice...

E não há também em todas as cidades, como há aqui, uma tão considerável massa de gente ignorante, não sabendo ler nem escrever, e sempre disposta, pelo seu analfabetismo, a ouvir e aceitar todas as desbragadas mentiras que os exploradores lhe impingem. Se esta cidade não estivesse cheia de analfabetos, ninguém lograria convencer a pobre gente ingênua das estalagens que o governo queria vaciná-la com caldo de ratos mortos de peste...

E aí estão os três elementos da desordem: a ambição dos que sabem ler mas não têm juízo, a ferocidade desocupada dos vagabundos e dos facínoras, - e a ingenuidade dos analfabetos, que, coitados, são sempre os menos responsáveis e sempre os que mais sofrem.

Se cada um dos ambiciosos matar dentro da própria alma esse demônio da ambição, que lhe envenena a vida, que lhe perturba o discernimento, e só sabe gerar pensamentos maus; se uma lei bem feita e bem aplicada, ainda que violenta, pudesse livrar a cidade desses bandidos que guarneciam o indecente *Port-Arthur* da Gamboa; se tratássemos já e já de decretar a instrução primária obrigatória, pondo a gente pobre e humilde a coberto da exploração dos que especulam com a sua ignorância, - nem haveria levantes militares, nem haveria *Port-Arthur* de sicários, nem gente bem intencionada mas inculta se amotinaria contra a vacinação... E todos e tudo lucrariam com isso, desde a gente que trabalha até a gente que governa, desde a limpeza das ruas até a nossa dignidade de povo, desde os inofensivos postes de iluminação pública e as pobres árvores até o crédito do país.

Semana, maldita, some-te, mergulha no grande abismo onde tudo cai, no abismo insondável do Tempo, onde há esquecimento para tudo, - para as ambições, para a ignorância, e até para a maldade consciente!

O.B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 nov. 1904. p. 1, 5. col.]

Crônica

Há três anos, mandava eu de S. Paulo, à *Gazeta*, uma *Crônica*, em que confessava o meu espanto e a minha admiração pelo progresso que fora encontrar na capital paulista. E, naturalmente, cotejando o que lá via com o que aqui deixara, escrevi palavras que não podiam ser de leite e ambrosia para o paladar do Rio de Janeiro...

Durante toda uma semana (e só durante uma semana, porque felizmente a tolice e perversidade têm fôlego curto) os carteiros do correio levaram-me punhados de cartas anônimas. Umas duvidavam da minha inteligência, outras da minha honestidade, estas me injuriavam, aquelas me cobriam de ridículo, quais demonstravam por $a + b$ a minha estupidez, quais perguntavam quanto eu ganhava para difamar o Rio de Janeiro, - e todas pareciam provir de pessoas convencidas da suprema beleza, do inexcelável asseio e da incomparável salubridade da capital da República.

A carta anônima é um desafogo natural e desculpável. Nunca uma carta anônima conseguiu irritar-me, porque sei que todos a recebem; e mal de todos consolo é. Dizia-me uma vez um amigo meu que a criação da carta anônima coincidira com a criação do mundo. E explicava: “No princípio era o Verbo. E Deus, depois de haver criado as águas, os céus e as terras, criou o Homem. E do Homem tirou a Mulher. E deu-lhes o Paraíso. Mas o diabo levou o Homem e a Mulher ao pecado, e escreveu uma carta anônima a Deus, dizendo-lhe que, se quisesse apanhar em culpa flagrante as suas criaturas, fosse a tal hora, em tal noite, espiar o que eles faziam na estância paradisíaca...” E aí está porque é que as cartas anônimas não me irritam: porque não hei de recebê-las eu, se até o Senhor Deus já as tem recebido?

Há três anos, os meus correspondentes encapotados acreditavam que era com satisfação que eu verificava a superioridade de S. Paulo: não percebiam que o meu coração de carioca sangrava.

A verdade é que a minha revolta era grande: eu não podia perceber como a pequena cidade de S. Paulo, muito menos rica e muito menos importante do que a do Rio de Janeiro, ganhava sobre esta uma tão incontestável supremacia de formosura e de higiene. Esse contraste entre S. Paulo e o Rio afligia-me ainda mais do que o contraste entre o Rio e Buenos Aires. Não se tratava já de duas cidades de origem diferente e de diferente fortuna: tratava-se de duas irmãs, filhas dos mesmos pais, falando a mesma língua, alimentadas pelo mesmo leite, animadas pelo mesmo sangue, e tão dessemelhantes na sorte: uma, pompeando em louçania e galas, indo a bailes e folguedos, arreada de alfaia e jóias – enquanto a outra, mísera Gata Borralheira, ficava, maltrapilha e descalça, na trapeira sólida, à espera de um príncipe encantado que não aparecia.

Ora, os tempos, felizmente mudaram. Apareceu à Gata Borralheira o príncipe encantado, que ainda lhe não deu equipagens de luxo, nem arrecadas de rubis, nem estemas de diamantes, - mas que já a arrancou da lama em que jazia, lavando-a e vestindo-a, restituindo-a à sua dignidade de mulher.

E já posso, sem inveja ou despeito, aplaudir a manifestação com que o povo de S. Paulo galardoou os serviços do seu prefeito. Já me não vexa o confronto do que há por lá com que há por aqui, - e tenho, ao contrário, o consolo de verificar que, relativamente, o trabalho daqui tem sido mais rápido, mais fecundo, mais difícil, e por isso mesmo mais admirável do que o de lá.

S. Paulo sempre teve uma população dócil e, ao mesmo tempo, orgulhosa: com bastante docilidade para se deixar governar sem revoltas, e com bastante orgulho para querer sempre suplantar as suas irmãs.

Com essas duas qualidades, concorrem lá circunstâncias várias, que facilitaram a campanha da regeneração higiênica e artística: a relativa exigüidade da área ocupada, a brandura do clima, a riqueza das produções, a independência dos recursos, - e a circunstância, entre todas propícia e benéfica, da fixidez da população.

Ao Rio de Janeiro faltaram todos ou quase todos esses elementos favoráveis. Nós sempre fomos um povo insubmisso e insubordinado; nunca tivemos o amor próprio bairrista, o chauvinismo do povo paulista; a cidade ocupa uma área de quase dous mil quilômetros quadrados, - toda ela mal traçada e mal edificada; o clima, áspero e acabrunhador, não permite o trabalho demorado; as rendas são escassas, e tinham sido comprometidas por administrações mal orientadas; e, sobre tudo isso, a população não é fixa: o Rio é, como nenhuma outra cidade do Brasil, ocupado por sucessivas caravanas comerciais, vindas de todos os países da Europa, fincando no solo as suas tendas, e levantando o acampamento, assim que os lucros são gordos, ou assim que uma crise social perturba o comércio.

E é preciso notar que há por aqui inevitáveis elementos de desordem, que estão bem longe de aproveitar à cidade. O Rio é o coração da República. Todas as perturbações da circulação vital do país aqui repercutem: toda a atenção de quem governa é pouca para atender aos perigos da atividade política, aqui concentrada. Todo o trabalho, para ser proveitoso, tem de se desenvolver numa atmosfera de paz e disciplina; e nunca há disciplina e paz nos lugares em que a presença e a sedução do poder reúnem todos os ambiciosos.

Tudo isso dificultava a empresa da regeneração do Rio; e, apesar de tudo isso, a regeneração já está quase feita, em pouco mais de dois anos de trabalho.

Ah! eu abençô todas as cartas anônimas, que os carteiros do correio me entregaram há três anos! Elas tiveram, para mim, esta grande vantagem: provaram-me que eu estava servindo à verdade, - porque só a Verdade costuma irritar desse modo os que não a sabem ou não a querem ver.

Quem viu o Rio, há três anos, maltratado e sujo, com os seus taciturnos jardins murados e sem flores, com as suas tristes vielas povoadas de cachorros vagabundos, e quem agora o vê, com as novas avenidas em via de edificação, com os jardins viçando, abertos e floridos, com as ruas alargadas e enchendo-se de edificações elegantes, com a variedade de novos tipos de calçamento adotados, - reconhece sem dificuldade que, neste curto espaço de tempo, muito mais se fez aqui, do que em S. Paulo num espaço de tempo três ou quatro vezes maior.

Os olhos humanos não têm memória vivaz. Os nossos olhos já se não lembram do que eram a Prainha, a rua Treze de Maio, a rua do Sacramento, a praia de Botafogo, - e principalmente do que era a praça da Glória, com aquele hediondo mercado, agonia dos meus dias, pesadelo das minhas noites, tortura e tormento da minha vida!

Daqui a pouco tempo, dentro de dois anos, quando a Avenida Central e a Avenida Beira-Mar estiverem concluídas; quando o Rio de Janeiro se encher de carruagens e de automóveis; quando começarmos a possuir a vida civilizada e elegante que Buenos Aires já há tantos anos possui, - também nessa época já nos não lembraremos do que era a nossa vida tediosa e vazia, sem teatros, sem passeios, de distrações limitadas à maledicência dos homens na rua do Ouvidor e à pasmaceira das senhoras nas janelas...

São Paulo faz bem em demonstrar a sua gratidão, glorificando o homem a quem deve, em grande parte, a sua beleza e a sua higiene.

Aqui, também os saneadores hão de receber um dia, em aplauso grato, o prêmio da sua corajosa dedicação, a que não têm faltado tropeços. A injúria e a calúnia, de mãos dadas, têm feito o possível (felizmente em vão) para perturbar a salvação da cidade...

Ah! também em S. Paulo, a admiração e o louvor não foram e não são unânimes. Diz-se que, durante a festa popular, houve uma distribuição de folhetins, em que se procura diminuir a glória do glorificado...

Não é possível governar, sem ferir interesses: e os interesses não são como os cordeiros resignados, que sofrem e morrem sem protesto. Ninguém pode administrar sem

criar descontentes: quando o número destes é menor do que o dos contentes, já o administrador pode, ultimado o trabalho, sentir esse doce consolo que vem da tarefa bem cumprida, mais valioso do que o esplendor passageiro das apoteoses.

O.B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 jan. 1905. p. 1, 8. col.]

Crônica

Todos os anos, a revista francesa *Les Annales Politiques et Littéraires* oferece aos seus assinantes um grande “número de Ano Bom”, cujo assunto é sempre de interesse universal.

Este ano, o fascículo-prêmio, abundantemente ilustrado, compendia e descreve *As cem maravilhas do mundo*, escolhidas de acordo com resultado de um plebiscito aberto pela revista entre os seus leitores. Cada concorrente indicou cem maravilhas, sendo vinte e cinco naturais, vinte e cinco de pintura, vinte e cinco de escultura e vinte e cinco de arquitetura. Realizada a apuração dos votos, a revista acaba de publicar a lista das “maravilhas” escolhidas: a da Natureza, mais votada, foi o Niágara, com 5.832 votos; a da pintura, a *Gioconda* do Leonardo da Vinci, com 7.854; a da escultura, a *Vênus de Milo*, com 5.358; e a da arquitetura, a Igreja de S. Pedro de Roma, com 9.872.

Para nós, brasileiros, o que há de particularmente interessante no resultado deste original plebiscito, é que também o Brasil forneceu o seu contingente para a catalogação das “cem maravilhas do mundo”...

Claro está que não poderíamos figurar em qualquer das seções artísticas do plebiscito. Não poderíamos ter essa pretensão, quando nem as nações da Europa conseguiram, com a sua pintura, a sua escultura e a sua arquitetura de hoje, disputar os primeiros lugares da classificação. Todas as obras de arte vencedoras são antigas, antiqüíssimas: a igreja de S. Pedro é do século XV, a *Gioconda* foi pintada por Leonardo no mesmo ano em que Pedr’Alvares descobriu o Brasil, e a *Vênus de Milo* tem mais de vinte séculos de idade e de suprema beleza.

Somente na seção das “maravilhas naturais” poderia haver lugar para o Brasil. A nossa “natureza” é, por ora, tudo quanto nos pode recomendar à atenção e à admiração dos povos: e não nos desgostemos com isso, porque, enfim, a beleza natural já é, para um país, um dote de alto valor, como a formosura já é, para uma mulher, uma das maiores, senão a maior das prendas apetecíveis...

E exultai, cariocas! a maravilha do Brasil, favorecida pela preferência dos leitores dos *Anais Políticos e Literários* foi... a baía da Guanabara, que obteve 3.422 votos, e foi classificada em 13º lugar, logo abaixo do Niágara, do Golfo de Nápoles, da Gruta Azul de Capri, do Himalaia, do Monte Branco e de mais sete maravilhas naturais.

Haverá, decerto, entre os que me lêem, alguém que não fique muito contente com a classificação, - considerando, com alguma justiça, que a baía do Rio é incomparavelmente mais bela do que a de Nápoles. Mas é preciso lembrar que a baía de Nápoles fica ali em plena Europa, a dous dias de viagem da rua Saint-Georges, onde a revista parisiense tem o seu escritório; ao passo que a nossa baía ainda é, para quase todos os europeus, uma espécie de mito, uma cousa do outro mundo, vagamente conhecida por informações...

E deixemo-nos de exigências exageradas: levantemos as mãos ao céu, porque o favor não é pequeno. A Europa poderia ignorar completamente a existência da baía do Rio de Janeiro... e ainda mais: a redação da revista parisiense poderia ter escrito, em baixo da gravura: “maravilha do mundo... e da febre amarela.” Desde, porém, que a incluíram no número das maravilhas, e que não caluniaram as suas condições de salubridade, creio que a minha velha e boa amiga Baía da Guanabara não se deve desconsolar, devendo, ao contrário, agradecer esse 13º lugar, - sem pensar na funesta influência do número 13...

Para acompanhar a gravura de cada uma das maravilhas escolhidas, a revista publica um trecho de escritor contemporâneo, vivo ou morto. A *Vênus de Milo* e a *Gioconda* aparecem emolduradas no ouro da prosa de Théophile Gautier; a gruta azul é descrita por Máxime du Camp; o palácio e o parque de Versailles são celebrados em um lindo soneto de Henri de Regnier.

Para enquadrar a fotogravura da baía da Guanabara, foram escolhidos alguns períodos de um artigo do Sr. Gaston Donnet, redator do *Temps* de Paris, que por aqui andou há dous anos.

O trecho é curto, e não trata propriamente da baía, mas da cidade. Vale a pena traduzi-lo na íntegra, para gáudio da gente indígena:

“O Rio de Janeiro é uma linda cidade, finalmente linda, que despreza as leis de equilíbrios, e zomba dos preceitos da geometria. Nasceu e cresceu à *la diable*: banha-lhe o mar os pés, e o resto do seu corpo ocupa as posições mais extravagantes. As casas se alcandoram pelos vértices das colinas, numa dança de tetos cor de rosa; escondem-se dentro

de recantos forrados de bambuais; descem, espriam-se, agrupam-se em pequenos aduare redondos, dispersam-se de novo, afastando-se, acompanhando as sinuosidades dos rochedos.

“Dir-se-ia que essas casas foram calhadas ao acaso, à toa, como sementes atiradas ao vento...

“Decididamente, eu lamento a sorte dos homens, que nunca hão de ver o Rio de Janeiro, e que, durante toda a vida, se contentarão com ir molhar a sua roupa de banho, uma vez por ano, nas praias de Royan ou de Sables-d’Olonne...

“Que casas! pequenas casas brancas, pequenas casas rosadas, - em pequenas ruas, em pequenas vielas, - diminutivos de vielas, - empedradas de calhaus pontudos, sem lajedos altos, de modo que as carroças invadem as calçadas, roçam as portas, e decerto esmagariam algumas dúzias de transeuntes por dia, se as lojas não estivessem abertas, e se esses pobres transeuntes não tivessem o supremo recurso, no momento do perigo, de cair dentro das barricadas de melaço ou de azeitonas, que há nas mercearias...”

É um lindo quadrinho, um perfeito instantâneo do Rio, não acham? Está bem fotografado nessas linhas o aspecto mais característico do Rio – o enxame inumerável das suas casinhas, subindo e descendo morros, cobrindo o Castelo, Santo Antonio, Paula Matos, Santa Tereza...

O que não é lisonjeiro é o título de “pequenas vielas, diminutivo de vielas”, dado às nossas ruas, - não é lisonjeiro, mas é verdadeiro, - e nem sempre a verdade pode andar de braço dado com o agrado.

Bem sei ainda que nenhum dos meus comunicipes foi obrigado a mergulhar “dentro de uma barrica de melaço ou de azeitonas”, para não ser feito em farrapos pelas rodas das carroças. Mas isso é somente uma figura de retórica, entre perífrase e hipérbole, de que o Sr. Gaston Donnet se serviu para bem frisar a angustura das nossas ruas.

Não tenhamos receio de confessar a verdade: até a bem pouco tempo (há dous anos) o único processo que conhecíamos para alargar as ruas, consistia em... estreitar as calçadas. Nas calçadas das ruas centrais, os peões só podem marchar a um de fundo. E, quanto ao sistema de calçamento sem lajedos altos, a observação também é justa: aí está a rua Gonçalves Dias, por exemplo, que não desmente a acusação do jornalista francês...

Eu, por mim, - e sou um carioca de vivo e melindroso bairrismo, - não vejo nessas curtas linhas do Sr. Donnet cousa alguma em que se possa fundar um ressentimento. Creio até que nunca houve escritor, nacional ou estrangeiro, que tivesse a felicidade de fixar,

em tão pequeno número de palavras, uma fotografia tão perfeita da cidade. Daqui a dez anos, já o viajante não obteria a mesma chapa fotográfica: o alargamento das ruas, dentro em pouco, há de tornar bem rara, para os peões, a necessidade de procurar abrigo “dentro das barricas de azeitona e de melaço”. Mas o que o Rio há de perder é o aspecto pitoresco de alguns dos seus morros, que, vistos do mar alto, como os viu o Sr. Donnet, parecem como cheios de bandos de aves, de plumagem multicolor, pousadas ao acaso, num descanso descuidado...

Enfim, não há, desta vez, motivo para queixas. O 13º lugar da classificação é honroso, as linhas do Sr. Donnet são agradáveis, - e sempre é consolador ouvir dizer, ou ler que a nossa amada baía é uma das maravilhas do mundo. Estou alegre!

E se houver algum carioca, que tenha a coragem de achar fútil e infantil a minha alegria, - que esse carioca apareça diante de mim: convocarei um grande *meeting* de indignação, e, à face do sol, entre as vociferações sagradas da turba, excomungarei o filho desnaturado de Sebastianópolis!

O.B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 jan. 1905. p. 1, 8. col.]

Crônica

- Que lindo dia, hein?
- Glorioso dia!
- E que frio!
- Uma delícia!
- E a chuva aplacou a poeira...
- E que céu! e que sol! e que frescura nas flores dos jardins!
- Como é bom viver!

Foi esse e, ainda é esse, e ainda será esse, por muitas semanas, o tom geral das conversas. O inverno, - este delicioso inverno carioca, que é a mais bela estação com que nos favorece a Natureza, - trouxe consigo uma espalhada e consoladora alegria – Valeu bem a pena ter esperado por ele: os últimos dias de calor foram como o Purgatório, que é a antecâmara do Céu.

Para gozar, sempre é preciso esperar. Os prazeres fáceis, que se apresentam por si mesmos, oferecendo-se sem provações preliminares, são os que menos agradam. Para que uma felicidade seja completa, é mister que seja esperada, desejada, ambicionada, suplicada.

Vede a transformação da cidade. Se, por um prodígio fenomenal, por um milagre impossível, o Rio de Janeiro amanhecesse um dia transmudado, sem vielas, sem

calçamentos esburacados, sem casebres feios, - e retalhado de amplas avenidas, coberto de palácios, esmaltado de jardins, teríamos uma surpresa entontecedora, mas não teríamos uma ventura perfeita.

A ventura perfeita só a teremos no dia em que, depois de dois ou três anos de trabalho paciente e progressivo, acabada a grande Avenida, concluída a encantadora avenida à beira-mar, terminadas as obras do porto, rasgadas as avenidas de Mem e Estácio de Sá, - virmos o resultado de toda a energia empregada pela administração pública nesse empreendimento colossal. A poeirada é espessa, daninha, sufocante, terrível... Mas, que quereis? é preciso sofrer um pouco, para poder gozar.

É por isso que os últimos dias de bravo e insuportável calor, com que se despediu o outono, foram abençoados: depois deles, é que podemos devidamente apreciar estes dias de suavidade sem igual, que são o encanto dos olhos e a alegria das almas.

Há ainda quem duvide da influência boa ou má que o estado da atmosfera possa escrever sobre as ações humanas?

Bastou que chovesse um pouco, e que se desfizesse a atrocíssima pressão atmosférica que oprimia todos os corações, e que a coluna termométrica descesse cinco ou seis graus, para que, nas colunas dos “a pedidos” da imprensa também baixasse o diapasão das ásperas disputas a que dá ensejo o trabalho de propaganda das candidaturas presidenciais. As injúrias escasseiam, as descomposturas mingnam, os agravos pessoais diminuem. Abençoada baixa de temperatura...

Também, felizmente, está próximo o termo da campanha. Daqui a pouco mais de dois meses, já a luta será inútil, porque já se saberá com certeza que candidato será o vencedor.

A mim, - como a todos os brasileiros que não fazem da política um meio de vida, - pouco importa que o novo presidente venha de S. Paulo, ou de Minas, ou do Rio Grande, ou da Bahia: o que eu desejo, o que todos os homens de boa fé exigem, é que apareça um candidato cujo programa de governo inclua a promessa de um certo número de providências que a nação reclama.

O governo passado cuidou da reorganização financeira; o atual cuidou do saneamento; - agora que esses dois problemas se podem considerar resolvidos, porque já nada pode sustar a sua solução, - urge que o governo futuro trate do terceiro problema vital da nossa organização de povo: a educação popular, a luta contra a ignorância.

Dos candidatos, ainda nenhum publicou a sua “plataforma”. O candidato que prometer encarar a sério o problema, comprometendo-se a obter do corpo legislativo leis e verbas com que possa difundir o ensino público, - esse terá o meu voto, e os votos de quantos sabem que o progresso de um povo não se mede pela extensão da sapiência balofa dos seus bacharéis, mas pela extensão da cultura intelectual da massa popular.

No seu livro, *A América Latina*, agora publicado, o Dr. Manuel Bonfim estabelece claramente o estado da questão:

“É espantoso, é monstruoso que, num país novo, onde toda a educação intelectual está por fazer, onde a massa popular é ignorantíssima, onde não há instrução industrial nem técnica, onde o próprio meio e os seus recursos naturais não são estudados, - é monstruoso que, num tal país, para um orçamento de trezentos mil contos, se reservem setenta e três mil contos para a força pública, e apenas *três mil e duzentos contos* para tudo quanto interessa à vida intelectual – ensino, bibliotecas, museus, escolas especiais, observatórios, etc! Haverá quem pense que: se a União não dispende fortes somas com a instrução pública, nem por isso esta se vê abandonada, e que os governos dos Estados concorrem eficazmente para desenvolvê-la. Ilusão; os Estados que mais gastam com este serviço são: o estado de S. Paulo, Rio Grande do Sul e o Distrito Federal. No Distrito Federal, - cidades e subúrbios – empregam-se em instrução primária, profissional e normal, 3.500 contos; em S.Paulo, todas as despesas nesse capítulo orçam por 6.000 contos, e no Rio Grande do Sul não chegam a 2.000 contos. Todos os outros Estados reunidos, não alcançam 13.000 contos. Resultado último: no Brasil, para uma população de 18 milhões de habitantes, todas as despesas públicas- Estados e União- com a instrução e cousas intelectuais, andam por 28 mil contos... É a outra cultura da ignorância como programa.”

Pois bem! é preciso que apareça um programa, capaz de contrariar e anular esse “programa de cultura da ignorância” de que fala o escritor de *América Latina*. O candidato, que apresentar esse programa, será o nosso candidato, - o candidato dos que verdadeiramente amam o Brasil.

Enfim! vai ter um termo a carnificina desumana e feroz, que ensangüenta e infama as terras e as águas da Ásia. Roosevelt, com o seu esclarecido tino de estadista, acaba de conseguir um armistício entre a Rússia e o Japão. Em Washington, os plenipotenciários vão [*****] condições de paz.

À jovem América [*****] esta bela missão humanitária [*****] provoca a reconciliação da [*****] Ásia anciã. Na briga [*****] é a neta quem representa [*****].

Será celebrada a paz? [*****] talvez não.

Mas já é uma grande e radiante vitória conseguir que os beligerantes, que até agora discutiam como feras rugindo e [*****] comecem a discutir como homens, falando e entendendo-se.

Que mais? mais nada... Perdão! Coquelin embarcou anteontem para o Brasil: é uma bela notícia com que se poderá fechar a *Crônica*. Mas a *Crônica*, antes de ser entregue ao prelo, quer enviar braçadas de flores a Henrique Chaves, que ontem recebeu uma prova brilhante do amor e do carinho de quantos com ele trabalham na imprensa.

O.B.

[BILAC, Olavo. *Crônica*. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18 jun. 1905. p. 1, 3. col.]

Crônica

Crônica... de que? Crônica de poeira! Nada mais há, nada mais existe, nada mais é, - no restrito e rigoroso sentido do *haver*, do *existir*, e do *ser*!

Poeira, poeira, poeira... Se aparecesse um Moisés, capaz de escrever o *Gênesis*, o *Beresith* da nova Rio de Janeiro, - esse historiador-profeta começaria deste modo o primeiro livro do seu *Pentateuco*: “1. – No princípio, Lauro e Passos criaram a poeira; 2. – e antes disso, a terra era vazia e vã, e vão e vazio era o céu; 3. – e, então, nada mais houve além de poeira; 4. – e os dous espíritos de Lauro e Passos andavam sobre as nuvens da poeira; 5. – e da poeira saiu a cidade radiante, a cidade cuja beleza é o maior louvor e a honra maior dos filhos de Mem de Sá.”

Oh! a poeira! – a poeira continua, perpétua, implacável, inexorável, feroz, ubíqua, oníqua, onímoda, onipotente!

Nas ruas vêde-a, que alcatifa as calçadas; que se levanta em nuvens, em bulções, em rodamosinhos, em torvelins; que acinzenta a verdura das árvores; que cobre de sujudice as fachadas das casas; que varre os bondes com o seu seco sopro terrível; que vos estraga em uma semana as roupas feitas para durar vinte meses!

Nas casas, vêde-a, que estraga os móveis e as alfaias; que torna imundos os livros e os linhos; que estraga o maquinismo dos relógios; que se entranha na tela dos quadros e na porcelana dos bibelôs; que salpimentea o bife que comemos e a água que bebemos! E, nas ruas e nas casas, é inútil tapar, com a mão ou com o lenço, o nariz ou a boca: ela entra por entre os dedos das mãos e pela malha do lenço, e tapa-vos as narinas, e entulha-vos a garganta, e abafa-vos, e sufoca-vos, e asfixia-vos, e mata-vos! Oh! poeira!...

Já sei, - e já isto foi escrito, - que esta poeirada está estrumando o terreno, de que há de brotar a nossa glória. Entre tantas invenções, que se tem feito do meado do século passado até hoje, invenções que são verdadeiros prodígios do engenho humano, - não aparece (e provavelmente nunca aparecerá nos séculos futuros!) esta invenção: - o meio de fazer uma omelete sem quebrar pelo menos um ovo. Quero dizer: toda a conquista tem de ser previamente paga com um sacrifício: e não há meio de modificar a cidade, deitando abaixo casebres e construindo palácios, sem levantar essa poeira assassina...

Mas...

Mas quantas vidas vamos sacrificar nestes três ou quatro anos mais próximos!

Há dias, conversava eu com um médico à hora que precede o crepúsculo. As janelas abertas davam para uma das ruas mais tumultuosas da cidade. Uma faixa de sol entrava, como uma barra de ouro luminoso, retalhando o gabinete, e indo esbater-se no chão: e havia nela um polvilhamento de fogo, um mundo infinito de corpúsculos, que nadavam na chama ofuscante, palpitando e fulgindo.

- Como é belo isto! – exclamei – quanta vida está vibrando nesta réstea de sol!

O meu amigo médico teve um sorriso indulgente:

- Quanta vida, não! quanta morte é o que você deveria dizer!

E continuou, apontando a fita flamejante:

- Sabe você o que há naquela fulguração? há a gripe, a pneumonia, a tuberculose, e uma quantidade imensa de moléstias ferozes. Diz-se que, quando respiramos o ar atmosférico, estamos respirando a vida... Nem sempre: às vezes, estamos respirando a morte. Este polvilhamento de fogo é realmente bonito... mas, justamente, as cousas mais bonitas são sempre as cousas mais perniciosas. O misterioso e incompreensível Agente que rege a vida tem a perversa preocupação de mascarar, sob os mais risonhos e encantadores aspectos, as mais torpes origens da Desgraça – Isto é bonito, mas é terrível!

- Mas, neste caso, - atalhei – esta poeira que enche atualmente o Rio de Janeiro é a nossa ruína!

- É a nossa ruína... provisória e passageira. Você verá, - se não morrer, - como as moléstias das vias respiratórias vão matar gente por aqui, enquanto durarem as obras da transformação da cidade!

- Naturalmente! a poeira está carregada de micróbios!

- Oh! os micróbios não me assustam. São raros os micróbios que resistem à ação prolongada deste nosso benéfico sol carioca. Ao cabo de duas ou três horas de soalheira

purificadora, quase todos morrem... Mas o que faz mal é a ação mecânica de todo este pó dentro do pulmão, enchendo, secando, irritando o tecido orgânico. .. Você compreende que o pulmão, para se alimentar, precisa de ar, - mas unicamente de ar; não precisa dessa quantidade pavorosa de impurezas que sobrecarregam atualmente o ar no Rio de Janeiro. Olhe bem esta faixa de sol: há aqui vegetais, animais, minerais; todos os reinos da natureza estão representados nesta barra luminosa que você acha bonita, e que eu acho horrível. O próprio calor do sol mata os organismos que aqui existem: mata-os, mas não os destrói. Todos eles entram pelo seu nariz e pela a sua boca, e queimam todas as suas mucosas e arranham todo o seu tecido pulmonar!

- Então, - exclamei, aterrado – a reconstrução do Rio de Janeiro é um crime!

- Não, meu caro, não é um crime: é uma necessidade, é um benefício. Há um meio de evitar todas ou quase todas as desgraças que podem vir da abundância de poeira. Não podemos suprimir a poeira, mas podemos fixá-la no chão, - por meio da água!

- Por meio da água! Aí está o remédio, aí está a solução...

- É absurdo, é monstruoso, é imperdoável que, ao lado de um serviço tão bem organizado de demolições e de reconstruções, não se tenha organizado um serviço de irrigação das ruas.

É fácil prever a objeção: não há água!

Como não há água? sempre há água, quando há boa vontade. O Rio de Janeiro não é um trecho do Saara...

E, se não há água doce, há a água do mar!

Dizem que a água do mar é perniciosa, porque custa a secar, e porque gera mosquitos, e porque... não sei mais o que. Histórias! Tudo é preferível a esta lenta e constante asfixia a que estamos submetidos!

O.B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25 jun. 1905. p. 1, 3. col.]

Crônica

Não sejamos, sincera ou fingidamente, insensíveis. Interrompa-mos, por um momento, o coro de louvores justíssimos com que estamos saudando e exaltando a transformação da cidade, - e reconheçamos que há no aspecto atual das nossas ruas uma tristeza, um ar de infelicidade, um tom de mágoa que devem merecer algumas palavras de compadecida simpatia. Não gastemos todas as forças da nossa alma em amar e celebrar a

cidade nova que está surgindo, - e reservemos um pouco de emoção para a morte da cidade velha!

O Rio de Janeiro era como um imenso castelo de cartas, - desses que as crianças costumam construir sobre a mesa, à hora em que a família, depois do repasto, ocupa a doce intimidade do lar com a palestra suave, em que todos os corações se mostram e falam...

As mãos inábeis, juntando as cartas do baralho, encostando os ouros aos paus, equilibrando as copas sobre as espadas, vão levantando pouco a pouco a frágil construção, aprumando as muralhas, edificando os andares, firmando as torres e os mirantes: quando uma ala do castelo fica pronta, começa a dispor-se a estrutura de outra; e, em breve, graças a um largo e paciente esforço, toda a fábrica resplandece, acabada e bela. Falaz acabamento e enganadora beleza! a mão travessa de uma das crianças sacode uma das cartas da base, - e toda a construção maravilhosa vem abaixo, de roldão, amontoada em ruínas...

A mesma coisa aconteceu nesta feia aglomeração de casas pobres, que era a nossa velha cidade. A primeira pedra deslocada descolou todo o conjunto. As primeiras casas demolidas deixaram ver o caruncho e o desmazelo das outras. E, como a um sopro destruidor, ruas inteiras, bairros compactos aluíram. O vasto corpo da cidade parece o vulto de um cadáver exposto, em pedaços, sobre a mesa de um anfiteatro de anatomia, depois da dissecação: falta-lhe aqui um naco do peito, ali um braço, ali um pé, ali uma lasca do ventre, ali um fragmento do crânio. A urbs de Mem de Sá, amputada, retalhada, espostejada, sangra poeira de barro e caliça por todos os lados...

Ninguém mais do que eu aplaude essa obra de destruição, porque ninguém mais do que eu reconhece a sua necessidade. Mas, que quereis? tenho no fundo da alma uma estratificação de velho sentimentalismo, em camadas resistentes e fortes...

Há pouco tempo, vi cair na rua da Uruguaiana, a casa em que nasci; depois, vi cair, na rua da Assembléia, uma casa triste e escura, em cujo sótão se abrigou durante alguns meses a minha mocidade boêmia; e, há bem poucos dias, passando por uma rua longínqua, assisti ao começo do desmoronamento de uma certa casa pequenina onde... Mas nem quero avivar a crua saudade que esta recordação me traz!

Ora, todos ou quase todos os cariocas, nascidos e criados nesta boa cidade, devem estar vivendo, como eu, dias de infinita melancolia, - ao assistir à queda e ao desaparecimento dessas casas anciãs, onde viram o primeiro raio de luz, onde passaram a sua meninice, onde foram felizes ou infelizes. Cada um desses prédios é para muitos de nós todo

um universo de lembranças que se aniquila: no rolar dessas pedras, no desabar dessas muralhas, no tombar dessas telhas, gemem vidas inteiras que resistiram à morte, fixando-se aos lugares em que se expandiram, e que se desfazem agora em poeira e em nada.

Daqui a dez anos, já nenhum de nós sentirá a amarga melancolia de hoje: os nossos olhos e as nossas almas já se terão acostumado à nova natureza e ao novo aspecto das coisas, - e só conservaremos na memória ingrata uma reminiscência vaga e esbatida da cidade morta, indecisamente diluída entre névoas como um sonho remoto.

O momento doloroso e duro é o atual: a cidade já não é a mesma e ainda não é outra; há um crepúsculo de transição, crepúsculo espalhado e longo, entre as duas fases da vida urbana; - e algumas casas ainda de pé, mas com a fachada demolida, mostrando lá dentro a disposição das salas e das alcovas, onde os olhos de quem as habitou ainda reconhecem o lugar e a marca deixada pelos móveis familiares, - têm o aspecto lamentável e trágico de santuários violados...

E há ainda uma outra causa de melancolia e tristeza, nesta demolição de prédios: é a lembrança dos atropelos, das angústias, das aflições em que se vê a gente pobre, obrigada a mudar-se da noite para o dia.

A mudar-se, para onde?

As casas novas, que estão aparecendo como por milagre, rebentando quase instantaneamente do seio da cidade, - seriam miseráveis albergues para os Rotschild, para os Rockfeller, para os Pierpont Morgan: mas, para a gente humilde, que vive do parco produto do suado trabalho das suas mãos, essas casas são verdadeiros palácios maravilhosos, solares radiantes, alcáceres de inatingível luxo, que essa gente nem em sonho se atreve a cobiçar.

Para onde levarão os pobres os seus trastes, modestos mas queridos, os tristes cacarecos que são toda a sua fortuna?

As casas, que as picaretas estão demolindo, eram justamente as únicas em que, pela modicidade do aluguel, se podiam aboletar os trabalhadores. Em que ponto da cidade vai essa multidão procurar um teto, à cuja proteção confie os seus penates sagrados?

Há uma grande comissão nomeada para resolver o problema das habitações operárias. Mas essa grande comissão, com toda a sua grandeza, só tem feito até agora o que costumam fazer todas as comissões: tem falado, e tem feito falar de si. E os casebres vêm abaixo, - e os míseros operários, à hora em que deixam o trabalho e regressam à casa, não sabem se ainda irão encontrar os filhos à sua espera, no remanso do lar intacto, ou se os irão

encontrar na rua, ao lado dos trastes desalojados, sob o único abrigo do céu indiferente, sob o sorriso luminoso das estrelas escarninhas...

Suponho que as duas são as principais causas que demoram a solução do problema: a escolha do local em que devem ficar situadas as habitações operárias, e a escolha dos recursos pecuniários de que é preciso lançar mão. Mas, quando se trata de resolver um tal problema, de tão vasta e sagrada importância essas duas causas de demora são de uma futilidade irritante e criminosa.

O local? – mas as duas margens do leito da Estrada de Ferro, pela imensa extensão da zona de subúrbios, podem abrigar uma infinita colméia humana. O dinheiro? – mas emita-se, cunhe-se, invente-se esse dinheiro sem hesitação! esse dinheiro não será despejado à toa! esse dinheiro frutificará em vidas, em trabalho, em civilização, em glória da nossa terra, em orgulho da nossa raça, - porque aniquilará a tuberculose, a miséria, a fome, os crimes, todas as moléstias físicas e morais, todas as epidemias corporais e sociais que nos afligem e desonram!

Mas parece que ainda há hesitações... E fala-se em arrasar todo o morro do Castelo... Arrase-se o morro, - que já há muitos anos devia ter sido arrasado! mas, antes de arrasá-lo, digam-me, pelo amor de Deus, para onde se há de mudar toda a gente que o habita, - gente que é tão gente como nós, e que, como nós, tem o direito de possuir uma casa, um lar, uma família, e uma vida!

Ah! nem tudo é beleza e encanto nesta lufa-lufa benéfica em que se vê a cidade!

Os hinos de louvor são justos: mas também deve haver lugar para um pouco de melancolia, - porque as causas de melancolia são muitas...

O.B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 ago. 1905. p. 5, 3. col.]

Crônica

- Tens muito a fazer, leitor amigo?

- Nem por isso! Andei numa roda viva de banquetes, de bailes de salões, de sessões solenes, e estou descansando.

- Se queres, vamos escrever juntos, em colaboração, a crônica desta semana...

- Como?

- Conversando. Conversando pacificamente, sem abuso de retórica, com a perna traçada [sic], fumando, tomando café.

- Conversar bem é difícil!

- Sim! saber conversar é um segredo, é uma aptidão especial que nem todos possuem. Assim, o Medeiros...

- O Medeiros vai amanhã conversar deliciosamente com o público!

- Tens então gostado das conferências?

- Muito. Tenho gostado, em geral, de tudo quanto tem havido ultimamente no Rio de Janeiro, - excetuando, está claro, a poeira...

- A poeira há de acabar!

- Há de acabar como tudo acaba, como acabou o Congresso Latino, como está acabando a febre amarela, como há de acabar o mundo!

- E como há de acabar este abominável costume de brigar e armar conflitos por causa das companhias líricas. Porque é que só no Rio de Janeiro a Harmonia há de ser mãe da Desarmonia? Mas, vamos às conferências! Tens gostado?

- Muito. Confesso que não tinha grande confiança no êxito da tentativa... Conferências literárias? e com lugares pagos? – cheguei a recear que a cousa degenerasse em fiasco!

- A idéia não era nova: já tinha sido posta em prática...

- Sim! em Paris...

- Em Paris? Em Paris, em Londres, em Berlim, em toda a parte... A propósito: ainda agora, folheando um volume de Teófilo Braga, encontrei uma nota interessantíssima. Aqui está o volume... aqui está a nota... É a transição de um *anúncio* que vem no nº. 122 da *Gazeta de Lisboa*, do ano de 1796... Ouviste bem? 1796! Há cento e nove anos! Diz o anúncio: “O Dr. Talassi, poeta ao atual serviço de Sua Majestade, dá esta noite uma *academia* de Poesia Italiana *de improviso*, numas casas que ficam defronte de quartel general britânico; os bilhetes de entrada são de 1\$600 réis.”

- Hein? mil e seiscentos réis? em 1796! mas, mil e seiscentos réis desse tempo valeriam hoje uma fortuna...

- Creio bem! não sei se haverá aqui um erro de cópia ou de revisão... Mas a cousa cá está escrita e impressa. Em todo o caso, pouco importa o preço dos bilhetes; o que importa é o fato: já em 1796 havia em Lisboa palestras literárias em que o público pagava a entrada.

- Seja como for, a idéia foi admiravelmente acolhida no Rio. E isto é uma prova de cultura.

- Leitor amigo, nunca houve quem duvidasse da cultura do Rio. Podes ter a orgulhosa certeza de estar vivendo na cidade mais inteligente da América do Sul!

- Assim fosse ela mais limpa e mais bela!

- Será! Material e moralmente, o que nos tem faltado até agora é o estímulo. Conheces a anedota do Preguiçoso que morreu de fome? O Preguiçoso, não querendo trabalhar, e nem ao menos tendo a coragem necessária para levar a comida aos dentes, foi deitar-se debaixo de uma macieira, abriu a boca, e esperou a queda de um fruto; a macieira teve pena dele, e piedosamente lhe jogou uma maçã dentro da boca; mas o malandro, ainda, assim, não quis ter o trabalho de mastigar a maçã, - e morreu de inanição... Com tal preguiça, não há vida possível, leitor amigo! Mas o Rio de Janeiro sacudi a sua preguiça. Estás vendo? o progresso não é só material: é moral também. Limpam-se as ruas e limpa-se a gente. Alarga-se o âmbito povoado da cidade e alarga-se a ambição intelectual do povo. Que revistas de arte possuíamos nós antigamente? Hoje, possuímos quatro ou cinco... O movimento literário acompanha o movimento industrial e comercial. O luxo e o bom gosto aliam-se à beleza e ao conforto. Daqui a pouco, todas as tardes, verás uma fila imensa de automóveis e de carruagens particulares cortando a cidade, num longo préstito, do extremo da Prainha ao extremo do Botafogo.

- Tens razão, cronista! também os jardins públicos não eram freqüentados!

- Porque eram feios, gradeados, fechados, escuros, lúgubres, funerários. Não eram lugares para passeio: eram retiros para suicídio!

- E vamos ter dous teatros na praia de Botafogo!

- E sabes o que será um deles? Aqui está a notícia: “A Prefeitura Municipal abriu concorrência para a construção de um teatrinho de *Guignol*, em Botafogo, no ponto mais pitoresco da Avenida Beira-Mar...”

- Um teatrinho de *Guignol*? Parabéns às crianças! Além de escolas, teatro...

- Parabéns às crianças! Já estiveste em Paris? Lembras-te dos Campos Elíseos?

- Se me lembro! Quem já viu uma vez, em Paris, nos Campos Elíseos, as reuniões de crianças diante dos teatrinhos desse gênero, nunca mais esquece o encantador espetáculo da multidão de cabecinhas formosas, extáticas, atentas ao desdobrar das peças ingênuas em que o Arlequim sempre acaba por enganar e sovar a polícia...

- O *Guignol*, em Paris, é uma instituição!

- Uma verdadeira instituição! Levar as crianças parisienses ao *Guignol* é dar-lhes um alto prêmio, uma recompensa deliciosa, um gozo magnífico; e privá-las desse prazer é dar-lhes o mais rigoroso e cruel dos castigos. E, todas as tardes, cercando os grupos infantis, que se divertem e deliram de alegria com o namoro e a briga de Arlequim e Colombina, há ali grupos compactos de gente madura ou velha, contemplando com enternecido carinho a explosão do contentamento comunicativo das crianças!

- Pois graças à espantosa e onímoda atividade do nosso Prefeito, - um homem que realiza o milagre de inventar tempo para tratar simultaneamente dos mais diversos e desconstruídos problemas, - também as crianças do Rio de Janeiro vão ter o seu *Guignol*. Se, para tornar concorrida e animada a Avenida de Botafogo, ainda fosse necessário outro elemento de vida além da beleza do sítio e do esplendor do mar, bastaria esse teatrinho, que vai ser o chamariz e o encanto da pirralhada.

- De modo que o Passos, a quem alguns proprietários retrógrados e alguns contribuintes recalcitrantes dão o duro nome de *papão*...

- ... vai receber das crianças o doce nome de *papai*!

- O nome de *papai*, não! o nome de *vovô*, que ainda é mais carinhoso! E basta de conversa, senhor cronista! São horas de jantar... Até logo!

- Até logo, no *Lírico*, que é o *Guignol* da gente grande!

O.B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 27 ago. 1905. p. 5, 3. col.]

Crônica

As casas velhas...

Não há meio, atualmente, no Rio de Janeiro, de evitar este assunto. As casas velhas, que abrigaram a nossa vida, as nossas paixões, as nossas alegrias, os nossos sofrimentos, não querem desaparecer em silêncio e em paz, sem negociação, como cousas insignificantes.

Algumas só vêm abaixo depois de discussão feroz e de processos violentos, depois de prolongados e acesos bate-bocas entre advogados e engenheiros; outras não esperam o primeiro ataque das picaretas, e, preferindo o suicídio ao assassinato, deixam-se cair antes do tempo, - como essa, que, há poucos dias, na rua Direita, esmigalhou e matou debaixo dos seus escombros uma mulher e uma criança...

Somente agora se vê o que era e o que ainda é esta cidade. Em todas as ruas que a Prefeitura está alargando, amontoam-se de um lado e de outro as vigas, os caibros, as

tábuas imprestáveis. Todo esse material está podre, comido pelo cupim, devastado pela umidade, devorado pelo tempo. Cada uma dessas ruas é um atestado vivo da ancianidade e da doença senil das casas que habitávamos, - e, ai! de nós! das casas que ainda habitamos. E a impressão de quem examina tais ruinarias é uma impressão, ao mesmo tempo, de alívio e de susto. De alívio, porque a gente pensa, com prazer: “as casas que eram construídas pela reunião de todas estas tábuas podres, já não hão de cair em cima de nós!...”; e de susto, porque uma dúvida vem logo assaltar o nosso espírito: “quem sabe se não estarão igualmente corrompidos e tábidos, igualmente comidos dos bichos e prestes a desabar, os tetos que abrigam as nossas famílias, o nosso trabalho, o nosso sono, a nossa vida?!”.

Porque, às vezes, a gente pensa que está ocupando uma casa bem construída, bem sólida, bem segura, - quando verdadeiramente está vivendo debaixo da iminência de uma catástrofe tremenda. Também aos prédios se pode aplicar o nosso velho brocardo: “quem vê cara não vê coração”. A casa da rua Direita, que aniquilou duas existências, - a de uma pobre senhora que trabalhava, e de uma pobre criança que folgava e ria, era uma casa belo aspecto: ninguém imaginaria, ao vê-la, com sua aparência de prédio feio mas sólido, que ela fosse uma inválida, uma aleijada em via de desmoronamento.

Também alguns proprietários de prédios conhecem os artifícios da “maquiagem”. Há artistas para toda a espécie de falsificações...

Há mulheres e homens; que, graças ao emprego de várias tintas, de vários cosméticos e de vários enchimentos, fingem a mocidade que já se perdeu de tudo nas brumas do passado. Dessas criaturas, a gente vê apenas a fachada. E é apenas, também, o que se vê de certas casas...

Alguns lambrequins de zinco ou pau, alguns ornatos de gesso, convenientemente pintados, podem dar à fachada de uma tapera a aparência de um palacete. E quem vai morar num desses prédios, deixando-se seduzir somente pelo seu aspecto exterior, sem verificar o estado das suas vigas e dos seus caibros, - é tão imprudente como quem casa, por procuração com uma senhora a quem só se conhece de longe, através do espaço e do tempo, por informações de terceiros, ou pelo testemunho suspeito de um retrato...

Felizmente, uma consideração deve tranquilizar as nossas almas aterradas: a Prefeitura está dando cabo de todas as casas velhas, - matando-as, antes que elas se lembrem de matar os seus habitantes. Já é um consolo!

Das casas velhas para as casas novas, - o salto não é largo. Falemos também um pouco das novas.

Quantas são? são mil, duas mil, talvez mais. Vão surgindo, como por milagre, com uma rapidez espantosa, - quase com a mesma extraordinária facilidade com que, depois das grandes chuvas, surgem os cogumelos da terra mofada dos quintais e dos jardins. São mil, duas mil, talvez mais, - na rua da Uruguaiana, na formosa avenida do Acre, na rua Marechal Floriano, - sem falar das que já se elevam, ladeando a Avenida Central. Algumas são feias; muitas, porém, são bonitas; e, quanto à sua solidez, deve ser perfeita, - porque, atualmente, os engenheiros da Prefeitura não dormem.

Não é da sua solidez, nem da sua beleza que desejo tratar; é, sim, da falta de inteligência com que quase todas as casas do Rio são projetadas e construídas.

Já há muitíssimos anos, o velho Porto Seguro, o nosso bom Warnhagen, criticando a arquitetura das casas do Rio de Janeiro, estranhava que “do uso dos pátios com repuxos e dos [****] ou [****] se não houvesse alguém lembrando, como mais a propósito para o nosso clima...” Warnhagen dizia isso da velha cidade, da cidade colonial, que começou a ser edificada na segunda metade do século XVI; e o mesmo diria ele, com igual razão, se por um prodígio ressuscitasse agora, e pudesse ver a nova cidade que estamos edificando na primeira metade do século XIX, - quase três séculos depois! Dessas mil, duas mil, ou mais casas novas, que por aí vão surgindo, quantas possuem os pátios mouriscos e os terraços espanhóis, cujo uso o amável cronista aconselhava? creio que nenhuma...

Ora, justamente agora, um dos últimos números de *La Revue* (15 de agosto) publica, com o título *Air et lumiere*, um pequeno artigo, do qual é conveniente e proveitoso traduzir alguns trechos: “É inegável que, nas grandes cidades da Europa, vivemos em luta declarada contra a higiene, e em completo desacordo com os seus preceitos. Todas as nossas casas têm pouco ou pouca luz. Em Berlim, começa agora a fazer-se uma revolução na arquitetura. Imitado e copiando as edificações argelinas e orientais, alguns proprietários berlinenses estão mandando construir casas, cujos tetos são substituídos por amplos terraços acessíveis a todos os habitantes. Os habitantes podem assim (sem aumento de preço de aluguel) gozar dos benefícios do de um banho de ar, de luz, de sol, ou de frescura, conforme a hora e a estação: com algumas plantas, esses terraços são, durante o estio, verdadeiros jardins suspensos, onde as crianças, sem sair de casa, encontram local para os seus folguedos e correrias... É uma inovação, que devemos assinalar...”

Ai está! Nas cidades do norte da Europa, onde a época do verão é curtíssima, já se adotou aquilo, contra cuja falta Warnhagen protestava, - aquilo que os nossos maiores não adotaram, apesar dos exemplos e das lições que lhes deram os árabes, que nós continuamos a não adotar, apesar de todas as nossas fumaças de gente moderna e civilizada...

Casas velhas e casas novas, - não tenho mais tinta, nem mais papel, nem mais espaço que vos possa dar. Este fim de crônica pertence à batalha de flores.

Batalha de flores! – que singular e cativante antítese há no consórcio dessas palavras! Deus nos dê sempre dessas batalhas ridentes e perfumadas... E dê-nos, ainda, hoje, um claro dia triunfal, um dia magnífico, de sol, de céu azul, de terra enxuta, - um dia de glória e de beleza, digno da formosa festa que vamos ter!

O.B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17 set. 1905. p. 5, 4. col.]

Crônica

C'était le jour des morts... Une froide bruine

Au bord du ciel rayé, comme une tranche fine

Pendait sés filets gris...

Esses versos de Théophile Gautier bailavam-me na memória, enquanto eu subia a ladeira da Misericórdia, em direção ao alto do morro do Castelo.

Não vem a pelo dizer o que me levava ao morro ancião... basta dizer que era dia de Finados, que um céu de chumbo, prenhe de água, pesava sobre a cidade, “que lá em cima peneirava uma garoa fina e triste”.

Quando me vi no alto, defronte da velha igreja de Santo Inácio, quase esquecera o que ia fazer. Aquele cenário melancólico, - o céu feio, os edifícios arruinados, como roídos de lepra, - tudo aquilo me empolgou a alma: e fiquei parado, olhando tudo com um largo olhar de despedida, - porque tudo aquilo vai desaparecer.

No alto da torre quadrada, revoavam andorinhas; a umidade porejava naquelas paredes que têm mais de três séculos de idade. De um lado, levantava-se, entre a torre e a porta do Observatório, a fachada esborcinada da igreja; do outro lado, derramava-se pela encosta a feia construção da casa dos jesuítas, de teto arruinado, sobre as janelas de vidraças quebradas, que parecem mirar a gente com a fixidez sinistra dos olhos dos cegos.

E, lá em baixo, sob o céu carrancudo, estendia-se o mar quieto, de águas sem brilho, adormecido na tristeza da tarde chuvosa, como uma larga planície de estanho baço.

A garoa aumentava. Alguns cães, tiritando, magros, de cauda encolhida, farejavam a grama. Uma preta velha, de carapinha alva, veio recolher à pressa uma roupa esfrangalhada que estendera junto ao muro do Colégio...

Não sei quantos minutos ali estive, olhando a igreja e o mar. Sacudi-me, reagi contra a melancolia que me dominava, e fui ao meu destino, - enveredando pelo labirinto de ruas em declive, esburacadas, entre ruas cambaleantes e tortas.

A cada passo, um rápido olhar, lançado através de uma porta, vinha revelar-me aspectos novos de uma vida de trabalho e miséria. Pátios de estalagens, inundados de água de sabão; quintais cheios de crianças nuas e sujas rolando no chão, entre galinhas arrepiadas; oficinas escuras em que trabalhavam homens calados, cosendo sapatos, soldando caçarolas rebentadas, martelando tábuas; casebres imundos, onde madraços dormiam, sobre esteiras negras, de boca aberta, cozinhando a aguardente; poiais em que se estatelavam, numa modorra vaga, mulheres maltrapilhas, fitando as pedras da rua com um olhar idiota; quitandas repugnantes, botequins tresandando a cachaça e suor, tascas de onde saía um bafo asqueroso de gordura e de azeite queimado...

Eram, a cinco minutos da Avenida, uma terra e uma gente de outra raça, de outra época, de outra civilização. E, àquela hora em que os cemitérios da cidade se enchiam de visitantes, eu tinha a sensação de estar visitando também um cemitério, - um cemitério de vivos.

Enfim, depois de um insano trabalho, descobri a casa e o homem que buscava e desandei o caminho andado, voltando a palmilhar aqueles duros calhaus do calçamento primitivo. Agora, cessara a ameaça de chuva. À porta de uma estalagem, um caboclo reforçado, em camisa de meia, tangia a viola e cantava; por cima e atrás dele, a parede inclinava-se, rachada, formando uma grossa barriga, como se fosse cair e esmagá-lo; mas, junto desse muro em ruína, o caboclo moço e vadio, com um cigarro apagado atrás da orelha, garganteava a sua saudade:

*Tu eras a minha vida,
Da tua vida eu vivia,
Eras a alma, eu o corpo,
A ti a vida eu daria...*

Passei pela igreja dos Capuchinhos. Entrei, vi o túmulo de Estácio de Sá, e vim depois contemplar, encostado ao cunhal do templo, o marco da fundação da cidade. Rodeei-o, apalpei-lhe a escultura da cruz de Cristo e do escudo das quinas, - e quedei-me ali, longo tempo, com os pés na umidade das largas lajes de pedra, ouvindo ainda, ao longe, a voz avinhada do caboclo:

*Tu eras a minha vida,
Da tua vida eu vivia...*

Ali via a célula geradora da cidade; dali nascera, dali partira o Rio de Janeiro, a minha “urbs” querida... Aquelas pedras, aquelas esculturas, aquelas inscrições têm mais de trezentos anos; o morro do Castelo é o relicário da nossa infância de povo...

Agora, tudo vai desaparecer: o morro está condenado. Não lhe hão de valer razões de respeito histórico ou religioso, nem razões de economia. A cidade moderna, a cosmópolis soberana precisa daquele largo espaço que ainda é tomado pela cidade colonial. Os ossos de Estácio de Sá descerão dali, para outro sarcófago mais limpo. O marco da cidade descera também; nada impede que, depois de arrasado o Castelo, o padrão glorioso venha ocupar na planície, no centro de uma linda praça, a mesma situação que ali em cima ocupa. Todos aqueles paredões esfarelados de fortalezas e igrejas, todos aqueles casebres de vigamentos podres, toda aquela mole formidável de pedra e barro, - tudo aquilo virá aterrar os nossos cais; e a tradição permanecerá inatingível e eterna; os materiais da metrópole antiga virão servir a glória da metrópole moderna. O morro está condenado. Já se sumiu, da sua encosta, destruído pela expansão da Avenida, o velho Seminário. Dia a dia, as picaretas vão furando as entranhas da colina sagrada. O Progresso já lavrou e assinou a sentença de morte daquele imenso mausoléu em que jaz o nosso passado...

A tarde caía.

Passei de novo pela Casa dos Jesuítas, e olhei o mar. Entrava à barra um grande transatlântico, bufando rolos de fumaça... Por aquele mesmo ponto, entraram, em 18 de janeiro de 1567, as naus em que Mem de Sá vinha socorrer Estácio e a Cidade; por ali entraram também na mesma época, as canoas de guerra do nosso bravo Araribóia. Agora, era um imenso navio a vapor que entrava...

Eu não podia, com os meus olhos, estabelecer um confronto entre esse transatlântico e as naus de Mem. Mas podia estabelecê-lo entre essa velha cidade que acabava de percorrer e a cidade moderna para a qual me vinha dirigindo, a passo lento, pela ladeira íngreme.

Era quase noite. De S. João Batista, do Carmo, da Penitência, de todos os cemitérios da cidade, voltava a multidão de visitantes. Eu também voltava de um cemitério.

Grossas nuvens rodavam no céu. Que tristeza em tudo!

C'était le jour des morts... Une froide bruine

Au bord du ciel rayé, comme une tranche fine

Pendait ses filets gris...

O.B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 5 nov. 1905. p. 2, 1. col.]

Crônica

O meu bom povo, o povo da minha linda e amada cidade está delirante.

Delírio, não digo bem: o delírio é barulhento, é espalhafatoso, é vibrante; e tereis notado que, na Avenida, ainda não houve um grito alto de triunfo e de júbilo, uma dessas aclamações frenéticas em que a alma popular se abre chispando e estrondando em girândolas...

Delirante, não: o meu bom povo está estatelado de júbilo e de espanto, - está presa de uma dessas comoções embatucadoras, que, às vezes, secam a garganta, fazem todo o sangue refluir para o coração, e concentram toda a vida nos olhos da gente. O seu silêncio não é frieza: é excesso de alvoroço moral.

Já vistes alguma vez uma criança pobre, dessas que raras vezes têm a sorte grande de uma verdadeira alegria, receber um brinquedo caro, um boneco ricamente vestido, um dixe de preciosa beleza? A criança, a princípio, tem medo de aceitar o presente inesperado; estende as mãos, retrai-as, - como quem receia uma cilada do Destino mau... Anima-se por fim, apanha o brinquedo com mil precauções, com as mãos trêmulas; apalpa-o de leve, de manso; toma-lhe o peso, e mede-o com os olhos ávidos; e fica a mirar o tesouro, tonta, aparvalhada, sem falar, sem rir, sem chorar...

O meu bom povo está como essa criança.

Que é que lhe haviam dado os governos até agora? impostos e paus; ruas tortas e sujas; casas imundas... e às vezes atravessadas por balázios; estados de sítio e bernardas; febre amarela e tédio...

Ele, o deserdado, não se queixava. Lá diz Perrault, no seu conto imortal, que a Gata Borralheira passava as noites olhando o borralho, sem esperança e sem revolta, como quem sabe que só veio ao mundo para trabalhar e sofrer... Assim o povo carioca, resignado, ia vivendo a sua vida triste, habituado ao vasto persigal que lhe davam por morada, sem outro ideal do que comer duas vezes e trabalhar dez horas por dia, com o só divertimento de politicar um bocadinho e a só comoção de arriscar todos os dias dez tostões na cobra ou no peru...

E eis que, de repente, alguém lhe tapa os olhos, e leva-o assim vendado a um certo lugar, e retira-lhe a venda, e mostra-lhe uma avenida esplêndida bordada de palácios, e cheia de ar e de luz, - diz-lhe: “Recebe isto, que é teu! folga e regala-te! teve um fim o teu aviltamento, e começa a ter o que todos os outros povos já têm: um pouco de decência na tua casa, e um pouco de ventura na tua vida!”

E o povo esfrega os olhos, belisca-se para verificar que está bem acordado, sacode-se, desmandibula-se de pasmo, começa a embebedar os olhos com aquelas maravilhas, e não acaba de perguntar a si mesmo se tudo aquilo é realmente seu, e se aquele paraíso não é uma cenografia de papelão e gaze, que o primeiro pé de vento vai esfarrapar e destruir. Assim ficou a Gata Borralheira quando entrou à cozinha a Fada Bondosa, e, com um golpe, de varinha mágica, lhe mudou os andrajos sórdidos em alfaías de seda e ouro.

O meu bom povo não está delirante, não, - que ainda não voltou a si da surpresa.

Porque aquilo foi uma surpresa, - uma como obra de encantamento e feitiço.

Enquanto a Avenida estava atulhada de pedras e andaimes, com os seus palácios cobertos de tapumes, e cheia do formigueiro dos operários, ninguém a atravessava de ponta a ponta, ou sequer de quarteirão a quarteirão. A gente, passando pelas vielas transversais, dava à direita e à esquerda um olhar distraído, e ia andando o seu caminho, murmurando: “e não é que a Avenida progride?” – ou não murmurando cousa alguma, e nem fixando a atenção no milagre que ali se operava.

Mas, no dia 15, foi como se um velário se abrisse, descobrindo um região de sonho. Os olhares, mergulhando na Avenida, pasmavam diante da sua prodigiosa amplitude. As ruazinhas, que outrora nos pareciam largas, estreitavam-se, afunilavam-se, espremiavam-se, entre os palácios das esquinas; e eu, por mim, querendo entrar à rua do Rosário, fiquei parado, hesitando, inquerindo de mim mesmo se o meu corpo poderia passar pela abertura angusta daquele cano...

Por todo aquele dia e por toda aquela noite, o povo, debaixo das cordas de água que caíam, resistindo heroicamente à flagelação da chuva grossa, patinando na umidade, ficou ali, indo e vindo, de boca aberta, olhando os prédios, sem acreditar no que via, - pobre desconfiado de tão grande esmola.

Já lá se vão cinco dias. E ainda não houve aclamações, ainda não houve delírio. O choque foi rude demais. A calma ainda não renasceu.

Mas o que há de mais interessante na vida desse mó de povo que se está comprimindo e revolteando na Avenida, entre a Prainha e o Boqueirão, é o tom das conversas, que o ouvido de um observador apanha aqui e ali, neste ou naquele grupo.

Não falo das conversas da gente culta, dos “doutores” que se julgam doutos.

Falo das conversas do povo, - do povo rude, que contempla e critica a arquitetura dos prédios: “Não gosto deste... Gosto mais daquele... Este é mais rico... Aquele tem mais arte... Este é pesado... Aquele é mais elegante...”

Ainda na sexta-feira, à noite, entremeti-me num grupo, e fiquei saboreando uma dessas discussões. Os conversadores, à luz rebrilhante do gás e da eletricidade, iam apontando os prédios: e – coisa consoladora – eu, que acompanhava com os ouvidos e com os olhos a discussão, nem uma só vez deixei de concordar com a opinião do grupo. Com um instintivo bom gosto subitamente nascido, como por um desses milagres a que os teólogos dão o nome de “mistérios da Graça revelada”, - aquela simples e rude gente, que nunca vira palácios, que nunca recebera a noção mais rudimentar da arte da arquitetura, estava ali discernindo entre o bom e o mau, e discernindo com clarividência e precisão, separando o trigo do joio, e distinguindo do vidro ordinário o diamante puro.

É que o nosso povo, - nascido e criado neste fecundo clima de calor e umidade, que tanto beneficia as plantas como os homens, - tem uma inteligência nativa, exuberante, pronta, que é feita de sobressaltos e relâmpagos, e que apanha e fixa na confusão as idéias, como a placa sensibilizada de uma máquina fotográfica apanha e fixa, ao clarão instantâneo de uma faísca de luz oxídrica, todos os objetos mergulhados na penumbra de uma sala...

E, pela Avenida em fora, acotovelando outros grupos, fui pensando na revolução moral e intelectual que se vai operar na população, em virtude da reforma material da cidade.

A melhor educação é a que entra pelos olhos. Bastou que, deste solo coberto de baiúcas e taperas, surgissem alguns palácios, para que imediatamente nas almas mais incultas brotasse de súbito a fina flor do bom gosto: olhos, que só haviam contemplado até então betesgas, compreenderam logo o que é arquitetura. Que não será, quando da velha cidade colonial, estupidamente conservada até agora como um pesadelo do passado, apenas restar a lembrança?

Fui até a Prainha e voltei. Eram 10 horas da noite. O povo redemoinhava sempre. A luz, ofuscante, palhetava de prata viva as fachadas novas, espancava com o seu clarão o céu carregado de nuvens, estendia-se em arrufadas e deslumbrantes toalhas sobre a multidão que borborinhava. E, ao passar pelas velhas esquinas, quando o meu olhar se metia pelos apertados e escuros buracos das ruas velhas, eu comparava com os olhos e com o coração que fomos ao que já somos e ao que haveremos de ser, - e com uma tristeza, e a um tempo suave e amarga, pensava: “Por que nasci eu tão cedo? ou por que não apareceu, há quarenta anos, gente capaz de fazer o que se fez agora?...” E, intimamente, invejava a sorte dos que estão agora nascendo, dos que vão viver numa cidade radiante, - quando eu, e os de minha geração, pela estupidez e pelo desleixo dos enfunados parlapatões que nos governaram,

tivemos de viver numa imensa pocilga de dous mil quilômetros quadrados, como um bando de bácoros fuçando a imundície...

E, quando cheguei ao Boqueirão do Passeio, voltei-me, e contemplei mais uma vez a Avenida, em toda a sua gloriosa e luminosa extensão. E só então reparei nos coretos, nas bandeiras, nas sanefas, nos arcos de folhagem com que enfeitaram o *boulevard* recém-nado.

Para que folhagens, para que sanefas, para que bandeiras, para que coretos? Tirem-me quanto antes, já, desta Avenida, que é a glória da minha cidade, esta ornamentação de festa da roça! O enfeite da Avenida é a própria Avenida, - é o que ela representa de trabalho dignificador e de iniciativa ousada, de combate dado à rotina e de benefício feito ao povo!

O.B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 nov. 1905. p. 2, 2. col.]

Crônica

Não há interesse mais vivo, não há intenção mais ansiosa, do que o interesse e a atenção, com que, depois de uma longa enfermidade gravíssima, as pessoas que amam o enfermo espiam na sua face, no seu olhar, nas suas maneiras, o lento progredir da convalescença. É a ressurreição...

No organismo, que a morte gulosa andou rondando, como uma fera ronda uma presa cobiçada, a vida reponta aos poucos, num brando anseio de maré que sobe; nos olhos, em que já tinham começado a crescer as névoas do aniquilamento, acorda vagamente a luz da saúde; o sangue começa a transparecer na face, ainda pálida, - como uma nuvem cor de rosa sob a água límpida de um rio; todo o corpo desperta do torpor prolongado; a voz principia a adquirir calor e animação; o sorriso reaparece à flor da boca; o apetite renasce...

Mas as pessoas amigas, que ansiosamente acompanham esse moroso ressurgimento do enfermo, ainda têm desconfiança e susto. Não venha uma recaída estragar todo esse esforço do organismo! não seja essa melhora uma cilada da Morte insidiosa, que, às vezes, gosta de brincar com a sua presa, antes de a tragar, como um gato cruelmente se diverte com o ratinho prisioneiro, fingindo soltá-lo, fingindo distraí-lo, dando-lhe segundos de enganadora esperança, antes de lhe arrancar o último anseio de vida com uma dentada misericordiosa! E esse receio é um sobressalto constante, uma contínua preocupação...

Não de outro modo, os cariocas (os verdadeiros, os legítimos, - porque há muitos cariocas que só se preocupam com a beleza e a saúde de... Paris), acompanham,

atentamente, interessadamente, carinhosamente, e assustadoramente, a convalescença do Rio de Janeiro, - pobre e bela cidade, que quase morreu de lazeira, e, por um milagre mil vezes bendito, foi arrancada às garras da morte.

Os médicos ainda se não despediram. A moléstia foi longa e séria, - e o tratamento também há de ser sério e longo. Mas a cura parece, agora, infalível. A cidade engorda, ganha cores, faz-se mais bela de dia em dia. E, a cada novo sinal de saúde, a cada novo progresso da beleza, a cada novo sintoma de renascimento que lhe notam – os seus amigos exultam, e sentem a alma alagada de um ventura infinita...

Agora, o que está particularmente interessando os cariocas é a rapidez maravilhosa com que se vai erguendo o majestoso pavilhão de S. Luís, no fim da Avenida.

A qualquer hora do dia ou da noite, quando por ali passa um bonde, há dentro dele um reboliço. Interrompe-se a leitura dos jornais, suspendem-se as conversas, e todos os olhares se fixam na formosa construção, que está pouco a pouco subindo, esplêndida e ativa, da casca dos andaimes, já revelando a suprema beleza em que daqui a pouco pompeiará.

As velhas casas de em torno ruem demolidas. Rasga-se ali, no coração da cidade, um imenso espaço livre, para que mais formoso avulte o palácio. No alto das cúpulas imponentes, agitam-se os operários como formigas, completando a *toilette* do monumento. E a cidade não pensa em outra cousa. Ficarão pronto ou não, em julho, o palácio? Ferve a discussão, chocam-se as opiniões, - fazem-se apostas, - porque o carioca é um homem que nada faz sem aposta e sem jogo.

Sim! o Pavilhão ficará pronto! será dignamente hospedada a Conferência Pan-Americana, e aqueles que, por birra ou vício, apostaram pela não conclusão do trabalho, hão de perder o seu dinheiro e ficar corridos de vergonha...

E, por felicidade, não é apenas materialmente que a cidade convalesce: é moralmente também. A população naturalmente vai perdendo certos hábitos e certos vícios, cuja abolição parecia difícil, senão impossível.

Verdade é que, para outros vícios, é ainda necessária a intervenção da autoridade, com o argumento sempre poderoso e decisivo da multa... Mas, voluntária ou obrigada, espontânea ou forçada, o essencial é que a reforma dos costumes se opere.

Ainda ontem, a Prefeitura publicou um edital, proibindo, sob pena de multa, “a exposição de roupas, e outros objetos de uso doméstico, nas portas, janelas e mais dependências das habitações que tenham face na via pública...”.

Era esse, e ainda é, um dos mais feios hábitos do Rio de Janeiro...

Já não falo das casas humildes, nos bairros modestos da cidade. Que há de fazer a gente pobre, que mora em casinhas sem quintal, senão fazer da rua lavadouro, e das janelas coradouro da sua minguada roupa? Não falo das míseras vestes que, nas estalagens dos subúrbios, aparecem aos olhos de quem passa, estendidas em cordas, ou desdobradas no chão, lembrando os farrapos de Jó, de que fala Raimundo Correia,

“... Voando, - desfraldadas

Bandeiras da miséria imensa e triunfante...”

Não! muita cousa deve ser permitida aos pobres, para quem a pobreza já é uma lei pesada demais...

O que se não compreende é que essa exibição de roupas de uso íntimo seja feita em palacetes nobres, de bairros elegantes. De manhã, ainda é comum ver, em casas ricas, essa exposição impudica e ridícula. Na janela desta casa, vê-se um alvo roupão de banho, sacudido ao vento matinal; e a casa parece estar dizendo, com orgulho: “vejam bem! aqui mora gente asseada, que se lava todos os dias!...” Mais adiante, vêem-se saias de fino bordado, ricas anáguas de seda; e a casa proclama, pela boca escancarada da janela: “reparem! aqui moram senhoras de bom gosto, que usam lençarias de luxo!...” Que cousa abominável! A casa de família deve ser um santuário: não se compreende que se transformem as janelas da sua fachada em vidraçarias de exposição permanente, para alardo gabola do que a vida doméstica tem de mais recatado e melindroso...

Não seria também possível, ó cidade bem amada! que, em muitas das tuas casas dos bairros centrais, pudéssemos deixar de ver tanta gente em mangas de camisa?

Já sei que o calor explica tudo... Mas, santo Deus! se é só para se ver livre do calor, e não por economia ou pobreza, que essa gente quer viver à frescata, por que não adotar o uso de um leve jaleco de brim, ou de uma leve blusa de linho? A frescura do traje não é incompatível com a compostura! e não há de ser o uso de um tênue paletó de fazenda rala, que há de assar em vida essa gente tão calorenta!

Mas, vamos devagar! Roma não se fez em um só dia. Os convalescentes querem ser tratados com tino e prudência. Depois de uma longa dieta, os primeiros dias têm de ser de uma alimentação moderada e sóbria. Não vá a cidade morrer de pletora, quando escapou de morrer de anemia. Já que evitamos a inanição, não provoquemos a indigestão.

Tudo virá com o tempo, e a tempo.

O progresso já é grande, e será cada vez maior. Que é que não é lícito esperar a quem já viu o que era o Rio há cinco anos e vê o que ele é hoje?!

O.B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 maio 1906. p. 5, 2. col.]

Crônica

Enfim, vai o Rio de Janeiro conhecer-se a si mesmo... uma cidade sem recenseamento é uma cidade que a si mesma se ignora, porque não tem a consciência da sua força, do seu valor, da sua importância.

É mais que um serviço – e não é dos menores – que o Rio vai dever ao seu Prefeito, a esse homem providencial, de quem já se pode impunemente dizer o maior bem, sem o risco de passar por adulator, pois já que não há, em toda a cidade, quem o não admire e o não louve.

Infelizmente, já se descobriu o meio de opor embaraços à realização da bela idéia. No mesmo dia em que o Prefeito decretava a organização do recenseamento da população, era publicado um ofício do ministro da guerra, solicitando a organização do alistamento militar... E o povo, cotejando essas duas medidas, juntando-as, pesando-as na mesma balança, começou logo a atribuir-lhes uma aliança oculta, um conúbio escondido, uma identidade de intuítos e de fins. A gente culta (que infelizmente não é legião) sabe que esses dois serviços nada têm de comum, e que o propósito da Prefeitura é, única e exclusivamente, o de saber quantos habitantes tem a capital da República, - coisa que, por vergonha de todos nós, ainda não se havia tentado averiguar. Mas, para a gente ignorante e desconfiada (a desconfiança e a ignorância são irmãs gêmeas) o recenseamento é o pretexto para o alistamento militar, - e já o medo da farda e do serviço de caserna começa a sugerir às almas inquietas a idéia de se recusar a encher as listas censitárias.

Esse terror é natural. Antigamente, o recenseamento apenas era feito para auxiliar dois serviços profundamente antipáticos aos povos de todos os tempos: o do recrutamento militar e da cobrança de impostos. O imposto e a farda, - dois espectros, dois espantalhos! Já na velha Roma, no remotíssimo tempo de Servius Tullius, quando os *curatores tribuum* saíam, com as suas tabuinhas enceradas e os seus estiletes de marfim, a percorrer a *urbs*, e a recensear os habitantes, separando-os em *assidui* e *proletarii*, - um medo pânico se alastrava pelas vielas e pelas alfurjas da cidade, e um terço da população, sabendo que aquilo significava guerra ou imposto, cobrança de sangue ou cobrança de dinheiro, transpunha as portas, e ia refugiar-se no campo.

Hoje, o recenseamento tem um fim mais amplo, mais nobre, mais belo, - um fim social. É uma parte essencial da Estatística, que, sendo “o estudo numérico dos fatos sociais”, é uma das ciências tributárias e auxiliares da Sociologia. Como explicam os mestres da Economia Política, a vida social é um movimento perpétuo, uma transformação contínua, e uma constante renovação de fenômenos, que, por mais diversos que pareçam, sempre se podem classificar em um número relativamente limitado de categorias. Não há um só fato *individual* que deixe de ser interessante, porque os fatos *individuais*, reunidos, formam os fatos *sociais*; e não há meio de governar sem o conhecimento desses fatos. É a Estatística que torna possível o governo. Ela é, por assim dizer, a “escrituração social”: se uma casa de comércio não pode viver e prosperar sem o registro minucioso das suas compras e vendas, e sem os balanços periódicos que demonstram o bom ou mau estado dos seus negócios, - também a sociedade humana não pode dispensar os seus guarda-livros, que são os encarregados da Estatística...

Essa “escrituração social” tem sido até hoje criminosamente relaxada no Brasil. Os “guarda-livros” do país, ou são incompetentes, ou são indiferentes. Aqui a Estatística é um mito. Para não ir muito longe, e apenas citar um fato simples e de fácil verificação, basta lembrar que, no Rio de Janeiro, a Biblioteca Nacional e o Museu Nacional não têm catálogos! É incrível, mas é verdade... Se nem temos sido capazes de organizar e publicar o catálogo de um museu ou de uma biblioteca, não é de espantar que não tenhamos organizado e publicado até hoje o catálogo geral da nossa população, das nossas riquezas, do nosso trabalho, da nossa vida...

Há pouco tempo, a Legação Japonesa no Brasil distribuiu, pelas repartições públicas e pelas redações dos jornais, o *Anuário Financeiro e Econômico do Japão*, relativo a 1905. Lendo esse livro, que é um monumento assombroso e maravilhoso de Estatística, é que se pode compreender o estupendo progresso daquela nação.

O que nós costumamos chamar “milagres” não é mais do que resultado simples e natural da combinação destas duas forças: o trabalho e o método... Nesse anuário, tudo quanto constitui a vida do país está incluído, estudado, discriminado, catalogado, classificado: orçamentos, dívida pública, empréstimos, agricultura, indústria, viação, comércio. Há ali cousas, que espantam; há, por exemplo, um quadro demonstrativo da produção do fumo, que é um assombro de exatidão e de minúcia: o fumo colhido foi contado de folha em folha... É com esse trabalho e com esse método que as casas de comércio prosperam, que as casas de família têm fartura e conforto, e que as nações enriquecem e se fazem fortes e respeitadas!

Agora reparo que a *Crônica* está perdendo o tom que lhe compete, e enveredando por um estilo que não é o seu.

Estas cousas são tão corriqueiras, que até as crianças das escolas primárias as conhecem...

E parece, realmente, que é pedantaria ridícula, e ridícula ostentação de ciência barata, o estar aqui o cronista a demonstrar as vantagens e a utilidade da Estatística em geral, e do recenseamento em particular...

Mas estas idéias, tão simples, tão claras, tão vulgares, não podem, desgraçadamente, ser eficazmente incutidas no ânimo de toda a nossa população. Por que? porque uma grande parte da nossa população não sabe ler...

Basta lembrar a última “bernarda” que tivemos no Rio: a de novembro de 1904... Que foi o que causou esses sanguinolentos motins? Foi a intriga perversa de alguns especuladores políticos que excitaram o povo contra alei da vacinação: e muita gente acreditava *que os médicos iam injetar no seu corpo sangue de rato atacado de peste bubônica!* Essa balela, que apenas parecia cômica, teve efeitos trágicos. Que utilidade poderiam ter, para destruí-la, os boletins profusamente espalhados pelas autoridades sanitárias, e as explicações dadas pela imprensa? Nenhuma. O papel benéfico da imprensa não pôde deixar de ser quase nulo, numa cidade que conta quase um milhão de habitantes, mas na qual todos os jornais diários reunidos não chegam a vender cem mil exemplares por dia...

Assim, não há meio de contrariar eficazmente o equívoco, que a publicação simultânea das duas medidas veio criar. Se o ministério da guerra houvesse adiado a publicação do seu propósito, - o povo, que confia no Prefeito, porque dele só tem recebido benefícios e cuidados, veria no recenseamento mais uma prova da sua paternal administração, e auxiliá-lo-ia. Mas parece que há, neste país, uma doença orgânica, que leva muita gente, irresistivelmente, a perturbar e estragar, com consciente ou inconsciente maldade, tudo quanto se pretende fazer de bom.

Vão agora tirar da cabeça de certa gente que a entrega das listas censitárias há de expô-la ao recrutamento militar!

O que é verdade é que, para, abusivamente, e contrariando expressamente a letra da lei, pôr em prática o recrutamento forçado, as autoridades militares não carecem do recenseamento. Ainda há pouco, para organizar a parada espetaculosa de uma guarda-nacional que não existe, alguns coronéis de mentira andaram complicando a vida doméstica dos cidadãos, privando-os violentamente dos serviços dos seus cozinheiros e dos seus copeiros...

O povo, porém, não compreende isso. Se lhe não demonstrarem cabalmente que o recenseamento civil, organizado pela Prefeitura, nada tem de comum com o alistamento militar, organizado pelo ministério da guerra, ele, apavorado pelo fantasma da Farda, há de mais uma vez furtar-se ao cumprimento de um dever social, que tão facilmente e com tão grande utilidade para todos pode ser cumprido. Como, porém, fazer essa demonstração àqueles, que, por culpa e desídia do Estado, continuam aviltados pelo analfabetismo, moralmente cegos, tristemente mantidos da ignorância, privados da compreensão dos seus direitos e dos seus deveres?

É aqui que tudo vem ter: o problema da instrução é como, nas máquinas, o eixo central, em torno do qual os movimentos de todas as peças se combinam e conjugam. Por isso, é que não deixo de tocar este realejo, cuja música pode parecer enfadonha, mas é indispensável: e

*si cette histoire vous embête,
nous allons la recommencer!*

O.B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17 jun. 1906. p. 5, 3. col.]

Crônica

É um sonho! é um delírio! as festas sucedem-se, e nem se pode tomar fôlego, entre uma inauguração e um baile, entre um banquete e um espetáculo... Quem mais se diverte, porém, nestes dias de iluminações, de paradas militares, de bandeiras e música, é o povo que enche as ruas, e goza das festas o que elas têm de melhor, que é o seu aspecto exterior. Como em todos os espetáculos, também neste os atores penam e os espectadores folgam.

O nosso povo diverte-se à larga, e sente-se bem que há na sua alegria pouco de orgulho, de satisfação moral, de amor próprio lisonjeado. Não é um povo que se contente com *panem et circensis*...

Esse pedaço de verso de Juvenal é quase sempre mal aplicado. O povo romano, quando se contentava com *panem et circensis*, já era um povo desmoralizado, em plena decadência, - um velho fruto quase podre, quase a cair por si mesmo do galho. Na tragédia *Tibério* de Chénier, o César devasso explica de modo admirável ao áulico Sejano a inconsciência a que chegou o seu povo:

SEJANO

Que terei eu de ti, que te sirvo?

TIBÉRIO

Dinheiro

SEJANO

E os outros?

TIBÉRIO

Mais dinheiro!

SEJANO

E o povo?

TIBÉRIO

Que exige o povo, - se tem pão e circo?

O nosso povo, graças a todos os deuses, não se contenta com tão pouco: quer mais alguma cousa, - quer um bocado de glória. E é o que lhe não falta neste momento, em que o Rio de Janeiro hospeda a América, e sente concentrada em si a atenção de todos os povos civilizados.

Antigamente, quando recebíamos visitas, tratávamos de encobrir com folhagens de mangueiras os buracos das ruas, e de disfarçar com bandeiras e colchas de damasco a fealdade das casas: e, quando a *maquillage* da velha cidade ficava pronta, reconhecíamos, corridos de vergonha, que ela ficava ainda assim mais feia, sob a mentira do apressado enfeite. Agora já não precisamos de bandeiras nem de colchas e até nem compreendo a idéia dessas cestas de flores artificiais, com que se ornam lampiões da Avenida: a Avenida é como uma mulher moça e formosa, que não carece

*“... de peindre et d’orner son visage,
pour réparer des ans l’irreparable outrage...”*

Ornamentações, para quê? A única ornamentação valiosa da cidade é a sua própria e natural beleza de agora, - e é ainda a vida, a alegria, a animação, o orgulho satisfeito do povo.

Nós, que aqui vivemos e assistimos ao lento e gradual trabalho da transformação da cidade, não podemos sentir bem o que é essa transformação. Mas a sedução das cerimônias da Conferência Internacional chamou da roça uma porção de gente que só conhecia o Rio antigo, - e essa gente está deslumbrada.

“Grande cousa é o Progresso!” dizia-me há poucos dias, com uma convicção de conselheiro Acácio, um desses visitantes, um excelente velho, chegado há uma semana de apertada e obscura cidade do interior, para assistir às festas pan-americanas. Esse bom

homem, que viveu dez anos fora do Rio, andava e anda pelas ruas novas, espantado, em êxtase, envolvido numa teia de assombros, pasmado diante de tudo, e não chegando a acreditar no que vê. E, no maravilhado enleio, sem frases com que possa exprimir o que sente, sabe apenas repetir, de cinco em cinco minutos, a quantos conhecidos encontra: “Grande cousa é o Progresso! grande cousa é o Progresso!”

A mim, dizia-me ele, pela centésima vez, essa cousa profunda, dentro de um automóvel que nos levava a Copacabana. E até eu, com a minha presunção literária, não poderia, naquele momento, achar uma outra frase, que exprimisse bem a velocidade e a comodidade daquele veículo, que nos levava num impulso vitorioso, maciamente rodando sobre o asfalto...

Realmente, o automóvel parece o cúmulo do progresso a quem conheceu as velhas “gôndolas” cariocas, e ainda conhece os bondes da Carris Urbanos e da S. Cristóvão. E ainda há por aí quem tenha conhecido o Rio sem “gôndolas”, - num tempo em que a “cadeirinha” carregada por escravos era o único veículo de que dispunham as pessoas ricas ou simplesmente remediadas. É desse tempo o bom velho que foi comigo a Copacabana. “Muita vez (disse-me ele) tive de empreender longa viagem a pé, ou sobre as costas de um burro para vir do centro da cidade até o lugar em que está hoje hospedado o Sr. Root, - até este elegante Botafogo que hoje fica a tão curta distância da rua do Ouvidor! Grande cousa é o Progresso...

O Progresso, porém, é como o apetite, que *vient en mangeant*. Já não nos contentamos com os automóveis, que por mais depressa que andem, precisam fazer várias voltas, dobrar esquinas, ladear jardins, - e evitar os peões... quando não preferem passar por cima deles, reduzindo-os a papas. Já não nos contentamos com os automóveis, - e queremos balões que nos transportem pelos ares, num vôo vertiginoso, devorando milhas celestes.

Ainda ontem, a *Gazeta* publicava uma interessante e singularíssima carta, em que um Sr. Vasconcelos anunciava o propósito, em que está, de vir de Vassouras até aqui, varando o céu numa aeronave de sua invenção, em seis horas, passando por Mendes, Rodeio, Macacos, Queimados e Cascadura. Escreveu ele que, “partindo às oito horas da manhã, parando em todos esses sítios para telegrafar, e parando em Rodeio para almoçar, pretende estar no largo de S. Francisco de Paula às duas horas da tarde, para depois ir navegar sobre a formosa Guanabara, e cumprimentar o Sr. presidente da República.”

Como se vê, o aeronauta ainda não quer dar á sua aeronave toda a velocidade que lhe pode dar: se dispensasse os telegramas e o almoço, poderia sair de Vassouras e chegar à casa do Sr. presidente da República em tempo muito mais breve do que aquele que o Diabo

habitualmente gasta em esfregar um olho. Mas é bom não esquecer que se trata de uma primeira viagem, - um simples ensaio da águia, apenas emplumada, que experimenta a força das asas. Com algum *entrainement*, esse voador operará prodígios maiores: passará, por exemplo, um telegrama de Vassouras ao Sr. presidente da República, previnindo-o da partida, e virá desabar ao lado de S. Ex. antes do telegrama...

Jesus! Isso será talvez progresso demais! não vamos nós progredir tanto, em matéria de viação, que venhamos a ter saudade do tempo das “cadeirinhas” e das “gôndolas”. Antigamente com as “gôndolas” e as “cadeirinhas” o viajante andava devagar, mas sempre tinha a certeza de chegar ao seu destino; e é o que, felizmente, ainda acontece, algumas vezes, a quem viaja em automóvel. Mas, se formos progressivamente aumentando a velocidade dos veículos, chegaremos talvez a resultados inesperados e fantásticos; a dificuldade já não consistirá no partir, nem no correr, mas no parar: assim, pode ser que, algum dia, o Sr. Vasconcelos, querendo parar no Rio de Janeiro, somente possa parar na Conchinchina, ou em qualquer outro ponto ainda mais afastado; e é ainda possível que os adoradores da velocidade cheguem ao absurdo e monstruoso resultado de chegar ao ponto de destino, antes de haver saído do ponto de partida! será uma perturbação de todas as leis materiais, imateriais, naturais, sobrenaturais, humanas e divinas, - e não sei o que será de nós, com essa pavorosa inversão das regras físicas e morais!

Não! o Progresso é uma grande cousa, - mas é preciso que não se transforme em loucura.

O Progresso que hoje temos é admirável e consolador. Nada de precipitações!

O.B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 jul. 1906. p. 5, 3. col.]

Crônica

Cada um de nós conhece e lembra as várias crises da sua existência material e moral, - esses estágios da vida, assinalados por moléstias e convalescenças, beijos da fortuna e pontapés da adversidade, curtos minutos de glória ou amor e longas horas de desgosto ou de ansiedade: e todos somos capazes de traçar e limitar, no mapa dos nossos dias, com precisão e verdade, as crises sucessivas que nos vão brandamente levando à crise última, que é uma síncope sem ressurreição.

As cidades, que como nós são organismos vivos em constante evolução, também têm as suas crises; mas, dessas anamorfozes, tão freqüentes como as nossas, cada um

de nós só pode lembrar uma ou duas, tão espaçadas parecem elas, perdidas na imensidade do tempo de duração das metrópoles, devoradora da vida de inúmeras gerações de homens.

Vamos morrendo e as cidades vão vivendo; uma doença que, em cada um de nós pode durar um ano, pode nelas durar um século; e felizes de todos nós, daqueles que vivem bastante para poder apreciar, em conjunto, uma dessas peripécias críticas na existência de uma vasta aglomeração humana...

Estamos gozando essa felicidade, no Rio de Janeiro, - os que atravessamos vivos estes últimos dez anos. Dez anos de “muda” em tudo: no aspecto e na essência, na forma e no fundo, na superfície e no âmago.

O último aspecto do atual metabolismo urbano (será o último?) é a transformação e a deslocação do celeiro imenso que há tantos anos estabelecia e alimentava o Rio de Janeiro.

Os jornais, noticiando os preparativos para a mudança do Mercado, descreveram a lufa-lufa, a febricitante agitação, o movimento delirante, que, durante as madrugadas de anteontem e ontem, houve naquela velha zona da cidade.

Imagine! Se o trabalho de todos os dias ainda me permitisse tais lazeres, eu também teria ido apreciar, ao lusco-fusco da manhã, aquela revolução. Seria doce e delicioso, à minha alma de carioca, o espetáculo da mudança, que na frase feliz da *Gazeta*, assinala “um momento histórico para a cidade”: e eu teria o raro prazer de assistir, em poucas horas, ao trabalho completo da metamorfose de uma feia lagarta numa linda borboleta.

O *Jornal do Comércio*, que nunca foi muito amigo da retórica, diz que houve no Mercado velho “um verdadeiro dia de Juízo”.

A imagem é feliz.

Dizem os Santos Padres, que, no dia do Juízo Final, “haverá choro e ranger de dentes”.

Mas, no Mercado velho, imagino que houve atos, gestos e barulhos incomparavelmente mais variados e misturados: cacarejavam as galinhas, cocoreavam os galos, grunhiam os porcos, grugrulejavam os perus, guinchavam os macacos, grasnavam os patos, latiam os cães, miavam os gatos, palravam os papagaios, maritacavam os periquitos, chiavam os canários: e só não protestavam contra o incômodo da mudança os peixes, por dois motivos: primeiro, porque estavam mortos; e segundo porque, mortos ou vivos, estando fora do seu elemento natural, tanto lhes fazia estar no Mercado da Praça das Marinhas como no Mercado da praia de D. Manuel...

E imagino ainda que a todos estes clamores dos bichos se devem ter juntado os clamores dos homens: praguejar de carroceiros, vociferar de carregadores, ordens de guardas municipais, intimações de guardas civis, - e, principalmente, abafadas e melancólicas lamentações de alguns mercadores fiéis à Tradição...

É ainda o *Jornal do Comércio* quem narra, em estilo adequado, a tristeza desses tradicionalistas: “O velho casarão do antigo mercado, em que tanta gente viu passar uma boa parte de sua mocidade, em que tanta gente fez fortuna à custa de muita persistência, esforço e trabalho, lá está abandonado, com as suas portas cerradas. Comerciantes houve, cuja saudade não se conformou com a mudança e preferiram, uns liquidar os seus estabelecimentos, outros mudar-se para pontos centrais da cidade...”

Compreendo bem essa mágoa.

Não sou dos homens mais aferrados ao Passado e à religião dos hábitos, mas acho profundamente humano esse culto. Que é, afinal, o próprio sentimento de Pátria senão um resultado do costume e da tradição? Amamos profundamente a terra em que nascemos, a casa em que crescemos, as árvores que abrigaram com a sua sombra os nossos folguedos, os nossos sonhos e os nossos amores; amamos até os lugares em que sofremos... E, como em certa idade, a principal preocupação humana é o dinheiro, - com muito maior razão se explica que amemos a terra, o bairro, a rua, a loja em que prosperamos e enriquecemos...

É natural a mágoa dos mercadores tradicionalistas. E não me causará espanto que, qualquer noite destas, os rondantes da Candelária, ouvindo choro no Mercado abandonado, vão encontrar lá dentro um desses tendeiros inconsoláveis, na solidão da tapera imensa, carpindo o seu desespero, sob as lages desertas, como Mário sobre as ruínas de Cartago...

Ai! não é só aos varejistas amigos da tradição que o velho mercado deixa saudades!

Neste mesmo momento estou relembando casos e cenas da minha turbulenta mocidade, - casos e cenas da antiga vida boêmia, que se passavam ali.

Já lá se vão vinte anos... Nesse tempo, Zola era o autor da moda. Todos nós, rapazolas que começávamos a escrever, poetas incipientes, que já nos julgávamos gênios, e prosadores bisonhos, que já nos considerávamos glórias nacionais, - todos nós tínhamos a mania do “naturalismo”, do “documento humano”, da “tranche de vie”. E, alta noite, enquanto os “burgueses ignóbeis” dormiam, - saíamos a correr estalagens, baiúcas, alforjas.

Às vezes, chegávamos ao extremo do disfarce espetaculoso: saíamos de casa, sem gravata, vestindo blusas de zuarte desbotado, e fumando cachimbos que nos davam náuseas.

Quase todas essas excursões, que eram verdadeiramente de pândega, mas que nós solenemente afirmávamos serem de severa documentação psicológica, iam acabar no Mercado, à hora em que os botes e as catraias chegavam, trazendo os peixes, as frutas, os legumes...

Apanhávamos ali, muita vez, furiosas indigestões de documentos humanos e de ostras cruas! Mas a ilusão era magnífica: estávamos realizando e estudando praticamente as cenas do *Ventre de Paris*...

E ainda hoje (há quantos anos não vou ao Mercado!) tenho bem presente o espetáculo daquele pitoresco e rude labor dos pequenos lavradores, dos pescadores, dos leiloeiros de peixes, dos “atravessadores”, dos lojistas, gritando, disputando, brigando: às vezes, na meia luz da manhã que rompia, havia lutas ferozes, corpo a corpo, na rampa escorregadia, e brilhavam lâminas de navalha...

Não é propriamente desse espetáculo, nem das indigestões de ostras e documentos humanos, nem do cheiro repugnante dos legumes pisados e dos peixes espotejados, nem dos guinchos dos macacos e do cacarejar das galinhas, - que tenho saudade neste momento. Tenho saudade da minha inquieta adolescência, - e daquela saúde e daquela despreocupação que me permitiam o uso e o abuso das noitadas e das madrugadas de “documentação”...

Os tradicionalistas irredutíveis, que preferiram a suspensão do negócio e do lucro à mudança, foram naturalmente poucos. Nem a humanidade progrediria, nem a vida humana poderia ser continuada através dos séculos dos séculos, - se essa casta de gente formasse a grande maioria da bicharada raciocinante que formiga na face do planeta.

Tudo se renova, tudo progride, e nada morre. Morremos nós, que nada somos. Mas as cidades ficam e perduram, devoradoras de gerações.

E felizes daqueles de nós que conseguem viver bastante, para poder apreciar, em seu conjunto, uma das crises dessas grandes aglomerações humanas...

O.B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 16 fev. 1908. p. 5, 3. col.]

Crônica

Entraram pela semana, enchendo-a de alegria, os ecos da grande festa do jubileu da Estrada de Ferro da Central.

Não é de causar espanto o progresso dessa via-férrea em cinquenta anos. Mas quem não tem uma grande felicidade contenta-se com uma historiazinha de algumas palavras de extensão. A Central foi o único progresso real e a única verdadeira conquista que o Império nos deixou. Mais infelizes seríamos hoje e mais inútil teria sido o Império, sem isso nos tivesse ele legado.

Por mim, confesso que, além de amar a Central por motivos de patriotismo, ainda a amo por motivos de gratidão pessoal.

Foi ela quem me revelou o prazer inteligente e incomparável das viagens.

Filho desta amada cidade, e nascido em uma época de vida nacional modesta e obscura, só saí do Rio depois da adolescência, já rapaz. Toda a minha meninice se passou aqui, no coração urbano, no centro dos bairros comerciais apertados e escuros, saindo de casa para o colégio e do colégio para casa. Até os dezoito anos, nunca vi mares largos, nem vastos campos, nem grandes matas, nem rios amplos. A natureza selvagem era para mim o Passeio Público... E a minha imaginação, alimentada pela leitura de Julio Verne (que grande criador de miragens e de desejos foi esse homem!), sonhava excursões arriscadas por continentes misteriosos e oceanos desertos; e o que a vida real me dava, em matéria de viagens, era a peregrinação melancólica pelas ruas esburacadas e sujas...

A minha primeira viagem foi para S. Paulo, em 1886. Depois disso, tenho viajado muito. Mas nunca esqueci e nunca esquecerei aquela sensação de supremo gozo com que, ao galope do trem, contemplei os campos que se pareciam tão pouco com o largo do Capim, e as águas do Paraíba tão diferentes das do lago do Passeio Público, e a serra do Mar que pesava sobre a minha vista só habituada a mirar o morro do [****].

Que assombro! que revelações! que maravilhamento de olhos e de alma! Indo a S. Paulo, eu tinha a ilusão de ir ao fim do mundo, e de desbancar todos os viajantes de Julio Verne!

Por isso, abenço e amo a Central. E, comovido, assisti às festas do seu jubileu, sem querer pensar no pequeno progresso que ela tem tido, no meio do espantoso progresso de tudo no Brasil.

O nosso progresso geral e o meu amor das viagens ofereceram-me uma ponte, para passar deste assunto do jubileu da Central, já muito explorado, a outro assunto mais novo.

Muita gente compra os jornais, e finge que os lê. Pouca gente os lê realmente: a vida é curta, o trabalho é muito, o tempo é escasso: e quase todos, depois de alguns minutos consagrados à leitura dos telegramas e dos artigos sobre os “casos políticos”, atiramos a folha para o lado, e vamos tratar da vida.

Entretanto, é nas seções menos lidas dos jornais que se encontram as notícias mais interessantes e instrutivas. Há anúncios pequeninos, que valem mais do que os mais longos artigos.

Ainda hoje pensei nisso, lendo em uma folha a seção dos “avisos marítimos”. É aí, e não na seção dos telegramas ou nos noticiários, que se pode achar a demonstração evidente do muito que tem melhorado a nossa reputação no estrangeiro.

A leitura dos “avisos marítimos” deve orgulhar-nos muito mais do que a da transcrição dos artigos que o Sr. Paula Ramos publica na Europa, e muito mais ainda do que a das notícias telegráficas das conferências do Sr. Turot e dos jantares franco-brasileiros do “Cruzeiro”.

Ainda há pouco tempo, havia apenas, nessa seção da imprensa diária, o anúncio de cinco ou seis companhias de navegação. Hoje, as companhias são vinte ou mais de vinte, comunicando em grossos cartazes a chegada e a partida, quase todos os dias, de magníficos paquetes cujos nomes ainda na véspera nos eram desconhecidos. O Rio de Janeiro já não é um vago porto de mar, perdido na imensidade das águas, e apenas conhecido por uma ou duas dúzias de comandantes de transatlânticos. Cada dia nos traz uma nova surpresa. Novas companhias inglesas, francesas, italianas, espanholas, alemãs incluem o Rio de Janeiro no mapa de suas escalas. E os cariocas, que, quando antigamente queriam ir à Europa, tinham apenas o trabalho de escolher entre um navio da “Royal Mall”, são hoje obrigados a uma hesitação prolongada, não sabendo como optar por qualquer dos imensos e admiráveis paquetes que estão à sua disposição.

A última novidade, neste sentido, é a fixação do porto do Rio como escala forçada de viagens à volta do mundo. Os anúncios, impressos em grossas letras, são tentadores: “À volta ao mundo! De rio de Janeiro á Europa, da Europa ao Japão, do Japão ao Rio de Janeiro! conhecer todo o planeta por duzentas e vinte libras!”

Ah! se eu lesse isto, aos meus dezoito anos, quando era Julio Verne o meu autor favorito! Que noites de insônia, entre os compêndios de Anatomia de Beaunis e o

compêndio de botânica de Caminhoá, me havia de causar a mágoa de não possuir duzentas e vintes libras!

Hoje, também não posso dispor de duzentas e vinte libras, nem de tempo, para rodear o planeta. Mas também já não sinto por isso grande desgosto. O que sinto é orgulho e prazer, vendo que do ponto dos mapas, em que figura o Rio de Janeiro, foi riscada a cruz negra e amedrontadora que assinalava a nossa capital como reduto da peste...

À hora em que escrevo estas linhas, tolda-se o céu, ameaçando uma carga de água. o tempo, indeciso, ora é carrancudo, ora risonho. Choverá? Se chover, que tristeza!

É hoje a festa da meia-quaresma. Rigorosamente, a metade da quaresma, vigésimo dia depois da terça-feira gorda, já passou.

Mas que importa uma diferença de um ou dous dias? O essencial, para quem se quer divertir, é que haja a festa: e a festa aí está, já preparada para animar e deslumbrar a cidade, esta noite, desde o início da Avenida Central até o fim da Avenida Beira-Mar.

Os gramáticos, entretanto, não irão à festa. Estão discutindo a palavra “miscareme”, e protestando contra a adoção do neologismo “meia-quaresma” que lhes parece um monstruoso e cocoricante galicismo.

Estes gramáticos! já conheci um, tão inimigo de galicismos, que jurou interromper a leitura de todo e qualquer livro em que encontrasse um só vocábulo inquinado de vírus gaulês: foi suprimindo gradativamente os escritores modernos, os do século atrasado, os do século 18, os seiscentistas, os quinhentistas, e os do período ante-clássico, - porque até no “Leal Conselheiro”, no “Cancioneiro da Vaticana”, na “Crônica dos Vicentes”, e no “Nobiliário do Conde Dom Pedro”, encontrou palavras suspeitas. E nunca mais leu um livro português: por ódio aos galicismos passou a ler exclusivamente livros franceses!

Mas, pelas almas de Dionísio de Trácia e de Apolônio Discolo! porque razão não há de um homem sem ser galiciparia, traduzi: “micareme” por “meia-quaresma”. Se “meia-quaresma” é galicismo também são galicismos “meio-dia” e “meia-noite”, que em francês se dizem “midi” e “minuit”!

Já houve quem lembrasse a adoção da expressão portuguesa “serração da velha”... Mas se a idéia é outra! se a festa é outra!

Enfim... o essencial é que tenhamos a festa. Fiquem os gramáticos a discutir, porque para isso nasceram, disso vivem, e disso morrerão. E divirta-se o povo!

Parece que a sociedade carnavalesca a quem o Rio deverá este ano um carnaval suplementar vai hoje, sábado, incluir no seu préstito um carro alegórico a essa famosa velha

serrada, que não sei quem foi, nem porque foi serrada, - porque nem o interessante livro de João Ribeiro agora publicado: “Frases Feitas”, encontrei qualquer informação a respeito.

Não sei o que será esse carro alegórico da “serração da velha”. Mas já que a velha tradicional vai figurar na primeira festa carioca de meia-quaresma, eu, se me pedissem qualquer idéia para a construção da alegoria, teria proposto esta: - a Bahia, serrada ao meio por uma serra de dous cabos, sendo um empunhado pelo Sr. José Marcelino, e outro pelo Sr. Severino Vieira. Seria um carro da mais franca atualidade; e não lhe ficaria mal este letreiro; no meio do espantoso progresso de tudo no Brasil.

O.B.

[BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 5 abr. 1908. p. 5, 1. col.]